HISTÓRIA ORAL DO EXÉRCITO NA

SEGUNDA GUERRA MUNDIAL

BRASIL

TOMO 4

BIBLIOTECA DO EXÉRCITO EDITORA

História Oral do Exército na Segunda Guerra Mundial

Coordenador Geral
Aricildes de Moraes Motta

História Oral do Exército na Segunda Guerra Mundial

TOMO 4
Rio de Janeiro e Minas Gerais

Biblioteca do Exército Editora
Rio de Janeiro
2001

BIBLIOTECA DO EXÉRCITO EDITORA Publicação 722

História Oral do Exército na Segunda Guerra Mundial Tomo 4

Coordenador Regional – RJ e MG
Geraldo Luiz Nery da Silva

Assessor
Aurelio Cordeiro da Fonseca

Capa:
Murillo Machado

Revisão:
Andreza Tarragô
Ellis Pinheiro
Léa Maria da Costa Serpa
Ricardo Braule Pinto Bezerra Pereira

H673 História oral do Exército na segunda guerra mundial / Coordenação geral de Aricildes de Moraes Motta. – Rio de Janeiro : Biblioteca do Exército Editora, 2001.
T. 4. (Biblioteca do Exército; 722)

Conteúdo: Rio de Janeiro e Minas Gerais / Coordenador Regional : Geraldo Luiz Nery da Silva.
ISBN 85-7011-301-3

1. Guerra mundial, 1939-1945 – Brasil. 2. Militares – Entrevistas. I. Motta, Aricildes de Moraes, coord. geral. II. Silva, Geraldo Luiz Nery da, coord. reg. III. Título: Rio de Janeiro e Minas Gerais. IV. Série.
CDD 940.540981

Os textos contidos neste Tomo referem-se a 17 entrevistas realizadas no período de 25 de maio a 3 de agosto de 2000, na Coordenadoria do Rio de Janeiro e Minas Gerais.

As entrevistas são apresentadas textualizadas, o que, em história oral, significa transcrevê-las sem as perguntas e com a fusão das respostas.

Impresso no Brasil Printed in Brazil

Sumário

Apresentação 7
Considerações Metodológicas 11

ENTREVISTAS

General-de-Exército Alacyr Frederico Werner 21
General-de-Exército Heitor Furtado Arnizaut de Mattos 47
General-de-Exército Sebastião José Ramos de Castro 55
General-de-Divisão Helio Portocarrero de Castro 67
General-de-Brigada Gabriel D'Annunzio Agostini 85
General-de-Brigada Confúcio Danton de Paula Avelino 101
Coronel Joaquim Victorino Portella Ferreira Alves 121
Coronel Elber de Mello Henriques 141
Coronel Waldemar Dantas Borges 167
Coronel Sylvio Christo Miscow 207
Coronel Mário Dias 225
Coronel Iônio Portella Ferreira Alves 239
Jornalista Thássilo Augusto de Campos Mirtke 249
Coronel Salli Szajnferber 267
Coronel Iporan Nunes de Oliveira 289
Coronel Helio Amorim Gonçalves 299
Tenente-Coronel Alírio Granja 321

Glossário 341

General-de-Exército Alacyr Frederico Werner*

Natural da Cidade de Juiz de Fora, Minas Gerais, pertence à turma de novembro de 1937, da Escola Militar do Realengo. Na guerra, foi Chefe da Subseção de Foto-Informações da 2ª Seção do Estado-Maior da 1ª Divisão de Infantaria Divisionária (1ª DIE). Após a guerra, no posto de Capitão, organizou, o curso de Foto-Informações da Escola de Instrução Especializada (EsIE) tendo sido seu primeiro Instrutor-Chefe. Como Oficial Superior, exerceu, entre outros, os seguintes cargos e funções: Subchefe e membro da Missão Militar Brasileira de Instrução no Paraguai; Instrutor de Artilharia, Informações e Tática Geral da Escola de Comando e Estado-Maior do Exército; Membro da Missão Militar Mista Brasil-Estados Unidos; Chefe da 2ª Seção do EME; e Subchefe do Gabinete do Ministro do Exército. Em março de 1971, foi promovido a General-de-Brigada. Como Oficial General, desempenhou, entre outras funções, as de Comandante da 7ª Região Militar e 7ª Divisão de Exército; Comandante da 10ª Região Militar; Vice-Chefe do Estado-Maior do Exército; Chefe do Departamento Geral de Pessoal do Exército; e Comandante da Escola Superior de Guerra. Em 1980, foi promovido ao posto de General-de-Exército, quando ocupou o cargo de Ministro-de-Estado Chefe do Estado-Maior das Forças Armadas, de agosto de 1981 a janeiro de 1983, passando para a reserva a seguir. De junho de 1983 a junho de 1986, exerceu a função de Embaixador Extraordinário e Plenipotenciário do Brasil junto à República do Iraque. Recebeu a Medalha de Campanha e a Medalha de Guerra pela sua participação na Segunda Guerra Mundial.

---

* Chefe da Subseção de Foto-Informação da 2ª Seção do Estado-Maior da Primeira Divisão de Infantaria Expedicionária (1ª DIE), entrevistado em 13 de junho de 2000.

Inicialmente, devo manifestar a minha emoção e honra de participar dessa entrevista sobre a Força Expedicionária Brasileira (FEB), que servirá para o registro da história do Exército. Essa honra é, realmente, muito grande e faz-nos suar a camisa ao prepará-la, porque eu não sei quem é que vai olhar, quem é que vai ouvir e quem é que vai pesquisar o que aqui ficará dito. Isto, portanto, é para mim, além de uma honra, um compromisso com a verdade. Entro aqui de peito aberto.

Bom, eu quero crer que deveria começar esta entrevista falando que, apesar dos meus 83 anos, eu já fui Tenente – Tenente do 1º RAM, Regimento de Artilharia Montada, Unidade a cavalo com sede no Rio de Janeiro, que nem existe mais. Nessa ocasião, a Alemanha começou a Segunda Guerra Mundial. Lembro-me, muito bem, que tal fato causou um certo espanto; nós éramos militares e tratava-se de uma guerra. Naquela ocasião, durante um almoço, um médico, 2º Tenente como eu, Dr. Chastinet, falou em tom alto, de modo que as pessoas próximas pudessem escutar: "Eu não tenho dúvida que se o Brasil entrar nessa guerra, o Werner vai pular para o lado alemão". Eu ouvi... nada podia dizer... deixei o tempo correr...

Pois bem, um dia na Itália, quando estávamos avançando em perseguição aos alemães, a coluna parou, desci do meu jipe e eis que encontro o Dr. Chastinet, com o seu uniforme branco, que perguntou o que é que eu estava fazendo ali. Respondi-lhe, então, dentro do espírito jocoso que nos era peculiar: "Estou querendo passar para o lado dos meus primos, mas não consigo." Chastinet era de origem francesa e eu tenho três avós alemães e um francês, para equilibrar. De modo que isso caracteriza a miscigenação neste país que enfrentou uma guerra, mas essa raça, formada nos trópicos e, talvez, de sangue diferente, possuía um mesmo espírito. Acho que deveria começar a minha entrevista dessa maneira.

Sobre o ambiente no Brasil, devemos ressaltar alguns fatos, circunstâncias, aspectos que exerceram influência decisiva para a entrada do país na guerra. O primeiro a considerar é o geopolítico. Não quero me distender muito, mas o saliente nordestino avançando para o Leste em direção à África do Norte e Europa caracteriza, junto com o Arquipélago de Fernando de Noronha, uma área de capital importância estratégica. A sua posse efetiva por um dos litigantes proporcionar-lhe-ia o controle das comunicações no Atlântico Sul e a base operacional e logística para incursões e progressão, a partir dela, para o Sul (Brasil e América do Sul), para o Norte (América Central e Estados Unidos) e para o leste (África e Europa). Esta área pertence ao Brasil, graças a Deus. Foi um trunfo nas negociações com os EUA e Alemanha.

Outra circunstância, de caráter político, foi o aparecimento e ascensão de duas ideologias antagônicas: o comunismo e o nazi-fascismo. O Comunismo já se firmara na década de 1930 e procurava espraiar-se pelo mundo; o Nazismo de

Hitler e o Fascismo de Mussolini, aliados, constituíram-se em arma psicológica anticomunista a influenciar nações ocidentais democráticas. De outro modo, o nazismo foi usado para aglutinar o povo alemão na campanha pela restauração da "Grande Alemanha", como eles chamavam, uma vingança contra o Tratado de Versalhes, de 1918. Essas ideologias antagônicas já haviam lançado a Espanha na Revolução Franquista e Portugal no regime ditatorial de Salazar. E haviam se projetado sobre o Brasil, primeiro, com a Intentona Comunista de 1935 e, depois, a fundação da Ação Integralista Brasileira.

O pan-americanismo é uma idéia que surge em 1826, quando os países americanos vão-se tornando independentes. Bolívar e, também, San Martin começam a difundir a idéia de que esses países deveriam se unir face a uma eventual violação da antiga metrópole. Sob a iniciativa e inspiração de Bolívar, foi convocada a Conferência do Panamá, onde os princípios pan-americanos foram estabelecidos. Nesta conferência, os Estados Unidos, mais preocupados com sua conquista do Oeste, limitavam-se a proclamar a Doutrina Monroe (1823) – a América para os americanos. O pan-americanismo se firmou com a Conferência de Washington de 1889, quando os Estados Unidos já haviam fortalecido a sua soberania política face aos seus antigos colonizadores e estavam como líderes econômico e político das Américas. Essa é uma característica muito interessante, porque não havia mais aquela igualdade, digamos, de poder em relação aos Estados Unidos e às demais nações da América. Essa conferência de 1889 estabeleceu as reuniões qüinqüenais dos chanceleres das Américas.

Outro ponto a assinalar é o problema da estratégia regional. O Brasil e a Argentina detinham, à época, uma posição de destaque quanto ao poder na América do Sul. É interessante que esse poder pendia muito para Buenos Aires, mercê de suas exportações de produtos essenciais – trigo e carne – enquanto que o Brasil, país da monocultura, exportava café, produto de sobremesa, em que pese a vantagem numérica da nossa população, não tão exagerada quanto nos dias atuais. Esta dualidade de poder fez com que o Brasil concentrasse o seu dispositivo militar no Rio Grande do Sul. Quando surgiu a guerra e os americanos solicitaram ao Brasil que colocasse mais tropas no saliente nordestino, os militares demonstraram certo receio porquanto não queriam enfraquecer a sua posição militar no Rio Grande do Sul.

Outro aspecto que consideramos está relacionado com a política imigratória do Brasil, em decorrência da necessidade de aumentar sua população. No período de 1820 a 1937, ingressaram no Brasil, pelas estatísticas oficiais, mais de 220 mil pessoas de várias nacionalidades. Mas quero focalizar, para não perder muito a essência da questão, apenas a imigração alemã. Fontes particulares avaliavam que em 1940 a colônia alemã, incluindo os já nascidos no Brasil, atingia entre setecentas a nove-

centas mil pessoas. Como a maioria dessa colônia vivia em local isolado da comunidade brasileira, sua absorção foi quase nula. Constituía-se em minoria enquistada no território nacional, falando, exclusivamente, o idioma de origem, situação que facilitava a penetração política alemã, através do Partido Nacional Socialista, de Hitler.

Quando em setembro de 1939 a Alemanha iniciou a guerra, os estados americanos, através de reuniões dos chanceleres, haviam consolidado o pan-americanismo, o que possibilitou, já em outubro, a Declaração de Neutralidade e, em julho de 1940, o compromisso, alcançado em uma das reuniões, de que atentado de um país não-americano a qualquer país americano seria considerado uma agressão a todos que assinassem a declaração. O Brasil assinou-a.

Entrementes, a Alemanha que vinha se esforçando através do comércio exterior, – isso é bastante importante – no sentido de incrementar suas relações políticas e diplomáticas com o Brasil, introduziu em suas embaixadas e consulados representantes do partido nacional socialista. Desse modo, tornar-se-ia fácil mobilizar aquela população de origem alemã numa população antibrasileira. Nesse relacionamento bilateral, a balança comercial com a Alemanha chegou a equiparar-se com a americana, tendo mesmo a ultrapassado em 1940. No período de 1932 a 1938, ela conseguiu triplicar, medido em marcos alemães. Imaginem o volume desta exportação e importação com a Alemanha. Foi nessa época que, visando a manter e ampliar sua influência, a Alemanha se propôs financiar a instalação de um complexo siderúrgico no Brasil através da empresa Krupp, aquela mesma que vinha fornecendo os canhões Krupp para a Artilharia. No 1º RAM os canhões eram de 1908; quando fui transferido para Bagé encontrei os modernos canhões alemães, importados. Acrescente-se que esse relacionamento levara à concessão de linhas aéreas a empresas alemães e italianas, em particular a Condor.

Foi a partir de então que os americanos perceberam o perigo dessa penetração nazista no Brasil, e como conseqüência, os Estados Unidos, que antes vinham negando, ou melhor, postergando os atendimentos e as solicitações do Brasil, mudaram e começaram a ter um relacionamento mais estreito. Foi quando eles propuseram a construção da usina siderúrgica no Brasil e outros financiamentos e facilidades para aquisição de equipamentos e material bélico. Nessa fase, há de se ressaltar o trabalho sincero de Oswaldo Aranha, porque ele estava convicto de que o Brasil tinha que estar do lado aliado, e não do lado alemão ou italiano. Com a reaproximação americana começa a neutralização da diplomacia alemã.

Em 7 de dezembro de 1941, estava numa competição desportiva na Cidade de Porto Alegre e levei um susto ao ler no jornal a notícia do ataque japonês a Pearl Harbor. O resultado imediato foi a reunião dos chanceleres de 28 de janeiro de 1942,

no Rio de Janeiro, que recomenda o rompimento de relações com as nações do Eixo. O Brasil, desde logo, mostrou-se favorável; a Argentina e o Chile acharam que a declaração resultante dessa reunião não era obrigatória e mantiveram a neutralidade.

Foi a partir desta conferência do Rio de Janeiro que o Brasil começou a definir-se, praticamente, como um país aliado, na Segunda Guerra Mundial. Obviamente, iniciaram as primeiras represálias que foram os afundamentos dos nossos navios mercantes pelos submarinos alemães e italianos. A Marinha alemã chegou a constituir uma organização com a finalidade de atuar no Atlântico Sul e, também, no Atlântico Norte, para estas ações. A revolta no País foi aumentando à proporção que se tomava conhecimento dos ataques aos navios, que não eram difundidos com muita intensidade, parecendo ser um fato que, talvez, não devesse ser levado ao conhecimento da população.

Pessoalmente, passei por uma experiência que serve para mostrar a situação vivida naquela época. Embarquei no porto do Rio Grande com destino ao Rio de Janeiro, junto com outros passageiros, e, quando chegamos a Florianópolis, informaram-nos que o navio não iria prosseguir porque afundaram alguns mercantes na região de Santos. De sorte que o navio só seguiu viagem dois ou três meses depois, e a sua carga de batatas chegou apodrecida lá no Norte.

Concluindo, podemos afirmar que a entrada do Brasil na guerra é uma decorrência inicial de sua posição geopolítica, onde se destacava o saliente nordestino. Os americanos desde cedo começaram a solicitar que aquela região tivesse a sua defesa reforçada com mais tropas brasileiras. Houve, porém, resistência. As autoridades militares não desejavam retirar tropas do Sul, face à posição política argentina.

O Brasil, até definir-se pelo lado aliado, utilizou – a conclusão é minha – o interesse alemão em aproximar-se do Brasil, para obter vantagens políticas, econômicas e militares dos Estados Unidos.

Bem, dando seqüência ao meu relato inicial, vou abordar, agora e rapidamente, as operações da FEB. O Teatro de Operações da Itália, onde atuou a nossa Força, ao norte de Roma e logo acima do Rio Arno, tem a destacar os Apeninos, uma cadeia de montanhas que atravessa diagonalmente a península itálica. Apresenta-se como uma massa de elevações que vão perdendo altura até a planície do Rio Pó. Nessa cadeia com alturas que facilitam, incrivelmente, a defesa, os alemães construíram sua chamada Linha Gótica.

A FEB começou a chegar à Itália nessa ocasião, quando o V Exército havia perdido quatro Divisões francesas e três americanas, consideradas muito aguerridas, que foram participar da invasão da França meridional. Deduz-se, desse fato, a importância da chegada da FEB que vai passar a integrar esse Exército.

A primeira tropa a desembarcar na Itália, um grupamento tático (GT), a base do 6º RI, foi empenhada sob o comando do General Zenóbio da Costa, no Vale do Rio Sercchio, depois de um tempo razoável para o recebimento de equipamento e treinamento. Esse grupamento chegou a fazer um exercício na Região de Vada, com a presença de generais americanos, considerado muito bom. Foi empregado no setor oeste do V Exército, onde tropas americanas avançavam em frente muito ampla. Tratava-se, para o grupamento, de substituir a tropa americana e se lançar em perseguição ao inimigo que se retirava para novas posições nos Apeninos. Em síntese, a operação assemelhava-se a uma Marcha para o Combate; o grupamento ia ao encontro do alemão, libertando cidades, sem perder o contato com o inimigo.

Foram 28 dias que se mediram por um saldo bem positivo: quarenta quilômetros de progressão; 208 prisioneiros; várias cidades liberadas, inclusive, Barga, já na base dos Apeninos; e captura de uma fábrica de munições e peças de avião, que os alemães não conseguiram destruir. Tivemos 290 baixas, sendo 13 mortos, mostrando ser uma marcha dura contra um adversário, que pela primeira vez eles estavam encontrando e que era considerado o mais experimentado soldado do mundo, segundo o conceito da época. Visto pela distância percorrida, o resultado dessas operações é ótimo. O relato final do General Mascarenhas fala em vitórias e num primeiro revés em Garfagnana, quando a tropa atacante brasileira foi detida a meio caminho. Foi uma falta de adaptação, ainda, ao combate ofensivo, porque a mesma não se aferrara, suficientemente, ao terreno, sendo batida por dois vigorosos contra-ataques alemães desferidos, simultâneos, contra a frente e o flanco da tropa brasileira, obrigando-a ao retraimento.

Isso é um revés, uma derrota? Não! Para mim, esse GT cumpriu a sua missão que não era um ataque em força, sobre uma posição definida. O que essa tropa, esse GT, conseguiu? Conseguiu delimitar, perfeitamente, onde o alemão estava estabelecendo a sua posição de resistência nos Apeninos. Foi por esse "revés" que se definiu a nova linha defensiva do inimigo.

Imediatamente após a operação final do grupamento do General Zenóbio, foi determinado o emprego da Divisão (1ª DIE), agora reunida, na região do Vale do Rio Reno. O restante da Divisão acabara de chegar à Itália, em dois navios. Nesse ponto surge o problema do treinamento, isto é, se a tropa brasileira estaria devidamente preparada para entrar em combate. Vimos que o GT, a base do 6º RI, tinha tido tempo para receber o equipamento e treinar em conjunto. Mas, os escalões que chegaram depois, compostos pelo 11º RI, o 1º RI e a tropa de apoio, recém tinham completado o recebimento do material e a respectiva instrução, essa quase que de emergência, quando foram empregados sobre o Monte Castelo

A posição se estendia por cerca de 15 quilômetros de frente diante dos montes Belvedere, Gorgolesco, Ronchidos e Della Torraccia. O Monte Castelo, tão citado na história da FEB, era um contraforte avançado na frente de M. Della Torraccia. Na fase denominada de Defensiva-Agressiva, ele foi atacado por quatro vezes: o primeiro, em 24 de novembro de 1944, contou com a *Task Force 45* americana reforçada pelo III Batalhão do 6º RI, Esquadrão de Reconhecimento e um Pelotão de Engenharia. Era aquele mesmo Batalhão que havia tido sucesso no Vale do Rio Sercchio. Pois bem, o primeiro ataque sobre Castelo foi infrutífero; já no dia seguinte, 25 de novembro, os mesmos elementos da véspera faziam um outro ataque, mas, notem bem, com uma ampliação de frente para englobar Monte Belvedere, o que parecia tornar o ataque mais fraco. Não conseguiram sucesso sobre Castelo, mas conquistaram o Monte Belvedere, situado à frente da tropa; novo ataque foi realizado em 29 de novembro, o terceiro, com o I Batalhão do 1º RI (Btl Uzeda) e o III Batalhão do 11º RI (Btl Candido), com outro insucesso; em 12 de dezembro foi realizado o quarto ataque, com o 1º RI (menos o I Batalhão), mais pensado que os anteriores, com resultado, também, negativo.

Foram ataques frontais que pecaram pela concentração pontual sobre M. Castelo e que foram alertando sobre a importância que as forças aliadas lhe davam. De fato o V Exército tinha o desejo de ver, com a sua posse, aberta a porta que estava fechando a estrada 64 para Bolonha. É interessante observar que o segundo ataque da Task Force 45 (25-11-1944) teve uma ação secundária sobre o Monte Belvedere, conseguindo tomar pé nessa altura dominante. Infelizmente, essa posse foi perdida na noite anterior ao ataque de 29 novembro de 1944.

Quais as causas desses repetidos insucessos?

No meu entender, a pressa que os americanos do V Exército tinham em abrir aquela porta na direção de Bolonha, ou seja, a decisão de capturar essa cidade antes do Natal. Isso prejudicou a ação tática sobre Castelo. O 1º e o 11º RI não estavam, ainda, totalmente prontos para a ação.

Após esses ataques frustrados, a FEB preparou-se para o duro inverno que começava. Na noite de 23 para 24 de dezembro caiu a primeira grande nevada que iria obrigar a tropa a enfrentar outro inimigo e vencê-lo. Foram três longos meses de frio, neve, chuva, patrulhas, bombardeios constantes e contra-ataques. Uma lembrança que nunca sai dos meus olhos aconteceu nessa noite de dezembro, quando fui verificar a quantidade de gasolina do gerador. Eis que encontro um soldado de serviço de sentinela com a sua submetralhadora na mão, totalmente imóvel e coberto de neve. Provavelmente ele queria parecer um super-homem para o seu companheiro que fosse substituí-lo e o encontrasse naquela posição, inteiramente coberto de neve.

As posições brasileiras, dominadas pelas alturas da linha defensiva alemã, viviam, do amanhecer ao anoitecer, sob a neblina dos geradores de fumaça que cobria toda a frente, dificultando, mas não impedindo totalmente, as vistas alemãs. Assim, os nossos movimentos na frente de combate eram caçados por tiros de morteiro e artilharia com real precisão.

Porreta Terme, onde se localizava o Quartel-General (QG) avançado do General Mascarenhas, era, diariamente, alvo de bombardeios inquietantes de oito a dez granadas de artilharia de 170mm que se repetiam duas ou três vezes ao dia. Essas granadas caíam ora em um morro ora no outro, porque o Quartel-General ficava entre dois morros e isso nos fazia sentir relativamente seguros; só perdíamos a segurança quando tínhamos que sair para ir a outros pontos da frente ou por outro motivo qualquer. Mas, o QG propriamente dito nunca foi atingido por essa artilharia pesada alemã. Quando acontecia de uma granada cair na rua, o número de feridos e mortos era grande. Foram mais de 1.500 granadas naqueles três meses. O comando americano chegou a sugerir ao Mascarenhas que deslocasse seu QG para mais a retaguarda, para ficar fora do alcance dessa artilharia. Ele recusou de maneira firme: "Este é o único Quartel-General brasileiro. Só o deslocarei para a frente."

Na passagem do ano (1944-45) alguém resolveu festejar com fogos, mas de artilharia. A conseqüência não foi das melhores, porque houve uma intensificação de bombardeios de ambos os lados, sem grande finalidade prática.

Os infantes metidos nos seus *fox holes* resistiam ao frio até melhor que seus aliados. O serviço de saúde americano fez uma pesquisa junto à tropa brasileira para saber a razão do pequeno número de baixas por "pé-de-trincheira" – que significa um congelamento dos pés, obrigando o combatente a ser evacuado para a retaguarda, senão ele perde o pé. Pois bem, por que isso não acontecia com os soldados brasileiros? O motivo mais aparente foi o fato de eles retirarem os coturnos – alguns mais "vivos" acabavam dando para uma *signorina* – e ficarem apenas com o galochão e os pés envolvidos por jornais. Muitas vezes, chegavam a fazer um aquecedor à base de álcool ou gasolina para esquentar o *fox hole*.

Não faltaram "peladas de futebol" na frente de M. Belvedere. Quando aquilo estava muito tranqüilo, eles saíam dos abrigos e iam jogar futebol, o que era interrompido por bombardeios de morteiros. Foi uma época aproveitada para melhorar a instrução e o adestramento da tropa, que haviam faltado nos ataques a Monte Castelo. Com a melhora do tempo, após o degelo, o IV Corpo de Exército, ao qual nós pertencíamos, foi encarregado da operação preliminar da grande Ofensiva da Primavera.

Por que se chamava operação preliminar? Porque havia necessidade de conquistar aquelas alturas – M. Castelo, M. Belvedere e M. Della Torraccia – que esta-

vam dificultando a tomada do dispositivo para a partida da ofensiva planejada. Era o Plano “Encore”.

A chegada da 10ª Divisão de Montanha, recém-vinda dos EUA, constituiu-se num valioso reforço para o IV Corpo. Era uma tropa de elite, aguerrida, composta de verdadeiros atletas e alpinistas. Esta Divisão seria, a partir de agora, a companheira da Divisão brasileira, que passaram a operar lado a lado. O contraste entre as duas Divisões era, realmente, muito grande. Enquanto os americanos eram loiros e altos, a nossa tropa era formada por homens que conhecemos, de altura média, queimados pelo Sol: brancos, morenos e escuros, mas valentes. É bom que se saiba que nessa época, nos Estados Unidos, o racismo era algo preocupante. Eu, pessoalmente, presenciei, quando fui fazer o Curso Avançado de Artilharia, em Fort Sill, que os lugares de ônibus reservados para os negros, nas últimas fileiras, e a separação que havia nas igrejas. Aproveitando que esse assunto veio à tona, existia uma Divisão americana naquela frente, era a 92ª Divisão de Infantaria (DI), na qual todos os seus componentes, do posto de capitão até os soldados, eram negros, com exceção do comando, que eram brancos. Obviamente, essa tropa não merecia confiança. Os americanos não tinham conseguido, ainda, vencer essa dificuldade da integração racial, ultrapassada depois, quando se apresentaram misturados nas guerras seguintes.

Retornando ao Plano “Encore”, a manobra consistia, resumidamente, numa progressão no sentido oeste-leste, a cargo da 10ª Divisão de Montanha, paralela à frente da 1ª DIE, ao longo das elevações dominadas pelos alemães, conquistando, sucessivamente, Belvedere, Gorgolesco, Capela di Ronchidos e Della Torraccia. A 1ª DIE atacaria M. Castelo que ficava diante de M. Della Torraccia.

O ataque da 10ª de Montanha surpreendeu a defesa alemã, conquistando o objetivo inicial com um batalhão, após uma ação diversionista do II/11º RI. Foi realizado à noite a partir das 23 horas do dia 19 de fevereiro de 1945. Mas antes, porém, na noite de 18/19 de fevereiro, eles subiram um maciço que se chamava Piso di Campiano-Monticello. Foi surpreendente a rapidez com que a tropa da 10ª galgou as escarpas íngremes, possibilitando o avanço célere sobre o objetivo inicial.

Às 5h30min de 21 de fevereiro de 1945, a 10ª Divisão de Montanha deveria lançar-se sobre M. Della Torraccia e a 1ª DIE sobre Castelo. A tropa brasileira, agora com mais experiência, ultrapassou a linha de partida e avançou, encontrando forte resistência inimiga. A 10ª pouco progrediu sobre seu objetivo. Os brasileiros, manobrando e entrando na zona de ação da 10ª , conseguiram desbordar as resistências e conquistaram Monte Castelo às 17h30min. Só no dia seguinte a 10ª conseguiu apoderar-se de M. Della Torraccia. Talvez por sermos considerados uma tropa de um mundo subdesenvolvido, não tinham muita confiança, mas à proporção que foi-se

engajando no combate, tornando-se mais experiente, igualou-se às demais, demonstrado nessa grande vitória sobre Castelo.

Nessa operação foi empregada, em apoio, toda a Artilharia do V Exército e, também, com muito sucesso, os aviões do nosso Grupo de Caça, em particular na região de Mazzancana.

A partir dessas vitórias, tratava-se de completar a posse das regiões que iriam constituir a base de partida para a Ofensiva da Primavera. Foram, assim, sendo conquistados La Serra, em 25 de março de 1945, num ataque noturno, e, depois, Castelnuovo, em 5 de março. O ataque de La Serra foi planejado sobre uma ampliação da fotografia aérea tirada alguns dias antes, onde foram assinalados campos de minas, posições de armas automáticas, as melhores vias de acesso. O Capitão Wolfango Teixeira de Mendonça, Comandante da Companhia de Infantaria do II/1º RI, que investiu sobre a região solicitou essa ampliação para que ele montasse seu ataque. Lembro-me bem desse fato porque foi uma participação real da Foto-Informação que, por falta de instrução, era desacreditada pelos homens da frente. Eles não poderiam crer que eu pudesse, na retaguarda, dizer onde se localizavam as minas alemãs. Mas isso é um outro problema de instrução.

Desde os ataques a Monte Castelo até o fim desta fase, tivemos 1.666 baixas em ação de combate, sendo 240 mortos e 1.382 feridos. Foram ações pesadas.

A Ofensiva da Primavera seria o golpe mortal às forças alemãs na Itália. A ofensiva seria geral em toda a frente do XV Grupo de Exército e visava a cercar e render as tropas alemãs antes que pudessem tentar uma retirada pelo passo de Brenner. Na frente do V Exército, a operação se desenvolveria, inicialmente, a cavaleiro da estrada 64, com o IV Corpo de Exército realizando a ação principal. A 1ª DIE cobriria o flanco esquerdo do ataque principal da 10ª Divisão de Montanha. O General Mascarenhas, numa reunião preparatória, sugeriu que fosse ampliada a missão, o que correspondeu a incluir Montese na sua zona de ação, para que ele a conquistasse. Isto foi fundamental para o avanço da 10ª de Montanha.

No dia 14 de março de 1945, quando o ataque se iniciou, a nossa Divisão avançou para ocupar a sua linha de partida, encontrando fortes resistências alemãs. Por volta de meio-dia o Comandante do IV Corpo, demonstrando preocupação com a progressão da 10ª Divisão de Montanha, que muito pouco avançara, determinou que a nossa Divisão iniciasse o ataque propriamente dito às 13h30min. No fim do dia 14, antes do anoitecer, o 11º RI estava de posse de Montese, numa ação audaciosa e surpreendente.

No dia 15 prosseguiram as ações nessa área, quando a 10ª pôde alcançar seu objetivo inicial e lançar-se no cumprimento de sua missão, aproveitando a porta que

fora aberta. Não era apenas Castelo que abria o acesso a Bolonha; Montese também tinha que ser conquistado. Então, lá foi a 10ª em disparada, encontrando a cidade abandonada, inesperadamente, pelos alemães.

A tropa brasileira estava, mais ou menos, detida naquela frente, porque parecia que uma ponderável força alemã atuava naquela região do maciço de Montese. Tanto que fomos vítimas de intenso bombardeio de cerca de 3.200 granadas de artilharia e milhares de morteiro, além de alguns contra-ataques frustrados, porque os brasileiros tinham aprendido que, após conquistado o terreno e de imediato, era necessária a organização da defesa do mesmo e esperar pelo contra-ataque. Os relatórios do V Exército, rotineiros desde o início da guerra, apontavam que toda a Artilharia alemã havia concentrado os seus fogos contra o maciço de Montese, naquele dia 14 e madrugada de 15 de março. Isso mostra a importância tática dessa vitória, que rivaliza com Castelo sobre esse aspecto. Eu diria que a conquista de Montese mostrou uma ação tática de cobertura, significando a abertura da porta de lançamento de uma ação estratégica. Quer dizer, a vitória possibilitou o avanço da 10ª de Montanha.

A partir do reajustamento do dispositivo e a percepção do retraimento alemão, empreendeu-se a Fase da Perseguição pela FEB. Foi quando se tornou necessária maior mobilidade à Divisão. Nesse momento, surgiu aquela solução, muito discutida, de imobilizar a Artilharia e usar seus veículos tratores e demais viaturas disponíveis em apoio à Infantaria. Nessa fase brilhou o nosso Esquadrão de Reconhecimento, à frente dos infantes, buscando o contato com o alemão que tentava fugir. Assim, com audácia, determinação, velocidade e iniciativa dos escalões menores empreendeu-se o combate de Collecchio e, em seguida, o de Fornovo, que se constituíram na grande e espetacular vitória final da FEB. Foram cercando e por fim aprisionaram, praticamente intacta, a 148ª Divisão de Infantaria (DI) Panzer, os remanescentes da 90ª DI Panzer Grènadière, ambas alemãs, e um terço da Divisão Bersagliere Itália, num feito que foi classificado por alguns estudiosos de História Militar como a grande vitória estratégica.

Concluirei esse meu relato inicial sobre a FEB, dizendo que o Brasil entrou nessa guerra, ativamente, em decorrência de sua projeção geopolítica e de seus interesses políticos, econômicos e sociais e como resposta digna de seu povo, aos ataques traiçoeiros de submarinos alemães em nossas costas.

Suas operações de combate terrestre envolveram todas as ações básicas que a guerra pode impor: as preliminares do combate ofensivo, como a marcha para o combate e a tomada de contato no Vale do Sercchio; os ataques frustrados de Monte Castelo e sua conquista final na Linha Gótica; o ataque vitorioso ao maciço de

Montese, um dos principais pontos fortes da Linha Genghis Khan, que teve importante papel no avanço para o Rio Pó, na direção de Bolonha; e finalmente, a perseguição e cerco de tropas alemãs ainda em condições de combate em Collecchio e Fornovo. Este último ato da guerra foi um espetáculo inesquecível para quem teve oportunidade de vê-lo, que coroou a atuação da FEB na Itália, quando aprisionou milhares de adversários em número superior ao seu próprio efetivo de combate.

A seguir abordarei alguns fatos ligados mais diretamente à minha passagem pela FEB, começando com o meu ingresso na Força. No dia da declaração de guerra à Alemanha, em 22 de agosto de 1942, servia no I/3º Regimento de Artilharia, pertencente à Divisão de Cavalaria, em Bagé, no Rio Grande do Sul. Era uma bela tarde de sábado e decidi aproveitá-la exercitando-me com o meu cavalo *Sarandi*, visando ao concurso de equitação que aconteceria no dia seguinte. Um detalhe: mais tarde dei o nome de "Sarandi" a minha viatura de foto-informação, usada na guerra. Então, eu estava passeando com ele, quando um cabo se aproximou e disse: "Tenente! O rádio está noticiando que o Brasil declarou guerra à Alemanha."

Dirigi-me ao quartel para recolher o cavalo, na expectativa de como iria encontrá-lo, se muito movimentado. Lá chegando, verifiquei que tudo permanecia tranqüilo, como era natural num dia sem expediente. Aprontei-me e fui ao cinema. Após a sessão, na saída, o mesmo cabo que me dera a notícia anterior me abordou e disse: "Tenente! O Coronel deseja que o senhor vá para o quartel, imediatamente".

Dessa vez, como imaginava, havia uma grande confusão de cavalos, canhões, munição etc. Apresentei-me ao Coronel José Bina Machado e ele, de imediato, disse: "Você foi selecionado para ir artilhar o porto do Rio Grande." Era uma cidade situada no litoral sul gaúcho. Desloquei-me, com toda a cavalhada, com tudo, às três horas e meia da manhã do domingo, dia 23, e, ao meio-dia, já estava colocando o material em posição. Infelizmente, poucos dias depois, levaram os meus cavalos, inclusive o *Sarandi*, e eu nunca mais estive numa Unidade montada.

Bem...Mais tarde, fui designado para fazer um Curso Avançado de Artilharia de Campanha em Fort Sill, nos EUA, e quando retornei fui comissionado no posto de Capitão.

Um dia, quando já estava classificado no Nordeste, no 14º Grupo de Artilharia de Dorso, o ajudante-de-ordens do General Mascarenhas de Moraes, que era companheiro de turma da Escola Militar, perguntou-me, através do telefone, se eu estava pronto para embarcar para a Itália. Respondi-lhe que sim.

No dia seguinte estava classificado no Serviço de Material Bélico da FEB – dos cavalos passei para as viaturas – e, logo, deparei com uma dificuldade: os sargentos, cabos e soldados do Serviço não sabiam dirigir automóveis. Naquela época – década de

1940 – o país era diferente. O meu carro, por exemplo, foi para Bagé por navio, porque não existiam estradas de rodagem para realizar esse transporte. Resultado: fui treinar esses homens a dirigir jipes, caminhões etc na Floresta da Tijuca, no Rio de Janeiro.

Algum tempo mais tarde, embarquei para a Itália com o 2º escalão, em 22 de setembro de 1944, fazendo uma viagem muito desconfortável até Nápoles, nossa primeira escala. Prosseguimos para o porto de Livorno em lanchas de desembarque: eram as chamadas LCI – *Landing Craft Infantry*. Na minha embarcação só o Moraes, civil, que era piloto de corridas no Rio de Janeiro, não enjoou.

Chegando a esse porto, ainda na murada da lancha, escuto o "velho" Romaguera – Major José Maria Romaguera, ajudante-de-ordens do Mascarenhas – dizer: "Ó Werner! Acho que você não vai ficar aqui; você vai tirar um curso no Cairo." Fiquei espantado, pois nada sabia a respeito. Bem, o fato é que o General Mascarenhas disse que era preciso mandar um Oficial para tirar o Curso de Foto-Informação, e ficou de escolher. Num determinado dia, o Capitão Celso de Azevedo Daltro Santos disse: "Werner! Hoje o General decidiu que você é quem vai." Havia um outro candidato que me dava "banhos em inglês", era um ótimo Oficial e fora indicação do General Cordeiro de Faria. O General Mascarenhas de Moraes ficou em dúvida, mas o grupo de oficiais que o assessorava mais de perto talvez me conhecesse mais. O Daltro continuou a contar-me como ocorrera a indicação: "Porque ele perguntou quem é que devia mandar, fulano ou você... E eu disse: se o senhor quiser indicar um camarada que fala menos inglês mas que vai levar isso para o Brasil, mande o Werner."

Então, quando o General me chamou para me dar a missão, disse: "Você vai para o Egito; quando voltar irá trabalhar aqui conosco. Isso que você aprender, vai levar para o Brasil." Eu cumpri a missão.

Até chegar ao local do curso passei por várias situações inusitadas. De início, apresentei-me no Quartel-General do V Exército, em Florença, local em que me deram um monte de papel, com esse texto em inglês: "A quem interessar: o Capitão Alacyr Frederico Werner, da Força Expedicionária Brasileira, está designado para tirar um curso no Cairo, na Rua Clara Bonaparte número tal etc, devendo chegar o mais rápido possível."

E agora, o que devo fazer?

O militar respondeu-me: "Não, você vai para o hotel e amanhã cedo esteja na pista do aeroporto." Naquela noite a Artilharia Antiaérea de Florença atirou, sendo esse meu primeiro batismo de fogo. Mas eu nem... Continuei a dormir tranqüilo. Pela manhã, fui para a pista do aeroporto e abordei um militar: "Ó camarada! Escuta! Lê esse troço aqui?" Ele olhou... Primeira desconfiança: de que eu fosse um alemão, porque o uniforme era igualzinho. Eu disse: "Não! Sou brasileiro!"

Resultado: ele disse mais ou menos assim: “Daqui você não vai para o Cairo não; vou te colocar em um avião que vai chegar daqui a um pouquinho, levando frascos vazios para Bari, do outro lado da península; lá você encontrará mais facilidade para ir ao Cairo”. Em instantes aterrissou um C-47 cheio de vidros, embarquei, viajei com aquele barulhinho característico e cheguei a Bari. Lá, apresentei-me e eles telefonaram para o V Exército para saber se eu era realmente brasileiro que estava indo para o Cairo. Nessa altura, já era considerado um espião.

Bom... Naquela noite cheguei à Cidade do Cairo. Fatos um pouco cômicos aconteceram, então. E agora? O que é que eu faço? Indaguei-me.

Vestido de soldado meio parecido com o alemão, com a fisionomia semelhante àquela do povo alemão, eu pensei comigo: “Meu Deus!”

Daqui a pouco vejo passar um policial inglês e pergunto-lhe: “Mestre! Onde é isso?” Ninguém sabia. Ele foi procurar um delegado que se vestia com um camisolão e começou a fazer perguntas cujo significado não entendia. Finalmente, a uma hora da manhã, fui bater no tal lugar da Rua Clara Bonaparte, que era uma espécie de bangalô. Bati na porta mas achava que não podia ser ali; bati... bati várias vezes, até que apareceu um camarada: “Ah! É aqui sim, mas é amanhã que você vem aqui; hoje você vai para o acampamento.” Fui para o tal acampamento e no dia seguinte iniciei o curso. Sua duração foi de dois meses e alguns dias e pertencia a Royal Air Force inglesa. O ambiente era muito engraçado. No hotel – praticamente só havia ingleses – na primeira manhã, dei por falta dos coturnos. Pensei: “Levaram o meu coturno.” Já saí atrás, preocupado que o tivessem levado, mas não; um daqueles egípcios tinha pego para engraxá-lo. Pronto, saí para a minha primeira atividade com eles “tinindo”.

Após o término do curso, voltei para a Itália, numa viagem interessante, porque em vez de voar direto para Bari, ou Florença, por qualquer circunstância que eu desconheço, fiz escala numa base francesa da Sardenha, e, no dia seguinte, fui para Florença. Aí, permaneci alguns dias – menos de uma semana – no V Exército, tendo algumas aulas e recebi material para interpretação de fotografias aéreas. Dali, segui para o Quartel-General da 1ª DIE, em Porreta Terme. Cheguei pouco antes do ataque de 12 de dezembro de 1944 a Monte Castelo. Quando perguntam sobre o meu batismo de fogo, respondo que foi quando cheguei ao QG, que era bombardeado com certa freqüência. A partir de um determinado momento, deixamos de levar em consideração “essas coisas”.

Fui chefiar uma Subseção de Foto-Informação, ligada à 2ª Seção do Estado-Maior da 1ª DIE, que era composta de dois tenentes: um brasileiro, de nome Édulo Jorge de Mello, da Arma de Cavalaria, e outro americano, Tenente Monday; e um

sargento americano. Os três realizavam o trabalho de interpretação das fotos. Os americanos, muito afáveis, continuaram lá, mas nunca mais interpretaram, a menos que eu perguntasse alguma coisa ou solicitasse uma opinião. Lembro-me que um dia, quando souberam por intermédio do comando deles que havia a possibilidade de um contra-ataque na nossa frente – depois confirmado pelo nosso Quartel-General –, eles ficaram muito preocupados. Alertaram-nos de que deveríamos estar preparados para um recuo. Eles tinham passado pela experiência de Anzio, muito dura.

Meu trabalho era passar a noite toda examinando fotografias aéreas das posições inimigas, com um estereoscópio de bolso, daqueles pequenos, para levantar pontos de interesse, como: campos de minas; *fox holes;* posições de arma; uma casa ocupada militarmente; atividades recentes tipo, por exemplo, de estrada usada com intensidade, enquanto outra não estava sendo usada etc. Eu fiz um *tour* pelos batalhões para mostrar como a fotografia deveria ser usada e, lembro-me de que logo no início, dei um conjunto de fotografias para eles, que deveriam ser mantidas dentro de uma caixa, somente aberta em função da necessidade. Eles, porém, colavam-nas como se fosse um mosaico comprido e, de repente, voltava ao Posto de Comando e as encontrava, mostrando um lugar que já não era mais a zona de ação do Batalhão. Nessas ocasiões reclamava: "Mas você está com as fotografias do outro lugar que eu te dei?!" Isso serve para caracterizar que o emprego de algo tecnológico que a pessoa não entende bem é deficiente. Aquelas fotografias teriam que ser passadas para o Batalhão que estava ali, na Fase da Defensiva.

Mas, todas as informações colhidas nas fotografias, por mim e o Édulo, eram repassadas à tropa por meio do relatório diário da 2ª Seção do Estado-Maior. Apesar de a determinação americana de destruir as fotografias aéreas, guardei-as em 18 caixas de madeira que trouxe comigo. Graças a isso, pude reconstituir tudo e ensinei os primeiros fotos-intérpretes, na Escola de Instrução Especializada (EsIE).

Tive uma desilusão no "meio do caminho", quando soube que tinham entregue aquelas fotografias para o Arquivo do Exército. Depois, fiquei sabendo que retornaram à Escola por ação de um comandante que achou que seriam úteis à instrução. Tive a grande satisfação de poder cumprir integralmente a missão que o Mascarenhas me deu: "Você vai tirar o curso; mas, quando voltarmos ao Brasil, vai ensinar isso lá." Eu fui para a EsIE e, durante dois anos, organizei o Curso de Foto-Informação.

Um aspecto está vindo à minha memória. Quando os aviões que me forneciam as fotografias aéreas, que eram batidas todos os dias, desde que houvesse tempo bom, cometiam qualquer erro, por alguma circunstância como o vento que os jogava mais para o nosso lado, eles acabavam fotografando a nossa frente. Pois bem, conseguia contar os nossos canhões, observar as pistas que os soldados faziam, semelhan-

te àqueles caminhos de formiga deixados no chão, as barracas dos soldados, os *fox holes* etc. Era o paraíso do foto-intérprete porque se via tudo. Era um ensinamento que estava sendo colhido para as guerras futuras, pois não se pode pensar que o canhão está oculto com o uso da rede; eu os via, tranqüilamente. Poder-se-ia perguntar, devido aos canhões alemães não serem vistos, onde eles eram colocados. A impressão que tenho, como aqueles canhões de grande calibre, 170mm por exemplo, muito importantes para eles, é que os colocavam dentro de uma casa. No momento do disparo, ou empurravam ligeiramente, para sair da casa, ou atiravam lá de dentro mesmo. Eu, sinceramente, nunca consegui ver um canhão alemão. Quanto ao antiaéreo, via-se com muita facilidade, porque esse canhão tem que ficar naquela posição esquemática em torno do ponto a defender.

Aliás, a camuflagem tornava-se pouco necessária porque os alemães não tinham possibilidade de atuar com a aviação. Os abrigos e os espaldões dos canhões foram importantes, nessa guerra, mas a camuflagem não.

Com relação ao desempenho de nossos oficiais e sargentos, tenho a impressão de que não tiveram grandes problemas para se adaptarem ao novo material, porque eram profissionais e esses se adaptam. As nossas escolas são muito boas. Agora, o soldado... Ele não conhecia o armamento! O armamento do soldado é o fuzil e ele não o conhecendo, assim como, também, o funcionamento das armas automáticas de calibre .30 e .50, ele ficava um tanto inseguro, inclusive para resolver qualquer incidente de tiro.

A propósito, recordo-me de algo que devo comentar. O Exército era instruído por uma Missão Militar francesa, muito operosa mas com pouco efetivo. Por isso, passava os seus ensinamentos para uma minoria de instrutores das escolas, que, por sua vez, repassar-nos-iam nos cursos, na Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais ou através de artigos.

Mas, o que acontecia? Como a capacidade de produção dessa informação, desse ensino, era pequena, somente uma "nata de oficiais" ficava sabendo. Eram os "artilheiros virtuosos", que sabiam calcular as trajetórias de tiro, e os "bons infantes", que sabiam como combater, enquanto o "resto" aprendia a "marcha longe do inimigo". Isso é uma constatação: em todos os quartéis que eu chegava, o tema tático era "marcha longe do inimigo". Sabiam marchar, mas, na hora de empregar a Arma – a Artilharia – não sabiam atirar em proveito da Infantaria.

Com a incorporação da doutrina militar americana, esse quadro mudou de estalo. Como era impossível transformar o pessoal, em pouco tempo, em guerreiro, a missão americana imprimiu milhares e milhares de regulamentos em inglês, depois os traduziu para o espanhol. Os mesmos chegaram as nossas mãos – tenentes, capi-

tães etc – e começamos a ver como é que o Pelotão e a Companhia avançavam: dois em 1º escalão e um no 2º; como e onde se aprofundava a defesa; enfim, aprendemos tática nos regulamentos americanos. O "artilheiro virtuoso" terminou, porque em vez daqueles cálculos de alta precisão, de "garfos para cá e para lá", a ajustagem do tiro tornou-se mais prática: você atira; recua ou alonga duzentos ou quatrocentos metros; quebra em cem metros e, praticamente, está pronta. O "mistério" acabou. Somente uma coisa os manuais e regulamentos não ensinavam e que ninguém ensina: como se portar em combate.

Sobre o relacionamento do homem brasileiro com a população local gostaria de dizer que foi o melhor possível, porque o brasileiro é afável. Antes da abordagem específica com os locais italianos, cito, como exemplo, que uma das maiores dificuldades que o Comando da FEB tinha, ao fazer um prisioneiro alemão, era evitar que os soldados brasileiros dessem, logo de saída, um cigarro para eles. O soldado brasileiro olhava aquele cidadão como se fosse o companheiro do outro time de futebol que tinha levado uma pancada, e queria consertar a canela dele. Davam cigarro, levantavam o moral do camarada, e esse, em conseqüência, escondia as informações que possuía. Com a população civil o problema era mais fácil, porque todos os brasileiros, na primeira semana, estavam falando italiano. Mal, é verdade, mas falavam. A população, por sua vez, sentia-se libertada, nós éramos os *liberatori* – como eles diziam. Acho que foi em Zocca, durante a fase do avanço sobre os alemães, na primavera de 1945, que aconteceu um episódio que mostra bem o tratamento que a população civil nos dispensava. Quando chegamos, na hora do pernoite, designaram-me uma casa: "Werner! Você vai para essa casa". Era a casa onde havia duas velhinhas que prepararam para mim e para o Capitão Hilnor Canguçu Taulois de Mesquita, que estava comigo, duas camas – nunca dormi na minha vida em cama tão macia – com roupas todas brancas e com travesseiros de pena de ganso. Foi uma maravilha; tratavam-nos assim. Nós, em troca, sempre conseguíamos umas *scatolletas*, que eram latas pequenas de alimentos da ração distribuída à tropa, como brindes.

Tratando, agora, daquelas atividades classificadas de apoio à tropa combatente, registre-se a realização de missas, no próprio Quartel-General e, em todas as Unidades, pelo menos uma vez por semana. Havia padres católicos, protestantes e judeus. Um aspecto interessante é que a igreja era ao ar livre e a mesma para todos, não havendo a menor diferença. Quanto ao apoio de saúde, foi muito bom. Dizia-se, mesmo, que se o soldado combatente chegasse ao hospital antes de decorridas seis horas do momento em que foi ferido, ele seria salvo. Os padioleiros levavam os feridos brasileiros e os adversários. Não havia grande diferença nesse aspecto. Eu, por exemplo, vi um soldado alemão com fratura exposta na perna sendo atendido no

posto de triagem da frente de combate. No apoio logístico, ressalta a desburocratização americana. Num posto de suprimento de combustível, por exemplo, bastava trazer um camburão vazio para receber outro, cheio. A munição era estocada próxima da estrada, com fácil acesso, e, para apanhá-la, havia um mínimo necessário de controle burocrático. O suprimento de alimentos, quer fosse em latas, quer em gêneros, era perfeito. O brasileiro tinha necessidade de comer o feijão com arroz – era como uma necessidade básica – que o Serviço de Intendência brasileiro trazia do Brasil. Quando havia um período razoável de estabilidade nas operações, era preparada uma alimentação semelhante à brasileira. Para ter-se uma idéia da riqueza da comida, no Natal houve peru. Evitava-se, portanto, a criação de um problema, até psicológico.

Evidentemente, esse apoio logístico aproveitou-se do domínio aéreo aliado e não foi incomodado. Só uma vez um avião alemão conseguiu bombardear Porreta Terme no tempo em que estivemos lá. Lançou uma granada de seiscentas libras sobre um prédio, cerca de cinqüenta metros do QG, onde funcionava um centro de contra-informação do comando brasileiro, destinado à reunião e triagem dos refugiados, a maioria de italianos, que atravessavam a linha de frente, vindos do lado alemão, em direção à retaguarda. Eles eram encaminhados para esse centro para verificar se havia, entre essas pessoas, algum espião ou desertor. Essa bomba matou umas vinte e poucas pessoas; foi tão violento que dois dias depois foram encontrar dois cadáveres em cima de um telhado, do outro lado da rua.

Vou falar agora sobre o nosso inimigo. O soldado alemão era considerado o mais aguerrido do mundo, provado na Primeira Guerra Mundial e comprovado nesta Segunda Guerra, onde enfrentara, inclusive, a Rússia. Fora derrotado, mas resistiu até o fim; somente no final, quando já estava cercado e exaurido é que se rendia. Foi assim que aconteceu com a 148ª Divisão alemã. Comigo e o Édulo aconteceu um fato a seguir narrado. Como a guerra estava acabando, pegamos o jipe e fomos fazer uma coisa que nós não tínhamos tido a oportunidade de realizar, que era a célebre "tocha".

O que era uma "tocha"?

Era sair passeando; ir visitar uma cidade.

Saímos os dois. Não havia mais trabalho; na 2ª Seção não chegavam mais fotografias e a tropa alemã já estava sendo cercada. Num determinado ponto da estrada deparamos com um posto de sentinela, que nos alertou de que daquele ponto para a frente era território alemão. Disse, ainda, que os feridos já haviam sido evacuados para os hospitais. Essa última informação nos deu certa tranqüilidade de que não encontraríamos inimigo, apesar do bom senso indicar que não deveríamos continuar. Era o primeiro dia do cerco da 148ª Divisão pela nossa tropa e a rendição estava em negociações. Por pura e absurda curiosidade, sem o menor sentido, deci-

dimos prosseguir. Fomos andando, andando e, depois de uns dois quilômetros, chegamos a um largo, onde havia uma casa. Era o Posto de Comando do General Otto Fretter Pico, da 148ª. Começamos a conversar com os suboficiais que estavam ali; daqui a pouco veio o ajudante-de-ordens e a conversa continuou. Nisso, chegou um militar e perguntou, em italiano, que era a língua comum: "Vocês poderiam prestar-nos um favor?" "O que é?" Ele explicou: "É que um soldado nosso acabou de estourar uma mina que lhe atingiu o rosto e está numa situação muito difícil. Precisa ir para o hospital, imediatamente". Eu, então, disse: "Ó Édulo! vá lá buscar uma ambulância para ele". Mais um pouco e a ambulância transportava o ferido alemão.

Conquistamos aqueles "caras". Na saída, deram-nos de presente um binóculo – tenho o meu até hoje – e pediram-nos que voltássemos. Como estava prestes a rendição, eles começaram a dar o seu material.

Retornamos no dia seguinte pela mesma estrada e, logo na saída, deparamo-nos com um corpo de um americano que havia sido morto naquele local. Não sabemos o que aconteceu com esse americano. A tropa alemã estava organizada e pronta para a rendição, com as viaturas, tratores, canhões, tudo na estrada. Em cima de uma dessas viaturas havia um alemão tocando sua sanfona. Quando voltamos comboiando o General Pico, acompanhado de seu Ajudante-de-ordens, chamou-me a atenção o fato de aquela sanfona e aquele acordeão terem sido inteiramente destruídos pelo alemão. Ele rasgou aquilo tudo e jogou no chão; talvez, fosse algo de estimação para ele e, como iria perdê-los, não gostaria que ninguém ficasse com eles e os destruiu. Eu e o Édulo fomos embora comboiando o General até quando chegou a um ponto em que ele desceu da viatura e se apresentou à autoridade militar brasileira encarregada de recebê-lo. O ajudante-de-ordens levantou o porta-luva e tirou duas pistolas pequenas, que nos deu de presente.

A rendição da tropa alemã foi espetacular. Nunca me esqueci disso. Pude constatar, nessa oportunidade, a excelente disciplina do soldado alemão, ou melhor, das suas Organizações Militares, porque tudo se passava como se fosse uma operação militar normal. Os homens, na realidade, estavam entregando-se às prisões, vencidos e, no entanto, ainda mantinham o porte de soldado.

A respeito do trabalho no Estado-Maior da 1ª DIE gostaria, ainda, de citar que o mesmo funcionava de acordo com os ensinamentos das escolas para tempo de guerra: havia uma reunião pela manhã, onde os chefes de seção, particularmente os das 2ª e 3ª Seções, respectivamente, Coronel Amaury Kruel e o Coronel Humberto de Alencar Castello Branco, faziam uma exposição sobre os assuntos de sua área. Era comum, também, o Chefe da 4ª Seção, Coronel Aguinaldo José Senna Campos expor acerca dos problemas logísticos. Um aspecto interessante é que eram abordados,

nessas reuniões, os últimos acontecimentos das demais frentes – a russa e a francesa – e a situação na própria Alemanha, compondo-se, naturalmente, o quadro geral de toda a guerra. As informações da nossa frente, muito estática, eram bem poucas em relação a essas, mais móveis.

Entre as 2ª e 3ª Seções, na maioria dos comandos, seja nos exércitos americano, russo, alemão etc, ocorre, quase sempre, alguma rivalidade. A 3ª Seção quer dirigir o combate; a 2ª, que estuda o inimigo a fundo, quer que as linhas de ação propostas pela 3ª Seção estejam de acordo com as suas conclusões. Acontece que nem sempre, porém, as informações sobre o inimigo são completas. O Chefe da 2ª Seção, pela doutrina em vigor, empenha a sua responsabilidade para dizer aquilo que é mais provável o inimigo fazer: atacar; defender; reforçar; retrair etc. E, para isso, é preciso um estudo mais aprofundado, onde, muitas vezes, faltam elementos. Daí, surgem discussões entre essas seções, normais e comuns em todos os exércitos.

Mas é também, indiscutível, que os homens que trabalham na guerra são vaidosos. Eu diria que o Chefe do Estado-Maior da FEB era um homem muito culto mas, talvez, lhe faltasse um pouco de modéstia. Sua função não era comandar o Estado-Maior, muito menos a Divisão; competia-lhe coordenar o trabalho das seções, que já era uma responsabilidade grande. Assim, só deveria interferir naquilo que realmente precisasse de coordenação. Por conseguinte, seu trabalho meio que desaparece diante da predominância de uma 3ª ou 2ª ou 4ª Seções. Não é possível querer centralizar as atividades porque isso não se coaduna com a natureza das operações conduzidas pelo Estado-Maior. É um exemplo em que a vaidade impediu o bom funcionamento do Estado-Maior. Vou citar outro exemplo. Havia um interesse muito grande do Quartel-General, basicamente a 2ª Seção, de tomar conhecimento, de imediato, quando fosse feito um prisioneiro, para iniciar seu interrogatório sem perda de tempo. Pois bem, acontecia um jogo de vaidades prejudicial a esse intento e que era o seguinte: as comunicações na Artilharia são vitais para o cumprimento de sua missão. A Bateria não atira sem ligação – telefônica ou rádio – com a Central de Tiro do Grupo que, por sua vez, necessita da orientação da Artilharia Divisionária. Quando se encontraram falhas na Artilharia era por causa das comunicações, tornando-se, pois, uma preocupação permanente do artilheiro mantê-las. Ao contrário, o infante, pelo tipo de atuação, não têm necessidade de estar informando, a toda hora, se o tiro foi curto ou longo; se a granada explodiu mais à esquerda ou à direita do alvo. Ele está olhando o terreno à sua frente, avançando, fazendo prisioneiros, mas sem as comunicações tão rápidas com a retaguarda. Essas eram feitas através do observador avançado de Artilharia, que acompanhava o combate do infante. Logo, a 2ª Seção tomava conhecimento da existência de prisioneiros pelo rádio ou telefone

do artilheiro e o Comandante do Regimento ou Batalhão de Infantaria ficava chateado, porque quando ele mal chegava o E2 já estava perguntando: "Mas, vem cá! Vocês ainda não mandaram esse prisioneiro". Eles nem haviam comunicado a prisão e a retaguarda já sabia. Apesar de não causar prejuízo, a vaidade impôs a criação de uma artimanha: quando se fazia um prisioneiro, escondiam-no do artilheiro. Pura vaidade de querer chegar na frente do outro.

Alguns problemas foram inerentes ao funcionamento da cadeia de comando. Vou contar um fato: as 2ª e 3ª Seções ficavam próximas, no fundo de um corredor; a minha Subseção era próxima à 2ª Seção, numa sala separada. Numa daquelas madrugadas de trabalho percebi que os alemães tinham limpado, isto é, retirado a neve que estava dentro das trincheiras, anteriormente já localizadas, do espigão de Soprassasso. Esse morro era um ponto avançado inimigo, uma verdadeira cunha dentro das nossas linhas. Isso para mim significou que o inimigo tinha mudado o seu pensamento quanto à ocupação daquela posição e que poderia gerar conseqüências. Como o Chefe da 2ª Seção e o Major Hugo de Mattos Moura, seu assessor imediato, tinham saído em reconhecimento, peguei aquelas fotografias e fui mostrá-las a 3ª Seção, a um oficial que tinha sido meu instrutor e considerava-o como amigo, o Major Newton Castello Branco Tavares. O Newton olhou-as e achou formidável e deve ter ido mostrar ao Coronel Humberto de Alencar Castello Branco, Chefe da Seção, ou outra providência que não tive conhecimento. Passou-se o tempo, mais tarde, fui advertido pelo meu chefe porque não devia levar uma informação a 3ª Seção sem antes comunicá-lo. São acidentes de percurso. Mas a natureza técnica da minha atividade exigia mais liberdade no relacionamento. Ganhei tempo, mas a cadeia de comando não aceita.

Quanto ao meu trabalho de foto-intérprete, ainda não citei isto, correspondia a interpretar cerca de quatrocentas a quinhentas fotografias que nos enviavam todos os fins de tarde. Naturalmente, como a informação que eu tinha que colher deveria estar disponível à nossa tropa com oportunidade, trabalhava à noite. Portanto, se me procurassem no QG durante o dia, encontrar-me-iam dormindo, exceto nos momentos em que tinha necessidade de levar as informações, pessoalmente, para as Unidades da frente.

O que mais me impressionou na campanha da FEB foi a adaptação do miscigenado homem brasileiro ao combate real da guerra. Ele chegou despreparado e bisonho e, no fim da guerra, era um combatente experimentado. Comparado aos soldados aliados, não tinha nada para perder; venceu os preconceitos iniciais, conforme pode ser atestado pela declaração do Comandante do IV Corpo de Exército, General Willis D. Crittenberger, em alto e bom tom no seu Posto de Comando, após a vitória de Montese:

"Ontem, apenas uma Unidade me deu satisfação: foi a 1ª Divisão de Infantaria Expedicionária brasileira, que nos mostrou como conquistar uma localidade."

Não vamos nos ufanar nem tão pouco denegrir-nos. Estávamos no meio. Podíamos ser comparados às Divisões americanas: melhores do que umas, pouco deficientes em relação a outras; mas cumprimos todas as missões que nos foram impostas.

Gostaria de fazer uma referência especial, naturalmente, fixando-me nos homens com os quais estava trabalhando ou convivendo. Destaco, de início, o próprio General Mascarenhas de Moraes. Tive oportunidade de servir com ele três vezes: na Escola Militar do Realengo, quando estava introduzindo uma nova mentalidade no Exército; depois, na Artilharia Divisionária (AD) – eu no 1º Regimento de Artilharia Montada e ele comandando a AD; e na FEB. Sempre atuou da mesma maneira, com dignidade e energia. Possuidor de pequena estatura, sua altura moral era imensa. No comando da Divisão brasileira, houve um momento em que se agigantou, quando resolveu assumir o controle das operações, a partir, inclusive, do ataque vitorioso de Monte Castelo. Até então, o Grupamento Tático que tinha combatido no Vale do Rio Serchio e os ataques malogrados a Castelo estavam diretamente subordinados ao IV Corpo de Exército americano. A Divisão brasileira, quando atacava esse morro, era no contexto de uma operação centralizada, portanto, o enquadramento a essa Grande Unidade era natural; infelizmente, ocorre isso. Mas, de repente, ele disse: "Não! Agora, vou fazer como eu quero, como eu acho que deve ser feito". Passou a estar mais presente na frente de combate, junto ao soldado, porque não era um homem temeroso. Tornou-se querido da tropa e todos o conheciam. Não era de grandes manifestações vocais, tipo gritar com os soldados ou qualquer coisa semelhante; era um homem que estava lá, presente, e pareceu-me um grande Comandante.

Outro elemento que destaco é o Coronel Humberto de Alencar Castello Branco. Foi um Chefe de 3ª Seção espetacular. Era daqueles que iam à frente de combate. Quando houve aquele problema no Batalhão do Major Jacy Guimarães, do 11º Regimento de Infantaria, que entrou em linha ainda inexperiente de combate, à noite, e diante de um golpe de mão do alemão, deixou-se dominar pelo pânico e retraiu; ele, o Coronel Castello Branco, ao tomar conhecimento, deslocou-se com a rapidez que era possível, colocando-se no centro do problema, buscando "agüentar" o retraimento daquela tropa. Em Montese, por coincidência, fiquei destacado ao lado do seu observatório, uns vinte a trinta metros de distância, e pude ver e perceber sua atuação no desenrolar do ataque, que foi um sucesso.

Devo destacar, ainda, o Coronel Amaury Kruel, Chefe da 2ª Seção do Estado-Maior da Divisão brasileira. Fiz uma referência, nessa entrevista, que poderia parecer que o Kruel estivesse brigando com o Castello, o que não é verdade. Conforme

afirmei, é natural que haja a troca de pontos de vista entre estas duas seções. Entretanto, ele dedicava-se profundamente ao desempenho de sua missão. Seus estudos sobre o inimigo eram tão bem elaborados – o Adjunto da Seção, Major Mattos Moura, falava alemão, se não estou enganado – que havia comentários do tipo: “parece que eles estão comandando a tropa alemã”, tal o conhecimento e as possibilidades que eles atribuíam ao inimigo.

Bem, ainda poderia falar do “velho” Senna Campos, Chefe da 4ª Seção, com o qual fui trabalhar, depois do término das operações, para ajudar a preparar o material para o embarque. Um homem tranqüilo, organizado e que fazia tudo com correção.

Agora, se você quiser que eu cite mais um homem, colocaria... Sabe quem? O Tenente Eurico Capitulino, auxiliar direto do Mascarenhas. Nessa época, tenho a impressão que era sargento. Era um homem dedicado ao seu Comandante, com uma fidelidade igual à de um cão. Merece uma citação.

A respeito da utilização da propaganda, devo dizer que não vi muita. Havia uns alto-falantes posicionados na frente de combate e voltados para o lado inimigo, transmitindo mensagens em alemão, com o intuito de quebrar o seu moral. Também, foram lançados alguns panfletos sobre nossas tropas. Nunca participei dessas operações psicológicas, mas sabia que havia.

No avanço para o Norte da Itália, a tropa brasileira apreendeu panfletos que não chegaram a ser lançados. É, talvez, um exemplo de tema contraproducente e, por isso, provavelmente, não surtiria o menor efeito.

Agora, nós fizemos uma operação que foi jogar para o lado alemão salvo-condutos, com as granadas de artilharia, aconselhando-os a atravessar a linha e renderem-se, que seriam bem recebidos. Ao contrário, nós sofremos mais a propaganda pelo rádio – chamado canal Auriverde – que começava assim: “essas são as últimas notícias” e vinha contando coisas desfavoráveis.

Meu contato com os Observadores Aéreos de Artilharia da 1ª Esquadrilha de Ligação e Observação (1ª ELO) foi ocasional. As missões da ELO eram atribuídas pela Artilharia Divisionária(AD) que selecionava os objetivos situados fora das vistas dos observadores terrestres, através das fotografias aéreas. Na preparação de Artilharia desencadeada no início da ofensiva da primavera, a AD pediu-me que desse dez alvos para que fossem atacados pelos fogos dos obuses, todos além dos campos de vistas dos observatórios terrestres e do observador avançado. Então, quem poderia conduzir o tiro sobre esses alvos era o observador aéreo. Se não me engano, foi o Elber de Mello Henriques quem os conduziu e, depois, perguntei-lhe: “Como foram os tiros?” Ele me respondeu: “Werner, uma daquelas casas que você mandou bombardear... saía alemão pela janela!”

A explicação para a surpresa é simples. Enquanto eles olhavam a casa e não viam nada, a não ser a própria edificação, portanto sem nenhum motivo para se tornar um alvo, eu percebia que a mesma estava ocupada por tropa alemã pela intensidade das pistas existentes, comparada com uma casa onde residisse uma família italiana. Era a vantagem da fotografia aérea. Posso, infelizmente, ter concorrido para a morte de algum italiano... Mas, é a guerra.

Quando a guerra terminou, a grande alegria da vitória foi sentida dentro de cada um. A minha sensação é que tinha sido a última guerra. Uma ilusão idiota. Embora não vivesse muito preocupado, por minha própria natureza, mas o término da guerra significava o advento de um período de paz e foi, então, uma satisfação íntima muito grande. Aqueles que estavam na frente de combate devem ter tido uma enorme emoção, porque foram vitoriosos. Para mim, devo dizer, a guerra foi acabando devagar, chegando ao término quando menos esperava. Não tive muito tempo de comemorar. Num almoço em regozijo pela vitória, em 13 de maio de 1945, em Alessandria, promovido pela Divisão brasileira, já recebia nova missão. Eu fora cedido para a 4ª Seção a fim de ajudar nos preparativos com a finalidade do retorno ao Brasil. Mas, em Nápoles, para onde fui, minha missão era despachar o material específico do Quartel-General. Eu estava, numa espécie de oficina, com uma equipe de soldados, embalando, etiquetando e identificando o material que chegava, mais ou menos, já organizado. Foi dessa maneira que vieram, inclusive, as minhas fotografias.

O retorno da Paz era o término, também, de todas aquelas vicissitudes por que passava o povo italiano. Já disse várias vezes e repito: a maior alegria na minha volta ao Brasil, naturalmente além de encontrar os meus pais e os irmãos, foi ver uma padaria iluminada, cheia de pães, bolos e doces. Isso me causou um impacto fantástico: “Que felicidade tem o Brasil com estas lojas abertas, em funcionamento!” Na Itália, as prateleiras das padarias estavam vazias, sem coisa alguma.

No regresso ao Brasil, diria que havia dois fatos que concorriam de modo desfavorável para se obter esta valorização da FEB. Um deles é que ela tinha ido combater o nazismo e, por isso mesmo, trazia embutida a idéia da liberdade; e o governo do Getúlio era democrático, com um executivo forte – uma ditadura meio disfarçada – e disso ele tinha receio.

Eu não vim com o 1º escalão que, segundo consta, foi recebido com todas as honras, desfilando pela avenida com o povo presente. Os demais escalões não tiveram essa recepção e foram desfeitos de imediato e mandados para casa. Lembro-me que tomei uma condução e fui para a minha casa; não entrei em desfile de espécie alguma.

Agora os ensinamentos. Ah! Os ensinamentos vieram! Através de quem? Dois anos depois, fui para a Escola de Estado-Maior (EsCEME) e, quem estava lá ministran-

do aulas? Castello Branco. Era o Diretor de Ensino, depois passou a ser o Comandante. Ele reunia os alunos capitães, majores e, alguns até, tenentes-coronéis antigos, naquele auditório e lhes falava sobre cada tipo de operação: ofensiva e defensiva, citava os princípios e suas peculiaridades. Aprendemos tudo aquilo que ele tinha feito com a tropa. As aulas eram magníficas. Naturalmente, na Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais (EsAO) aconteceu coisa idêntica, porque a mesma "bebia" os ensinamentos difundidos na EsCEME.

Finalmente, é bom que se estude, com profundidade, a atuação da FEB, porque, com certeza, irá fornecer grandes ensinamentos, quer nos acertos quer nos erros, talvez, mais nesses últimos. Vejam que não falo em revezes, que dá uma impressão de derrota, porque a FEB não os sofreu; encontrou dificuldades e não reveses.

Mostrou-nos a rápida adaptação de nossa gente ao combate, passando a atuar com muita pertinácia e hombridade. São exemplos o sargento Wolf, aqueles dezessete de Abetaia, que ficaram lá mortos como se estivessem saindo para um ataque a uma posição fortificada alemã, o vencedor solitário do Monte Castelo, aquele que chegou ao cume, e foi abatido, e lá ficou seu corpo, até a vitória final. Mas, essa guerra acabou há mais de meio século.

É fundamental estudar a guerra do futuro, sem abandonarmos, em particular, as guerras do Vietnã, do Golfo e outras que possam interessar ao Brasil como potência emergente que somos. De vez em quando a gente desanima, mas não se esqueçam de que há pouco tempo éramos a 8ª potência do mundo. Agora, anda pela 10ª posição, mas chegaremos lá, de novo.

O Exército já está na Amazônia, na selva, mas há uma imensa fronteira terrestre, marítima e aérea a defender.

Temos que nos dedicar muito, também, ao futuro.

Muito obrigado.

General-de-Exército
Heitor Furtado Arnizaut de Mattos*

Natural da Cidade de Salvador, Bahia, pertence à turma de maio de 1937, da Escola Militar do Realengo. Na guerra, entre novembro de 1944 a 4 de abril de 1945, comandou a 7ª Companhia de Fuzileiros e depois, a Companhia de Petrechos Pesados, ambas do III/1º RI (Regimento Sampaio). Por três turnos sucessivos de oito meses cada, no período de março de 1953 a fevereiro de 1955, foi instrutor da Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais, e de dezembro de 1957 a fevereiro de 1959, da Escola de Comando e Estado-Maior do Exército. Em 1964, foi promovido a Coronel. De julho de 1964 a outubro de 1966, comandou o Batalhão de Polícia do Exército de Brasília. Cursou, no ano de 1967, a Escola Superior de Guerra. Em julho de 1971, foi promovido a General-de-Brigada. Nos anos de 1972-73, comandou a 6ª Brigada de Infantaria Blindada, com sede em Santa Maria, RS. Como General-de-Divisão, de junho de 1977 a janeiro de 1979, foi Comandante Militar do Planalto e 11ª Região Militar. Em 1981, foi promovido ao posto de General-de-Exército. Neste posto, de setembro de 1981 a setembro de 1983, comandou o IV Exército, em Recife. Passou para a reserva em 1983. Tradutor do livro *Estratégia da Ação*, do Gen Beaufre, Editora Bloch, 1968-69. Recebeu as seguintes medalhas e condecorações pela sua participação na Segunda Guerra Mundial: Cruz de Combate 2ª Classe; Medalha de Campanha; e Medalha de Guerra.

---

* Comandante da 7ª Companhia de Fuzileiros e Comandante da Companhia de Petrechos Pesados do III/1º Regimento de Infantaria, entrevistado em 25 de maio de 2000.

No início da guerra, o governo brasileiro se comportava, favoravelmente, aos regimes chefiados por Mussolini e Hitler. Mais tarde, adotou uma atitude de neutralidade. Forçado pela vontade do poder do povo, revoltado pelas ações agressivas contra nossos navios desarmados, a maioria torpedeados, sacrificando passageiros e tripulantes brasileiros, e outros, atacados por metralhadoras de aviões do Eixo, no Mar Mediterrâneo, o governo foi obrigado a atendê-lo, passando para o estado de beligerância contra o nazi-fascismo.

Daí, a mobilização para a defesa do litoral e das ilhas oceânicas e a criação da Comissão Mista de Defesa Brasil-Estados Unidos, fruto do acordo de 23 de maio de 1942.

A par com os acontecimentos nacionais, o Japão atacou Pearl Harbor, prolongando a sua ação ofensiva à Filipinas e à China, dando azo para que, praticamente, todo o universo fosse envolvido e definida as duas facções: Inglaterra, França, Rússia e os Estados Unidos de um lado; Alemanha, Itália e o Japão, os grandes agressores, do outro lado. Com a Itália, também estava o Norte da África. A América, como um todo, visando ao pan-americanismo, consolidou a integridade continental nas conferências de Havana, Rio de Janeiro e Buenos Aires.

Ao ser indicado para o Corpo Expedicionário, servia no 7º Regimento de Infantaria (7º RI), em Santa Maria, no Rio Grande do Sul, como Primeiro-Tenente. Fui promovido a Capitão-comissionado e designado para realizar um curso em Forte Benning, escola de Infantaria localizada na Geórgia, Estados Unidos. Concluído, retornei ao Brasil, indo para o Batalhão de Recompletamento, com sede em Caçapava, São Paulo, pois a Força Expedicionária prevista com três divisões de Infantaria, a essa altura, fora reduzida para somente uma.

O Batalhão dispõe de um efetivo fixo para a sua administração e um variável de militares que são instruídos para, numa eventualidade, preencherem os claros que possam ocorrer nas unidades expedicionárias. Mais tarde, fomos deslocados para a Vila Militar, no Rio de Janeiro, e, numa segunda etapa, fui passado à disposição, junto com outro Capitão, do 1º RI (Regimento Sampaio).

Meu destino foi ficar adido à 2ª Companhia, comandada pelo Capitão José Barreto de Oliveira, meu amigo. Eu me sentia à vontade porque, além do Barreto, encontrei antigos companheiros de caserna.

Nessa época de guerra, qualquer informação que pudesse indicar o momento do embarque era passível de chegar aos ouvidos inimigos, através de espiões. Estávamos sempre prontos para a viagem, mas nenhuma medida era tomada que pudesse indicar a proximidade desse fato, nem mesmo em casa. Mas, o Comandante do I/1º RI, ao informar o seu efetivo para a guerra, trocou o meu nome por outro Capitão reserva de comando de subunidade. Como só era possível embarcar um Capitão,

nessas condições de reserva, por batalhão, não aceitei o fato e fui falar com o Comando do Regimento. Alegando que tinha sido aspirante na Unidade, que havia realizado um curso específico para a guerra, ser o mais moço, possuir o curso de Educação Física e ser solteiro, deveria ir para a Itália com o Sampaio. O Comandante, Coronel Aguinaldo Caiado de Castro, mandou que eu falasse com o Chefe da Seção de Pessoal, Capitão Moziul Moreira Lima, e acabei, não sei se devido aos meus argumentos, embarcando com o I/1º RI. A primeira batalha foi vencida.

Na condição de reserva de comando de companhia, fui escalado para o serviço de compartimento (alojamento). Era responsável pela limpeza e controle do pessoal – organização, disciplina, atendimento em caso de enjôo etc. Diariamente, se não estou enganado, era anunciado o compartimento mais deficiente quanto à limpeza, que era uma questão muito exigida, também, em todo o navio. Era, terminantemente, proibido atirar qualquer objeto no mar, para não deixar rastros para os aviões e submarinos inimigos. Quem estivesse de serviço, tinha direito a três refeições: café da manhã, almoço e jantar. O restante da tropa só se alimentava duas vezes ao dia. Tripulação e pessoal embarcado eram obrigados a usar o salva-vidas em qualquer situação. Havia vários treinamentos de abandono de navio. O banho era com água "mais ou menos" salgada. Na metade da viagem, houve a substituição do pessoal de serviço e passei, então, a receber duas alimentações diárias.

Em Gibraltar, nossa escolta, que nos acompanhava desde o Rio de Janeiro, passou a missão para outros navios que pertenciam ao serviço do Mediterrâneo. Houve uma cerimônia de despedida empolgante, particularmente dos navios brasileiros que faziam parte dessa escolta, que nos deixava. Após 14 dias de viagem, o navio *General Mann* atracou no porto de Nápoles.

Quando os pranchões recolheram o lixo do navio, diversos garotos italianos remexiam-no, em busca de algo que servisse. No cais, foram servidas refeições, podendo repetir quantas vezes desejasse, o que satisfez àqueles que comeram pouco na viagem ou que passaram mal; alguns foram além do normal e tiveram problemas. Outros, aproveitaram a escala para caminharem no cais, pois, no convés cheio do navio, não fora possível. De Nápoles, embarcados em lanchas tipo infantaria, para desembarque, chamadas *Landing Craft Infantry (LCI)*, com capacidade para duzentas pessoas, seguimos para Livorno. O Mar Tirreno estava revolto, e essas barcaças "jogavam uma barbaridade, só não deram cambalhotas". As trombas d'águas proporcionaram um belo espetáculo, com suas imensas colunas, sugadas do mar, para depois se desfazerem sobre ele.

No Porto de Livorno havia muitos balões de proteção antiaérea. Desembarcamos e seguimos, em comboio de caminhões, para o acampamento montado na Tenuta di San Rossore, antiga fazenda dos reis da Itália. Lá chegando, fomos distribuídos

pelas barracas de dez praças. Esse acampamento em tudo se assemelhava aos de tempo de paz, com as barracas alinhadas, as cozinhas de um lado da estrada e a tropa do outro, fossas para detritos etc.

Meu objetivo era ser incorporado ao Regimento Sampaio, mas continuava na situação de adido, pertencendo, efetivamente, ao Batalhão de Recompletamento do Major Zacarias Xavier Muller, com um leque de possibilidades bem desfavoráveis. Não demorou e fui designado para o comando da 5ª Companhia do II/6º RI, que ocupava posição na célebre Torre de Nerone. O comandante dessa Companhia não gozava da simpatia do General Zenóbio da Costa, Comandante da Infantaria Divisionária (ID), por problemas havidos, ainda, no Brasil. Achei que não era justo substituí-lo sem um motivo plausível, acrescentando-se que o Oficial em questão era um companheiro de turma da Escola Militar. De qualquer modo, fiquei aguardando a definição do comandante do Batalhão, hospedado na 6ª Companhia, porque o meu companheiro reagia à sua substituição. O General Zenóbio comparece à posição e, após conversar com o Oficial, autorizou a sua permanência. Ao embarcar em seu jipe, no término de sua visita à posição, me viu e perguntou onde eu queria servir. Respondi-lhe: “Em qualquer posição de Capitão, na Itália”; ele, a seguir, disse: “O Capitão S1 (Chefe da 1ª Seção, de Pessoal) do Regimento Sampaio sofreu um acidente de jipe e fraturou o maxilar; o senhor se apresente ao Regimento, agora.”

Não desejando mal ao companheiro, vibrei por poder servir no 1º RI e segui para o local onde estava estacionada a Unidade. Nessa época, o regimento estava pronto para entrar em linha, dentro de poucos dias, no dispositivo da Divisão brasileira. Em lá chegando, tomei conhecimento que a função de S1 fora ocupada pelo Capitão José Bienhachewski, que, assim, deixara vago o comando da 7ª Companhia de Fuzileiros, que, então, passei a exercer. Dois dias depois, na noite de 23 para 24 de novembro de 1944, a minha nova Subunidade foi substituir a 5ª Companhia do 6º RI, em Torre de Nerone, posição que acabara de visitar.

Apesar das recomendações de sigilo e silêncio, o movimento foi pressentido e houve forte bombardeio de artilharia e morteiros alemães, mas a Companhia permaneceu em posição, reagindo com determinação. Foi o batismo de fogo, inusitado, porque não tivemos, no resto da campanha, situação tão crítica e inquietante. Foi uma terrível noite de estréia; ao clarear do dia, reajustada a situação, pudemos observar vários alemães caídos na frente da posição.

Após essa reação violenta inimiga, seguiram-se dias menos intenso de bombardeio da parte da Artilharia alemã. Em 8 de dezembro de 1944, o II/6º RI voltaria a ocupar as posições que nos havia entregue, cerca de 17 dias antes. Nessa substituição, o Comandante da Companhia de Obuses do Regimento, Capitão Mário Márcio,

muito bom atleta, ocupou a mesma cama que eu usava, quando, num bombardeio, foi atingido, vindo a fraturar vários ossos. Foi evacuado para a retaguarda e acabou casando com a própria enfermeira que o tratou, americana, e morreu este ano, nos Estados Unidos, onde se radicou e formou uma numerosa família.

Deixando a posição de Torre de Nerone, chegamos ao acampamento designado para o nosso III/1º RI, em Silla, vilarejo próximo ao Rio Reno. A ponte, ali existente, estava ao alcance dos canhões de 88mm dos carros-de-combate alemães, que mantinham sistemático fogo de interdição. Os americanos provocavam, através de uma companhia especial, o surgimento de cortinas de fumaça, uma espécie de nevoeiro artificial, para dificultar a observação dos alemães. Os soldados diziam que era operada – a companhia de geradores de fumaça americana – pelo "gordo e o magro", aqueles dois cômicos da televisão e cinema americanos.

Passados poucos dias, recebemos a missão de participar daquele último ataque infrutífero ao Monte Castelo, de 12 de dezembro de 1944. Nesse combate, gostaria de chamar a atenção para um detalhe importante. Começamos o ataque, isto é, ultrapassamos a linha de partida na hora certa, à noite, e como estava escuro, progredíamos mais cerrados, o que é normal entre os infantes, para não perderem a ligação e a coesão. Quando clareou ficamos completamente indefesos contra os alemães, ou seja, o problema foi que, quando acabou a escuridão e sem a cerração artificial, ficamos expostos às metralhadoras inimigas. O que desejo lembrar é a importância daqueles horários de início da luminosidade do dia, que constam dos estudos de situação. Não percebemos o seu valor e sofremos muitas baixas.

O Comandante do III Batalhão, diante das resistências inimigas e o perigo que representava os flancos, particularmente, o direito, onde o alemão atuava fortemente, solicitou autorização ao Regimento para retrair, que o atendeu. Nessa ocasião, solicitei para continuar, visto que o sacrifício despendido para chegar até aquelas posições tinha que ser aproveitado e seria mais fácil prosseguir na subida do morro. Entretanto, sem o apoio mútuo de outras frações, não seria possível.

No ataque vitorioso de 21 de fevereiro de 1945, em Monte Castelo, houve a participação da 10ª Divisão de Montanha, americana, pessoal excepcional, que, com mochilas especiais, escalaram um paredão e atacaram os alemães no alto das elevações. O I/1 RI atuaria ao lado dos montanheses, na continuação para Monte Della Torraccia. Nosso uniforme, de cor verde, se parecia com o do alemão e confundiu os americanos, que, mais de uma vez, nos atacaram e foram revidados. No combate de 12 de dezembro, anterior, nós usávamos um capote americano, de modo que não houve possibilidade de confusão, como aconteceu agora. São fatos, cujos ensinamentos devem ser aproveitados.

Em fevereiro, o ataque de meu Batalhão foi diferente dos executados pela 10ª Divisão de Montanha e o 1º Batalhão. Enquanto essas duas Unidades apoiavam-se mutuamente, no meu subquarteirão não era possível receber apoio dos flancos e nem prestar auxílio às tropas vizinhas, porque estávamos numa espécie de socavão. Outro aspecto prende-se ao terreno suave da frente do I/1º RI, diferente da minha região, que era compartimentada. Os *fox holes* dos alemães, seus abrigos individuais na minha frente, eram muito bem situados. Nesse quadro, quando se deu o ataque, o inimigo ficou em situação difícil diante das duas Unidades citadas, mas, no nosso ataque limitado, eles "deram paulada" na gente.

Um fato bem típico da criatividade brasileira foi a atitude tomada pelo nosso soldado com relação à proteção dos pés diante do rigoroso inverno. Usaram o galochão no lugar do coturno e preenchia os espaços com feno para evitar a umidade. Não lembro de ter acontecido qualquer caso do chamado "pé-de-trincheira" entre os soldados brasileiros. Os americanos sofreram com esse problema e, ontem mesmo, eu assisti a um filme, na televisão, em que uma patrulha americana estava sofrendo desse mal.

Nós só fomos receber o armamento no acampamento de San Rossore. Um fato curioso é que meu instrutor de armamento na Escola Militar do Realengo, Tenente Lauro Alves Pinto, nos demonstrou a precariedade das metralhadoras refrigeradas a água, que, se atingidas, perdiam a capacidade de resistir à quentura do cano. Na guerra, recebemos esse tipo de metralhadora.

Nosso soldado não era "super-homem", mas "topava a parada". Podia errar, mas isso só acontecia em percentual pequeno, e o reconhecimento do nosso valor e coragem veio do próprio adversário, que colocou uma placa elogiando o comportamento de três brasileiros, que eles abateram, com os dizeres "aqui jaz três bravos brasileiros".

Quando não havia tiro, nosso pessoal "dava sopa"; até jogava futebol, fazia uma "peladinha" rápida, aconteceu mais de uma vez, apesar de todo o problema da frente de combate.

O relacionamento do soldado com a população foi muito bom, pela facilidade de fazer amizade e, depois, de conquistar as italianas, também. Elas passavam a mão nos crioulos para ver se tiravam a cor de suas peles.

Em Porreta Terme, havia hospital para prestar o apoio de saúde aos feridos da guerra. Contava com enfermeiras brasileiras, sempre muito dedicadas, lideradas pela Olímpia Camerino.

Sobre o inimigo, destaco o fato de haver soldados de outros países, conquistados pelos alemães, que lutavam ao seu lado, como, por exemplo, os poloneses, além, é claro, dos italianos. Havia, também, grande número de espiões remunerados. Seus abrigos de campanha – os *fox holes* – eram muitos bem feitos e com locais para descan-

so, como beliches. Seus contra-ataques eram realizados por tropas especiais para esses casos e, portanto, poderosas e fortes.

Ainda no maciço de Monte Castelo fui designado para o comando da Companhia de Petrechos Pesados (CPP3), cabendo ao Capitão Ednardo D'Ávila Melo assumir minha antiga Subunidade. Essa CPP3 não atuava em conjunto, cada pelotão atirava em benefício de uma determinada Companhia. Houve uma oportunidade, em Torre de Nerone, que, por sugestão do Tenente Lydio Mazza Kotarsky, Subcomandante da CPP3 na ocasião, foram, então, grupadas em um pelotão todas as metralhadoras calibre .50 das companhias, e surtiu efeito.

Com relação ao apoio logístico, me chamou atenção o desperdício americano. Quando se deslocava para posições mais à frente, deixava, abandonado, o material, inclusive munição. Nós, acostumados a economia, não procedíamos dessa maneira. Quando a substituição era de tropa americana, nós aproveitávamos a munição que eles deixavam. Um fato que acontece é que muito material, que um combatente leva para um ataque, acaba sendo deixado na base de partida para facilitar seu movimento. Além disso, existe o pessoal que baixa. No fim, temos que deixar alguém tomando conta desse material.

Quanto ao desempenho de nosso pessoal, não gostaria de destacar companheiros, porque se o fizesse estaria sendo injusto com os demais. Todos colaboraram e fizeram o que era possível. Talvez, em certas oportunidades, pudesse haver alguém que sobressaísse, mas, de um modo geral, todos foram valorosos. Houve, isso aconteceu, pessoas que tentaram iludir, afirmando que fizeram algo... Em Torre de Nerone, no nosso batismo de fogo, quando os Pelotões estavam em posição, nós tivemos que insistir para que levassem mais granadas. De outra vez, o Pelotão não queria seguir por determinado lugar. No fim, atendiam e faziam direito. Essas reações acho que são naturais.

A respeito da propaganda, a chamada guerra psicológica, o alemão foi atuante. Entre várias mensagens com o mesmo objetivo de desestabilizar o combatente, havia a insinuação de que estávamos sendo traídos pelas mulheres no Brasil.

A recepção à FEB, quando de seu regresso, foi com muita homenagens, para o primeiro escalão, diminuindo a intensidade das mesmas à proporção que os demais escalões desembarcavam. Os últimos quase não tiveram homenagens. Dentro do Exército, a recepção foi péssima, essa foi a nossa impressão. Os companheiros que não foram à guerra procuraram diminuir a projeção dos ex-combatentes. Outro fato que repercutiu, desfavoravelmente, foi a maneira imediata com que os "febianos" que não pertenciam à ativa foram licenciados.

Ao ensejo do término desta entrevista gostaria de apelar às autoridades para que pensem no destino que deve ser dado ao acervo da FEB, distribuído por todo o Brasil, nas Casas da FEB, para que suas tradições sejam preservadas.

General-de-Exército Sebastião José Ramos de Castro*

Natural da Cidade do Rio de Janeiro – RJ, pertence à turma de 1º de março de 1943 da Escola Militar do Realengo. Na guerra, integrou no posto de 2º Tenente o Depósito de Pessoal da FEB (Recompletamento do Esquadrão de Reconhecimento), sendo posteriormente designado para a Seção de Inspeção do QG da 1ª DIE. Teve as seguintes promoções: 2º Tenente, em 25-09-1943; 1º Tenente, em 25-03-1945; Capitão, em 25-03-1948; Major, em 25-07-1954; Tenente-Coronel, em 25-04-1962; Coronel, em 25-08-1966; General-de-Brigada, em 25-11-1974; General-de-Divisão, em 25-11-1979; General-de-Exército, em 31-03-1984. Realizou, durante a sua carreira como Oficial, os cursos de Motomecanização (EsMM), de Aperfeiçoamento de Oficiais (EsAO), Comando e Estado-Maior (ECEME), Comando e Estado-Maior do Exército dos Estados Unidos, Estado-Maior e Comando das Forças Armadas (ESG) e Administração para a Defesa (Universidade de Pittisburg – EUA). Dentre as principais comissões exercidas destacam-se: Instrutor da Escola de Comando e Estado-Maior do Exército, Chefe da 6ª Seção (Orçamentação) do Estado-Maior do Exército, Comandante do Regimento Andrade Neves, no Rio de Janeiro, Adido do Exército junto à Embaixada do Brasil na Argentina, Comandante da 5ª Brigada de Infantaria Blindada, em Ponta Grossa-PR, Comandante da 3ª Região Militar, em Porto Alegre-RS, Comandante da 3ª Divisão de Exército, em Santa Maria-RS, Vice-Chefe do Departamento de Material Bélico, em Brasília e Comandante Militar do Sudeste, em São Paulo-SP. Recebeu a Medalha de Campanha e a Medalha de Guerra por sua participação na Segunda Guerra Mundial.

---

* Adjunto da Seção de Inspeção do Estado-Maior da 1ª Divisão de Infantaria Expedicionária, entrevistado em 10 de julho de 2000.

Preliminarmente, cabe-me dizer que não participei diretamente de operações de combate, e o meu observatório era muito restrito, pois o foi de estudante até o de 2º Tenente.

Entretanto, tudo aquilo que me for possível responder com certa exatidão, eu o farei com o máximo de prazer. Pretendo fazer uma breve exposição sobre a primeira e segunda fase que constituem parte das indagações feitas.

Quando a guerra teve início, eu tinha 17 anos de idade; terminei o Colégio Militar em 1938, procurei ingressar na Escola Militar do Realengo, mas não cheguei a fazer nenhum exame intelectual porque fiquei reprovado no exame de saúde, por não ter peso correspondente à altura. Então, em 1939 eu me dedicava inteiramente aos estudos para fazer de novo o exame para a Escola Militar do Realengo. Foi o ano justamente que eclodiu a guerra.

O que se sabia da guerra naquela época como estudante, era o que se lia em jornais, ouvia-se no noticiário radiofônico, ou quando se via em documentários nos cinemas, sobre a guerra, pois não havia televisão. Além disso, existia uma convicção generalizada de que o Brasil nada tinha a ver com essa guerra, o mesmo iria se manter neutro e que a guerra não seria uma coisa que afetasse o País.

Prestado o exame para a Escola Militar, fui aprovado e na mesma ingressei em 1º de abril de 1940, terminado em março de 1943. Com relação à guerra, na Escola Militar do Realengo, havia uma divisão de opiniões, uma parcela de cadetes que era inteiramente favorável aos aliados e uma outra, aos alemães.

O interessante é que havia um grupo não muito numeroso, mas fanaticamente defensor da Alemanha nazista. Esse grupo, depois veio a se comprovar após a conclusão do curso, já era adepto da ideologia marxista-leninista. Isso ficou demonstrado, no dia em que a União Soviética foi invadida pela Alemanha. No dia seguinte ao da invasão, eles mudaram de defensores da Alemanha, para ardentes defensores dos aliados. Essa turma, uma vez saindo oficial, esforçou-se conscientemente para participar da Segunda Guerra Mundial, integrando a FEB ou o Grupo de Caça, e diga-se de passagem, alguns se destacaram por suas ações, porque foram combatentes de valor.

Eram evidentes, entretanto, as simpatias que as autoridades militares e civis do Brasil tinham em relação à Alemanha nazista. Entre os cadetes, como se não bastasse a admiração que despertavam os êxitos da máquina militar alemã, havia também uma intensa propaganda em favor daquele país, dentro da própria escola, conduzida pelo comando. Assim por exemplo; num belo dia, todo o Corpo de Cadetes foi levado ao cinema, apelidado pelos cadetes de “milímetro”, em contraposição ao Metro Passeio que era um cinema da cidade do Rio de Janeiro. O filme tratava das experiências vividas na guerra civil espanhola; após algumas cenas iniciais de com-

bate, em seguida, passou a ser feita uma propaganda terrível do nazismo, de Hitler e de Mussolini. Nesse ponto, houve a eclosão de uma vaia fabulosa dentro do cinema, e estavam presentes autoridades alemães, inclusive o adido militar alemão.

A vaia foi tão estrondosa que a sessão teve que ser suspensa, fomos conduzidos ao primeiro pátio, sendo devidamente repreendidos em termos fortes, e ainda tivemos o licenciamento suspenso.

A partir daí, não houve mais sessões no "milímetro", mas em todas as quartas-feiras numa sala que tinha a forma de um auditório, eram projetados filmes sobre a guerra, mas somente filmes de origem alemã; não se passava nenhum filme de propaganda dos aliados. Eu acredito que isso influenciou muito, para que tanto a minha turma como a seguinte, desse um contigente numeroso de oficiais à Força Expedicionária Brasileira.

Fora disso, os cadetes davam pouca atenção à guerra, primeiro, porque eram absorvidos pelos trabalhos escolares, segundo porque o nosso curso foi abreviado. Em vez de terminar em fins de 1943, o foi no início de 1943 que, comprimido, exigiu uma intensificação da instrução. Não é que fôssemos completamente desligados, e a prova disso é que a nossa turma tem o nome do Tenente Alípio Serpa, morto em um torpedeamento dos navios *Itagiba* e do *Araras*, quando transportava o 7º Grupo de Dorso para Recife. É verdade que o irmão do Serpa era da nossa turma, e que ao apresentar essa proposta, foi acolhida com entusiasmo por todos os cadetes.

Isso é o que eu tenho a dizer sobre a primeira fase; vejamos o prosseguimento. Em agosto de 1943, foi fixada a estrutura da Força Expedicionária Brasileira e designado o seu comandante. Nessa ocasião, eu servia no 9º Regimento de Cavalaria Independente, sediado em São Gabriel, no Rio Grande do Sul.

Para se ter uma idéia do que foi a infiltração alemã no Brasil, o pelotão de recrutas que eu recebi só falava alemão, e eu tinha a necessidade de um intérprete, que era um soldado negro, criado na colônia, que falava o português e o alemão. Era a única maneira para eu me entender com os soldados, que também eram forçados a aprender o português.

A guerra despertava pouca atenção na oficialidade, primeiro, porque a gente recebia raras informações através do noticiário de rádio, segundo, porque a participação da Cavalaria na FEB ia ser muito reduzida, acarretando pouca motivação. Mas, para se ter uma idéia de como era vista a FEB, um dia o Regimento recebeu ordem de recrutar cinqüenta homens para integrarem-na. A orientação que recebemos foi para designarmos os má-condutas e os indesejáveis, excluindo os que estavam a disposição da Justiça Militar. Então, foram recrutados os piores homens do Regimento para mandar para a FEB. Era esse o espírito que predominava.

Recordo-me que o General Cordeiro de Faria, servindo no Rio Grande do Sul, quando foi designado para comandar a Artilharia Divisionária da FEB, ao passar por São Gabriel à noite, foi recepcionado por todos os oficiais, e que ao me apresentar para cumprimentá-lo, ele disse uma coisa que eu nunca esqueci: “Bom Tenente para ir para a FEB”. Ele foi um pouco profético...

Em 22 de abril de 1944 fui transferido para o Regimento Andrade Neves, no Rio de Janeiro, onde me apresentei em 25 de maio. Ficaria no Regimento, porém, somente até 16 de outubro. Lá fui procurado pelo então Capitão Fernando Belfort Bethlem, que fora um dos meus instrutores na Escola Militar do Realengo. E, que me convidou para integrar a FEB, na condição de recompletamento do Esquadrão de Reconhecimento, o que aceitei de pronto. Classificaram-me no Depósito de Pessoal da FEB, e durante a guerra fui para a Seção de Inspeção do QG da 1ª DIE. No fim da guerra, retornei ao Depósito para chefiar o Serviço de Transporte.

A partir da apresentação no Depósito de Pessoal, iniciei uma fase de instrução e adestramento. Era imprescindível conhecer o material bélico, todo de procedência norte-americana, completamente diferente de tudo que havia no Regimento Andrade Neves.

Havia também necessidade de familiarizar-se com o emprego de viaturas, especialmente com o carro de reconhecimento blindado M-8, que equipava o Esquadrão de Reconhecimento. A instrução iniciava às sete horas da manhã e prolongava-se diariamente até as 23h. Era efetuada uma intensa prática de patrulhamento em viaturas e a pé, de dia e à noite, e tínhamos o assessoramento de um major do Exército dos Estados Unidos.

Esse treinamento visava a preparar o oficial, o graduado e o soldado, colocando-os em condições de recompletar o efetivo do Esquadrão de Reconhecimento Mecanizado. Podemos afirmar que foi eficaz o treinamento, porque todos os elementos que recompletaram o Esquadrão foram muito bem recebidos.

O transporte da tropa para o TO foi realizado pelo navio norte-americano *General Meighs*, contando com uma escolta constituída com navio desse país e de um cruzador e um contratorpedeiro brasileiro. Inicialmente, houve um grande problema por conta da alimentação americana, completamente diferente da nossa, criando uma dificuldade para a adaptação dos homens. Além do mais, havia somente a possibilidade de dar duas refeições por dia, o desjejum e o jantar. Só quem desse serviço a bordo é que tinha direito ao almoço; nunca vi uma procura tão grande para dar serviço, apesar da dificuldade de adaptação ao paladar norte-americano.

Um episódio interessante é que a tropa quando embarcou recebeu tamancos de madeira, que, ao ser usado no deslocamento dos alojamentos para o tombadilho, fazia uma barulheira infernal. Foi preciso proibir o uso de tamancos.

Tivemos um outro problema. Antes de embarcamos, recebemos uma ração “K” completa: desjejum, almoço e jantar, para só utilizá-la mediante ordem. Bem, seja por curiosidade, seja por fome mesmo, o pessoal foi abrindo as rações de reserva e as consumiu.

Desembarcamos em Nápoles, fomos para Pisa e, no dia 23 de dezembro de 1944, para Stafolli. Quando chegamos à região, já à noite, a soldadesca começou a perguntar pela alimentação, recebendo como resposta que era a ração de reserva. Ninguém mais tinha a tal ração. Só fomos receber a alimentação no dia de Natal; ainda bem que foi peru pra todo mundo.

Desejo destacar um outro aspecto interessante referente aos alojamentos; havia alojamento que ficava abaixo da linha de flutuação. Era um calor terrível à medida em que se aproximava do Equador. Os oficiais estavam em camarotes com camas beliches. Um fato que me marcou muito foi quando chegamos a Gibraltar: a escolta se despediu de nós, os marinheiros dos navios brasileiros estavam no convés e saudaram a FEB, e o contingente embarcado da FEB respondeu cantando a canção *Deus Salve a América*; foi um episódio emocionante.

No Depósito a instrução também era intensa, conduzida sob a forma de oficinas, cada uma com seus instrutores especializados no assunto. Havia oficina de todos os tipos de formação de um combatente básico. Era um trabalho intenso, de manhã e à tarde, e às vezes à noite, exercitando patrulhas noturnas, diurnas, além de marchas.

Para demonstrar a situação em que nós nos encontrávamos, cito o meu exemplo: eu nunca tinha lançado uma granada de mão defensiva ou ofensiva como cadete. Tendo que praticar, fui para um espaldão e perguntei ao sargento: “Quantas atiro?” Ele disse: “O senhor atira tantas até se sentir cansado e não ter mais medo de lançar granada.” Então, lancei muitas granadas em um só dia. Havia muita fartura, empregando-se todas as armas da Infantaria.

A instrução era intensa, muito intensa mesmo. Inicialmente, houve o problema de alimentação, basicamente americana, mas depois passamos a receber gêneros brasileiros, melhorando a alimentação consideravelmente. Os soldados se recusavam a tomar o refresco que era distribuído junto com a refeição, porque correu o boato que esse refresco continha um amenizante sexual.

Foi no Depósito que recebemos todo o equipamento e fardamento para a guerra, como galochões para neve, coturnos americanos, *combat jacket, field jacket*, capote, gorros, luvas e meias de lã, enfim, tudo foi recebido lá, porque o nosso fardamento não era adequado ao Teatro de Operações. Inclusive, tinha uma cor verde acinzentada, muito semelhante ao do uniforme alemão. No final da guerra, eu mes-

mo fui confundido várias vezes por italianos como sendo tedesco. Também, não participei diretamente das operações de combate, porque não cheguei a ser designado para recompletamento do Esquadrão.

Quanto ao clima, podemos acrescentar que realmente o inverno foi muito rigoroso. Antes, no outono, houve um período de chuvas e as estradas secundárias ficavam intransitáveis; um lamaçal, que passava por cima do coturno, enchendo os pés de lama. Depois veio o inverno com temperatura de cerca de 20º graus abaixo de zero, mas que a gente suportou bem.

Um fato interessante, que já foi citado por outro companheiro, é a capacidade de adaptação do soldado brasileiro. Durante o inverno, ele em vez de usar o coturno com galochão de neve, não usava o coturno, preenchendo o espaço vazio com feno ou jornais. Com o pé protegido do frio e sem estar apertado, permitia a circulação do sangue. Em toda a FEB, eu acho que houve somente três ou quatro casos de pé de trincheira. O Serviço de Saúde do V Exército fez uma investigação para saber a razão por que o soldado brasileiro não tinha pé de trincheira. O americano, evidentemente, não usou essa teoria, mas passou a distribuir os coturnos um número acima do normal, para permitir essa proteção.

No que se refere ao desempenho em campanha dos nossos oficiais e graduados, levando em conta a organização e o preparo da FEB, podemos dizer que com raríssimas exceções foi excepcional. Demonstraram combatividade, bravura, rápida assimilação de novas técnicas e processos de combate e de novos tipos de armamentos e viaturas.

No caso do soldado, cumpre ressaltar o seguinte: quando houve o torpedeamento dos navios brasileiros, a quantidade de estudantes que pediram a declaração de guerra ao Eixo, depredaram estabelecimentos alemães e italianos, a pretexto de vingança, foi enorme, mas para se apresentar para a FEB houve êxodo geral. Era raríssimo encontrar um estudante integrando a Força Expedicionária Brasileira. O soldado que fez a guerra foi o homem da lavoura, o pequeno comerciante, o mal preparado e muitas vezes até analfabeto, com um índice de higidez bastante baixo, com uma série de problemas de natureza dentária, mas foi esse homem que fez a guerra, não foi o estudante que aclamou para fazer a guerra e que lá não apareceu. Eu tive a oportunidade de ver alguns homens do Esquadrão em ação, em San Polo D'Enza, onde o entusiasmo e a vibração ao combater eram muito grandes.

Além disso, há que se afirmar que o brasileiro é afável, caridoso e bondoso, fazendo com que tivesse um relacionamento excelente com a população local. A afinidade com o idioma também permitiu que facilmente se entendessem, aprendessem rapidamente os termos básicos do italiano e conseguissem conversar. Tudo isso criou um ambiente de ligação muito bom com o povo italiano.

O soldado negro também foi muito bem recebido pelo italiano. É verdade que em alguns lugares tivemos reações estranhas, como por exemplo, quando estive em Spezia. Fazia parte da minha equipe uma soldado negro, e nós entramos em uma cantina para comer uma macarronada, pois já tinha acabado nossas rações de reserva. A macarronada não vinha, porque a italiana estava com medo de vir à sala devido àquele soldado. Eles desconheciam totalmente as pessoas negras; ela dizia: “Era um *nero* gigante” – um negro gigante. Mas de qualquer maneira o relacionamento foi muito bom.

Faço questão de afirmar que tanto o apoio religioso, prestado pelos capelães, como o de saúde, foi muito bom. Pelo menos no que pude observar, foi de maneira geral excelente. Das vezes em que eu fui aos hospitais para visitar companheiros feridos, via o carinho com que eram tratados pelos elementos de saúde.

Como adjunto da Seção de Inspeção do QG, junto a um militar que foi exemplo de dignidade, o Coronel Enock Marques, Chefe da Seção, eu acompanhei de perto a Fase do Aproveitamento do Êxito e da Perseguição. Recordo todos os locais por onde estivemos, tais como Pistóia, Gaggio Montana, Zocca, Vignola, Sassuolo, San Polo D'Enza, Montechio, Parma e Collecchio, e Alessandria, onde, no meu modo de ver, a guerra terminou. Lá, assisti inclusive a da rendição da 148ª Divisão alemã e a chegada dos prisioneiros de guerra.

Também tive alguma possibilidade de contatar com tropas aliadas em ação na Itália, como americanos e ingleses. Os americanos de início nos tratavam bem, mas eles tinham uma certa desconfiança sobre a nossa capacidade de combater; aos poucos essa confiança foi adquirida. Quando eu estive num *Rest Center* em Roma, por quatro dias de folga, tive contatos com muitos oficiais americanos, e eles já indagavam muito sobre a participação brasileira, quantos homens éramos, o que estávamos fazendo, onde estávamos combatendo. Tal fato demonstra que tinham interesse em saber a respeito do Brasil.

Quanto aos ingleses, tive um contato com uma bateria de Artilharia, onde pude constatar que são muito formais. Quando eles souberam que eu era um oficial, trataram-me com uma disciplina absoluta, muito corretos nos seus procedimentos.

Em referência ao apoio logístico recebido, relembro que por várias vezes fiz comboios partindo de Stafolli para ir a Nápoles apanhar suprimentos nos Depósitos do Exército. Até hoje me impressiona a quantidade de suprimentos que havia, eram estradas ladeadas por quantidades infindáveis de equipamentos. Equipamentos de toda a natureza, viaturas, carros de combate, de Artilharia, pontões de Engenharia, tudo que você imaginasse de material para apoio logístico havia. Fornecimento de suprimento Classe I (alimentação) era à vontade, bem como de munição; os suprimentos chegavam à tropa em boas condições.

Gostaria de abordar alguns pontos a respeito do meu trabalho relacionado ao Estado-Maior da 1ª DIE. Na Seção de Inspeção, o Tenente-Coronel Enock Marques, de Cavalaria, foi um elemento excepcional. Ele era muito inteligente, perspicaz, ativo e desejoso de manter contato com a tropa e saber das suas necessidades, por isso que nós estivemos acompanhando essa fase toda do Aproveitamento do Êxito e da Perseguição. No Serviço de Transporte da FEB, para onde fui classificado após retornar ao Depósito de Pessoal, apenas transportei o Batalhão, que ia desfilar em Portugal, para Nápoles, onde iria embarcar.

O que mais me impressionou na campanha da FEB foi a capacidade de adaptação do homem brasileiro às condições modernas de combate. Foi excepcional a rapidez com que ele se adaptou a armamentos novos, viaturas, técnicas e processos de combate e ao patrulhamento noturno e diurno, que são ações onde é preciso ter muita coragem, e esse homem se adaptou com perfeição, apesar do baixo grau de instrução.

No entanto, a despeito de toda essa superação, houve momentos em que precisávamos assistir ou confortar algum subordinado. Os homens sentiam muita saudade de casa e ficavam tristes, o que nos impunha apelar para o moral do homem. Dizíamos que a guerra não era para sempre, uma hora ia acabar; em suma, dávamos aquela injeção de ânimo para o homem.

Quanto à propaganda durante a Segunda Guerra Mundial na Itália, eu não tenho praticamente conhecimento. Nós recebíamos os jornais, o Globo Expedicionário, também um americano e o jornal da FEB. Através desses jornais e das ordens do dia do General Mascarenhas, tomávamos conhecimento dos êxitos obtidos que eram lidos para a tropa, a fim de explorar psicologicamente os fatos favoráveis.

Eu ainda não havia citado um fato que considero importante: oficiais com quem servi e que me deram grandes exemplos de correção e de dedicação ao serviço. Cito entre eles o Capitão Dionysio Maciel do Nascimento Junior, de Cavalaria, e o Capitão José Rabelo Machado, de Infantaria. Mas uma citação muito especial merece o 1º Tenente de Cavalaria Kardec Leme, que foi designado para chefiar o Serviço de Transporte do Depósito, encontrando-o meio desorganizado. Realizou um trabalho notável, inclusive se empenhando fisicamente, porque ele era um negro muito forte e removia obstáculos para preparar tudo da melhor maneira. O Serviço de Transporte ficou exemplar. O Kardec só tinha um defeito, era um comunista convicto, que não hesitava em fazer proselitismo junto aos seus oficiais e sargentos, em favor do comunismo. Mas fazia abertamente; não fazia escondido, não. Tinha grandes qualidades; seus oficiais passaram pelas diferentes oficinas para realizar o trabalho que ali era feito e poder avaliar o esforço que o soldado fazia.

Então você passava pelo serviço de borracharia, pelo serviço de abastecimento que era com bombas manuais, no serviço de manutenção, em tudo, e só depois que o indivíduo tivesse passado por todos esses serviços, é que poderia ser designado para realizar e comandar comboios, que eram comboios de longa duração.

Quando se fazia comboio de longa duração, viajando dia e noite para ir e voltar, só fazendo paradas técnicas, quando a gente regressava, a primeira coisa que se fazia era apresentar a ele o relatório do deslocamento. Em seguida, qualquer que fosse a hora, a uma, duas ou três horas da manhã, era servida uma refeição quente. Ele deu exemplos extraordinários de liderança. Apenas o que o prejudicou na carreira militar foi o seu acendrado sentimento marxista-leninista.

Posso citar ainda o Major de Cavalaria Lélio Ribeiro de Miranda, que tinha como adjunto o Capitão de Infantaria Golbery do Couto e Silva, com quem eu trabalhei muito intensamente; ele era Chefe da 4ª Seção do Depósito. Era um indivíduo muito culto, dedicado, capaz, e deu exemplos extraordinários para a minha vida militar.

Estávamos em Alessandria quando tivemos conhecimento do fim da guerra. Houve aquela alegria natural, mas sem grandes comemorações, porque havia tanta coisa a realizar, até tropa se deslocando para Susa, Milão, Turim, para cobrir determinados locais, ainda por conta da guerra, que não houve uma celebração especial, só alegria.

Vou relatar como foram os preparativos para o retorno da FEB, porque eu fui um dos últimos a deixar a região do Depósito de Pessoal, porquanto fiquei encarregado de entregar todo o restante dos equipamentos nos depósitos norte-americanos. Após cumprir essa etapa, desloquei-me para Francolise, onde fiquei apenas três dias aguardando o embarque no *General Meighs* de retorno ao Brasil.

Embora eu já tenha chegado em um dos últimos escalões, juntamente com o 11º RI, nós desfilamos na Avenida Presidente Vargas, e tivemos uma calorosa recepção, com o povo na rua aplaudindo a tropa.

Depois, todos os oficiais foram recebidos pelo Ministro da Guerra. O único aspecto negativo que houve, na minha opinião, prejudicando-a muito, foi a pressa em desmobilizar a FEB da noite para o dia, porque se considerava que ela representava uma ameaça, um perigo. Via-se aqui no Rio, na estação Central do Brasil, soldados sentados nos bares com prostitutas gastando dinheiro “a rodo”. Depois, criou-se aquele problema do ex-combatente desempregado.

Houve situações que comprovam como, por exemplo, todas as viaturas e os tanques ainda cheios de combustível foram levados para um depósito no antigo Derby Club, onde é hoje o Estádio do Maracanã e onde existiram o 1º e o 3º RCC e o Depósito de Material da FEB.

De noite dava pena ver, porque os soldados ligavam as viaturas e batiam uma nas outras lá dentro. Ficou tudo jogado sem guarda alguma e sem o mínimo cuidado. Foi uma coisa deprimente; a pressa de desmobilizar a FEB criou esses problemas.

Na minha opinião, a participação do Exército no conflito representou um sensível progresso militar. Nós aprendemos muito. Desde a higiene com a tropa, os aquecedores de imersão, abandonar a marmita preta francesa, passar a usar a marmita americana, até os aspectos de disciplina e do respeito maior em relação ao soldado.

Na guerra se aprendeu o seguinte: eu preciso do soldado para combater, não posso ter com ele uma disciplina férrea, preciso cativá-lo, fazer com que ele confie e acredite em mim. Isso provocou uma sensível modificação na disciplina, que passou a ser a busca da disciplina consciente em contraposição à disciplina imposta.

Alguns oficiais que estiveram na FEB, tenentes principalmente, e capitães, foram nomeados instrutores nas escolas de formação, decorrendo um sensível melhoramento na instrução da tropa. Então, a participação do Brasil na guerra trouxe para o Exército uma renovação durante um certo tempo, a despeito das reações naturais por parte de alguns que não foram à guerra.

Quanto às conseqüências na minha vida pessoal, eu acredito que o que mais me marcou foram os exemplos que recebi. Eu conduzi a minha vida militar da seguinte maneira: tinha um caderninho preto, para anotar aquilo que deve ser feito e o que não deve ser feito. E eu anotei muita coisa do que deve ser feito para ser um bom oficial. Os exemplos que os chefes me deram na guerra foram aspectos que marcaram muito a minha vida profissional. Eu sempre procurei exaltar o papel, mesmo secundário, que desempenhei, porque acho que a FEB representou um marco na História Militar do Brasil.

E aquela história verdadeira, os valores da guerra que o senhor destacou aí são outros, não é general? E isso ficou muito claro, até porque o oficial e soldado estão juntos envolvidos na mesma luta...

A disciplina na guerra é também resultante da participação conjunta do oficial, do sargento e do soldado na mesma missão, numa patrulha. Cria-se um sentimento de disciplina e coesão. Quando um militar chega à tropa pela primeira vez para assumir uma fração, seja ela qual for, no começo ele é olhado com reserva pelos soldados e graduados, perguntando-se como será o comportamento do novo comandante. É preciso que ele saiba se impor pelo exemplo, pela dedicação, saiba tratar bem sem ser frouxo, mas também exigindo o que é necessário, para que o homem possa ter consciência de que ele é uma peça fundamental na engrenagem.

O desempenho dos oficiais da reserva, R2, também foi muito bom, e eu posso dizer porque lidei com vários deles. Eram militares dedicados e que se destacaram em combate e nas demais ações.

Gostaria ainda de abordar alguns aspectos do nosso Esquadrão de Cavalaria, cujo desempenho se fez brilhantemente na fase do Aproveitamento do Êxito e da Perseguição, liderado por um capitão de extremo valor combativo, um elemento dedicadíssimo ao Exército, o Plínio Pitaluga. Nós fomos encontrar o Esquadrão logo depois de Montese, em San Polo D'Enza, e vimos o entusiasmo e o valor daqueles elementos de Cavalaria. Eles tinham orgulho de representar a Cavalaria brasileira na guerra. O desempenho do Esquadrão foi espetacular.

Como mensagem final, eu gostaria de dizer que o tempo é inexorável, e já são poucos os que vão ficando, e nós achamos que o episódio da FEB deve ser mantido permanentemente aceso, porque representa um espetáculo muito glorioso da participação do nosso Exército numa guerra moderna. Esses fatos servem de incentivo e de estímulo à oficialidade jovem, de modo que não deixem que a História da FEB morra e que caia no esquecimento.

General-de-Divisão
Helio Portocarrero de Castro*

Nasceu na Cidade do Rio de Janeiro – RJ, onde cursou o Colégio Militar. Formou-se na Escola Militar do Realengo. Como cadete, tomou parte ativa contra a Intentona Comunista de 1935, com a missão de defender este estabelecimento. Foi declarado Aspirante-a-Oficial de Infantaria, em 1937. Em 1938, já Segundo-Tenente, servindo no 1º RI, lutou em defesa da Nação contra o Integralismo. Como Primeiro-Tenente Comandante da 1ª Companhia do 14º Batalhão de Caçadores, com sede em Florianópolis, deslocou-se com sua tropa para o litoral, a fim de prevenir prováveis desembarques de elementos de submarinos alemães. Em fevereiro de 1944, foi comissionado no posto de Capitão e classificado na Força Expedicionária Brasileira. Comandou a 7ª Companhia do 6º RI, durante a Campanha da Itália, até 15 de abril de 1945, quando foi ferido, gravemente, durante o ataque a Montese. Após regressar ao Brasil fez, como Oficial, o Curso da antiga Escola Técnica do Exército, atual Instituto Militar de Engenharia, onde se formou em 1949. Serviu em vários estabelecimentos militares, tendo sido designado, em 1955, Professor do Instituto Militar de Engenharia. Após ter sido promovido a General de Brigada, passou para a reserva, em 1966, no posto de General de Divisão. Dentre as Condecorações e Diplomas recebidos pela sua participação na FEB, destacam-se: Cruz de Combate de 1ª Classe, Medalha Sangue do Brasil, Medalha de Campanha, Medalha de Guerra e Diploma de Ferimento em Combate no cumprimento do dever, concedido pelo General Mascarenhas de Moraes, Comandante da 1ª DIE.

---

* Comandante da 7ª Companhia do 6º Regimento de Infantaria, entrevistado em 4 de julho de 2000.

Antes da guerra, o Brasil mantinha uma situação de neutralidade. Tínhamos um comércio muito intenso com a Alemanha, através de compras de armamento e outras atividades empresariais.

Parecia, a primeira vista, que o Governo brasileiro, por este fato, tendia para o lado alemão. Isso não acontecia. Getúlio Vargas, nosso Presidente, sempre foi um patriota, como todos nós sabemos. Só pensava na grandeza da Nação brasileira. O Presidente Roosevelt fez contatos com Vargas, perguntando se este poderia receber o Chefe do Estado-Maior do Exército americano. Consultado o Ministério, houve uma certa relutância, mas Oswaldo Aranha conseguiu a aprovação para a vinda do General Marshall ao Brasil, que, ao retornar a seu país, fez-se acompanhar do Chefe de Estado-Maior de nosso Exército, General Pedro Aurélio de Góes Monteiro.

Viajando em navio de guerra, o General americano foi recebido no Cais do Touring Clube, na Praça Mauá, uma grande recepção. Eu compareci, como 2º Tenente, acompanhando o meu Comandante do 1º RI. Esse General percorreu unidades do Exército Brasileiro, em todo o Brasil. Retornou aos EUA, levando em sua companhia o nosso Chefe de Estado-Maior, o qual permaneceu cerca de dois meses naquele país.

Ele teve oportunidade de realizar estreitos contatos com os chefes americanos, apreciando o desenvolvimento daquela nação. Ao retornar ao Brasil, conversou com o Chefe do Governo, informando-lhe que o Presidente Roosevelt teve muito boa vontade com a idéia de criar uma Usina Siderúrgica no Brasil. Em troca, ajudaríamos a América do Norte com matérias primas. Nessa época, os Estados Unidos ainda não estavam em guerra, o que só aconteceu após Peará Harbor.

O Brasil vivia da monocultura do café, basicamente, não havendo, no setor secundário, nada que merecesse ser registrado.

Getúlio achou que era o momento do início, tão desejado, da industrialização de nosso País. Passou um telegrama particular para Roosevelt dizendo que ele falava pelas Américas. Isso queria dizer que o Brasil acompanharia o destino que os EUA tomassem. Em conseqüência, aquele estadista conseguiu, do Congresso americano, um empréstimo de meio bilhão de dólares para a construção da Usina Siderúrgica Nacional, iniciada em 1941 e inaugurada em fins de 1943 ou início de 1944.

Todavia, nesse ínterim, houve imperiosa necessidade da cessão de Bases no Norte e Nordeste brasileiro para apoio às Forças Aliadas que atuavam, naquela oportunidade, no Norte da África.Foi, então, que, reunido com os chefes militares e todo seu ministério, Getúlio concedeu Belém, Natal, Recife e Salvador. Era o trampolim para o Norte africano. O Governo alemão achando que era uma afronta, iniciou os torpedeamentos aos navios brasileiros.

Somente os torpedeamentos ocorridos em 16 e 17 de agosto causaram a morte de mais de seiscentos brasileiros. O povo foi para as ruas revoltado exigindo a declaração de guerra, o que ocorreu em 31 de agosto de 1942. O nosso Governo, já no dia 22 de agosto, reconhecera o estado de beligerância, imposto pelas agressões da Alemanha e Itália. Houve uma certa revanche, com o apedrejamento e outras represálias contra empresas alemãs e italianas no Brasil.

Com a criação da FEB, o Ministro da Guerra, General Dutra, fez uma consulta aos primeiros-tenentes mais antigos se aceitavam o posto de capitães comissionados, com a condição de serem incluídos na Força Expedicionária. Tínhamos dúvidas se nosso destino seria a África ou qualquer outro ponto da Europa. Mas imediatamente, eu, que era dos mais antigos, aceitei, bem como todos os demais consultados. Não tenho notícia de nenhum colega que deixou de aceitar esse honroso comissionamento.

Como todas as Unidades Expedicionárias estavam completas, eu fui classificado no Depósito de Pessoal da FEB. Dali, fui mandado para o 11º RI. Naquela época, esse Regimento já tinha vindo de São João Del Rey e se encontrava no Morro do Girante, na Vila Militar. Aliás, o General Mascarenhas, concentrara todas as unidades da FEB no Rio de Janeiro. O 11º RI estava completo e não havia função em que eu pudesse ser designado. Queria ir para a guerra de qualquer maneira. Fui ao Diretor do Departamento de Pessoal, General Ângelo Mendes de Moraes, muito famoso. Ele me disse: “Sim, o senhor vai” e me classificou no Estado-Maior do General Mascarenhas, pois não havia vaga nas unidades.

Finalmente, embarquei para a Itália. Praticamente, uma viagem calma, com os percalços de uma situação de guerra. Navegamos, é lógico, sob tensão, navio todo escurecido durante as noites e muito treinamento para caso de ataque aéreo ou torpedeamento. Tocava alarme geral diversas vezes ao dia. Era uma tremenda correria. Todos usavam permanentemente os coletes salva-vidas. Tudo isso era feito para que a tropa ficasse automatizada para um caso real.

Um fato muito me emocionou ao entrarmos no Mediterrâneo, através do Estreito de Gibraltar. Eram dois grandes navios-transportes, *Gen Mann* e *Gen Meighs*. Transportavam pouco mais de dez mil homens, comboiados por dois cruzadores e uns quatro ou cinco destróieres, todos americanos. Exatamente ao atravessar o estreito os transportes pararam e bem junto deles, parados também, os navios-escoltas. Aqueles milhares de homens, todos muito juntos, cantaram o *Deus Salve a América*. Tudo isto em cenário muito bonito. De um lado, o penhasco, a fortaleza de Gibraltar. Do outro lado, Ceuta, famosa na história militar. Após executar as salvas, os americanos transferiram a segurança do comboio à Força Aérea Inglesa. Ela nos acompanhou até o Porto de Nápoles, onde passamos uns dois dias. Daí, fomos para

Livorno. Neste porto, fiquei impressionado com a quantidade de Balões de Barragem. Faziam parte da defesa antiaérea pois a aviação alemã ainda atuava. Os americanos já tinham alcançado as margens do Rio Arno, Florença e Pisa. De Livorno, fomos para a Tenuta Reale de San Rossore, campo de caça do Rei da Itália.

Este grande campo ficava nas proximidades de Pisa e, ali, ficamos muito bem acampados.

O Destacamento FEB, que incluía o 6º Regimento de Infantaria, atuava no Vale do Sercchio, já integrando o IV Corpo do V Exército. O Cmt desse IV Corpo era o General Crittenberger. O 6º RI foi para a Itália completo.

Cheguei no 2º Escalão e, logo em seguida, fui designado para assumir o Comando da 7ª Companhia, III Btl do referido 6º RI. Não tive nenhuma adaptação. Segui direto, assumi o comando num ataque ao Morro de San Quirico. Foi um batismo de fogo sui-generis. Ataquei e fui contra-atacado violentamente pelos alemães. Eles avançavam gritando Heil Hitler! Portavam suas “lurdinhas” (apelido), excelentes metralhadoras de mão, com uma violenta cadência de tiro. Suas rajadas se assemelhavam a uma gargalhada. Algum soldado brasileiro colocou esse apelido nessa arma e pegou. Toda a FEB a designava pelo nome de “lurdinha”.

O Destacamento FEB era composto basicamente dos seguintes elementos: 6º Regimento de Infantaria, pelo II Grupo de Artilharia; 1ª Companhia do 9º BE, elementos da Companhia de Transmissões, da Companhia de Evacuação do Batalhão de Saúde e de elementos de Apoio Logístico, sob o comando do Gen Bda Euclydes Zenóbio da Costa.

Esse Comandante obteve informações que, na região de Castelnuovo Di Garfagnana, a tropa alemã havia sido substituída por tropa italiana. Resolveu, então, atacar, pois essa cidade era um grande nó rodoviário que ligava o Tirreno ao Adriático, com seu Porto de La Spezia, importante bastião alemão. Diversas elevações dominavam nosso objetivo e teriam que ser por nós conquistadas. As alturas dominantes eram: Lama Di Sotto, cotas 906 e 1048, Colle e Lama Di Sopra. Em Albiano, ficava o meu PC. Minha 7ª Companhia reforçava o 1º Batalhão que atacava Lama Di Sotto. Estas linhas de alturas dominavam Castelnuovo Di Garfagnana, pelas vistas e pelos fogos. Acontece que tanto a tropa alemã substituída, como outras unidades, ainda ocupava essas alturas. Ali, alemães também possuíam tropas especializadas e treinadas para golpes de mão. Atacavam preferencialmente durante a noite. E foi essa tropa que contra-atacou violentamente o I Batalhão e a 7ª Companhia do III Batalhão do 6º RI.

Durante a referida ação, tivemos a lamentar a morte em combate do primeiro Oficial da FEB, Aspirante-a-Oficial R/2 José Jerônimo Mesquita, formado no NPOR de

Niterói. O sargento que o substituiu no Comando do Pelotão, 2º sargento Geraldo Berti, foi igualmente morto.

Algumas praças tiveram idêntico destino. Sem pânico, executamos um recuo controlado. Voltamos ao ponto de onde havíamos partido. Era o dia 31 de outubro de 1944.

O Destacamento FEB terminava suas operações no Vale do Sercchio. Suas tropas foram transferidas para o Vale do Reno, onde atuaria toda a 1ª DIE, sob o Comando do General Mascarenhas de Moraes. Nossos três RI, contariam com o apoio de fogo da AD, do Gen Cordeiro de Faria. Seus três Grupos 105mm e o Grupo 155mm constituíam uma belíssima Artilharia, muito bem treinada. Os tiros caíam exatamente no local que pedíamos. A Infantaria teve uma grande vantagem em contar com uma Artilharia primorosa.

Para facilitar o meu relato sobre a atuação da 7ª Companhia nos dois primeiros ataques a Monte Castelo, bem como na sua decisiva ação para reocupar Casa Guanella, que sofrera um ousado golpe de mão por parte dos alemães, valho-me de uma referência elogiosa que me foi concedida pelo Tenente-Coronel Silvino Castor da Nóbrega, Comandante do III Batalhão do 6º RI, promovido a este posto, por bravura, na Campanha da Itália, que diz textualmente:

Nas ações realizadas pelo III Batalhão, do qual a 7ª Companhia, comandada pelo Capitão Portocarrero, fazia parte, nos dois primeiros dos cinco ataques realizados a Monte Castelo, revelou, o referido Capitão, capacidade de ação, espírito de sacrifício e apreciável noção de responsabilidade que lhe cabia, como representante da FEB, junto a uma fração do Exército americano, a Task Force 45, *naquela operação. Surpreendido que foi quanto às possibilidades defensivas inimigas, manteve ânimo forte, quando dois dias após ser substituído, já, com sua Companhia, em Porreta Terme, recebe ordens de reocupar Casa Guanella, contra-atacando se necessário, em virtude da retomada, deste bastião, por audacioso golpe de mão alemão. Em bela demonstração de disciplina, capacidade de ação e comando, invulgar espírito de sacrifício e elevado patriotismo, conduz sua Companhia, ao anoitecer, precisamente às 20 horas. Enfrenta terreno acidentado, lama, frio e muita chuva, mas reocupa Casa Guanella.*

Tratando com mais profundidade dos fatos registrados pelo Tenente-Coronel Silvino, devo citar que o primeiro ataque a Monte Castelo foi realizado no dia 24 de novembro de 1944 e o segundo no dia 25 de novembro de 1944, isto é, no dia seguinte. A tropa atacante fazia parte da *Task Force 45*, americana, sob o Comando do General, também americano, Paul Rutledge. Essa *Task Force* era composta do III Batalhão do 6º RI (brasileiro), II Batalhão do 370º RI da 92ª Divisão de Infantaria

americana, única tropa negra que atuou na guerra da Europa, e um Batalhão constituído de soldados de Artilharia Antiaérea, completados por partisans italianos.

O primeiro ataque, no dia 24 de novembro, ao ser desencadeado, provocou uma violenta reação do alemão. O II Batalhão do 370º RI sumiu, abandonando armas, alimentos e tudo mais. Ficou um grande claro no nosso flanco esquerdo. Na debandada, esse Batalhão fez o dispositivo ruir. Houve um pânico geral, um estouro da boiada, mas a 7ª Companhia já havia começado a atacar.

A nossa direita era apoiada pelo Esquadrão de Reconhecimento do Plínio Pitaluga, mas ele não atacava, acompanhava, dando cobertura de flanco. A minha Companhia foi a única que conseguiu arrancar da Base de Partida. Nós ocupamos um vilarejo, Falfare, 300 metros a nordeste de Abetaia e que era um ponto forte alemão.

Eu ultrapassei Falfare, mas não via ninguém nos meus flancos. Pelo *hand talk*, consultei ao Major Silvino sobre a continuação do ataque. Ele me respondeu: "Não prossiga, pare onde você está. Nosso flanco esquerdo está vazio". Obtive ordem para recuar. O Pelotão do Ten Rui Caldeira Ferraz ficou enjaulado em Falfare, quase preso pelos alemães, que, em Abetaia, encosta de Monte Castelo, impediam a passagem do Pelotão. Conseguimos recuperar o Pelotão do Tenente Lúcio Marçal Ferreira. Eu atacava sempre em triângulo, dois pelotões em 1º escalão e um à retaguarda.

Era noite, muita escuridão, quando mandei dois grupos de combate do Pelotão reserva cobrir o flanco em Abetaia e permitir a retirada do Rui.

Nesse momento, passou-se uma coisa interessante. Um dos grupos de Combate do Pelotão do Rui era comandado por um cabo de nome Laranjeira, muito católico. Ao ser encontrado pelos grupos de Combate Reservas que mandei socorrê-los, o cabo Laranjeira estava rezando o terço. A situação deles era dificílima e resolveram apelar a Deus. Na guerra, não há ateus!

Com a recuperação do Pelotão, voltamos à estaca zero. Os pelotões se dirigiram para Casa M. Bombiana.

Cerca de uma ou duas horas da manhã, o Gen Crittenberger, Comandante do Corpo de Exército ao qual estávamos subordinados, determina novo ataque ao amanhecer do dia 25. Foi alargada a frente do III Batalhão do 6º RI para cobrir o vazio do II Batalhão do 371º RI americano. Mas o Major Silvino era um homem muito inteligente. Ele não abriu a frente do Batalhão. Ele concentrou-se mais diretamente sobre Castelo. Os alemães, prevenidos pelo primeiro ataque, reagiram com tanques posicionados na crista do morro. Seus canhões 88mm disparavam diretamente em cima da Infantaria. Foi o segundo desastre. Nada conseguimos e retornamos a nossa Base de Partida.

Diante do acontecido, o Gen Crittenberger resolveu tirar o III do 6º RI da *Task Force*. O Regimento passou a ter seus efetivos integrados.

Após essas ações iniciais, organizou-se um terceiro ataque para 29 de novembro, já agora, com tropa do 1º RI, cabendo ao I Batalhão o esforço. O III do 11º RI ficou encarregado de cobrir o flanco. Os II e III do 6º RI estavam em reserva, sendo que o II Batalhão como reserva da Divisão.

O 1º RI, Sampaio, já tinha tido o seu batismo de fogo em Torre Di Nerone, região muito difícil, parece que com o seu III Batalhão.

Nesse terceiro ataque, do dia 29 de novembro, nós ficamos em reserva, mas, assim mesmo, sofremos bombardeios.

As ondas de ataque funcionavam como uma sanfona. Iam e voltavam. Monte Castelo sumiu. A Artilharia transformou tudo num vulcão. Era fumaça, terra, pedra, árvore, tudo para o alto. Essa concentração de fogos durou mais ou menos uns trinta minutos. Calculo terem sido dados uns 2.500 tiros. A Infantaria aproveitou essa situação e conseguiu chegar mais perto da crista do morro. Mas os abrigos e trincheiras alemães eram de concreto armado, ferro, etc resistindo a tudo, inclusive a bombardeios aéreos. Não conseguimos êxito nesse ataque. Foi realizado um outro, que seria o 4º, em 12 de dezembro, também infrutífero. A tropa atacante foi constituída de batalhões do 1º RI e do 11º RI, basicamente.

Havia um ponto forte alemão, dentre inúmeros outros, chamado Casa Guanella. Ficava no sopé de Monte Castelo e em frente a C. Vitelline, igualmente fortificada. De Guanella, ouvia se até a voz do alemão. Deram para o 1º Batalhão do 11º RI esse quarteirão (Zona de Ação), logo após o fracassado ataque do dia 29 de novembro.

Era seu batismo de fogo. Monte Castelo fazia parte de um maciço de vários montes. Havia excelentes vistas sobre a rota 64, que era a linha de abastecimento do IV Corpo e que levava a Bolonha. Segundo ordem vinda de Washington, Bolonha devia ser conquistada antes do Natal de 1944. Sem a conquista da rota 64, Bolonha jamais seria conquistada, e os alemães, de Monte Castelo, tinham amplo domínio de fogos e vistas sobre a referida estrada.

Como já disse acima, o I Batalhão do 11º RI, em seu batismo de fogo, ocupou Casa Guanella. A uns 200 metros à frente, observava-se todo o movimento dos alemães, inclusive suas vozes, embora não se entendesse nada.

A 1ª Companhia era comandada pelo Capitão Carlos Frederico Cotrim Rodrigues Pereira, nome de guerra Cotrim. Eu o conhecia bem. Estivemos juntos no Sampaio, na mesma Companhia. Era um homem valente. Não era covarde, mas naquela situação ele fraquejou, não segurou a Companhia e a debandada foi geral. Ele foi julgado e condenado, deixando as Forças Armadas.

Com isso, a 2ª Companhia, que estava ao lado, também recuou, abrindo uma enorme brecha. Não sei o motivo, mas o Major Jacy Guimarães tinha enviado dois

pelotões da 3ª Companhia para reforçar as 1ª e 2ª Companhias. No recuo, ficou um grande vazio na linha defensiva do Batalhão.

Face à situação reinante, o Comandante do IV Corpo, Gen Crittenberger, homem exigente, de grande valor, pulso firme, queria ocupar as posições abandonadas pelo I Batalhão do 11º RI, com carros de combate americanos, em reserva. Mas o General Mascarenhas, homem brilhante, também de valor, que eu conheci na Escola Militar do Realengo, sentiu na carne aquele revés e decidiu firmemente reocupar as posições com tropas brasileiras.

Nós do III do 6º RI estávamos desgastados. Tínhamos estado frente à frente com o alemão mais de 180 dias. Nosso repouso não atingiu dois dias. Recebemos ordem, de madrugada, para voltar ao campo da luta e reocupar a posição deixada pelo I Batalhão do 11º RI. A Companhia vanguarda foi a 7ª, a de meu Comando. O Coronel Silvino me chamava de Porto, era nordestino. Ele me dizia sorrindo: "Ô Porto, preciso de você, e me deu a missão". Eu fui sem saber o que tinha pela frente. Só consegui chegar à Casa Guanella às vinte horas. Tudo escuro, muita chuva, fome, sede e o pessoal sem dormir. Nem o chocolate, dado em abundância pelo americano, havia.

Como já disse, chuva, lama, frio e com o terreno movimentadíssimo, sem notícias da situação em que me encontrava, fui ocupando posições, mandando patrulhas de reconhecimento à frente e fazendo o que podia.

As casas de Guanella estavam todas destruídas. Mas para lá voltamos, recuperando as posições de antes.

Após a guerra fiz uma conferência na Escola de Estado-Maior do Exército (ECEME) sobre "Tensão, Medo e Pânico em combate". Eu vi o pânico. Os italianos chegavam chorando, com as mãos na cabeça e diziam: "Senhor Capitão, uma desgraça, o tedesco voltou". Eles fugiam com todos os seus pertences em lombo de animais, carroças, carregando seus filhos nos próprios braços ou agarrados nas saias das mães. Vi soldados, sargentos, completamente amnésicos, nem sabiam a que unidades pertenciam. O pavor é um rastilho que se espalha. Se a tropa não estiver na mão dos chefes, é uma catástrofe. Situação idêntica sofreram os americanos em 24 e 25 de novembro de 1944 em Monte Castelo – nos dois primeiros ataques àquela elevação dos quais já falamos.

Tenho que fazer justiça ao I Batalhão do 11º RI. O Batalhão é a liderança do Comando sobre os comandantes de Companhias; desses, sobre os comandantes de pelotões e desses, sobre seus homens. O mais importante foi que este mesmo Batalhão tomou Montese. Apenas mudaram os comandantes que fraquejaram. É o comando que chamando os homens por seus nomes, que sente suas necessidades, conversa com eles, é esse Comando que os lidera e os impulsiona. O soldado até morre pelo seu Comandante. O nosso homem foi extraordinário. Não deixou nada a desejar ao alemão.

Outro episódio aconteceu quando o nosso Batalhão recebeu a missão da defesa da Ponte sobre o Rio Marano na Rota 64. De S. Maria Villiana, ponto forte alemão, avançado com um grande observatório, o inimigo tinha vistas e fogos sobre nós. Sempre assim, os alemães nas alturas e nós, brasileiros, na baixada. Rocca Pitigliana era apenas um posto avançado de S. Maria Villiana, digamos, três ou quatro alemães, para avisar S. Maria Villiana de um ataque iminente. A missão deles era observar e recuar.

O Coronel Nelson de Mello era Comandante impulsivo, de grande porte. Ele queria ações ofensivas. Deu ordens a 7ª Companhia para atacar à noite ou algo parecido, justaposta com a 10ª Divisão de Montanha americana, extraordinariamente combativa, treinada nas Montanhas Rochosas dos EUA. Seus homens tinham estatura de 1,80m para cima e atacavam de peito aberto. Eu tive a honra de combater lado a lado e ombreado com eles.

O ataque foi montado, com a minha 7ª Companhia, atacando Santa Maria Villiana e os americanos, a minha esquerda, atacando M. Della Croce e também cota 882. Santa Maria Villiana era muito minada. Eu perdi vários sargentos e soldados em patrulhas naquela região. Havia instruções sobre as minas alemães em todos os pelotões do Batalhão. Cumpre destacar um grande sargento – Geraldino Rosa dos Santos, patrulheiro de primeiríssima ordem –, infelizmente morto em combate.

Bem, vou discorrer sobre o ataque que, ao lado dos americanos, executamos sobre os objetivos acima citados. Tivemos o apoio aéreo. Eles mergulhavam sempre em grupo de dois. Soltavam as bombas incendiárias. Os alemães abandonavam as tocas. Em seguida, vinha outro avião metralhando tudo. Isto acontecia uns 50 metros à nossa frente. E aquilo era contínuo. Dois aviões com bombas incendiárias e os outros atrás metralhando, quase a altura do solo. Eu pensava: “Nós estamos fritos. Eles vão confundir a tropa brasileira com a alemã”. Felizmente, essa hipótese não se consumou.

E, assim, fomos conquistando nossos objetivos. O bombardeio aéreo nos facilitou. Ocupamos S. Maria Villiana, M. Della Croce e, mais adiante, Castelnuovo Di Vergatto, outro ponto forte que dominava a rota 64. Não confundir com Castelnuovo Di Garfagnana, no Vale do Sercchio.

O ataque e ocupação de Castelnuovo Di Vergatto foi realizado pela 3ª Companhia do I Batalhão do 6º RI, sob o Comando do Capitão Aldenor da Silva Maia. Esse companheiro foi o mesmo que, no Vale do Sercchio, conseguiu escapar do contra-ataque e cerco alemão ao 6º RI. Ensangüentado, rasgado, metralhado, rolando morro abaixo, acabou por chegar às nossas linhas. Brilhante Oficial!

Em dezembro de 1944, começou o inverno. A neve caía forte e naquelas alturas dos Apeninos, mil e novecentos metros, havia tempestades com ventos vio-

lentos. O General Clark, Cmt do V Exército, resolveu paralisar a frente e passou a defensiva. Os alemães tomaram idêntica decisão. É claro que houve grande movimentação de patrulhas e golpes de mão. Recebi e executei várias dessas ações. Foi uma escola, um aprendizado muito importante para a tropa.

Outro fato interessante. O inverno foi a época mais propícia para a guerra psicológica alemã. Não havia guerra de movimento. Nós estávamos estacionados na defensiva. As granadas, ao explodirem, não espalhavam os mortíferos estilhaços e sim panfletos. Eles transcreviam notícias de que, enquanto nós combatíamos, os americanos estavam tomando conta de nossas riquezas minerais, petróleo, enfim, de tudo que o Brasil possuía. Como doidos, vocês se lançam sobre nossas trincheiras, mas a Alemanha jamais será vencida.

Voltando à guerra, eu tinha um sargento muito bom, Teobaldo de Andrade, paulista, estudante de medicina. Eu pedi que ele se vestisse tal como um *sfollati*[1], italiano, que abandonava suas residências por causa da guerra e que andava por todas as regiões. Eles davam informações para aliados e alemães. Pois bem, o sargento Teobaldo, disfarçado, conseguiu-nos ótimas informações.

Isso nos facilitou muito o envio de patrulhas em lugares já levantados, com grandes perdas para os alemães. Eles disseram que iam se vingar, dando um golpe de mão, com o objetivo de me prender. Pretendiam buscar-me no meu PC. Não acreditavam no poder combativo do brasileiro. Achavam que seria facílimo. Iriam dar um golpe de mão em cima justamente da 7ª Cia. Eu fiquei planejando no terreno e na carta quais seriam as prováveis vias de acesso e infiltração em nossas posições. Não fazíamos movimentos durante o dia. Alimentação, remuniciamento, deslocamento, só à noite. O americano, através de seus refletores, fazia iluminação do campo de batalha. A claridade batia sobre a neve e o que se movesse no lado alemão era alvo compensador para nós.

Eles acabaram dando um golpe de mão. Eram soldados treinados e técnicos. Fizeram um levantamento apurado de meus pontos de defesa e de minhas armas automáticas.

Todo dia, ao escurecer, na hora da Ave Maria, eles soltavam um foguete de três estrelas verdes. Em menos de quinze minutos, aparecia uma patrulha alemã, dando rajadas, me provocando. Na reação de minhas armas, pelo fogo na boca, eles localizavam e anotavam a posição. Faziam isso em outros locais, e assim, conseguiram levantar minha defesa.

O Cel Silvino me concitava a ir tirar 4 dias de licença. Eu lhe dizia que era impossível, pois esperava um ataque iminente, um golpe de mão e não iria abandonar

[1] Sfollati – Sfollare: Refugiar-se fora da cidade.

meus soldados. Dois dias depois, eles atacaram e se deram mal. Abandonaram o campo da luta, deixando mortos e feridos. Fizemos dois prisioneiros, um cabo e um soldado.

Eu não admitia abandonar meus mortos. Só me lembro de um, Sd Djalma Corrêa. Consta, lá no Monumento, como desaparecido. Devido às condições do combate não tivemos condições de trazê-lo.

O ataque deles começou por volta de duas ou três da manhã e durou até as 4h 30 min. Ao raiar do dia, os alemães nos pediram permissão para a retirada de seus mortos. O Tenente Coutinho, um pouco nervoso, falou pelo telefone: “Capitão eles estão pedindo permissão para retirar os seus mortos, posso autorizar?” Respondi que sim e logo após vieram os alemães com suas padiolas e levaram seus mortos. Por incrível que pareça, foi um espetáculo bonito e humano!

O tal golpe de mão saiu ao contrário do que eles esperavam. Segundo o depoimento de um dos prisioneiros, até o Comandante do Batalhão veio para assistir ao ataque. Trouxeram barras compridas de dinamite, arame farpado, bazucas, metralhadoras, enfim, material para destruir a casa do meu PC. Tudo isso, nós capturamos. Meu pessoal estava atento e respondeu à altura.

Em 14 de abril de 1945, nosso III Batalhão passou à disposição da 1ª DIE e deslocou-se para a região de Il Monte na primeira jornada daquele dia. E, em 15 de abril, o 6º RI recebeu a missão de tomar a seu cargo o ataque que vinha sendo realizado na região de Montese, por elementos do 11º RI.

O III Batalhão prosseguiria na linha Il Monte – cota 284-Serretto. Ultrapassamos o 11º RI, principalmente seu I Batalhão que tinha perdido, se não me falha a memória, mais de trezentos homens, entre mortos e feridos. Esse Batalhão conquistou Montese. Interessante, justamente aquele que entrou em pânico em Casa Guanella. Novo Comando, liderança em todos os escalões, a presença do chefe na hora exata, os comandantes se expondo junto aos subordinados. Tudo isto faz do homem um verdadeiro soldado. Ao ultrapassar o 11º RI, podemos dizer, a conquista de Montese não estava solidificada. Havia necessidade do prosseguimento do ataque.

Tínhamos o exemplo dos americanos. Perderam Belvedere num contra-ataque alemão. Não podíamos correr o risco de igual destino em Montese. Muito sacrifício do 11º RI naquela conquista. Muitas baixas. Aquele esforço todo precisava ser bem aproveitado

Na continuação desse ataque, eu tive de conquistar a cota 927, se não me engano, Monte Buffone. Ao organizarmos a Companhia para ação, na base de partida, o alemão, que tinha supremacia de vistas e fogos, percebeu a manobra e desencadeou uma grande concentração de artilharia, morteiros e armas automáticas. Nós já tínhamos ultrapassado a Linha de Partida com dois pelotões, o Tenente Marçal à direita e o Tenente Coutinho à esquerda. Eu me posicionei a testa do Pelotão Reser-

va, que estava sob o Comando do sargento Romano. Os três pelotões adotavam o dispositivo de um triângulo, com um vértice, o da retaguarda, no Pelotão reserva.

Recebemos uma intensa concentração de fogos. Só de Artilharia foram mais de 3.000 tiros. Some-se a isso as granadas de morteiros 81mm e 60mm e mais os tiros de metralhadoras, fuzis e outros engenhos. O volume de fogo recebido foi tão grande que, num deslocamento de 400 ou 450 metros, eu tive cinqüenta e duas baixas, sargentos, cabos e soldados, além de um Capitão e dois tenentes. Apesar disso, a Companhia permaneceu firme em suas posições. Fui ferido no rosto, pés, pernas, rins e pulmões. Tive sorte, pois o soldado que estava do meu lado e à minha direita morreu na hora. Assim que fui ferido, procurei sentar-me. Não conseguia ficar em pé. Os dedos dos pés começaram a doer intensamente.

Assim que recebemos o ferimento, sentimos como se tivéssemos levado um forte soco, um violento impacto. Logo depois, vem a dor. Eu sangrava pelas botas, senti arder os pulmões, rins, rosto e toda a perna direita. Tudo ardia no meu corpo, mas eu me mantive firme. Um dos estilhaços, Deus quis, chegou perto do coração, encostou na aorta e ali parou. Continua até hoje nessa posição. Dessa forma, posso afirmar que a Medalha do Mérito Militar, que permanece, para sempre, em meu peito, recebi em Montese pela mão de Deus!

No meio daquele bombardeio, procurei abrigar-me. Como se sabe, uma granada raramente cai no mesmo lugar. Dessa forma, abriguei-me num buraco de uma granada e com o meu *hand talk* continuei comandando a Companhia: “Mantenham as posições a todo custo. Dizia. Chamei o sargento Mauro, um sargento muito bom, que ficou ao meu lado o tempo todo. Para o sargento Teobaldo, disse: “Chame o Tenente Coutinho aqui, mas não diga que fui ferido, não diga que estou ferido”.

Ao chegar, eu disse ao Tenente Coutinho que não poderia continuar. Ele viu o estado em que me encontrava. Igualmente, não diga ao Tenente Poti sobre os meus ferimentos. Fique aqui, receba as ordens até a chegada do Tenente Eter Newton, meu Subcomandante, que veio substituir-me e prosseguir no ataque. Era um Oficial de muito valor e bastante destemido.

Em seguida, fui para o Hospital de Campo. Eu só conseguia ficar deitado. Os padioleiros levaram-me até perto de um *jeep*. Eram duas padiolas, lado a lado. O Hospital de Campo atende bem junto à linha de frente. Fica logo à retaguarda. No Posto de Triagem, fui atendido pelo então Capitão Álvaro Menezes Paes e o então 1º Tenente Geraldo Augusto D’Abreu. Fui logo mandado para o 7º Hospital de Evacuação em Pistóia e, depois, para Livorno.

No Hospital de Campo (Hospital de Sangue), fiquei algumas horas. Em Pistóia, fiz duas operações. Na primeira, me extraíram 68 estilhaços. Minha irmã Virgínia

Portocarrero, foi a enfermeira. A outra enfermeira recolheu os estilhaços e os entregou a minha irmã. Os pequenos eles deixaram. Logo depois fui para Livorno, onde sofri outra operação, com anestesia geral. Em seguida, fui transferido para Nápoles, hospital bem maior, onde, na mesma enfermaria, ficamos eu, o Ayrosa e o Helio Amorim. De Nápoles, transferiram-me para Casablanca e daí para o Hospital de Dacar, tudo na África.

Ainda sobre Nápoles, que era um hospital de muitos recursos, sofri a operação de retirada dos pontos e me engessaram a perna direita. Os artelhos do pé estavam fraturados. Passei a usar uma bengala, que ainda guardo até hoje. Havia uma coisa engraçada. O Helio Amorim era Aspirante, mais jovem do que eu. Era muito alegre e nós apostávamos corrida de muletas, em pleno hospital. Não sei se me tiraram o gesso em Nápoles ou Casablanca. De Dacar, viemos para Natal e de lá para o Hospital Central do Exército, no Rio, sendo ali julgado incapaz temporariamente para o Serviço do Exército.

No Hospital de Nápoles, uma homenagem muito me confortou. Recebi a visita de um Capitão, naturalmente, Ajudante-de-Ordens do Gen Mascarenhas, que me trouxe um diploma, cujo teor é o seguinte:

Ferimento em ação em 15 de abril de 1945.

Ao Capitão do 6º Regimento de Infantaria Helio Portocarrero de Castro, faço entrega do presente diploma por ter, no cumprimento de seu dever militar, sido ferido em ação em Montese, exatamente no dia 15 de abril de 1945.

Assinado – João Baptista Mascarenhas de Moraes.

Interpreto esse gesto como uma grande homenagem do ínclito General para comigo. Guardo este diploma com um carinho enorme, pois sempre tive grande admiração por ele. Estava sempre presente nos momentos difíceis de seus soldados, nunca deixando de esmerar-se no cumprimento de seus deveres e de suas obrigações, tanto na paz, como na guerra.

Em 1935, quando saímos para combater a Escola de Aviação, então sublevada, ele mandou fazer alto no Pelotão do qual eu fazia parte. O nosso Comandante era o Tenente Petrônio Brilhante de Albuquerque que recebeu ordens do futuro General Mascarenhas: “Tenente Brilhante, faça alto no Pelotão e mande esquerda volver”. Feito isso ele se dirigiu a todos nós dizendo: “Consta que a Vila Militar está revoltada, pretendendo atacar a nossa Escola Militar. Nós somos fiéis ao governo. Quem estiver em desacordo pode dar um passo à frente, pois nada lhe acontecerá, mas traição não admitirei. Todos concordaram. Durante o deslocamento, o Tenente Petrônio pediu dois cadetes esclarecedores voluntários que se deslocariam como ponta de lança do pelotão. Eu e mais um outro cadete, cujo nome não lembro, nos apresentamos para a missão.

Logo após, soubemos que era a Escola de Aviação Militar que havia se sublevado. Os revoltosos, de ideologia comunista, mataram os companheiros dormindo. Nós prendemos dois revoltosos, o Capitão Agliberto e o Ten Ivan. Ambos foram levados presos para a Escola Militar.

Voltando a guerra. Nossos homens saíram de um país tropical e enfrentaram um inverno de 23 graus abaixo de zero. Suportaram tudo com muita firmeza e galhardia. A Logística americana era excelente. A guerra deles era de rico. Os agasalhos que nós recebemos, a alimentação, enfim, tudo que um exército necessita em campanha foi abundante e de primeira qualidade.

Tudo isso contribuiu para o desempenho muito bom de nossos oficiais, sargentos, cabos e soldados.

Tivemos uma Artilharia de primeiríssima ordem, de gente muito bem preparada...

O relacionamento com a população local foi ótimo. Dois povos latinos que conviveram muito bem.

Há um fato que eu destaco sobremaneira. O meu PC em Volpara ficava numa casa de três andares, muito bombardeada, não só pelos alemães, como também pelos americanos. A família, dona da casa, era tímida, humilhada, com fome. Por circunstâncias da guerra, ali foi instalado o meu PC, no andar térreo, menos exposto aos bombardeios. A família foi para os andares superiores, mais perigosos. Eu não podia fazer de outra forma.

Era a casa de campo de um médico. Frio intenso. Eu permitia que durante a noite eles se aproximassem da lareira e que confeccionassem sua alimentação naquele local. Eles, no início, agiam com muito respeito, mas com certo temor e desconfiança. Com o tempo, foram se acostumando e apreciando mais o soldado brasileiro.

A família era composta do chefe, um médico, pai de um menino de uns 13-14 anos. Havia uma mocinha, de uns quinze anos, que eu julgava fosse irmã do rapazinho. Havia mais ainda uma senhora, professora daquele Picolo Paese, nome que davam a um vilarejo (distrito), com, talvez, mil ou duas mil pessoas. Tudo que nos sobrava de comida, dávamos para eles. Certa vez, eles fizeram uma polenta para o Capitão Comandante da 7ª Companhia. Eles também guardavam alimentos. Sua propriedade era uma espécie de chácara ou coisa semelhante. Eu os tratei muito bem e eles ficaram muito gratos.

Havia, numa das companhias do 6º RI, um tenente paulista cujo nome era José Gonçalves. Após a guerra, ele montou em São Paulo uma pequena gráfica, que progrediu, cresceu bastante e, até hoje, é uma grande empresa no setor: “Gonçalves Indústria Gráfica Sociedade Anônima”.

O Tenente Gonçalves fez uma viagem de retorno e turismo à Itália. Esteve em Casa Podelli, sendo, ao regressar ao Brasil, portador de uma mensagem de casamento

para mim. Dizia: "Ao Capitão Portocarrero. *Um saluto i ricordi do velho amigo italiano Franco Fine*, hoje médico e cirurgião e que, na época da guerra, era o menino de 13 anos. Eu, com muito prazer, respondi a mensagem.

O interessante foi que o Gonçalves numa dessas visitas, após a guerra, foi atacado por um cão e, ao correr, quebrou uma perna. Ao ser socorrido no hospital, o ortopedista italiano que o atendeu, descobriu que ele fez parte da Força Expedicionária Brasileira e disse: "O nosso Diretor é um grande admirador da FEB e dos brasileiros. Sempre diz que tem uma dívida de gratidão, que não pode pagar. Gratidão por seu filho ao Capitão Portocarrero, que comandava a 7ª Cia do 6º RI". O filho é o atual Dr. Franco Fine que me enviou a mensagem a qual vou transcrever em português, pois ela veio em italiano.

Caro General.

Sua carta provocou em minha alma uma profunda emoção. Fez meu pensamento retornar aos longínquos meses de novembro de 1944 a março de 1945, em que morávamos todos juntos. A sua lembrança está sempre viva em minha memória, pela sua bondade e pelos elevados dotes de Comandante. Querido de seus soldados, dos quais eu recordo muitos nomes, calmo, decidido, mesmo nos momentos difíceis, quando as granadas estouravam num inferno de ferro e fogo e os alemães vinham ao ataque.

O senhor vestia sua capa branca e, atolado na neve, percorria trincheiras e abrigos, incentivando seus homens. Recordo-me da noite de 4 fevereiro de 1945, em que a cobra fumava, os SS alemães atacaram, gritando Heil Hitler! trazendo cargas de explosivo para destruir a ponte sobre o Marano, localidade muito visada. O médico que, pela manhã, medicara os soldados alemães, feridos e prisioneiros era meu pai, Diretor do Hospital de Vergato, em cuja cidade, agora existe uma rua com o seu nome – Augusto Fine –, em sua homenagem, o qual faleceu em 1960.

A jovem mocinha que o senhor se referiu em sua carta era prima e farmacêutica e vive em Bolonha. A professora faleceu este ano. A Casa Podelli está ainda como era quando o senhor lá esteve comandando a sua Companhia. Em volta, ainda, existem os buracos. Recordo bem o nome de seus soldados. Coloco tudo a sua disposição. O senhor poderá se hospedar com família e amigos. Espero que aceite o meu convite e que venha breve. Poderemos recordar, juntos, aqueles dias tão terríveis que, porém, transformaram os homens que os viveram, em amigos fraternos por toda a vida.

Alegro-me pelo alto posto que o senhor atingiu, mas para mim o senhor será sempre, o Capitão Portocarrero. Rogo a Deus que lhe dê longa vida e cheia de saúde.

Um forte e afetuoso abraço daquele menino, que agora já tem os seus cabelos brancos. Franco Fine.

Nessa carta, o então garoto Franco Fine definiu bem o soldado contra quem lutávamos. O alemão era muito valente, muito bem preparado, destemido, de grande valor e sabia por que combatia. Acresce o fato que lutávamos nos Apeninos. Eles nas alturas dominantes e nós embaixo. Era um terreno montanhoso, movimentado e ingrato. O soldado alemão, pela posição privilegiada que ocupava, ficava mais fortalecido ainda. Daí, o valor de nossos homens que se superavam em força física para galgar morros, ravinas e outros acidentes topográficos, para desalojar, lá de cima, os excelentes soldados alemães.

Falando em particular sobre os homens de minha Companhia, posso dizer que, antes de tudo, éramos amigos. Tinham um espírito altamente combativo! Nunca se negaram a cumprir qualquer missão, por mais perigosa que fosse! Caso morresse ou ficasse ferido um homem, eu perguntava: "Quem é voluntário para trazer o companheiro?" Apareciam logo dez, quinze para cumprir a piedosa missão, perigosíssima e nas barbas do alemão. Lembro-me bem de um eterno voluntário, para qualquer missão. Era o soldado Jorge Cesar Helou. Tivemos homens de muito valor. Dentre os que retornaram, posso citar os tenentes Poti, Marçal e Celso Rosa, o sargento Teobaldo, o cabo Laranjeira e o nosso soldado Helou.

Dentre os mortos, todos bravos, destaco os sargentos Geraldo Berti e Noraldino Rosa dos Santos, o cabo Quevedo e o soldado Djalma Corrêa.

Indo além de minha Companhia, cito o nome de nosso grande Comandante de Batalhão Ten Cel Silvino Castor da Nóbrega, promovido por bravura em ação e de nosso valoroso Comandante de Regimento, o Coronel Nelson de Mello. Ele teve participação ativa na rendição da 148ª Divisão alemã e Divisão Bersaglieri Itália. Podemos dizer que sua ação de Comando no cerco a essas divisões foi fundamental. O General alemão estabeleceu algumas restrições, mas ele exigiu a rendição incondicional, não tergiversando sobre as condições estabelecidas.

No hospital, em Livorno, soube da rendição da 148ª Divisão de Infantaria alemã, do Gen Otto Fretter Pico, de remanescentes da 90ª Divisão Panzer Granadier e da Divisão Bersagliere Itália, do Gen Mário Carloni. Fiquei exultante, pois, olhando o passado, tive orgulho do meu 6º RI. A campanha da FEB começou com ele em Camaiore e terminou com ele na rendição de Fornovo. É claro que o 1º Regimento de Infantaria, Regimento Sampaio, foi brilhante, principalmente em Monte Castelo. Igualmente, o 11º RI, Regimento Tiradentes, cobriu-se de glórias em Montese.

Fomos magnificamente recebidos pelo povo, exultante e emocionado. Eu havia chegado antes. Vim de avião, pois estava ferido e incapaz. Mesmo assim, fui assistir ao desfile, apoiado numa bengala. Calçava galochas de borracha, pois, com os pés inchados, era o único calçado que podia usar. Os ferimentos são doloridos até hoje.

Como citei, a recepção popular foi apoteótica. Infelizmente, na caserna, nossos companheiros nos receberam friamente.

Indagam-me, constantemente, sobre o episódio que redundou nos meus ferimentos e que me levou a receber a Medalha Cruz de Combate de 1ª Classe. O diploma da referida condecoração descreve, perfeitamente, o acontecimento, motivo pelo qual me permito lê-lo para facilitar o relato dos fatos.

O Presidente da República dos Estados Unidos do Brasil, resolveu, de acordo com o Decreto de 21 de janeiro de 1946, conceder a Cruz de Combate de 1ª Classe ao Capitão da Arma de Infantaria Hélio Portocarrero de Castro. Na manhã de 15 de abril de 1945, recebeu a missão de se deslocar de La Torre para Serreto, base de partida para o ataque a cota 927, ao norte de Montese, sob contínuo e forte bombardeio, que se fazia sentir desde a véspera.

Conduziu a sua Companhia num percurso superior a 450 metros sob cuidadosa observação inimiga. Após ter impulsionado os seus comandados durante grande parte do trajeto, intensificou-se o bombardeio de artilharia e morteiro e o Capitão Hélio Portocarrero, que marchava à frente de seu pelotão reserva em um dispositivo de triângulo, com o vértice para retaguarda, sente, através das informações que colhia com seu hand talk, *as sérias dificuldades que sua subunidade encontrava para atingir a base de partida na hora pré-fixada.*

Numa perfeita e elevada compreensão do dever, o Capitão Portocarrero dirige-se ao Pelotão-base, e empolgando-o com a palavra e o gesto guia-o através do bombardeio e com ele toda a sua Companhia. Ao atingir a base de partida, indiferente às reações inimigas que, então, se faziam sentir, com armas automáticas em intenso bombardeio, é atingido nas pernas e no pé por uma granada, quando heroicamente, com seu hand talk, *coordenava a ação dos comandados.*

Reagindo aos ferimentos recebidos, que procurou esconder de seus subordinados, o Capitão Portocarrero procura ainda com o seu rádio tomar todas as medidas para completa ocupação da base de partida. Faltando-lhes as forças, só se deixa evacuar, após chamar junto a si o tenente mais antigo, a quem transmite todas as instruções para o término da missão. As cinqüenta e duas baixas sofridas pela sua Companhia nesse deslocamento dizem bem das dificuldades encontradas. A bravura, o espírito de sacrifício e a elevada compreensão do cumprimento do dever revelados nesta ação apontam-no como um exemplo a ser imitado pelos seus camaradas.

Rio de Janeiro, 1º de fevereiro de 1946.
General Pedro Aurélio de Góes Monteiro – Ministro da Guerra

Após a apresentação desse diploma, que muito me honra e gratifica, prossigo com as minhas considerações finais.

A FEB trouxe-nos belíssimos ensinamentos. Nosso Exército e nossas escolas militares passaram a conhecer a guerra moderna. Nossos quadros evoluíram, principalmente na Logística. Talvez agora, já estejamos ultrapassados, mas aquele foi o passo inicial.

Interrompi a carreira que escolhi por um ideal nato. Minha família é de militares e sou bisneto de Hermenegildo de Albuquerque Portocarrero, Patrono da Artilharia de Costa e Barão do Forte de Coimbra. Seu nome e retrato estão lá no Forte dos Andradas, em Guarujá, na entrada do saguão do Quartel-General da 1ª Brigada de Artilharia, que tem em sua estrutura cinco grupos antiaéreos e três de Artilharia de Costa, além da Bateria de Comando, aquartelada também naquele importante sítio histórico. Hermenegildo de Albuquerque Portocarrero transmitiu a todos os seus descendentes a herança da carreira militar.

O então Tenente Heraldo Portocarrero, de Artilharia, foi meu Observador Avançado na FEB. Na Itália, fiz-lhe um pedido para que não exercesse a função de Observador junto a mim. Seria doloroso para a família que uma só granada matasse os dois! Preocupava-me que essa possibilidade viesse a se confirmar!

Felizmente, voltamos, eu ferido.

O Heraldo, foi professor do Colégio Militar. Era filho do Cel Hermenegildo Portocarrero, igualmente um querido mestre daquele grande educandário.

Acabei indo para o ramo da Engenharia Técnica. Seria julgado incapaz e, na certa, definitivamente, aos 28 anos. Pedi pelo amor de Deus para que me julgassem apto para a Engenharia, pois só assim poderia realizar o concurso. Do General Ângelo Mendes de Moraes, ouvi as seguintes palavras de estímulo: “O Senhor é um Herói Nacional, não precisa comparecer ao expediente. Fique em casa estudando”. Sempre fui bom aluno e, com essa oportunidade, tive tempo para um preparo acurado, dada a natureza dificílima do concurso. Passei, conseguindo uma ótima classificação. Tirei o curso de Engenharia Metalúrgica e servi em arsenais, fábricas e, depois, fui convocado para professor da Escola Técnica do Exército (ETE), hoje Instituto Militar de Engenharia (IME).

Fui professor Emérito e, com este título, só temos três: Hélio Celso Frazão Guimarães, meu professor, Comandante-Aluno do Colégio Militar, primeiro na Escola Militar e na Escola Técnica do Exército. Também fundador da PUC. O outro foi o Rui Forte, primeiro pesquisador de água pesada no Brasil.

Finalmente, quero ressaltar que, justa e merecidamente, o nosso Congresso deu a 5ª Estrela ao nosso inesquecível e bravo General João Baptista Mascarenhas de Moraes. Ficou na ativa, como Marechal até a morte, para gáudio de todos nós.

General-de-Brigada Gabriel D'Annunzio Agostini*

Natural da Cidade de Santa Maria – RS, pertence à turma de 22 de novembro de 1937 da Escola Militar do Realengo. Comissionado no posto de Capitão, integrou, na campanha da Itália, o Depósito da FEB e, em março de 1945, foi transferido para o I Grupo de Obuses. Na frente de combate, atuou como Oficial de Ligação junto à 5ª Cia/11º RI na cobertura do flanco esquerdo do ataque a Montese. Realizou, durante a sua carreira como Oficial, os cursos de Educação Física (EsEFEx), de Comando e Estado-Maior (ECEME), Avançado de Artilharia dos Estados Unidos da América (Fort Sill e Fort Bliss) e Estado-Maior e Comando das Forças Armadas (ESG). Antes da guerra, serviu no 5º Regimento de Artilharia Montada e no 1º Grupo de Artilharia de Costa (Fortaleza de Santa Cruz). Após a guerra, dentre as principais funções exercidas destacam-se: Instrutor da Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais; Adjunto da 3ª Seção do Estado-Maior do Exército; Assistente da Subchefia (Exército) do EMFA; Comandante do 3º Regimento de Obuses 105mm (Regimento Mallet), em Santa Maria-RS; Chefe de Gabinete da Diretoria Geral de Material Bélico; Assistente-Secretário do Comandante do II Ex e do Chefe do DMB. Como General, foi Diretor de Armamento e Munição, Diretor de Assuntos Especiais, Educação Física e Desportos e Comandante da 10ª Brigada de Infantaria Motorizada, em Recife-PE. Recebeu as seguintes condecorações, por sua participação na Segunda Guerra Mundial: Medalha Cruz de Combate de 2ª Classe; Medalha de Campanha; e Medalha de Guerra.

---

* Comandante de Subunidade do Depósito de Pessoal e, mais tarde, oficial do Estado-Maior do I Grupo de Obuses, entrevistado em 26 de julho de 2000.

Perdoem-me entrar diretamente no assunto a respeito do Depósito da FEB, sem dar um passeio inicial nos seus antecedentes históricos, porque tenho a certeza de que meus antecessores o fizeram sobejamente e de maneira muito eficiente.

Desejo antecipadamente manifestar o meu orgulho de ter pertencido à FEB, porque apesar de ter iniciado com dificuldades no Brasil, e nas primeiras ações na Itália, conseguiu sobrepujar a tudo e terminar vitoriosa em várias batalhas e em particular no ataque a Montese, e no aprisionamento de uma Divisão de Infantaria alemã.

A minha participação na FEB teve duas fases; a primeira no Depósito do Pessoal, sucedeu-se ao período em que eu servia em Santa Maria, era 1º Tenente e no fim do ano de 1943, fui consultado se aceitava ser comissionado no posto de Capitão e ir para a FEB; respondi afirmativamente. A promoção a Capitão comissionado ocorreu em 1944 no mês de janeiro, fiquei no Regimento até junho, quando recebi um radiograma informando que eu devia me apresentar "com a máxima urgência e pelo meio mais rápido".

Fui ao Comandante do Regimento Mallet, unidade onde servia, e solicitei que me conseguisse dois ou três dias de dispensa, para desmontar a minha casa a fim de levar a minha família. Ele mandou que eu fosse me apresentar a 3ª DI, atual DE; foi o que eu fiz, formulando a mesma argumentação. A DI disse que não sabia, e consultou a 3ª Região Militar. Essa respondeu que havia reservado uma cabine para mim no trem da próxima segunda-feira, seis dias depois.

Procurei saber, enquanto me preparava para viajar, onde estava instalada a minha nova Unidade. Ninguém sabia. A 3ª RM, consultada, respondeu que eu fosse a São Paulo e me apresentasse no QG da 2ª Região Militar, que eles me encaminhariam.

Depois de três dias e duas noites de viagem, cheguei a São Paulo. Dirigi-me ao QG e lá me informaram que eu fosse para Taubaté, onde estava o Depósito; tomei um trem no dia seguinte com a minha senhora e filha, chegando ao meu destino. Apresentei-me ao coronel; quando ele percebeu que eu era de Artilharia corrigiu meu rumo para Pindamonhangaba. Diante dos termos do rádio, ele sentiu meu desapontamento e uma certa surpresa. O comandante então acrescentou: "Vai para o Rio, instala a sua família, faz os uniformes, toma vacina, realiza os exames de saúde, e depois vai para Pindamonhangaba, que é a sua sede". Foi o que eu fiz consumindo quinze dias.

Passado esse tempo, apresentei-me no Depósito da FEB. O que era esse Depósito? Era uma unidade não combatente, que não existia em tempo de paz e não tinha Quadro de Organização. A sua missão era fazer o recompletamento do pessoal, mantendo os efetivos completos das organizações militares empregadas e receber os feridos que tinham sido hospitalizados para tratamento e retorno ao combate.

Essa organização inicial era dividida em três terços: um terço de Infantaria, um terço de Artilharia e um terço das outras Armas e Serviço; designação advinda do passado. Os terços diferiam completamente, os da Infantaria eram três mil homens, a Artilharia, quatrocentos, e os outros mais ou menos de quinhentos a seiscentos homens.

Essa designação não foi bem aceita, mudando para subgrupamentos no lugar dos terços; Subgrupamentos de Artilharia, de Infantaria e das demais Armas. Mas, subgrupamentos para nós, não significava nada, porque nós precisávamos de uma unidade definida com seu Quadro de Organização (QO) para atender as necessidades da instrução. Então, os Comandantes dos Subgrupamentos adotaram o QO das Unidades combatentes e por isso passamos, na Artilharia, a constituir um Grupo. Daí, ao chegar, ter sido designado Comandante da Bateria de Serviço que era subunidade de Grupo de Artilharia. A Infantaria se organizou em Regimentos e as outras armas e serviços se organizaram em Pelotões.

Vou apresentar a crítica e as dificuldades que nós tivemos; não pode ser de forma diferente por se tratar de um depoimento histórico. O efetivo do Depósito da FEB tinha duas origens: reservistas convocados e praças da ativa. Os convocados, alguns satisfeitos, muitos insatisfeitos. No grupo dos insatisfeitos predominava os de melhor padrão de vida. As praças prontas, em função da simpatia que os comandantes de cada Unidade que nos mandavam soldados tinha pela FEB, alguns eram ótimos, gente muito boa, outros, descarga de tudo que havia de ruim nas Unidades.

O relatório da AD, no fim da campanha, assinalava que isso ocorria seja porque os comandantes de Unidades de Artilharia ou de outras Armas, cujos elementos eram transferidos para a FEB, não quiseram compreender o que representava para o Brasil a luta na Itália, pois para a mesma faziam uma seleção negativa, enviando homens doentes, de mau comportamento ou sem nenhuma instrução, acarretando o trabalho de devolvê-los às Unidades de origem, perturbação da vida administrativa e demora no preenchimento dos claros.

Esses comandantes – eu chamo a atenção no meu relatório – tinham sido influenciados pela propaganda alemã, 1939, 1940, 1941; a invasão da Polônia e a sua destruição praticamente em poucos dias, rompimento da linha Maginot na invasão da França, e depois o desastre de Dunquerque em que quase toda a tropa inglesa ficou detida em um porto. Então, alguns tinham uma grande admiração pela Alemanha, criando-se um grupo que era contrário à FEB. Nós os chamávamos de germanófilos; esse grupo tinha gente dos mais altos escalões até jovens tenentes.

Na convocação de reservistas, só eram atingidos os desafortunados, sem instrução especializada e sem possibilidade de adquiri-las, enquanto os de maior

nível de vida não eram convocados, ou quando ocorria, eram geralmente considerados incapacitados.

Esse foi um dos grandes problemas da FEB.

Em seguida veio o que se chamou de “política de representatividade”. Comentava-se que os governadores passavam a intervir no recrutamento por motivos políticos. Alguns ponderaram a grande participação com o pessoal do próprio Estado, como São Paulo, Rio e Minas, e outros queriam ter representantes na FEB, para defender a pátria.

O General Cordeiro muito bem se manifestou sobre isso: “Nada de uma representação exponencial de nossa gente. Talvez até pelo contrário, nossa mescla constituída de matutos, gaúchos e sertanejos; negros e brancos, letrados e analfabetos”.

Retomando a abordagem que vinha realizando, minha estada em Pindamonhangaba foi pequena. Após cinco dias fomos transferidos para o Rio de Janeiro, em meados de julho, instalando-nos no quartel do Batalhão Escola de Infantaria.

No Rio, existiam dois problemas: primeiro a preparação administrativa dos homens e depois, a instrução para a guerra. A preparação individual compreendia: fazer uniforme, inspeção de saúde, exame de sangue, confecção da plaqueta de identificação, vacinação – três tipos em duas ou três doses cada – declaração de herdeiros e a folha de consignação, até possíveis dívidas que cada um tivesse.

Não tínhamos material algum para a instrução. Praticamente podiam ser ministradas sessões de educação física, ordem unida e educação moral, para, pelo menos, enquadrar os homens e prepará-los física e moralmente para enfrentar o que pudesse vir. Assim, nós passamos até 24 de setembro de 1944, quando nos transferiram do Batalhão Escola para o Regimento Sampaio.

Nós, artilheiros, desde o início, sonhávamos em receber o material de Artilharia; queríamos ser o quinto Grupo de Artilharia na Itália. Até porque, a organização adotada pelo subgrupamento foi Grupo de Artilharia, com cinco baterias: três de tiro, uma de serviço e uma de comando. Eu fui nomeado comandante da Bateria de Serviço, como anteriormente mencionei.

O preparo individual, administrativo, do pessoal estava bem adiantado. Éramos no Depósito 4.700 homens, de modo que isso não era um trabalho fácil. Exigia a divisão dos homens em turmas, em lugares diferentes, o que limitava muito a instrução, ministrada apenas naquelas horas de folga da preparação individual.

Quando chegamos ao Regimento Sampaio, recebemos algum armamento, a carabina .30, que era arma individual do artilheiro, e até metralhadora .50. Pudemos, assim, iniciar a instrução de armamento, realizando tiros com armas de emprego individual e coletivo. Dávamos também instrução de sobrevivência no mar, além

das já relatadas. Mas não tínhamos meios de dar instrução aos soldados de Artilharia, pois só conseguimos dois canhões Scheneider 155mm, mas os aproveitamos para o treinamento dos oficiais, indo umas duas ou três vezes a Gericinó fazer o tiro.

Fazíamos o treinamento teórico dos oficiais no Regimento Floriano depois do jantar em um terreno reduzido. Íamos para casa às nove ou dez horas da noite, durante todo esse tempo.

No início de outubro, começaram a ser feitas novas inspeções de saúde. Lembro-me que havia divergência sobre o problema de doenças venéreas e à situação dos dentes. Houve novas inspeções, com mais rigor, e muitos tiveram que ser excluídos. Isso representou a vinda de novos contingentes, com todos aqueles problemas do preparo individual e instrução.

Nos últimos dias desse mês, o General Anôr Teixeira dos Santos, que era o Chefe do Estado-Maior da FEB no interior, fez-nos uma visita, afirmando que dentro de um mês deveríamos embarcar. Isso criou um problema moral para a gente, pois julgávamos que a tropa não estava preparada para a guerra.

No início de novembro, houve uma nova modificação no Depósito, que transformou todos os Subgrupamentos em quatro Batalhões de Recompletamento, com três Companhias cada um. Eu que comandava a Bia Sv, do sonhado Grupo de Artilharia, com oitenta homens, recebi pessoal de Intendência, Saúde e Comunicações, num total de mais oitenta homens e passei a comandar a 11ª Companhia, com um efetivo, portanto de 160 homens.

Para completar, dez dias antes do embarque, recebi um contingente de Artilharia de Costa, alguns soldados, até má conduta; não tinham uniformes e não tinham feito nada absolutamente. A sorte é que existia no almoxarifado do Regimento Sampaio uma quantidade enorme de sacos de fardamento de soldados que não haviam embarcado e que foi usado com esse pessoal. Providenciamos os exames e confecção das plaquetas, ficando o resto, como vacinas, folhas de consignações, declaração de herdeiros etc, para a viagem de navio. Nós já tínhamos mais ou menos a data marcada para o deslocamento.

Outro problema apareceu, mas esse de ordem pessoal. Vinha da cidade para a Vila Militar lendo o jornal Diário de Notícias, uns seis ou oito dias antes do embarque. Li a minha transferência e a de um Capitão do Depósito da FEB para o 6º RAM de Cruz Alta. Isso foi de manhã. À tarde fui falar com o General Anôr, e ele, surpreso, disse: "Só pode ser coisa do general fulano. Não tomo conhecimento, eu não transcrevo no meu boletim e vocês embarcam". Então, fomos. Mais tarde, na volta da Itália, vim saber que em dezembro daquele ano, quando os capitães comissionados foram efetivados no posto pela Comissão de Promoções, não queriam me promover,

porque faltava a Ata de Inspeção de Saúde. Por sorte, o Ajudante-de-Ordens do Chefe da Comissão informou que eu estava na FEB, na Itália, sendo portanto apto para o serviço – categoria E, especial. Assim, resolveram me promover.

No dia 22 de novembro embarcamos no *Meighs*, um grande navio, ao todo 4.700 homens. No dia seguinte, zarpamos com um cruzador e um contratorpedeiro brasileiros nos comboiando e com um deslocamento em ziguezague para fugir dos submarinos, bem como normalmente à noite, às escuras.

Durante a viagem foram feitos treinamentos antiaéreos, com as metralhadoras 20mm e os canhões 90mm antiaéreos do navio atirando na biruta. Outro exercício que nós fizemos foi o de "abandono de navio"; tocava o alarme, todo mundo tinha que correr cada um para o seu bote. No primeiro exercício de torpedeamento e "abandono do navio", houve um fato até engraçado. Um 2º Tenente dentista, que tinha sido convocado, quando acabou o exercício foi correndo para o alojamento arrumar a mala, para o caso de ter de fato de abandonar o navio.

Fazíamos duas refeições por dia e, para distrair o pessoal, nós tínhamos roda de samba e *shows* improvisados. De uma maneira geral, os homens se portaram bem. Houve uma briga, decorrente de uma velha rivalidade de dois nordestinos; um camarada que teve ataque de histeria, que foi desembarcado no primeiro porto para voltar ao Brasil.

Ao chegarmos a Gibraltar, houve uma formatura no navio e nós cantamos o Hino Nacional e *Deus Salve a América*, para nos despedirmos do cruzador e do contratorpedeiro. Prosseguimos pelo Mediterrâneo, guiados apenas por um pequeno navio americano.

Dia 7 de dezembro, finalmente chegamos a Nápoles. A impressão não foi boa, porque havia muito navio bombardeado, outros meio submersos, uma coisa de miséria mesmo. Lá nós passamos duas noites, dos dias oito e nove, dormindo no navio. No dia nove, colocaram-nos no LCI, que é uma embarcação onde vão duzentos homens, sendo ao todo 22 LCI.

Na saída da Baía de Nápoles, o mar estava revolto e o navio jogava, provocando um enjôo coletivo. À noite, fui visitar o compartimento dos soldados, que dormiam em beliches, uns sobre os outros, em colunas de cinco ou seis. Em baixo, na altura das cabeceiras, existiam latões para receberem os vômitos, de modo que o pessoal vomitava no latão e respingava no companheiro do lado. A sujeira e o mau cheiro eram insuportáveis.

Eu, no meu camarote para seis oficiais, vomitei pela janelinha que dava para fora, mas depois faltaram as forças, passei a usar o caneco, só biles. Todo mundo estava assim, dizem que até gente da tripulação. Foi terrível.

No dia 10 o mar estava calmo e já perto de Livorno, fomos arejar no convés, quando foi dado o aviso de ataque aéreo. O pessoal foi obrigado a descer. Não sei se foi brincadeira ou se foi exercício.

Chegando a Livorno, embarcamos em caminhões e fomos para San Rossore, que era um acampamento – uma área de quarentena – onde ficamos oito ou dez dias e fizemos uma marcha forçada de duas horas, para espichar um pouco os membros, e embarcamos novamente nos caminhões que nos levaram para Staffoli. Nessa região, havia uma grande mata de pinheiros, mata plantada. Tudo estava por fazer. Cada comandante de companhia recebeu trinta barracas de dez praças e duas barracas de quatro oficiais.

Instalamos as barracas e fomos aos pouquinhos limpando o acampamento, porque sabíamos que aquele estacionamento era permanente. Tínhamos que fazer com que o pessoal tivesse conforto; realizamos até concurso de barraca. Houve quem fizesse um tablado no chão, outros suspenderam as camas com presilhas, cada um, usando da sua imaginação e transmitindo aos outros o que puderam melhorar.

Nós, na Companhia, procuramos trabalhar a integração do pessoal. No Natal, fizemos uma árvore típica da época, e eu me referi que as famílias estavam sentindo a nossa falta e nós, sentindo a falta deles.

Eu tinha um estoque de maços de cigarros, pasta de dente, sabonete, aparelho de barbear etc. Distribui a cada soldado com uma mensagem. Eles ficaram emocionados e alguns permaneceram junto à árvore de natal, tarde da noite, apesar do frio, rezando e pedindo a Deus proteção. Esse momento de reflexão nos marcou muito. Mas, de instrução não havia nada.

Em janeiro, como resultado dos ataques de novembro e dezembro, tivemos que fazer o recompletamento de 790 praças para a frente, 95% eram de Infantaria. Tiveram sorte, porque os dois combates principais, em 29 de novembro e 12 de dezembro já tinham acabado e pode, esse pessoal do recompletamento, aproveitar-se da estabilização da frente devido ao inverno que chegava e ganhar experiência. Nessa época não havia ataques, só patrulhas. Janeiro foi um mês morto; só em 21 de fevereiro é que foi feito o ataque a Monte Castelo.

No fim de fevereiro chegou o 5º escalão, vindo do Brasil; eram mais cinco mil homens. Fizeram nova redistribuição de efetivo e renumeraram as companhias, a minha que era a 11ª na primeira organização, passou para a 14ª. A solução não foi o aumento de efetivo nas subunidades mas a organização do 5º Batalhão e o acréscimo de companhias.

Fazia diariamente a censura de correspondência do pessoal. Isso permitia ter uma idéia do estado de espírito deles. Sentia-se que o homem estava cansado, queria

ir para a frente. Certa vez, um cabo motorista veio a mim, solicitando ser rebaixado, para poder substituir um soldado motorista na frente de combate. Disse-lhe que não podia fazer e ele ficou. Nós estávamos ansiosos para participar da guerra.

No fim de fevereiro, um companheiro foi à retaguarda e eu lhe pedi pra me levar lá na frente, pois eu queria ver a guerra. Fui e fiquei lá dois dias e duas noites; não pude ver muita coisa, mas pelo menos satisfiz a minha curiosidade. Quando voltei, tive uma notícia muito boa. Os capitães de Artilharia, que era o meu caso, iam fazer um estágio de quinze dias na frente, sendo eu designado para o I Grupo.

Antes de passar ao relato dessa segunda fase, queria fazer uns comentários sobre a primeira e, se possível, tirar alguns ensinamentos. Em primeiro lugar, devo declarar que apesar do esforço feito, não conseguimos preparar convenientemente os homens do Depósito para deixá-los em condições de combater. As causas disto foram: a falta de meios para a instrução. Esta deficiência poderia ser minorada no Brasil se tivesse sido aproveitado o material deixado no País pelo 1º escalão da FEB, que embarcou no dia 2 de julho.

A outra causa refere-se à heterogeneidade do contingente, criando dificuldade para se ministrar a instrução com a rapidez que se fazia necessária. Chegamos a receber praças de Artilharia de Costa às vésperas do embarque. Uma solução melhor teria sido enviando-se para o Depósito o pessoal das Unidades que não iam embarcar e que, provavelmente, possuíam algum treinamento. Para cobrir os claros nessas Organizações, destinar-se-ia o contingente do Depósito que foi convocado.

Tal fato nos conduz a uma sugestão; uma unidade de recompletamento deve receber praça pronta, porque os prazos necessários para a instrução são diferentes dos prazos de recompletamento; determinado tipo de operação exige recompletamento de mês em mês. Mas, a instrução exige prazo de três a quatro, às vezes até cinco meses para preparar o homem.

Outra missão do Depósito era receber o pessoal que tinha sido recuperado no hospital, para repouso e posterior substituição de elementos da frente. Também não poderão ser remetidos logo para a frente, porque suas vagas foram preenchidas pelo último recompletamento. O soldado na FEB não aceitava isso. Ele vinha para o Depósito, mas queria retornar para a Unidade o mais rápido possível; chegavam até a desertar. Diziam que não queriam ser "saco B".

Mandamos para a frente até o fim da guerra 3.372 homens: em dezembro, 750; em janeiro, que foi uma fase estabilizada por causa do inverno, foram 45; em fevereiro, 774, com o ataque a Castelo; em março, 332; e em abril, por causa do ataque a Montese, 1.471 homens. De Infantaria, 95%, o que corresponde em torno de 1.065 homens para cada RI, em cinco meses de guerra.

Essas considerações demonstram a importância do recompletamento.

Então, aqui termina a primeira fase. Conforme eu já disse, nós, capitães de Artilharia, íamos fazer estágio na frente de combate. Fui para o Batalhão do Major Ramagem, o II Batalhão do 11º RI. Chegando lá, assisti a uma exposição do S2 e do S3, respectivamente da posição do inimigo e das tropas amigas, e o Oficial de Ligação apresentou o Plano de Fogos da Artilharia logicamente completado com as necessidades do Batalhão. No dia seguinte, percorri a frente do Batalhão com os observadores avançados para tentar saber o dispositivo inimigo. Não aparece nada, fica todo mundo enterrado; procurei ter mais ou menos uma idéia.

Terminado o estágio, retornamos. Alguns dias depois, recebi a notícia que nós íamos ser efetivados lá na frente. Isso foi muito bom para mim, porque eu ia ver guerra de fato, ia andar lá. O meu problema é que eu ia ser integrado a uma Unidade que já havia participado de três ataques: os de 29 de novembro e 12 de dezembro, no inverno, e o da conquista do Monte Castelo.

Alem disso, eles tinham feito o treinamento no Brasil com o material americano, inclusive o tiro de AD, que é o último grau de ação da Artilharia em nível de Divisão. Fiquei muito preocupado, porque eu tinha que me encaixar nesse pessoal. Eu sabia que era excedente, como chefe da quarta turma de ligação, era uma reserva, mas, qualquer falta de Capitão, eu seria chamado.

Procurei acompanhar de perto, vivia muito na Central de Tiro, porque na Artilharia é o órgão principal. Ficava ali e procurava aprender. Era a fase de patrulhas. Tive a oportunidade de assistir a duas situações que julgo interessante relatar. Primeiro, foi uma patrulha de um Pelotão de Infantaria, empregado contra uma posição dos alemães. Tudo foi planejado. O Pelotão progrediria até chegar a duzentos metros do objetivo, onde estavam presumidamente os alemães; ao atingir o local, avisaria à central de tiro, para que fosse providenciada uma concentração por quatro, durante um minuto; ao todo, 48 tiros de 105mm lançados sobre a posição – três Baterias a quatro peças cada uma. Enquanto se processava a concentração, o alemão permanecia enterrado e ficava esperando outra, mas, nesse intervalo de tempo, o pelotão que estava a duzentos metros desencadeava o ataque, conseguindo surpreendê-los. Foi um sucesso a primeira patrulha. A Infantaria ficou muito animada. Uma semana depois, resolveram fazer uma patrulha com dois Pelotões de Infantaria. Combinamos tudo como anteriormente. O Tenente que estava comandando essa segunda patrulha tinha ido na primeira, tendo adquirido uma confiança incrível na Artilharia. Então, em vez de ele ficar a duzentos metros, foi para cem metros.

Deu azar. Na hora da concentração, bateu um vento contra, e alguns tiros caíram em cima do nosso pessoal, porque eles estavam muito avançados. Houve

gente que só apareceu de manhã nas posições, porque foi uma dispersão total; foi um fracasso. Isso é uma experiência que precisa ser considerada. Há fatores que podem alterar o alcance, como o vento e a temperatura; assim, aqueles duzentos metros tinham que ser respeitados. Felizmente, não morreu ninguém.

Em março, passei a exercer a função de S2 do Grupo durante oito dias. O alemão fez um tiro de contrabateria sobre a 1ª Bateria, morrendo dois soldados nossos. Então, fui lá ver seus efeitos, pois eu precisava ver para me integrar, eu queria aprender, porque era novato. Não tinha feito os exercícios anteriores que os outros fizeram.

Em 14 de abril de 1945 veio Montese. Esse ataque estava previsto para o dia 12 de abril, mas teve que ser transferido para o dia 14 de abril, por causa do tempo.

Nos primeiros dias de abril, fui designado Oficial de Ligação junto a 5ª Companhia do 11º RI, encarregada de cobrir o flanco esquerdo do Regimento, que era quem atacava diretamente a Montese. Antes do ataque tivemos dois problemas. O primeiro foi na noite de 10 de abril, quando desencadeou a barragem de fogos de Infantaria. Era um tiroteio tremendo; o Capitão chamava os tenentes, questionando o que ocorrera, ninguém sabia. Como a barragem continuava, apesar dos esforços do Capitão, avisei-o que ia pedir ao Grupo para lançar cinco ou seis granadas iluminativas. E a barragem acabou parando, porque não havia ninguém na frente.

O outro caso, em 12 de abril, foi de uma patrulha mandada durante o dia. A patrulha progredia dispersa na nossa frente; quando se aproximou do local, a "lurdinha" atirou, deram duas ou três rajadas, caíram dois homens, os outros deitaram e conseguiram sair dali. No entanto, ficaram tentando buscar os companheiros feridos; isso era uma norma na FEB, mas os tiros da metralhadora não deixavam; era um campo limpo. Eu pedi ao Grupo para lançar granadas fumígenas. Eles lançaram, encobrindo a área, mas o alemão percebeu a nossa intenção e passou a realizar tiros de morteiro, juntamente com os de metralhadora; não houve jeito. Chegou a noite e os homens vieram embora, sem conseguir recuperar os companheiros.

A missão da DIE foi atacar Montese a fim de cobrir o flanco esquerdo da 10ª de Montanha americana. Ambas iniciariam seus ataques no mesmo instante, com o objetivo estratégico comum de romper a linha *Gengis-Khan*, última linha de defesa do alemão para impedir o acesso ao Vale do Rio Pó, a entrada do Norte da Itália. Foi uma luta terrível, três dias de violência muito grande. No primeiro, dia 14, o Tenente Iporan, que comandava um pelotão, conseguiu entrar na Vila de Montese, por volta das treze horas. E o 11º conseguiu dominar Montese às 15 horas. Foi uma grande comemoração.

A 10ª de Montanha, muito mais poderosa, com um pessoal especializado, avançou pouco na posição inimiga e teve uma quantidade enorme de mortos e feri-

dos. Era uma divisão treinada para atuar nesse tipo de terreno, nos Apeninos, que era um terreno muito montanhoso.

No dia 15, o segundo dia do ataque, a DIE conquistou as alturas que dominavam Montese, um objetivo muito difícil de conquistar. A 10ª de Montanha conseguiu avançar um pouco. Em 16, uma luta violenta após Montese; o alemão não queria recuar de jeito algum, empregando a Artilharia e morteiro em cima da nossa Infantaria; foi uma loucura. Nós, em cima deles, com o nosso potencial de Artilharia. A 10ª de Montanha conseguiu atingir Tole, uma cidadezinha que correspondia ao rompimento da defesa inimiga.

Vou fazer uma referência ao nosso soldado; acho que é importante fazê-lo. A conquista de Montese foi sem dúvida a maior demonstração do espírito de luta e do valor do soldado brasileiro. Um combate que durou três dias seguidos, sob uma violenta ação da Artilharia e dos morteiros inimigos. Serviu para demonstrar que os insucessos de 29 de novembro e 12 de dezembro, no Monte Castelo, decorreram de um emprego precipitado da nossa tropa.

O General Mascarenhas, no que se refere aos dias 29 de novembro e 12 de dezembro, alertou que a nossa tropa não estava ainda em condições de atacar. Havia uma Unidade que tinha recebido armamento no dia 22 de novembro e atacou a 29, com fuzil, metralhadora e morteiro diferentes. Essa foi a justificativa que eu acho muito justa; é um ato de justiça, porque o pessoal aqui – eu senti depois – achava que tinha sido uma derrota por incapacidade; nós atacamos duas vezes com dois batalhões; o americano tinha atacado antes de nós com a *Task Force 45*, reforçada com um batalhão do 6º RI; eram três batalhões e não tiveram sucesso. O pessoal não estava preparado; não estava familiarizado.

O General Mascarenhas, desde o início, dizia que aquela frente, só com duas divisões. E a vitória ocorreu em 21 de fevereiro com duas divisões, a 10ª de Montanha a nossa esquerda e nós em cima de Monte Castelo.

Bem, veio o dia 17, a DIE se preparou para continuar o ataque em Montese, mas o americano impediu; como a 10ª de Montanha tinha rompido a defesa, nós íamos entrar no Aproveitamento do Êxito. O 11º RI, a coberto do Esquadrão de Reconhecimento, cerrava à frente na direção do Rio Panaro.

O americano trouxe da retaguarda a 1ª Divisão Blindada e a colocou entre a DIE e a 10ª de Montanha, e do lado direito, a 85ª Divisão de Infantaria. Eram quatro divisões avançando. Houve o rompimento, o alemão oferecia resistências esparsas, destruições nas estradas e campos de mina para retardar nossa progressão.

A Infantaria sozinha resolvia esses confrontos e nós, artilheiros, ficávamos sobre rodas, prontos para se necessário entrar em posição.

Há uma diferença entre o Aproveitamento do Êxito e a Perseguição. No Aproveitamento do Êxito o inimigo vai combatendo, instalando minas, resistindo. A Infantaria resolve, a Artilharia não precisa atuar, porque não tem emprego em massa.

Isso se passou até o dia 23 de abril. Nesse dia, o 11º chegou a Vignole, e a DIE fez uma inflexão pela esquerda para ir pelo Sul do Rio Pó. A finalidade dessa ação era bloquear a saída das montanhas dos Apeninos, impedindo que o alemão viesse desembocar na planície para transpor o Rio Pó e atingir o flanco do IV Corpo, além desse rio.

Nessa noite fiquei de ligação junto ao 11º RI, em Vignole. Normalmente, quem faz a ligação com o Regimento é o Comandante do Grupo de Artilharia. Em nível Batalhão era o Capitão Oficial de Ligação. O Grupo ocupou uma posição em condições de proteger qualquer ponto em Vignole. Isso posto, o Coronel Levy Cardoso, Comandante do Grupo me diz: “Agostini, eu estou muito cansado, você vai para o RI e fica lá”. Bem, eu fui...

Para chegar a Vignole, tive que atravessar o Panaro porque a ponte estava destruída, o rio tinha um pouco de correnteza e nós ficamos até com receio de passar com o *jeep*. Mas, a solução era essa; enfrentamos, pegamos a estrada e chegamos.

Ao me aproximar do PC, vi à direita uma sepultura, o fuzil, o sabre encravado e um capacete alemão, era coisa recente. Entramos, parecia um pequeno hospital ou uma enfermaria, e nós passamos a noite lá. Pude verificar a dificuldade que um Comandante de Regimento tem em uma operação de Perseguição, buscando contato com os seus batalhões; não houve jeito, passou a noite inteira chamando e ninguém atendia.

As operações eram bastante descentralizadas. A 1ª DB, a 10ª e a 85ª DI seguiram para o Norte, nós para Noroeste, ao Sul do Pó. Quando a 10ª e a Divisão Blindada saíram do nosso apoio, entrou a 34ª DI pelo norte do Pó e nós fomos pelo Sul. Era uma divisão na reserva que foi empregada ali.

Trata-se de correr atrás do inimigo. A Infantaria não tinha condições de acompanhar o recuo dos alemães; quem foge sempre tem mais velocidade. Então, o General Mascarenhas resolveu motorizar a nossa Infantaria, usando os caminhões dos Grupos de Artilharia que foram divididos em dois comboios; um para o 6º RI e o outro para o 11º RI. Faço questão de registrar a apreciação feita pelo General Mascarenhas sobre a importância do transporte dos infantes pela Artilharia: “Os espetaculares triunfos, obtidos na última semana de abril, evidentemente resultaram do vigor e da agressividade da Infantaria brasileira; mas não há como negar que decorreram fundamentalmente da enorme velocidade de nossos infantes, conduzidos, em longos percursos, pela nossa Artilharia”.

No dia 26 de abril, o Esquadrão de Reconhecimento tomou contato com a tropa inimiga em Collecchio, percebeu que era uma tropa forte e pediu reforço. Foi determi-

nado que o II Batalhão do 11º RI – Batalhão Ramagem – com os seus próprios meios, se deslocasse para aquela localidade. O transporte foi feito Companhia por Companhia, a uma distância de mais ou menos vinte quilômetros, de onde ele estava, para Collecchio.

À noite ele atacou, vindo a saber depois que era a vanguarda da 148ª Divisão alemã. Foram aprisionados 588 homens e tivemos alguns mortos e feridos. Dentro da manobra da 1ª DIE o Esquadrão foi lançado e conseguiu localizar a divisão que vinha vindo. O 6º RI foi encarregado de fazer o cerco, o mesmo estava com três Batalhões motorizados. Efetuado o cerco, as partes começaram a parlamentar.

O I Grupo ficou sobre rodas, em condições de apoiar qualquer tropa que tivesse problema na frente, na posição de espera de Scandiano, que é uma cidade mais ou menos a uns quarenta ou cinqüenta quilômetros de Vignole. Lá, estacionamos, aguardando ordens. Em seguida, o Grupo recebeu a missão de transportar o I e o III Batalhões de Infantaria do 1º RI, que tinham ficado na retaguarda, em Zocca, para Piacenza, na frente.

Eu fui encarregado de fazer o comboio, reuni todos os caminhões possíveis da Unidade e fui lá a Zocca a uns sessenta, setenta quilômetros dali. Cheguei ao escurecer... Dei ciência aos dois Comandantes de Batalhões de minha missão, eles rapidamente embarcaram a tropa e nós saímos em direção a Piacenza.

Cheguei à Via Emília, blecaute, tudo escuro... prosseguimos... Quando nós chegamos próximo a Parma, havia um Pelotão de Carros de Combate americano parado na estrada. Fui perguntar qual era o problema, sendo esclarecido que a resistência tinha canhão anti-tanque impedindo o pelotão de avançar. Resolvi esperar também.

Nisso, veio um *partigiani*, e me disse: "Capitão, eu sei um caminho pelo norte de Parma que se pode passar sem ser atingido". Eu, como estava aflito para chegar a Piacenza, cumprindo com a minha missão, digo: "Sobe no capô da 3/4t, se houver um tiro você vai ser o primeiro a morrer". Ele concordou e foi. Conseguimos passar, chegamos a Firenza, a primeira cidade depois de Parma, sem novidades.

No dia seguinte, a 28, chegamos a Piacenza, mais ou menos sete e meia da manhã. Os italianos logo vieram, e nos aclamavam: *Liberatori! Liberatori!* Fomos muito bem acolhidos e nos informaram que o alemão saiu cedo e que devia estar numa vila chamada San Carlos. Prosseguimos mais uns três ou quatro quilômetros e os infantes desembarcaram e eu voltei.

Peguei a via Emília, passei em Firenza e Parma. Chegando à Reggio Emília, um MP me parou e disse: "Ordem do V Exército, todo o comboio que vai para a retaguarda vazio tem que levar prisioneiro". Levei o comboio para junto de um galpão cheio de prisioneiros, que foram embarcados e prosseguimos. Chegamos a Modena, adiante de Vignole, onde desembarcamos os prisioneiros. A segurança que eu tinha nesse

comboio eram dois MP em um *jeep*. Mas, a guerra já estava vencida. Os italianos batiam palma e gritavam; a satisfação era grande.

Retornando ao Grupo, o meu comandante estava nervoso, perguntando onde eu tinha andado. Contei a história. Desde o dia em que saí daqui até agora, só fiz pequenos altos – paradas técnicas – de dez minutos, nem para comer...

Nós saímos em seguida para Alessandria, onde assistimos o fim da guerra na Itália, em 2 de maio. A Infantaria foi um pouco à frente, para o Norte, encontrando poucas resistências esparsas, de modo que para nós a guerra acabou em Alessandria.

Alessandria era uma cidade de tamanho médio, tinha conforto, nós ficamos estacionados em um quartel do Exército italiano, talvez até 22 de junho. Depois nós descemos para Francolise, para aguardar o transporte marítimo.

Fizemos em três etapas; uma até Livorno, de Livorno a Roma e de Roma a Francolise. Lá chegando, ficamos em um acampamento montado na terra, junto à Praia de Mondragone, onde se podia tomar um banho de mar, de vez em quando. Ali havia muita poeira e pouca viatura. Consegui dar dois telefonemas para a minha mulher.

Eu regressei para o Brasil de avião; houve uma ordem para que o pessoal sem comando de tropa viajasse de avião. Embarquei no dia 3 de agosto, passando por Palermo, na Sicília, Oran, Casablanca, onde ficamos oito dias. Fomos a Dacar, depois Natal, e finalmente Rio, em 22 de agosto.

Antes da viagem, surgiu um boato no acampamento, que assim que as tropas chegassem ao Brasil, seriam licenciadas. Duas justificativas foram apresentadas: a primeira afirmava que a ordem teria partido do Palácio do Catete, que temia uma ação contra a ditadura que reinava no País, já que havíamos ido para a Itália defender a democracia. A outra dizia que tinha sido dos Ministérios Militares, temendo manifestações de indisciplina da tropa, que existiram antes da viagem à Itália.

Na verdade, essa dissolução teria como conseqüência a distribuição de muitos oficiais e sargentos pelo País inteiro, quebrando os laços de amizade e companheirismo que construímos e, ainda mais, tiraria a oportunidade de serem ouvidos, para aproveitamento dos ensinamentos adquiridos por todos os escalões da Itália.

Finalmente, após 14 dias de viagem, o 1º escalão da FEB chegou e desembarcou no Cais do Porto, no Rio, desfilando em seguida na Avenida Rio Branco. As revistas e jornais da época deram uma ampla visão da maravilhosa recepção que o povo proporcionou à FEB. A massa de gente que estava comprimida na Avenida Rio Branco não permitiu que o desfile da tropa se realizasse em ordem. Fato que se repetiu com todos os escalões.

Alguns dias após a chegada, os escalões foram dissolvidos. Houve um esquecimento sobre a FEB. Isso atendeu principalmente aos interesses daqueles, cuja pre-

sença viva da FEB seria um estorvo às suas vaidades. Este veio atingir de modo particular o seu grande chefe, Marechal Mascarenhas, que afastaram propositadamente do centro das decisões e o desprestigiaram. Pediu, em um gesto de desprezo, a sua transferência para a reserva. Os termos da sua despedida do Exército não vão além de meia página de um boletim.

Que assim se inicia:

"Por uma digna e clara compreensão de minha situação após a guerra, no seio do Exército, afasto-me voluntariamente das suas fileiras, depois de quarenta e sete anos de serviços prestados com a maior devoção. Faço com a consciência do dever cumprido, sem reservas e nem vacilações" e continua...

Felizmente o Congresso, em um gesto de justiça, resolveu promovê-lo ao posto de Marechal, mantendo-o na ativa em reconhecimento aos serviços prestados ao Brasil.

Vou-me afastar um pouquinho da FEB para lembrar uma participação no sistema defensivo do nosso território. Foi uma experiência muito interessante.

Depois do torpedeamento dos nossos navios – em uma semana foram cinco – houve uma manifestação muito grande de estudantes na cidade no Rio de Janeiro e o Brasil declarou estado de beligerância. Nessa época, em 1942, eu tirei o Curso de Educação Física e fui classificado na Fortaleza de Santa Cruz, na entrada da Barra do Rio de Janeiro.

Nessa época, um submarino havia penetrado numa baía inglesa e torpedeado um encouraçado. A imprensa logo explora isso violentamente, o que trouxe a preocupação da defesa da entrada da barra, de modo a impedir que os alemães entrassem na baía.

Na Fortaleza, eu era Comandante da Seção de Projetores; havia outra em Copacabana. À noite, iam os dois projetores para a boca da barra, porque um alternava com o outro. Depois de um certo tempo, o pessoal dos navios e dos barcos de pesca começou a reclamar, por causa do intenso foco luminoso incidente sobre as vistas, cegando-as momentaneamente. Resolveram me colocar no Forte Rio Branco, porque assim eu via pelo lado; o efeito seria o mesmo para nós, para eles não, melhorou muito.

Voltando a tratar da FEB, falemos do desempenho dos oficiais e graduados durante a guerra, apesar do pouco treinamento que tiveram. Os oficiais e como os sargentos, haviam sido bem-preparados na paz, através dos cursos realizados.

Quanto ao relacionamento com a população local, podemos afirmar que foi muito bom, os italianos nos adoravam. Precisávamos estabelecer um PC; ocupava-se uma casa de italianos, eles levavam os colchões e dormiam nas cozinhas e às vezes em mais uma peça; assim, eles se ajeitavam. Eles pediam para fazer a comida para nós no PC, porque assim, comiam um pouquinho de carne e tomavam um pouquinho

de leite, que eles não tinham. Uma senhora me disse que há cinco anos depois do início da guerra não tomava leite. As crianças recebiam por semana na Itália 100 gramas de açúcar; era um racionamento terrível.

O italiano vibrava; eles me diziam que o alemão não convivia com eles, porque temiam a espionagem; os italianos eram os nossos amigos, as mulheres lavavam a roupa. O acolhimento foi muito bom durante toda a guerra.

Quanto ao soldado inimigo, podemos dizer que foi um grande soldado e não tenhamos dúvidas, de que os alemães estavam preparados. Foram lá para ganhar. Cumpriam a Convenção de Genebra; preso era respeitado, como nós o respeitávamos também. O nosso soldado é muito bom. Eu assisti: dois soldados vinham trazendo dois prisioneiros alemães que eles tinham conseguido na frente; um deles acendeu um cigarro e ofereceu aos prisioneiros.

Um fato que me impressionou e gostaria de destacar na campanha da FEB foi a transformação do soldado brasileiro; ele sentiu a guerra. No Depósito, que era mais desorganizado, eles se compenetraram de que iam para a guerra, prontos a colaborar com os seus superiores.

Houve um caso com um sargento e um soldado, filho de índio. Uma noite houve uma gritaria; alguém veio me avisar que o soldado estava com um sabre querendo agredir o sargento, que meio bêbado criara uma altercação com ele. Eu fui lá e os meus dois tenentes foram atrás de mim com uma pistola. Disse-lhes que não precisava. Ao chegar ao local, pedi ao soldado que me entregasse o sabre, o que foi feito com muita tranqüilidade. Vejam a compreensão de um homem humilde.

Com referência às conseqüências da participação do Exército nesse conflito, creio que a experiência foi mais benéfica aos que foram e trouxeram conhecimentos do que para a instituição; experiência de guerra é uma coisa que só participando é que se aprende. Muitos escreveram livros. O Exército, como conjunto, produziu relatórios muito fracos; não houve disseminação dos conhecimentos.

Em relação a minha vida pessoal, tive intimamente um conforto muito grande. Primeiro, não pedi para ir para a FEB, fui chamado, embarquei seis dias depois, deixando a família chorosa. Minha filha fazia aniversário dia 22 de novembro e nesse dia tínhamos que embarcar. Festejamos o aniversário no dia 21, ninguém sabia, só eu e a minha mulher. No dia 22, fui embora e não voltei.

Eu acho que se nós tivéssemos tido uma tropa mais bem-organizada, se não tivéssemos contado com a má vontade dos comandantes de unidades de nos mandar gente boa, em vez de gente ruim, teria sido formidável.

Encerrando esse relato, desejo reafirmar que apesar de todas as deficiências e dificuldades que vivemos na FEB, eu tenho amplo orgulho de ter pertencido a mesma.

General-de-Brigada Confúcio Danton de Paula Avelino*

Natural da Cidade de Quixadá, CE, pertence à turma de 25 de dezembro de 1938 da Escola Militar do Realengo, sendo declarado Aspirante-a-Oficial da Arma de Infantaria. Na guerra, exerceu a função de Comandante do Pelotão de Suprimento de Material Bélico da 1ª Companhia de Manutenção. Antes, em 1942, concluiu o curso da Escola de Motomecanização e, no ano seguinte, freqüentou curso, nos Estados Unidos, de Manutenção, Armazenagem e Suprimento de Material Bélico. Durante o conflito armado mundial, foi promovido ao posto de Capitão. Após o seu término, foi designado instrutor do Curso de Motomecanização para Oficiais da Reserva da 7ª Região Militar, em Recife. Em 1947, cursou a EsAO e, em 1952-54, a ECEME. Dentre as principais comissões como Oficial Superior destacam-se: Subcomandante do Batalhão Suez (Faixa de Gaza), Egito; Comandante do Batalhão Escola de Material Bélico; Comandante do 2º RI, RJ; Aluno da Escola Superior de Guerra; Chefe do EM da 2ª RM, SP; Comandante Geral da Polícia Militar de São Paulo; Subchefe do EM do IV Exército e Chefe de Gabinete do Departamento de Material Bélico. Promovido ao posto de General-de-Brigada, em novembro de 1972, exerceu as funções de Comandante do 1º Grupamento de Fronteira, RS; Chefe do Gabinete do EME; Chefe do Centro de Informações do Exército e Diretor de Motomecanização. Passou para a reserva em 1977. Recebeu a Medalha de Campanha e a Medalha de Guerra, por sua participação na Segunda Guerra Mundial.

---

* Comandante do Pelotão de Suprimento de Material Bélico da 1ª Companhia de Manutenção, entrevistado em 11 de julho de 2000.

Antes de discorrer sobre a Campanha da FEB, quero me posicionar na época, década de 1940, abordando a preparação e a organização da FEB. Eu era 1º Tenente e servia na Escola de Motomecanização, no Rio de Janeiro. Como a Escola estava iniciando o seu desenvolvimento, fui aluno e instrutor da mesma, e daí em diante não larguei mais a motomecanização na paz e na guerra.

Integrei uma organização, a 1ª Companhia Independente de Carros de Combate Leves que saiu para Natal. Passando em Recife, o General Mascarenhas deixou a Unidade nessa cidade e transformou-a em Batalhão de Carros de Combate Leves.

Agora eu quero contar como é que nos deslocamos, pois ainda não estávamos em guerra, mas já tinha sido torpedeado um navio nosso, o *Cabedelo*. Foi o primeiro, de uma série de 31 navios. Nós embarcamos no *Araraquara* que fazia parte de um comboio de sete navios. Sua Excelência o Ministro da Guerra foi a bordo e, achando que havia tropa demais no navio, mandou tirar uma Unidade, sendo designada a minha Companhia.

Os navios saíram no sábado, e na segunda ou terça-feira, já tínhamos notícias de que todos foram torpedeados em Abrolhos, onde morreu um colega de turma, o Tenente Alípio de Andrada Serpa. O navio em que ele estava embarcado foi torpedeado, sendo ele salvo por um outro navio, que também foi torpedeado e desapareceu.

Então, fui com o primeiro comboio para Pernambuco, onde recebi e tive que desencaixotar todo o material bélico do Nordeste, que era americano, inclusive o do Batalhão de Natal – 2º BCCL. Quando estávamos em Pernambuco, foi publicada no jornal a minha designação para freqüentar o Curso de Material Bélico nos Estados Unidos. Assim, eu, o Tenente Plínio Pitaluga e mais 11 oficiais fomos para esse país preparando-nos para a guerra. Lá nos Estados Unidos houve diversos cursos: de Transporte, de Manutenção, de Suprimento etc. Fizemos estágio em Unidade de Material Bélico, uma Companhia Média, e no final, participamos de uma manobra no Sul dos Estados Unidos com o General Patton, que era o nosso Comandante.

Enfrentamos um clima de 43ºC em Miami e seis meses depois, estávamos a menos 8ºC. Aí foi que vi o que era frio pela primeira vez.

O Curso de Transporte, em San Antonio, Texas, para capitães e tenentes, não era só para o Exército Brasileiro; havia sul-americanos, mais ou menos uns oitenta ou noventa oficiais. Começava com instruções de marcha motorizada, quando eram escalados dois oficiais: um como motorista e o outro como ajudante. Realizavam-se deslocamentos de setecentos ou oitocentos quilômetros, não se podia dormir. Nessa época, nos Estados Unidos – nós nunca vimos disso no Brasil e nem eu sabia que existia – escurece às 22h30min. Ficávamos cansadíssimos. Depois fomos fazer o Curso de Suprimento; nós que pensávamos que suprimento de guerra fosse missão

da Intendência, vimos que não era, era de Material Bélico, era material de comunicações, binóculo, telêmetro, relógio etc.

Como ensinamento, trouxemos uma maneira muito prática e fácil de acionamento de uma Unidade de Material Bélico, sendo interessante falar sobre essa operação nos Estados Unidos. Estou tocando nesse assunto para depois falar sobre o acionamento da FEB, aqui no Brasil. O acionamento é assim: num campo, por exemplo, a Vila Militar recebe a missão de acionar um Batalhão, de acordo com um cronograma, isto é, D, D mais um, D mais dois, D mais três etc. No dia D mais um, de manhã, apresentam-se na Vila Militar um Capitão, um Subtenente, um cabo-furriel etc, treze homens, que vão ser a base para a organização da Unidade.

Nos dias D mais dois, D mais três, começa a aparecer gente, mas já vem todo mundo pronto, não é como no Brasil, completamente diferente. Os homens se apresentam para o desempenho das funções de sargento, Capitão etc. São homens que trabalhavam nas atividades civis. Nós só começávamos a atuar na parte da instrução militar, inicialmente as mais leves e, depois, vinham as de enquadramento, que eram as mais duras possíveis. Na primeira parte, educação física; mas não era educação física de exercícios determinados, como, fazer um, dois, três... Era executando um trabalho, no gelo, embaixo de viatura, igualzinho na guerra como pude verificar mais tarde. Passei quatro semanas em um estacionamento de Companhia Média de Manutenção.

Terminado esse treinamento, fomos para a manobra, envolvendo um Exército com cinco divisões de Infantaria, desenvolvendo um exercício de três contra duas. A frente de combate era a mais real possível. Por exemplo, houve uma noite em que a frente foi rompida, de acordo com uma situação tática feita pelo General Patton, obrigando-nos a recuar 67km. Dizimou toda a frente e tivemos que fugir, porque, senão íamos ser pegos; o mais real possível.

Neste ínterim, quando eu estava fazendo um Curso de Suprimento em Aberdeen – tenho que contar essa parte para se ver como vivemos aqueles momentos – chegou um Tenente na porta da sala de aula, trazendo cartas. O pessoal era louco por carta, porquanto alguns eram casados no Brasil; eu era solteiro e não tinha problema. Uma das cartas era da mãe de um Tenente, que estava ao meu lado. Ele leu a carta, passou-a para mim e disse: “Confúcio, lê isso”. Dizia a carta: “Quando esta chegar ao destino, o Tenente Confúcio não deve estar mais no seio de vocês, porquanto embarcou para o Norte da África com o General Mascarenhas”. Para mim aquilo caiu do céu. Todo mundo queria que eu fosse para a guerra, porque era menos um e abriria a vaga. Mais tarde, foi anulada a minha passagem à disposição do General Mascarenhas por encontrar-me no curso. Passados mais três meses, voltei ao Brasil.

Chegando ao País, apresentei-me, sendo designado para uma Unidade em Triagem, onde não se falava em Força Expedicionária. Um dia, chegou um motociclista, perguntando: "Quem é o Tenente Confúcio?" Eu disse: "Sou eu, o que é?" Ao que respondeu: "O General Mascarenhas mandou buscar o senhor e pediu-lhe que fosse lá, agora". Eu acrescentei: "Pois não, mas vou na garupa da motocicleta?" Então, montei na garupa da motocicleta e fui ao PC. Lá chegando, o Chefe do Estado-Maior me levou ao General Mascarenhas, que foi um homem formidável, não havia dois iguais ao Mascarenhas, mas também não brincava em serviço. Ele chegou para mim e disse: "Afinal, Tenente, o senhor vai ou não vai comigo à guerra?" Disse, assim, de saída: "Olha, General, eu não pedi para ir à guerra e, não pedi para sair. Estou chegando ao Brasil e fui mandado para o Depósito, lá de Triagem". Ele disse: "Então o senhor se apresenta agora ao QG da 1ª DIE; o senhor vai comigo". Eu disse: "Está bem".

Comecei na minha Unidade. Eu achava que sabia tudo, sabia mais do que qualquer um. E o que eu trouxe de subsídios dos Estados Unidos, para mim, valia ouro; eu ia incorporado a uma Unidade de Material Bélico. Agora, abrindo um parêntese, nós éramos 13 tenentes que foram mandados aos Estados Unidos. Lá se formaram e gastaram o dinheiro da União. Fomos à guerra eu e o Tenente Pitaluga e os outros todos, ficaram de Ajudantes-de-Ordens etc, no Brasil. Quando eu perguntava: "Vai comigo?" Diziam: "Não, eu não vou" Insistia: "Como você não vai?!" Respondiam: "Eu sou soldado, cumpro ordem. Se me designarem eu vou, mas se não me designarem não vou não". Ninguém queria ir à guerra, isso no baixo escalão, não estou falando dos dirigentes, do Ministro, do Presidente da República, que eram contra a guerra, porque eram germanófilos, todos eles. O governo, naquela época, era assim.

A 1ª Companhia de Manutenção era uma Unidade móvel, totalmente motorizada, que tinha por finalidade suprir, manter, reparar ou consertar, evacuar e substituir o armamento, as viaturas, os instrumentos e outros materiais pertencentes às unidades de combate e de serviço, exceto o material especializado de Engenharia. Organizada de maneira idêntica às similares norte-americanas, a Cia era uma Unidade que não constava da estrutura organizacional do nosso Exército, naquela época; em conseqüência, sua mobilização não estava prevista.

Havia muitos claros no efetivo da Unidade, com dificuldade de preencher, pois os comandantes não davam "concordo" para a transferência dos seus subordinados, quer seja oficial, sargento ou soldado. Precisava-se de um especialista e o seu comandante não dava "concordo" porque ele era um bom oficial, um bom sargento, então eles não vinham. Isso era uma surpresa para nós, pois se tratava de uma mobilização para a guerra. Começamos a receber gente de segunda classe.

De qualquer forma, depois de providências tomadas pessoalmente pelo General Mascarenhas de Moraes, tais exigências do "concordo" foram gradativamente sendo eliminadas.

Mas, o Serviço Militar – desculpe-me falar assim, mas tenho que dizer a verdade – era desorganizado naquela época, como por exemplo, eu recebi um motorista, que era patrão de barco, pilotava barco, designado como motorista! Quando recebíamos um convocado bom, nós o aproveitávamos de qualquer jeito. Eu cansei de promover soldado a cabo em dois dias. O elemento sentava praça num dia, nesse mesmo dia era promovido a cabo, no outro dia 3º, e em seguida 2º sargento. Em dois dias se transformava em 2º sargento para ir para a guerra, mas valia a pena, pois a vaga era, por exemplo de 2º sargento mecânico de Artilharia. O armeiro também foi assim. O americano fazia muito mais do que isso. Chegavam a uma indústria ou a uma garagem de porte, convocavam o chefe da oficina como Capitão e o colocavam na instrução. Mas, se não tivesse um bom desempenho na manobra, voltava a ser cabo ou soldado. Nós organizamos a nossa Unidade aqui mal ou bem, ficando eu com toda a parte de instrução. Comecei a fazer certas coisas que o pessoal dizia: "O Confúcio está maluco!" A educação física que eu punha em prática não era aquela típica da contagem um, dois, três, quatro. Eu cobrava o máximo de esforço e fazia o combatente subir em árvore com corda, trabalhar embaixo de água, praticar exercícios com chuva ou não, porque foi assim que eu treinei. Foi assim que eu aprendi nos Estados Unidos.

A minha Unidade foi muito bem comandada pelo Capitão de Cavalaria Gilberto Pessanha, Oficial muito duro, mas bastante sério, homem honesto, e dessa forma fomos para a Itália. Tivemos a sorte, a felicidade de aparecerem problemas que acabam por trazer benefícios e, com isso, nós acabamos de organizar a Unidade, porque o trabalho é que faz tudo.

Gostaria de relembrar um fato, ainda nessa fase de treinamento, no Brasil, antes de ir para a guerra. Os nossos dirigentes, não os oficiais e generais que topavam a parada, os que se encontravam em nível acima, que eram contra. Ficava mal, porque a Força Expedicionária desfilava e não embarcava. Então, o pessoal dizia assim: "Qual a diferença entre a escola de samba e a FEB?" Respondiam: "É que a escola de samba ensaia e sai, e a FEB ensaia e não sai". Eram participações jocosas que nos deixavam amolados, um pouco. Até que um dia, lembro-me como se fosse hoje, eram dez horas da manhã, quando chegou um Coronel de Artilharia e procurou o Comandante. Eu o conduzi ao PC e fiquei distante. Daí a instantes o Comandante mandou fechar o portão principal, eu o fechei e ele disse: "Olha, vão chegar uns caminhões e nós vamos embora".

Então fomos, na véspera de nosso embarque, para a Escola de Artilharia Antiaérea, na Colina Longa, Vila Militar, chegando às duas horas da tarde. Fomos à cidade para assinar documentos destinados ao atendimento da família. Havia três regimentos que iam para a guerra, mais os quatro grupos de Artilharia. Essa tropa começou a se movimentar, numa operação de despistamento, parte para Campo Grande, outra para o Recreio dos Bandeirantes e a nossa Unidade pegou um trem, que quando se abriram as janelas, estávamos no cais do Porto do Rio de Janeiro. Ninguém podia olhar o cais; deixaram-nos no lado norte e só íamos sair na outra noite, às 23h. E assim embarcamos. A viagem toda foi com o máximo de segurança, mas há pessoas que viram submarino inimigo. É a chamada psicose de guerra, o mesmo nervosismo do deserto.

No transporte americano havia pouco mais de cinco mil homens. No primeiro dia, já no navio, assumi o comando da polícia, porque o comandante da PE, Tenente Braz, passou mal, começou a enjoar.

Como eu era o Comandante da PE e trabalhava no navio, tinha direito a comer três vezes por dia; quem não concorre a escala de serviço come duas. Eu e o meu pessoal comíamos três vezes por dia. O camarada faz uma refeição às dez da manhã e a outra às quatro horas da tarde, comendo duas vezes, mas come bem. Nós não estávamos acostumados com a comida americana, era um castigo, um horror. O pessoal quer é feijão e arroz. Como dizia o Coronel Sidney Teixeira Álvares, que era fiscal do Batalhão Suez, no Egito: "O brasileiro quer é fazer por dia um quilo e meio". E era verdade, o brasileiro quer volume, não se importando com a qualidade. Não havia outra saída, tinha que se alimentar da comida americana.

Primeiro, não sabíamos para onde íamos. Nós saímos do Brasil sabendo apenas que íamos para a guerra. Os tenentes tentavam ouvir se os coronéis ou o General Mascarenhas diziam alguma coisa, se era para o Norte da África ou para o Sul da França.

Quando entramos no estreito de Gibraltar, uma estação de rádio informou que penetrava no Mediterrâneo a Força Expedicionária Brasileira em direção a Nápoles. Quando se ouviu tal irradiação, o Comandante do navio mandou fazer um inquérito, encarregando o imediato, a respeito do que tinha se passado, pois a missão era secreta. A viagem daqui para lá foi dureza, aviação em cima, submarino, navio de guerra em torno; foi o máximo de perigo.

Aportamos em Nápoles e fomos para uma cratera de um vulcão extinto, o Astronia, em Agnaro. Durante o dia, um calor de matar; distribuímos os espaços pelos pelotões. Só existia uma barraca de "10 praças" porque houvera um mal entendido e as barracas de "2 praças" não tinham sido montadas. Como não as tínhamos levado para a Itália, e por causa do calor, dormimos apenas com as "roupas de baixo". Quando amanheceu o dia, quatrocentos e poucos brasileiros estavam no posto médi-

co; de madrugada virou o tempo fazendo com que pegassem pneumonia. Houve gente, como o Capitão Sayão, que foi mandado para o Brasil.

A permanência no Astronia – nosso estacionamento de quarentena – foi de cerca de quinze dias. Deslocamo-nos para o norte, estacionando em Tarquínia.

Então, começamos a receber material bélico – material bélico é básico - como as viaturas, recebidas em primeiro lugar. Mas, na Itália houve um outro problema: foi designado para receber umas viaturas o Tenente Paulo de Oliveira e Silva, de Artilharia, que lá pelas três horas da tarde voltou, dizendo que não conseguira localizar onde ficava um determinado *Box*. O Capitão me disse para resolver a questão. Então, fui lá. Começava o problema do inglês, que não é fácil para o brasileiro; não basta fazer sinal, tem que falar.

Recebemos o material bélico destinado ao Destacamento FEB – o primeiro contingente brasileiro desembarcado na Itália – no Porto de Civitavecchia, ainda encaixotado, parcial ou completamente desmontado. De 3 a 19 de agosto de 1944, sob o Sol inclemente do verão italiano, tivemos que desencaixotar, montar, inspecionar e distribuir para o início da instrução cerca de 661 viaturas e reboques, 37 obuses e canhões anticarros, a maior parte do armamento leve e portátil do Destacamento FEB e equipamentos, ferramentas e instrumentos da dotação das unidades. Mas, apareceram os problemas pela falta de suprimento. As viaturas americanas vinham, naquela época, para o Brasil sem suprimento. Conclusão, ficaram paradas.

Na Itália, não se teve suprimento também. Quem tinha prioridade para receber suprimento era a tropa que ia tomar parte na invasão do Sul da França, em Marselha. Nós tínhamos prioridade dois ou três. Começamos a quebrar galho; quebrar galho e resolver os problemas. Digo que não existe melhor soldado no mundo do que o brasileiro. Eu trabalhei na Itália com vários contingentes de diferentes nações, e no Egito com mais dez outros; soldado é o brasileiro. É aberto, fala qualquer língua do mundo, sabe comunicar-se e possui extraordinária capacidade de adaptação e de aprendizagem, aliada a grande capacidade técnica. Então, começamos a trabalhar: montagem de viaturas e canhões; recebimento de material; inspeção ou verificação, limpeza e prova de funcionamento do armamento, em geral e distribuição às unidades. E essas, como tinham que entrar em linha, iniciaram de imediato a instrução.

O Exército Brasileiro é filho do francês na doutrina militar, só que o americano deu o grito da independência e o brasileiro continuou como francês, completamente diferente da instrução do americano. Ficamos ligados à escola francesa.

Mesmo sem estar completa a instrução, os batalhões do 6º RI entraram em posição. Pior, ainda, era o clima, pois em outubro, novembro já era tudo gelo. Então houve a estabilização da frente.

No dia 7 de outubro de 1944, a Companhia deslocou-se para a região de Pisa. Além da Companhia de Manutenção, tínhamos o Serviço de Material Bélico no comando da Divisão, chefiado pelo Tenente-Coronel Luiz Braga Mury, onde servia o Major Pedro Ascenção e um Capitão de Artilharia que cuidava da parte de munição, área importantíssima dentro do material bélico.

O Material Bélico é a alma de tudo, e a munição é um fato; se não há munição... Basta dizer que os regimentos têm um Oficial de Munição que vem a ser o traço de união entre o Regimento e o Depósito. A ligação é do Regimento para o Depósito; o Batalhão é que vai para o Regimento, como suas companhias é que vão para o Batalhão. Os oficiais de munição trabalham dia e noite, não têm hora; nós não temos hora em guerra; guerra é tempo integral e vale mesmo.

A filosofia do americano, nesse particular, diz que nove apoiam um, e que um homem se faz em 18 anos e um canhão, em poucos minutos, logo um homem não pode morrer. Assim, para se manter um homem na frente, ele precisa de nove homens atrás apoiando. É a concepção do americano.

Ele atribui um valor muito grande às atividades de Serviço e preocupa-se em dar um apoio condizente para o homem na frente de combate. Há que se dizer que fazer guerra, outra guerra, é fazer com o americano. Outro aspecto, o prisioneiro do Exército americano não passa fome, não deixa de receber por dia, cigarro, chiclete, tem tudo, só come duas vezes, mas tem todo o apoio. Considere-se que o americano entrou na guerra milionário, e saiu da guerra arquimilionário, tudo era vendido. Quem está falando é um Capitão que foi Oficial de Suprimento de Material Bélico, que recebeu 84.910 peças e conjuntos e forneceu 25.226, além de todo o material de limpeza e conservação necessário à manutenção do material distribuído. Os americanos forneciam, mas tudo nós pagamos; nada foi dado de graça. Pagamos muito abacaxi, muito ferro velho que veio para o Brasil sem valer nada. Eu não sou contra o americano, até gosto do americano, aprecio-o. Eles que encontram "patos" no mundo que vão na conversa deles. Nós fomos por necessidade, por causa dos torpedeamentos. O fato inicial foi o bombardeio japonês em Pearl Harbor.

Nós cedemos, então, a base de Natal e ampliamos nossas bases de Salvador, Recife, Natal e Fortaleza, que serviram de trampolim para o Norte da África.

Voltando ao Material Bélico, na organização americana, a Manutenção está organizada em escalões. No quadro da Divisão, o sistema contava com três escalões: o 3º escalão é a Companhia Leve de Manutenção; na frente dele tem um 2º escalão, que é feito pelas unidades de serviço, por exemplo, uma Bateria de Serviços, uma Companhia de Serviços etc e o 1º escalão, que é o homem que opera com a arma, viatura ou com o aparelho.

Então, para a Manutenção, o 1º, 2º e 3º escalões são nossos, e são apoiados por outros órgãos, pertencentes aos exércitos ou corpos de Exército em campanha: são as companhias médias de manutenção que apoiam as companhias leves. São geralmente agrupadas em batalhões de Manutenção, os quais distribuem o apoio de acordo com as necessidades das divisões apoiadas. Na retaguarda há a Companhia Média, que apóia uma Divisão, uma outra particularmente em armamento, outra atende só viatura, uma terceira, aparelho de precisão etc, fazendo o 3º e 4º escalões. E o 5º escalão são as fábricas onde o material é fabricado ou as unidades depósitos de salvados – eu chamo de "ferro velho". Acima das companhias leves, o que existia de Material Bélico, na Itália, era orgânico do V Exército americano. No caso específico da DIE, fomos apoiados pela 109ª Companhia Média de Manutenção. As companhias leves têm obrigação de fazer trinta a sessenta por cento das necessidades da sua Divisão. O excesso é encaminhado às unidades de apoio (3º e 4º escalões).

A nossa presença era constante. Tínhamos a turma do "contato diário", que eram equipes organizadas para percorrer as unidades e fazer o serviço na hora e depressa. A falta de algum material pressupunha que se fizesse um levantamento prévio, para quando a equipe chegasse à Unidade realizasse o serviço conforme as necessidades. Esse tipo de ligação revelou-se um excelente modo de acelerar os atendimentos de urgência. Em momentos de combate, na Fase da Ofensiva, estávamos presentes em todos os ataques, levando para a linha de frente equipes com guindastes e tudo o mais para o cumprimento da missão. O "contato diário" foi um apoio importante fornecido através de uma equipe que percorria as unidades de 1º escalão para atendê-las. O velho Pitaluga, que poderia confirmar, foi encurralado, durante a ofensiva, numa região marcada pela torre de uma igreja; bala dia e noite, e fomos obrigados a trabalhar na área, recuperando armamento. Embaixo de bala com o Pitaluga, que era o Comandante, valente que Deus me livre. Eu conto a história dele, mas ele não gosta, porém eu conto; o velho Pitaluga é excepcional.

O 1º Tenente, depois Capitão, Almir Jansen, que era o Comandante do Pelotão de Reparação Automóvel, estava sempre na linha de frente. O apoio chegava ao local que se fizesse necessário. O "contato diário" não eliminava o modo normal de operar da Companhia e suas relações com os elementos apoiados. Por exemplo: o Grupo de Artilharia tem uma Bateria de Serviço, comandada por um Capitão, que tem como subordinado um Tenente Oficial de motores, comandante de uma Seção de Manutenção, que vinha pessoalmente à Companhia. Uma Unidade de Material Bélico tem que sacar por dia dezoito, vinte, vinte e cinco etapas a mais, para atender os elementos de outras unidades.

E ainda, vale lembrar que todo o suprimento deve ser feito à noite, mas a guerra, às vezes, fica desmoralizada e fazem de dia, mas há pessoas, como um

Capitão brasileiro que só recebia o suprimento de sua Unidade à noite. Era um grande oficial.

As atribuições e os controles a cargo do Material Bélico são de grande monta, em especial os itens de suprimento. São milhares de peças que vão em *cabinets* – armários com gavetas e prateleiras. O nível Exército tem um Batalhão Depósito com, aproximadamente, trinta e cinco viaturas; cada viatura tem seis *cabinets* grandes, onde todo esse suprimento vai dentro e com o fichário.

O suprimento é a alma de tudo; não pode faltar uma peça. Faz-se, inclusive, balanço do suprimento na guerra, quando em posição. Os balanços são sempre mensais, e no balanço se conta peça por peça. Mas, o importante é manter-se o nível de suprimento, controlar-se o estoque máximo e mínimo, que se alteram em função da operação. Na ofensiva são mais aliviados, reduzindo a atividade de suprimento.

Na guerra, o americano supriu tudo. Basta perder, e dar uma parte para receber a reposição de um canhão, morteiro, metralhadora etc. Além do armamento, foram distribuídos centenas de binóculos, bússolas, relógios, tabelas gráficas etc. Por vezes tinha que ir conversar com um tolo, em particular, que não tinha perdido coisa alguma, estava tentando juntar relógio.

Só se pode pensar em recuperar material cujo tempo de trabalho seja no máximo de seis horas, se não, nós evacuamos o material para a retaguarda, recebendo em troca um outro. Então, para apresentar um dado, quando terminou a guerra, o americano nos devia setenta e tantos jipes, só jipes. Ficou devendo, porque a viatura vai, e, como são todas iguais, hoje a viatura pertence a uma Unidade, amanhã, ela pode estar na Brigada de uma outra nação.

Mas, também havia roubo de viaturas, inclusive, caminhão GMC! Trator do Grupo de Obuses 155mm! Pelos italianos, pelos americanos e, também, pelos próprios brasileiros ... Não roubava para vender, era para fazer "tocha"; ir ver a *fidansata* – namorada – em outra cidade. Ia de trator e abandonava lá. Nós estávamos no primeiro contingente que foi à Itália, logo éramos "praça velha" quando chegou o segundo contingente. O Coronel Braga Mury, do Comando do Material Bélico, fez uma reunião inicial com os oficiais de motores e de armamento de todas as unidades recomendando muito cuidado, pois não se tratava de apurar quem foi o ladrão, mas ter em mente que se precisa da viatura ou do armamento e não se tem para o cumprimento da missão. Sobre isso, o indivíduo, angelicamente, comentava: "O placar está 5 x 2!" Significava que determinada Unidade havia roubado cinco viaturas contra duas de outra.

Nessa noite, em San Rossore, que era a quinta do rei, próximo a Pisa, onde estávamos, vimos uma luz que acendia e apagava; fomos ver. Era alguém que queria saber se podia mudar o número de um jipe: "É só tirar o numero 210D e botar 210A".

A 1ª Companhia de Manutenção, a partir de 8 de outubro, até fins de novembro de 1944, recebeu, verificou, marcou com o símbolo da FEB e distribuiu 1.492 viaturas, para o segundo contingente recém-chegado à Itália, a par dos trabalhos normais de manutenção de 3º escalão e do provimento de suprimento às unidades. Foram roubadas vinte e poucas viaturas, para ficar cada um com mais uma na sua Unidade.

O Tenente Paulo de Oliveira e Silva de Artilharia era Comandante do Pelotão de Reparação de Armamento da Companhia e muito direito. Um dia me pediu para arranjar-lhe um jipe porque tinha que ir a Piacenza. Ia com o 2º sargento Amaury Soares dos Santos, porque era obrigatório levar um outro para ficar na viatura. Voltou sem a viatura. Chegou a Piacenza, deixou o Amaury sentado na viatura e foi ao Depósito. O Amaury era um tipo baiano que falava muito. Chegaram uns americanos puxando conversa e o Amaury queria provar que falava inglês, levantou-se, saiu do jipe para conversar; quando percebeu, tinham-lhe levado o jipe.

Na guerra há muito roubo de gasolina, porque os postos, na beira da estrada, não são organizados. O combatente chega com um camburão vazio e troca por outro; bota na viatura e vai embora, porque ninguém pode perder tempo.

A Unidade de Serviço ou de Material Bélico não tem como obedecer a horários para os deslocamentos, sabendo-se que a falta de estradas impõe uma prioridade operacional. Assim, essas unidades fazem todos os deslocamentos por infiltração. Cada motorista, com menos de um mês, já é "praça velha" e resolve qualquer problema, tem iniciativa. Recebe um papel com o ponto para aonde deve ir e a rota a ser seguida. De dez em dez minutos solta-se uma viatura e ele deve chegar ao destino. Ao final da campanha, a Companhia percorrera, em deslocamentos, dois mil e quinhentos quilômetros, sempre para a frente.

Nós tínhamos depósitos de material capturado e tínhamos que cuidar dele. Normalmente, eram utilizados os moradores da localidade, os italianos. Nós lhes dávamos a comida e eles cuidavam de tudo.

Terminou a guerra, e fomos nos preparar para voltar. Eu fui no primeiro contingente e voltei no último, porque nós de Unidade de Serviço atuamos antes, durante e depois. A guerra não termina... tanto é que fiquei no comando dessa Unidade seis anos e pouco, só saindo para freqüentar a Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais. E ainda voltei, como Oficial Superior, para o Batalhão Escola de Material Bélico.

Fui preparar a nossa Unidade para voltar ao Brasil, separando o material que vai e o que não vai. Foi organizado um contingente do qual eu era o Comandante e fomos para o Sul da Itália. Quando chego lá, fui falar com o Coronel Aguinaldo José Senna Campos, um indivíduo excepcional, Chefe da 4ª Seção do Estado-Maior da 1ª DIE. Ele tinha tempo de sobra, vivia à vontade, porque sabia "puxar as cordas", pois

na 4ª Seção existiam cinco Chefes de Serviço. Ele chamou-me e disse: "Olha Confúcio, você tem os depósitos em Livorno e em Pisa... você dá um sumiço nesse material". Falei: "Olha, eu dou sumiço mesmo!" "Está bem, você resolve isso?" Respondi: "Resolvo". Solicitei três caminhões, sendo que um deles era com talha para poder carregar o material mais pesado. Cheguei a Pizza e Livorno, onde localizavam-se os depósitos de material capturado, enchia os caminhões e pegava a estrada. Aquele material que a gente não sabia para onde ia era do V Exército, mas que não o queria mais. Muita coisa foi jogada, pela ribanceira, no mar.

E assim, nós voltamos. Quando cheguei ao Brasil, comecei tudo novamente porque o material bélico foi colocado onde existe o Estádio Municipal, e tinha que ser recuperado e não havia gente.

Uma Unidade como a nossa – não é puxar para a minha Unidade – atendeu noventa por cento da manutenção de viaturas e quase cem por cento da manutenção de armamento; não dávamos trabalho para o americano. Então, a gente ficava muito feliz e o americano, também. Trabalhava-se sempre, dia e noite.

Por vezes tínhamos problemas com os itens críticos. Por exemplo, falta um carburador para viatura de quatro toneladas no Exército, na Divisão e nas unidades. Mas, se sabe que o Batalhão de Engenharia tinha o carburador, então, se conseguia o suprimento e o problema era resolvido.

A prioridade para suprimento, como já mencionei, era dada às unidades que iam invadir o Sul da França, em conseqüência, muito material se tornou crítico para nós, que estávamos na Itália. Eu estava em Civitavecchia, quando houve a invasão do Sul da França. Foram 16 dias e 16 noites dentro do cais do porto. Lá pelas nove horas da manhã, passavam nuvens e nuvens de esquadrilhas de dois, três mil aviões, para bombardear. Era uma coisa doida... escurecia embaixo... guerra é coisa bruta mesmo!

E voltavam. Chegavam ao objetivo, desovavam e voltavam novamente ao Norte da África para pegar mais bombas. O americano tem um objetivo que pode destruir com trinta projetis, mas ele lança logo trezentos. O americano exagera tudo. Agora, nada de graça tudo pago, não se pense que eles deram um alfinete para o brasileiro, nós pagamos toda a guerra.

Durante a guerra não se podia depenar uma viatura indisponível no nosso escalão, o 3º escalão. Mas, naquelas companhias de salvados, que eu chamo de ferro velho, isso era comum; passam a ser um depósito de suprimento. Quando uma viatura, um canhão ou um aparelho passa pelos vários escalões, isto é, vão jogando para trás, e não consegue ser reparado, a solução é jogar fora. Juntam quatro ou cinco e as pecinhas são tiradas e incluídas no depósito, entrando novamente na cadeia de suprimento. A canibalização funcionava no 5º escalão, mas nós não podíamos fazer.

Pouca gente ouviu falar ou leu alguma coisa sobre o Pelotão de cargueiro. Nós tínhamos um Pelotão de cargueiro, porque estávamos nos Apeninos. Aquilo lá é vertical. Nem o homem para subir agüentava e para levar suprimento, muito pior. Então, foi organizada uma Unidade de cargueiro, de muares, para levar suprimento para as posições; quem conduzia não era soldado, era o italiano que conhecia os caminhos, senão era atingido pelos disparos inimigos.

Eu ainda não falei de certa gente muito valente, que prejudicava, às vezes, por suas visitas às unidades de 1º escalão. Ele chegava para fazer uma visita à posição, conversava um pouco e ia embora. E a Artilharia inimiga entrava em ação. Era o General Zenóbio, valentíssimo como sempre foi, mas ninguém gostava de receber a visita dele, pois ele permanecia no local uns cinco a dez minutos e vinte e cinco minutos depois estávamos debaixo de fogo.

O relacionamento dos nossos brasileiros com a população local era bom demais; o brasileiro deixa de comer para dar para os outros, particularmente quando tem uma *fidansata*. O brasileiro fez amizade demais e o interessante é que provocava casos depois, por se encontrar em outra posição e querer voltar para ver a sua namorada lá na retaguarda, e fazer as suas "tochas" como chamavam. "Tocha" é fugir, fazer um passeio sem permissão, porque tínhamos passeio, de três em três meses, três dias de folga. De seis em seis meses, tínhamos sete dias de folga. Se você, na linha de frente, entrasse de folga por três dias, ia para um hotel – chamam de Serviço Especial – cuidado por militares com curso de especialização, de modo a proporcionar conforto e bem-estar naqueles três dias de folga. Tomava banho e mudava a roupa. Recebia uma roupa meio grande, mas era usada assim mesmo. Na Itália, na França é um pouco pior, não se tomava banho com muita freqüência. O americano, quando estávamos nos Estados Unidos, dizia que o brasileiro tem a mania do banho; quer tomar banho todo dia.

Quanto ao apoio de saúde, quero destacar o trabalho das nossas enfermeiras, que foram excepcionais. Lembro-me da Elza Cansanção, conhecidíssima. Quando eu era cadete, viajando um dia do Rio para a Bahia, por conta da Costeira, passagem de graça, ia uma menina pequenininha que fez miséria no navio, inclusive ela caiu na água; isso um pouco depois de 1935.

Tempos depois, estava indo para a Companhia, aqui no Rio de Janeiro e, passando na rua Barão de Mesquita ao lado do Colégio Militar, onde há o campo de futebol, estavam dando instrução; eram 28 enfermeiras tendo Ordem Unida, dentre elas, a Elza Cansanção. Chegando à Itália, em Tarquínia, disseram que havia brasileira no hospital. Fomos lá para ver se precisavam de alguma coisa. O brasileiro gosta de ajudar. Quando eu chego lá, quem era? A Elza Cansanção.

As enfermeiras trabalhavam no hospital de campanha, um para cada Corpo de Exército. Na Itália, todas foram promovidas ao posto de 2º Tenente e eram chefiadas por uma Capitão americana. Por injunções locais, elas tomavam banho às duas e meia, três horas da manhã, quando não havia alguém nos banheiros. Como eu as atendia muito nos pedidos de viaturas elas contavam-me, reclamando. De um modo geral, o brasileiro tem pudor, vergonha, e as mulheres, parece-me, não gostam de tomar banho com outra mulher.

O trabalho no hospital era muito intenso, com mortes, amputações de braço, perna e as evacuações para a retaguarda; algumas enfermeiras, às vezes, tinham que se deslocar para os Estados Unidos, de acordo com a cadeia de evacuação. Houve situações em que o militar se casou com a enfermeira, como um 2º Tenente de Infantaria, de nome Mário Márcio F. Cunha. Perdeu a perna na Itália e fez amizade com a enfermeira americana que o atendeu e casou nos Estados Unidos; morreu engenheiro.

Houve casos de gravidez com as enfermeiras. De certa feita, uma engravidou, mas na hora do exame de urina, lá no hospital, o material colhido foi de outra. Mandaram as duas para o Brasil. São coisas que acontecem.

Quanto ao apoio religioso, devo citar os nomes de três padres do 1º contingente: Padre Noé Pereira; Padre João Pheeney de Camargo e Silva, Tenente-Coronel Capelão-Chefe e o Padre Alberto Costa Reis, que foram os três primeiros padres que foram conosco para a Itália. O padre era homem santo naquela época. Durante o deslocamento no navio, um deles foi colocado em uma turma de brincalhões, que aprontaram poucas e boas com o padre. No entanto, os padres foram-se impondo. A existência do padre na guerra é muito importante e todo mundo precisa. E quem precisa mais é o soldado. O padre é quem faz as cartas para as mães deles. O padre vivia assim, atendendo dia e noite.

O Padre Noé, durante muito tempo, esteve junto ao Pelotão de Sepultamento. Esse pelotão foi comandado por um 1º Tenente de Intendência e era constituído de mais ou menos uns trinta homens, que removiam os cadáveres da linha de frente.

Nós tínhamos duas chapinhas penduradas no pescoço. Uma ficava no corpo e a outra serviria para identificar o combatente que morreu. O Comandante teve problemas psíquicos diante dos quadros vividos. Era uma missão extremamente pesada.

Precisamos falar um pouco a respeito dos oficiais e graduados de um modo geral, em virtude do pouco treinamento que tiveram. Posso resumir diante do que vi, classificando os oficiais das unidades de combate como excepcionais. Os comandantes dessas unidades não escolheram os capitães, porque a alma de tudo é o capitão; receberam os que foram designados. Mas, um era melhor do que o outro;

tínhamos militares valentíssimos. Lembro-me do Ruy Leal Campello, um Oficial de mão cheia. Escreveu um livro e dedicou-o ao seu comandante na Itália; é excepcional. O sujeito aprende com o Campello.

Certa vez, o Machado, Capitão QAO e que participara da guerra, disse-me: "Valente, valente era o Capitão Pitaluga, que estava no comando. Eu era Tenente, comandava um pelotão que passou à disposição do Esquadrão. Fui entrar em posição e o Pitaluga foi me dar as missões. A bala comendo e o Capitão Pitaluga, em pé apontando o objetivo, e quando eu vi, eu estava deitado; então, ele é que é valente."

A Unidade do Pitaluga, na estabilização, não pôde ser empregada conforme sua aptidão principal, em face do terreno montanhoso. O Esquadrão pegou uma defesa larga, de 15km, nos Apeninos. Um belo dia, chegou o Capitão e disse: "Olha, amanhã eu vou ao Esquadrão". Diziam que o Pitaluga estava ministrando sessões de Ordem Unida, lá nos Apeninos, em posição. O Pessanha esteve lá e quando voltou, disse que o Pitaluga estava certíssimo, e o fato foi comprovado quando na Ofensiva, lançou-se o Esquadrão; cada soldado era um Oficial de mão cheia; ninguém teve problema; era o velho Pitaluga.

Quanto ao inimigo, podemos afirmar que era um inimigo à altura, mas não vou botar no céu. Dizem umas más línguas que quando o alemão estava cansado do combate na frente principal, era mandado para repouso na frente italiana, como se fosse lá o 3º ou o 4º escalão. O alemão é bom soldado. Foi para o Norte da África e Itália. Passou em todos os lugares, na descida. Depois o trouxeram, na subida, para os Apeninos, onde parou e entrou em posição. Ele sabia de tudo; conhecia bem o terreno. Era "praça velha".

O alemão mantinha as suas amizades na retaguarda, mas com uma diferença: era muito respeitador, coisa que o brasileiro era um pouco abusado. Os alemães chegavam a uma casa, por exemplo, com oito cômodos. Mandavam a família ocupar um quarto e os outros sete quartos para eles. No entanto, eram incapazes de olhar para uma moça italiana; mantinham respeito. O brasileiro, não; deixava a família onde estava, mas depois já estava dormindo com uma mocinha daquelas.

Vou tratar, agora, da exploração dos êxitos obtidos. Fiquei na minha Unidade durante seis anos e porque apoiava as unidades da Vila Militar e de todo o restante do Rio de Janeiro, vi a evolução do Serviço de Material Bélico do Exército. Sabia o que se passava nas unidades em se tratando de instrução. Eu acompanhei tudo. Posso dizer, hoje, e já se disse há muito tempo, o Serviço que tirou cem por cento de partido da guerra e explorou, foi o Material Bélico, porque as Armas e os demais Serviços não aproveitaram. Nós aprendemos tanto, mas, parece que mandaram fora de forma, e sumiu todo mundo.

Em vez de classificar os Ex-combatentes em escolas, como instrutores e para fazer palestras, não. Alguns foram para a Escola de Estado-Maior, muito bem. Lá, eu conheci o Xexéo, Francisco Mesquita Caldas Xexéo, que foi a General. Xexéo foi um bom 1º tenente e capitão na Itália, um bom Oficial. Ele tinha prática e contava a coisa como era. Houve um outro oficial que, na Escola Superior de Guerra, procurava saber como eu tinha visto determinada questão, embora ele tivesse a sua visão do problema. Poderiam ter aproveitado mais, pois bem, o Material Bélico o fez. Eu servi a vida toda em Material Bélico; fui Comandante do Batalhão Escola de Material Bélico e Diretor de Motomecanização do Exército. Então, eu fui o que mais aproveitou. E foi o Material Bélico que me fez, pois trouxe conseqüências para a minha formação, ter participado em todas as fases da Segunda Grande Guerra, preparação, estágio, organização de Unidade, contato com outros exércitos combatentes, dando-me possibilidade de fazer carreira até o último posto, ao que eu sou grato.

Lembrei-me do Depósito de Pessoal. A Divisão Expedicionária era constituída de vinte e cinco mil homens, mas cinco mil eram do Depósito de Pessoal. O recompletamento é uma atividade que não pode faltar, a substituição deve ser imediata, bem como a instrução deve manter o combatente igual ao da frente de combate. Aquele que baixa, ao ficar bom, não quer permanecer no Depósito, quer voltar de qualquer jeito para a linha de frente. Não fica, ele foge.

Eu conto um caso. O José Marinho dos Santos, Major ou Tenente-Coronel, atualmente na reserva. Na guerra, ele era sargento. O Marinho, em um domingo à noite, sofreu um desastre e se arrebentou. Eu não estava sabendo, o Comandante mandou me chamar, e disse-me que o Marinho não queria baixar ao hospital. Acabei por convencê-lo, prometendo trazê-lo de volta. Tinha quebrado três costelas, e fiquei até de manhã cedo para cumprir o prometido. O brasileiro não queria sair da sua Unidade na linha de frente.

No que se refere à recepção da FEB, no Brasil, principalmente pelo Exército houve o seguinte: o nosso contigente foi recebido só por familiares, poucos, porque era constituído de elementos avulsos do QG e unidades. Era chefiado pelo Coronel Armando de Moraes Âncora. Após falarmos com as famílias viemos para a Vila Militar. Mas, havia qualquer coisa que não entendíamos, como ter que licenciar todo mundo antes de chegar aqui, ainda no navio, porque diziam que íamos derrubar o governo para tirar o Getúlio Vargas, que era o ditador. Nós estávamos fora de tudo isso, queríamos era sossego. As ondas eram grandes contra a FEB. O homem também queria ser licenciado para voltar a sua terra. Na minha Unidade, o grosso era de ascendência italiana por causa da especialidade.

Vou contar um caso de um indivíduo que fez duas para mim, uma melhor do que a outra. Uma noite, tinha havido roubo na Unidade, e eu resolvi pegar o ladrão. Daqui a pouco, houve um corre-corre, dirigi-me a uma estrada e descobri quem era o ladrão. Tinha entrado na casa de um estranho e estava no porão. Saltei na casa e prendi-o. Peguei uma picada e vinha trazendo o ladrão junto com o soldado Claudiomiro. Daqui a pouco ele fica puxando-me e perguntei: "O que é Claudiomiro?" Ele respondeu: "Esse cara está com uma arma na barriga e vai para cima do senhor". Saí do lado do ladrão e colei atrás dele. Ele me fez isso uma vez. Passam-se os meses. O sargento Marinho, aquele que eu levei ao hospital e trouxe, lá pelas tantas, deu um ataque de maluquice, disse que não queria a comida enlatada. Não queria, jogava fora e sacou de uma pistola Beretta. Quando sacou a arma, voei em cima dele. Eu estava procurando o gatilho, para botar o dedo por trás. Ao tentar, já tinha um dedo lá; era daquele mesmo indivíduo. Fiquei muito grato a ele e, quando chegamos aqui, disse-lhe que ia ser licenciado e o que queria. Ele me disse que queria trabalhar na estiva. Então, consegui e ele entrou para a estiva. Eu fiquei no Comando da minha Companhia. Uns dois anos depois estive com ele, muito bem vestido, rico e eu, nada. Eu era Capitão, ganhava um conto e setecentos...

Agora me lembrei de um fato que vou contar. Naquela oportunidade do meu encontro com o Pitaluga, próximo de Milão, na posição da torre de igreja, de lá fui para uma elevação, onde um Batalhão alemão tinha se entregado; estava a tropa formada, e o Comandante estava se despedindo dos auxiliares. Fiquei distante observando. Chegava à frente de um soldado, dizia-lhe qualquer coisa ou respondia-lhe a continência. Outro militar ele abraçava, outro ele ria e brincava. Eu fiquei vendo como o alemão tratava os seus.

Chegou a minha vez de trabalhar duro. Receber aquela imensa quantidade de material: binóculo, ferramental, fuzil etc... verdadeiras montanhas. Quando o Comandante mandou o Batalhão à direita para descer a elevação, dirigindo-se para o local de entrega do material, eu disse que estava querendo uma bicicleta, para dar a uma *fidansata* lá em Pistoia, isso em português, de molecagem. Nesse instante, um deles me diz: "O senhor leva a minha. Sou brasileiro; graças a Deus terminou a guerra; eu estava na Alemanha há três anos atrás".

Estou contando esse caso para mostrar que nem todos eles eram alemães. Havia muito descendente de italiano e brasileiro, particularmente muita gente do Paraná.

No que diz respeito a estoque básico de suprimento para as organizações militares, isso é tabelado no Exército americano. Por exemplo: jipe – segue-se a relação de todas as peças e quantidades. Eu, quando cheguei dos Estados Unidos, trouxe todas as Listas de materiais das unidades: Regimento, Batalhão, Companhia

etc, pois já contava que iria para a guerra. Durante a mesma, fiz as Requisições baseado nas listas. Tudo que eu pedia me forneciam, em compensação as unidades não pediam uma só peça. Pensei comigo: "Não é possível. Isso é o que está no regulamento, tem que resolver". Um dia falei com o meu Comandante e fui na 109ª Companhia Média de Manutenção, Unidade americana que nos apoiava, e perguntei pela prática: "Quais são as peças que mais gastam aqui?" E, passei a fazer as requisições dessas peças e todas saíram, enquanto aquelas do regulamento nada valem.

Então, essa foi a solução para ganhar a guerra, pagando, porque recebemos porcaria que existe até o dia de hoje em Realengo. O Batalhão que sucedeu a minha Companhia ainda tem algumas peças da época da guerra.

É importante dizer algumas palavras sobre o Pelotão de Polícia Militar, como foi organizado no Brasil e qual foi o seu papel na guerra. Na organização da DI, há um Pelotão de Polícia, assim, tinha-se que mandar organizar o Pelotão. Nós tivemos a felicidade de prepará-lo com ex-guardas civis da Cidade de São Paulo; eram cerca de cinqüenta homens, muito respeitados.

Em uma cerimônia que houve um dia, lá na Itália, para recepcionar a chegada de uma autoridade americana, fui designado para ser o porta-bandeira, sendo constituída a guarda-bandeira com homens de 1,90m e 1,80m, pertencentes a esta guarda civil. Eu era o mais baixinho.

Mas na guerra, um Pelotão de Polícia é muito pouco para uma Divisão, tornando-se obrigatória a ampliação para uma Companhia, mais ou menos duzentos e cinqüenta homens e, em conseqüência, recebemos gente de todos os lados, fazendo o nível cair.

Tivemos ainda civis comissionados, que fizeram funcionar a agência da FEB do Banco do Brasil, em Nápoles, bem como também aqui, no Brasil, o Serviço de Pagadoria foi ampliado. Os de lá eram 28 civis de alto nível que foram mandados. Como em guerra não pode haver civil, foram comissionados, de acordo com a função exercida. O gerente usava insígnia de Coronel. Nunca deixamos de receber a gratificação, assim como nossas famílias no Brasil, que recebiam nossos vencimentos.

Temos que citar também o Serviço Postal, que foi fundamental para manter o moral do pessoal. A Seção dos Correios ficava em Livorno e, além disso, havia o serviço de censura, de modo a impedir que nas cartas falássemos em guerra. O correio trabalhava muito mesmo. Nunca houve problema; jamais ouvi pelo menos uma queixa.

Havia o Conselho Superior de Justiça Militar, que era chefiado pelo General-de-Divisão Boanerges Lopes de Souza e composto por mais três generais juízes. Trabalharam também muito. Tivemos alguns casos de polícia encaminhados para

julgamento. Eu me lembro agora de um caso de um pracinha ou dois que fizeram mal a moças na Itália.

As múltiplas tarefas ligadas a problemas de retaguarda, onde ressaltava os que se ligavam diretamente ao recompletamento de pessoal, ficou sob a responsabilidade do General Olympio Falconière da Cunha. Os generais Mascarenhas de Moraes, Zenóbio da Costa e Cordeiro de Faria, na frente, não podiam estar pensando em certos problemas de administração.

Gostaria de destacar alguém na FEB que foi do meu Pelotão. Um camarada que morreu – Antonio Paes de Almeida, fluminense de Itaguaí, RJ, motorista profissional na praça do Rio de Janeiro. O Paes de Almeida era um soldado que nunca tinha refugado missão alguma na Itália. Queria trabalhar dia e noite. Em certa noite, o Paes de Almeida recebeu a missão de transportar uma carga do QG recuado para o avançado, em Porreta Terme. Pela primeira vez solicitou ao encarregado da Escala a permissão para trocar com outro companheiro, explicando que se encontrava um pouco cansado. Autorizada a troca, procurou um companheiro, outro "pé-de-boi" para o trabalho mas que também estava exausto. Foi e morreu, porque a Artilharia alemã atirava toda a noite e todo o dia na região do QG. Uma granada desses tiros de inquietação explodiu à frente do veículo e os seus estilhaços mataram-no.

Não podemos esquecer jamais, porque merecia e merece ser destacado por todos nós, o nome do General João Baptista Mascarenhas de Moraes, que foi o maior Comandante que já tivemos durante toda a guerra. Era um homem sério, puro, duro e que, por vezes, parecia ser um homem infeliz. Nós tínhamos admiração por ele mas, em determinados momentos, a gente tinha um pouco de pena. Basta ver quem foi o Mascarenhas depois da guerra. Com o papel que teve e desempenhou, continuou agindo sem explorar coisa alguma. Um grande Chefe!

Gostaria, ainda, ao final, de deixar registrado que devo tudo ao Exército. Tive a felicidade de viver no Exército na época da Segunda Grande Guerra e de servir em unidades e desempenhar funções que me permitiram crescer pessoalmente. Sou do interior do Brasil lá de Quixadá, não tive pai na vida, e cheguei ao posto de General, sem dever favor a quem quer que seja.

Coronel Joaquim Victorino Portella Ferreira Alves*

Natural da Cidade do Rio de Janeiro, RJ, pertence à turma de 4 de janeiro de 1936, da Escola Militar do Realengo. Participou da guerra no posto de Capitão, tendo exercido as funções de Oficial de Ligação de Artilharia junto às Unidades de Infantaria da 1ª DIE e, ainda, aos grupamentos da Artilharia norte-americana, inglesa e sul-africana e junto ao QG da 1ª Divisão Blindada, do IV Corpo-de-Exército e do V Exército dos Estados Unidos. Após a guerra, destacam-se as de instrutor da Escola de Artilharia de Costa; Chefe de Seção do EM da 2ª RM e dos I, II e IV Exércitos; Chefe de Divisão do Gabinete do EME; Oficial de Ligação do EME com os Adidos Militares e oficiais estrangeiros; Chefe de Gabinete da Diretoria de Artilharia de Costa e Antiaérea; Assessor do Presidente da Comissão Militar Mista Brasil/Estados Unidos; Comandante do CPOR do Recife (Pernambuco); Membro do Corpo Permanente da ESG; Chefe do EM da Artilharia de Costa da 1ª RM. Além do curso de formação na Escola Militar do Realengo, possui os de Artilharia de Costa do Brasil e dos Estados Unidos, esse em *Fort Monroe*, Virginia; de Aperfeiçoamento de Oficiais (EsAO); de Comando e EM (ECEME); Superior de Guerra (ESG) e os cursos civis de Historiografia do Brasil (Academia Brasileira de Letras) e Técnica de Administração de Empresas. Passou para a reserva em 1970, no posto de Coronel. Recebeu as seguintes medalhas e condecorações por sua participação na Segunda Guerra Mundial: Cruz de Combate 2ª Classe; Medalha de Campanha; Medalha de Guerra; Cruz de Aviação Fita A (FAB); Medalha de Campanha da Itália (FAB); Estrela de Bronze (EUA) e Cruz ao Valor Militar (Itália).

---

* Oficial de Ligação da Artilharia, entrevistado em 16 de junho de 2000.

"Nem o passado, nem o futuro do País, atrai entre nós a atenção pública, que descuidosa se deixa absorver na contemplação dos sucessos e dos homens do presente. Para os acontecimentos do passado – desse passado ainda tão recente, mas tão útil em grandes exemplos e lições proveitosas – só há esquecimento e indiferença da parte de quase todos e até escárnio e ridículo da parte de muitos."

A filosofia que estas palavras encerram, este conceito do Barão do Rio Branco, escrito aos vinte anos, em seu trabalho sobre o General José de Abreu, Barão do Serro Largo, por certo concorreu para a implementação desse importante Projeto de História Oral do Exército na Segunda Guerra Mundial.

Inicialmente, agradeço a honra de ter sido escolhido para discorrer sobre minha experiência pessoal nas operações da Força Expedicionária Brasileira na Segunda Guerra Mundial.

Mas, maior honra tive ainda de haver sido dela um de seus mais humildes soldados, primeiro como Oficial de Ligação de Artilharia junto a Regimentos e Batalhões de Infantaria e, depois, como Oficial de Ligação do General Cordeiro de Faria, Comandante da Artilharia Divisionária, junto às artilharias de Grandes Unidades norte-americanas e inglesas que, durante a campanha operaram na Frente italiana.

Sem omitir as operações achei que esse trabalho seria bem mais útil se ênfase fosse dada a certas particularidades pouco exploradas seja para não ferir suscetibilidades, seja para não denunciar os que por uma gama infinita de motivos, que vão da covardia pura e simples à própria concepção ideológica. Tudo fizeram para que nossa pátria não participasse ativamente da Segunda Guerra Mundial, o que a equipararia a tantas subnações da Terra. Mas, meio século é tempo suficiente para que os erros e omissões hajam transitado em julgado. É o que me encorajou a compor estas despretensiosas palavras que se seguem.

Em que pese a projeção nacional e internacional da Força Expedicionária Brasileira, não podemos omitir o comportamento do grosso do nosso Exército, em permanente vigilância, desde os idos de 1939-40.

O Nordeste Brasileiro e Fernando de Noronha, quando a situação da guerra na África era uma incógnita, desempenharam no sistema defensivo do Continente Americano um papel relevante. As Unidades do litoral, encarregadas da segurança de nossa zona do interior, vencendo uma série infinda de tropeços, desde o seu deslocamento para essa zona, até a própria subsistência, passando pelo aquartelamento e pelas comunicações entre os vários núcleos de vigilância e defesa, tiveram na luta um papel marcante.

Depois vieram os torpedeamentos e o estado de beligerância declarado em 22 de agosto de 1942.

Nosso País conquistou, pelo esforço e pelo espírito de sacrifício demonstrados, por seu rumo na vida internacional, uma individualidade própria. Foi à beligerância no momento exato em que a sorte das armas favorecia, em todas as frentes de batalha, as nações do Eixo. Essa resolução tomou tranqüilamente, certo de que quaisquer que fossem os riscos a que se submetia, cumpria ele, em consonância com suas mais puras tradições de filosofia de vida, um estrito dever.

Rommel aproximava-se de Alexandria: *Hannibal Ad Portas!* E os alemães na Rússia, à sombra do Cáucaso, enchiam seus cantis nas águas longínquas do Volga!

Como dissemos, o estado de beligerância é de agosto de 1942 e só em outubro desse ano se verifica a batalha decisiva de El-Alamein. Somente em fevereiro do ano seguinte, seis meses depois de o Brasil haver entrado no conflito, é que arrebenta, em Stalingrado, a corda que os alemães haviam esticado quase até o Mar Cáspio. Fomos o amigo certo da hora incerta. Demos, então, às Nações Aliadas tudo o que podíamos oferecer: – nossas bases, nossas matérias primas, nossos produtos, nossos soldados – Nosso Sangue!

Engaja-se a FAB na Campanha do Atlântico Sul, e a Marinha Brasileira, feita ao mar, garante as comunicações marítimas. E, por fim, é organizada a FEB, que tinha de atravessar o oceano, sob a constante ameaça da guerra submarina, e lutar em um Teatro de Operações onde, pela primeira vez, nossos soldados da terra do Sol, iam submeter-se a um clima todo diferente, e enfrentar o frio, a neve, o gelo – o inclemente inverno europeu.

No dizer do Marechal Cordeiro de Faria: “A FEB espelha bem o Brasil, com quase nada de planejamento e tudo quase de improvisação”.

É organizada precipitada e ininterruptamente. Datam de agosto de 1943 as primeiras normas para sua estruturação. Três Divisões comporiam o nosso Corpo Expedicionário: a primeira a ser recrutada no Centro do País, a segunda no Norte e a terceira no Sul.

Aquela época expedem-se instruções para a constituição da 1ª Divisão de Infantaria Expedicionária, com unidades sediadas no Distrito Federal, e nos estados do Rio de Janeiro, São Paulo, Minas Gerais e Mato Grosso e, pouco depois o General Mascarenhas de Moraes, designado para organizá-la, é nomeado seu Comandante.

Havia sido estabelecido, em princípio, que em fins de maio de 1944, a tropa, devidamente organizada e treinada, deveria estar pronta para embarcar. Só na segunda quinzena de março, entretanto, é que a 1ª Divisão de Infantaria Expedicionária termina sua concentração no Rio de Janeiro.

Não é difícil imaginar as dificuldades por que passou o nosso Chefe nessa fase embrionária da FEB. Uma imensidade de problemas a solucionar, além das questões primordiais de estruturação e de adestramento.

Nosso Exército não estava preparado para o tipo de guerra que ia empreender. Havia duas décadas, obedecia aos ditames da chamada "escola francesa", que, é sempre bom repetir, tanto contribuíra para sua modernização e para o aprimoramento cultural de seus quadros.

Na emergência que se apresentava, era preciso rever métodos, processos, sistemas e técnicas, a fim de que nos puséssemos em condições de atuar lado a lado com o Exército dos Estados Unidos da América, cujo material bélico iríamos usar e sob comando ficaria nossa força enquadrada. Alteração radical foi introduzida, não só na formação, mas também no aperfeiçoamento dos oficiais e da tropa, substituindo-se o ecletismo profissional, tão a gosto e então apanágio de nosso corpo de oficiais, pela técnica de especialização, fator primordial da transformação de um despreparado exército, como o norte-americano, na maior máquina militar de todos os tempos.

Para essa metamorfose, o tempo era bastante reduzido e menor se tornava pela instabilidade dos efetivos, que rigorosos exames médicos, orientados por padrões norte-americanos, faziam sofrer alterações numerosas e freqüentes. Pode-se dizer que havia, na realidade uma verdadeira "dança de efetivos", que desorientava os comandos, prejudicando, profundamente, a organização e a instrução das unidades. A Infantaria, sobre quem recai, no campo-de-batalha, a responsabilidade máxima das operações e cuja instrução é a mais complexa e difícil, sofria muito mais que as outras Armas, em virtude da grandeza de seus efetivos.

A par das dificuldades especificamente militares, tivemos de superar a campanha da desmoralização que a Quinta-Coluna nacional procurou fazer em torno da FEB. E esta foi a batalha mais difícil de vencer, em virtude da ausência, entre nós, de uma organização de contrapropaganda e de nossa completa falta de aparelhamento para enfrentar tais situações. Anedotas, aparentemente inocentes, eram ingenuamente repetidas por todos, tendo ficado famosa a da primeira conquista da FEB – a linha 1, dos ônibus que trafegavam da Praça Mauá ao Obelisco, numa referência a um desfile realizado pela FEB por esse mesmo percurso, e o dito "Mascarenhas, por que demoraes?"

Boletins e panfletos, solertemente distribuídos pela Quinta-Coluna, atacavam a conjuntura política do País e sugeriam que nos negássemos a lutar pelo sistema democrático, quando nossa Pátria se encontrava submetida a uma ditadura. Até intrigas com países vizinhos foram elaboradas, com o fim único de sabotar o nosso embarque.

Não era possível isolar o soldado expedicionário da repugnante campanha à qual se deve, muito provavelmente, a origem do distintivo da cobra fumando que, mais tarde, com tanto orgulho usamos na Itália e, até hoje, ostentamos. É um emblema aparentemente inexplicável e surgiu porque a propaganda orientada contra a FEB, na campanha movida no Rio de Janeiro, em São Paulo e em Minas Gerais, nas ruas, nos quartéis, nos acampamentos e até nos estados-maiores, havia este ditado: "É mais fácil a cobra fumar do que a FEB embarcar".

Apesar de tudo a FEB embarcou. E quando entrou em combate e começou a matar alemães e brasileiros começaram a morrer, o mundo ficou sabendo que o Brasil estava presente à luta. Então ela tomou como distintivo a "cobra fumando". Era a melhor resposta aos nazistas e fascistas, alemães, italianos e nacionais.

Os americanos verificaram logo que a velocidade inicial de nossa participação estava bem comprometida pela eficiente campanha promovida pelos elementos nazistas, pela Quinta-Coluna e, mesmo, por aqueles que eram simplesmente do contra. A organização da FEB constituiu uma grande vitória contra o inimigo dentro do Brasil, antes mesmo do embarque.

Nosso País, levando gente à Europa para lá combater ombro a ombro com os Aliados, deixaria manifestado seu horror aos sistemas totalitários, mais que a simpatia pelos Aliados, concretizando uma verdadeira aliança.

De início, ficara assentado que enviaríamos um Corpo de Exército para a luta, o que representaria, sem dúvida, um elemento de força ponderável. Não obstante, reações de forças contrárias fizeram com que essa contribuição acabasse reduzida a uma única Divisão. Mesmo assim, entretanto, nossa intervenção tinha uma elevada expressão moral. Não era simbólica, porque homens morriam e homens matavam. Os americanos se conformaram com a presença de apenas uma Divisão, pois se tratava de um exemplo de tomada de posição de um povo que, embora na órbita do conflito, se encontrava distante da Europa.

Além disso, os Estados Unidos, por iniciativa de seu governo e não do nosso, desejava essa participação, mesmo com uma Divisão, pois assim o Brasil ingressaria na Conferência de Paz, dando ao nosso País, pelo menos aparentemente, uma oportunidade de influir no concerto universal.

Cumpre, aqui, tecer algumas considerações sobre o homem brasileiro empolgado com a situação de guerreiro do século XX.

Ficou claro que os americanos tinham interesses políticos e militares na ativa participação do Brasil na guerra. Isto, porém, não quer dizer que ele não nos considerasse mais "um país latino-americano como outro qualquer". Assim a confiança em nós era relativa e idêntica a que ele dedicava a todas as nações latino-america-

nas. Cabia a nós outros, empolgados à posição singular de verdadeiros embaixadores de nossa Pátria, demonstrar nosso verdadeiro valor.

Por outro lado, não era grande, também, nossa confiança no comando e nos oficiais americanos. Acostumados a admirar os exércitos profissionais da França e da Alemanha, e a estudar a História da Civilização sob o prisma francês, eram conhecidas nossas reservas quanto a uma oficialidade oriunda de um povo, embora amigo, eminentemente civilista e sem tradições guerreiras.

Ao chegar à Itália o 1º escalão, no dia 16 de julho de 1944, sabia-se que a FEB era um instrumento de combate cuja instrução ainda estava para ser completada. De acordo com o comando americano, foram tomadas providencias em ritmo intensivo. Oficiais, graduados e soldados foram matriculados em campos e escolas instalados no Teatro de Operações. Tornava-se necessário o aperfeiçoamento em assuntos relativos à observação aérea e terrestre, às ligações, às comunicações, às patrulhas etc.

O 1º escalão quase se espalhou por completo pelas escolas e centros de instrução. E, à medida que se deslocava para o Norte, seus elementos foram sendo colocados na frente de combate, com unidades americanas, para uma rápida adaptação à forma de luta peculiar à Frente italiana.

E entra em linha o 1º escalão da FEB.

Nessa ocasião, os alemães recuavam em todas as frentes da Europa. Na Itália, tinha-se a noção de que as forças alemãs estavam em colapso. E dizia-se que, para os aliados, as operações seriam quase um desfile.

É nesse ambiente verdadeiramente eufórico que o 6º Grupamento Tático brasileiro, sob o comando do General Zenóbio da Costa, é integrado ao IV Corpo de Exército do V Exército dos Estados Unidos da América. Nosso batismo de fogo foi a 16 de setembro: combatemos e tomamos Massarora, ao norte do lago Massaciuccoli, conquistamos Chiesa, Camaiore, Monte Prano, Piano Della Rocca, Barga. Transborda-se de entusiasmo. Os alemães recuando, os brasileiros avançando, avançando, numa profundidade de 20km em poucos dias, e fazendo prisioneiros arianos e tomando montes escarpados. Até que se chocam com a chamada Linha Gótica, onde o inimigo faz uma parada, como havia feito também, no Oeste europeu. Houve como que uma recuperação de suas forças, e começa um violento contra-ataque. Os brasileiros sofrem seu primeiro revés, são repelidos, e aí a luta principia verdadeiramente. Então é que se começa a ver que os nossos homens não estavam convenientemente instruídos, nem no Brasil, nem na Itália.

O V Exército americano ataca ao norte de Florença, a fim de tomar Bolonha. Alguns milhares de americanos morrem e não se pode avançar. Há uma verdadeira

crise de nervos. Unidades Antiaéreas e de Manutenção são transformadas em Infantaria, a fim de que se torne possível mobilizar a frente, imensa para os efetivos que cada vez mais se reduziam. O General Mark Clark, Comandante do V Exército, conferencia com o General Alexander, Comandante do TO da Itália. Fica decidido suspender a instrução do restante da FEB e colocá-la, também, em linha.

A situação era de crise de efetivos e crise nas operações. Os outros dois terços da FEB entram, então, em combate, sem instrução completa e com organização quase inadequada.

A situação se agrava. Repercute na Frente italiana a grande ofensiva alemã na Bélgica e no Luxemburgo. O assunto é a Batalha das Ardenas. A FEB recebe missão de sacrifício: os ataques a Monte Castelo, dois em novembro e um em dezembro. O Comando brasileiro tudo fez para que a tropa alcançasse algum sucesso. No ataque de 12 de dezembro, sem preparação de Artilharia, para obtenção do efeito de surpresa, os brasileiros se lançam contra as posições alemãs. Mas, na tarde do mesmo dia, o inimigo contra-ataca, obrigando-nos a abandonar as poucas posições conquistadas e somos jogados para o pé dos montes Castelo, Gorgolesco, Mazzancana etc. O dia 12 de dezembro é um dia de agonia para o Comando da FEB.

No dia 13 o avanço aliado na Frente italiana é inteiramente bloqueado na direção de Bolonha, e uma Divisão americana de 15 mil homens fica reduzida a 8 mil. Na mesma tarde do dia 12, os alemães haviam contra-atacado em Camaiore e Viareggio, obrigando duas Divisões a recuar 5km. O Comando americano, verificando que havia uma grande reação alemã em toda a frente, determinou ao Comando brasileiro que mantivesse, a todo custo, as posições que havia ocupado.

Daí a poucos dias a neve cobre os Apeninos. Ninguém mais avança. A frente se estabiliza.

Nessa ocasião, os alemães intensificam acerba guerra psicológica contra nós, inaugurando, em Berlim, a Estação Auriverde, de rádio, com um carinhoso programa em português dedicado aos nossos pracinhas. Prestou-se ao papel de locutora, a apóstata catarinense Margarida Hirshman, que não soube honrar o berço de Anita Garibaldi.

Além disso, panfletos eram atirados sobre nossas linhas, convidando-nos a nos rendermos à primeira sentinela alemã, a quem entregaríamos o documento, com a promessa de sermos encaminhados a confortáveis campos de concentração, onde seríamos bem alimentados e desfrutaríamos de excelente lazer.

Tais documentos são uma prova flagrante de que os melhores soldados do mundo preocupavam-se com os danos que a FEB poderia lhes causar.

Mas o soldado brasileiro manteve-se fechado a esse tipo de propaganda, que não obteve os resultados esperados.

Em termos acadêmicos, nossa missão era manter defensiva, mas agressivamente, uma larga frente. Preparar um movimento ofensivo na parte norte de nosso setor.

Herdamos, aí, uma péssima situação tática, e o terreno onde deveríamos operar apresentava características singularmente difíceis. O Comando alemão, querendo barrar o acesso à rica região do Vale do Rio Pó, apoiou-se na formidável linha dos Apeninos, principalmente a cavaleiro das estradas que conduzem a Bolonha. As vias de transporte que atravessam essa grande cadeia de montanhas são, forçosamente, ajustadas ao fundo dos vales dos tributários do Pó, e, consequentemente, dominadas pelas alturas que as ladeiam. Difícil era, pois, a nossa situação.

Em uma região inteiramente desfavorável, passamos seis meses. Aí suportamos o outono, com chuvas fortes, permanentes, irritantes, e onde, fora das estradas principais, a lama atingia o joelho de nossos soldados. E tivemos um inverno com temperatura de até 18º centígrados abaixo de zero, e onde a neve, em camada espessa, impedia todo movimento importante fora das vias pavimentadas.

Mas ao contrário do que costuma acontecer em uma fase de estabilização, trabalhou-se numa instrução prática e intensiva. Instrução que preocupava o Comando e a tropa. As posições eram bem guardadas. As tropas de reserva eram bem treinadas. Havia um firme ponto de vista do Comando brasileiro de não admitir que nossas unidades prosseguissem nas operações, com as mesmas falhas que apresentavam no começo. Era preciso vencer aquela fase de provação.

Depois disso, pode-se dizer que a FEB ficou verdadeiramente aguerrida. As patrulhas eram numerosas, pelotões e mais pelotões, muitas vezes acompanhados por oficiais de Ligação ou por observadores avançados de Artilharia, saiam freqüentemente à noite, à tarde ou pela madrugada, para buscar informações e capturar prisioneiros. Assim, todos os infantes se revezavam nessas missões e voltavam mais aguerridos ainda. Procuravam "ver o olho azul do alemão". Criou-se o espírito de Companhia, o espírito de Corpo. Casamatas inimigas foram tomadas em ousados golpes-de-mão. Postos de Comando foram surpreendidos aos montes, nossos homens esgueirando-se cautelosamente, atingindo-os de surpresa, dominando de uma a duas dezenas de alemães e trazendo, também, de volta, troféus de inimigos mortos e seus feridos de guerra.

O Comando americano colaborou nessa instrução. Promoveu conferências nos quartéis-generais brasileiros, com muito tato, visando a combater preconceitos recíprocos que em nada contribuíam para maior solidificação da amizade americano-brasileira e, muito menos, para a eficiência das futuras operações.

Antes do inverno faltava uma coisa muito importante à tropa brasileira: a coesão; e a coesão de uma tropa terrestre só pode ser alcançada pela ação indormida de um comando ativo e através da instrução. A instrução de inverno, as patrulhas e aqueles pequenos combates realizados em vários locais da frente, deram à FEB a coesão de que carecia. Passou a existir o espírito de competição, uma transformação do homem mal instruído, em um verdadeiro combatente. E apareceu o guerreiro brasileiro do século XX.

Quanto à Guerra Psicológica, foi ela arrefecida pelos alemães, pois tornou-se contraproducente. Irreverentes, até em tais situações, os brasileiros começaram a se divertir com ela, e a colecionar panfletos, que chegaram a ser objeto de trocas e de transações entre eles.

Outra particularidade muito interessante foi a participação da mulher brasileira nas operações da FEB.

As "Anas Néri" redivivas foram as companheiras incansáveis dos feridos e dos moribundos, aos quais levavam o conforto na hora extrema, em que o soldado, delirante, se transportava ao lar, e em seus semblantes vislumbrava a mãe querida ou a esposa distante.

Estóicas, perseverantes, beneméritas, foram nossas enfermeiras no cumprimento de sua sagrada missão.

Acabou o inverno e começou a ser preparada a Ofensiva da Primavera.

Veio o combate decisivo de Monte Castelo, veio o de La Serra, dois confrontos em que a FEB representou um papel realmente glorioso. Tomado Monte Castelo, o Comando brasileiro lançou a tropa sobre o segundo objetivo, La Serra, antes mesmo que os americanos, à sua esquerda, tivessem cercado os seus primeiros objetivos. A tomada de La Serra facilitou muito ao americano a conquista de seu primeiro objetivo e, depois, do segundo. Os brasileiros ficaram inteiramente em ponta-de-lança. O Comando americano não deixou de mostrar essa situação à sua tropa e de tirar o melhor proveito possível. Foi nessa operação que, verdadeiramente nos irmanamos. Depois de Monte Castelo, brasileiros e americanos não eram mais aliados, mas irmãos que lutavam por uma causa comum.

O General Crittenberger, Comandante do IV Corpo de Exército, com o fim de prosseguir nas operações, reuniu em seu QG os comandantes de Grandes Unidades.

Ao General Mascarenhas de Moraes perguntou: "Sua missão é cobrir o ataque da 10ª Divisão de Montanha. O que vai fazer o senhor no primeiro dia?" "Vou atacar para melhor cobrir", respondeu o nosso chefe.

Palmas entusiásticas interromperam a exposição, pois todos os presentes verificaram que a resposta do nosso Comandante encarnava bem o espírito da tática Aliada de agir ofensivamente, mesmo em uma missão de cobertura.

E foi o que aconteceu, pois atacamos e conquistamos Montese para cobrir o ataque da 10ª Divisão de Montanha.

Quando, no dia seguinte, a 34ª Divisão de Infantaria americana fracassou completamente no ataque a uma localidade, o General Crittenberger em outra reunião em seu QG, desabafou:

"Na jornada de ontem só os brasileiros mereceram minhas irrestritas congratulações: com o brilho de seu feito e seu espírito ofensivo, a Divisão brasileira está em condições de ensinar às outras como se conquista uma cidade". (Referia-se à tomada de Montese).

Eis como os americanos nos viram.

Daí em diante eles passaram a nos proporcionar um apoio sem restrições. Quanto aos carros-de-combate, por exemplo, não os punham simplesmente em ligação, mas à disposição. Na primeira fase da campanha, os carros não eram postos à disposição da FEB, mas agiam apenas em ligação de modo a não receberem diretamente as nossas ordens. Depois do inverno, qualquer elemento americano já era posto, tranqüilamente, à disposição do Comando brasileiro.

E assim, a FEB prosseguiu o avanço na Ofensiva da Primavera que iria acabar com a luta na Itália. Em posições bem mais favoráveis ela continuou de forma bastante violenta, com os combates de Montese, Montebuffone e Montello, de 14 a 18 de abril. Custaram-nos essas posições mais de 400 baixas, tendo nossa Artilharia disparado mais de 21 mil tiros.

E para se avaliar a intensidade desses encontros, basta dizer que Montese, uma pequena povoação montada em um maciço, depois de haver caído em nossas mãos, recebeu da Artilharia inimiga mais tiros que o restante da frente de todo o IV Corpo de Exército americano, composto de quatro Divisões.

No dia 20 tomamos Zocca, que, infelizmente, teve de ser destruída.

Após o início do aproveitamento do êxito, conseqüência do rompimento da linha alemã nos Apeninos, a Infantaria, transportada pelos meios auto da Artilharia, fez incursões audaciosas no já desmantelado dispositivo alemão.

A 26 de abril, nosso Esquadrão de Reconhecimento comandado pelo o Capitão Plínio Pitaluga estabeleceu contato com o inimigo na região de Collecchio e a 27, unidades de Infantaria reduziram, nessa cidade, forte resistência inimiga.

Soube-se, então, por informações de prisioneiros, que uma grande coluna inimiga procurava, por essa região, atingir o Vale do Pó. Nessa direção, foram então lançados elementos de Infantaria e de Artilharia. Nossa tropa, em manobra de duplo

envolvimento, atingiu rápida e vigorosamente as cercanias de Fornovo. Combateu-se na noite de 27 para 28. Uma intimação para cessar a resistência foi enviada ao Comando alemão, às 9h do dia 28. Seu texto era o seguinte:

"Ao Comando da tropa sitiada na região de Fornovo – Respício.

Para poupar sacrifícios inúteis de vidas, intimo-vos a render-vos incondicionalmente, ao Comando das tropas regulares do Exército brasileiro, que estão prontas para vos atacar. Estais completamente cercados e impossibilitados de qualquer retirada. Quem vos intima é o Comandante da vanguarda da Divisão brasileira que vos cerca. Aguardo dentro do prazo de duas horas a resposta do presente ultimatum. *(a) Nelson de Mello, Cel Cmt."*

Pouco antes do meio-dia chegava a réplica nos seguintes termos:

"A resposta seguirá após ser fornecida alguma instrução do Comando Superior. (a) Major Kühn, Chefe do EM da 148ª DI"

Como ela não satisfizesse, o Comando brasileiro decidiu atacar, e o combate se estendeu por toda a tarde.

Ao cair da noite, a luta declinou em toda a frente, preparando-se as unidades para manter as posições conquistadas, quando, às 22h, cruza as nossas linhas, de bandeira branca em punho, o Major Kühn, acompanhado de uma escolta. Ficou convencionado que a Artilharia brasileira cessaria fogo às 5h20min da madrugada, e a rendição começaria às 12h.

À meia-noite, entretanto, muito antes do Major Kühn regressar ao seu QG, um Batalhão de Infantaria alemão cruzava as nossas linhas em Respício e, ao alvorecer, o 5º Batalhão de Montanha se apresentava na mesma região, antecedendo, portanto os entendimentos de cúpula.

Às 13h apareceu a testa de uma coluna motorizada, tendo à frente as ambulâncias que transportavam os feridos, seguidas do 361º Batalhão de Carros, da 90ª Divisão Panzer. Os feridos foram imediatamente encaminhados ao 1º Batalhão de Saúde do Exército brasileiro.

Em meio ao burburinho nos Postos de Coleta, às 18h30min, impecavelmente uniformizado e acompanhado de seu Estado-Maior de 18 oficiais, apresentou-se o General Mario Carloni, 38 anos, Comandante da Divisão Bersaglieri Itália, a qual mais parecia estar chegando para receber uma rendição, do que propriamente se render.

Às 5h30min da manhã do dia 30, após pequena pausa nos trabalhos de rendição, surgiu o grosso da 148ª DI, acompanhada de perto pelo 4º Batalhão de Montanha, e por um Batalhão de Camisas Negras, italiano.

Finalmente, às 18h, chegava o Comandante da 148ª DI, General Otto Fretter Pico, com os 31 oficiais de seu Estado-Maior, também, ostentando excelente aspecto militar. Foi recebido, pessoalmente, pelo General Mascarenhas, que o fez apresentar-se ao QG do V Exército, escoltado pelo General Falconière da Cunha.

Encerrava-se, assim, a rendição da 148ª DI alemã, dos remanescentes da 90ª Divisão Panzer e da Divisão Bersaglieri Itália, cuja apresentação aos Postos de Coleta constituiu nota destacada, pela correção e ordem com que as diferentes unidades se conduziram, revelando alto padrão de disciplina e invejável grau de instrução.

Eram, ao todo 20.573 prisioneiros e cerca de 4 mil animais, 2.500 viaturas, das quais mil motorizadas.

É interessante observar que, na ocasião em que a FEB entrou em linha, o Regimento alemão que então defendia Castelnuovo Di Garfagnana, quando ali prendeu uns vinte e poucos brasileiros, os primeiros que caiam prisioneiros, fê-los desfilar pelas ruas da cidade, entre tropas alemãs e a população italiana que os apupava, em estranha reedição de um bárbaro costume da Antigüidade. Alguns soldados desse Regimento empurravam os prisioneiros e davam-lhes socos e pontapés. Quando este mesmo Regimento a nós se rendeu em Fornovo, embora haja sido imediatamente identificado, nenhum alemão foi molestado.

Em Collecchio-Fornovo pode-se dizer que a FEB, sem querer fugir ao lugar comum e usando a expressão consagrada, encerrou suas operações na Frente italiana com chave de ouro.

A 30 de abril estávamos em Alessandria e a 2 de maio em Susa, perto de Turim, a tropa brasileira fez junção aos elementos avançados do Exército francês, que haviam transposto os Alpes. Na noite dessa mesma jornada, o Comandante do IV Corpo de Exército nos comunicava que, no Teatro de Operações da Itália, a luta estava terminada, com a rendição total e incondicional das Forças alemãs.

Assim, a Força Expedicionária Brasileira, lutando contra todas as adversidades do meio e do clima, sob os horrores de engenhos de guerra até então desconhecidos, e combatendo contra o Exército mais aguerrido do mundo, mas conduzida por um chefe bravo, estóico, o General-de-Divisão João Baptista Mascarenhas de Moraes, digno continuador de Caxias nas páginas de nossa História – cobriu-se de glória, esteve à altura de nossas mais puras tradições, soube honrar o nome do Exército brasileiro e dignificar a nossa Bandeira.

Terminada a campanha, o General Crittenberger sob cujo comando a FEB estava subordinada, assim se expressou a seu respeito:

"Há muito desejava ter a possibilidade de vos dizer, em primeira mão, das qualidades guerreiras dos filhos do Brasil. Com eles estive em Monte Prano, Monte Castelo, Castelnuovo, Montese, Fornovo, fora outros combates. Com eles conversei ao longo das estradas, nas frígidas montanhas dos Apeninos. Eu os vi muitas vezes nas cercanias de Porreta, com eles comi ração K no Vale do Pó. Visitei-os nos seus postos de primeiros socorros, na frente. Mandei-os à batalha. Vi-os morrerem, com os olhos postos em Deus. Mas, também os vi vencedores e triunfantes – com milhares de alemães capturados, passarem pelos seus campos de prisioneiros. Sim, conheço o soldado brasileiro. E aqui estou para dizer-vos que realizou um trabalho magnífico. Não são homens comuns – esses filhos do Brasil. Eles são dignos dos mais altos postos de direção que uma Nação agradecida possa dar-lhes, na paz ou na guerra. Nos Apeninos e no Vale do Rio Pó, sua esplendida capacidade de direção era sentida através dos contínuos sucessos obtidos."

O campo santo de Pistóia é a página final, a página branca, a página índice do nosso sacrifício, aberto no missal grandioso dos Apeninos. Ali, por dez anos repousaram os nossos heróis, que deram seu corpo à Itália, sua alma a Deus, seu coração ao Brasil.

Assim foi, e assim será sempre. Quando naquela manhã de 19 de julho de 1944, o Marechal Mascarenhas de Moraes, em cerimônia que, por seu histórico significado, comoveu a quantos tiveram a ventura de viver para dela participar, hasteou, pela primeira vez o pavilhão auri-verde em um Teatro de Operações estranho ao Continente Sul-americano, vinculou para sempre o nome do Brasil a uma participação ativa na defesa da liberdade e dos sagrados direitos do Homem.

E nossos mortos não se foram em vão, pois seu holocausto determina a aurora de uma nova e marcante fase de nossa História onde, de uma vez por todas, abandonamos o hábito de nos deixarmos atrelar ao carro do vencedor, no limiar do Arco do Triunfo. Foi o primeiro passo na condução de nossa imensa Pátria ao seu grande e impostergável destino de compartilhar, com as outras potências da Terra, o governo do mundo livre.

Passarei, a partir de agora, a responder as perguntas que me foram apresentadas e a primeira delas indaga como foi o meu ingresso na FEB.

Ingressei por vontade própria. Imagine-se que eu estou numa carreira cuja finalidade era a guerra; senti que não poderia ficar de fora, como também sentiram os meus irmãos. O meu irmão Iônio terminou o curso da Escola Militar do Realengo e imediatamente ingressou numa Unidade que partiria para a guerra.

Vou contar-lhes um episódio interessante. Meu pai já tinha morrido, só tinha mãe, uma baiana patriota. Certa vez, chegou para mim e perguntou: "Meu filho, você e seu irmão Iônio estão indo para a guerra e seu irmãozinho mais moço como é que vai ficar?" Respondi a minha mãe: "Ele está na Escola Preparatória de Cadetes do Exército e a única maneira de levá-lo para a guerra é fazer com que ele peça baixa e se incorpore à tropa que embarcará para a Itália. Mas estou completamente em desacordo e acho que o Exército não autorizará."

Dediquei-me à idéia de partir para a guerra. Não foi fácil, é preciso que se diga. Tinha sido enviado aos Estados Unidos para estagiar na Escola de Artilharia de Costa, em *Fort Monroe,* na Virgínia, e para a Força Expedicionária era recrutado pessoal da Artilharia de Campanha.

Eu consegui transferência da Artilharia de Costa para a Artilharia de Campanha, graças à boa vontade do General Oswaldo Cordeiro de Faria e a intervenção do meu prezado amigo, então Capitão Edmundo da Costa Neves que era o seu Ajudante-de-Ordens.

Saí da Artilharia de Costa e fui para uma Unidade que entraria na guerra – o II Grupo de Obuses, de Campinho, que embarcou para a Itália no primeiro escalão. Participei de todos os exercícios em que ele se envolveu no conhecido campo de instrução de Gericinó, juntamente com a Infantaria.

Foram importantíssimos para o adestramento da Unidade; a tropa participava engajada nas suas Unidades. É interessante trazer à tona de que para a Itália foram um Regimento mineiro, um paulista e um carioca; uma Unidade de Artilharia paulista e três cariocas e um Batalhão de Engenharia mato-grossense, de Aquidauana. Em vista dessa origem das unidades mais numerosas da FEB, muitos indagam, ainda hoje, por que existem Associações de Ex-combatentes em todo o País.

Lamentavelmente, foi uma providência do Estado-Maior do Exército que não se comenta mais que deve aparecer. Confirmado que iria apenas uma Divisão, o EME resolveu recrutar pessoal de todos os estados, mais ou menos, segundo um levantamento que fiz, 250 de cada estado do País. Por exemplo, do Piauí, tenho certeza porque conversei com um Presidente Regional da Associação, foram 250 homens; devem ter ido também do Maranhão, Pernambuco e outros estados em que não se fazia convocação para a guerra.

Na Itália, a minha sensação ao ouvir o primeiro tiro da Artilharia brasileira disparado fora do continente Sul-americano foi indescritível, uma vibração total de todos os artilheiros, particularmente, da Bateria que executou o tiro. O mais longe que a nossa Artilharia fora, até então, foi no Paraguai, no Rio da Prata, ainda sob as ordens do nosso querido Mallet.

Até hoje, desde a chegada da FEB, o primeiro tiro é comemorado no dia 16 de setembro, embora essa comemoração seja maciçamente presenciada pelos artilheiros daquela época, ela já está decadente, porque o número de sobreviventes diminuiu muito. Cheguei a assistir essa comemoração dirigida pelo General Cordeiro de Faria, depois pelo General Ramiro Gorreta Junior, pelo General Geraldo Da Camino, Comandante da Unidade, na Itália, que deu o primeiro tiro. Da Camino era uma figura interessantíssima; ele, na Itália ainda, foi designado para o comando de uma Unidade localizada no interior gaúcho, afastada dos grandes centros nacionais. Esse era o prêmio que davam aos Ex-combatentes da FEB...

Anualmente nós contamos os que desaparecem. Esse ano tivemos o Coronel Cândido Manoel Ribeiro e o General Carlos Eugênio Rodrigues Lima Monção Soares que também faleceu.

Sobre o desempenho dos nossos oficiais e praças, considerando o pouco treinamento que tivemos, foi excelente. Os artilheiros, formados em uma escola francesa sem par, a melhor coisa que eu vi na Artilharia, copiada pelos americanos como pude verificar no curso nos Estados Unidos, eram treinadíssimos na técnica do tiro. Os infantes, tenho condições de avaliar o imenso sacrifício característico das missões de sua Arma, pois os assisti como oficial de Ligação. Posso dizer, tranqüilamente, que é a “rainha das armas”; sempre será a “rainha das armas”. Tive uma grande satisfação de trabalhar com o Coronel Caiado de Castro, Comandante do Regimento Sampaio, o 1º RI, o Major Franklin Rodrigues de Moraes, Comandante do III Batalhão e com o Major Olívio Gondim de Uzeda, Comandante do I Batalhão, ambos pertencentes ao mesmo Regimento Sampaio. Uzeda era um homem difícil, mas que nos tratava muito bem. Era difícil no Comando, por ser muito rígido.

Quanto à Cavalaria, foi representada por um Esquadrão que foi muito bem comandado. No princípio, pelo Capitão Flávio Franco Ferreira, que adoeceu e foi substituído pelo Capitão Plínio Pitaluga recém-promovido e que conduziu-o com muito acerto em todas as atividades de reconhecimento, chegando até a cercar a 148ª Divisão alemã e, depois, entregá-la ao Coronel Nélson de Mello. É a atribuição típica da Cavalaria, seguindo-se a Infantaria para completar o aprisionamento.

A Engenharia foi a primeira a entrar em ação. Tinha essa honra de ser a primeira a entrar em combate, porque era a mesma que abria os caminhos para a Infantaria. O Serviço Médico foi, também, excelente. Levamos ótimos médicos e estou dizendo isso não é porque eu tivesse um primo médico – Major Ernani Faria Alves. Ernani, acho que foi o único na história da FEB que participou da Primeira e Segunda Guerra Mundial como médico.

Quando deixei a função de ligação junto à Infantaria e passei a exercê-la junto às grandes unidades de Artilharia americanas e inglesas – oficial de Ligação do General Cordeiro de Faria – tive várias ocasiões nas quais pude verificar que aquela função era difícil e exigia uma certa diplomacia. Vou contar um fato ocorrido em uma dessas ocasiões, assistido por mim.

Na noite do dia 12 para 13 de dezembro de 1944, após a FEB descer o Monte Castelo pela terceira vez – dizem uns que pela segunda, mas para mim terceira vez, porque em 24 e 25 de novembro ela também desceu, subiu e desceu – o General Crittenberger marcou uma reunião com os comandantes de grandes unidades. Eu estava como intérprete do General Cordeiro. Era uma sala, numa casa italiana e todos estavam presentes quando apareceu o General Crittenberger e perguntou... digamos, dizendo claramente... "Afinal de contas, esse Monte Castelo cai ou não cai?"

O intérprete do General Mascarenhas, Major Alcyr D'Ávila Mello, depois General e já falecido, traduziu e o General Mascarenhas consultou os seus dois oficiais, ao seu lado, que eram o Tenente-Coronel Humberto de Alencar Castello Branco e Tenente-Coronel Amaury Kruel, respectivamente o E/3 e o E/2 da Divisão. Nesse instante, em que o General Mascarenhas dirigia-se aos seus oficiais, o General Zenóbio da Costa, de quem muita gente falava mal, mas era um homem de grande ação, puxou a aba da túnica do General Mascarenhas e ao ouvido, disse-lhe: "Pede para responder por escrito".

Baseava-se naquele nosso princípio de que as coisas orais voam e que as escritas ficam. Vira-se o General Crittenberger e fala: "Às seis horas da manhã quero todos aqui com a resposta". Deu meia-volta e foi embora. Estava presente, também, o Tenente-Coronel Aviador Nelson Freire Lavenère Wanderley, representando a aeronáutica brasileira; lembro-me dele ao meu lado. O General Cordeiro não disse nada.

Não é preciso dizer que naquela noite ninguém dormiu. Todos passaram a redação da resposta: o Tenente-Coronel Castello, o Tenente-Coronel Amaury Kruel e o Major Alcyr D'Ávila Mello. Bem, às seis horas da manhã estávamos todos de volta, esperando o General Crittenberger. Ele voltou com outra cara e quando o General Mascarenhas apresentou-lhe o envelope com a explicação pedida na véspera, disse: "Ah, um momento... vamos tomar o nosso *breakfast* primeiro". E fomos, todos, tomar o *breakfast*.

Aquele envelope só foi entregue no fim e não foi lido o documento contido em seu interior, porque fomos embora e o General Crittenberger ficou com ele. Justificativa dessa ação do General Crittenberger: naquela noite os americanos levaram grande surra, já falada aqui durante a minha narrativa. Ele verificou que havia motivo para os brasileiros não terem conseguido permanecer no topo do morro.

O General Crittenberger mudou de comportamento junto aos brasileiros e passou a tratar-nos de outra maneira. Tenho um exemplo pessoal: o Major D'Ávila

Mello tinha sido designado, pelo General Mascarenhas, para cumprir determinada missão e fui encarregado de substituí-lo, nesse período, junto ao General Crittenberger.

Bem o que aconteceu? Logo no primeiro dia o General Crittenberger, sabendo que o oficial de Ligação estava lá – podia ser o Major D'Ávila Mello – na hora da refeição, chamou-me para a sua mesa. Era um gesto de consideração com o oficial brasileiro, chamando-o para a mesa dos generais. Eu fui e quando estávamos no meio da refeição apareceu um Capitão inglês pedindo licença para se retirar e que naquela hora ele deixava de ser o oficial de Ligação britânico. Tinha ficado ofendido por não ter sido convidado pelo General Crittenberger. É um pequeno detalhe pessoal.

O General Crittenberger passou a selecionar os brasileiros. Lembram-se daqueles elogios referidos anteriormente: primeiro aquele em que ele dizia: "hoje só os brasileiros merecem os nossos elogios" e, depois, o elogio final do General Crittenberger. Essa foi uma situação em que fui testemunha.

Por força de minhas funções de oficial de Ligação da Artilharia, tive contatos com a tropa Aliada e, gostaria de dizer, que eles nos trataram de uma maneira excepcional. No princípio, foram colocados oficiais americanos ao nosso lado, como nossos orientadores, para que pudéssemos saber como eles operavam e facilitar alguma coisa que necessitássemos. Após as operações que precederam a Ofensiva da Primavera, eles nos deram uma independência bem maior e passamos, então, a dirigir as tropas americanas colocadas à nossa disposição. Não conheço nenhum fato que pudesse ter desagradado algum combatente brasileiro.

Quando substitui o oficial de Ligação, que era o Major Alcyr D'Ávila Mello, durante setenta e duas horas, tive um contato muito pequeno com a tropa Sul-africana. Só posso dizer que eles se orientavam pelo Exército inglês.

Quanto a essa, era muito semelhante ao americano, sendo que a índole, o gênio dos oficiais era um pouquinho diferente. Comparo sempre a nossa amizade com os portugueses, e digo que a existente entre os americanos e os ingleses é bem menor do que a nossa, com os portugueses.

A respeito do apoio logístico devo registrar que era todo americano: munição, alimentação etc. O feijão com arroz custou a chegar à Itália; durante muito tempo comemos a carne daquelas latinhas, que aliás eram gostosas. Uma coisa interessante: o brasileiro, em vez de almoçar ao meio-dia ou a uma hora da tarde, almoçava as quatro, porque a comida que era diferente entrava com muito maior facilidade.

Absolutamente, não havia problemas com munição e combustível. Sempre tínhamos a munição que necessitávamos, até sobrava. O jipe ou outra viatura nossa parava em um posto americano e era servida como se fosse americano. Serviam-nos da mesma maneira que serviam as viaturas do Exército americano.

Para mim, muito me impressionou nesta Campanha a bravura dos alemães. Não devem ser confundidos com os nazistas; existe o Exército alemão e havia os voluntários nazistas, como, também, havia, durante a guerra, os *partigiani* que eram voluntários italianos, nossos aliados.

Assisti, ainda, uma outra intervenção do General Crittenberger. Tornei-me seu admirador, apesar daquele primeiro entrave. Estava como ligação, naquelas 72 horas em que substitui o Major D'Ávila Mello, com o General Crittenberger, quando apareceram três *partigiani* italianos; vestiam-se de toga, cabelo grande e armados. O General Crittenberger virou-se para o chefe deles e, em inglês – eu nunca vi nenhum oficial americano ou inglês falar outra língua que não fosse a deles – disse: "Eu dou 72h para os italianos tirarem os alemães de Firenze – Florença – senão eu sou obrigado a bombardeá-la, porque Florença não vale a vida de um soldado americano".

Foram embora e no terceiro dia, ele preparava a ofensiva para o quarto dia, os *partigiani* tiraram os alemães de Florença, com os métodos de guerrilhas. Os alemães até que não destruíram muito a cidade; bombardearam aquelas pontes normais sobre o Rio Arno, mantendo intacta a ponte histórica de Ponte Vecchio.

Foi o que eu assisti com o General Crittenberger.

Ainda sobre a Campanha, resta-me falar sobre a experiência que tive como observador aéreo. Bem, uma é até engraçada. Quinze dias depois de minha chegada à Itália, fui a ELO e encontrei o meu irmão Iônio falando um italiano fluente. Isso deu-me uma certa mágoa, porque não falava nada de italiano, e, a partir daí, comecei a aprender o italiano, que até hoje me resolve certas dificuldades quando são encontradas.

Eu tive a honra de ser condecorado com as medalhas "Cruz de Aviação, Fita A" e a "Medalha de Campanha da Itália", da FAB, pelo seguinte: eu servi em dois batalhões, o Batalhão Franklin e o Batalhão Uzeda, como oficial de Ligação, e fizeram-me um pedido de observação aérea – não era para ajustar tiro de Artilharia em alvo inimigo e sim para verificar a posição da tropa inimiga face a nossa tropa. Cumpri cerca de seis missões, quase onze horas de observação aérea, mas não estava sob as ordens da 1ª ELO, apenas o avião era emprestado. A idéia dessas missões foram de um velho amigo, nosso companheiro Capitão Walter de Menezes Paes, que tinha um irmão na FEB que era médico, chamava-se Álvaro de Menezes Paes.

Depois de tantas agruras passadas em solo italiano, suplantadas com bravura e galhardia, a FEB voltou gloriosamente para o Brasil. A chegada foi indescritível; o povo acumulou-se na cidade para ver a chegada do primeiro escalão. Quase não pudemos desfilar pelo tumulto causado pelo povo que elogiava o Exército Brasileiro. O mesmo não se pode dizer da recepção de nossos companheiros que ficaram.

Havia uma certa precaução e prevenção contra os febianos. Muitos foram prejudicados, em primeiro lugar com transferências para locais longe das grandes cidades e, durante a carreira, tivemos situações desagradáveis para os que viram o combate de perto, comparados com aqueles que não foram à Itália. Mas isso é um assunto muito longo e que não cabe falar aqui.

Em 1980, aconteceu um fato singular. Aproveitando que as minhas filhas iam casar, resolvi dar um passeio por vários países. Na Itália, evidentemente, fiquei três semanas, mostrando a família aqueles lugares repletos de recordações bastante caras. Depois da Itália, visitei Viena e, daí fui para Munique. Nossa viagem, aconselhado por amigos, foi de trem, para que pudéssemos apreciar as paisagens do caminho.

Quando chegamos a Munique, após instalados no hotel indicado pela empresa que nos forneceu as passagens, perguntamos onde era a cervejaria famosa em que havia começado a guerra. Um detalhe: não se fala em Hitler, porque Hitler passou a ser na Alemanha uma espécie de palavrão; perguntei onde havia começado a guerra – era a cervejaria que ele usava.

Por acaso, essa cervejaria ficava a uns duzentos metros do hotel, coisa de se andar a pé. Bem, então fui lá com a família, almocei na cervejaria, tomei a excelente cerveja alemã; quando eu saio, ainda estava tirando algumas fotografias, aparece um senhor alemão de altura baixa, cabeça branca e se oferece para ajudar a tirar as fotografias. Porque as fotos eram tiradas por mim ou pela minha mulher.

Então, ele começou a tirar as fotografias; tirou umas dez que tenho até hoje. Depois, demos início a uma conversa, mas afinal de contas como não tínhamos assunto, olhei para a cara dele, de alemão, e perguntei se ele era veterano da Segunda Guerra Mundial. Ele disse que sim e sentia satisfação em sê-lo. A conversa era toda em inglês; na Europa só se fala em inglês, menos na França que eles tem raiva, eles falam inglês, mas tem raiva de quem fala. Na Alemanha, não há essa coisa. Nessa conversa eu disse: eu também sou veterano da Segunda Guerra Mundial, combati na Itália, e começou então aquela amizade de veteranos de guerra. Eu notei que o homem me abraçou como se eu fosse aliado da Alemanha. Quando acabou a conserva coisa de dez minutos, ele me perguntou se desejava visitar a Associação dos Ex-combatentes de Munique no sábado. Eu aceitei o convite, porque fui Presidente da Associação dos Ex-combatentes, Seção da Guanabara, então, tinha interesse.

No sábado, isso foi numa quinta-feira, ele apareceu com um fusquinha e me levou para a sede da Associação, que era um quartel muito semelhante a esses nossos da Vila Militar. Visitei as dependências, ele me apresentou a todos que encontramos, sendo bem tratado, a maioria me abraçou. Fui apresentado ao Presidente da Associação que se chamava Keller; engraçado esse alemãozinho se chamava Killinguer,

nome parecido com Klinger que era um General brasileiro. No fim, onze horas da manhã, deveria voltar para almoçar com a família, quando o Killinguer me disse que havia ali uma reunião e que eu estava convidado.

Compareci a sala da reunião, onde havia cerca de quarenta alemães veteranos. O Keller, Presidente, fez um discurso em inglês, e eu respondi. Em tudo isso uma dúvida surgiu na minha imaginação: por que eles estavam tratando um inimigo tão bem? Meu pensamento era que eles achavam que o Brasil lutara do lado da Alemanha e da Itália. Por haver o Brasil lutado na Itália, teriam eles cometido mentalmente esse equívoco lamentável; mas fiquei calado sem nada dizer.

Eles cantaram em minha homenagem uma canção do Exército alemão chamada "Eu tive um camarada". Fiquei sensibilizado, continuando a pensar que eles estavam enganados. Mas, quando me retirei da sala, acompanhado pelo Keller, passei por uma parede onde havia uma galeria de retratos, não me lembro se aquela galeria era uma homenagem aos chefes alemães ou de ex-presidentes da Associação. Em dado instante desse deslocamento, o senhor Keller parou e disse, apontando para um retrato: "Esse você conhece". Dirigi o olhar para o retrato e li Otto Fretter Pico, General. Quem fora Otto Fretter Pico? Apenas o Comandante da 148ª Divisão que se rendera ao Exército Brasileiro no fim da guerra. Nesse momento certifiquei-me de que ele sabia quem eu era, e sabia que o Brasil tinha lutado contra os alemães.

Bem, o senhor Keller virou-se para mim e falou assim: "O maior desejo do General Pico era ser convidado a visitar o Brasil". Disse-lhe: "Infelizmente o General Pico morreu em 1978, há dois anos. Não tenho mais essa oportunidade, mas faria todo o possível junto ao governo brasileiro para que ele fosse convidado". E imaginei logo o General Pico no palanque em um desfile de 7 de setembro assistindo a nossa tropa desfilar, particularmente os veteranos da Segunda Guerra Mundial.

Esse episódio mostra o profissionalismo alemão. Os brasileiros nunca, durante toda a guerra, confundiram os nazistas com o famoso Exército alemão. Os exércitos alemão e francês eram os mais apreciados, antes da Segunda Guerra Mundial.

Como mensagem final, gostaria de elogiar este Projeto, muito bem imaginado e excetuado. Entretanto, tem uma ressalva: deveria ter começado há quarenta anos atrás. Quantas pessoas que poderiam depor sobre a FEB e que não deixaram a sua voz registrada. No meu Grupo de Artilharia eu teria o meu Comandante Da Camino; o Major Gorreta Junior, oficial de brilho, um fora de série; Capitão Newton Corrêa de Andrade Mello também já se foi, era oficial de Ligação como eu, porque ele era oficial de Artilharia Antiaérea – os oficiais de Artilharia Antiaérea e de Costa foram aproveitados como oficiais de Ligação – escreveu muito sobre a FEB.

Coronel Elber de Mello Henriques*

Nasceu na Cidade de Fortaleza – Ceará. Cursou o Colégio Militar do Ceará indo, em seguida, para a Escola Militar do Realengo, tendo sido declarado Aspirante-a-Oficial em dezembro de 1939. Realizou, durante a sua carreira, como Oficial, os cursos de Artilharia de Costa; de Artilharia, em Forte Sill, Oklahoma, nos Estados Unidos da América; de Observação Aérea; da Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais; Escola de Comando e Estado-Maior do Exército; Estado-Maior e Comando das Forças Armadas (CEMCFA), da ESG. Integrou, como 1º Tenente, o II Grupo de Obuses da FEB e a 1ª Esquadrilha de Ligação e Observação (1ª ELO). Dentre as funções que desempenhou durante e após a carreira militar, destacam-se: Observador Aéreo da 1ª ELO; Comandante do Corpo de Alunos da Escola de Sargento das Armas; Instrutor da Escola de Artilharia de Costa; Chefe de Seção do Estado-Maior do Exército; Chefe de Gabinete do Estado-Maior das Forças Armadas; Comandante do II Grupo de Canhões Antiaéreos 90mm, Quitaúna, São Paulo; Membro do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro; Vice-Presidente do Conselho Nacional da Associação dos Ex-Combatentes do Brasil; Membro da Academia de História Militar Terrestre do Brasil. Autor do livro *A FEB Doze Anos Depois*. Pela sua participação na Segunda Guerra Mundial, recebeu as seguintes condecorações: Cruz de Combate 2ª Classe; Medalha de Campanha; Medalha de Guerra; Cruz de Aviação, Fita A (FAB); Medalha de Campanha da Itália (FAB) e Air Medal (EUA). Deixou o serviço ativo em abril de 1973.

---

* Observador Aéreo da 1ª Esquadrilha de Ligação e Observação (1ª ELO), entrevistado em 2 de junho de 2000.

O ambiente no Brasil em relação à Segunda Guerra Mundial em 1939 e no início da década de 1940 era de justificado alheamento, porque a guerra transcorria longe do Território Nacional, tendo o Oceano Atlântico inteiro entre os campos de batalha e o nosso País.

Desta maneira, não havia da parte do povo brasileiro grande interesse em que participássemos dessas operações, mas insuflados pelas organizações esquerdistas da época, simpáticas naturalmente à causa soviética, começaram a aparecer passeatas, imediatamente, após a invasão da Rússia pela Alemanha, com discursos inflamados contra o nazismo.

Nossa atitude inicialmente de não beligerância, mudou pelo inesperado ataque japonês de 7 de dezembro de 1941 a Pearl Harbor, que levou os Estados Unidos a entrarem no conflito.

A Imprensa toda cerrou em torno da nossa entrada na guerra, motivada, sobretudo, pelo afundamento dos nossos navios pelos submarinos alemães e italianos, fato que nos levou a reconhecer o "estado de beligerância" contra os países agressores, através do Decreto de 22 de agosto de 1942.

Num dos comícios de grande presença popular, o Presidente Getúlio Vargas fez um inflamado discurso e, ao concluí-lo, concitou a todos os que vinham participando de manifestações contra os nazi-fascistas e que tivessem idade para prestar o serviço militar que se dirigissem aos quartéis do Exército e se apresentassem voluntariamente.

Para surpresa geral, nenhum daqueles milhares de manifestantes compareceram a qualquer das nossas Unidades. Fomos, então, obrigados a convocar os nossos reservistas, já que tínhamos serviço militar obrigatório, e com esse pessoal formamos três Regimentos de Infantaria, três Grupos de Artilharia e mais um quarto de calibre superior, além de Unidades de outras Armas e Serviços, iniciando também os preparativos de atualização do Brasil na tática e na técnica empregadas na Segunda Guerra Mundial. Estávamos, na época, praticamente no ponto zero, ou, conforme disse o General Francisco de Paula Cidade, no limiar do crime.

Devo, agora, fazer uma revisão da minha vida na Força Expedicionária Brasileira, começando pelas primeiras providências tomadas por mim de que resultaram minha inclusão na FEB.

Na Fortaleza de São João, fiz um trabalho que foi considerado de risco de vida e o Marechal Dutra, Ministro da Guerra, como prêmio, indicou-me para tirar o Curso de Artilharia Avançada, em *Fort Sill*, no Estado de Oklahoma, nos Estados Unidos. Na volta, já encontrei a FEB em formação oficial e imediatamente apresentei-me voluntário para a guerra.

Apesar de reinar muita confusão em tudo o que acontecia no Exército naquele tempo, apesar disso conseguimos fazer bons exercícios de tiro no Campo de Instrução de Gericinó (CIG). Nessa época, os pilotos postos a nossa disposição voaram em aviões de asas baixas, como o *Fairchild* e o *Vultee*, inadequados a observação. Assim, nosso treinamento visava a adaptação ao vôo e à visão do terreno lá do alto. Eram aviões de dois lugares com o piloto na frente e o observador aéreo atrás, mas não eram aviões de guerra e sim de treinamento.

Num dos exercícios que fizemos, a chamada Manobra de Gericinó, onde contamos com a presença do Presidente da República, não pude voar, como observador aéreo, porque não havia, ainda, realizado o respectivo curso nos Afonsos, cabendo-me, então, a função de Observador Avançado de Artilharia naquela primeira iniciativa bélica conjunta de que participaram as principais Unidades integrantes da 1ª Divisão de Infantaria Expedicionária (1ª DIE), em solo brasileiro.

Com o II Grupo de Obuses, atravessei o Atlântico no navio americano *General Mann* e desembarquei em Nápoles, 14 dias depois.

Embarcados no navio, sentimos um choque entre a civilização norte-americana, com os seus costumes, os seus hábitos, o seu modo de tratar superiores e subordinados, e o pessoal do Exército Brasileiro, mantenedor da tradição francesa, que nos foi legada pelo General Gamelin, Chefe da Missão Militar de seu país no Brasil, herói da Primeira Guerra Mundial, mas malsucedido na Segunda Grande Guerra.

Estranhamos muito a alimentação e o horário. Comíamos duas vezes por dia, uma alimentação que não condizia com o nosso paladar. Então, havia muita reclamação sobre isso. Certa vez, já na Itália, o General Mascarenhas de Moraes perguntou a um soldado se ele estava gostando da comida e o soldado respondeu-lhe: “Não, meu General, não estou gostando, porque a bóia é fria”. Nesse momento, disse-lhe o General: “Como é fria, se está esfumaçando no caldeirão?”. E o soldado replicou: “General a bóia é fria quando é requentada – vinha dentro daquelas latas abria-se e colocava a comida na panela para aquecer – a bóia quente é aquela servida na hora em que é feita”. O General achou graça, mas tomou providências para que a tropa recebesse gêneros, como arroz e feijão, para confecção.

Nós que integramos o 1º Escalão – 6º Regimento de Infantaria e II Grupo de Obuses – não sabíamos o destino de nosso navio. Tínhamos quase como certo que iríamos para a Europa. Mas que lugar da Europa? Podia até ser para a África, embora essa hipótese fosse pouco provável. Não havia nenhum documento oficial referindo-se ao destino. Eu mesmo abordei um oficial do navio e, ao perguntar-lhe sobre o nosso destino, ele respondeu-me que esse assunto era secreto.

Quando chegamos à Itália, apresentei-me voluntariamente para desempenhar as funções de Observador Aéreo de Artilharia e o meu Comandante, ao concordar com a minha posição, indicou-me para integrar a 1ª Esquadrilha de Ligação e Observação (1ª ELO), advindo, de imediato, a minha transferência para aquela Unidade da Força Aérea Brasileira (FAB), cujas missões seriam cumpridas sob o controle operacional da Artilharia Divisionária da 1ª Divisão de Infantaria Expedicionária (AD/1ª DIE).

A ELO, criada em 20 de julho de 1944, pelo Ministro da Aeronáutica Joaquim Pedro Salgado Filho, foi organizada com a finalidade de servir diretamente à Artilharia Divisionária, sob o comando do General Oswaldo Cordeiro de Faria.

Transferido oficialmente, apresentei-me a minha nova Unidade assim que ela se formou no campo de San Rossore, nas imediações da Cidade de Pisa, onde vim a conhecer não só o Comandante, Major Aviador João Afonso Fabrício Belloc, como também os demais companheiros, entre os quais o Capitão de Artilharia do Exército Adhemar Gutierrez Ferreira, que exercia o cargo de Subcomandante.

Antes da distribuição dos aviões à nossa 1ª ELO, eu e o Tenente Adalberto Vilas Boas, que éramos os dois Observadores Aéreos do II Grupo, fomos ao campo americano, após autorização do Gen Mascarenhas, e pedimos para cumprir uma missão. Eles nos atenderam e imediatamente puseram a nossa disposição o avião.

A primeira missão não oficial de observação aérea na Itália deveria ser cumprida pelo Tenente Adalberto, como uma espécie de homenagem a ele que teve a idéia e tanto se empenhou para que a missão saísse. Todavia, ele declinou, achando que caberia a mim, como oficial mais antigo, realizar o primeiro vôo e eu concordei com ele.

Então, numa belíssima tarde de outono italiano, levantamos vôo, percorrendo o Vale do Rio Serchio, oportunidade em que deparamos ao longe com a Cidade de Castelnuovo de Garfagnana, nó rodoviário de grande intensidade de tráfego, ocupada pelos alemães, tendo ali perto, em Barga, o nosso 6º RI.

Naquela oportunidade, o piloto perguntou-me se eu queria cumprir uma missão de tiro. Para tanto, ele se encarregaria de traduzir os meus comandos para a Artilharia americana. Depois do terceiro ou quarto comando eu percebi que o piloto não transmitia as minhas observações e sim as dele. Não foi difícil compreender o que se passava: o fato é que ele tinha dificuldade não só em traduzir os meus comandos em Português, como também, não deveria ter o Curso de Observação de Artilharia; ele conhecia a forma de observação lá do americano e também não podia transmitir as ordens em nossa língua, porque ninguém o entenderia.

Mas, de qualquer maneira, a gentileza dos americanos, a correção de suas atitudes foi uma impressão que perdurou durante toda a guerra. A cooperação e a amizade foram uma constante. Só divergimos numa coisa: é que as italianas nos davam prefe-

rência, inclusive porque o 6º RI vinha de São Paulo, com numerosos descendentes de italianos, muitos falando o idioma, o que tornava bem mais fácil a abordagem e a conversação, fato que deixava os americanos danados da vida, principalmente quando se dirigiam a uma italiana e ela já estava comprometida com algum brasileiro.

Volvendo ao nosso primeiro vôo, devo recordar que este se tornou importante em termos de reconhecimento, porque pude perceber que, na parte alemã, estava havendo um vultoso desembarque de tropa de numerosos caminhões. A tropa descia correndo dos caminhões e já se dirigia na direção sul, que era a direção em que nós estávamos, naturalmente ia ao nosso encontro.

Imediatamente, pedi ao piloto para voltar, no que fui atendido prontamente e, quando cheguei ao quartel, informei ao meu Comandante minhas observações, achando que haveria um ataque alemão iminente naquela localidade em que nós nos encontrávamos. Infelizmente, o Comandante do Grupo, Cel Geraldo Da Camino, não me deu crédito e não transmitiu ao Escalão Superior a minha informação, certamente por falta de confiança. E, ainda por cima, mandou-me um recado que muito me desgostou: “Diga ao Elber para não se distrair nas alturas”. Fez essa brincadeira comigo, que soou mal para mim, que estava vibrando com o meu trabalho, mas são coisas que acontecem.

O pior de tudo foi que a informação, que eu trouxera, depois se confirmou como verdadeira. O ataque alemão foi terrível e, pela primeira vez, fomos levados a retrair. A minha informação, que poderia ter sido tão útil, não saiu do âmbito do Grupo.

No entanto, não quero aqui deixar uma má impressão sobre o nosso Comandante de Grupo, que era um homem competente, que dispensava um bom tratamento aos subordinados e que deixou em mim tão boa impressão que, bem depois da guerra, em 1968, quando comandei uma Unidade de Artilharia em São Paulo, inaugurei uma avenida no quartel com o nome dele, na ocasião General Da Camino, descendente de italiano.

Ao apresentar-me na 1ª ELO, no campo de San Rossore, recebi o meu local de pernoite. Com os observadores aéreos dos 2º e 3º Escalões, recém-chegados à Itália, procuramos informar tudo que julgávamos importante, porque, àquela altura, nós já éramos veteranos na Itália.

Dentre as informações que lhes passamos, estava a nossa idéia a respeito do povo italiano, que nos tratava muito bem. Aonde nós chegávamos, éramos festejados, ao contrário do que acontecia com os alemães. Tanto assim que eu, certa vez, à noite, mais ou menos às oito horas, passando por uma localidade senti sede, desci do meu *jeep*, bati na porta da primeira casa e, quando eu dei as batidas, notei um alvoroço em seu interior. Era mulher gritando, gente chorando, homens amedrontados. Abriram a porta tremendo de medo, julgando que eram forças alemãs. Aí eu disse: “Nós somos *brasilianes*”, e foi aquela alegria.

Desde o primeiro momento até os dias de hoje, o contato com os italianos foi o melhor possível. Voltei à Itália três vezes após a guerra e sempre fui muito bem recebido, dentro daquilo que o Papa nos disse lá mesmo: "Vocês, brasileiros, tiveram um tratamento maravilhoso com os italianos pobres, isso eu nunca esquecerei".

No que concerne à observação aérea, adotamos a técnica americana, o ensinamento americano, que previa dois aviões por Grupo e mais dois para o Comando da Artilharia Divisionária, perfazendo um total de dez aviões por Divisão de Infantaria, o que equivalia a dez Observadores Aéreos, um para cada avião.

Vale lembrar que o avião de observação utilizado, tipo L-4H – *Piper Cub*, era muito sensível à situação do clima. Quando chovia, não se podia voar, pois esse avião não possuía instrumento de vôo; o vôo era cego. Por isso nós deixamos de participar de operações importantes, como do ataque a Montese, quando o céu permaneceu fechado durante dois dias, impedindo que levantássemos vôo. Foi um fato infeliz para nós, brasileiros, que deixamos de contar, num episódio decisivo, com a observação aérea e com o reconhecimento dos movimentos inimigos, facultando-lhes maior liberdade de ação. Montese era decisivo, porque o Comando alemão, sentindo a derrota na Itália, resolveu transpor o Rio Pó, de Sul para Norte, penetrar no terreno ainda ocupado por tropas alemãs, incorporar-se às mesmas, buscando reforçá-las para proporcionar a sonhada retirada, que evitaria o cerco.

Podemos afirmar que a não atuação da 1ª ELO em Montese tornou mais mortífero esse combate da FEB, com elevado número de baixas em nossas fileiras, porque, entre outras coisas, faltou a observação aérea para cooperar na localização das posições inimigas e na condução do tiro de Artilharia sobre elas, visando à sua neutralização. Tudo ficou mais difícil! Essa verdade foi reconhecida pelo Comando americano.

Releva dizer que os alemães determinaram a retirada para a margem do Rio Pó, mas não havia nenhuma ponte; todas estavam destruídas e as tropas teriam que passar em barcos. Todavia, passar em barcos pequenos levando a munição, não dava, porque a munição pesa demais e afundaria os barcos ou mesmo os furaria, sobretudo por se tratar de barcos civis inteiramente inadequados.

Por via de conseqüência, o Comando alemão resolveu fazer essa retirada sem conduzir a munição, mas esta não deveria ser deixada na Itália. Aí está outro motivo pelo qual o alemão despejou sobre os brasileiros tudo que havia de munição média e pesada, fato que tomamos conhecimento quando chegamos do outro lado do Rio Pó, tempos depois.

Assim, o inimigo resolveu acabar com toda a sua munição na área de Montese. Então coincidiu a falta de observação aérea com o desencadeamento da operação de destruição de projetis, o que tornou aquele combate extremamente

sangrento, justificando a frase que se tornou famosa: “parecia que o céu desabava sobre as nossas cabeças”.

O clima também impediu, como em Montese, a participação da 1ª ELO no quarto ataque ao Monte Castelo – o ataque de 12 de dezembro – quando o frio era inclemente, o nevoeiro denso, a visibilidade praticamente nula e os aguaceiros diários, empapando o solo e mantendo em terra os aviões de observação.

Já o 21 de fevereiro de 1945, dia do ataque vitorioso ao Monte Castelo, amanheceu radiante.

Todos os preparativos para o golpe final contra o inimigo tinham sido concluídos. A situação psicológica de nossa tropa, amadurecida com as ações de patrulha, durante todo o inverno, era excelente.

O 1º Regimento de Infantaria (1º RI), o glorioso “Sampaio”, encarregado da ação principal, sonhava em desforrar-se. Na noite anterior, a tropa ocupara cuidadosamente a base de partida, encontrando a região muito minada pelo inimigo.

Às 5h30min da manhã, o III Batalhão do 1º RI (III/1º RI) partiu com a missão de atacar frontalmente Monte Castelo; na mesma ocasião, iniciou o avanço o I/1º RI com a missão de investir o objetivo de flanco.

Belvedere e Mazzancana estavam nas mãos da 10ª Divisão de Infantaria de Montanha (10ª DI Mth) norte-americana, o que evitava, desta feita, preocupações com o setor esquerdo. Era do Plano de Operações o ataque simultâneo brasileiro-americano aos montes Castelo e La Torraccia.

Infelizmente, o inimigo estava obstinado na defesa do Morro Della Torraccia, de maneira que, enquanto nossas tropas progrediam, os montanheses da 10ª Divisão continuavam detidos. Em face desse imprevisto, os brasileiros tiveram que prosseguir sem contar com os americanos.

Às 14h30min, o I/1º RI conquistou as cotas 930 e 875 e o III/1º RI a região de Fornello. Nesse momento, foi empregado o II/1º RI, enquanto o II Batalhão do 11º RI se aproximava de Abetaia, em sua brilhante atuação de cobertura.

Às 16h, o Major Uzeda, Comandante do I Batalhão, solicita que a Artilharia bombardeie Monte Castelo e, às 16h20min, inicia o assalto final.

Precisamente às 18h, o Pelotão do Tenente Aquino atinge a crista topográfica do Monte Castelo, seguido dos demais elementos da 1ª Companhia. Ao cair da noite, Monte Castelo já não resistia. No topo, pracinhas brasileiros desfrutavam de uma vitória.

Por volta das 18h30min, houve a confirmação de que Monte Castelo fora conquistado, enquanto a 10ª DI Mth permanecia sem atingir o seu objetivo, que era Morro Della Torraccia.

Prevendo algum contra-ataque, a tropa brasileira tratou de se instalar defensivamente para passar a noite e, no dia seguinte, dia 22, dedicou-se a uma minuciosa vistoria das instalações defensivas dos alemães, de onde, por muito tempo, infernizaram a vida dos nossos combatentes.

A última investida a Monte Castelo nos custou 87 baixas e o inimigo deixou no terreno trinta mortos, além de 27 prisioneiros.

A que atribuir a vitória? Muitos fatores podemos aqui alinhar, mas vamos destacar: o abandono do ataque frontal, pois o baluarte caiu por desbordamento; proteção do flanco esquerdo pela ocupação de Mazzancana pelos americanos; apoio maciço de toda a Artilharia, assim como da Aviação; ação ininterrupta da observação aérea.

Vou agora narrar, como eu vi o ataque. Às seis horas da manhã, levantei vôo e, às 6h30min, já divisava, naquele cenário maravilhoso, o monte fatídico e tão cobiçado.

Do lado alemão, nada que denotasse a presença do inimigo, enquanto, do lado brasileiro, um pandemônio: centenas de viaturas em deslocamento e um formigueiro humano nas estradas.

Levantavam vôo de dois em dois aviões. Quando chegamos a três mil metros de altitude, rumamos para Monte Castelo. Durante este trajeto, eu ouvi um barulho ensurdecedor passar por baixo do meu avião: era uma esquadrilha inglesa de *spitfire* que ia bombardear Monte Castelo e realmente bombardearam aquela região com tanta intensidade que parecia uma panela d'água em ebulição. Mas o alemão não arredou o pé; estava muito bem abrigado.

Meu avião alcançara altura e vigiava o inimigo, pronto a informar seus movimentos ou a "ajustar" sobre ele a nossa sempre precisa Artilharia.

Súbito, passa sob nós, como furiosas vespas, os *Thunderbolts* da Força Aérea Brasileira, que despejaram bombas e gasolina gelatinosa, além de metralharem o inimigo intensamente. Era uma visão impressionante: as múltiplas metralhadoras desenhavam no ar, com seus projetis traçantes, uma imagem semelhante às cordas de um violão.

A Artilharia com seus fogos concentrados e simultâneos transformara Monte Castelo num módulo ebuliente e fumacento. A cada rajada da Artilharia o pequenino avião cabriteava no ar, transmitindo uma sensação de que o fim estava próximo.

Nessa ocasião, recebi uma mensagem do General Cordeiro de Faria nos seguintes termos: "A Infantaria brasileira está sangrando em Monte Castelo, desçam do limite de segurança e procurem assinalar até morteiros". O Cmt da AD ordenava aos observadores aéreos uma maior fiscalização do campo de batalha.

Recebi essa mensagem em linguagem clara pela radiofonia e a transmiti a meu piloto, Tenente Taborda, que imediatamente baixou para dois mil metros.

A essa altura, os detalhes eram melhor observados e pude perceber, em Abetaia, fixando bem o binóculo, rápidos e pequenos clarões, cobertos por montes de feno, que protegiam peças de artilharia ou de morteiro alemãs. Transmiti as coordenadas do objetivo e quando comecei a "ajustar o tiro" me estoura cerca de cinqüenta explosões de Artilharia Antiaérea (AAAe) alemã que, só por milagre, não atingiram o avião, nem a mim, nem ao piloto. Este fez o que a técnica manda, dando uma queda de asa tão violenta, que me senti momentaneamente cego, tal a velocidade que imprimiu na descida brusca.

Felizmente, o susto durou pouco e pude, mais de longe, continuar a conduzir o tiro e levar a bom termo o cumprimento da missão, uma vez que as chamas pequeninas, disfarçadas dentro dos cones de feno, desapareceram.

Às 9 horas, meu avião regressou a Suviana, nosso campo de pouso, onde encontrei o restante da Esquadrilha pronta a recomeçar a missão até que Monte Castelo capitulasse.

Na segunda parte da jornada, voltei a observar o campo de batalha, mas não tive oportunidade de conduzir mais nenhuma missão de tiro, creio que devido à redução da resistência inimiga.

Sabia, por experiência, que, àquela altura do combate, se os alemães estivessem resistindo, o faziam com suas armas portáteis contra as quais somente o infante poderia lutar ou pedir neutralização à Artilharia.

Tive conhecimento, mais tarde, que, por volta das 15 horas, nossa tropa deixara de ser hostilizada, devendo o seu avanço lento às numerosas minas e armadilhas deixadas pelo inimigo e à natural precaução contra surpresas, quando se trata de vidas humanas. E, assim, caiu Monte Castelo. Pela manobra.

Releva dizer o quanto é difícil a gente estar sendo caçado pelo inimigo dentro de um frágil avião de lona, onde qualquer tiro poderia penetrá-lo e acabar conosco. O Tenente Mário Dias, hoje Coronel, meu colega na Esquadrilha e depois recriador da ELO aqui no Brasil, emprestou-me o seu Diário de Campanha, onde, lá pelas tantas, diz ele assim: "Fui atacado pela Artilharia Antiaérea alemã, meu Deus que horror! Mais uma vez, meu Deus que horror!"

Da mesma forma, os P-47 – *Thunderbolts*, do nosso 1º Grupo de Aviação de Caça, conheciam bem o perigo da Artilharia Antiaérea alemã; que apavorava todo mundo sem exceção, porque era muito eficiente e tirou a vida de muitos pilotos que atuaram no Teatro de Operações do Mediterrâneo.

Dos oito pilotos brasileiros mortos em ação, naquele Teatro, quatro o foram pela ação da AAAe, que realizava verdadeiros paredões ou cortinas de fogo, tornando extremamente difícil a passagem, em determinadas áreas, de qualquer avião sem ser atingido.

A Esquadrilha de Ligação e Observação para atuar com mais segurança não podia estar a menos de três mil metros. Todavia, por vezes, a missão imposta, como nesse ataque de 21 de fevereiro ao Monte Castelo, obrigou-nos a baixar aos dois mil metros, onde o perigo era enorme, embora facilitasse bastante a observação dos detalhes e, em conseqüência, o levantamento dos alvos a serem batidos, na busca de melhor apoiar a nossa Infantaria.

Após a operação montada sobre Zocca, que acabou, no dia 21 de abril, caindo praticamente sem resistência, nós entramos naquele Aproveitamento do Êxito, que se transformou em Perseguição, fase em que os pilotos e principalmente os observadores aéreos tinham certa dificuldade em identificar o que era tropa aliada e o que era tropa inimiga, pelo avanço rápido dos aliados, embora os alemães, após passarem, com segurança, pelas pontes, as destruíssem, obrigando a Engenharia a trabalhar incansavelmente para construir algumas passagens.

O inimigo, em derrocada, fugia rapidamente para o Norte, tentando aumentar a distância que o separava de nós, pelo semeamento indiscriminado de minas e por abundantes destruições.

Era um espetáculo impressionante observar-se do avião a demolição de pontes, aterros, trechos de estradas à beira de despenhadeiros etc. Parecia que a Itália se transformara num vulcão.

Enquanto isso, a mola aliada, que se comprimira nos Apeninos, agora se distendia vertiginosamente naquelas maravilhosas planuras do Vale do Pó.

Meu piloto, entusiasmado, baixava temerariamente o avião e podíamos observar a profundidade das organizações defensivas alemãs, a alegria da população italiana e as singularidades do terreno agora libertado.

Pudemos divisar os carros mecanizados do Capitão Pitaluga que buscavam progredir e se viam obrigados a desviar, em certos pontos, porque não havia mais pontes. A procura de eixos secundários era uma alternativa, enquanto a Engenharia brasileira se empenhava intensamente para apoiar o movimento na busca do contato com alemão que se retirava rapidamente.

Para que pudéssemos acompanhar o deslocamento de nossas tropas, os campos de pouso, também mudavam. Começamos em Pistóia, onde passamos a operar em 13 de novembro de 1944. Depois, nós nos transportamos mais para perto da linha de frente e acampamos em Suviana, já na contra-encosta dos Apeninos. Este campo de pouso foi, por nós, construído usando placas metálicas engrenadas, pois o terreno era impróprio e toda vez que um avião, por qualquer motivo, principalmente por excesso de velocidade, vinha a deslizar, pousando na terra, quebrava o eixo das rodas. Isso ocorria com certa freqüência.

O problema maior na verdade não estava no campo de pouso e sim no próprio motor do avião, quando submetido a baixas temperaturas, situação com a qual tive o desprazer de conviver, quando voava com um piloto de origem civil, natural de São Paulo, muito rico, de nome Darci – 2º Ten. Av Darci Pinto da Rocha Campos. O nosso avião, a três mil metros, com a temperatura de 23 graus abaixo de zero – aquela em que a gente pegava um copo de água jogava num prato, daí a cinco minutos pegava um gelo – a essa temperatura, a hélice do motor parou de girar. A essa altura, o piloto olhou para trás e disse: "Olha, Elber, estamos sem motor, somos obrigados a saltar de pára-quedas. De modo que você abra a porta do seu pára-quedas, aí do seu lado, ponha a mão na alça do pára-quedas e na hora em que eu lhe fizer o sinal você se joga, mas olhe, se jogue mesmo, porque se você não se jogar me jogo eu e você ficará sozinho no avião, você morre sozinho".

Aí, foi que eu tive um grande ensinamento na minha vida, o medo pressentido é horroroso, o medo inopinado não causa medo algum. Eu tinha que agir em segundos, portanto não podia ter medo, não tinha tempo para ter medo. Mas, subitamente, eu vi que o avião pegou novamente, a hélice voltou a girar... Que alívio! Um parêntese, na Marinha brasileira e portuguesa, diriam o hélice, mudando para o gênero masculino.

O congelamento da gasolina do difusor do carburador, que o Brigadeiro Moreira Lima aborda, com detalhes, em seu livro *Senta a Pua*, foi, realmente, um dos grandes problemas dos pilotos e dos observadores aéreos de Artilharia. A única maneira de procurar solucionar aquela aflitiva situação era descer, na esperança de que, aumentando a temperatura, o motor voltasse a funcionar. Uma precaução importante era não deixar a velocidade chegar a um ponto que faltasse sustentação, o que levaria o avião a entrar em parafuso, significando o fim para seus ocupantes, sobretudo, naquele tipo de avião totalmente inadequado para qualquer forma de manobra.

A respeito desse problema de parada de motor, gostaria de fazer referência ao Capitão Gutierrez, que pertencia à Artilharia Divisionária e exercia a função de Subcomandante da ELO. Era o Oficial do Exército mais antigo da Esquadrilha, depois vinha eu e em seguida o Adalberto. Ele viveu o mesmo problema e o piloto procurou atingir o campo de pouso, a melhor solução sem dúvida, quando isso era possível. No entanto, ele não conseguiu chegar ao campo e jogou o avião em cima de um pinheiral; o avião parou e lá ficou grudado. O difícil foi descer do avião.

Falando em clima adverso, como aquele inverno rigoroso que tivemos de suportar na Itália, é importante lembrar que não nos preparamos para o mesmo, viajando com os uniformes adequados a um país onde praticamente não conhecíamos o frio, a não ser alguns poucos companheiros oriundos da Região Sul. O problema foi

resolvido imediatamente pelos americanos que nos cederam casacões, gorros de lã para usar por baixo do capacete, galochas forradas de veludo, o que, após a guerra, o País indenizou, assim como tudo mais que precisou utilizar, tudo sem exceção.

O horário de acordar dependia muito da situação. No inverno, quando não havia possibilidade de levantar vôo, dormíamos até a hora que o corpo pedisse, mas em dias de atividade, nós passávamos toda a véspera estudando a situação, procurando saber tudo sobre a missão, bem como a melhor maneira da cumpri-la, e, quando chegava a madrugada, já estávamos prontos, alimentados e em condições de embarcar. Essa rotina foi seguida à risca durante toda a guerra, sem nenhum problema a registrar.

Para mostrar o valor pessoal da ELO, surgiu a idéia de realizarmos missões noturnas quando se fizessem necessárias. Essa idéia, que não sei de quem veio, pois isso nunca se cogitara na Esquadrilha, não havendo também nada escrito sobre essa possibilidade, mostra claramente a iniciativa dos nossos oficiais, demonstrando desprendimento diante da possibilidade da morte pelo ideal de bem servir.

Buscando viabilizar a idéia, resolvemos balizar a pista, lateralmente, com *scatolletas* – latas contendo alimentos que recebíamos como parte da ração – enchê-las de gasolina e muni-las de pavio para iluminar a pista, permitindo a decolagem e o futuro pouso; as *scatolletas* acesas serviam também de referência ao observador, que, olhando para trás, mantinha a direção certa.

Mas a volta foi muito difícil, na opinião dos que voavam, pois não conseguiam identificar, com precisão, aonde estavam.

Essa missão foi inspirada na vontade de destruir um canhão alemão que permanecia escondido durante o dia, dentro de um túnel na montanha, e, ao escurecer, saía e atirava nas tropas brasileiras. Então, para neutralizá-lo ou destruí-lo é que partimos para a observação aérea noturna, mas não tivemos êxito, porque nos esquecemos que a guarnição do canhão, ao ouvir o ruído do motor do avião, manteria o canhão escondido, como aconteceu naquela noite.

Conquanto tivéssemos elementos para numerosos alvos, obtidos, previamente, durante muitos dias de trabalho, a escuridão total impedia a sua identificação e, por conseguinte, o transporte e a ajustagem do tiro ou mesmo a entrada, de pronto, na eficácia, caso a posição do canhão permitisse esse procedimento pela sua localização, em relação a algum alvo constante do Plano de Fogos ou do Repertório de Tiros Previstos de qualquer Grupo. Esta impossibilidade de identificar os alvos foi outro óbice inerente à área de operações.

A única compensação obtida com todo aquele trabalho residiu no fato de que, naquela noite, o canhão não nos incomodou.

Nunca lemos ou ouvimos falar que operação semelhante tenha sido realizada por americanos ou ingleses durante toda a Segunda Guerra Mundial.

A respeito dos nossos oficiais e graduados, assim como de nossos pracinhas, essa gente criativa, destemida e otimista, gostaria de falar um pouco mais.

Certa vez, ali na Cinelândia, encontrei-me com um colega que me disse ter vontade de sair da Força Expedicionária Brasileira porque o nosso soldado mostrava-se muito indisciplinado. Não quero citar o seu nome, porque o julgo um chefe exemplar, mas ele estava querendo mais do que podia e, então, desesperou-se. Ele queria que fôssemos, já de início, melhor do que os alemães e, naquele momento, não podia ser. Por que não podia ser? Porque a FEB acabava de ser recrutada entre a juventude pobre do Brasil. E a pobreza traz o atraso, o atraso traz uma série de inconvenientes quando a gente tem como exemplo os mais profissionais Exércitos do mundo, como o alemão, o inglês e o americano – este o mais bem aparelhado de todo o planeta e cujo povo odiava o inimigo por causa de Pearl Harbor e pelos numerosos bombardeios posteriores que seus navios sofreram em diversos oceanos, sobretudo no Atlântico Norte, resultando dezenas de afundamentos, com reflexos de toda ordem na vida do país.

Mesmo assim, os pracinhas chegaram ao Teatro de Operações da Itália e, em pouco tempo, agigantaram-se, enfrentando, com coragem e desprendimento, todos os óbices que se lhes apresentaram, inclusive, como vimos, o de um clima hostil, num inverno atípico que assolou toda a região, do início de dezembro ao final de fevereiro.

Não foram poucos os que sofreram no próprio corpo as conseqüências de buscar, com responsabilidade e obstinação, levar a bom termo o cumprimento da missão. E aí me vem uma recordação triste, que nunca consegui olvidar. Fiz amizade, durante o transporte para o Teatro de Operações (TO) com um soldado nortista, cuja Unidade não era a minha, motivo pelo qual perdi o contato com ele. Numa de minhas visitas a um hospital, o que eu e muitos colegas fazíamos sempre que era possível, encontrei aquele mesmo rapaz, deitado numa maca, e brinquei com ele: "Que isso, fugindo da guerra?" Foi quando ele levantou a ponta do lençol e pude ver que estava sem as pernas. Para mim foi um choque tremendo, que me leva, até hoje, à emoção, às lágrimas, pelas quais me desculpo. Mas é um brasileiro, um amigo que lutou, ficando muito difícil conter o abalo natural que me traz esse fato inesquecível, por mim vivido ao rever aquele jovem, que se transformou num verdadeiro herói anônimo.

Assim, há aspectos que definem bem o brasileiro, como o que verificamos ao descer do navio *General Mann* em Nápoles, quando na minha frente vinha um pracinha que portava um violão. Aí diz um repórter, um representante de um jornal brasileiro: "Para que esse violão?" Responde o soldado: "Quero tocar um samba em

Berlim"; caracterizando aquele otimismo da nossa gente mesmo diante da adversidade, que começara nos treinamentos preparatórios no Brasil e prosseguira com as dificuldades normais dos 14 dias em alto-mar, num navio que transportava 5.500 soldados, afrontando os perigos inerentes a uma guerra mundial.

Felizmente, a quantidade de feridos e estropiados e de pessoas que perderam mesmo o senso foi muito pequena, considerando que o efetivo militar brasileiro na Itália era superior a 25 mil homens, o que demonstra cabalmente o valor do nosso soldado ao enfrentar os combates que se sucediam. Quando o Tenente dizia vamos avançar, o pracinha saía atrás e cumpria a missão. Assim, nenhum deles demonstrava sinais de covardia.

Um outro fato gostaria também de mencionar para que, no futuro, saibam como foi a FEB no que tange à preparação da Artilharia, que é uma Arma fundamentalmente técnica. O trabalho foi tão grande, tão proveitoso e eficiente, como, por exemplo, no exercício preparatório que realizamos diante do Presidente da República em Gericinó, trazendo tão boa impressão aos olheiros americanos, aos observadores do Exército americano, que, quando chegamos à Itália, a Infantaria e a Engenharia foram fazer um estágio de aperfeiçoamento e a Artilharia foi dele dispensada. A razão está no fato de a Artilharia ser, como dissemos, uma Arma técnica, que estava dominando aqueles conhecimentos; não estou, portanto, diminuindo a Infantaria, nem a Engenharia, o que, aliás, não teria cabimento.

Esse domínio da técnica vinha de longe, até mesmo dos campos artificiais, dos terrenos reduzidos, utilizados em sala de aula. Neles, poupando munição real, também, realizávamos o que era preciso; quero ressaltar bem isso, que advém da boa formação da Arma no Brasil, desde a Escola Militar, que privilegia a técnica.

O soldado artilheiro, em todos os níveis, surpreendeu, cumprindo exemplarmente o seu dever.

Eles foram bem-preparados, apesar de muitos não terem todos os conhecimentos exigidos, nem a cultura geral que influi, até mesmo, nas convicções. Mas o homem se prepara. Certa vez, chamei um soldado meu: "Ventino, vem cá, você vai para a guerra, não vai?" "Vou, sim Senhor." "Vai fazer o quê na guerra?" "Vou matar alemão." Foi a resposta dele. Não falou em liberdade, não falou em democracia, não falou em Pátria, não falou em Bandeira, vou matar alemão foi o que ele disse. A missão era essa, direta, nua e crua.

Ventino fica para a história. Fica pela sua convicção, "vou matar alemão".

E o Ventino, como a grande maioria, foi e voltou. Mas ao chegar, no dia seguinte, dissolveram a FEB por motivos políticos, o que trouxe uma mágoa generalizada. Muitos queriam conhecer o Rio de Janeiro. Vinham trazendo algum dinheiro

para o nível deles e não puderam realizar o seu sonho. A dedicação e o empenho total daqueles homens, enfrentando perigos, como o das terríveis minas que matavam ou aleijavam os combatentes, foram pagos com o esquecimento e a ingratidão.

Estes soldados arriscaram diuturnamente as suas vidas, diante de um inimigo que pode ser considerado o melhor soldado daquela época e provavelmente de todos os tempos.

Eu fui sempre um homem dedicado à história, e lendo o livro *De Belo Gálico*, o seu autor Julio César, o imperador romano que fez a campanha das Gálias, diz que, certo dia, transpôs o Rio Reno e encontrou do outro lado homens altos, louros e muito inteligentes. César, cioso do medo que Roma impunha ao mundo, perguntou ao chefe alemão: “Vocês não têm medo das minhas tropas?” Ao que respondeu o alemão: “Eu só tenho medo que o céu desabe na minha cabeça”.

Uma outra referência histórica, esta ligada a Vasco da Gama quando fez o périplo da África, chegando até a Cidade de Melinde, a leste daquele continente. Lá o chefe militar negro fez uma recepção a ele e durante a mesma pediu-lhe que descrevesse os povos da Europa. Vasco foi descrevendo, descrevendo e quando chegou na Alemanha – isso está escrito nos versos de Camões, em *Os Lusíadas*: “Vede’los alemães, soberbo gado” e, mais adiante: “em feas guerras ocupado”.

Além disso, tive em minha vida alguns amigos de origem alemã, como os Geisel, homens que possuíam fama porque, na verdade, eram grandes soldados, como todos os alemães, que desfrutavam do conceito de serem os melhores combatentes do mundo nos tempos modernos. É fato, também, que eles se prepararam muito, pois tinham um governo empenhado em fazer uma guerra com o grande objetivo, sempre presente na megalomania de Hitler, de dominar o mundo.

Para tanto, tinha a melhor indústria bélica do mundo, bastando lembrar o General Guderian, artilheiro comandante das Forças Blindadas alemãs, ou seja, das Divisões Panzer, que, em discurso, numa reunião de operários alemães de uma empresa fabricante de tanques assim se expressou: “Encontro-me diante dos melhores operários do mundo, que fabricam as melhores armas do mundo; para os melhores soldados do mundo”.

Desta forma, o General Guderian caracterizou bem o ponto-de-vista do militar alemão. Possuíam os melhores soldados do mundo com as melhores armas do mundo. O próprio alemão sempre teve esperança de que viriam ainda, armas mais potentes, como a bomba atômica e com esta iriam decidir a contenda a seu favor.

Certa vez, perguntei a uma senhora italiana, que estava vivendo a guerra em sua pátria há mais de quatro anos, o que ela achava das tropas americanas e alemãs. Ela me disse, mostrando estar familiarizada com os escalões militares, que, para

segurar um batalhão americano, bastava um pelotão alemão. Evidentemente "de garganta", mas mostrava o conceito que ela considerava verdadeiro.

Fica, desta forma, sobejamente comprovado que o soldado brasileiro, nas campanhas que atuou – Vale do Sercchio, Vale do Reno e Vale do Pó – enfrentou o melhor soldado do mundo e saiu-se vitorioso. Isso é tudo.

Vamos abordar mais alguns aspectos interessantes começando pelo Vale do Sercchio, pouco ao norte de Roma. Foi uma campanha fulminante, em que os Generais Mark Clark, Comandante do V Exército americano, e Crittenberger, Comandante do IV Corpo de Exército, ao qual estávamos diretamente subordinados, ficaram profundamente impressionados. Em pouco tempo, conquistamos várias cidades, empurrando os alemães para o Norte, chegando até Barga, próximos a Castelnuovo di Garfagnana, importante nó rodoviário que o inimigo conseguiu manter.

Do Vale do Sercchio, fomos para os Apeninos, no Vale do Reno, onde os alemães precisavam assegurar, a qualquer custo, as suas privilegiadas posições que dominavam completamente, pela vista e pelos fogos, as áreas onde se encontravam brasileiros e americanos. Daí, a luta renhida que estava reservada às tropas aliadas para conseguirem os seus intentos.

Embora no outono, a temperatura baixíssima coincidia com o inverno. Dormíamos no chão dentro de sacos de lona, tomando muito cuidado para o soldado não morrer asfixiado, porque o frio era tanto que ele puxava o zip totalmente. Então, havia as rondas percorrendo todos os locais onde dormiam, instruindo o combatente para abrir o saco de dormir, deixando, pelo menos, o nariz de fora, para evitar que morressem.

Ocupamos nossas posições já com 12 graus abaixo de zero, com as laterais das rodovias ocupadas por contínuos montes de neve pela ação dos tratores que a empurravam, durante a noite, para fora do leito das estradas. Quando havia uma nevasca a gente, no dia seguinte, rapidamente, anotava as estradas usadas pelos alemães, que avançavam após escurecer, com os seus carros e deixavam marcas e rastros bem visíveis. Eram novos caminhos denunciados na neve recente que nos permitiam descobrir por onde o alemão havia se deslocado e qual o seu destino.

Vitoriosos nos Apeninos, passamos a viver o Aproveitamento do Êxito, etapa em que devemos destacar o enorme trabalho de nossa Engenharia. Durante meses, lutou-se para conquistar metros e, agora, com a campanha do Vale do Pó, o prosseguimento passou a ser medido em dias – quilômetros. Aí, os Engenheiros mostraram cabalmente a sua importância. Eram eles que construíam as pontes; eram eles que mantinham o tráfego nas estradas completamente esburacadas, impedindo a progressão até de tanques que entravam em verdadeiras crateras e não conseguiam sair

a não ser com o trabalho da Engenharia. Isso, realmente me impressionou porque, do avião onde eu estava, o horizonte era só explosões e mais explosões e a fumaça conseqüente. Desse quadro, faziam parte os tiros dos alemães que se retiravam, tiros que vinham principalmente da tropa da retaguarda, que oferecia resistência, para permitir o retraimento do grosso.

Por pertencer à Esquadrilha de Ligação e Observação, não tive contato pessoal nem com a tropa brasileira, nem com a aliada. O meu contato era com aviadores, sobretudo americanos, que iam à nossa base para tratar de missões de vôo, havendo, também, convívio quase diário com elementos ingleses que nos deixavam uma boa impressão.

Mantivemos, ainda, algum contato com os *partigianis*, que eram italianos guerrilheiros. Eles se mostravam arrogantes e matavam friamente o inimigo. Esse comportamento criminoso derivava do ódio mortal que guardavam dos alemães, responsáveis, pela perda de seus pais, de esposas, de irmãos, de parentes queridos. Atuavam sempre com espírito de vingança contra aqueles que destruíram a paz de seus lares. É o que deixavam transparecer claramente.

Os *partigianis* queriam pegar o alemão e eliminá-lo. Sabendo disso, os alemães, quando eram aprisionados e viam, por perto, uma tropa de *partigianis*, corriam desesperadamente para se entregar aos brasileiros, com a certeza de que seriam bem tratados.

Com imensa satisfação, lembro aqui, também, que o tratamento dado pelos brasileiros aos italianos em geral, que sofriam aquela guerra dentro de sua terra, que conviviam com o conflito no interior de suas casas, foi sempre o melhor possível. Eu mesmo nunca saí de uma casa italiana que não tivesse choro, nunca, porque, em troca da hospedagem, eu procurava ajudá-los, por não ser difícil observar que passavam muita fome. Então, eu pegava o meu almoço, enchendo a marmita ao máximo, e comíamos juntos, completando com arroz e o macarrão que possuíam. Eles se mostravam extremamente gratos, porque passavam fome há três anos, o que não é brincadeira.

Ficaram, sem dúvida, reconhecidos e, hoje, quando vamos lá, eles fazem festa.

Há poucos dias foi um amigo nosso à Itália de férias, parece que foi em Montese, tendo sido recebido com muito carinho e alegria, isso cinqüenta e seis anos depois, mas eles não esqueceram. Contavam, com satisfação, as benemerências que os brasileiros faziam. Destacavam o fato de que o nosso pessoal tinha cuidado com eles e nunca os tirava de suas casas, como faziam a maioria dos aliados, que possuíam o ódio que nós tínhamos, e chegavam dizendo: "vocês têm duas horas para deixar essa casa, que nós vamos ocupar". Evidentemente não eram todos, mas nenhum brasileiro agiu dessa forma.

Eu, por exemplo, chegava e perguntava: “Por favor, vocês têm um quartinho para eu passar o fim-de-semana ou os meus dias de dispensa?” Na guerra, tínhamos dispensas que visavam a aliviar a tensão. Então, a gente ia a Roma, a Florença, a Pisa e ia também atrás de saia.

O capítulo disciplina, na Itália, deve inflar de orgulho o povo brasileiro, porque a FEB foi praticamente impecável na sua compostura, contrastando com a fase inicial do recrutamento no Brasil. Os problemas disciplinares, que vinha diminuindo dia-a-dia, deixaram de existir praticamente, a partir do embarque da FEB. Até hoje nos chegam referências da brandura do tratamento por nós dispensado às populações italianas que se colocaram sob a proteção brasileira. Houve uma perfeita confraternização.

O apoio logístico em toda a campanha ficou a cargo do americano. Podemos dizer que a tropa foi armada, fardada, transportada, alimentada e curada pelos americanos.

Todavia, no meu modo de entender, o Brasil poderia, com esforço certamente, ter transportado e fardado a sua tropa, prevendo o inverno europeu, assim como poderia manter, creio eu, uma cadeia de abastecimento próprio. Afinal, nós tínhamos a nossa Esquadra aqui atuando, realizando comboios. Por que não fazer, como na volta, em que o navio *Pedro II* trouxe um escalão inteiro da FEB? Penso que tínhamos meios e armas para isso.

Cabe destacar nessa oportunidade, para fazer justiça, que o General Mascarenhas acompanhava tudo de perto, procurando, inclusive, sondar os soldados a respeito da alimentação, como vimos. Conseguiu que mandassem para os nossos combatentes feijão e arroz em espécie, para serem confeccionados e servidos na hora. Mandou, ainda, os nossos cozinheiros estudarem a comida americana, para que pudessem variar o cardápio, uma vez que os pratos brasileiros, que a turma tanto gostava, eles já sabiam e muito bem.

Voltando a nossa ELO, gostaria de dizer que esta foi constituída por dez observadores aéreos do Exército, sendo dois pertencentes à Artilharia Divisionária, e os oito restantes integravam os nossos Grupos de Obuses, dois em cada um deles. Da FAB, eram todos os seus demais componentes, dentre os quais 14 oficiais que eram os pilotos.

Dentro da ELO, desejo destacar primeiro a figura do Major Belloc, profissional de extrema competência, muito educado e afável no trato, nunca levantou a voz para dar um grito, nunca em nenhum momento. Fechava os olhos para pequeninas faltas e, como não houve nenhuma transgressão mais séria, não precisou prender ninguém durante todo o seu comando.

O segundo da Esquadrilha, o Capitão de Artilharia Gutierrez, muito amigo de todos, formou com o Major Belloc uma dupla exemplar... Ambos possuíam a mesma

característica: faziam questão de voar nos dias mais perigosos, o que, em última análise, visava a poupar pilotos e observadores aéreos em situações difíceis, tomando para eles a missão, sempre cumprida com muita competência.

Lembro-me de que, certa vez, eu disse ao Gutierrez: “Você está cansado, não vá!” Ele me respondeu: “Não se preocupe, eu quero ir”. O exemplo que nos passaram – o Belloc, como comandante e piloto, e o Gutierrez, como subcomandante e observador aéreo, não podia ter sido melhor. Tanto um como outro foram extremamente importantes na tarefa de criar e manter o elevado espírito de integração que sempre reinou em nossa Esquadrilha.

Para concluir essas nossas considerações sobre o pessoal da ELO, vale dizer que grande parte de oficiais e sargentos da FAB eram da Reserva. Os oficiais, que conheci bem, eram eficientes e zelosos no cumprimento de seus encargos, como os da ativa, exceto um, que, embora bravo e competente, nunca deixou de ser um tanto desleixado.

Um destaque especial desejo registrar ao Tenente Darci, jovem oficial da reserva, milionário e, portanto, foi à guerra porque quis ir, considerando que os ricaços conseguiam isenção do serviço militar por suas ligações nas altas esferas políticas. Iam, sim, os pobres e os que não queriam se valer de amigos poderosos. Eu mesmo tive um sargento que indicado para a FEB, dois meses depois foi retirado, porque possuía conhecidos influentes.

Uma palavra importante sobre a Observação Aérea pode ser aqui trazida lembrando o Gen Mark Clark, que, assim, enumerou as missões cumpridas pelas Esquadrilhas de Ligação e Observação de suas Divisões, ao elogiá-las:

– Reconhecimento e localização de objetivos.
– Regulações e Concentrações prontas e eficazes da Artilharia.
– Identificação de posições, Zona de Reunião e bases de partida.
– Reconhecimento de vias de acessos e de itinerários.
– Orientação dos blindados através do campo.
– Localização de demolições.
– Acompanhamento do inimigo em retirada.
– Ligações de Emergência.

Apesar de haver previsão do emprego isolado dos aviões com seus Grupos, a FEB e todo o V Exército adotaram a centralização de sua observação aérea, visando a reduzir a um o número de campos de pouso por Divisão, a tornar mais fácil a troca de informes, a manter contínuo o patrulhamento e a permitir o emprego dos observadores para qualquer Grupo de Obuses.

Nossos aviões serviram ainda para que altas patentes estudassem o campo de batalha, como o fez o General Cordeiro de Faria.

Convém assinalar também as extraordinárias precauções tomadas quando nossa Artilharia usava projetis com espoleta eletrônica (VT), que explodia à aproximação de uma massa sólida qualquer.

Finalmente, gostaríamos de citar as regiões ocupadas pela ELO, que mostram claramente a evolução da situação: começamos por Pistóia, em 13 de novembro de 1944; depois Suviana, em 7 de dezembro; Porreta, em 19 de março de 1945; Montecchio; no final da guerra, ou seja, em 27 de abril; Piacenza e Portalbera, após o encerramento das hostilidades na Itália, respectivamente em 4 e 8 de maio, para acompanhar as tropas que chegaram a Piacenza e prosseguiram para Alessandria, Turim e Susa, onde se deu a junção com as tropas francesas.

Nesse ponto de meu depoimento, gostaria de registrar os fatos mais relevantes, do meu Grupo, no Vale do Sercchio, o II do 1º Regimento de Obuses Auto-Rebocado (II/1º RO AuR), que se deslocou com o primeiro escalão da FEB, saindo do Porto do Rio de Janeiro para Nápoles, vindo a acampar em Bagnoli. Seguiu, pouco depois, parte por rodovia e parte por ferrovia, para a milenar Cidade de Tarquinia, onde recebeu seu material e armamento.

De Tarquinia deslocou-se, em caminhões, para Vada, em marcha noturna. Nesse novo acampamento, iniciou intensos preparativos para estar em condições de apoiar o 6º Regimento de Infantaria, que, em breve, entraria em combate. Nessa oportunidade, contava com toda a sua dotação orgânica, exceto os seus aviões de ligação e observação (L-4).

No dia 13 de setembro de 1944 novamente se deslocou, agora para Ospedaleto, onde estava próximo de seu batismo de fogo.

Dois dias depois, entrou em posição na região de Monte Bastione, em apoio ao 6º RI e às 14h22min do dia 16 lançou a primeira granada contra o inimigo. O momento desse primeiro tiro de nossa Artilharia na Campanha da FEB foi cercado de grande emoção para todos nós, quando o toar do canhão assinalou a abertura das hostilidades.

Dado o fato das operações iniciais da FEB terem se caracterizado como uma autêntica marcha para o combate, a 1ª Bateria realizou um lance no dia 17, a fim de assegurar a continuidade do apoio, ocupando posição na região de Lecorti. Logo após, o Grupo, que passou a ser o II Grupo de Obuses 105mm da FEB, deslocou-se, por três vezes, chegando a Torcigliano.

Somente no mês de setembro, período de 16 a 30, foram consumidas 3.182 granadas.

Nos primeiros dias de outubro, enquanto a 2ª Bateria permaneceu apoiando as ações do 6º RI, o grosso do Grupo se destacou para a região de Pietrassanta para

reforçar a Artilharia que apoiava a Divisão de negros americanos que, em vão, tentava progredir no setor costeiro.

De Pietrassanta, o Grupo voltou a apoiar a tropa brasileira, ocupando posição na região de Cardozo. Foi nesse deslocamento, através de uma picada desaconselhada pelos oficiais que a reconheceram, que o material ficou dois dias retido na lama.

O mês chuvoso de outubro terminou com o Grupo em Fornaci di Barga, apoiando a Infantaria brasileira, na conquista de Lama Di Sotto. Nesse mês, o Grupo disparou 6.630 tiros.

O contra-ataque alemão, visando a proteger a posição-chave de Castelnuovo di Garfagnana, encerrou o ciclo operacional do Destacamento brasileiro no Vale do Sercchio.

No dia 5 de novembro, o Grupo já se encontrava no setor do Reno ocupando seu Posto de Comando (PC) um sobrado nas proximidades da Ponte de Silla, impiedosamente martelada pela Artilharia inimiga. A partir de 15 de novembro o Grupo foi incorporado à Artilharia Divisionária da 1ª Divisão Expedicionária.

Os outros três Grupos de Artilharia, chegados com os 2º e 3º escalões da FEB, entraram também em ação – os I e II Grupos de Obuses 105mm e IV Grupo de Obuses 155mm, passando a nossa AD a operar com os quatro Grupos orgânicos.

Do Relatório do nosso Grupo, mandado confeccionar pelo S3, Maj Ramiro Gorreta Junior, extraio os seguintes dados:

"O II/1º RO AuR cumpriu, de 11 de setembro a 31 de dezembro de 1944, cerca de 1.500 missões de tiro, sendo 847 delas com observação terrestre, 21 com observação aérea e 683 não observadas".

A Artilharia da FEB, sob o comando esclarecido do Gen Oswaldo Cordeiro de Faria, somente começou a atuar como AD nas ações do Vale do Reno e na Ofensiva da Primavera, apoiando o bravo infante na defensiva gelada, na demolição das linhas inimigas e na fulminante perseguição ao sul do Rio Pó.

Claro que os riscos corridos pelos artilheiros foram bem menores que os do seu irmão infante das Companhias de Fuzileiros. Mas a sua missão foi dura e trabalhosa. É a noite em que se remunicia, que se desloca, que prepara as posições e que estende seu manto protetor sobre a Rainha das Armas.

O que mais me impressionou em toda a campanha foi o pracinha brasileiro, desde o desembarque em Nápoles até as ações em Collecchio e Fornovo, quando se deu a rendição da 148ª Divisão de Infantaria alemã, da Divisão Bersaglieri e de elementos da 90ª Divisão Panzer às nossas tropas.

Foram buscar o povo pobre, o povo que não sabia nem o que era uma guerra e esses homens foram lutar sem ódio e se agigantaram, cumprindo tão bem a missão que lhes foi confiada.

Com eles, eu fui para a guerra, levando uma forte recordação do meu avô, ele que fora ferido na batalha de Tuiuti, na Guerra do Paraguai. Eu, que o conheci menino, levei para a Itália a sua imagem sagrada. Queria ter o valor dele, que voltou inválido da guerra. Em parte, tenho a impressão de que consegui me aproximar dele, embora eu não tenha ficado inválido, o que, no entanto, poderia ter acontecido.

Com a consciência tranqüila de ter cumprido o meu dever, participei da alegria geral ao término daquela luta desumana, imposta ao mundo pelo nazi-fascismo. Novamente repito que os heróis da façanha da FEB foram os nossos pracinhas, usando um armamento que nunca tinham visto – metralhadoras, morteiros e obuses de último tipo – e convivendo com uma alimentação diferente... Sonhavam com aquele prato de feijão e arroz, feito na hora, com o qual se habituaram. Na barraca que aparecia feijão, corriam todos e enchiam o prato.

Aqueles homens simples, que voltaram de navio, juntamente comigo, à Pátria querida, tiveram uma primeira surpresa em alto-mar, ao serem recebidos pela escolta da Marinha. Foi um despertar maravilhoso em que, com ruidosa manifestação de alegria, saudamos o garboso barco brasileiro que nos vinha antecipar a calorosa acolhida que o nosso povo iria nos tributar.

Não posso deixar de assinalar, para não esquecer um fato importante, a escolta da qual a nossa Marinha de Guerra participou quando do transporte da FEB até Gibraltar. Noite e dia nos deu segurança, contribuindo para que chegássemos incólumes, apesar da ameaça de submarinos, neutralizada por navios brasileiros e americanos. Em Gibraltar, a defesa da FEB passou à Marinha inglesa, com ritual muito bonito, com movimentos dos navios, a continência e o hurra, que ficaram para sempre em nossos corações.

Voltamos em vários escalões, alguns escalões em navios americanos e dois ou três, se não me falha a memória, em navios da Marinha Mercante brasileira.

O Rio de Janeiro estava em festa. Ao longe já se percebiam numerosas embarcações engalanadas. Quando o nosso navio passava entre as mesmas, vivas e aclamações nos acolhiam. As fortalezas nos saudavam com o estrondo dos canhões. "Sejam bem-vindos, irmãos queridos e gloriosos". Um nó na garganta e os olhos umedecidos eram nossa resposta ao chegarmos ao nosso amado Brasil.

A FEB foi recebida de uma maneira fantástica e comovente. Quando cheguei à Avenida Rio Branco e vi aquela multidão fui tomado de indescritível emoção durante aquele desfile inesquecível, que se transformou em congraçamento. Esses foram os pontos altos que me alegro em recordar.

Quanto à recepção dentro do Exército, eu tenho restrições, mas não quero falar mal do meu Exército. Todavia, é importante mostrar erros, para evitar a sua repetição

no futuro. O primeiro deles foi não convocar toda a mocidade, ricos e pobres, além de levar tantos analfabetos, muitos que nunca ouviram falar de Hitler, e, muito menos, entendiam por que o nazismo era uma ameaça à liberdade do Brasil, à vida do nosso País, que já possuía colônia alemã pronta, no Sul, para assumir o governo.

O outro erro imperdoável, que tanto me chamou a atenção na época, foi a dissolvição da FEB no primeiro dia em que chegou, porque o governo tinha medo que a FEB viesse a derrubá-lo. Já, no navio, fomos desarmados, desembarcamos desarmados, quer dizer com armas, mas sem munição. Isso significa uma desconfiança descabida nos que voltaram cheios de glórias e não podiam ser recebidos com restrições.

O terceiro ato, que exemplifica bem, refere-se ao meu caso particular e de outros companheiros que comigo foram à guerra. Dos trinta e três oficiais de minha turma de Artilharia, sete foram à guerra e todos voltaram. Quando das promoções ao generalato, saíram seis oficiais de minha turma, nenhum da FEB, e eu, inclusive, que fui do 1º Escalão, o único da turma que ficou na Itália do primeiro ao último dia. Por questões políticas, o curriculum vitae, com ida à guerra, teve pouco peso na promoção a general, onde até aquela época havia receio do espírito da FEB. Isso tudo marcou e magoou.

No entanto, conforta-nos a importância para o Exército e para o Brasil que adveio de nossa participação na Segunda Guerra Mundial. Nossa Divisão – que em termos de resultados, foi das mais brilhantes entre todas as Divisões que combateram nos diversos Teatros de Operações da Europa – trouxe prestígio internacional ao nosso País. Ganhamos em tudo, ganhamos em aperfeiçoamento do armamento, ganhamos pela doutrina que os instrutores que estiveram no Teatro da Guerra trouxeram para o ensino de nossas Escolas, ganhamos pelo salto em qualidade que demos com a participação e os conhecimentos obtidos nas diversas campanhas, desde o Vale do Serchio até o Vale do Pó.

Enriquecemos a História Militar Pátria. O desempenho da FEB foi dos mais brilhantes, dos mais fulgentes da história militar do Brasil no século que ora se finda.

Na guerra do Paraguai, no século XIX, mandamos cerca de 150 mil homens e agora enviamos só 25 mil. Só que, naquele século, soldado ferido era soldado morto e, na Segunda Guerra Mundial, em pleno século XX, soldado ferido que chegava ao hospital americano só morria em casos extremos. O avanço da civilização, tão bem representado pelo pessoal de saúde norte-americano, salvava mesmo em quase todas as situações.

O bom humor dos febianos e dos nossos Araújos, como eram chamados os aviadores da FAB, esteve presente mesmo nos momentos mais difíceis da guerra, mas foi afetado nos primeiros dias após o nosso retorno, em face da forma como o governo nos tratou. Éramos vistos quase como inimigos.

Uma palavra sobre o Marechal Mascarenhas de Moraes não podia faltar nesse momento. O Marechal era um homem fechado, de pouca estatura, tinha um caráter irrepreensível, amigo dos seus subordinados, competente e corajoso. Possuía uma folha de serviço brilhante, inclusive desempenhou muitas missões que haviam sido atribuídas, anteriormente, ao Marechal Rondon. Ratificou todas as suas qualidades, que eram muitas, na guerra.

Era um homem que deveria ser cultuado pelo Exército e pelo Governo brasileiro, no entanto, na última cerimônia no Monumento dos Mortos no presente ano, sabem quantas autoridades federais, estaduais e municipais civis compareceram? Nenhuma, só estavam lá, homenageando os nossos ex-combatentes, os militares da ativa e da reserva e D. Eugênio Salles, Cardeal Arcebispo do Rio de Janeiro. O povo também lá não esteve, por falta de divulgação da solenidade pela mídia omissa e desinteressada em relação a datas de grande relevo da História do País.

Quando meu avô – que era alferes de Infantaria – faleceu, o seu enterro foi uma apoteose. Vale lembrar que o alferes estava na hierarquia entre o subtenente e o oficial na Guerra do Paraguai. Pois bem, ele morreu em 1934, muitos anos, portanto, depois da Guerra de que participou, mas a cerimônia foi magnífica com a participação da massa.

Hoje, há um alheamento. Como disse, foi muito chocante nenhuma autoridade civil ter comparecido. Sobre a solenidade em si, não a posso descrever porque levei seis tombos seguidos no mês passado, pensei até que não fosse mais me levantar da cama e, por isso, não pude ir. Mas o nosso General Pitaluga, consagrado ex-combatente, contou-me muito amargurado.

Concordo que, quando se faz a propaganda de um evento na televisão, maior veículo de comunicação de massa, o povo acorre; é levado pela propaganda, pela publicidade dada ao acontecimento. E aqui, infelizmente, não se divulgam as datas gradas. Falta estimular o civismo, o patriotismo, não só na Escola como especialmente pelos meios de comunicação social.

Em minha casa, para dar um exemplo, coloquei numa parede da sala um quadro com 18 condecorações que me foram outorgadas, quadro bonito com medalhas lindas, medalhas até de ouro. Esta casa era muito freqüentada por estudantes amigos dos meus filhos, acadêmicos de Medicina e de Direito.

Acontece que durante todo o tempo em que aquele quadro ali esteve, nenhum me perguntou o que era aquilo, sabe o que fiz? Retirei o quadro, com um protesto, mas retirei. A verdade é que falta cultura, patriotismo. E são rapazes corretos, cumpridores dos seus deveres, hoje são doutores.

Esse livro – *A FEB Doze Anos Depois*, que escrevi e trouxe para essa entrevista – esteve na minha estante por muitos anos, sabe quantos o leram? Ninguém, nin-

guém. Agora, se lá estivesse um livro de safadeza, desses livros imorais, haveria sempre algum curioso para querer lê-lo.

Resta-me dizer que tenho, no meu coração, a imensa satisfação de ter pertencido à FEB. Isso me enche de orgulho, como também me dava muita alegria o fato de escrever para os meus amigos do Ceará, onde meu avô morreu, dizendo-lhes que, durante toda a campanha, sempre me lembrava dele na Guerra do Paraguai. Ele foi o grande referencial, desde o seu transporte para o campo de batalha, muito mais difícil que o meu, mas feito por brasileiros, 150 mil homens transportados por brasileiros, armados por brasileiros, comandados por brasileiros. Hoje, ninguém lembra daquela epopéia, nem da vitoriosa campanha da FEB, que apesar de não ter sido representada por um Corpo de Exército e sim por uma só Divisão, fez muito mais do que lhe cabia no Teatro de Operações da Itália, como atestam cabalmente os resultados obtidos, o que ocorreu também com aqueles que exemplarmente representaram a FAB, nesse mesmo TO.

Não posso esquecer agora de prestar as homenagens devidas ao General Oswaldo Cordeiro de Faria, Comandante da Artilharia, e ao General Zenóbio da Costa, Comandante da Infantaria, eles, no comando, foram também exemplares.

Minha mensagem final é de agradecimento por essa iniciativa patriótica, voltada, efetivamente, para a criação de uma fonte indispensável de conhecimento de um dos temas da História de nossa Nação.

Coronel Waldemar Dantas Borges*

Natural da Cidade de Ribeira do Pombal, Bahia, pertence à turma de 3 de dezembro de 1940 da Escola Militar do Realengo. Na guerra, no posto de 1º Tenente, exerceu a função de Comandante do Pelotão de Transmissões do III Batalhão do 6º Regimento de Infantaria. Iniciou sua vida militar em 1935, quando sentou praça no 28º Batalhão de Caçadores, de Aracaju, Sergipe, como soldado. Em 1942, já 1º Tenente de Infantaria, servindo no 3º RI, em São Gonçalo, RJ, foi designado para freqüentar o curso de Transmissões, na Escola de Transmissões do Exército, em Deodoro, Vila Militar, RJ. Em princípios de 1944, foi matriculado no curso de extensão ministrado por oficiais de comunicações americanos, na mesma escola. Terminada a guerra, foi promovido ao posto de Capitão, em 25 de dezembro de 1945, e dois anos depois, ingressava na Escola Técnica do Exército, atual Instituto Militar de Engenharia. Concluído o curso desse Instituto com aproveitamento, em 1950, passou a desempenhar as atividades de engenheiro militar, na sua especialidade de Química. Passou para a reserva no posto de Coronel, em 1976. Recebeu as seguintes medalhas e condecorações, por sua participação na Segunda Guerra Mundial: Cruz de Combate de 2ª Classe; Medalha de Campanha e Medalha de Guerra.

---

* Comandante do Pelotão de Transmissões do III Batalhão do 6º Regimento de Infantaria, entrevistado em 27 de julho de 2000.

Emocionado e com muita honra, compartilho dessa admirável tarefa do Projeto História Oral do Exército na Segunda Guerra Mundial que ainda nos pegou vivos para colaborar com o nosso depoimento. Minhas palavras são de agradecimento por essa oportunidade.

Naquele ano de 1942, fui designado pela então Diretoria de Infantaria para cursar Transmissões na Escola de Transmissões do Exército, em Deodoro, no Rio de Janeiro. Depois de concluído o curso, permaneci como instrutor. Enquanto cursava a Escola, fui classificado no 6º Regimento de Infantaria, Unidade da FEB, como Oficial de Transmissões, permanecendo adido à mesma. Fiz o curso de extensão ministrado por oficiais de comunicações do Exército americano. Terminado esse aperfeiçoamento, passei à disposição do CIE, antigo Centro de Instrução Especializada do Exército, como instrutor do pessoal graduado de transmissões do 1º escalão da FEB, até o dia em que tive de me apresentar ao 6º RI, que já tinha vindo de Caçapava e estava acantonado no quartel do Batalhão-Escola na Vila Militar de Deodoro, no Rio de Janeiro, para isto desocupado. Incorporado definitivamente ao meu 6º RI, fui designado para comandar o Pelotão de Transmissões do III Batalhão do Regimento, comandado pelo Major Silvino Castor da Nóbrega, um paraibano "grandalhão", muito valente e capaz, grande chefe militar, um dos maiores na guerra e na paz.

Tudo que falo aqui está no diário escrito pelo Tenente no campo de batalha, nas suas horas possíveis. Foi depois colocado em ordem pelo já Coronel reformado Waldemar Dantas Borges. Tive a preocupação de nada modificar, de não alterar a idéia central daquele ardoroso Tenente, de seus excessos de jovem entusiasmado e patriota.

Nesse diário eu escrevi na época, segunda quinzena de junho de 1944: terminado o expediente, íamos dormir em casa. Procurei sair e me divertir com a minha mulher o mais que pude, se bem que ambos sentíamos um aperto no coração, pois que, no nosso subconsciente, sabíamos próximo o dia da partida para a guerra.

Finalmente, a partir do dia 28, escreveu o Tenente em seu diário, não podíamos mais deixar o quartel. Meu cunhado mais velho, Capitão de Cavalaria, servia e morava na Vila Militar em Deodoro. Trouxe minha mulher e minha filhinha para a sua casa, onde dormiram. No dia seguinte consegui permissão para ficar com elas por alguns minutos.

Tive que mentir que não podia dormir em casa. Disse estar de serviço.

No dia seguinte, 30 de junho de 1944, o meu cunhado trouxe os meus amores para falar comigo no quartel. Apesar de já estar proibido manter contato com o exterior, o meu Comandante, Major Silvino, permitiu-me ir ao portão falar com elas, mas eu não poderia deixar escapar nada que insinuasse que partiríamos a qualquer momento.

Constrangidamente, enganei-as, dizendo que estava de prontidão e depois em treinamento que deveria durar uns quinze dias, o que era o tempo que estimei para estar desembarcando em qualquer frente de batalha, pois não tínhamos a menor idéia para onde nos mandavam. Nem preciso dizer a dor que me dilacerava, tendo que fingir que tudo ia bem, quando já sabia ser aquela a última vez que abraçava minha "Zotinha" e minha Sandrinha. Curiosa a premonição da minha filhinha: jogou-se em meus braços e não mais queria largar-me, tendo sido difícil tirá-la na hora da saída.

Abraçamo-nos, beijamo-nos, as duas choravam e a punhalada que atravessava o meu coração provocava uma dor tão aguda, que, a muito custo, contive as lágrimas. Eu as vi partir no automóvel do cunhado. Foi duro! Foi duro! "Homem não chora", dizia-se no meu sertão nordestino. Então não sou homem, sentenciei. Procurei um lugar isolado no quartel e abracei-me à minha dor e chorei. Chorei o choro mais pungente dos meus então 26 anos de idade. À tardinha desse mesmo dia, outro irmão de minha mulher, o Wilson, veio ver-me. Consegui novamente do Major a autorização para ele entrar no quartel. Sob juramento de nada transparecer, pedi ao cunhado que sustentasse o que eu tinha dito a sua irmã, mas que nós embarcaríamos naquela noite do dia 30 para 1º de julho.

Além dos ensinamentos da Escola de Transmissões, não recebi qualquer outro treinamento específico no Brasil.

A vida a bordo do navio-transporte que nos levou ao Teatro de Operações ocupou boa parte dos registros feitos pelo Tenente em seu diário.

Às primeiras horas do dia 1º de julho de 1944, embarcamos no navio-transporte americano, *General Mann*. Partimos às seis horas do dia 2 de julho de 1944. Desembarcamos, no dia 16 de julho, em Nápoles, e acampamos em Agnaro Bagnoli, a poucos quilômetros da cidade.

Vou citar alguns pontos marcantes relativos à viagem. O navio *General Mann* era uma fortaleza de fantástica potência de fogo: canhões, metralhadoras, radares para detecções submarinas e aéreas, lançadores de bomba de profundidade contra submarinos e tudo mais que de moderno e alta tecnologia bélica havia no mundo. Rigorosa disciplina, exercícios de "abandono de navio" tão rigorosos, que não sabíamos se era treinamento ou se era a vera. Estávamos sempre prontos e com o colete salva-vidas, *Mae West*, como o chamavam os americanos, em homenagem a então artista de cinema famosa. Pelo navio, cartazes como: "o navio não se detém para salvar quem cair na água".

Os tenentes davam plantões, de quatro em quatro horas, nos porões das praças, infectos, com nauseante cheiro de vômito. Éramos obrigados a conduzir o pes-

soal a seus botes salva-vidas, às baleeiras, em plena ordem e sem pânico. Em cada baleeira encontrávamos um fuzileiro naval americano, com um fuzil automático, pronto para matar quem entrasse em pânico.

Havia divertimentos no salão de jogos: dama, baralho, xadrez etc. A tripulação se juntava aos companheiros mais desinibidos, e apresentava, no palco, "shows" engraçados, cômicos, piadas.

Uma novidade para mim, foi cruzar pela primeira vez a linha do Equador. Às 14h30min do dia 6 de julho de 1944, o Comandante do navio, fantasiado de Netuno, com o seu séquito – elementos da tripulação fantasiados de golfinhos, camarões, lagostas etc – cumprimentou a FEB, na pessoa do General Mascarenhas de Moraes, que, em seguida, agradeceu os elogios recebidos pelo bom comportamento de nossa tropa. Após, seguiu-se um divertido batismo com água salgada dos que estavam atravessando a linha do Equador pela primeira vez, como era o meu caso.

Aconteceu, nesses exercícios, um fato muito curioso, e que me marcou profundamente. Foi o caso de um médico, Doutor Mallet, baixinho e meio agitado. Na ocasião dos exercícios, que eram rigorosos e que nunca sabíamos se era verdade ou não, o Dr. Mallet ficava desesperado. Corria para um lado, corria para o outro, pulava, dava impressão de que ia se jogar na água. Aquilo me irritava, porque não sou nenhum valente, mas eu estava ali para cumprir uma missão e o resto não mais tinha importância para mim, porque, o de mais sagrado, eu já tinha deixado: eram a minha mulher e a minha filha.

Então me irritei com o Mallet. Fiquei com tanto ódio que não olhava para ele.

Mas paguei por isso, por esse juízo precipitado. Explico o porquê.

Em Montese, naquele inverno, no ataque em que o meu Batalhão, falarei disso mais tarde, ficou reduzido a um terço de seu efetivo, e o resto ficou ferido ou morto ou desorientado, nós tínhamos, a nossa esquerda, o Batalhão do 11º RI do qual o Mallet era o médico. Nós em um plano, o alemão acima de nós, a atirar como um louco. A nossa Artilharia batia fortemente. Eles silenciavam, e nós, nessa hora, partíamos para tomar o morro. Eles estavam na defensiva e, como tal, escolhiam as linhas de montanha a defender a seu bel prazer, mas tínhamos que ir tirá-los de lá.

Quando eu chego a umas casas destruídas, isso já muito tarde da noite, assisti ao seguinte fato: havia alguns mortos e muitos feridos. Alguns, acho que pela situação, endoideceram. Esses homens iam e vinham, ficavam saltando como um cabrito maluco e tinham que ser agarrados. Tinham que ser agarrados à força.

A equipe de padioleiros do Mallet, em um jipe dirigido por um sargento padioleiro, ia para lá, trazia os homens, voltava para lá para continuar socorrendo. Aí, um estilha-

ço acerta o sargento. Corre o Mallet, abre a porta... o sargento derrubado e ele, Mallet, pega a direção e continua socorrendo os feridos.

Eu, emocionado, olhando aquilo.

Ele continuou o trabalho como se nada estivesse acontecendo.

Fiquei tão envergonhado que, no momento em que as coisas ficaram um pouco menos agitadas, chamei o Mallet e disse: "Pelo amor de Deus, abrace-me, porque eu cometi um terrível erro com você. Está me matando, derrubando-me pela consciência. O seu comportamento no navio eu reprovei, e achava que se tratava de um covarde. E o encontro na guerra como o mais perfeito herói. Segui todo o seu trabalho. Sei do heroísmo do seu trabalho. E agora eu vejo que a gente tem que seguir aquele velho ditado: idéia preconcebida, raciocínio falho. Muito obrigado".

Para mim, esse foi um fato marcante.

Um outro fato que nos emocionou muito no navio.

Essa viagem no navio foi uma coisa muito importante, por isso dediquei uma parte inteira do meu Diário à mesma, a parte dois. Estou citando apenas alguns fatos.

No dia 13 de julho, aconteceu dois fatos que nos trouxeram emoções. Primeiro a saudade. Víamos o último pedaço de nossa terra ficando inteiramente para trás. Foi a substituição da escolta da Armada brasileira, que nos acompanhou até aquele momento, pela escolta americana, pois já estávamos atravessando o canal de Gibraltar, com a Europa de um lado e a África do outro. E avistamos terra. Terra à vista! Estávamos então no *mare nostrum*, no Mediterrâneo. A segunda surpresa do dia foi ouvirmos o rádio de bordo anunciar que a FEB seguia para combater no *front* da Itália. Pela primeira vez soubemos sobre o nosso destino. Nós nada sabíamos antes.

Lembrem-se, eu havia pedido ao meu cunhado que só falasse à minha mulher sobre a partida no dia 15 de julho. Ela ficou sabendo no dia 13, porque foi anunciado ao mundo inteiro que a FEB estava chegando à Itália e ia combater no *front* italiano.

Nesse momento, aí nessa festa de entrada no Mediterrâneo, o Comandante do navio discursou em Português, elogiando-nos, elogiando o comportamento exemplar de nossa gente. E o General Mascarenhas de Moraes respondeu em Inglês.

No dia 16 de julho, depois de quinze sofridos dias, ancoramos no porto de Nápoles, recebidos com música, Hino Nacional e muito "saco B"[1] – em vez de sofrer como nós, vieram de avião. Esse é um desabafo do Tenente, não é meu. Ele é quem escreveu isso em seu diário.

---

[1] Saco com roupas e objetos pessoais dos pracinhas, guardado na retaguarda. Designação jocosa dada aos integrantes da FEB que exerciam suas funções afastados do *front* , numa alusão à retaguarda.

A única nota triste da viagem, infelizmente para nós, foi a constatação dos médicos de bordo, junto com os nossos médicos, de mais de trezentos dos nossos pracinhas com doença venérea.

Após quinze dias em um navio, em uma viagem que se podia fazer em seis dias, pois o navio ia em ziguezague, com uma porção de cuidados com a segurança, comendo muito pouco, cheguei muito fraco. Com dificuldades desci a escada do navio. Mesmo assim, meu Comandante escolheu a mim, e ao meu pessoal, representantes do III Batalhão no Destacamento Precursor, para localizar as diversas posições no acampamento de Agnaro Bagnoli. O trajeto de caminhão por dentro de Nápoles até o local do acampamento, deu-nos uma amostra dos horrores da guerra. Não era apenas a destruição material que impressionava; muito pior foi o retrato da destruição moral, a miséria, a fome, a desolação, o arrasamento de um povo, desorientado, sem rumo, vagando como fantasma. Fiquei perplexo e envergonhado.

Leio parte do meu diário... meu, não. Do Tenente...

Agnaro Bagnoli era uma antiga cratera de vulcão extinto, antigo balneário e campo de caça da realeza e seus protegidos. Havia uma exuberante área de árvores longas e de caule não muito grosso, parecendo os nossos eucaliptos, talvez fossem da mesma família.

A área em que ficamos, porém, era sem vegetação e tinha uma poeira fina como talco, impermeável e que se entranhava nos poros, narinas e em nossas roupas. Orientados pelos americanos, fomos definindo a área de cada Batalhão, Companhias e Pelotões. Só havia barracas para oficiais. Para a tropa, o relento. Protestamos. Dois dias depois todos tinham barracas. Inclusive a minha, que era igual à das praças, foi montada no meio do Pelotão. O General Mascarenhas de Moraes, como nosso Comandante da FEB, com o seu *staff*, ficou em Nápoles. O General Zenóbio da Costa, Comandante da Infantaria Divisionária, ficou com o nosso RI em Agnaro.

Meu pessoal cortou uma árvore cujo longo tronco, regular, se prestava para mastro de nossa bandeira, o qual plantamos entre as barracas do Comandante da ID, General Zenóbio e a do Comandante do 6º Regimento de Infantaria, o Coronel João de Segadas Vianna, da primeira tropa militar brasileira empregada nos campos de batalha da Europa.

No dia seguinte houve o ato de hasteamento da Bandeira, com tropa formada e toda a solenidade, ao som emocionante da corneta do mesmo corneteiro, que nos acordou com o toque de alvorada. E o fez com tanta alma, que nos levou a sonhar que estávamos no nosso querido Brasil. Cantamos alto, com o coração, o Hino de nossa Pátria. Pela primeira vez a nossa bandeira tremulava nos campos de batalha da Europa. Essa cerimônia passou a ser rotina diária.

No dia 18 de julho de 1944, uma nota pessoal: o primeiro aniversário de minha filhinha Sandra. Escrevi a minha primeira carta para a minha esposa. Tal era a emoção, que o Tenente não conteve as lágrimas, e, até hoje, lacrimejam os olhos do velho Coronel.

Um fato que considero importante e que deve ser registrado.

Depois que, na véspera de levantar acampamento para Tarquínia, nossa Bandeira foi arriada, por sugestão do sargento Justo, do meu Pelotão, um jovem culto que desistiu de ser padre no último ano de seminário, conseguimos um serrote. O Justo e eu íamos serrando pequenos roletes do mastro, os quais distribuí ao meu pessoal, em primeiro lugar, e, depois, a quem quis. Falei-lhes da importância histórica dessa relíquia, e pedi que a guardassem com respeito e cuidado até a nossa volta à Pátria.

No pedaço que me coube, escrevi em letras de fôrma dizeres identificando, e guardei no bolso como um talismã. Nunca me separei dele até doá-lo em julho de 1985 ao Museu da FEB, da Associação Nacional dos Veteranos da FEB, juntamente, com um lindo desenho da Bandeira brasileira, realizado pelo meu querido amigo, hoje é o Brigadeiro Fortunato Câmara de Oliveira, herói do famoso "Senta a Pua", Grupo de Caça, de cujo símbolo ele é autor. Em um pedaço de cartolina, esse brilhante artista plástico produziu uma Bandeira do Brasil, a cores, e deu destaque ao mastro, em cujo pé colei o meu rolete-relíquia. Hoje é uma peça de nosso museu.

Em Tarquinia a situação foi muito melhor do que em Agnaro Bagnoli, é mais próximo de Roma, o que nos permitiu ir visitá-la.

No dia 3 de agosto de 1944, uma quinta-feira, a alvorada foi às três horas. Às cinco horas partimos em trem de carga, depois de marcharmos mais de oito quilômetros até a estação ferroviária. Foi assim o nosso adeus a Agnaro Bagnoli. Seguimos de trem até Littoria, e, em caminhões, chegamos a Tarquinia. Passamos pelos subúrbios de Roma. Uma destruição total, uma dor para todos os componentes do nosso Batalhão. O acampamento de Tarquinia era muito mais favorável.

O terreno era melhor. Nas proximidades havia um campo de aviação.

De início, sentimos a diferença. Já não precisávamos lavar as nossas roupas impregnadas daquele pó impermeável de Agnaro Bagnoli. Nesse acampamento, em Agnaro nós carregávamos latas d'água lá da fonte termal, inclusive eu, oficial, dava o exemplo. Saía com eles, arranjávamos umas latas lá na cozinha para trazer a água, a fim de lavar as nossas próprias roupas. Eu lavei as minhas próprias camisas, calças, cuecas, tudo. Botava para secar, mas era uma luta danada. Por quê? Quando se jogava água no chão, em vez de molhar, dava uma poeira seca que levantava e impregnava o corpo. A respiração era uma coisa terrível.

Já em Tarquinia, nós ficamos em um campo melhor. O terreno era acidentado com elevações de cem a duzentos metros, coberto por uma vegetação, uma relva, ventilado e com uma ampla e bonita vista. A dificuldade que tivemos, pelo menos na posição em que ficou o meu Pelotão, era saber aonde havia água. Água havia, mas ninguém sabia onde. O meu faro de sertanejo, daqueles que nasceram e morreram na seca e sem beber água, porque água não havia... eu saí com um homem ou dois, e depois de percorrer a região, descobri um lugar que era uma nascente de água. Não era muito longe. Uma água pura formidável. Daí para frente tivemos uma água maravilhosa, e nossas roupas não eram mais lavadas por nós e sim por lavadeiras italianas, a quem a gente pagava. Então houve uma mudança positiva e favorável, influindo no moral. O pessoal ficou muito mais interessado.

Na nossa proximidade, como falei antes, ficava a Base Aérea. Aquilo, para nós, era muito emocionante. Quando eles partiam de manhã, em revoada, nós ficávamos a olhar e a orar, uma prece interior pedindo: "Vão, mas voltem sãos e salvos". Como sabíamos que tínhamos ali o nosso "Senta Pua", parecia que havia uma coisa nos prendendo ao lugar e não nos sentíamos tão sós. Esperávamos ansiosos, porque, ao escurecer, a revoada voltava. Nós os recebíamos com alegria enorme, mas com aquela coisa no coração, aquele peso, indagando: "Meu Deus, será que voltaram todos!?"

Bom, Tarquinia também nos permitiu a visita a Roma.

Era legal, autorizado, que os oficiais fossem a Roma nos finais de semana, mediante escalação, para conhecê-la, as igrejas etc. Mas eu sempre me rebelava contra as coisas que só os oficiais faziam e as praças, não. A razão que o Tenente registrou em seu diário, é que, para se ter moral com a tropa, tem-se que se viver e identificar-se com a mesma. E eu consegui fazer isso. E os meus homens tinham-me como um chefe, mas também como um amigo, como um pai, como irmão. Tinham respeito e um carinho muito grande por mim.

Cheguei ao extremo de, se havia um escombro para esconder o meu pessoal, eu colocava todos ali e na parte mais elevada, mais perigosa, abria a minha cama-rolo. Fazia isso com consciência, não por "farolice", porque esse depoimento, esse livro que está aqui, só foi conhecido durante esses cinqüenta e cinco anos por minha mulher, minhas filhas e meus netos, porque, afinal, eu escrevi para os netos...

Eu fui para Roma. Botei no meu carro, no meu jipe – porque eu tinha o jipe – o sargento Justo, que era quase padre, e mais um ou outro.

O sargento Justo... e eu vou contar esse fato que é muito interessante, para que se veja como são as coisas na nossa terra.

O sargento Justo – que quase foi padre – descobriu que havia, em Roma, um Colégio de padres brasileiros. Os jovens padres brasileiros eram selecionados, man-

dados para Roma e faziam um curso que durava de oito a dez anos. Um curso sobre todos os assuntos relacionados com a religião. Então eu disse: "Justo, o caminho nosso é ir lá". Descobrimos, perguntando, e chegamos a esse Colégio. Ganhamos, como planejava, um excelente guia.

Nas anotações que o Tenente fez sobre Roma, ele fala nas quatro catedrais de Roma, a Praça de São Pedro, o Vaticano, a Pietá, de Michelângelo etc.

Eu chorei quando olhei a Pietá. Eu nunca vi uma mulher tão jovem, tão calma, tão cândida, com seu filho morto no colo. Parecia real e não uma escultura. Essa emoção também tive quando me foi possível ver o Moisés, de Michelângelo, e compreendi, quando passei na Igreja de São Paulo e vimos o Moisés, por que ele bateu com o martelo no joelho da escultura e disse: "*parla Moisés, per que não parla?*" É perfeito! É emocionante!

Fui duas vezes a Roma sem conseguir ver a escultura. Havia uma parede enorme protegendo-a contra os bombardeios. Na terceira vez que eu fui, consegui...

Sempre ia até os padres, coitados. Presenteava-os com alimentos deixando-os alegres, pois, revelaram-nos, passavam fome. Eu levava o reboque do jipe cheio de comida, de tudo que eu podia para deixar com eles. Mas tinha que chegar lá cedo, porque davam nove, dez horas da noite e não se entrava mais. Mas eu nunca ia à noite. Nunca fui de farra. Estava casado e bem casado e feliz, não precisava das lindas italianas... e não precisei.

Mas eu vi toda Roma, a velha Roma com sua história. Fui guiado por um padre daqueles que estavam lá, que era justamente um especialista que estava fazendo um curso havia muitos anos. Eu tive essa sorte. Então, adorei ter encontrado aqueles homens. Um deles me disse: "O senhor veja o que é interessante. Nós não vamos ter tempo para ver tudo. Vamos às coisas históricas. Ele tinha razão."

Tarquinia, eu destaco, deu-nos oportunidade de ver todas essas coisas interessantes. Mais tarde, voltei umas onze ou doze vezes a Roma.

Voltando ao acampamento de Agnaro, nossa vergonha foi total. Foram fazer uma inspeção de saúde – e isso pouca gente sabe, porque não foi relatado nos livros que li sobre a FEB, na sua verdadeira grandeza – com médicos e dentistas nossos e os do Corpo americano. Um desastre. Doenças venéreas, asma, bronquite, problemas intestinais e de todo o aparelho digestivo. Quando se chegou a dez ou doze mil dentes para extrair – naquela época o americano não tratava dos dentes. Estava cariado, arrancavam. Somando isso ao nosso despreparo militar, a conclusão lógica foi a de que essa tropa não satisfazia as mínimas condições para entrar em combate. Eu estou relatando uma coisa que teria que ser relatada.

Inclusive um queridíssimo colega Capitão que chegou a General-de-Exército, um homem formidável, um homem com muita coragem, com muita vergonha e que não dizia que era asmático.

Assinalaram aqueles trezentos e tantos homens com blenorragia, construíram um cercado como se fosse para porcos, e os jogaram lá. A tropa olhava para aquela gente, e nos perguntávamos porque os deixaram ir... porque os bons em saúde, instrução, preparo físico e psicológico, os padrinhos não deixaram partir.

Foi aquela gente ignorante, aquele Brasil terra, aquele Brasil miséria, aquele Brasil pobre, aquele Brasil que, afinal, sendo a maioria do nosso sofrido Povo, é o verdadeiro Brasil, embrião da Nação brasileira no futuro.

Coitados!

Talvez tenha sido melhor assim. Os “almofadinhas” que ficaram não teriam a fibra e a valentia daquela parcela de “Homens-Brasil”.

O material e armamento, só começamos a receber a partir da segunda semana em Tarquinia. Não tínhamos sapatos, não tínhamos roupas, não tínhamos armas, não tínhamos nada. Mas, antes de ele chegar, eu treinava o meu pessoal com os braços, porque nem bandeirolas para transmitir mensagem em alfabeto morse, traço ponto, traço ponto... um braço era um ponto, dois braços era traço... Nossas transmissões não tinham nada. Eu treinava o Morse, como disse, e mensageiros, até recebermos os primeiros materiais. A instrução que ministrávamos, além de educação física, ordem unida e marchas, era improvisada. Fazia exercícios de esgrima com pedaços de pau fingindo de baionetas!

O Tenente, no seu diário, ficou horrorizado quando lhe deram um fuzil *Springfield*. O General Custer matava índio com o fuzil *Springfield!* Não havia onde guardar material. Eu o distribuía pelas barracas com o nosso pessoal. Nós recebíamos o material aos pouquinhos... e já se aproximava o frio.

O General Zenóbio, lá em Bagnoli, onde se passava aquela situação terrível e havia um grande risco de indisciplina, não satisfeito de dizer: “Não morreu ainda ninguém”, e outras coisas... ele tinha um hábito grosseiro, antipático e ofensivo aos nossos brios de oficiais. Entrava no acampamento e repreendia diretamente aqueles pobres homens. Resultado, nós, oficiais, não gostamos. Resolvemos nos reunir, todos os oficiais, e fomos ao Coronel João de Segadas Vianna e dissemos que isso estava errado. O Coronel Segadas, interveio com sua reconhecida prudência e os ânimos foram contidos.

Mas não ficou nisso!

Com blenorragia, asma, bronquite, sem dente, o americano disse: “com essa tropa não se faz nada! Isso aí não vale nada! Isso aí, bateu o pé, não sobra um”!

E nós então resolvemos dizer para o Coronel Segadas, conta o Tenente no seu diário: "...Ou o General consegue nos levar para o *front* para mostrar que somos bons, ou nós o encaixotamos e o mandamos de volta para o Brasil".

Foi um extremo de indisciplina, mas todo ele alimentado por um ideal, por um amor próprio ferido. Nós não somos isso que eles estão falando, dizíamos. O Coronel disse ao General: "Ou nós fazemos isso ou nós vamos ter um problema, porque esses oficiais estão com a razão. Eles estão magoados, estão feridos no seu amor próprio".

Resultado: o Zenóbio nisso era bom. Chegou para os superiores e gritou forte, reagindo com energia e conseguimos ir para a frente de combate.

Já como resultado dessa briga, fomos a Tarquinia para, de lá, seguir para Vada, a fim de fazer o treinamento final.

Em Tarquinia, era aquele negócio de aprender "Deus Salve a América"; o dia todo a cantar *God Bless America*. Iríamos recepcionar o General Mark Clark, Comandante do V Exército americano, que nos visitaria dia 14 de agosto de 1944. Mas, na hora "H", a tropa em forma, afinando as goelas, o General não apareceu. Disseram que ele teve que se encontrar com o Churchill, pois corriam boatos de que os alemães queriam assinar o armistício. E o nosso Comandante da ID a reunir os oficiais e a repreender todo mundo. Era um homem assim...

Zenóbio, no entanto, era um grande valente, um grande impulsionador. Mas criou esses problemas... é isso o que o Tenente fala aí no diário dele...

Nesse período, foram muito importantes as cartas recebidas do Brasil.

Para os que as recebiam, a alegria, o estar com as pessoas amadas, o conforto, o calor da Pátria. Para os que não recebiam, a desolação, o abandono, a orfandade e o isolamento, recolhendo-se aos cantos escondidos para curtirem a sua dor e saudade.

Foi na guerra, nessas ocasiões, que eu compreendi o real valor da "madrinha de guerra".

Também me perguntam como foi a preparação na Itália, antes de seguirmos para a frente de batalha.

O assunto é de grande importância.

O Tenente escreveu: o 6º RI pagou alto preço por constituir o 1º escalão da FEB. A preparação foi deficiente. E foi imprudente engajar logo a tropa em ataques tão perigosos como aqueles dos quais ela participou.

Os demais escalões tiveram tratamento diferente. E o tiveram por quê? Porque o êxito do 1º escalão, a capacidade que o 1º escalão demonstrou, levou a que o pessoal responsável pelo treinamento tivesse uma atenção maior com os escalões seguintes. Em termos de armamento e de roupa, roupa boa, tudo do melhor, relógio,

tudo, os demais escalões receberam a tempo e a hora. O 6º RI escreveu páginas maravilhosas que levaram o responsável pela logística a ver a importância de dar um tratamento diferente àqueles homens que realmente se superaram.

Em Vada, excelente acampamento, se comparado aos anteriores, o Pelotão de Transmissões mereceu destaque pelo treinamento realizado. E o destaque foi feito pelo Comandante do Batalhão, o Major Silvino, homem parcimonioso no elogiar, o que conferia força e verdade ao elogio quando o fazia.

O nosso treinamento final começou, em Vada, no dia 21 de agosto de 1944, uma segunda-feira, sob a orientação e ensinamento de oficiais e graduados americanos de um veterano e experimentado Regimento de Infantaria, da famosa Divisão *Red Bull*, cujo distintivo – uma cabeça de touro vermelha – era ostentado orgulhosamente em seus uniformes. Merece destaque a atuação do pessoal americano que nos treinou, pela sua capacidade, experiência, espírito prático, organização e cordialidade. Para cada um de nossos comandos havia um correspondente americano. Ao meu Comandante, Major Silvino, correspondeu o Tenente-Coronel Furr, um jovem de apenas 26 anos, a minha idade na ocasião, que chegou ao posto e comando pelos seus atos de invulgar coragem. Todas as promoções, de soldado, cabo, sargento, Tenente, Capitão, Major e Tenente-Coronel, foram por bravura. Um rapaz simpático, calado, sereno, seguro e chefe enérgico. Dele emanava uma irresistível aura de liderança.

Lembro-me dele dando aula para nós.

Havia um cemitério perto do acampamento. Ele dizia: "*Look there*... Olha lá, olha lá, aquilo é um cemitério. É o lugar de vocês todos se não seguirem o que está sendo ensinado, e que é uma experiência de quem vem desde a África."

Para cada Capitão Comandante de Companhia havia um Capitão americano como correspondente e mais sargentos e cabos auxiliares. Nas comunicações âmbito Regimento, coube ao Capitão Brooks e a seu grupo de graduados. Em meu Pelotão, recebi um sargento rádio-operador e um cabo telefonista, ambos falando espanhol perfeitamente. Além dos conhecimentos de rádio e telefonia, também nos treinavam em Centro de Mensagens, uma atividade de muita importância do Pelotão. Eles nos treinaram diariamente, e todos os dias até as 24h no mínimo. O Capitão Brooks dava algumas aulas aos Pelotões de Comunicações dos três Batalhões, e do Pelotão do Regimento ele cuidava o tempo todo. A tudo ele observava e anotava.

No seu relatório final, recomendava que eu deveria ser promovido a Capitão e assumir as comunicações do Regimento, substituindo o atual. Essa foi a primeira tentativa de me levarem para o Regimento. Depois houve outras. Isso era normal e

legalmente possível nas Forças Armadas americanas. Mas não nas brasileiras. Nossa legislação não permitia. Além disso havia entre os oficiais de Comunicações de nosso RI, oficiais bem mais antigos do que eu. Por isso é que eu fiz tudo para que não me levassem para o Regimento.

O treinamento do RI era cada vez mais intenso e nunca parava antes das 24h. Meu Pelotão trabalhava incansavelmente, mantendo as ligações em perfeito funcionamento. Fizemos um exercício de Comando de RI que durou a noite toda, o que valeu os parabéns pessoais do Comandante, Major Silvino Castor da Nóbrega, pelo excelente desempenho do Pelotão de Comunicações.

Quando chegamos de volta ao acampamento, já eram 14h. À noite tivemos novos treinamentos, agora com fogo de armas, simulando ataques de ambos os oponentes. No dia seguinte, 10 de setembro de 1944, cedo, novo exercício de todo o RI que só terminou no dia 11, já bem à tardinha. Foi o momento culminante do período de instrução final da tropa brasileira do Destacamento FEB.

Nesse treinamento, encontramos vários corpos, que ainda não tinham sido recolhidos pelo Pelotão de Sepultamento. Os uniformes dos alemães eram iguais aos nossos uniformes. Os rapazes, alarmados, me chamaram: “Tenente, são nossos companheiros! Há dois ou quatro mortos. Olha lá!... São oficiais”. Eu corri, e quando vi aqueles uniformes...

Por isso, o Tenente, no seu diário, critica esses uniformes que se confundiam com o uniforme alemão. Para mim, foram os nossos companheiros nazi-fascistas, que não queriam a FEB, e que nos perseguiram na volta.

Felizmente os americanos correram, e então nos alertaram para o perigo de tocar nos mortos, pois os alemães minavam os corpos, e, por inexperiência, pracinhas dos aliados tinham perdido a vida. O que devíamos fazer, era amarrar com cuidado um fio longo de telefone ou coisa semelhante, e, de longe, bem abrigado no terreno, puxar o cadáver, para nos certificarmos se ele estava minado ou não.

Aliás, os tedescos minavam, armadilhavam relógios, binóculos, câmeras fotográficas etc. Em todos esses casos devíamos ter os mesmos cuidados.

Terminada a manobra final, a última do treinamento, nesta tardinha do dia 11 de setembro, o destino reservou-me um momento doloroso.

Nós estávamos junto à estrada, esperando os caminhões para nos transportarem ao acampamento. Tínhamos chegado ali após dois dias de exercício, dia e noite sem parar, sem dormir, sem nada. Foi um exercício terrível em um campo que era minado. De vez em quando tínhamos que passar por pistas que estavam marcadas. E foi o fato de não levar a sério o campo minado que provocou a desgraça que eu vou contar.

Juntaram-se nessa posição, junto ao oitão de um casarão, de um lado onde havia sombra, o meu Pelotão e a 6ª Companhia do meu amigo Capitão Hilnor Canguçú Taulois de Mesquita um dos brilhantes oficiais do Exército, número um de sua turma da Escola Militar. Um homem excepcional. Eu, Canguçú e seus tenentes comandantes de pelotões ficamos conversando, aliviados pelo fim do extenuante exercício.

A minha "mão amiga" nunca me abandona, e vou contar uma coisa fantástica.

Eu estava ali com eles. Mas, a "mão amiga" me trouxe a "velha bronca de Realengo", uma bronquite da qual a gente não ficava bom nunca. Tossia como um desesperado, e começou a esfriar desse lado onde estávamos.

Eu então disse: "Canguça, eu não estou agüentando não, meu velho! Desse jeito, vou morrer de tossir. Eu vou lá para o Sol, do outro lado". Quando fui, levei o meu pessoal e acomodamo-nos

Minutos depois, ouviu-se uma forte explosão do lado do Canguçú. Assustados corremos para ver o que tinha acontecido. Vi um jovem soldado, paranaense, sem braços nem pernas, gritando de dor, pinoteando no chão. A bomba estraçalhou-lhe os membros. Aquele corpo pulando, pulando e dizendo: "Ai, que dor nas pernas, ai que dor nos braços"; pernas e braços que ele já nem tinha.

Olhei em volta. Havia um sargento com um estilhaço na barriga, um Tenente, que era o Tenente Fortes, ferido também. Alguns outros soldados feridos.

E eu olho, cadê o Canguçú? Estava caído no chão, ensangüentado, com sangue saindo da região da carótida e de cima dos olhos. Também foi ferido. Eu corri para ele e perguntei: "O que é que há? Você..." Ele tentou recusar socorro dizendo: "Não, Dantas Borges, por favor veja a minha tropa, depois você me vê".

Tinha comigo um jipe e determinei que o motorista Coelho, que era da terra dele e que também conhecia a família Mesquita em Santa Catarina, saísse a procura de transporte para levar esse pessoal imediatamente para o Hospital de Evacuação primeiro, porque era o mais perto.

Ordenei ao meu pessoal e a outros menos desorientados da 6ª Companhia para usarem os "curativos de emergência", que éramos obrigado a carregar numa pequena bolsa de lona presa ao cinto. Cobrimos os ferimentos com Sulfa em pó. Era a Sulfa que nós usávamos, era o tempo da Sulfa.

Felizmente o Coelho conseguiu encontrar o Capitão Newton Monteiro Raulino de Oliveira, um dos Raulino, que era o Comandante da Companhia de Comando do II Batalhão, o qual pertencia a 6ª Companhia, do Canguçú. Ele foi providenciar transporte e o Coelho, após falar com o Raulino, voltou. Colocamos o Canguçú e o Fortes no jipe, e mandei o Coelho sair como um louco para o hospital.

Logo depois chegou o Capitão Raulino com jipes e reboques acoplados de uma Unidade e levou os feridos. Naquela estupefação e gritos de dor, atordoado, nem percebi a gravidade do sargento, senão o teria mandado com o Canguçú e o Fortes. Coloquei-o no jipe, mais um soldado ferido, e ordenei levá-los na frente dos demais.

Depois Canguçú me contou a causa do acidente: Esse rapaz paranaense foi urinar numa moita e viu um projétil, pequeno, bonitinho, pegou-o e mostrou ao Capitão: "Olha aqui, Capitão, que coisa engraçada!" Canguçú conhecia tudo, era um Oficial brilhante, e disse: "Isso aí é de morteiro. Bota isso lá". Ele foi, mas quando chegou ao mato para deixar o "projetilzinho", seu pé tropeçou em um arame, fazendo funcionar uma mina antitanque.

Essa mina antitanque do alemão, quando o "aramezinho" funcionava, tinha uma carga de propulsão que a elevava até uma certa altura e explodia para arrasar tudo.

Foi o que aconteceu. Feriu 15 ou 16 homens e matou o jovem paranaense.

E o valente aqui, durante todo o tempo, como em transe, comandou e tomou providências com total segurança e controle. Só que, depois que todo mundo foi embora, depois de tudo terminado, eu encostei na parede e quase desmaiei. Fiquei um "tempão" zonzo.

O Canguçú não morreu. Ele teve sorte. O ferimento no pescoço ficou a um milímetro da carótida. O ferimento da testa o fez perder um dos olhos. O Tenente Fortes escapou com os demais feridos. O sargento ficou hospitalizado, creio que até o fim da guerra.

Retornando ao exercício-teste de Vada que concluiu o período de instrução, o desempenho do meu pessoal foi tão espetacular que naquele momento poderia afirmar: "O III Batalhão tem um Pelotão de Comunicações e eu tenho mais do que comandados. Tenho uma família cuja liderança esforço-me para manter, com o meu próprio exemplo. Em nenhum momento da guerra, deixei de estar com o meu pessoal, preservando-os dos perigos mais do que a mim mesmo. Em nenhum momento o meu Batalhão ficou sem ligações. Os elogios partiam de todos: comandantes do Batalhão e das Companhias. Êta, falta de modéstia da peste! Mas que fiquei prosa, fiquei."

No dia 13 de setembro de 1944 deixamos Vada a pé, atravessamos a Cidade de Pisa por uma parte totalmente destruída e acampamos a 2,5km do centro da cidade, onde ouvíamos o troar dos canhões e o tagarelar das metralhadoras.

O 1º escalão da FEB, malgrado a pobreza de armamentos, vestuário e outros materiais a que já me referi antes, teve a excelente oportunidade, diferentemente dos outros Escalões, de realizar todas as fases normais de emprego da tropa em ação de guerra. Isto é: marcha de aproximação, tomada de contato e combate. Isso que nos permitiu o preparo militar indispensável para enfrentar o valoroso e experiente

inimigo e obter os sucessos que obtivemos. O nosso batismo de fogo, falo de nós, do 6º RI, deu-se normalmente.

Em 15 de setembro de 1944, o Regimento iniciou a marcha de aproximação com os três Batalhões, ocupando uma extensa linha de frente. Houve pequenos contatos de patrulhas.

Um Destacamento da 2ª Companhia – Pelotão do 2º Tenente Mário Vasconcelos Cabral – comandado pelo Comandante da Companhia, Capitão Ernani Ayrosa da Silva, lançou-se na direção da Cidade de Camaiore, a uns dez quilômetros dos PC das Companhias. O Destacamento foi recebido com forte resistência. Sob cerrado fogo, o Destacamento Ayrosa lutou bravamente e, apesar da inferioridade, manteve as posições até o dia seguinte, quando os outros Pelotões, ajudados por outros elementos do RI, resgatou-o. Foi de grande valia o heróico feito do Destacamento, pois localizou os pontos fortes do inimigo e permitiu o emprego das Companhias de Petrecho Pesado dos Batalhões e da Companhia de Obuses do RI, que atiraram com louvável precisão. Estava conquistada a Cidade de Camaiore.

Contudo, sofríamos pesados bombardeios de morteiros e Artilharia, especialmente partidos de Monte Prano, de situação privilegiada em relação às nossas posições. Antes de desencadear o ataque, foi mandada uma forte patrulha de reconhecimento comandada pelo mesmo bravo Tenente Cabral, da Companhia do Capitão Ayrosa. A patrulha, com terrível sacrifício e invejável bravura, atingiu a Cota 1096, cerca de meio quilômetro ao sul do pico do Monte Prano. Os tedescos atacaram a patrulha que resistiu valentemente e, praticamente cercada, conseguiu transmitir suas mensagens e lutar até escapar do cerco, depois de uma noite de horror.

As informações colhidas pelo Tenente Cabral, foram fundamentais ao plano de ataque ao Monte Prano, elaborado pelo Coronel Segadas Vianna, Comandante do 6º RI, e seu Estado-Maior. Certamente o General Zenóbio, com o seu Estado-Maior tinha elaborado também o seu plano. O Cel Segadas, com seus comandantes de Batalhão e auxiliares diretos foram convocados ao PC da ID.

Sobre essa reunião, contam, eu não vi, que o Coronel Segadas, habitualmente prudente e submisso aos caprichos do General Zenóbio, o que muito nos desgostava, habilmente rejeitou o plano da ID, fez acerbadas críticas e apresentou o seu próprio plano, evidentemente mais praticável, já que fora feito por quem vivia o problema diretamente, portanto, com elementos mais concretos.

Lógico que foi contestado pelo time do General Zenóbio. O Segadas, dizem, “vomitou” tudo o que vinha engolindo desde Agnaro Bagnoli. De incapaz para baixo, não poupou palavras. Fez carga direta contra Zenóbio. Esse se defendeu dizendo que era uma injustiça contra ele e, emotivo como era, dizem, quase chegou às lágrimas.

Acabou aprovando o plano Segadas.

A 25 de setembro, segunda-feira, o RI reiniciou o ataque a Monte Prano. O plano do Coronel Segadas provou-se correto. Envolvia o tedesco com o objetivo de sitiá-lo no morro. Os alemães tiveram que recuar apressadamente, abandonando armas, munições e outros materiais, inclusive alimentos. Parece que se surpreenderam com a eficiência e bravura dos brasileiros. Nossa Artilharia, as Companhias de Petrechos e as de Obuses atiravam nos pontos vitais e os infantes ocuparam e aferraram-se ao terreno de Monte Prano, verdadeira fortaleza alemã.

O III Batalhão teve uma atuação difícil, mas as suas ligações funcionaram sem falhas, graças ao Pelotão de Comunicações.

Conto um pequeno detalhe que eu ouvi, ligado, ainda, à atuação do General Zenóbio, como Comandante do Destacamento FEB.

Já ocorrera a mudança para o Vale do Sercchio; os nossos PCs já estavam na beira do Sercchio. Houve uma reunião na qual, um Coronel do IV Corpo de Exército, em nome do seu Comandante, General Crittenberger, disse: “Não precisam sair dessas posições. Aferrem-se ao terreno e esperem ordens do General Crittenberger, porque o alemão, do lado de lá, está fortemente armado, bem entrincheirado e com privilegiados campos de vista e de tiros.”

Nós não concordamos. O Zenóbio se levantou, não gostou, porque ele já tinha aprovado o nosso plano de progredir. Reagiu: “Nós não vamos parar, vamos botar o alemão para correr”. O Coronel, pensou, pensou e disse: “Se é isso que vocês querem... O Zenóbio atalhou: “É isso que nós queremos”. E o Coronel Segadas, a seguir, enfatizou: “É isso que nós queremos”. Os americanos acolheram nosso desejo e disseram: “Bom, se é assim; se vocês querem, vocês decidam... Nós estamos apenas dizendo, não precisam se sacrificar. Mas, vocês querem, então manda para a frente.” E foi realizado o ataque a Borgo a Mozzano

Quando chegamos a Borgo a Mozzano, de fato, os alemães estavam muito bem instalados, muito bem fortificados. E estavam com o comandamento de vista e de tiro, porque se encontravam na parte mais alta do terreno. Os americanos tinham receio, achavam que a nossa tropa por mais brilhante que vinha se mostrando, não estava em condições de enfrentar o alemão, porque tinha até Companhias de SS, como foi comprovado depois. Dissemos: “Mas nós não vamos parar, nós vamos atacar.”

O Segadas levou o desejo geral da sua tropa, de sua oficialidade, e o Zenóbio, interpretando o desejo de todos os oficiais, declarou que queríamos continuar atacando. O Zenóbio era um cara valente, um impulsionador.

Muitas vezes, em combate, pequenos detalhes são muito importantes.

E aconteceu. Foi coisa que eu vi.

Um Tenente, era Oficial da Reserva, não prestou atenção à senha e contra-senha. Sem saber a senha e contra-senha do dia não se passava na linha de vigilância da frente de combate, porque todo mundo sabia que o alemão se vestia igual a nós e havia até filho de alemão de Santa Catarina falando Português perfeito. Pensava-se que era brasileiro e ele entrava. Então, senha e contra-senha era um negócio muito sério.

Esse Tenente, por uma razão qualquer, não sabia a contra-senha. O soldado disse: "Repete!..." Veio o cabo que estava perto dele e insistiu: "Repete!..." Veio o sargento: "Repete!..." ele não sabia, e dizia: "Mas eu sou fulano, e eu saí porque..." Pá! mataram o cara. O Tenente morreu porque não sabia a contra-senha. O soldado não teve a paciência que teve no meu caso, porque ele não tinha a "mão salvadora" que eu tinha, a "mão amiga". A "mão amiga" que me tirou lá do lado do Canguçú, que eu podia ter morrido ali com o meu pessoal. Também essa "mão amiga" me tirou do aperto quando um dia esqueci a senha e a contra-senha.

Antes de relatar esse aperto que passei, devo registrar um gesto de amizade do meu Pelotão para comigo. Eu tinha a mania de sair sozinho, de jipe ou a pé, para reconhecer o terreno ou visitar a frente. Deixava o Pelotão sob o comando do meu sargento-auxiliar, Mário e desaparecia. Um dia percebi que alguém me seguia discretamente. O meu sargento era um baiano como eu. E todos no Pelotão gostavam muito de mim. Mário, preocupado com minha segurança, destacava um ou dois soldados, escondidos, armados, para ver aonde eu estava, para que, se houvesse alguma coisa, eles me socorressem. E eu não sabia. Um belo dia, vi um movimento, olhei, e descobri. Chamei: "Venham cá!" Vieram e disseram: "É que o sargento Mário não gosta que o senhor ande só".

Chamei o Mário, abracei-o, e disse: "Olha, Mário, obrigado! Reconheço, que você está certo e eu errado". Desde esse momento, passei a convidar um ou dois do Pelotão para acompanhar-me.

Certa vez, saí com meus homens para levar linhas até uma de nossas companhias, em posição muito longe e numa das Cotas mais elevadas da montanha. O terreno era uma pirambeira, era um morro difícil. O jipe tinha uma adaptação para a bobina e, enquanto o jipe podia ir, a bobina ia desenrolando. Mas, na metade do caminho, não deu mais para seguir e fomos a pé, carregando a bobina. Anoiteceu e continuamos até que, vencidos pelo cansaço, resolvemos dormir um pouco. Ao amanhecer, o trabalho continuou chefiado pelo 3º sargento França e eu voltei ao jipe e segui de volta ao PC do Pelotão. Não sei como dirigi, porque era preciso ser um motorista e tanto para andar naquela picada. Mas, na hora, a gente faz tudo.

Fui embora. Lá ia eu “tranqüilão”, todo fagueiro, para a minha Unidade, que ocupava posição de combate. Quando cheguei à linha de contato, estava como eu sempre andava na guerra, sem capacete, e com um gorrinho de lã verde, que eu tinha apanhado de um prisioneiro. Lembro-me que, na ocasião, eu lhe dissera: “Você está prisioneiro mesmo, não vai mais precisar. Dá-me esse gorrinho que é para esquentar a minha cabeça”.

Com aquele nosso uniforme, gorrinho e lourinho, pois eu era loiro na época, imaginem com o que eu fui confundido. Ao aproximar-me da linha de vigilância o sentinela gritou de lá: “Pare e avance a senha!” Eu não sabia a senha do dia e berrei: “Não atire! Eu sou o Tenente Dantas Borges, das Transmissões”. Mas, o sentinela não queria “papo”: “Ou diz a senha ou eu atiro”. Apelei para que ele mandasse chamar o sargento Comandante do Grupo de Combate antes de atirar. Felizmente, o sargento me conhecia e a “mão amiga”me salvou.

Ao findar o mês de setembro de 1944 foi realizado um reajuste no dispositivo Aliado, tendo em vista a próxima retomada da ofensiva. O Destacamento FEB recebeu ordem de transferir-se para o Vale do Sercchio. Fomos substituir o 370º Regimento de negros americanos que deveriam deixar o sistema de comunicações para nós.

Os negros americanos eram considerados como maus combatentes. Relaxados e se poupavam ao máximo, resultando na falta de confiança dos chefes brancos, que os colocavam como motoristas de caminhão nos serviços de retaguarda e na guarda de campos de prisioneiro. Nesta época havia discriminação racial nos Estados Unidos. Talvez, o comportamento das tropas negras fosse a resposta que a seu ver os brancos mereciam. Mas quando se dava o comando a um deles, era relaxamento total. Seu sistema de comunicações era uma bagunça, o que nos obrigou a um trabalho insano para refazê-las.

Na véspera do dia 30 de setembro de 1944, dia do meu aniversário de nascimento e de casamento, à noite, completamos as linhas telefônicas até a 8ª Companhia. O bilhete que está escrito no diário do Tenente não foi passado a limpo de propósito. É o relato escrito pelo Tenente no dia do seu aniversário, às quatro e meia da manhã, debaixo de uma Lua maravilhosa, que transformava a noite em dia, e uma imensa saudade de sua mulher e sua filhinha. Sentimentalmente, estava sofrendo o nosso Tenente.

Esse bilhete é importante pela sua autenticidade. Foi escrito depois de momentos difíceis, numa carroça que tinha ido levar material. Eu me estiquei na carroça, olhando para a Lua, e aquela Lua me deu vontade... Andava sempre com papel no bolso, e nesta folhinha de papel, duas folhinhas, são dois quadros iguais, eu escrevi o seguinte, com a carroça em movimento.

30 de setembro de 1944

"De manhã, ainda cedo, saí com o Nacle e o Alcides – eram dois homens de meu Pelotão – e, juntos, fomos ver as linhas telefônicas que os negros americanos, a quem substituímos, deixaram. Foram as piores linhas que eu já vi. O trabalho foi insano, descendo e subindo morros, e emendando linhas e, às vezes substituindo-as. Depois de muitas lutas, o Tenente Miscow, com o seu pessoal, conseguiu abrir caminho para o jipe. Então foi possível continuar minhas linhas – note que esse jipe tinha adaptação para desenrolar os fios. Cheguei afinal a um ponto, onde o jipe não passava. Continuamos o nosso árduo trabalho com mais alguns homens, agora levando bobinas pesadas às costas. Eu, com dois fuzis, um eixo de desenrolar e jogando fios fora da estrada. De vez em quando puxava a bobina. Difícil chegarmos dada à grande distância. Agora os alemães atacavam, de cilada, a 8ª Companhia, a mais avançada. Grande tiroteio de parte a parte, mortos e feridos de ambos os lados. Recebo quatro cartas da minha adorada Zotinha. Reconforto-me, toco para a frente. Já à noite, chego à 9ª Companhia, tão cansados estávamos, que a mim faltou ânimo para continuar. Esperei um pouco um dos meus homens que foi buscar mais fios. Lua maravilhosa, indiferente a tudo que se passava no momento. Iluminava os combatentes com os seus feridos e mortos. Evacuação de feridos. Se não fosse a demora dos fios, eu teria, à tarde, presenciado o tiroteio que demorou três horas. Chega o homem com os fios numa carroça, puxada por uma vaca, com um italiano, o dono da carroça. O Comandante da 9ª Companhia, Capitão Heitor Rodrigues, aconselhou-me a repousar um pouco, mesmo porque os alemães continuavam a atirar de morteiro sobre a estrada que estendíamos os fios. Dei ordem aos homens para continuarem o trabalho, já às quatro horas da manhã. Voltei com um dos meus soldados, para o nosso PC avançado onde estou com as transmissões. Sentado nessa carroça, olhando a Lua tão linda, esqueci-me de tudo, para lembrar-me somente da minha mulherzinha e da adorada filhinha. Era o dia do meu aniversário de nascimento e aniversário de casamento: vinte e sete anos de idade, dois anos de casado... Que Lua impiedosa a de hoje! Iluminava a estrada como se fosse um dia de Sol. Felizmente durante todo o tempo o alemão não nos alvejou. Cansadíssimos. Vou escrever para a minha adorável mulherzinha. O meu maior presente foi receber quatro cartas dela. O alemão continua atirando sobre a 8ª Companhia. Bandidos! Duas coisas me impressionaram hoje: primeira, a bravura dos nossos homens; segunda, o trabalho árduo dos demais, como o pessoal – do Tenente Miscow – que construiu uma estrada por dentro do mato, o pessoal que retirou minas, os que levaram fios de telefone..."

Esse foi o bilhete que o Tenente escreveu, e eu em vez de passar para o caderno a limpo como fiz dos outros, fiz questão de deixar que ele ficasse aí.

Já falamos sobre as dificuldades impostas pelo terreno ao trabalho das transmissões. Nós chegávamos, mesmo com aquelas dificuldades de terreno, até onde era possível a gente chegar com um jipe, para poder levar os homens e a carga mais facilmente. Chega a um ponto, que a gente tem que seguir andando mesmo. Com sacrifício, ir andando, e com o cuidado de se abrigar contra o perigo da Artilharia.

Houve momentos nos quais, para vencer essas dificuldades, também aconteceu conosco um fato que me chamou a atenção.

Falava-se muito que nós, brasileiros, éramos pobres, que mal tínhamos mulas, que tínhamos os cavalos caindo aos pedaços etc. Pois bem, no Exército mais forte, mais rico, mais bem montado do mundo, que era o dos Aliados, do qual fazíamos parte, passamos algumas semanas levando munições, alimentos, remédios, socorro e evacuando os feridos, só com mulas alugadas aos alpinos.

O terreno, além de difícil, era um lamaçal, com alguns córregos difíceis de atravessar, e nós enterrados nessa lama, e a chuva constante martelando.

Vencemos tudo isso. A nossa tropa não recuou, continuou avançando, os nossos homens continuaram sendo municiados, alimentados, e, dentro do possível, até socorridos.

Vou relatar um fato que marcou fortemente minha memória, durante nossa progressão. Estendíamos fios à margem do Rio Sercchio, nas proximidades de uma ponte rudimentar, num trecho relativamente largo. Era de tardinha, já bem de tardinha. A ponte estava cheia de refugiados – mulheres, crianças e velhos, com animais carregados ou puxando carroças. Eles transportavam naquelas carrocinhas os pertences da família. Eram camponeses pobres, traziam o que tinham. Fugiam da guerra, passando para nossa retaguarda. De repente, vimos ao longe imensa massa de água, parecida com a pororoca amazônica. Os alemães destruíram as represas, rio acima. As águas, numa força brutal, arrastaram mortalmente todos que estavam na frágil ponte. Um desespero e desgraça total. Eu e mais dois homens que estavam comigo corremos para a margem na vã tentativa de salvar alguém. Impossível! Mais uns poucos passos e seríamos igualmente tragados.

Chamo a atenção para um fato esclarecedor: as comunicações do Tenente Comandante de Pelotão para o seu Comandante de Companhia, como estão sempre em movimento, usam um aparelho que chamavam de *hand talk*. Você fala e ouve. Ainda hoje se fala nele. Da Companhia para o Batalhão, nós dispúnhamos, além de linha, de um aparelho de rádio, que era uma espécie de mochila, que permitia que se falasse andando. Do Batalhão para o Regimento, nós dispúnhamos de aparelho de radiotelegrafia, pesado, deficiente e de pouco alcance naquelas montanhas; naqueles lugares, a onda de fonia era limitada. A amplidão da linha de frente fazia dimi-

nuir o alcance dos aparelhos de rádio, e a gente ficava dispondo apenas de mensageiros e das linhas telefônicas.

Para atravessar os obstáculos da natureza, com ondas longas, que eram mais ou menos retas, não se conseguia. Então se usava o sinal telegráfico, que tinha mais penetração.

Tínhamos dois excelentes radiotelegrafistas, e, modéstia à parte, eu também treinei muito nisso. Quando um deles desconfiou que o Tenente não sabia nada de telegrafia, fiz o seguinte teste: nós estávamos já em Volpara, naquela fase do frio, peguei um dos textos que a gente tinha para o treinamento cifrado e disse: “Você vai transmitir o cifrado, e eu vou ouvir e escrever. Depois vou datilografar para você”. Fiz o teste, fui aprovado e nunca mais alguém desconfiou que o Tenente não soubesse alguma coisa. Sabia tudo de sua função.

Eu chamo a atenção para uma coisa engraçada. Todos os ensinamentos da vida são importantes. E as coisas que aprendi no 28º BC, como soldado, como cabo, como 1º cabo etc, serviram-me a vida inteira.

Nossa deficiência de materiais era, ainda, grandes. Acontecia que tínhamos de um lado uma tropa americana, e do outro, também uma tropa de tanques americanos. Quando os alemães davam os famosos golpes-de-mão, faziam os contra-ataques, os americanos recuavam e deixavam tudo para trás... ricos demais!

Uma vez eu perguntei a um deles, um Tenente, por que isso?

Veja bem, que isso é de uma importância fantástica.

Ele me respondeu assim: “O nosso conceito é o seguinte: esses materiais que ficam aí, lá na América, nós fazemos em minutos. E um combatente precisamos de vinte anos”.

Na filosofia dele, que é rico, está bem. Para nós, não. E nós estávamos ali.

Os meus homens me disseram: “Está vendo isso, Tenente? Eles estão largando tudo e nós não temos nada”. Então eu disse: “É hora de pegar tudo”.

Daí para frente ficávamos de olho no americano. Se o americano recuava, nós corríamos à posição abandonada e pegávamos tudo dele. O resultado: no meu Pelotão, eu só tinha direito a uma estação de rádio, uma central telefônica de oito direções. Dentro de pouco tempo já operávamos uma de 12 direções e, posteriormente, uma de 24 direções. Deixaram de faltar-nos telefones, rádios etc.

Conseguimos até carabinas, cunhetes de granadas de mão, metralhadora .30, que nos deram a alegria de aposentar os arcaicos fuzis do General Custer. A nossa dotação era a carabina .30, porque nós éramos de Comunicações e não fuzileiros de Infantaria. Meu Pelotão era um pelotão completo. Então essa capacidade de não desperdiçar, de aproveitar tudo o que for possível é que é importante. Saber usar os meios de fortuna.

No quartel, quando assentei praça, eu fui voluntário, com dezessete anos. Não fui convocado. Fui voluntário. Esperei no portão do quartel para fazer idade para poder entrar. No dia de pegar material, o sargento distribuía aos recrutas, o chamado "jegue", lá no Nordeste: "O jegue, toma lá um culote". O recruta reclamava: "Mas não dá para mim, sargento" "Tá! Toma, e toma..."

O recruta ficava com aquele monte de coisas: um pequenininho com a roupa de um gigante, e o gigante com a roupa do pequenininho.

Eu fui reclamar para o sargento. O sargento disse assim para mim: "Olha, meu filho – eu era muito magrinho, pequeno, tinha cara de garoto – aprenda uma coisa, praça velha não estrila, desaperta para a esquerda".

Eu me lembrei disso na guerra e fui me desapertar com os americanos.

Quando me perguntam qual melhor meio de comunicações, qual o preferido pelas Unidades em combate, eu respondo: não existe nenhum meio de comunicação melhor do que o outro. E não existe nenhum meio de comunicação que seja inteiramente inviolável. Então, dentro dessa relatividade, o melhor meio, lá na Itália, era o telefone.

A utilização de mensageiro é também fundamental.

Vale explicar que nós deixávamos bobina de reserva com o pessoal lá dos fuzileiros, integrantes de patrulhas. Isso foi importante para o funcionamento das comunicações, para a manutenção das linhas. Isso aconteceu principalmente na situação de defensiva, quando ficamos cerca de quatro meses naquela região dos Apeninos. Em cada Companhia de Fuzileiros havia um grupo, e isso viria a ser importante no futuro, um "grupo de comunicações", que era composto de um sargento, com dois ou três homens que pertenciam à própria Companhia, e eram treinados por mim. Então esses homens recebiam a minha orientação para instalação e manutenção das linhas telefônicas.

Havia um combinado magnético que tinha duas garras. Com ele você fala e ouve. Era habitual o seu uso.

O homem na linha de frente, a sentinela, resolveu que também queria ouvir.

E começaram a puxar uns fios do Tenente para eles. Muitos deles que estavam de sentinelas botavam o magnético. Quando me disseram o que estava acontecendo, eu disse: "Olha o sigilo".

Façam o seguinte: por experiência, descobrimos que enquanto um fio ficava ligado e o outro desligado, por indução, a música era ouvida, bem baixinha. Então eles ouviam a música.

Uma vez, quando foram fazer uma patrulha, e isso não tenho conhecimento de que alguém tenha feito, mas me "deu na telha", combinei o seguinte com os

tenentes que iam comandar a patrulha: eu fico aqui nessa ligação com a espera e vocês vão, com esses desenroladores pequenos, que têm uma alça e cabo leve, fininho. Com isso, vocês vão andando com o combinado magnético, aquele, adaptado, e vão dizendo para nós o que estão vendo no reconhecimento, se estão sendo atacados ou não.

Às vezes, acontecia que as distâncias que a patrulha iria percorrer eram maiores do que o tamanho daquela bobina de cabo leve. Então eu pegava mais uma ou, conforme a distância, mais duas bobinas, e botava num soldado a tiracolo, e ensinei a eles como deviam fazer a emenda. Acabando essa bobina, eu dizia, emenda na outra, joga essa fora, porque não vão usar mais e continua desenrolando com a seguinte. E com isso eu fiz a primeira patrulha, e daí para frente os tenentes passaram a fazer a comunicação assim, e pegou. Então havia uma difusão muito grande dos trabalhos, o que me facilitou depois a conquista do padioleiro.

Debaixo do duelo de fogo dos morteiros, canhões e obuses dos dois lados nós avançávamos. Meu Pelotão acompanha as Companhias mais próximo possível para garantir sua ligação com o Comandante do Batalhão. Tomamos Borgo a Mozzano e fomos avisados de que seríamos substituídos por tropa inglesa. Eu preparava croquis e traçava nos mapas da região todo o sistema de comunicações que havia sido montado, porém veio a contra-ordem.

Os planos de ataque foram tomando forma. Lançamo-nos para a conquista de Fornaci de Barga, depois a cidade de Barga, começando por Bolognana, à margem oeste do Rio Sercchio.

O Coronel Segadas me convocou ao PC do RI. Queria me ouvir sobre as comunicações durante os ataques e sobre outros aspectos do pessoal de comunicações do RI. Opinei, mas tudo com muito cuidado, para não ferir a suscetibilidade do Capitão Comandante das Transmissões do RI.

Voltei ao PC do Batalhão, já à noitinha, fui ouvido, recebi as ordens do meu Comandante e segui para o meu PC, perto das Companhias, a fim de tomar todas as providências para a operação que, realmente, foi desencadeada no dia 11 de outubro de 1944, quarta-feira. Tomamos o primeiro objetivo – Bolognana –, um pequeno povoado.

O PC do Batalhão foi instalado num casarão perto do rio e de uma ponte que ligava Bolognana a Fornaci de Barga. Acontece que essa ponte, bem na parte central, foi danificada pela artilharia alemã e cedeu. Mas ainda ficou ao nível da água, não ficou totalmente submersa, e dava passagem a pedestres. Não passava viatura.

Alojei o meu Pelotão noutro casarão próximo do PC do Batalhão, e iniciamos de pronto as ligações telefônicas no âmbito do Batalhão. Foi, até então, a mais

perigosa e difícil tarefa do Pelotão de Comunicações. As linhas mal eram concluídas e o bombardeio alemão as destruía. Bolognana marcou fortemente minha memória.

Eu havia mandado o sargento Justo à retaguarda para buscar material, para suprir o que os alemães destruíam. As estradas ainda transitáveis eram alvo fácil dos bombardeios. Já à noitinha o Justo regressou e trouxe com ele um Padre Capelão.

Disse-me o sargento Justo, que ao regressar, viu o Padre, cai aqui cai acolá, apavorado com o bombardeio, na direção do *front*. Por isso, colocou-o no jipe e o trouxe, para que ele se apresentasse ao Comandante do Batalhão a que ele era destinado, e que era o nosso. Tinha sido designado Capitão Capelão do nosso III Batalhão do 6º RI.

Levei-o ao PC do Major Silvino para se apresentar. Impossível, porque o bombardeio cerrado e a resistência alemã, com freqüentes choques de patrulhas, ocupavam as atenções totais do Comandante e seu Estado-Maior. Era uma coisa terrível. O Comandante estava atuando com as Companhias dele no plano recebido do Coronel Segadas. Eu tinha de voltar ao meu Pelotão, onde nossas tarefas tomavam todo o tempo do pessoal. Depois de algumas horas, fui ao PC do Batalhão, para relatar a situação das comunicações e receber ordens, e encontrei o Padre, assustado em um canto, tiritando de frio, à espera de ser atendido.

Apesar de não ser muito chegado à religião, tive pena do Capelão, e o trouxe de volta ao meu Pelotão. O homem, mal orientado, não tinha manta, nem cama-rolo e nem abrigos que satisfizesse naquela situação, que já era de muito frio. Cedi-lhe duas mantas das minhas e um abrigo e o entreguei ao Pelotão, incumbindo o sargento Justo, quase ex-padre, de lhe prestar a necessária atenção e lhe ensinar a se proteger do fogo inimigo.

A casa que ocupávamos tinha três pavimentos. O pessoal e o Padre se alojaram todos embolados na pequena área do térreo. Eu fiquei no primeiro andar. O Padre ficou tão grato, e se sentiu tão amparado, que resolveu permanecer conosco até o fim da guerra. Apresentou-se ao Major Silvino, quando houve oportunidade, mas recusou-se a ficar no PC do Batalhão, onde seria o seu lugar.

O Padre Achiles Silvestre era amigo e irmão do Major Capelão Chefe, Padre João Pheeney de Camargo e Silva, o chefe do Serviço Religioso da FEB. Tempos depois, o Padre Pheeney foi promovido a Tenente-Coronel Capelão e precisava de um Major Capelão para ser seu subchefe. Foi buscar no meu Pelotão o Capitão Achiles, que não cedeu aos insistentes apelos do amigo e disse que preferia ser rebaixado a Tenente, a sair do Pelotão. Ele queria ficar no Pelotão, não sairia, só sairia morto. Ganhamos um amigo e um apoio religioso para os homens de todo o III Batalhão.

O dia 13 de outubro de 1944, sexta-feira, foi realmente um dia de azar.

Às 13h30min, o meu amigo Tenente Alen, observador avançado da Artilharia inglesa que foi destacado para nos apoiar naquela ocasião, foi morto por estilhaços de bombas tedescas. A Artilharia inglesa tinha um Grupo de Artilharia que nos dava esse apoio. Era um oficial brilhante, que vinha de Oxford, um *gentleman*, e ficou muito meu amigo. Ele e os homens dele. Aprendi com ele uma coisa interessante que eu não sabia: tomar chá com leite pingado.

Pela manhã desse dia, o Alen chega e diz: "Recebi uma carta de casa." Leu para mim. Ele tinha deixado uma moça, sua noiva. Numa licença que deram, ele casou e teve uma semana com ela e a deixou grávida. Aí, vem a carta comunicando o nascimento de uma filhinha. Olha que coincidência comigo! E um retratinho dela também.

Ele ficou na maior alegria, por isso é que eu tomei nota, porque feriu o Tenente. O Tenente sofreu com aquilo. O Tenente Dantas Borges. Ele me abraçou, e eu disse: "Você agora é igual a mim, tem uma filhinha". Ele guardou a carta "no coração".

Ele tinha que ir à frente, porque nós estávamos sendo bombardeados demais. A nossa 7ª Companhia estava um pouco além do meu PC e sendo massacrada.

Ele queria saber até que ponto a Artilharia poderia atirar, prestar o apoio de fogo. Ele sai com o sargento dele e um ou dois soldados.

Não demora, vem o soldado dele correndo e diz: "Tenente! Caiu uma bomba em cima da gente, um projetil alemão. Morreram o Tenente e o sargento. Nós dois escapamos". Estava meio frio. Eu quase morri. Fiquei passado, fiquei branco como uma cera. O meu amigo Alen teve uma menininha e numa sexta-feira, 13, acontece isso.

Mas não ficou só nisso.

O casarão em que fiquei tinha um porão. Eu colocava todos os homens lá, inclusive o Padre, porque o Padre era soldado, igual a eles, e não queria saber de ser tratado diferente. Mas você é meu superior, brincava com ele, afinal ele era Capitão e eu, Tenente.

Havia um andar em cima e uma escada que eles faziam daquele concreto bem forte. Um projetil alemão de canhão 305mm, grande calibre, caiu bem em cima da casa. Destruiu totalmente o telhado, o último andar e quase todo o pavimento onde eu estava. Cansados, estávamos dormindo. Quando abri minha camarolo, a "mão amiga" me fê-la puxar para debaixo da escada de concreto que ligava os dois pavimentos. Os escombros ficaram naquela escada. O primeiro andar não foi destruído porque a escada agüentou todo o rojão. Eu ficava ali, naquele andar, não ficava lá embaixo.

Se alguém tem que passar maior perigo, que seja o Tenente, o Comandante do Pelotão.

Então eu dormia lá em cima, botava a cama, quando podia dava um cochilo, porque dormir mesmo eu não me lembro se dormi nessa guerra.

O alemão nessa ocasião da guerra, pela primeira vez para nós, usou o famoso canhão calibre 305mm, o famoso 305. Até então o pavor dos americanos.Tinham um medo danado.

Mas quando fui me deitar, puxar a cama, a "mão amiga" disse: "Não, aí não. Fica debaixo da escada." E eu fiquei debaixo da escada. A destruição foi total. Era pedra para todo lado... aquele pedacinho da escada... eu saí ileso. Os dois grandes fatos desse dia.

Perdi um amigo, o Tenente Alen, e fui salvo no mesmo dia 13 de outubro, sexta-feira.

Nesta loucura toda, os padioleiros e nós de comunicações tínhamos um ponto em comum: nossas tarefas eram realizadas em movimento, expostos, sem tempo para cavar *fox hole*. Está sempre no campo aberto, consertando linha, emendando, fazendo ligação, e os outros, pegando feridos.

No dia 17 de outubro de 1944, recebemos a visita do General Eurico Gaspar Dutra, Ministro da Guerra, e sua comitiva. Foi um horror.

O Dutra era valente como só ele mesmo. E, com certeza, achava que aquela guerra não era guerra. Inspecionou a linha de frente do nosso Batalhão, expondo-se. Notei, quando chegou, que o alemão praticamente parou de atirar. Tirinho ali, tirinho acolá para embromar. Aquela coisa martirizante que estou contando, que estava destruindo tudo, serenou.

Eu fui com um soldado meu, Alexandre Nacle, de Santa Catarina, de jipe, até lá pertinho onde ele, Dutra, foi. Nas nossas linhas de frente, nas nossas Companhias, eu tinha ligações com todas. Então, eu disse: "Vai dar uma 'zorra' nesse troço, e eu vou ficar sem linha novamente, sem comunicação."

O General ficou lá, examinou um, examinou outro, e aí tiravam o mapa, passeavam, o alemão não dava um tiro.

Eu disse a um companheiro um pouco medroso, tremia como vara verde nessas horas: "Olha, pode estar certo, o alemão vai nos dar o que fazer, hoje. Ele só está plotando. Agora ele ficou sabendo onde estão as nossas Companhias."

Para simplificar: o General Dutra voltou, comeu a ração que nós comíamos no PC do Tenente-Coronel Silvino na beira do rio e foi embora. Quando foi embora, já era noitinha, e o alemão desencadeou a maior barragem que se pode imaginar, em cima daqueles pontos das Companhias. Quase destruiu tudo.

Essa é uma experiência interessante. Com o inimigo não se brinca. Vamos fazer o negócio direito, senão os caras nos engolem. Não se brinca em serviço.

Eu recebi, com o maior carinho, um companheiro de turma, Gilberto Guerra, para estagiar. Ele era oficial de Comunicações do I Batalhão do 11º Regimento de Infantaria. A tropa do 2º escalão estava em Pisa se preparando para entrar em combate e seus oficiais cumpriam o programa de estágios na frente. O 11º RI é o meu Regimento de Aspirante. Guerrinha me acompanhou todo o tempo, viu com detalhe todo o meu sistema de operação. Ensinei tudo a ele. Ele passou lá uma semana comigo e voltou para o Batalhão dele.

Quando atravessamos aquela ponte, que depois foi consertada pela nossa Engenharia para dar passagem à viatura, do lado de lá era Fornaci di Barga, e lá havia uma fábrica de munições enorme. Tinha, sei lá, um quilômetro de extensão ou quase de armamento, de munições, de tudo, e que foi abandonada pelos alemães por causa do nosso avanço. Eu estava curioso e resolvi entrar nessa fábrica, acompanhado de dois homens meus. Quando olho, encontrei um rádio receptor, meio danificado. Eu disse ao rapaz que estava comigo: “Vamos levar esse rádio receptor”. Deu-me logo uma idéia: se eu conseguir fazer funcionar o receptor alemão, quem sabe se, mais tarde, eu não vou ouvir as transmissões deles, porque o alemão espalhava muito prospecto de propaganda. Devia sair pelo rádio também. Para isto eu contava com meu amigo 1º – Tenente Hervé Berlandez Pedrosa, um dos mais capazes técnicos do Destacamento de Transmissões da DIE. A idéia foi concretizada e este receptor fez história durante a longa parada de inverno nos Apeninos.

Certo dia, eu recebo uma carta da minha mulher dizendo que o “Pichuva”, o Rosalvo Coutinho, que foi criado por minha sogra, tinha vindo com o 1º RI. Era como irmão de minha mulher e trazia-me notícias de viva voz, inclusive da Sandrinha que tinha andado doente. Disse para o pessoal: “Vocês vão ficar aí, porque eu vou acender a tocha.” Peguei o rádio e fui lá para a retaguarda, onde estava a Companhia de Transmissões, que tinha aparelhagem para consertar material de rádio. A Companhia de Transmissões pertencia diretamente à Divisão e onde estava o Hervé.

Ao descer da minha posição, para chegar lá embaixo, onde ficava o PC da Divisão e que era muito bombardeado, havia uma ponte que atravessava um rio, com dois PM americanos, de um lado e do outro, com fone. Só passava um de cada vez na ponte, ou no jipe ou a pé, mas era um ir, e parava, porque o alemão bombardeava a ponte sem cessar.

Eles diziam assim: “Quando der o sinal, você reduz o jipe e parte feroz; e reza.”

Passei e não aconteceu nada. Então eu acabei na Divisão e lá deixei, com o Hervé, o rádio receptor alemão. Ele disse: “Daqui a uma semana você vem buscar que já estará pronto.” Toquei para a frente. Quando o alemão começou a bombardear a estrada, joguei-me do jipe e me abriguei no terreno até que o fogo me permitisse

prosseguir. Um estilhaço atingiu o pára-brisa bem na frente da posição do motorista, provocando um enorme buraco. Quando eu entrei em Pisa com aquele jipe furado parecia que entrava um santo. Tinha que contar como escapei “por milagre”. Meu encontro com o Pichuva foi um dos grandes momentos de alegria. Queria saber tudo e perguntei por todos ao mesmo tempo. Recebi as cartas, notícia que minha filha estava com catapora e voltei para o meu Regimento.

Nos ataques dos dias 30 e 31 de outubro, que culminaram na tomada da linha Castelnuovo di Garfagnana, onde terminou nossa missão no Vale do Sercchio, tivemos dissabores. Perdemos no dia 30 de outubro o nosso bravo companheiro 2º Tenente R2 José Gerônimo Mesquita, o destemido Comandante de um dos Pelotões da 7ª Companhia, quando pisou numa mina que explodiu e teve uma morte horrível. As posições foram conquistadas, o alemão posto para correr. Os nossos homens estavam extremamente cansados, e como vinha acontecendo que o inimigo não contra-atacava, limitando-se a choques de patrulha, ocorreu um certo relaxamento. Foi colocada a linha de vigilância e o resto da tropa ficou despreocupado repousando.

Foi desencadeado um violento contra-ataque, obrigando-nos a recuar. Refeitos da surpresa e restabelecido o controle, armou-se o dispositivo para o não menos violento contra-ataque de nossa tropa e retomamos as posições.

Nesse dia 31, porém, tivemos que lamentar perdas como a do 1º Tenente José Maria Pinto Duarte. Ele era da minha turma, muito alto e muito forte. Tinha mania de desafiar os cadetes para brigar.

Esse rapaz se encontra comigo nesse dia por acaso. Ele vai passando pelo meu Pelotão. Quando me viu, veio correndo: “Velho Borges!” abraça para lá, abraça para cá, e ele então me diz o seguinte: “Dantas Borges, se você soubesse como tenho vergonha daquelas coisas que eu fazia! Eu queria brigar com aquela gente, e o pessoal me odiava. Tenho vergonha. Hoje eu estou aqui e isso me martiriza”. Respondi: “Nada, rapaz, isso é coisa de cadete, esquece! Deixa isso para lá”. E nos abraçamos.

Esse contra-ataque alemão em Castelnuovo di Garfagnana foi realizado por uma Companhia de SS alemã, para a retomada de tudo, porque aquela serra era muito importante para eles. O jogo todo do alemão era nos reter o máximo, para que pudessem fortalecer a 2ª linha. Nós também queríamos retê-los, para que não fossem para Borgo a Mozzano. Então aquilo ali era mais ou menos uma combinação: matar um ao outro para não sair dali.

Pois bem, nesse momento o Pinto Duarte está lá na Companhia, com as posições tomadas. No meu Batalhão não aconteceu nada, mas no dele houve um relaxamento, e essa Companhia SS vem, penetra, quebra a linha e provoca-nos mortos e feridos.

Naquele momento não sabíamos se o Pinto Duarte morrera ou fora feito prisioneiro, além de tantos outros bons e queridos companheiros, uns mortos, outros feridos e ainda outros desaparecidos, certamente prisioneiros.

Retomamos a posição. E foi ali que eu inventei o minuto de silêncio no Pelotão. Eu estava sempre procurando maneiras de entrelaçar, de somar as dores e as alegrias. Isso é fundamental. Diariamente, toda vez que o Pelotão estivesse junto, nós faríamos um minuto de silêncio para pensar, primeiro, na Pátria, e na responsabilidade que esta nos confiou. Daqui não se arreda o pé, e se agüenta firme, porque foi a Pátria que mandou. Segundo, pensar na família, nos entes queridos, desejar aos entes queridos toda a sorte, rezar para voltarmos ao seio das pessoas que nos amam e homenagear um colega ou outro que tenha tido a infelicidade de desaparecer de entre nós. Então, o primeiro minuto de silêncio do Pelotão foi aí, e nós prestamos as homenagens.

Um detalhe: quando a Divisão alemã foi aprisionada e que eles se apresentaram, um capitão chegou para mim e disse: "Está vendo essa Cruz de Combate? Essa Cruz eu a ganhei na batalha de Garfagnana, quando botei vocês para correr."

Vou citar mais um episódio ocorrido em Castelnuovo di Garfagnana, contado pelo meu colega 1º Tenente Sinésio Reis Santana, Comandante de Pelotão da 7ª Companhia. O Sinésio era aquele fanfarrão, tocava violão, cantava, era boêmio, mulato, bonito, alto, bigode. Para ele, não havia mulher que passasse perto que, de joelhos, não pedisse, pelo amor de Deus, para ele amá-la. Ele era assim. Solteirão, em todo lugar que passava, deixava uma noiva.

Então nessa região de Borgo a Mozzano, região de onde saímos, havia uma dúvida, ao partirmos, de quem deixar, porque não havia confiança nos negros americanos. Mas como tínhamos feito um trabalho de tal ordem, tínhamos jogado os alemães bem para longe, já para a outra linha do Rio Arno, então, acharam, que botando uma tropa de negros americanos, tomavam conta das posições, porque nós deixamos tudo montadinho, tudo direitinho. Então, deixaram lá os americanos.

O que aconteceu? Quando chegou o Natal, os americanos festejaram como gostavam, com peru, com tudo que tinham direito. Mas o negro americano era muito relaxado mesmo. Eu não sou racista. Ao contrário, até gosto. Mas os negros americanos eram maltratados. E a reação deles era fazerem-se relaxados, não ligar, não dar bola para o branco. O branco que se estrepasse. Diziam: "Não nos dão uma chance, por que que eu vou dar?" Eles podiam estar certos, lá dentro da vidinha deles. Eles ficaram lá, tomando conta.

Na noite de Natal, o Sinésio foge da nossa linha.

Deram-nos uns dois ou três dias para mudar de posição. Nós estávamos numa posição e passamos em Porreta Terme uns dois ou três dias para poder assumir uma outra frente. Íamos substituir outra tropa.

Aí ele "deu no pé", foi bater em Garfagnana. Ver a "noiva"...

Quando ele voltou, ele nos contou essa história.

Disse que os americanos, os negros, não estavam lá. Lá estava uma tropa da Nova Zelândia, colocada lá porque os neozelandeses eram mais valentes. Substituíram os negros americanos.

Bom, o que o Sinésio contou foi que, quando os negros estavam comendo peru e todas aquelas coisas, os alemães chegaram e fizeram todo mundo prisioneiro.

De castigo, puseram todo mundo nu. Pegaram a tropa negra e acabaram com a festa da turma, porque cercaram os caras desarmados. E eles não estavam ali para brigar mesmo, coitados, entregaram-se fácil.

Todo mundo nu, foi o que contou o pessoal de lá da região ao Sinésio. Não sei nem se é verdade. Botaram os negros nus.

Eu me lembro muito bem que a posição que nós ficamos era no alto, e havia uma descida enorme que dava lá embaixo, e estava coberta de neve. Foi até por esta razão que um negrinho nosso, feito prisioneiro pelos alemães, fugiu da patrulha, jogou-se nessa ladeira e foi rolando, e o alemão não conseguiu mais alcançá-lo.

Então, o alemão botou os negros pelados na ladeira, e disse: "Agora vocês vão descer esse morro debaixo de tiro."

Os negros pensavam que eles, os alemães, iam matá-los. Mas não. Eles atiravam para cima e deixaram o pessoal correr, desaparecer.

E eles ficaram lá na posição.

Aí mandaram os neozelandeses, para substituir os negros americanos e manter a posição.

O neguinho nosso, de que falei, foi o João Lopes. Esse cara tem dois casos. Ele era baixinho, engraçado.

Nós tínhamos um grupo de comunicações na Companhia. Ele fazia parte de um deles. Saíram para fazer uma ligação e os alemães o prenderam.

Quando havia uma descarga de canhão ou de Artilharia, os alemães paravam o jipe e se jogavam no terreno para se abrigarem. E os prisioneiros ficavam dentro do jipe. Ele disse: "Eu vou aproveitar uma dessas..." Quando deram um tiro e os alemães se jogaram no chão, ele se jogou do outro lado, e se mandou... estava nessa ladeira de que falei, rolou ladeira abaixo, ralou-se todo, e me apareceu no Pelotão todo machucado.

Outra vez, estávamos reparando linhas. A técnica é conectar os dois fios do cabo a um telefone de campanha ou com o combinado magnético, e falar com a central telefônica, para ver se é mesmo para emendar aquele fio.

Quando ele ligou, quem atendeu foi a Artilharia cujo código era “Lúcifer” e a central só pode dizer o código. Ele então me disse: “Tenente, eu estou no caminho do inferno”.

Em 19 de novembro de 1944, Dia da Bandeira, no qual reverenciamos com um minuto de silêncio, passamos à disposição da *Task Force 45*, Força Tarefa americana. O nosso Batalhão foi recomendado pelo General Mascarenhas, para fazer parte dessa Força. O General o tinha como tropa de elite, o III Batalhão do 6º RI, o Batalhão do Silvino. Fui com o Comando do Batalhão ao QG do Coronel da *Task Force 45*, que ia comandar um Destacamento especial num ataque ao Monte Castelo, posição dominante e fortificada do alemão. Fui escolhido Oficial de Comunicações da operação.

Ouvimos todas as explanações, e nos indicou, no seu grande mapa, a Base de Partida, que era depois de Casa M. di Bombiana. Atrás de nós, separado por um terreno plano de cerca de um quilômetro de distância, havia uma elevação onde, bem abrigada, instalou-se uma Unidade de tanques americana para nos apoiar. Lá atrás estava também um Grupo de Artilharia americano com o mesmo objetivo de apoiar a operação. No lado direito, havia uma Companhia de negros americanos.

O PC do Batalhão ficou localizado em Casa M. di Bombiana junto a uma igreja semi-destruída atrás da qual havia um cemitério.Tempos antes, já estavam destruídas todas as casas de Bombiana. As Companhias foram espraiando-se de Guanella a Bombiana. Os Aliados respeitavam os cemitérios, não atiravam nem nos cemitérios, nem nas igrejas. Mas, o resto ficou todo destruído. Vou fazer uma pequena pausa para contar uma história.

O alemão, experiente e matreiro, tinha lá suas manhas. Quando os americanos atacaram Bombiana foram fortemente bombardeados sem conseguir localizar a origem dos tiros, até que um dia alguém notou um movimento estranho dentro do cemitério e, observando melhor, viu que existiam umas Unidades de morteiro escondidas nos túmulos e naquelas edificações dentro do cemitério. Aí, então, “tacaram mexa” no cemitério. Foi um tal de voar alemão. Tem defunto correndo até hoje.

Voltemos ao ataque. Ao tentar ocupar a Base de Partida, bem mais na frente, teoricamente é uma posição que se ocupa sem resistência, fomos surpreendidos por feroz reação alemã. Tivemos que lutar, e muito, para conseguir ocupar as posições demarcadas pela *Task Force*. O Batalhão lançou ao ataque ora uma ora outra Companhia, mas não conseguimos desalojar o alemão do M. Castelo, se bem que chegamos bem próximo.

Quando chegamos a Casa M. de Bombiana, eu instalei muito bem o Pelotão. Havia um tanque destruído na frente. Existe uma fotografia tirada por um jornal aqui do Rio na qual aparece todo o meu Pelotão em cima do tanque.

Nesse ataque, a Companhia americana do lado direito, a dos negros, arrepiou carreira. Não seguiu e ainda fugiu para a retaguarda. Ficamos nós sozinhos. A Artilharia, lá atrás! Quando os alemães descobriram que havia Artilharia atrás, começaram a atirar neles, no Grupo de Artilharia americano de apoio. Então ficamos nós ali, e lutamos uma semana inteira.

Cobrimos o nosso flanco com a nossa CPP III e fomos na raça. Os negros americanos foram embora e a Artilharia americana também.

Nossa tropa já vinha extenuada, mais de noventa dias de campanha, então resolveram substituí-la. A substituição tinha que ser aos poucos. Seriam empregados dois outros Batalhões, em novo ataque a Castelo.

Foi nessa ocasião que aconteceu, na véspera, aquela brincadeira: os nossos colegas ficaram reconhecendo o terreno para a operação, de carta na mão, expostos, e os alemães lá em cima só assinalando onde estávamos. Quando saíram...

Como colocam os oficiais, pessoas corajosas, gente de primeira qualidade, nessa situação? Uma loucura empregar tropas recrutas num batismo de fogo de tal gravidade! Então houve o tal fracasso.

O Major Silvino, cauteloso e experiente, foi retirando progressivamente suas Companhias. No final, ficamos eu com três homens, a Companhia de Petrechos Pesados, do Capitão Aldévio Barbosa de Lemos, em quem ele tinha muita confiança e a 7ª Companhia, em posição, para qualquer emergência, até que se completasse a operação. Eu fiquei em contato permanente com ele pelo telefone, relatando tudo que estava acontecendo. Determinou que eu fosse o último homem a sair. Saiu a 7ª, saiu a CPP III, e eu então saí depois.

Os alemães continuaram com os golpes-de-mão. Faziam uma encenação terrível, colocavam uma metralhadora aqui, um canhão acolá, outro lá no morro. Parecia que vinha o mundo abaixo... Mas nós sabíamos que não.... Mas os novos não sabiam. Nós estávamos lá e dizíamos: "Não se impressione, vai em frente".

O João Manoel de Faria Filho, que era muito valente, 1,50m de altura, com a Companhia dele, a 8ª Companhia, entrou firme pelo lado direito. Cheguei a conversar com ele. E ele me conhecia muito, porque servimos juntos no Regimento de São João Del Rei, ele era Capitão e eu era Aspirante. Eu disse: "Capitão, esse troço é encenação". Ele pegou a sua Companhia, avançou pela direita, envolvendo os alemães, que acabaram recuando.

Após a ultrapassagem dos dois Batalhões – o III/11º RI e o I/1º RI – para assumir a posição, nós recuamos.

Entre nós eu disse logo: “Os alemães não vão fazer nada. Não interessa a eles abrir as nossas linhas e virem para cá, porque eles vão ser prisioneiros. Isso tudo é cena. Tem só que segurar aí”.

Quando cheguei a Porreta Terme, já era quase de manhã. Eu mal pude dormir, pois passei o dia e já no dia seguinte tive que voltar. Eu fiquei danado com o que aconteceu. Nós estávamos muito cansados. Tinha havido aquele problema com o I/11º RI.

O Tenente que estava na frente, apavorou-se com a encenação do alemão, acabou recuando, e quando recuou, recuou o segundo, e veio o pânico na Companhia, que foi levando todo mundo.

O Major Jacy Guimarães era o Comandante do Batalhão, não teve o pulso que o Silvino teve naquele contra-ataque alemão, no qual, inclusive, o Sinésio, que estava comandando um Pelotão, gritava de lá, pelo *walk talk*, que um tanque disparou um tiro de 88mm sobre o seu Pelotão que chegou a furar a parede de uma casa de um lado e saiu do outro, e que não dava para sustentar. O Silvino gritava de cá: “Não saia daí, Nego! Agüente firme aí”. O alemão começou bombardeando com bombas fumegantes que, em pouco tempo, a tarde clara virou noite escura na nossa área. O nosso Observador Avançado de Artilharia era o Capitão Newton de Andrade Melo.

O Newton dizia: “Oh Silvino, não quer que eu desencadeie uma barragem e esses caras se estrepam, acabamos com isso já, já”. O Silvino respondia: “Não, Nego, segure, não vai atirar agora não. Só vai atirar quando eu achar que é hora.”

Aí o Newton disse para mim: “Você, que é tão querido dele, fale com o Coronel. Eu acho que está na hora”. E o Silvino repetia: “Não, Nego, quando chegar a hora a gente faz; agüenta mais um pouquinho”.

E os tenentes e os capitães diziam: “O alemão está entrando... Eles estão entrando...”

Então o Silvino disse: “Segura essa porcaria”.

Quando chegou num determinado momento que os alemães estavam bem avançados, ele disse: “Newton, Nego, é agora. Corta a retaguarda desses caras”.

Vê que coisa bacana!

Eles tinham que fugir. Eles não podiam continuar. Não tinham como.

O Newton meteu a Artilharia, e eles saíram de lá aos pedaços, arrastando morto e ferido, e acabou a brincadeira.

Quero dar esse exemplo, diferente do caso do Jacy.

Se o Jacy tivesse dito aos tenentes dele...

Agora, por que não disse?

Porque o crime é que não podiam botar uma tropa que não tinha tido experiência como nós tivemos, digamos, fazendo a marcha de aproximação, a tomada de contato, o ataque, e fizemos o assalto, para chegar até o ponto em que estávamos.

Mas se colocou uma tropa inexperiente, boa, valente, de gente digna, que foi sacrificada porque foi usada erradamente...

Essa é a política do Tenente Dantas Borges, aqui no seu livro.

Em Monte Castelo, era fundamental tomar o Monte Belvedere, que era um monte que ficava ao lado de Monte Castelo.

A tropa americana tomou Belvedere, mas relaxou, achou que a turma era de brincadeira, resultado: "O alemão contra-atacou e botou o americano para correr". Perdemos o ponto base que daria o apoio para o ataque dos dois Batalhões.

Mas como suportar toda a montagem do alemão ali naquele lugar, com a experiência do alemão, com o comandamento do Monte Castelo pelo Della Croce e pelo Monte Belvedere? Era importante a tomada de Belvedere, como foi tomada, para poder atacar pelas laterais Monte Castelo, para derrubar a posição alemã.

Quando desceu, qual foi a solução? Vamos passar o "General Inverno" nos Apeninos.

Ao final do inverno, quando íamos partir para o ataque final, e isso é muito importante, está escrito pelo Tenente Dantas Borges, o americano tinha uma famosa Divisão de Montanha. Ficou ao meu lado, e eu não agüentava a mochila deles. Eram homens de 2 metros de altura por 3 de largura... nunca vi gente forte assim.

Essa Divisão tinha dois anos de treinamento em montanha, participou do ataque a Monte Castelo. A operação foi bem montada, com eles subindo e atacando pelos flancos em cima dos morros, e a tropa brasileira avançando para encontrar com eles nos objetivos finais. Só que, quando chegou a nossa área, área do nosso Batalhão, lá em cima, atacando de um lado e nós, frontalmente, quando chegou lá, já encontrou a gente. Chegamos antes.

Foi a vitória de Monte Castelo. Derrubamos tudo. O 21 de fevereiro derrubou tudo. E dali, foi só empurrar. Foi dali, de Monte Castelo, que se iniciou a grande jornada final, que foi aquele corre-corre...

Entramos em Bibbiano em 25 de abril de 1945. O inimigo, sentindo nossa aproximação, fugiu. E logo na entrada, encontramos uma família toda encostada na parede. Contaram-nos que minutos antes de chegarmos, os alemães os tinham encostados na parede para fuzilá-los caso não desenterrassem e lhes dessem os víveres, vinho etc, que eles sabiam enterrados. Os alemães não tinham mais comida, não tinham nada. Então, saqueavam tudo. E o pessoal tinha que dar, só que o italiano guardava tudo enterrado: comida, pizza, presunto, bebida, massa. E os alemães não

achavam, e ficavam loucos da vida. E de vez em quando matavam um, dois, para poder arranjar comida.

Quando nós entramos e chegamos a uma rua larga, enorme, essa família veio correndo nos abraçar: “brasiliani salvatori!”. Nós os tínhamos salvos. Havia um velho patriarca que não tinha uma perna, que havia perdido na Primeira Guerra, e um rapaz, filho dele, engenheiro, Enzo, que morava na fronteira com a França. Deu-me o endereço da família dele, que me abrigou uns dias. Então foi lá que fizemos essa amizade.

Já falei sobre Montese, aquela luta terrível.

Lá, inclusive, eu fui testado, porque o Silvino tinha dessas coisas. Ele, de vez em quando, escalava um para botar à prova.

O combate era intenso, e esse fato precisa ser registrado por causa do padioleiro, lá em Montese.

Aquele campo enorme, os alemães lá em cima, e nós não podíamos marchar.

O Silvino ordenou que o Capitão Álvaro Felix, que era o Capitão de Operação e eu fôssemos às Companhias para ver como estão as coisas, dar uma injeção de ânimo nos comandantes. O Silvino estava com medo de que eles falhassem, porque quase dois terços do Regimento estava fora de combate. Uma coisa terrível!

O oficial de Comunicações não tinha muito que fazer lá, mas... nós fomos.

Quando chegamos à estradinha...

Vejam a bravura dessa gente! Na pequena estrada, os nossos caçadores de minas passaram a noite inteira abrindo caminho, deixando uma pequena trilha marcada com uma fitinha branca do lado. Nós só podíamos andar ali.

Quando nós chegamos, eu, sem capacete, sem nada, porque nunca usava, e com a minha bengala o Álvaro diz: “Vamos com cuidado. Vai pulando, mas não sai daí porque já teve um caso de um que saiu da fita e perdeu as pernas”.

Seguimos... Quando o bombardeio diminuía voltávamos a trilha e saíamos correndo. Novo fogo sobre nós. Pulamos num mata-burro da estrada. Estava cheio. Quando nos jogamos no mato verde, eu acho que havia umas cinqüenta pessoas, num buraquinho desse tamanho, todo mundo escondido esperando a hora de partir.

Nós nos levantamos e o Álvaro disse: “Não tem saída. Nós temos que fugir da estrada. Esse bombardeio está muito grande”.

Ele correu para fora da estrada e ficou lá me chamando. Eu tinha pavor de mina... tinha pavor, medo, pânico.

Então pensei: “Estou frito!” E disse: “Mas Álvaro, está tudo minado”. Ele insistiu: “Desce”

Está bem!... lá fui eu...

Como a gente sabia que dificilmente caem dois tiros de Artilharia no mesmo buraco, eu dava saltos enormes para cair nos buracos, nas crateras, até que caí num buraco raso e cavei o chão batido com os dentes ...

Nesse corre-corre, nós chegamos a um lugar onde havia uma casa destruída, onde estava a 1ª Companhia que nós visitamos.

Quando eu olho o pessoal todo lá embaixo, havia um rapaz mulatinho, quase negro, um negro pardo, 3º sargento, tremendo...o padioleiro, com a sua turma.

Eu, para dar uma mãozinha a ele, para levantar a moral dele, perguntei: "Meu filho, de onde você é, rapaz?" Sou de Sergipe ...respondeu. Continuei: "Rapaz, você é de lá?... minha família mora lá, minha mãe mora lá... eu sou de Aracaju... fui do Batalhão de Aracaju....

E foi aquela história toda, fui conversando.

E ele foi relaxando.

Quando acabou de relaxar, eu disse: "Se você ficar muito apavorado, não vai adiantar nada. Eu estou aqui com muito mais medo do que você. Só que eu sei que é isso aí, não tem remédio... Então, nós temos que enfrentar..."

Sabe o que eu faço?

Eu tinha uma carteirinha que tinha comprado no navio. Nela havia lugar para retrato e coloquei um retrato da minha mulher e outro da minha filhinha. Mostrei a ele. Está vendo? Aqui é a minha mulher e minha filhinha. eu olho para elas, como estou olhando agora, dou um beijo em cada uma e digo adeus. Fecho e estou pronto. Se eu morrer, já dei adeus. E vamos para frente...

Nisso, ele tomou coragem, levantou-se, e partiu corajosamente para sua arriscada e humanitária missão de socorrer os feridos.

Bem, para encurtar essa história: nós visitamos as Companhias, vimos tudo, conforme a ordem do Tenente-Coronel Silvino, pois já havia sido promovido.

Mas, num outro ataque, tempos depois, estou com o meu pessoal fazendo a reparação de linhas e lá estava o sergipano e a turma de padioleiro recolhendo o pessoal ferido. Nessa hora, caiu um projetil de Artilharia, caiu perto do rapaz e dos padioleiros. Corri para ver. Quem tinha sido atingido... Quem tinha sido morto.

Nós estávamos já em Parma. Tínhamos passado por aquelas cidades todas e já estávamos em Parma. Veio a notícia de que os alemães queriam se render.

Eu tinha ido a uma cidadezinha, Francolise, que é um pouco à frente.

Quando eu estava lá com um soldado meu, que foi comigo no jipe, pois não deixavam eu ir só, veio um italiano correndo dizendo que os alemães vinham chegando de volta.

Vinham, realmente. Mas era uma equipe para parlamentar com o Regimento.

Então o Nelson de Mello, Comandante do nosso RI, já com seu PC em Collecchio, resolveu enviar o seguinte ultimato:

"Para poupar sacrifícios inúteis de vidas, intimo-vos a render-vos, incondicionalmente, ao Comando das tropas regulares do Exército Brasileiro, que estão prontas para vos atacar. Estais completamente cercado. Impossibilitado de qualquer retirada. Quem vos intima é o Comandante da Vanguarda da Divisão Brasileira que vos cerca. Aguardo, no prazo de duas horas, a resposta ao presente ultimato. Nelson de Mello, Coronel Comandante."

Eles tinham mandado os parlamentares, mas o Nelson disse: não aceito, só aceito com rendição. Então deu a eles esse documento, o ultimato. Eles levaram, pediram tempo, aí conversaram com os comandantes deles e voltaram com a resposta:

"Senhor Coronel Nelson de Mello, depois de fornecidas algumas indicações ao Comando superior competente, resultará uma resposta. Major Kühn."

Esse Major comandava a turma de parlamentares. Às 22h de 28 de abril de 1945, três parlamentares, chefiados pelo Major Kühn, atravessaram nossas linhas para acertar detalhes e assinar a rendição em nome de seu Comando Superior. A rendição da 148ª Divisão alemã.

Tinham 800 feridos, prisioneiros, que foram imediatamente hospitalizados; 16.000 homens, prisioneiros por força de rendição; 4 mil animais; dois generais: General Otto Fretter Pico, alemão, e General Mário Carloni, italiano. Três Unidades: 148ª Divisão alemã, parte da 90ª Divisão Panzer alemã e Divisão Bersaglieri, italiana.

Para ficar registrado. A coisa mais bonita que eu já vi.

Após o ato de rendição, os alemães tiveram, a seu pedido, um prazo para poder se aprontar. Eles passaram essa semana se preparando, e eu ia sempre de jipe ao acampamento deles, que era pertinho do nosso PC. Esses alemães engraxaram sapato, fizeram barba, lavaram roupa ficaram "nos trinques". Prepararam-se com tal capricho que pareciam ir desfilar, como se fossem a uma parada. Numa das vezes que fui lá ao voltar, passei por um terrível susto.

Havia um sargento alemão, enfermeiro, grandalhão amparando um jovem tenente ferido na coxa, sem poder andar. Estavam armados. Eu estava só nesse dia.

Conversei com o sargento alemão rapidamente, seu italiano era horrível. Pedia carona até o posto de rendição. Desci, colocamos o Tenente no banco traseiro, bem atrás do lugar do motorista. O sargento enfermeiro ao lado, amparando o ferido. Eu fiquei na frente. Mal comecei a movimentar o jipe senti a mão do Tenente batendo no meu ombro. Olhei, ele estava com uma pistola *Walther* na mão. Eu pensei: "Puxa! Na hora da guerra acabar, quando tudo já acabou é que vou morrer?

Quando olhei para ele, meio assustado, disse-me: “Presente para você”. Ele estava agradecido me dando sua pistola de presente, e ainda deu-me algumas caixas das excelentes balas alemãs.

A pistola dele estaria comigo até hoje, mas, infelizmente foi perdida; com o meu cunhado, num desastre de avião, quando era Governador de Rondônia; o avião pegou fogo e perdi a arma.

Cumpri o meu dever. Estou satisfeito. Quisera eu ter uns dez anos a menos para ajudar até o fim nesse projeto que resgata a memória da Força Expedicionária Brasileira, resgata seus feitos na Itália. Mas aí ficam documentos, fotografias, registros, que falam mais que meu modesto depoimento.

Há uma pergunta sobre o homem brasileiro. Eu disse e repito: “O homem brasileiro é aquele homem que foi para guerra”. Não é o “almofadinha”, o apaniguado que ficou aqui, que se esquivou de ir. Esse, não é o Brasil.

O Brasil é aquilo, aquela realidade daquela gente pobre, gente sã, gente terra, gente areia, gente barro, gente sem dente como a que estava lá, gente que se agigantou, adaptou-se àquelas condições extraordinárias, que tinha horror a ser preso, de ser aprisionado, coisa que herdou do nosso índio que não se deixava pear, como o “neguinho” João não se deixou. Não queria ser prisioneiro. Queria morrer lutando, mas nunca ser prisioneiro.

Essa gente fantástica, que é novinha, com cinco séculos só, mas que, um dia, será uma grande raça, será um grande povo.

Coronel Sylvio Christo Miscow*

Natural da cidade do Rio de Janeiro, RJ, pertence à turma de março de 1943 da Escola Militar do Realengo. Na guerra, foi Comandante de Pelotão de Canhões Anticarro da Companhia Comando do III BI/6º RI, tendo, durante o seu curso, desempenhado as funções de Comandante dos Pelotões de Remuniciamento e de Metralhadoras .50 do mesmo Batalhão. Após a guerra, dentre as principais funções exercidas, destacam-se a de Oficial Regional de Manutenção e, a seguir, Comandante da 5ª Cia L Mnt, em Curitiba, PR; Chefe da 2ª Seção do EM/1ª DI, no Rio de Janeiro; Comandante do Batalhão Suez, na Faixa de Gaza, Egito; Comandante do Batalhão (Escola) de Material Bélico, do GUEs, no Rio de Janeiro; Subchefe do Estado-Maior do III Exército, em Porto Alegre, RS, e Adido Militar do Exército junto à Embaixada do Brasil em Montevidéu, no Uruguai. Em 1966, foi promovido a Coronel. Além dos cursos de formação, aperfeiçoamento e comando e estado-maior, concluiu o de motomecanização e freqüentou o curso de informações para oficiais superiores estrangeiros, na *US Army Intelligence School*, *Fort Holibird*, em *Maryland*, nos Estados Unidos da América. Passou para a reserva em 1975. Recebeu as seguintes medalhas e condecorações, por sua participação na Segunda Guerra Mundial: Cruz de Combate 1ª Classe, por ato de bravura individual; Medalha de Campanha e Medalha de Guerra.

---

* Comandante de Pelotão de Canhões Anticarro da Companhia Comando do III Batalhão do 6º Regimento de Infantaria, entrevistado em 30 de maio de 2000.

Inicialmente, para mim foi uma grande honra a lembrança e a escolha do depoimento sobre a minha participação na Segunda Guerra Mundial como integrante do 6º Regimento de Infantaria para este projeto. Devo dizer que não fui voluntário para essa missão, e sim fui designado, mas a recebi com muito gosto como qualquer oficial o faria. Nela, eu iria pôr em prática todos os meus conhecimentos adquiridos na Escola Militar. É necessário esclarecer, também, que não fui Comandante de Pelotão de Fuzileiros, desempenhei outras funções. Oportunamente, falarei a respeito dos Pelotões de Fuzileiros.

É uma satisfação relatar a minha história e a farei da melhor maneira que puder. Particularmente, relatarei as questões que estão relacionadas a minha efetiva participação.

Discorrendo sobre o modo como se processou a organização da FEB e como estavam nossas condições de preparo em termos de tropa para o início da campanha; eu diria que, em relação àquela, o Exército Brasileiro, até então, seguia a linha francesa e nós iríamos participar de uma campanha patrocinada pelos americanos. Portanto, teríamos de seguir a linha americana. O nosso Exército não muito rico, de certa forma até pobre, sofreu muito para fazer a organização do que seria uma Divisão, ou melhor, um Corpo de Exército para mandar à Itália.

Os americanos classificavam os elementos a serem designados para a Guerra em categorias: especial "E", normal "N" e ainda, os incapazes, definitivamente ou não. Logo se viu que seria muito difícil, dadas as condições determinadas pelos americanos, processar uma organização. Assim, o Ministro da Guerra baixou uma ordem unificando as duas primeiras classificações, "E" e "N", para tornar mais fácil fazer-se a mobilização.

Havia também uma outra grande dificuldade, que era a ausência de especialistas no Exército Brasileiro, pois a organização moderna do Exército americano exigia um grande número de especialistas. Então, para nós era muito difícil. Essas são as dificuldades que me vêm na memória, mais rapidamente, sobre a organização da FEB.

No que diz respeito às condições do 1º, 2º e 3º escalão em termos de instrução, preparação na Itália, o 1º escalão foi beneficiado em relação aos demais. Em primeiro lugar, porque ao desembarcarmos em Nápoles fomos transportados, progressivamente, ou por ferrovias ou por caminhões, para várias cidades que iam se aproximando da frente de combate, tais como Tarquinia e, depois, Vada. Esta progressão nos fez começar a sentir os efeitos da guerra, os quais já eram sentidos desde o nosso primeiro acampamento, perto de Nápoles, quando apreciávamos a ação da aviação alemã que, apesar dos grandes balões que cobriam a cidade, obrigavam o desencadeamento da barragem antiaérea. Isto já dava para nós – embora não

apresentasse perigo, pois estávamos a uma certa distância –, uma primeira idéia do que seria uma guerra. Havia gente que afirmava: "Parece até uma noite de São João".

À proporção que íamos nos deslocando, íamos começando a receber armamento, instruções e nos ambientando, também, mais com aquele clima de guerra. Eu gostaria de citar, aqui, algo que nos impressionou muito no acampamento de Vada. Nós ficamos ao lado de um cemitério americano que recebia os mortos daquela frente de combate.

Ao cair da tarde, todos os dias, chegavam os caminhões com os corpos envoltos em uma espécie de sacos brancos. Eles eram desembarcados e sepultados, muitas vezes, com a presença de um capelão que fazia encomendação dos corpos. O que nos impressionava um pouco era que os italianos continuavam preparando as covas simetricamente. Isto me fazia pensar – pelo menos na minha cabeça às vezes passava esta idéia e devia passar na dos outros também – será que essa aí vai ser para mim? Mas este pensamento, de qualquer maneira, foi nos dando uma idéia mais positiva, mais precisa do que seria a guerra.

Posteriormente, no Batalhão, recebemos a primeira missão na frente de combate. Nós não estávamos em contato direto com os alemães, e sim em contatos apenas de patrulhas. Portanto, pode-se dizer que foi mais uma parte daquele engajamento paulatino até chegar a guerra de verdade.

Isso foi muito diferente dos outros escalões que desembarcaram em Nápoles e foram levados por lanchas de desembarque até Livorno. Eles tiveram, também, uma preparação mas não tão grande como a nossa, que foi muito importante para todo o Destacamento. Nela, participamos de um exercício de 36 horas, o qual se deu numa região em que houvera combate; inclusive, nesta região, havia minas espalhadas pelo terreno. Esse grande exercício teve a arbitragem de muitos militares americanos que, no seu término, disseram que o Destacamento estava em condições de combater.

Quanto ao 2º e o 3º escalão, entraram logo na frente, exatamente em Monte Castelo. Então, neste particular, eu diria que nós tivemos uma vantagem não só deste preparo mais demorado, mas também da situação propriamente de entrada de combate de uma tropa, pois nosso contato estava rompido, só existiam patrulhas; diferentemente dos outros Regimentos que entraram praticamente atacando Monte Castelo.

No Brasil, quando a campanha já se avizinhava, não participamos de algum exercício, em nível de Grande Unidade. Eu soube que, nesse escalão, só houve uma demonstração grande de Artilharia em Gericinó, assistida pelo General Mascarenhas e vários outros. Nós tivemos mais aqueles preparos individuais, auxiliados pelos

oficiais brasileiros que tinham estado nos Estados Unidos, mas sem participar de um exercício grande. Para os 2º e 3º escalão, que eu me lembre, houve apenas esse exercício da Artilharia Divisionária, em Gericinó.

Antes de comentar o transporte para o Teatro de Operações, eu gostaria de falar da preparação feita para despistar o inimigo. Havia vários exercícios, cada Regimento ia para um lado. Isso foi muito bem feito. Essa discrição no transporte, pelo menos do meu escalão, até a Itália foi uma das coisas que mais me impressionou nessa guerra.

Posso garantir que ninguém do 1° escalão, com mais de cinco mil homens, sabia que ia para a guerra. As conversas que existiam, na sua maioria, mostravam, como objetivo da viagem, o norte da África. Só viemos a saber, com toda segurança, o nosso destino, as vésperas do desembarque em Nápoles. Então, o sigilo deste transporte, a meu ver, foi muito bem-feito.

Em uma determinada noite, saímos da Vila Militar num vagão fechado e fomos até o cais do porto. Lá, já havia aquela naviarra nos esperando; assim, embarcamos e ficamos um dia, no outro o navio partiu. Naquele momento, sentíamos que a nossa vida ia se modificar completamente.

O navio era dividido, tinha capacidade para mais de cinco mil homens, com a tripulação de 1.700. Os oficiais eram alojados em compartimentos pequenos com camas beliches, superpostas, totalizando oito ou 12. No meu caso, por exemplo, que era de 2º Tenente, eram doze camas e as praças foram alojadas em compartimentos estanques, cada um contando cerca de quatrocentos beliches, interligados apenas por pequenas escotilhas e escadas.

Concorria à escala de serviço, nesses compartimentos os oficiais mais modernos em seguidos quartos – como eles chamavam os quartos de serviço –, de quatro horas cada um. Sendo que, todo dia, era o mesmo quarto, não havia rodízio. Casualmente, posso citar que eu tive o azar de pegar o pior dos quartos, que foi o de meia-noite as quatro da manhã. Toda noite havia aquele serviço de quatro horas.

Eram quatrocentos homens, quase a totalidade de “marinheiros de primeira viagem”, que, ao final do segundo dia, já enjoavam bastante, tornando o ar irrespirável dentro daqueles compartimentos.

Essa foi uma parte da história que ficou bem gravada; a outra parte, foi a seguinte: nós, acostumados àquelas três refeições diárias, isto é, o velho feijão com arroz, passamos a ter duas refeições. Uma, às sete da manhã e outra, às cinco da tarde, tudo nos moldes da comida americana: *breakfast* com ovos, com presuntos e geléias etc, a que os brasileiros não estavam absolutamente acostumados. Muitos chegavam, depois do segundo ou terceiro dia, a não sair para ir às refeições. Lem-

bro-me de que, às vezes, davam-nos maçãs e de que essas eram disputadas a toda força, pois eram do que os brasileiros mais gostavam.

Quanto ao mais, o nosso navio era artilhado com dois canhões, se não me engano, de 105mm, um na proa e outro na popa e várias metralhadoras .20, em todo o navio. Essas armas eram guarnecidas nos exercícios chamados "postos de combate", que eram feitos praticamente todo dia, em que nós tomávamos parte, ocupando lugares pré-determinados. Eu lembro que quando os canhões atiravam, parecia até que o navio todo estremecia. Existiam os "postos de abandono"; quando era avisado pelo rádio, todos iam para escaleres previamente determinados, para serem ocupados em caso de naufrágio.

Pouco depois de nós deixarmos a costa brasileira, apareceu o nosso comboio que iria nos escoltar, até a entrada do Mediterrâneo. Eram navios americanos e três destróieres brasileiros o que, de certo modo, dava-nos uma segurança, embora o perigo dos submarinos estivesse sempre presente. Recordo-me de um soldado, deve até ter enlouquecido completamente, que andava com uma espécie de luneta feita de papelão procurando submarino o dia inteiro. Fora essas observações, quanto à saúde dos integrantes, o mais se restringe a apenas ligeiros problemas de resfriado etc.

O entretenimento a bordo, que era pouco e eu mal freqüentei, constituía-se de um espaço em que haviam jogos de salão como xadrez e damas, tocava-se música e exibia-se alguns filmes antigos. Mas as pessoas gostavam, mesmo, de ficar no convés sempre acompanhadas de seu colete salva-vidas chamado *Mae West* que tinha de ser usado continuadamente. No convés, então, aconteciam os papos entre amigos etc, em que sempre se faziam conjecturas a respeito do destino, para onde nós iríamos e por que não sabíamos. A maioria julgava ser o nosso destino o Norte da África.

Chegando à Itália, o momento em que se deu o meu batismo de fogo, como não podia deixar de ser, ficou bem gravado e ficará até o dia em que eu "sair desta para melhor", como se costuma dizer. Nós estávamos na região de Monte Prano-Monte Acuto, já sentindo os efeitos do combate. Eu estava no PC da 7ª Companhia no alto do Monte Prano, de 1.300m de altura, quando foi feito um prisioneiro. O Comandante da Companhia me pediu para levá-lo à retaguarda o mais rápido possível, a fim de ele ser interrogado.

Para se atingir o Monte Prano existia uma estrada de terra estreita sem nenhum acostamento e muitas curvas. O Capitão me passou o comando do prisioneiro e eu o coloquei sentado atrás no jipe; o meu motorista, eu o coloquei à minha direita. Assim, peguei a direção e desci aquela estrada sinuosa. Pouco depois, os

alemães começaram a atirar fogos de morteiro. Ouvia-se aquele barulho característico, inclusive quando caíam nas ravinas fazendo um estrondo muito grande. E eu cada vez pisava mais no acelerador procurando sair daquela estrada difícil.

Engraçado, eu me lembro, talvez pela minha juventude, cerca de 20 anos, que estava me sentindo ali como já realmente em guerra. Honestamente, naquela hora eu não senti medo. Eu era um jovem que estava participando de uma guerra em que granadas caíam e que poderia até cair uma em cima do jipe em que eu estava; mas que, felizmente, não caiu e nós chegamos embaixo onde eu fiz a entrega do prisioneiro, graças a Deus, incólume.

Assim, foi o batismo de fogo e, logo após isso, houve o problema do ferimento de um tenente do nosso 6º RI, Tenente Eduardo Juvenal Schmidt, que era o Comandante do Pelotão de Remuniciamento.

Naquela ocasião, estávamos nos transferindo para o Vale do Reno, já haviam sido feitos reconhecimentos e nós íamos substituir, se não me engano, um regimento americano. Fomos por uma estradinha, muito sinuosa, de terra, que levava até as posições bem próximas da linha de frente.

As viaturas da Companhia de Comando do III Batalhão eram a maioria jipes e as do meu pelotão, eram três caminhões de 1,5 tonelada e um jipe. Acresce dizer que naquela estrada os alemães tinham uma visão direta sobre ela; então, a qualquer movimento eles atiravam. Até a noite, faziam tiros de inquietação. O bombardeio se deu quando estávamos subindo a tal estrada. Mal iniciou o bombardeio, a ordem era para todos abandonarem as viaturas e procurarem abrigar-se da melhor maneira possível. Alguns se abrigaram dentro de um tubo – de um pequeno rio – em que passava água. Era melhor ficarem molhados do que expostos.

O bombardeio continuou. Em um dado momento, alguém me disse: "O Tenente Schmidt, Comandante do Pelotão de Remuniciamento, foi ferido". Foi quando eu saí da minha posição e vi o Tenente Schmidt, rapaz muito corajoso, abnegado mesmo, carregando um sargento que tinha sido ferido. Outros soldados tinham sido feridos, mas ele pegou o sargento, que estava mais perto. O Tenente vinha com o sargento nas costas, quando uma granada alemã foi lançada, ferindo-o gravemente. Se não me falha a memória, essa granada atingiu, também, o sargento ferido, levando-o à morte. Schmidt foi socorrido no Posto de Saúde do Batalhão.

Desde então, fui designado para comandar, acumulativamente, o Pelotão Anticarro e o Pelotão de Remuniciamento. É relevante mencionar que o Tenente Schmidt era especializado em minas. Nos primeiros embates, quando havia muitas minas eu me lembro de ter visto o Tenente abrindo brechas em campo de minas. Faço esse registro como uma homenagem ao Schmidt.

Ao assumir esta nova função, instalei dois postos: um avançado e outro mais à retaguarda. Aquele era o mais próximo das primeiras linhas, para poder atender melhor as companhias que estivessem necessitadas, e este, mais a salvo das granadas – o que seria relativo, pois estas caíam até nos PC na retaguarda. Lembro-me de que no posto avançado houve uma missa em que eu, católico, fiz várias orações pedindo por meus pais e por minha noiva, com quem eu viria me casar, e, graças a Deus, sou casado, até hoje, 55 anos depois. Pedi ainda para que aquela guerra viesse a desenvolver-se da maneira mais rápida possível com a vitória dos Aliados.

A poucos metros da linha em que eu me encontrava, fora ferido um prisioneiro da 7ª Companhia. Era uma situação que se constituiu, talvez, no maior golpe de mão que o meu Batalhão sofreu.

Foi sob a 7ª Companhia principalmente, que dezenas de alemães – depois nós soubemos que eles tinham tomado muita grapa, cachaça italiana –, vieram com uma metralhadora amarrada em cada braço. O ponto principal seria aquele, mas eles fizeram também ações diversionistas em cima da 8ª e da 9ª Companhia para poder disfarçar, vamos dizer assim. Foi um combate muito feio, com intensa troca de lançamento de granadas, com tiros de metralhadoras. No dia seguinte, acharam um alemão morto dentro de nossas linhas e um cabo, também alemão, ferido com dois balaços na coxa. Como fora ferido dentro das nossas linhas, ele foi evacuado como se fosse um dos nossos, evacuado em padiola etc. Este cabo gemia muito com aqueles dois tiros. Depois, foi levado para o PC do Batalhão, onde iria sofrer o interrogatório inicial.

Recordo-me da chegada desse alemão ferido com a perna ensangüentada, mas já com os primeiros curativos feitos. O ataque tinha começado mais ou menos umas duas horas da manhã e já eram umas quatro, quatro e meia da manhã e o alemão estava lá, deitado em cima da mesa quando alguém veio trazer uma bandeja com cafezinhos, cafezinho brasileiro, quente. Cafezinhos maravilhosos.

Naquela época, na guerra, diga-se de passagem, obter café brasileiro era difícil, quase não existia. O café deles era feito com milho torrado ou coisa parecida. Lembro-me de que a primeira xícara foi oferecida ao alemão que estava deitado, ele ficou estupefato, não acreditava naquilo que estava vendo. Como é que ele, um elemento que meia hora antes estava fazendo parte de uma tropa de assalto, naturalmente para nos matar ali, era atendido em primeiro lugar?

Nesta solicitude, nesta prioridade, vê-se o espírito do brasileiro. Como ele era, ali naquela situação, o único ferido, gemendo com dois buracos na perna, o primeiro café foi para ele.

Esse cafezinho maravilhoso não driblou o rigoroso inverno europeu. O pessoal sentiu muito a influência do clima, grande número de soldados, de oficiais ficou

doente, conforme estatísticas da FEB. Apesar das roupas que os americanos forneciam: casacos grandes forrados de lã, jaquetas forradas de lã, camas, sacos forrados de penas que esquentavam bastante, sentiu-se muito o frio.

Onde estávamos, alguém tinha um termômetro e, diariamente, lia-se a temperatura, a máxima que se teve foram 18º negativos o que, para nós, realmente, foi muito forte. Os deslocamentos feitos àquela temperatura não eram fáceis. Certa vez, o Comandante do Batalhão me deu uma missão para eu ir à retaguarda desempenhar alguma tarefa e voltei quase congelado. Isto se deu porque os jipes, naquela época, tinham os pára-brisas abaixados e encapuzados com lona para evitar o reflexo, o que fazia com que se recebesse, ao dirigir o jipe, cinco, dez, quinze graus abaixo de zero, diretamente no rosto. Sob estas condições, o Comandante do III BI/6º RI, Major Silvino Castor da Nóbrega designou-me uma missão e eu lembro que dela retornei sem poder prestar-lhe o resultado, pois o meu rosto estava quase congelado. Só depois de alguns minutos e, de dar alguns tapinhas no rosto, eu consegui falar.

Existem fatos e situações que nós esquecemos 55 anos depois, mas há partes que ficam gravadas até o nosso último dia. Uma das situações que ficou gravada foi o acompanhamento, por parte da nossa gente, dos ataques da FAB, do nosso Senta Pua, os P-47 em cima de Monte Castelo. Eles davam piques, procurando atingir a contra encosta em que estavam, naturalmente, os postos de remuniciamento e, também, era onde se apresentavam alvos mais próprios para a aviação.

Esses ataques eram acompanhados por nós, que víamos quando os aviões mergulhavam e desapareciam atrás da elevação. Assistíamos aos alemães atirando com os canhões antiaéreos. Os aviões desciam e quando passavam no meio daquelas explosões, nós pensávamos: “Puxa, esse foi atingido”. Dali a pouco, um avião subia do outro lado, o que era uma alegria para nós. Alguns de nós chegavam a bater palmas, pois era uma satisfação ver a nossa experiente força aérea mergulhar e conseguir sair no meio daquele fogo antiaéreo.

Quanto ao desempenho do pessoal, exatamente porque não obtiveram um treinamento completo e, ainda, pelo fato de terem, a apenas duas semanas, praticamente, antes de entrar em combate, recebido o material a que não estavam acostumados, saíram-se muito bem.

Exemplificando, eu citaria o morteiro 60mm e canhões de 57mm. Nós havíamos treinado no Brasil com canhões 37mm pesando quatrocentos quilos tracionados por jipes e, recebemos na Itália canhões 57mm pesando 1.300 quilos, guarnições muito maiores, tracionados por caminhões de 1,5 tonelada, que nos apresentavam grande dificuldades. Às vezes, de entrar em posição, porque com jipe, em Gericinó, era muito fácil, dava uma pequena volta e já estava em posição, mas com o 57mm era muito difícil.

Nessa ocasião, nós tivemos a grande ajuda de um sargento de tanques, americano, porque durante esse último treinamento houve vários americanos que foram designados, de acordo com a especialidade de cada um, para estacionar junto, para tirar dúvidas como instrutores. Inclusive, para ajudarem nos regulamentos americanos, pois estes eram em inglês e pouca gente sabia. O tal sargento nos ajudou muito, ele chamava a nossa atenção para os canhões 88mm alemães, porque eram canhões de grande velocidade inicial e, quando o projetil chegava, não anunciava a chegada como o de artilharia; principalmente, os de morteiro que, às vezes, levavam vinte, trinta segundos. Então, o tiro era direto, quando se ouve ele já está estourando.

Apesar do treinamento pequeno, os nossos oficiais e graduados se saíram muito bem. Afinal de contas, participaram de uma guerra – nós tivemos uma guerra que terminou em 1870; na Primeira Guerra Mundial, em 1914, uma pequena participação – enfrentando um elemento que já estava lutando desde 1939, com armamento potente etc. Considerando tudo isto, eu daria um “MB” – muito bem – para eles.

Aos soldados eu faria também uma homenagem, especial, pois enfrentaram todas as vicissitudes. Havia pontos em que eles participavam muito de patrulhas e nunca se furtavam ao receber essa missão. Afinal, ir à “terra de ninguém”, sem saber se voltariam ou não, é muito difícil e eles nunca refugaram. Há pouco tempo, eu conversei com um amigo meu, do pelotão de fuzileiros, e ele disse que havia gente que, usando aqui um termo característico militar, “peruava” para ir àquela missão; eram voluntários.

Quando havia baixas, fosse por ferimento ou por mortes, e retraimento, eles mesmos se ofereciam para ir buscar o companheiro. Muitas vezes, quando chegavam lá o ferido já estava morto, mas era trazido assim mesmo, ao cair da noite. Então, esta parte eu posso mencionar e o destaque é justo.

O relacionamento com a população local foi muito interessante. Desde que nós desembarcamos em Nápoles, com aquela cor verde do uniforme, que era a cor dos uniformes alemães, os civis que nos viam, olhavam desconfiados. Alguns diziam “tedesco! tedesco!”, isto é, alemães. Muitos perguntavam a nossa origem, pois há pouco tempo os alemães tinham saído de lá. Mas nós tomávamos uma cidade e a população, que nos recebia de braços abertos, dizia que os alemães eram muito maus, pois tinham levado vacas, porcos, roupas, tudo deles. Chamou-me a atenção quando eles afirmaram o mesmo sobre os americanos; embora, antes disso, olhassem para um lado e para outro desconfiados. Assim, via-se que nós, brasileiros, éramos muito estimados pela população.

Para mim, o soldado alemão era, realmente, um grande soldado que combatia, recebia preparações de artilharia tremendas e não refugava, ficava. Quando o ataque começava, os alemães já apareciam. Eu me lembro que, já no fim da guerra, tive a oportunidade de falar com um prisioneiro, feito pelo meu Batalhão, na tomada de uma posição de metralhadora; perguntei-lhe a idade e ele me disse ter 17 anos. Com isto, vê-se que, no fim, Hitler já convocava soldados quase crianças.

Uma vez perguntei àquele soldado por que ele não recuara, a sua resposta foi que não tinha recebido ordens para isto; então, ficou ali até o fim. Não tenho outra opinião a não ser a de que os soldados alemães eram, notadamente, profissionais.

Após o inverno e, aquele treinamento todo com as patrulhas, os combatentes se tornaram veteranos em pouco tempo, o que se evidencia nas grandes vitórias alcançadas.

Durante os dois meses do inverno, o que se teve foi uma defensiva agressiva. Nunca se deixou de troar a Artilharia nem a patrulha de atirar. Era uma defensiva agressiva mesmo. Com isso, ganhamos muita experiência.

É necessário destacar-se o 6º RI no Vale do Sercchio, pois ganhou um conceito muito elevado do General Mark Clark, com justa razão, porque ele teve um desempenho espetacular nessa região. Foram justamente os encontros nesse Vale do Sercchio em que aconteceram diversas situações difíceis. Uma primeira situação se deu perto de São Quirico, em que o Aspirante-a-Oficial José Jerônimo Mesquita morreu; houve uma outra, que o Comandante da Companhia de Petrechos Pesados do Batalhão estava numa circunstância junto ao Tenente José Maria Pinto Duarte que, no meio do combate, entraram numa casa e foram vistos pelos alemães e, logo após a cercaram. Era uma conjuntura penosa: o que fazer? Pensaram em se entregar ou sair dali de qualquer maneira. A última opção foi a melhor, eles se atiraram pela porta, pela janela e por tudo. O Capitão Atratino Côrtes Coutinho, Comandante da Companhia, foi um dos que conseguiu escapar dos alemães, que metralhavam durante a fuga. O Tenente José Maria foi atingido por uma rajada violenta e, coitado, lá ficou.

Eu fui o Comandante do Pelotão Anticarro e , apesar disto, vou citar uma outra ação que, propriamente, não foi de anticarro, mas que é pertinente ao contexto. Quando houve essa rocada no Vale do Sercchio, a Infantaria retomou o contato com o inimigo. As condições precárias das estradas, agravadas por chuvas torrenciais, impediam a passagem das viaturas. Por esta razão, o Comandante do Batalhão me chamou e disse: “Olha, parece que nós não temos carros inimigos aqui”. Ele sugeriu que abríssemos uma picada, em um trecho interrompido da estrada, e nosso pelotão conseguiu, quase na marra, abri-la com meios de fortuna. Este caminho permitia a passagem das viaturas de 1,5 tonelada e até de canhões.

Considerando a Campanha nos Apeninos, destacam-se alguns fatos singulares. Depois da tomada de Monte Castelo, em que nós tomamos posição do lado do Monte Gorgolesco, eu já estava, inclusive, comandando o Pelotão de Metralhadoras .50.

Cada Companhia tinha uma dessas metralhadoras para proteção antiaérea dos PC mas, como praticamente não tinha aviação, eu soube também que outros batalhões fizeram isso. Eram quatro metralhadoras, uma de cada Companhia, no caso 7ª, 8ª, 9ª e Comando. E foi feito esse Pelotão de .50.

Subiu ao monte Gorgolesco um Tenente americano em um tanque com canhão calibre 76mm, de alta velocidade inicial e nós ficamos muito amigos. Quando havia algum movimento de patrulha, fazíamos o nosso plano de fogo. Tratava-se de um plano de fogos pela carta, em que se fazia a amarração com as .50 apenas usando a munição antiaérea. Não se tinha tempo nem máquina de carregar, logo, era um tiro traçante e um explosivo; então, atirávamos com aquelas caixas, cada uma com 275 tiros. Daí o meu contato muito grande com aquele Tenente. Ali, nós passamos muito tempo sofrendo um frio danado e eu, com as minhas metralhadoras .50 fazia, em tiros amarrados, a inquietação noturna nos pontos de cruzamento por onde a gente sabia que podiam passar munição, comida etc.

Houve, apesar de rara, uma incursão da aviação alemã quando nós estávamos, uma vez que saímos do *front*, reunidos em Porreta Terme, local em que se encontrava o QG do General Mascarenhas. Estávamos acantonados ali porque requisitávamos as casas dos italianos, que as davam sempre com muito prazer, dispondo-se delas com muita cordialidade. Nós, em contrapartida os acomodávamos no soto-terra – embaixo da terra – nas cantinas e ficávamos nos andares de cima.

Os italianos colaboravam muito em termos de alimentação, observei bem isto. Havia um racionamento tremendo, assim nós os ajudávamos, inclusive, com aqueles alimentos, que muitas vezes os soldados não gostavam, em latinhas. Lembro-me de uma italiana que pegava farinha de trigo e fazia uma pasta, num dos seus momentos de descanso.

Aconteceu numa noite, um fato muito desagradável: passou um avião alemão e soltou uma bomba. Não se pôde saber, pelo barulho, qual era o calibre dela, mas pelas conseqüências, calcula-se que deve ter sido uma bomba de grande calibre. Essa bomba caiu em cima de um pedaço de casa em que estavam muitos italianos destruindo e matando cerca de dezesseis civis e mais o meu sargenteante[1] – 1º sargento Osmar Cortez Claro. Muitos se surpreenderam com o fato de a mesma ter caído a cem

---

[1] Cargo exercido pelo sargento mais antigo da Subunidade. Responsável pelas atividades ligadas diretamente ao Comando, particularmente de pessoal.

metros do PC, conforme o que se apresentou num relatório. Isto praticamente na única incursão aérea que meu Batalhão teve.

Existem ainda fatos relacionados aos Apeninos que eu gostaria de mencionar como, por exemplo, o ataque a Montebuffone que ficava à direita de Montese, uma elevação com cerca de novecentos metros de altura. Desapareceu na fumaça e na terra das explosões.

Os ataques se desenrolaram do seguinte modo, houve uma preparação de Artilharia, em que foram disparados seis mil tiros de todos os calibres, nela entrou toda a Artilharia brasileira, juntamente com a de Corpo de Exército, penso que talvez a de Exército também. Foi uma preparação que durou cerca de uma hora. Quando o Montebuffone foi atingido não havia expectativa de sobreviventes, devido à quantidade da fumaça. Aos poucos, foi serenando, baixando e, neste momento, pôde se ver os buracos feitos pelas granadas, quase tocando um no outro. Isto evidencia a quantidade de tiros que se deu. No ataque de Infantaria, eu estava na retaguarda com minha posição de metralhadora, todos os infantes apareceram e começaram a atacar. A progressão foi muito facilitada em razão desse fogo contínuo da Artilharia.

Depois da tomada de Montese um outro ponto importante a se destacar é que eu tenho a impressão de que os alemães iriam retirar-se, como realmente se retiraram, e para não deixarem munição de morteiro, eles resolveram soltar tudo para cima de nós, de qualquer maneira. Eu me recordo, perfeitamente, das cinco, dez, quinze "largadas" de morteiros, ouvia-se o barulho deles saindo e nós esperávamos uns vinte segundos, depois ficávamos, cada um, procurando esconder-se melhor no seu *fox hole*, pois tínhamos a certeza de que aquilo ia chegar. Isto demorou muito tempo, então alguém concluiu que eles estavam soltando tudo porque iriam embora e não queriam deixar munição em nossas mãos.

Eu tive a oportunidade, desde o desembarque em Nápoles, de observar a degradação que a guerra expõe o homem. Uma degradação que se configurava, por exemplo, na prostituição em larga escala. Foi impressionante o grande número de italianos oferecendo, com tabela, especificando o preço de acordo com o tempo em que se dispunham, senhoritas e até meninas. Para eles não havia perigo, pois ao longo de Nápoles existiam umas placas, *off limits*, que avisavam do limite. Daquele ponto em diante, não se podia passar; caso o fizesse, a responsabilidade era inteiramente do cidadão.Tratava-se de um espaço em que eram promovidos os encontros.

Direcionando melhor o assunto, passo a referir-me ao apoio logístico recebido do escalão superior. O apoio logístico do americano era muito grande e também muito bom. Era o maior apoio possível, fosse na parte de munição, alimentação, saúde etc. Recordo-me de um Tenente americano que me disse o seguinte: "um

homem leva vinte e um anos para ser feito, um tanque leva vinte dias", é uma frase marcada na minha memória.

Além desses, houve momentos de descontração como o dia de Natal em que toda a tropa além-mar comeu peru, comida típica nesta data do ano e atitude cultural clássica nos Estados Unidos.

Retomando o viés abordado, o que mais me impressionou na Campanha da FEB foi o fato de ao chegarmos à Itália, em Nápoles, vermos todos aqueles americanos cheios de medalhas. Depois, fomos para o *front* e começamos a ter as nossas situações difíceis. Poucos foram os agraciados com medalhas. Parece-me que o Capitão Ayrosa – Ernani Ayrosa da Silva –, recebeu uma medalha naquela atuação, em Camaiore. Essa comparação fazia o brasileiro sentir-se inferiorizado. O americano atravessava o Atlântico e já tinha uma medalha *over sea*, depois ia para um TO e recebia uma outra medalha. Ia para outro, recebia uma nova medalha e assim por diante. Nós, brasileiros, não recebíamos nada.

Havia outro aspecto muito notado. As tropas de Infantaria que tinham quarenta e cinco dias de *front* recebiam uma placa azul com um fuzil e com louros, esta placa ficava presa no uniforme, indicando esse fato. Entre os americanos havia um respeito muito grande em relação a quem possuía as medalhas de Infantaria. Essas insígnias orgulham qualquer homem. E nós, militares, vivemos dessas condecorações que não são monetárias. A ausência das insígnias a nós, brasileiros, abateu-nos um pouco, porque começaram as comparações que levavam à dedução de que quanto mais medalhas se possuísse, melhor seria o combatente.

Como se vê, muitos dos acontecimentos me impressionaram bastante nesta jornada. Algo que me chamou a atenção foi a divisão perfeita entre a parte tática e a parte logística que faziam o Comandante Major Silvino e o Subcomandante Capitão Virgínio da Gama Lobo. A parte tática ficava a cargo do Comandante do Batalhão e a parte logística com Gama Lobo, que era terrível aos olhos de muitos que reclamavam de seus excessos.

Enquanto não me falha a memória, exponho que, a princípio, a guerra, para mim, era só operação. Aos poucos, pude perceber, através da minha prática na elaboração dos relatórios diários de munição, que a burocracia da guerra era tremenda. Diariamente, as Companhias tinham de mandar uns mapas definindo mortos, desaparecidos, extraviados etc. Do mesmo modo apresentar, referente ao pelotão de remuniciamento, os gastos de munição consumida ou recebida no início e no fim do período. Este controle permitia ao alto escalão ter uma idéia de como as coisas estavam se processando e verificar se era preciso buscar mais recompletamento, munição etc.

No Brasil, antes de irmos à guerra, a parte logística que tínhamos possuía, na verdade, uma idéia de preparar-nos para o sofrimento. Certa vez, nós, na Escola Militar, fizemos uma marcha num dia de Sol; depois, na hora do almoço, deram-nos farofa com lingüiça, sem água. A idéia que era, aparentemente, a de sofrer, passou a ser, no meu entendimento, a de dar ao homem o melhor possível para que ele tivesse um excelente desempenho. Desempenho como o do Tenente Eduardo Cerqueira César, que ficou quarenta e oito horas dentro de uma casa esperando uma patrulha alemã.

O Tenente Eduardo, de São Paulo, mais precisamente de Marília, recebeu esta missão não do Batalhão, mas da Divisão, lá de cima. Deslocou-se para uma casa, na "terra de ninguém", freqüentada por patrulhas brasileiras e por patrulhas alemãs. Não sabíamos, exatamente, qual era a tropa dos que estavam em frente. Como o E2 – oficial-de-informações – queria saber quem estava lá, designou uma patrulha para aprisionar um alemão e levá-lo até a Divisão. Deram vinte e quatro horas e foram feitos os preparativos para o trabalho. O Tenente Eduardo deslocou-se e ficou na casa onde encontrou dois, três ou quatro italianos que estavam escondidos lá. Ali permaneceu as vinte e quatro horas, na escuridão, esperando que entrasse um alemão. Passaram as 24 horas e chegou uma ordem do E2, Coronel Amaury Kruel, determinando que ele ficasse mais 24 horas. Naquele momento, embora condoído, transmiti-lhe a ordem. Mas não apareceu nenhum alemão, era um silêncio absoluto, tanto durante o dia quanto durante a noite.

Quando esse Tenente voltou, eu o tinha visto sair com a patrulha e o vi na chegada da primeira linha. Estava barbado, aparentemente, envelhecido uns cinco anos. A tensão o envelheceu mais, porque se ele tivesse, por exemplo, chegado lá, enfrentado o alemão e feito corpo a corpo com metralhadora era uma situação; mas não, ele ficou quarenta e oito horas esperando, ansiosamente, pelo indivíduo.

Uma outra pessoa que merece o meu destaque é o Tenente de Transmissões, Waldemar Dantas Borges, eu o considero um oficial excepcional; ele mantinha as transmissões do Batalhão de uma maneira incrível.

Aproveitando o ensejo das transmissões, refiro-me, agora, à existência da rádio alemã Auriverde. Essa rádio propagava, intensamente, que estava no Brasil. Criticava o Brasil, declarando que os americanos queriam apossar-se das riquezas de nosso País, que estava morrendo na Itália. No dia de carnaval, não sei como, eles irradiaram isto como se fosse um samba, na Avenida Rio Branco, com batuque mesmo. Ouvindo isso eu lembrava ao meu pelotão que se tratava de tentativas para diminuí-los moralmente e que não nos devíamos preocupar, porque eu tinha a convicção de que ganharíamos aquela guerra.

Como eu mencionara, o Tenente de Transmissões colocou em cada pelotão esses programas Auriverdes, ele fez uma ligação que não prejudicou a ligação do pelotão. Assim, tranqüilamente, mostrava que aquilo era propaganda do inimigo. Ele era muito competente, notadamente incrível, tanto que o Comandante do 6º RI o chamou para ir até lá a fim de organizar o serviço ou aperfeiçoar o sistema do Regimento. As ligações telefônicas a cada cinco, dez, quinze, vinte minutos se perdiam, pois caía uma granada e isolava o pelotão. A equipe dele saía ou ele mesmo, às vezes, e recompunha a ligação telefônica, isto numa rapidez extraordinária.

Eu calculei que a guerra levaria três meses para acabar, terminaria em 19 de março na Itália mesmo, para nós. Entretanto, a guerra findou em 29 de abril de 1945, quando houve o último tiro da Artilharia da FEB e a rendição da 148ª Divisão alemã. Vê-se que eu errei o tempo em um mês e dez dias. Posso dizer que a previsão era um otimismo presente em mim, foi – e é – importante transmiti-lo aos demais.

Anteriormente, eu fiz menção à expressão combate corpo a corpo, aproveitando-a afirmo que não assisti, propriamente, ao combate corpo a corpo, mas tive conhecimento de vários combates desta natureza não com fuzis e baionetas, mas com rajadas de metralhadoras, frente a frente, em que se fuzilava o outro a dois metros de distância. Foram muitas as rajadas de metralhadoras, uma após a outra; patrulhas quase sempre trocavam tiros entre si, inclusive, quando entravam numa casa, já que iam no corpo a corpo, na base do tiro.

Eu recebi a missão de lançar redes de arame à frente do Batalhão e, realmente, passar-se da primeira linha e saber-se que está na “terra de ninguém” dá um pequeno mal estar, mas quando tem de ir, não tem jeito.

Não houve momentos em que tive de confortar os homens que estavam sob o meu comando. Contagiava-os com o meu bom humor, apesar da situação conflituosa em que vivíamos. Quando havia aqueles bombardeios, o pessoal se guardava porque o *fox hole* era realmente um abrigo espetacular. Para mim não era muito bom porque eu sou muito alto, então, o meu era mais “deita hole”, mas era a nossa proteção.

Às vezes caíam umas cinco, dez, quinze, vinte granadas na região e quando acabavam, íamos verificar se alguém saíra ferido. E eu brincava dizendo que o fato de não haver ninguém ferido evidenciava como quem bombardeava atirava mal. Isto levantava a moral de todos.

Qualquer êxito maior que se obtinha, eu reunia meu pelotão e dizia que éramos novatos, referia-me à nossa última guerra, a Guerra do Paraguai, e ressaltava a vitória alcançada, numa posição difícil contra elementos aguerridos etc.

Ainda sobre a campanha resta-me falar sobre a rendição da Divisão. É interessante abordar alguns aspectos. Embora eu não tivesse tomado parte no combate

de Collecchio e Fornovo soube que se teve uma rendição máxima, algo tremendo, cerca de 16 mil homens. Até o Grupo de Artilharia teve de dar as viaturas para se poder chegar rápido ao local e pegar o pessoal. Quando houve o desarmamento daquela gente toda e a organização de todo o material, quem ia receber canhão, por exemplo, ia para um determinado lado. E ainda havia os cavalos Pecherron, que eram muito usados pelos alemães na falta de gasolina para os veículos, até na tração dos canhões.

Então, tocou a mim receber o armamento individual dos oficiais e dos praças alemães, não sei se de algumas companhias ou de um batalhão inteiro, sei que era muita gente. E eles vinham se apresentar; principalmente, os oficiais, todos mais ou menos barbados. Eu me lembro de um camarada que usava até pelerine, de boné e pelerine, então eles vinham procurando demonstrar que não estavam derrotados, não se abatiam.

Eu recebia a arma de cada oficial. Havia arma de todo tipo como, por exemplo, uma pistola Walker. O armamento dos soldados era recebido por um sargento meu que, geralmente, recebia fuzis e metralhadoras que eram colocados em outro monte. Lembro de alguns soldados que, na hora de entregar o fuzil, beijavam-no, como uma forma de agradecimento por tê-los protegido.

Depois disso, quando se retiravam o faziam em forma e marchando, não era tudo arrebentado não. Muito sujos, ainda barbados, coluna por quatro, marchando e dizendo *eins*, *zwei*, *drei*, *vier*, ou seja, um, dois, três, quatro para marcar cadência. Emocionei-me ao vê-los desarmados, ainda marchando para irem à retaguarda. Durante a noite, alguns italianos iam até lá, carregavam os cavalos – certamente, os alemães já tinham tomado deles antes –, éramos poucos para tomar conta daquilo tudo. E os americanos chegavam e diziam que eu poderia tirar para mim o que quisesse pois se não o fizesse, outros o fariam.

Quanto aos preparativos de retorno ao Brasil, nós estávamos como tropa de ocupação em Tortona; então, fomos transportados por escalões, de caminhões para Francolise, na região de Nápoles e lá ficamos. Naquela época, vários oficiais iriam fazer um passeio, aproveitar aquela oportunidade; o termo que se usava era "tocha", também nome dado a um livro que era distribuído lá. O passeio se dava pelas regiões turísticas. Na ocasião, o Comandante do II BI, Major Henrique Cordeiro Oest procurava três Tenentes que estivessem dispostos a tudo para ir a Paris, garantindo-lhes as permissões para passar nos postos de controle. E eu, motivado pela jovialidade, fui parar em Paris.

Durante o caminho, nós nos alimentávamos nas cozinhas que encontrávamos por lá. A comida, a princípio, era racionada. Entretanto, havia o jeitinho de conse-

guir-se algo diferente de pão e vinho, que era o que se serviam na maioria dos restaurantes. Lembro-me de que no primeiro restaurante em que estive, eu perguntei: “O que é que tem?”. Disseram-me que tinham pão e vinho; logo, exclamei: “Puxa, mais um restaurante com pão e vinho!”. Foi quando o garçom me disse na surdina: “Se você quiser pagar no mercado negro, eu lhe trago os melhores petiscos parisienses”. Mas para tal, gastávamos muito dinheiro, pois bastava pedir qualquer coisa para se pagar um absurdo.

Por fim, ficamos hospedados num hotel de sargentos aviadores franceses, que nos receberam muito bem. Depois voltamos de jipe numa estrada longa e esburacada.

No retorno ao Brasil, a FEB foi muito bem recepcionada. Trata-se de uma ocasião que me lembro muito bem, porque eu já não era mais moderno, fui para lá como 2º Tenente, promovido a 1º Tenente por antigüidade; aliás, todos que foram promovidos lá foram por antigüidade. Ninguém foi promovido por bravura, não. Eu fui a 1º Tenente por antigüidade. Não me cabia, evidentemente, ser porta-bandeira do Exército, mas sei lá por que razão o Coronel Comandante do Regimento, Nelson de Mello, designou-me para essa missão e disse: “Olha, escolhe uma guarda-bandeira com gente da tua altura”.

Naquele tempo, eu era alto – acredito hoje ter encolhido – tinha 1,86cm de altura, por isso tinha sido escolhido para formar a guarda.

Houve o desembarque e nós formamos na Praça Mauá; recordo-me que começamos o desfile com música, batendo tambores etc. Quando nós chegamos na altura da Avenida Presidente Vargas, onde havia um palanque, o povo já começou a fechar-nos de tal forma que, quando nós chegamos à Cinelândia, estávamos quase em coluna por um ou por dois. Era uma vibração tremenda do povo. Homens, mulheres se abraçavam conosco, outros caíam de joelhos no chão, pegavam a bandeira e beijavam-na. Foi uma recepção apoteótica; na verdade, um grande dia.

O Exército passou a ver a FEB com outros olhos, principalmente, no tocante àquela mudança de mentalidade do Exército francês antigo para o americano. Muita coisa mudou e nós trouxemos uma experiência que, naturalmente, ajudou muito. Por este motivo, éramos algumas vezes chamados para proferir palestras.

Como mensagem final, eu gostaria de mencionar que a faço, de modo muito à vontade, já que não fui Comandante de Pelotão de Fuzileiros. Assim, gostaria de homenagear os componentes da FEB e, sem desmerecer a participação de cada um individualmente, pôr em relevo os integrantes dos pelotões de fuzileiros, aos quais foram atribuídas as mais árduas e perigosas missões e, particularmente, aos que cumpriram na sua plenitude o juramento de darem as suas próprias vidas pela Pátria.

Coronel Mário Dias*

Nasceu na Cidade do Rio de Janeiro – RJ, pertence à turma de 8 de janeiro de 1944 da Escola Militar do Realengo, data de sua declaração a Aspirante-a-Oficial da Arma de Artilharia. Teve as seguintes promoções: 2º Tenente, em 28-04-1944; 1º Tenente, em 25-06-1945; Capitão, em 10-01-1949; Major, em 14-12-1953; Tenente-Coronel, em 25-08-1963; e Coronel, em 25-04-1967. Realizou, durante a sua carreira como Oficial, os cursos de Motomecanização (Especialização) na EsMB; de Observador Aéreo na Escola de Aeronáutica; de Aperfeiçoamento de Oficiais na EsAO e de Comando e Estado-Maior na ECEME. Como Aspirante-a-Oficial, por ter-se declarado voluntário, ainda como Cadete, foi designado para o I Grupo de Obuses, unidade da FEB, vindo, depois, a exercer as funções de Observador Aéreo, na 1ª Esquadrilha de Ligação e Observação, durante todo o período de beligerância. Após a Guerra, foi Instrutor da Escola de Sargentos das Armas – EsSA; Instrutor da Escola de Motomecanização – EsMM; Instrutor-Chefe do Curso de Observador Aéreo – EsIE; Instrutor da Escola de Comando e Estado-Maior do Exército; Chefe de Divisão do Gabinete do Ministro e Comandante do 8º Grupo de Artilharia de Costa Motorizado, no Rio de Janeiro. Dentre as condecorações que lhe foram outorgadas por sua participação na II Guerra Mundial, destacam-se: Medalha de Combate 2ª Classe; Medalha de Campanha; Medalha de Guerra; Medalha Cruz de Aviação, Fita "A" (FAB); Medalha de Campanha da Itália (FAB); e Air Medal (EUA). Deixou o serviço ativo em 1976.

---

* Observador Aéreo da 1ª Esquadrilha de Ligação e Observação (1ª ELO), entrevistado em 19 de julho de 2000.

Honroso é para mim o encargo de contribuir, por mais modesto que seja, para a História da FEB e, por extensão, do próprio País.

A História é muito importante, desde que seja autêntica por se basear em fatos verdadeiros e não frutos da imaginação. Hoje, já se passaram 55 anos dos fatos então ocorridos e a memória pode nos trair muito.

Eu baseei toda essa minha entrevista em cinco volumes de memórias da FEB, escritas por mim no dia a dia. E relendo essas anotações, constatei que um fato que considerava importante para a minha vida e que transmitia a todo o instante, para amigos e conhecidos, fazia-o não como glória, mas como um fato que ocorrera comigo, não foi, fora com um companheiro meu. A minha memória traiu-me e eu vinha mentindo. Procurei um psicanalista e ele me respondeu que isso era comum: a transferência de fatos ocorridos com uma pessoa, para mente de outra pessoa. Isso me deu um certo grau de culpa, não de dolo, mas pesou na minha consciência.

Gostaria de relembrar o ambiente vivido no Brasil na época da eclosão da Segunda Guerra Mundial. A década de 1930 se caracterizou pela existência de uma ditadura, que se prolongou pelos primeiros anos de 1940, caracterizada acima de tudo pela corrupção e pela chantagem. Eu mesmo, na minha família, tive um tio vítima de chantagem. Pouco se falava, porque muito se temia das forças repressoras. A verdadeira ditadura foi a de Getúlio Vargas.

Havia uma guerra violenta na Europa, que se expandiu depois para o Pacífico, e o Brasil vivendo em calma, numa neutralidade por ser um País pacífico, não preocupado com guerra. Quando se falava em mobilização, referia-se a de pessoal e não de material.

O Brasil se preocupou mais em defender o seu litoral e as ilhas oceânicas, principalmente Fernando de Noronha, descuidando-se do restante do território, inclusive com as hipóteses referentes ao Sul, em face do novo perigo. Com os torpedeamentos de vários navios, houve um clamor público exigindo a guerra. Em frente ao Palácio do Catete, milhares de pessoas aglomeradas, bradavam: “Guerra! Guerra!” Mas, depois, não queriam mais nada com a guerra. Aqueles que mais clamavam que queriam a guerra, não se apresentaram à convocação.

E com isso, os efetivos do Sudeste e do Sul foram transferidos para o Nordeste, porque é o ponto mais próximo da Europa e da África onde se desencadeavam as operações de guerra. Tivemos perdas? Sim, perdas de torpedeamento e de doenças decorrentes das condições locais e daquela época, mas, em relação aos efetivos empenhados, e pelo tempo que lá estiveram, foram relativamente de pequena monta.

Depois dos torpedeamentos, o Brasil resolveu entrar na guerra, inicialmente pretendendo organizar um Corpo de Exército. Eu era cadete do terceiro ano da Escola

Militar, e um dia fomos reunidos em uma sala, tendo escrito no quadro-negro lá existente quatro chaves: 1ª DIE, 2ª DIE, 3ª DIE e UNE, que jocosamente o pessoal logo chamou de União Nacional dos Estudantes, mas que na realidade, era o conjunto de Unidades Não Expedicionárias. Eu havia combinado com os meus companheiros servirmos juntos, e quando eu vi aqueles quadros com quatro Grupos de Artilharia para cada Divisão de Infantaria, com a possibilidade de receber até seis aspirantes por Grupo, disse para eles, como o mais antigo na classificação, que iria escolher o I Grupo de Obuses, porque deveria ser o primeiro a embarcar, mas não foi, pois o critério foi de antiguidade de comandante, e o meu não era o mais antigo. Foi o II Grupo que deu início ao deslocamento.

Então, eu me perguntei se iria para a guerra. Ao que respondi, eu sou um profissional, tenho que ir para a guerra e não vou perder essa experiência. Nesse momento, claro que surgiram alguns questionamentos: "Ah! Eu tenho que consultar meus pais, para saber se posso ir para a guerra; minha noiva, pois já estamos de casamento planejado..." E eu disse: "Não tenho mais ninguém, não tenho pai, mãe, não vou consultar quem quer que seja. Vou decidir agora... Já decidi: Vou para o I Grupo".

A minha Unidade estava localizada em São Cristóvão, no quartel do antigo Grupo de Obuses. Foi criada para ir à guerra, e teve como comandante um dos mais brilhantes oficiais de Artilharia do nosso Exército, na época o Tenente-Coronel Ivano Gomes. Quem serviu com ele, só podia admirá-lo pela retidão de caráter e por suas atitudes militares, enfim um homem maravilhoso.

O Coronel Ivano organizou o Grupo com os contingentes recebidos das mais variadas unidades do Exército brasileiro, até pessoal oriundo de Cavalaria. E, certa feita, reclamando dos comandos superiores porque a Artilharia de Costa mandava um contingente de cem homens, por exemplo, citando no ofício de apresentação que deixam de se apresentar fulano, beltrano e sicrano, que se encontram baixados no HCE; deixam de se apresentar outros tantos, por se encontrarem presos à disposição da Justiça etc.

Não havia aquele espírito de que a força iria representar o Brasil, essa é a verdade. Era esta Nação que estava sendo representada pela FEB. E o Coronel Ivano Gomes conseguiu transformar aqueles incapazes, moral ou fisicamente, em homens aptos para a guerra, tal a sabedoria e liderança de que era dotado.

Quanto à inspeção de saúde do pessoal, vou contar um exemplo: mandado à Policlínica Central a fim de realizá-la, fui recebido por um médico que olhou para mim e disse: "Um aspirante! Que maravilha! O senhor está apto! Meteu o carimbo de 'E', excepcional; o senhor pode ir".

Assim foi organizada a FEB: o 1º escalão foi um Destacamento com base no 6º RI, de São Paulo. Os 2º e 3º escalões o foram de uma maneira um pouco confusa. A 1ª DIE se organizou com tropas de Minas, São Paulo e Rio. A 2ª Divisão que seria do Nordeste nunca se organizou, mas que se transformou em parte do Depósito de Pessoal da FEB, com o pessoal principalmente dessa região. Da futura 3ª DIE nada foi feito.

Quando eu me apresentei no Grupo, conversando com o ajudante do pessoal, soube que o efetivo de oficiais estava completo. Nós, os seis aspirantes, éramos excedentes. Mas, havia duas vagas por preencher, de observador aéreo.

Um dia, numa instrução de Técnica de Tiro em sala, o Coronel Ivano informou que a Artilharia Divisionária determinara para designar dois oficiais a fim de fazerem o Curso de observador aéreo, e ele iria adotar o critério do voluntariado. Eu dei um salto da cadeira e disse: "Eu sou!" Outro Aspirante do meu lado, fez o mesmo. Não sei se houve simultaneidade ou continuidade nas manifestações. Mas, nós dois fomos escolhidos.

Quando nos apresentamos ao Coronel Emílio Rodrigues Ribas Júnior, Chefe do Estado-Maior da AD, fomos recebidos de uma maneira grotesca, porque ele disse o seguinte: "O Coronel Ivano foi o único comandante que acertou escalar vocês para observadores aéreos". Eu olhei para o meu companheiro com sorrisos nos lábios, e disse: "Nós somos bons mesmo!" O Coronel acrescenta: " Mas, vocês sabem o porquê? Porque a vida média de um observador aéreo em combate é de vinte minutos. E vocês Aspirantes morrendo, o prejuízo para a Nação é menor do que um 1º Tenente casado". Eu pensei comigo: "fiz uma grande tolice"; e comentei posteriormente com esse companheiro. Isso é verdadeiro até certo ponto, particularmente no início da guerra, pois a Força Aérea Alemã estava em ação derrubando os aviões. Mas, na época que fomos para a Itália, essa força só existia esporadicamente, não havendo um perigo tão grande.

Até iniciarmos os vôos na Escola de Aeronáutica, eu era um auxiliar do Oficial de Manutenção da 1ª Bateria de Tiro, por ser excedente na Unidade. O Grupo ia para Gericinó na segunda-feira e voltava na sexta-feira, para instrução de tiro. No sábado, fazíamos a limpeza do material. Algumas semanas intercalava-se com sessões em sala.

Querendo fazer um exercício de regulação de tiro de Artilharia, mas não podendo utilizar os aviões da FAB, porque todos eram de asa baixa, o que tira a visibilidade, fui ao Iate Clube Fluminense e solicitei apoio de dois companheiros. Eles aceitaram, instalamos os rádios e fomos para Gericinó. Quando lá chegamos, mostrei a linha de fogo da Bateria e o alvo, uma pedra branca lá longe, a célebre pedra do sinal. Na hora em que o linha de fogo comandou fogo, os canhões atiraram e o civil, coitado, não conhecendo nada, e com medo que o tiro pegasse no avião,

fez uma curva para a esquerda violentamente e fugiu. Esse foi o preparativo da regulação de tiro que não houve jeito de ser feita, pois não se manteve o vôo sobre a Bateria. Em suma, não tivemos um bom treinamento de Observação Aérea. Além disso, fomos formados na Escola Militar pela doutrina francesa, empregando a técnica de tiro baseada em tabela e o americano não usava tabela e, sim, régua de tiro. Houve uma mudança radical que, graças ao Coronel Ivano Gomes, foi rapidamente absorvida pelo Grupo.

Não devo esquecer de mencionar o trabalho extraordinário desenvolvido pela nossa Central de Tiro, chefiada pelo Capitão Araken de Oliveira, homem maravilhoso, dedicado; treinava o pessoal sistematicamente em sala ou no campo, estava sempre presente. Na reserva, desempenhou as funções de presidente da Petrobrás. Ele era excelente oficial; acho que foi o único oficial de Artilharia, de Central de Tiro, condecorado na guerra por ato de bravura, porque conduziu de forma surpreendente os tiros do Grupo de Artilharia sobre uma patrulha alemã no terreno. A Artilharia estava bem-preparada.

O transporte para o Teatro de Operações foi feito no *General Meighs*, um navio transporte de tropa, com o 2º escalão. A bordo do nosso navio estava o General Olympio Falconière da Cunha.

O embarque foi até certo ponto cômico. Ao chegarmos numa segunda-feira ao quartel encontramos o portão trancado, a chave com o Comandante, prontidão total. Ninguém mais podia sair, só entrar, até o telefone estava desligado, porque nós estávamos na véspera de embarcar. O único que saiu do quartel fui eu, a mando do Comandante e com a missão de ir buscar em Vila Isabel, as dentaduras dos soldados que estavam sem dentes e que tinham que ter a dentadura completa. Tive a oportunidade de telefonar para a minha namorada, hoje minha esposa há 52 anos, e não dizer que eu ia embarcar, mas matar as saudades. Recebi as dentaduras e as levei para o quartel.

No dia seguinte, embarcamos numa viatura de duas e meia toneladas, com toldos arriados e constituindo um destacamento precursor. Ao chegarmos ao cais do porto, encontramos aquele navio monstruoso e no sopé da escada estava um coronel fardado, Henrique Batista Duffles Teixeira Lott, depois Ministro do Exército. Informamos que éramos precursores do I Grupo e ele nos mandou subir; subimos com dificuldade, porque tínhamos três malas: “A”, “B” e “C”. A mala “A” foi conosco; “B” e “C” foram despachadas.

O navio estava muito sujo, mas graças ao trabalho da tropa brasileira ficou rapidamente limpo. Tivemos um problema de adaptação, porque os sanitários eram abertos, separados apenas por um tapume. Mal sabíamos que mais tarde iríamos en-

contrar situação mais constrangedora, que era um caixão de madeira com cinco aberturas de um lado e cinco do outro, sem separação, servindo, cada uma, de sanitário.

As praças foram distribuídas por compartimentos, com cerca de quatrocentos homens e os oficiais em camarotes; o navio não tinha escotilhas laterais.

A ida do 1º escalão para a Europa nos deu a certeza de que para lá também iríamos, porque a guerra na África já havia terminado.

Eu levava uma vantagem muito grande por ter um irmão oficial de Marinha, que servia no caça-submarino de madeira, conhecido como "caça-pau", *Juruá* e que fazia comboio na costa brasileira. Depois ele foi para os Estados Unidos buscar o *destroyer Bauru*, de escolta, que passou a fazer a linha Recife-Trinidad. Ele sabia da minha ida para a guerra, mas meus pais desconheciam. Meu pai veio a saber, num encontro casual em que eu tinha ido à cidade comprar livros e formar uma biblioteca para o Grupo e levarmos para a Itália, eu fardado com a inscrição Brasil no braço. Meu pai perguntou:

– Você é expedicionário?

– Sou – respondi.

– Sua mãe não pode saber disso – e indagou a seguir: Por que é que você vai?

– Eu sou militar.

– Está bem meu filho – disse-me meu pai, finalizando.

Das conversas com o meu irmão, eu sabia muito da vida dos comboios. Sabia, por exemplo, que o submarino penetra à noite nos comboios pela retaguarda, esperando o amanhecer para escolher o navio que vai torpedear.

No primeiro dia de viagem, um brasileiro chegou ao microfone e anunciou para a tropa: "Atenção, tropa brasileira, nós vamos agora realizar um exercício de abandono do navio. Quando os senhores ouvirem um toque de corneta seguido de um badalar de sino, é sinal que o navio está em perigo, os senhores devem se preparar para abandoná-lo".

Ao entrar no navio, todos nós recebemos um cartão que indicava a balsa ou o escaler ao qual nós tínhamos sido designados. Esse oficial começou a chamar por ordem as balsas e os escaleres que iriam fazer parte dos exercícios. Todos constataram que para uma balsa estavam escalados quarenta homens, uma balsa pequenina e para um escaler 120 homens, nos quais não caberiam todos. Imaginaram que no caso de abandono é quem chegar primeiro, porque os últimos vão ficar.

Mas, eu sabia, transmitido pelo meu irmão, que o navio quando torpedeado toma a posição adernado e os escaleres e as balsas colocados do lado do navio não descem; são usados os que estão no outro bordo, e com isso, estatisticamente, é prevista a morte de 50% do efetivo transportado. Eu sabia disso, mas poucos sabi-

am. Em uma madrugada, quando eu estava calmamente no meu serviço, de repente ouço a corneta tocando e o sino badalando, quatrocentos homens se levantaram dos beliches e correram para a escada. Eu só tive a oportunidade de pegar dois guardas que estavam de serviço comigo, botar na minha frente e gritar para não deixar subir. Até ser avisado que o exercício era somente para tripulação e não para a tropa embarcada. Foi um susto danado, sem razão de ser.

Chegamos a Nápoles em cerca de 15 dias. O desembarque foi feito através das barcaças chamadas LCI, para desembarque de infantaria. A nossa barcaça fedia muito a peixe, porque tinha tomado parte no desembarque de Ânzio e havia afundado e depois recuperaram, permanecendo com aquele cheiro horrível de maresia. Lá para o meio-dia, chegou um camarada na popa, jogou dois sacos de pão e dois de salsicha em lata. Este foi o nosso jantar e o café da manhã.

A nossa barcaça custou a sair porque o motor que deveria liberar a âncora só funcionou com a intervenção do mecânico do grupo. Saímos do porto já com velocidade para pegar o comboio e enfrentamos uma tromba d'água de fazer gosto. Éramos 16 oficiais se não me engano, todos vomitando, exceto um – Tenente R/2 Levy – franzino, da reserva, e que o Coronel Ivano Gomes não tinha vontade até de levá-lo para a guerra, porque achava que ele era muito miúdo. Eu também era franzino; esse oficial foi visto sentado na proa do navio, que é o lugar que mais joga, comendo salsicha. Foi o único que não enjoou.

Lá pelas tantas, ele entra no nosso compartimento e diz: "Atenção! Atenção! Tem uma mina no meio do comboio e estão procurando acertar com um tiro de fuzil, venham ver! Venham ver!" Um companheiro – dentre os oficiais havia um deles que era capelão católico – virou-se para o capelão e disse: "Capelão, o senhor que é amigo do Senhor de lá de cima, reza para batermos nessa mina para acabar com esse sofrimento".

Chegamos a Livorno, que era um porto em que os navios tinham sido afundados. Na primeira noite dormimos a bordo, e no dia seguinte embarcamos em caminhões sem toldo, com um friozinho do outono europeu e debaixo de uma chuvinha manhosa em que os oficiais tinham que ir na frente e os pracinhas, atrás. Pois bem, enfrentando aquela chuva, o Ionio Portella F. Alves – esse mesmo companheiro que pediu para morrer – virou para mim e disse assim: "Mário, se eu voltar para o Brasil e algum desgraçado disser que eu vim passear na Europa, eu dou um tiro na boca".

Vou comentar um fato desagradável, que diz respeito a um desentendimento. O Coronel Ivano recebeu ordem da Artilharia Divisionária de conceder, não me recordo bem, sete ou quatro dias de férias para toda a tropa. O Coronel Ivano em boletim exortou a tropa a não gozar esses dias porque nós estávamos nos preparando para ir

à guerra. Mas, que ele concederia àqueles que tivessem necessidade desse descanso. Os poucos soldados que disseram sim, ele os repreendeu em boletim. E o General Oswaldo Cordeiro de Faria não se satisfez com aquilo e mandou que ele anulasse as punições. O Coronel Ivano Gomes não era homem de anular "coisíssima" alguma, ele tinha um passado de posições firmes, tendo sido preso como aspirante, por se queixar do seu superior. Exonerado do comando ele fez um boletim especial, que a Artilharia Divisionária mandou recolher. Mas, que eu o copiei à mão, e até hoje tenho comigo esse boletim.

Assumiu o Coronel Waldemar Levy Cardoso que seguiu no comando do Grupo para a Itália.

A bordo nós tivemos uma experiência amarga com a alimentação americana, que é meio adocicada, diferente do sabor da comida brasileira. Além do mais forneciam duas refeições por dia; uma às 6 horas da manhã e a outra às 18 horas, com um intervalo de doze horas. Aliás, uma passagem interessante. Cada militar recebia uma refeição mediante a apresentação daquele cartão que nós recebemos a bordo do navio. O oficial brasileiro intendente chegou para o americano e transmitiu sua preocupação porque o pessoal estava repetindo o almoço. O americano respondeu: "Ih, não se impressione com isso! O brasileiro não sabe comer. Ele come de tudo; o americano que também engaja só quer galinha... Ele engaja na galinha. E, isso para nós é muito mais difícil de manter o estoque do que com essa turma que come tudo". Não era servido arroz e feijão, mas a comida que era oferecida o homem aceitava e comia tudo.

Com a chegada em Livorno, fomos para a Tenuta de San Rossore, que era um campo de caça do Rei da Itália, uma área muito boa, onde as barracas já estavam montadas, nós ficamos e passamos a ter a alimentação tipicamente brasileira. Lá também recebemos os aviões... Éramos dez observadores e hoje restam vivos quatro, o Ionio[1], o Oswaldo Mescolin, o Elber de Mello Henriques e eu.

A Esquadrilha, depois de receber os aviões, foi transferida para Pistóia, onde começamos as primeiras missões não de tiro e sim de reconhecimento do terreno, porque estávamos longe do *front* quarenta ou sessenta quilômetros. Começamos a voar para lá, reconhecendo o terreno etc. Mudamos para Suviana. Na margem do rio puseram uma lona e sobre a lona uma pista composta de placas de aço furadas, que com a neve provocou um problema sério; a água caía, formava-se o gelo e os nossos aviões que eram de pneus lisos saíam da pista, que por sua vez era estreita, com 10m de largura por 150m de comprimento.

[1] Faleceu três meses depois da entrevista, em 25-10-2000.

A Artilharia antiaérea inimiga usava dois tipos de armamento, a metralhadora de .20 e o canhão 88mm. O cartucho de .20 tem um traçante, que vem a ser uma substância química incandescente para assinalar a trajetória. No ramo descendente da trajetória, a seis mil pés, a granada explode. Então, estamos voando calmamente e recebendo tiro sobre tiro sem saber, quando o avião, de repente, começa a pular com os arrebentamentos abaixo, porque nós voávamos a oito mil pés devido a essa munição de .20. A situação se torna perigosa, fazendo-se de tudo para escapar desses tiros.

Os regulamentos que nós utilizávamos eram americanos e que trazia tudo sobre observação aérea, dizendo nesse particular que quando hostilizado, o piloto deverá voar à baixa altura, porque era a única maneira de se salvar do fogo antiaéreo.

O meu batismo de fogo, escrito até em um desses livrinhos, foi no dia em que a antiaérea atirou em mim. Estava cumprindo uma missão de tiro – regulação sobre um QG alemão, segundo me disseram – e, de repente, senti os efeitos da explosão das granadas do canhão 88mm, traduzidos por solavancos muito fortes no avião. Nesse momento, eu escrevi sobre o valor do fogo antiaéreo: “Meu Deus que pavor! Como é duro enfrentar o fogo antiaéreo do inimigo!”

Nas missões de busca de alvo, a verdade é que a gente não via nada. O dia em que eu vi duas viaturas se aproximando de umas casas e parando, rapidamente chamei pelo rádio a AD pedindo regulação de tiro. Nesse exato momento quatro P-47 sobrevoavam acima de mim. Notei que havia um avião de observação americano à minha direita que indicou o alvo para os quatro P-47 que mergulharam e destruíram as viaturas, provocando uma explosão violenta. Disse pelo rádio que a missão tinha sido cumprida, embora não tivéssemos dado um tiro. Os amigos chegaram aqui e destruíram os alvos.

Tínhamos dez aviões de Ligação e Observação, dez pilotos e dez observadores; não fomos distribuídos por Unidades. Nós éramos escalados diariamente considerando o número de missões. A esquadrilha era comandada pelo Capitão-aviador João Afonso Fabrício Belloc, muito bom piloto, promovido depois a Major, e que morreu tragicamente como piloto civil na serra de Petrópolis. Era secundado pelo Capitão do Exército Adhemar Gutierrez Ferreira, Observador Aéreo da AD.

A ELO esteve ausente em todos os ataques a Monte Castelo, com exceção do último. Nos Apeninos nós tínhamos dois grandes inimigos; as nuvens e os ventos. O nosso avião *Piper Cub* possuía asa alta, de tela, cuja grande característica era ter freio, distinguindo-se do avião *Piper* civil, que não o tinha.

Enquanto o americano usava o L-5, com motor de 185 cavalos, o nosso tinha 65 cavalos. Houve um fato que eu faço questão de citar. Um dia, o Major Belloc chegou à pista e disse: “Nós não vamos voar, o vento está muito forte. Não

há condições de vôo". O americano ficou rindo e disse: "Eu vou decolar". Decolou, mas quando chegou ao final da pista pegou uma componente descendente tão forte que o avião estolou, bateu no chão e se quebrou. Não houve vítimas. O Major Belloc concluiu: "Estão vendo porque eu não queria voar! É por isso". Era um grande piloto.

Para cumprirmos as missões, nós decolávamos e ganhávamos altura de seis mil pés, gastando nisso trinta minutos mais ou menos, iniciando o vôo para as linhas inimigas. Pois bem, durante o vôo, mantínhamos contato pelo rádio com o Grupo ou com a AD conforme a natureza da missão.

Um dia eu estava voando, e quando cheguei a uns seis mil pés, ouvi a mensagem da Central de Tiro do Grupo pedindo para regular sobre o inimigo que estava hostilizando uma tropa de Infantaria, mas não sabia as coordenadas. O observador que estava em missão, mas em uma altitude maior do que a minha, disse: "Pelo menos dêem a quadrícula da carta". E o camarada informou a quadrícula; naquele momento olhei para o chão e vi a Bateria atirando. Então, pedi a missão de tiro já com as coordenadas do alvo. Eu me apresentei e cumpri a missão.

As nossas missões só eram válidas quando tinham a duração superior a duas horas. Com menos de duas horas a missão não era considerada. A autonomia do vôo desse avião era de duas horas e trinta, duas horas e quarenta no máximo, dependendo das condições.

Nós usávamos nos aviões a insígnia americana para evitarmos ataques por aliados, mas a fuselagem do avião tinha a estrela brasileira. Uma vez estava voando e me deparei com um avião de motor em linha, característica do *Spitfire* inglês, mas na nossa zona de vôo não havia desse avião, porque todos estavam sendo empregados no Leste. Pois bem, quando eu vi aquele avião na minha direção, comecei a ficar apavorado, imaginando que pudesse ser o miserável *Messerschmitt* alemão, também com motor em linha. Até que ele se aproximou demais, eu mostrei a insígnia americana e ele, a insígnia inglesa.

Quando o inimigo via um avião L-4 nosso, ele procurava se esconder porque sabia que se fosse visto, atiravam sobre ele. Em conseqüência, a nossa tropa gostava de saber que os L-4 estavam próximos, porque significava que o inimigo procuraria se abrigar, evitando desencadear bombardeios de Artilharia, morteiros etc, contra nossas posições.

Do avião, às vezes tínhamos dúvidas quanto à tropa, se era a nossa ou inimiga, em razão da Fase do Aproveitamento do Êxito, durante a primavera. A velocidade de progressão da nossa tropa foi tão rápida, que criou um pouco de dificuldade para a observação. De vez em quando, recebíamos pelo rádio a informação de que a tropa

tinha atingido tal região. Íamos verificar na carta e a nossa posição já estava muito aquém desse ponto. Na Fase da Perseguição, nós perdemos autonomia de vôo, sendo obrigados a reconhecer um novo campo; fomos para Portalbera a trezentos metros do Rio Pó e a guerra já tinha acabado.

Nossas missões foram cumpridas durante o dia, vôo noturno nós experimentamos uma vez e fracassou, porque não tínhamos a localização do inimigo e nem identificávamos o terreno. O Major Belloc reunia-nos, todas as noites, para a escalação do dia seguinte. Havia as patrulhas da madrugada: "O avião decolava antes do nascer do Sol, utilizando para o balizamento da pista latas com terra e gasolina alimentando o fogo; pegávamos altura e já víamos a claridade". A última missão pousava, também, no fim do dia, evitando o vôo noturno.

Tivemos um outro problema devido à gasolina congelar, quando voávamos a quatro mil pés mais ou menos, obrigando-nos a voltar para o pouso imediatamente, lá em Suviana. Lembro-me que havia, nessa região, uma barragem de hidrelétrica de 93m de comprimento e 80m de largura. O alemão tinha esvaziado o lago e destruído a central elétrica. O pouso era sempre feito no sentido da barragem para a pista; passávamos sobre a barragem e o avião glissava. Glissar é uma manobra realizada pelo piloto, que faz o avião perder altura sem ganhar velocidade. Quando chegávamos à cabeceira da pista o piloto orientava o avião que pousava. Muito bem, no dia em que se deu comigo o tal problema, nós pudemos glissar, mas ao atingir a pista, deu-se um vento transversal e o avião saiu da pista, quebrando o trem de aterrissagem, sendo o único dano.

O clima, principalmente durante rigoroso inverno europeu, influenciou muito no desenrolar das operações. Para enfrentá-lo, nós voávamos calçando botas forradas com pêlo; meias de lã e meias de pêlo de coelho; vestindo ceroula de lã; a calça do uniforme; uma calça forrada de pele; sobre o tórax um casaco; a blusa do uniforme; uma camisa de lã e uma camiseta de meia. Sobre a cabeça um gorro que cobria também as orelhas. E nas mãos nós usávamos uma luva de lã e uma luva de pele.

E, antes de decolar íamos para junto de um aquecedor à gasolina, tirávamos a roupa de pele e ficávamos abraçados, aquecendo-nos. Quando já estávamos aquecidos, vestíamos o casaco rapidamente e íamos para o avião. Logo após a decolagem, ficávamos o tempo todo batendo palmas para evitar o congelamento das extremidades. O maior sacrifício era quando nos chamavam pelo rádio, que éramos obrigados a pegar o microfone e calcar um botão de comunicação com a parte da mão, porque os dedos estavam congelados. Só após a descida é que nós íamos descongelar. A temperatura chegava a oito graus abaixo de zero em terra e vinte lá em cima. O piloto tinha um aquecimento proveniente dos gases que eram lançados sobre seus

pés; o observador não tinha aquecimento algum. Era duro voar, principalmente para mim, que não gosto de frio.

Considerando essas vicissitudes todas, decorrentes da mudança de clima bastante acentuada, da adaptação ao novo armamento e equipamentos e o pouco treinamento em relação à campanha em si, pode-se dizer que o desempenho do nosso pessoal foi muito bom. Nós tivemos verdadeiros heróis, como o Sargento Max Wolf Filho, o Appollo Miguel Rezk, o Capitão Ernani Ayrosa da Silva, o Aspirante Francisco Mega, entre outros. De modo geral a tropa era muito boa. Vou contar um fato para mostrar a iniciativa do soldado brasileiro. O americano, com a mania de estatística, que faz muito bem, aliás, descobriu que proporcionalmente a tropa brasileira apresentava um número menor de pé-de-trincheira do que a tropa americana. Pé-de-trincheira é o congelamento das extremidades dos dedos, o que obriga muitas das vezes até a amputação, por falta de circulação de sangue. Constatou-se que os aliados usavam um galochão de borracha e o coturno, o brasileiro não usava o coturno; usava o galochão e forrava internamente com jornal, de modo a manter o pé sempre aquecido; com isso não dava pé-de-trincheira e tinha sido iniciativa do soldado.

O relacionamento com a população local não podia ser melhor; eu vivia numa casa de uma família italiana, em que tratávamos os velhos de *mamma* e *papá* – de mãe e pai – e eles me adoravam; no dia que eu saí de lá, choraram.

Quanto ao apoio de saúde posso tecer alguns comentários devido às visitas que fiz aos hospitais, não só ao cirúrgico-móvel como também ao de evacuação, procurando confortar os companheiros feridos, durante as minhas folgas. Eu senti que o apoio era fantástico porque o americano preza muito a vida. E dentro desta visão, eles fazem com que a tropa seja muito bem-atendida. Quanto ao apoio religioso não posso dizer, porque não acompanhei, embora seja católico.

Sobre o soldado inimigo, particularmente o alemão, enquanto vitorioso, no início da guerra, pode-se dizer que era excelente. Como fato pitoresco, eu assisti à rendição de um Grupo de Artilharia, cujo comandante não se despediu de um soldado sequer, nem de um oficial, só se despediu do cachorro dele, tipo do militar prussiano.

Posso dizer que foi excepcional o apoio logístico recebido pela tropa brasileira de um modo geral, porquanto o americano conhece logística. Existia entre Livorno e Pisa um ponto de suprimento americano, eu medi no odômetro do *jeep* a distância, 2.200m. De um lado, viaturas, começava com *jeeps*, caminhões de duas e meia toneladas, chegando aos carros-de-combate, e do outro lado, rações para alimentação aos montes.

Um dia, dois aviões alemães se aventuraram a bombardear esse ponto de suprimento, e eu estava, por acaso, fazendo a viagem de retorno para Suviana,

saindo de Livorno. Assisti, então a um movimento intenso, pois os indianos, que tinham esse encargo, correram para acender os geradores de fumaça em cima do campo, e os aviões do Regimento de Aviação de Caça do qual fazia parte o 1º Grupo de Caça brasileiro, decolaram para dar combate a esses dois aviões. Eu acho que houve a "maior briga" entre os pilotos para abater os alemães, porque "todos" queriam fazê-lo. Foram abatidos sem terem lançado uma única bomba sobre os pontos de suprimento. Essa era a defesa que eles faziam do suprimento.

Gostaria de destacar a respeito da atuação da 1ª ELO, que esta cumpriu a missão dentro das possibilidades impostas, principalmente pelo tempo. Realizou seiscentas e tantas missões, não me recordo exatamente o número, mas com galhardia. Muitas missões não foram computadas, como já assinalado, pois tiveram duração menor do que duas horas. Podia estar voando uma hora e cinqüenta e cinco minutos, se houvesse um tiro de espoleta de tempo (VT – espoleta de funcionamento eletrônico) era obrigado a voltar e a missão não era computada.

Como se vê, muitos dos acontecimentos me impressionaram bastante nesta jornada, mas o que mais me impressionou foi a atitude do soldado brasileiro. Ele é rústico, sabe combater, não tem pavor da morte e tem condições de enfrentar qualquer inimigo. O soldado brasileiro é muito bom, principalmente aqueles com que eu tive mais contato, que era o pessoal do Grupo, com origem na Cavalaria e até na Artilharia de Costa, mas que se comportaram muitíssimo bem. O contato do Observador Aéreo com o soldado é muito pequeno, porque ele recebe o avião pronto, embarca, decola, pousa e o deixa aos cuidados dos sargentos.

Vou relembrar como era explorada a guerra psicológica. Nós tínhamos o compromisso de lançar, durante a semana, dez mil folhetins sobre as forças alemãs. Um deles dizia mais ou menos assim: "Os russos estão na Silésia, o que faz você alemão aqui na Itália?" Para o homem que está combatendo, receber um papel desse dizendo que o russo está na sua casa, o moral vai lá embaixo.

Mas, o alemão também fazia a sua propaganda, e na véspera de Natal, lançou a sua com a data de 24 de dezembro de 1944, para nos abater moralmente.

Ter participado da guerra me marcou profundamente e eu me sinto orgulhoso de dizer aos meus bisnetos que pertenci à Força Expedicionária Brasileira. Talvez tenha sido esse o motivo especial pelo qual, eu como cadete, escolhi a FEB, porque pensava comigo: "Amanhã, quando eu tiver filhos, netos e bisnetos e eles perguntarem, o que é que você fez durante a guerra? E responder que não fiz nada, fiquei montando cavalo no Rio Grande do Sul." Não podia aceitar tal acomodação, nem considerar como desdouro montar a cavalo, mas que seria duro saber que outro estava combatendo e eu passeando a cavalo.

Farei uma abordagem a respeito de como a FEB foi recebida no seu regresso ao Brasil pelo povo e também pelo Exército. Por parte do povo não poderia ter sido melhor; foi uma recepção maravilhosa e vibrante, tanto para o 1º escalão como para o nosso também. Quanto ao Exército, diria que o pessoal da FEB no início não foi muito bem-tratado. Não houve o reconhecimento devido, afinal de contas eram companheiros que estavam regressando de uma guerra.

Como conseqüências, na minha vida pessoal, eu agradeço muitíssimo ao meu falecido pai, pois que ele recebia no Brasil dois terços dos meus vencimentos e eu, um terço. Com o meu irmão ocorria a mesma coisa, porquanto ele estava na Marinha, atuando nos comboios. Como o meu pai não precisava, e muito vivamente achava que, ao regressarmos, iríamos comprar automóvel ou outros supérfluos, comprou uma casa para nós em Ipanema, que depois nós transformamos em um apartamento no Leblon.

Na minha mensagem final diria que o Brasil não sabe aproveitar as oportunidades. A FEB foi uma representação brasileira, mas parou aí. O Brasil é um País pacífico, não tem inimigos de fronteira. As escaramuças aqui e acolá restringem-se às revoluções de 1930, 1932 etc, não tendo oportunidade de treinar suas Forças Armadas. Como, então, podemos treinar as Forças Armadas? Aproveitando a guerra dos outros. O Brasil perdeu a oportunidade de combater ao lado dos aliados, na Guerra do Golfo, com os equipamentos mais modernos do mundo.

A Argentina mandou uma fragata, o Brasil somente um observador, que não observou nada; tem que mandar é tropa para combater. Enviou para Suez, mas era uma tropa policial, como para São Domingos.

E agora, que não temos mais o Ministério do Exército e sim o da Defesa, chefiado por um civil, nós vamos esperar o quê? Outras oportunidades vão surgir por aí e vão perdê-las, porque “se queres paz, prepara-te para a guerra”. Uma velha expressão latina muito verdadeira. E finalmente, quero agradecer muitíssimo a honra que me concedeu, convidando-me para essa entrevista e dizer que, além de honrado, foi um dia feliz da minha vida, poder recordar a minha guerra, a nossa guerra.

Coronel Iônio Portella Ferreira Alves*

Nasceu na Cidade do Rio de Janeiro – RJ, pertence à turma de 8 de janeiro de 1944 da Escola Militar do Realengo. Realizou durante a sua carreira, como oficial, os cursos de Observação Aérea – Escola de Aeronáutica; Artilharia de Costa – Categoria A; Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais; Escola de Comando e Estado-Maior do Exército e Escola Superior de Guerra – Curso de Estado-Maior e Comando das Forças Armadas. Como Aspirante-a-Oficial, voluntário, foi designado para o I Grupo de Obuses 105mm da FEB e, posteriormente, na Itália, para a Primeira Esquadrilha de Ligação e Observação (1ª ELO), até o final da guerra. Como observador aéreo, teve atuação destacada. Cumpriu inúmeras missões, tendo sido acidentado em pouso forçado de aeronave. Ao regressar ao Brasil foi designado para o Regimento Floriano. Exerceu, na ativa, as seguintes Comissões: Comandante de Bateria de Artilharia de Costa e de Campanha; Instrutor de Tática e Subcomandante da Escola de Artilharia de Costa; Adjunto e Chefe de Seção dos Estados-Maiores dos I e II Exército (Rio de Janeiro e São Paulo). Comandou o Forte Marechal Luz, em São Francisco do Sul-SC, e o 19º Grupo de Artilharia de Campanha, em Santiago-RS. Dentre as condecorações que lhe foram outorgadas por sua participação na II Guerra Mundial, destacam-se: Cruz de Combate 2ª Classe; Medalha de Campanha; Medalha de Guerra; Medalha de Campanha da Itália (FAB) e Cruz de Aviação Fita "A" (FAB). Deixou o serviço ativo em 1972.

---

* Observador Aéreo da 1ª Esquadrilha de Ligação e Observação (1ª ELO), entrevistado em 5 de julho de 2000.

Inicialmente, foi uma grande honra ter sido convocado para esta entrevista. Nunca tive oportunidade semelhante para falar de minha atividade na guerra. Os trabalhos escritos sobre a Observação Aérea são poucos, quase não existem.

Ao final de novembro de 1943, na escolha de Armas na Escola Militar, algumas Unidades tinham a sigla Ex ao lado. Ao perguntarmos o significado desta sigla obtivemos a ciência de que aquelas Unidades eram Expedicionárias.

Nessa oportunidade, tivemos conhecimento de que integrantes de nossa turma fariam parte da FEB, tendo seis dos Aspirantes de Artilharia escolhido os Grupos Expedicionários.

Nossa apresentação ao Cel Ivano Gomes, Comandante do Grupo, foi no dia 31 de janeiro de 1944. Foram designados dois Aspirantes por Bateria de Tiro.

Na função de subalterno, travamos conhecimento com o então moderno obus 105mm, *Howitzer*, americano, e sua conduta de tiro, material este de excelente qualidade e extremamente prático, aliás, em todo o conjunto, no que diz respeito ao emprego para a guerra. Na Escola Militar, naquele tempo, só havia equipamento alemão *Krupp* e uma Bateria de *Schneider*, com os quais fomos formados, tendo por base a doutrina francesa.

Em 31 de março, durante uma seção de instrução, o Cel Ivano recebeu um documento urgente. Após interrompê-la, para tomar conhecimento do mesmo, declarou que precisava de dois tenentes para a função de observador aéreo. Nenhum tenente se apresentou, e, após uma brincadeira com os oficiais, ele declarou ter certeza de que os aspirantes desejavam se apresentar, o que foi imediatamente concretizado por dois voluntários, sendo eu um deles. Logo após, saiu oficialmente a nossa designação em Boletim do Corpo. Com essa designação permanecemos aguardando, ainda em função nas Baterias de Tiro, o desenrolar dos fatos.

Finalmente, em abril, recebemos ordens para nos apresentarmos na AD, tendo em vista a realização de um estágio, na Escola de Aeronáutica.

Eu me lembro que nessa apresentação, o então Cel Emílio Rodrigues Ribas Júnior, Chefe do Estado-Maior, comentou, em tom jocoso, que o I Grupo estava certo em designar dois aspirantes, acrescentando que no terceiro vôo no máximo o alemão conseguiria abater o avião, e um aspirante observador Aéreo deixaria uma pensão menor para os cofres públicos.

Recebemos ordens de apresentação na Escola de Aeronáutica para início do curso. Duas vezes por semana voávamos no avião *Fairchild*, aeronave de treinamento primário.

Ao todo éramos dez oficiais, dois por Grupo e dois da AD. Desses dois oficiais da AD, um era o Tenente Chubnel, que veio a falecer de uma operação simples, sendo então substituído pelo 1º Tenente Jorge Augusto Vidal.

O curso no início, ainda me lembro, foi uma loucura. No primeiro vôo os pilotos faziam todo tipo de manobras e acrobacias. Um dos observadores passou mal e, ao jogar “cargas ao mar”, o fez para fora do avião voltando tudo em cima dele. O correto, nestes casos, é para dentro da aeronave.

Soubemos mais tarde que o Cel Ribas dera ordens no sentido da rigorosidade nos treinamentos. Como era exigido, o ideal seria desligar o oficial inapto aqui no Brasil e não no Teatro de Operações. Após esse começo, o treinamento desenvolveu-se de maneira normal e visava a adaptar-nos à observação detalhada do terreno através do vôo, isto é, daquela altura. Esses exercícios foram fundamentais para a aclimatação dos observadores aos aviões e ao vôo e para irem se acostumando com a procura de objetivos. No entanto, nenhum exercício de Observação Aérea em conjunto foi realizado, porque Gericinó não se prestava, como terreno, com o que iríamos defrontar na guerra. Nos dias em que não havia instrução de vôo, permanecíamos normalmente exercendo a função de subalternos das Baterias de Tiro. Dessa forma, participamos ativamente de todos os exercícios preparatórios para a guerra do I Grupo.

Ainda no Brasil, o Cel Ivano Gomes foi substituído no Comando pelo Cel Waldemar Levy Cardoso. Aliás, o Cel Ivano ao receber a missão dotou o efetivo do grupo praticamente com pessoal por ele escolhido. Por exemplo, no que diz respeito aos subalternos, sua escolha recaía sobre tenentes da ativa, obviamente, cotidianamente treinados em suas Unidades de origem e na Escola Militar do Realengo. Um dos únicos tenentes R/2, que seguiu com o grupo, foi o Mário Raphael Vanutelli, que vive em Brasília e cujo irmão, também R/2, seguiu com o II Grupo.

Finalmente, embarcamos para a Itália em dois grandes navios transportes da Marinha americana: *Gen Meighs e Gen Mann*. Neles embarcaram as seguintes Unidades: 1º RI, 11º RI, AD, I e III GO 105mm, GO 155mm, Esq Rec (-), 9º BE (-), ELO e outras Unidades que não me recordo.

O General Cordeiro de Faria embarcou no *Gen Mann* e o Gen Falconière no *Gen Meighs*.

O embarque se realizou normalmente. A viagem transcorreu sem problemas. Não tive conhecimento da ameaça de submarinos. Os treinamentos para abandono de navio, que ocorriam freqüentemente, foram bem assimilados pela tropa, apesar da confusão geral nos primeiros treinamentos. Outra coisa interessante era o número de refeições diárias, duas para o pessoal de folga e três para o pessoal de serviço. Para se ter uma idéia, o pessoal que não estava de serviço tomava o café pela manhã e almoçava ao final da tarde. Isto tudo devido ao efetivo da tropa transportada. O resultado é que o número de voluntários para tirar serviço era enorme.

Chegamos ainda incorporados ao grupo que iria para San Rossore, perto de Pisa. Posteriormente, os observadores aéreos seguiram para Pistóia, onde fomos apresentados aos pilotos da FAB que operariam conosco. O Comandante era um gaúcho, Cap Av João Affonso Fabrício Belloc. Os aviões eram os L – 4 *Piper Cub*, pequenos, completamente simples e rústicos. O marcador de gasolina, igualmente simples, indicava-nos a hora do regresso. O piloto nos avisava ao observar o nível baixo do marcador. Ainda sobre o avião, tinha autonomia de duas horas, era uma armação de alumínio coberta com uma lona fina impermeabilizada com uma substância de nome DOPE. Podia ser empurrado pois era extremamente leve.

Pistóia foi nosso primeiro campo. De lá fomos para Suviana, local onde passamos o inverno. Era uma pista montada no leito de um rio seco. A Engenharia colocou umas placas de ferro no chão, tudo isto em pleno mato. Num determinado dia, desabou uma chuva forte enchendo o leito do rio e aí foi um Deus nos acuda, atingindo inclusive as barracas que havíamos montado perto do campo. Saímos dali correndo tentando localizar um local onde ficar.

Quando sobreveio o inverno, enfrentamos sérios problemas com o avião, que ficava estacionado ao ar livre.

A neve ficava depositada sobre a asa que era muito leve e podia quebrar. Resolvemos isto com dois suportes de madeira – chamávamos de “muletas” – um vertical e outro horizontal. Serviam de suporte para as asas sob o peso da neve.

Tínhamos três preocupações básicas antes do vôo. Limpar a neve sobre a aeronave, drenar a gasolina do mesmo, pois era comum e de baixa octanagem. O estacionamento noturno e naquele clima, depositava água na gasolina. Abríamos a drenagem do tanque e escoávamos a água até sentir o cheiro de gasolina e depois era só fechar e tudo ficava resolvido.

Outro problema era jogar água quente no cubo das rodas para degelar o sistema hidráulico dos freios.

A água quente era condição *sine qua non* para podermos decolar. Não havia problema porque dormíamos em barraca aquecida por um grande aquecedor a gasolina fornecido pelos americanos. Era só deixar um vasilhame com água, durante à noite, junto ao mesmo.

Para este trabalho, havia um sargento da FAB, que dormia no campo e ao amanhecer cuidava disto tudo.

Durante o vôo, em grandes altitudes, com aquele clima, o motor parava. Nossos mecânicos, com meios de fortuna, conseguiram reduzir a entrada do ar frio no carburador. O motor, no entanto, tinha que funcionar a pleno. Se reduzisse para a velocidade lenta era parada total.

Nossa função primordial era procurar objetivos e realizar regulações caso necessário. Teríamos a missão importante de “municiar” as nossas “informações” chefiadas pelo Tenente-Coronel Amaury Kruel, E2, naquela época, da 1ª Divisão de Infantaria Expedicionária.

Gastávamos nosso maior tempo na procura de objetivos e do alemão.

Em Pistóia, aconteceu um fato interessante. Visando à possibilidade de o piloto ser atingido, fizemos um treinamento e todos nós saímos “solo”, isto é, pilotos. Isso foi feito porque se o piloto morresse alguém teria que levar o avião. Nós nos formamos sem receber o brevê.

No assalto ao Castelo, realizado na primeira quinzena de dezembro – 12 de dezembro de 1944 – não participamos. O tempo estava péssimo. Sobre isso, há uma citação do Joel Silveira – correspondente de guerra – em seu livro, não me lembro se da Editora Bloch ou Record: “Neste dia, o céu fechado aos aviões, frio intenso e a chuva persistente.” Não havia condições de voar. O mesmo se deu com os P-47 do Grupo de Caça. Isso foi um fator negativo para o êxito do ataque.

Os dez observadores aéreos do Exército eram comandados pelo Capitão de Artilharia Adhemar Gutierrez Ferreira, da AD, enquanto o Major Belloc, da FAB, comandava o pessoal de sua Força. Essa duplicidade afetou um pouco a parte disciplinar, apesar da integração dos dois comandos. Os dois se davam bem.

No ataque vitorioso a Monte Castelo – 21 de fevereiro de 1945 – tanto a ELO como os P-47 do Grupo de Caça atuaram intensamente. A ordem que recebemos era voar atrás da linha de contato, porém, é aquela estória, gente nova não acredita no perigo e se atira, o que resultava em adentrarmos até 5km ou mesmo 10km em território inimigo à procura de objetivos. Devo dizer que os P-47 e a nossa Artilharia se concentraram sobre Castelo com tal intensidade que o morro parecia um verdadeiro vulcão. O fogo era permanente e durou mais de uma hora. A vegetação deixou de existir.

Os alemães estavam muito bem entrincheirados e nisso eles eram doutores. Seus abrigos não eram *fox holes* quaisquer. Eram poderosas casamatas fortemente construídas com concreto, ferro etc.

Em Montese não pudemos auxiliar em nada os nossos companheiros infantes. Era um povoado de ruas estreitas e sinuosas. Não havia como identificar a linha de contato, o combate era de pelotão contra pelotão, homem contra homem, e se o avião quisesse fazer alguma coisa não podia. Haveria risco de comprometer a integridade física de nossa gente.

Com esta ação, a 1ª DIE recebeu um honroso elogio do General Crittenberger, Comandante do IV Corpo do V Exército americano, ao qual estávamos subordinados.

Após Montese começou a Ofensiva da Primavera. Tivemos que fazer vários deslocamentos de campo para acompanhar a Infantaria. O Esquadrão de Reconhecimento era tão rápido que eles perdiam o contato com a DIE. Isto nos obrigava a realizar a complementação da observação do referido Esquadrão.

Devido à retirada do Exército alemão, procurávamos destruições a fim de fechar as vias de retraimento da retaguarda. A ELO foi muito longe. Era coisa de maluco.

Naquela época, nossos aviões não tinham meios de vôo noturno, de maneira que de seis da manhã até as 18h mantínhamos dois aviões permanentemente no ar. Voltavam dois, saíam dois. Os infantes gostavam daqueles aviões em cima dos alemães porque era uma segurança. Nessas ocasiões, o inimigo evitava atirar para não revelar suas posições. Descoberto um alvo compensador, imediatamente a Artilharia caía em cima dele. As Comunicações eram rápidas. Voávamos diariamente, a não ser em condições meteorológicas adversas.

Tive dois acidentes sérios. Voava com o sargento, depois promovido a aspirante, Chafic Bittar de piloto. Aos vinte metros de altura o motor parou subitamente.

Entramos pelo mato adentro, e o avião bateu com uma asa numa árvore e ficou todo quebrado. Felizmente saímos ilesos. Na outra o motor parou a mil metros de altura. Viemos perdendo altura procurando chegar ao campo. Não conseguimos, e o avião também se quebrou todo. Mas não havia problemas. A Logística americana não discutia o assunto. Quebrou, dava outro inteiramente novo. O apoio logístico era completo e perfeito. A título de curiosidade convém lembrar o jeitinho brasileiro nessa estória de suprimentos. Nós tínhamos um sargento, Joel Clapp, muito sagaz, que era encarregado de providenciar o material, junto aos americanos, quando havia alguma demora no fornecimento, ele dava conta do recado.

Numa ocasião, fui com o Joel a Florença. Queria ver como ele agia. Antes de ir para o Depósito Logístico, ele se encaminhou para um “PX” – que era uma loja do Exército americano, espécie de reembolsável, que vendia tudo para os militares.

Logo após, apareceu o Joel com um embrulhinho. Eu então lhe perguntei o que era aquilo, tendo obtido como resposta que eram meias de mulher. Aturdido, eu lhe disse: “Joel, você veio aqui para procurar asa de avião”, ao que me respondeu que eu aguardasse. Quando chegamos ao Depósito, o sargento americano disse que haveria uma demora para atender ao pedido da asa. O Joel então disse ao sargento que trouxera um presente para a namorada dele. O americano examinou, olhou, apreciou e disse: “Olha, vai naquele monte ali e se tiver alguma asa melhor que a sua pode levar.”

O equipamento individual, fardamento etc., era de ótima qualidade. A tropa brasileira foi muito bem protegida contra o frio. Tínhamos quase cinco mantas

brasileiras que nos haviam fornecido e de nada adiantavam. Numa única manta americana, cem por cento de lã, resolveu o assunto. Outra coisa de muita utilidade foi o *Field jacket*, um capote também americano de cor verde bege e que nos aquecia totalmente.

Havia também o saco de dormir, botas de couro e galochas, tudo revestido de lã em seu interior e impermeabilizado externamente. Ficávamos, em pleno frio, com os pés molhados, mas era de suor. Bem alimentados e agasalhados não sentimos o inverno. O cigarro fornecido pelo americano era também de ótima qualidade. Os que vinham do Brasil, nem os italianos queriam. Era o Yolanda 500, com a gravura de uma loura, e os italianos o chamavam de *bionda cativa*. Não o queriam de maneira alguma. Havia um tenente da reserva que no início não suportava os cigarros americanos (*Chesterfield* etc). Dizia que pareciam perfumes. Ao final da Guerra chegou perto de mim e disse: "Como é que eu vou conseguir cigarros americanos no Brasil?"

Outra coisa positiva foi o relacionamento com a população italiana. Somente em Suviana é que nós moramos em barraca. Logo após apareceram os italianos e acabamos nos dividindo, pois eles nos convidaram para morar em suas casas. Não sei se era identidade de raças ou se eles esperavam uma troca de favores.

Quando a FEB chegou à Itália recebeu o moderno equipamento americano, tendo, de imediato, se adaptado ao mesmo. No início, é claro, eles nos viam com reservas, mas com o desenrolar da campanha passaram a nos encarar no mesmo nível que eles. Em pouco tempo o soldado brasileiro bisonho passou a ser um veterano profissional de guerra.

Ainda sobre apoio, devo ressaltar que na 1ª ELO não tínhamos assistência de saúde ou religiosa. Não tínhamos igualmente Boletim nem Manutenção (de viaturas). Ao ser organizada a ELO foi pensado em tudo no que diz respeito ao avião. Esqueceram-se de viaturas, isto é, motoristas mecânicos etc. A solução foi pedir aos Grupos de Artilharia pessoal especializado. Cada grupo e a AD enviaram-nos dois soldados. Finalmente, recebemos dez soldados. E óbvio que não nos mandaram o que desejamos e foi um osso duro de roer transformar aqueles homens bons em manutenção. Aliás, nas Divisões americanas não havia ELO. Eles usavam dois aviões, por grupo. Era uma aeronave mais sofisticada e L-5. O L-4 eles não usavam mais. Alguns desses aviões chegaram a operar em nossos campos. Tivemos, então, a oportunidade de lutar lado a lado, e nossas relações foram as melhores possíveis. Os ingleses, de início, com uma certa reserva, também operaram conosco.

Após conhecerem nosso trabalho, passaram a nos admirar e era comum aparecer tenente observador aéreo inglês pedindo nossos aviões e pilotos para cumprir missão. Algumas foram por eles realizadas.

Devo ressaltar, também, que nos preocupamos com a frente americana, pois sua 10ª Divisão de Montanha estava no nosso flanco. Observávamos a frente de duas Divisões.

Devo dizer que as mensagens de tiro eram transmitidas para a AD, que as distribuía para os grupos. O S3 da AD era o então Capitão Cesar Montagna de Souza, que era ajudante-de-ordens do General Cordeiro. Não tendo desempenhado essa função, acabou como Adjunto do S3, na Central de Tiro. Muito operoso, também trabalhou algum tempo como Adjunto do S4. É o temperamento do General Montagna. Participar e ajudar sempre.

Finalmente, a guerra terminou e a alegria foi enorme. Seu término foi em 2 maio de 1945. Para nós, na Itália, tudo começou em 29 de abril, com as negociações do Destacamento Nelson de Mello em Collecchio-Fornovo, para a rendição da 148ª Divisão alemã. Nesta fase, a 1ª ELO não participou, pois se tratava da concretização da rendição.

No regresso ao Brasil a recepção foi uma apoteose, o povo nos recebeu estrondosamente.

Não participei do desfile. Cheguei em casa de ambulância. Como declarei, e complemento agora, no segundo acidente fraturei seriamente a perna esquerda, a qual foi engessada por um oficial médico do GO BE, Unidade próxima a ELO. Jovem que era não encarei seriamente o que aconteceu e dias após, sem estar restabelecido, retirei o gesso. Não liguei para comunicação oficial do fato às autoridades superiores, o que na certa faria constar em meus assentamentos: "Acidentado em Ação", medalha etc. Após a guerra operei a perna acidentada. Até hoje, em mudanças de tempo, sofro as conseqüências daquele acidente.

No Exército, porém, receberam-nos como uma minoria privilegiada. Havia, na maioria dos que aqui ficaram, uma grande má vontade contra nós. Eu me lembro de um tenente que queria casar e pediu para ser transferido para Santa Cruz, RJ, sendo sua transferência concretizada para Santiago-RS. Enganaram-se de Santo.

No meu caso, voltei incorporado ao I Grupo e fui para o Floriano, Unidade de Artilharia da Vila Militar, no Rio de Janeiro.

Não voltei com a ELO, pois a mesma foi dissolvida ainda na Itália e incorporada ao 1º Grupo de Caça em Pisa.

Em conseqüência, não tive a oportunidade de difundir, para o Exército, minha experiência na guerra.

Somente em 1954 foi criado um Curso de Observador Aéreo na ElE. O instrutor-chefe era o Mário Dias, um oficial inteligente e muito bom. Foi do meu Grupo e da 1ª ELO, como observador aéreo.

Em 1958, criaram um Estágio de Observação Aérea para os oficiais do QEMA, na sede dos Comandos de Exército. Tive oportunidade de travar conhecimento com o currículo, mas não havia muita novidade em relação ao que aprendera na guerra.

Apesar de tudo, com a FEB, o Exército teve um incremento. Cresceu na opinião pública, na opinião do próprio Exército e trouxe uma experiência de combate que nós não tínhamos. Toda uma nova doutrina. Se estivéssemos ausentes naquele conflito, nós iríamos engatinhar muito e fora da modernidade.

Nossos homens combateram contra um inimigo considerado excepcional, o melhor do mundo. Para nós da ELO, seus movimentos eram perfeitos. Seu disfarce não deixava uma pista. Ao alvejar nossos aviões o faziam pela retaguarda e com rajadas curtas. Num dos acidentes que eu tive, verificamos após que uma das asas tinha sido metralhada.

Pois bem, diante de tais soldados foi impressionante a capacidade do homem brasileiro em fazer o que fez e como fez. Não ficou abaixo e, sim, equiparou-se aos americanos e demais aliados.

Finalmente, desejo expressar meus votos da maior difusão possível deste Projeto de História Oral do Exército na Segunda Guerra Mundial.

Jornalista Thássilo Augusto de Campos Mirtke*

Nasceu na Cidade de São Paulo. Registrou-se, em 13 de setembro de 1946, como jornalista no serviço de identificação profissional do Ministério do Trabalho no Rio de Janeiro. Em 1943, foi admitido na Agência Nacional. Em janeiro de 1945, foi indicado Correspondente de Guerra junto à Força Expedicionária Brasileira no Teatro de Operações da Itália. Chefiou o Serviço de Imprensa do Interior, instalando diversas agências em capitais dos estados. Em 1951, ingressou na Rádio Nacional onde permaneceu até 1967; assumiu a Secretaria Geral da Divisão de Jornalismo, sendo um dos responsáveis pelo Repórter Esso. No ano de 1967, foi contratado pela empresa Editora de Jornais e Revistas, proprietária dos jornais *A Notícia* e *O Dia*. Cessando a atividade de *A Notícia*, passou ao cargo de Diretor e de Editor do *O Dia*.

Integrou a equipe do Governador Chagas Freitas, no Estado da Guanabara, responsabilizando-se pelas autorizações de publicidade oficial. No ano de 1981, em que se marcou a visita do Papa João Paulo II ao Brasil, organizou eficiente sistema de atendimento à imprensa estrangeira. No ano de 1987, deixou a direção de *O Dia* e passou a ser o Diretor-Editor de *Última Hora*. Em 1988, foi nomeado para o Metrô, ocupando a chefia da assessoria de comunicação social. Recebeu a Medalha de Campanha e Medalha de Guerra, por sua participação na Segunda Guerra Mundial. Membro da Ordem do Mérito Militar no grau de oficial. Autor do livro *A Luta dos Pracinhas*, escrito junto com Joel Silveira e prefaciado por Rubem Braga, ambos correspondentes de guerra na Itália.

---

* Correspondente de Guerra da Agência Nacional, entrevistado em 6 de junho de 2000.

Este texto, que ora lhes apresento, resulta de um pedido irrecusável que me foi feito pela equipe do Projeto de História Oral do Exército, no qual anseio em contribuir com aquilo que eu ainda guardo na memória e escritos sobre o que foi a participação da FEB no Teatro de Operações da Itália.

É bom haver uma rememoração do clima existente no Brasil na década de 1942 com os nazistas e os fascistas dentro da França, expandindo os seus projetos de conquista. Não somente da Europa, mas também da Ásia e, quem sabe, do mundo. Com uma forte tecnologia, os alemães desenvolviam projetos que culminaram, inclusive, com o surgimento da era espacial. Não se pode negar, portanto, a força tecnológica que este povo possuía. Renomados cientistas como, por exemplo, Julius Robert Oppenheimer trabalhavam para os nazistas; assim como, especialistas em foguetes, familiarizados nos mistérios do átomo e na fabricação de armas. Habilidades reconhecidas com as explosões verificadas, anos depois, em Hiroshima e Nagasaki.

Então, havia no Brasil um clima muito tenso porque – é bom e verdadeiro destacar –, por tradição, Getúlio Vargas e a maioria dos seus colaboradores do Estado Novo eram abertamente admiradores da Alemanha e da Itália, ou seja, mais objetivamente, do nazismo e do fascismo.

Em agosto de 1942, em meio à crescente agitação popular que se alastrava rapidamente por todo o País, depois de uma reunião ministerial presidida pelo Getúlio, ficou decidido o reconhecimento do estado de beligerância do Brasil com a Alemanha e com a Itália.

Aparentemente, parece que estou fazendo um relato que confunde o seqüencial das coisas; mas, mais adiante, eu mostro que não existe confusão, pois estou-me pautando nos acontecimentos verificados no Brasil, os quais levaram a formação da FEB. Esta Força honrou o Brasil não somente no comportamento humano, mas também no comportamento brioso no cumprimento do seu dever.

O estado de beligerância foi declarado porque, muito antes disso acontecer, os submarinos alemães já acossavam navios mercantes brasileiros em nossa costa. Eram navios desprotegidos e, implacavelmente, perseguidos e atacados por submarinos alemães. Inclusive, era corrente a informação de que havia a proibição, no início desses ataques, de a imprensa noticiar este fato. A censura proibia falar-se nisso.

Com esse clamor, o Brasil declara estado de beligerância. E começaram a surgir situações, principalmente, no Rio e em São Paulo que retratavam, espelhavam certa perplexidade do grande e sofrido povo brasileiro, porque o rádio já funcionava; então, havia um clima muito frustrante no Brasil.

Logo, a eclosão dessas manifestações nestes estados foram-se alastrando, culminando com atos, embora esporádicos, de relevante importância histórica. Um

deles se configura na atuação de estudantes que, na época, formavam uma elite de intelectuais – vamos dizer assim, embora deva considerar-se a imaturidade de muitos dos atos praticados na época – que, em sucessivas manifestações de rua, acabaram por ocupar a sede do clube Germânia, na Praia do Flamengo, nº 132, irrelevante a localização numérica, mas não se peca por mencionar.

Neste grupo de intelectuais, reunia-se a nata da colônia alemã residente no Rio de Janeiro. Era um ajuntamento de industriais, de pessoas com projeção social não só no Rio, mas como no País. E o edifício ocupado por eles passou a ser a sede da UNE, União Nacional dos Estudantes, recém-fundada naquela época. Organização que, por sinal, deu muita dor de cabeça a muitas pessoas, notadamente, a muitos presidentes.

Também é preciso registrar, acoplar a este relato, o fato de que, antes da deflagração da Segunda Guerra Mundial, foi fundada no Brasil a ação integralista liderada por Plínio Salgado, à qual teve a adesão entusiástica de centenas de milhares de filiados em todos os estados, o que formou um embrião de um pretendido estado nacional socialista, calcado com o papel carbono do modelo nazi-fascista do *führer* alemão e do *duce* italiano. Figuras sinistras que tantos males causaram à humanidade, em defesa de um ideal, de um projeto inatingível.

Rapidamente, como um rastilho de pólvora, a estranha doutrina integralista entranhou-se fortemente em alguns segmentos da sociedade brasileira. Os partidários de Plínio Salgado passaram a se infiltrar nos mais vitais órgãos do governo. Somente com a interferência direta do ministério das relações exteriores, chefiado por Oswaldo Aranha e, de reconhecidas convicções democráticas, com um liberal de inclinações freqüentemente demonstradas em favor dos Estados Unidos, foi dado o primeiro toque político de efeito contra a desenvoltura com que os nazistas, acolitados pelos chamados “galinhas verdes”, transitavam pelas áreas do poder.

Em nota oficial, o Ministério do Exterior declarou *persona non grata* o embaixador alemão Karl Ritter que agia abertamente, cumprindo, de modo traiçoeiro, as ordens de Berlim. Muitas das figuras dos mais altos escalões de confiança do Getúlio Vargas eram reconhecidamente simpatizantes do nazi-fascismo, especialmente no que diz respeito à censura; transplantando-o para o Brasil, operação essa com forte e declarado apoio de cada um dos membros.

Muitos receberam verdadeiras aulas de próceres de Benito Mussolini como Staracce, Pavolini e outros, que foram mortos e tiveram dependurados os seus corpos num posto de gasolina na *Piazza Loreto*, em Milão, sendo cuspidos e baleados por todos que ali passavam.

Em 1942, já com dezenas de navios mercantes torpedeados sem qualquer escolta no litoral brasileiro, em rota de cabotagem, em missão estritamente civil,

ninguém, poder algum, tinha condições de conter a onda de indignação que se apossou de todo o País. Eram mais de mil mortos, lutaram muitas famílias; portanto, não dava mais para tolerar a situação, e o governo decidira, assim, entrar no conflito que, àquela altura, mostrava as proporções a que logo chegaria.

Em outubro de 1943, o Brasil decidiu enviar ao Teatro de Operações da Itália um corpo expedicionário constituído de três divisões, foi imensa a tarefa atribuída a esses organismos militares. Cumpridas as metas estabelecidas em julho de 1944, as forças da FEB, sob o comando supremo do General João Baptista Mascarenhas de Moraes, começaram a atravessar o Atlântico a bordo do navio de transporte de guerra norte-americano.

É relevante assinalar que complexas negociações vinham sendo desenvolvidas para concretizar a importante missão brasileira na luta contra o poderio espantoso das potências nazi-fascistas. E nada mais fidedigno, histórico, do que o que escreveu o meu amigo – com quem tive a honra de conviver por muitos anos e que foi adido militar na embaixada dos Estados Unidos no Rio de Janeiro, durante muitos anos – Coronel, naquele tempo em que o conheci não era Coronel, Vernon Walters.

Ele foi um militar de atributos diversos, além de atuar sempre e, principalmente, como diplomata. Falava, fluentemente, mais de seis idiomas: alemão, russo, espanhol, italiano e, até mesmo, o japonês; incluindo, obviamente, o português e o inglês. Walters foi assessor de todos os presidentes dos Estados Unidos, sendo nomeado embaixador daquele país na ONU pelo, então, Presidente John Kennedy.

Walters atuou anos no Rio de Janeiro, era amigo de todos e, sobretudo, dos militares, profissionais como ele. Então, indo a FEB para a Itália, os norte-americanos consideraram nada mais natural do que levar, também, este homem valioso. Assim, o Coronel foi agregado ao comando do General Mark Clark, comandante do V Exército, ao qual estava subordinada a FEB, no IV Corpo de Exército, sob o comando do General Willis D. Crittenberger.

Este meu amigo, deste modo, passou a ser um oficial-de-ligação, um homem íntimo do comandante da FEB e da oficialidade brasileira. Ele, inclusive, adquiriu certos manejos bem brasileiros: era alegre e altamente competente. Era um homem de informação. Sabia tudo, tanto que acabou como embaixador dos Estados Unidos na ONU.

Pode-se dizer que era um amigo do Brasil. E vale reproduzir o que disse Vernon Walters sobre os episódios históricos que cercaram a participação da FEB, no Teatro de Operações do Mediterrâneo. Em seu livro *Missões Silenciosas* lançado no Brasil, pela Editora Record, na página 72, ele disse:

"...mesmo antes de sua entrada na guerra em agosto de 1942, firmou-se um acordo para o estabelecimento de bases aeronavais norte-americanas no saliente nordestino brasileiro, o que permitiu reduzir praticamente à metade o espaço marítimo a ser sobrevoado.

Além disso, engenheiros dos Estados Unidos conseguiram cavar uma pista no flanco de um vulcão extinto na pequena ilha inglesa de Ascensão, permitindo um ponto de apoio na rota atlântica. As bases no Brasil facilitaram amplamente as operações aliadas, tanto dos navios norte-americanos como brasileiros, contra os cada vez mais numerosos submarinos alemães que agiam no Atlântico Sul e cujos ferozes ataques contra a Marinha Mercante do Brasil tanto contribuíram para que o País tomasse parte ativa na guerra contra a Alemanha...."

Fato que apressou a decisão brasileira de alinhar-se às forças aliadas. Todos esses fatos se desenrolaram depois de entendimento de alto nível, tendo o Presidente dos Estados Unidos Franklin Delano Roosevelt vindo ao Brasil com numerosa comitiva para encontrar-se com o Presidente Getúlio Vargas e o seu ministério. Foi nesse encontro que ficou decidido, o envio de três divisões de combate brasileiras para o *front* italiano. O fim da guerra em maio de 1945 impediu que a 2ª e a 3ª Divisões fossem juntar-se à 1ª Divisão de Infantaria expedicionária que lutou como integrante do IV Corpo do V Exército dos Estados Unidos comandado pelo General Mark Clark.

Bem, feito esse resumo de fatos que cercaram o momento histórico brasileiro até o envio de tropas, é relevante considerar, também, que o Brasil foi o único país latino- americano a estar presente no campo de batalha na Segunda Guerra Mundial e que nenhum outro país apareceu por lá. Assim como, mencionar que surgiu, por parte do governo argentino, a idéia de a Argentina fazer parte da OTAN (Organização do Tratado do Atlântico Norte), um organismo completamente diferente do campo político militar das Américas.

Tal idéia não era pertinente, pois não tem nada a ver uma coisa com a outra. Verifica-se, na verdade, uma adesão, ou melhor, uma ânsia de participar de um organismo inteiramente estranho ao campo. Essa argumentação é para caracterizar que, na hora certa, o Brasil estava presente no Teatro de Operações e que deixou lá centenas de mortos. Em outras palavras, ele não mediu esforços para fazer parte dos exércitos que reuniam, na Europa, americanos, ingleses, sul-africanos, neozelandeses; enfim, componentes de muitas nações.

Para este depoimento, eu recebi uma série de perguntas sobre a participação da FEB na Segunda Guerra. Perguntas que me orientaram na rememoração. Uma primeira pergunta trazia a indagação sobre o ambiente, no Brasil, em relação à

Segunda Guerra Mundial, em 1939 e no início da década de 1940, a qual, certamente, foi respondida. Entretanto, em suma apresentou-se um ambiente da neutralidade e, depois, da participação ativa, em que se mencionou a defesa do litoral e das ilhas oceânicas, o torpedeamento dos navios civis brasileiros, as mortes de 1.500 brasileiros inocentes e os efeitos políticos e psicológicos da primeira fase dessa batalha.

Tratou-se, realmente, de um período em que a opinião brasileira sedimentou a idéia da irredutibilidade da decisão do Brasil em reagir à agressão que vinha sofrendo, sem a possibilidade de poder revidar os ataques sofridos, por absoluta falta de recursos técnicos e de equipamentos condizentes com os avanços que, já naquela época, o inimigo apresentava.

Com a evolução da fase inicial para o estado de beligerância, a organização da FEB se processou e foi cumprida, como não poderia deixar de ser. Os preparativos estiveram incluídos num esforço logístico, em que se questionava o como fazer e o que surgiria das ações. Assim, as situações foram-se desenrolando. A culminância ocorreu com o embarque do 1º escalão que, ordenado, entrou num transporte de guerra, atravessou o Atlântico e desembarcou na Itália.

Houve, para tal, um curto período de adaptação – claro que seria impossível apresentar o pracinha brasileiro na linha de frente, principalmente o 1º escalão, embora eu tenha ouvido algumas vezes, ao longo dos anos, que tal fato se deu; mas, isso não aconteceu – em que a tropa passou por uma triagem e por um período de acomodação ao contexto em que estava inserida e, inclusive, ao clima, o que foi feito, aos poucos, no Vale do Serchio.

O Brasil mantinha em Staffoli perto de Livorno um centro chamado de Depósito de Pessoal da FEB. Essas pessoas que ali ficavam eram adestradas e passavam a ser orientadas em cursos quanto ao manuseio de armas, e tudo o mais em relação às minas. E, ainda, eram preparadas para enfrentar a diversidade do clima, pois, no Brasil, tinha-se uma determinada temperatura ao entrar no navio e ao sair do mesmo se tinha outra; assim, as pessoas já vinham com uma indumentária contra o frio.

Como se vê, foram inúmeros os detalhes em relação à adaptabilidade da tropa atuante na Itália. Com certeza, existirão outros detalhes que me escaparam à memória, mas a parte que me cabia, aqui, acredito tê-la esgotado.

Fui no navio *General Meighs,* em 8 de fevereiro de 1945, que era o escalão comandado pelo Coronel Ibá Jobim Meireles. Desembarcamos em Nápoles, como todos os escalões, região considerada Teatro de Operações, porque os aviões por ali circulavam. Na verdade, uma curta estada, pois não fiz o tal período de quarentena. Cheguei a Nápoles num dia e, no outro, estava a bordo de um navio mercante italiano, indo para o norte, até Livorno.

Ao desembarcar em Livorno, fui, imediatamente, recebido pela oficialidade do Coronel Travassos. A seguir, fui para o já mencionado Depósito de Pessoal da FEB, local em que passei uma noite. No dia seguinte, estava em Pistóia, apresentando-me ao General Mascarenhas de Moraes.

O meu batismo de fogo aconteceu, não na frente de combate, mas em Pistóia mesmo. Na minha primeira noite, estouraram, na cidade, umas trinta ou quarenta granadas de canhão. Estremecíamos com isso e, toda a madrugada, toda a noite assim acontecia.

No dia seguinte ao bombardeio, ficávamos nos cálculos de quantos haviam morrido e de quantos estavam ali, conosco, pois os alemães não perdoavam. Pode-se dizer que era uma loteria: "quem é que vai?", "será que vai cair aqui ou ali?" Portanto, tratou-se de um batismo de fogo não exclusivamente meu, mas de todos que lá se encontravam.

Em Nápoles, com os meus 22 anos – feitos lá – sofri um acidente ocasional que não deixa de ser um batismo de fogo, mas digo que foi um pré-batismo. Narro-lhes o acidente a seguir.

Na troca de equipamentos, de roupa, de sapato, de suéter e de japona, os americanos viam o nosso tamanho e nos davam o *combat boot* etc. Em um dos momentos, eles me deram um capacete. Como eu estava chegando lá, disse a um deles que mais adiante eu arranjaria um daqueles, pois ainda iria viajar de navio. Mas o americano que me abordou não teve dúvida e, rapidamente, pôs o capacete na minha cabeça, num gesto até um pouco agressivo, exclamando: *Take it*. E, assim, prossegui por algumas vielas.

Neste decurso, ouvi um estrondo tremendo, era uma bomba dessas que não se sabe como e de onde surge. Com a explosão, uma das pedras lançadas caiu na minha cabeça e, se não fosse o capacete, eu teria morrido naquela hora. No mesmo instante, alguns soldados vieram ajudar-me, estavam preparados, inclusive, com uma maca. E, naquele momento, pensei: "Puxa, é o primeiro dia que estou entrando em campo e já vou para um hospital militar!" Então, imediatamente, coloquei o meu capacete, juntei os meus pertences e segui o meu caminho.

Assim, apresentei-me ao General Mascarenhas de Moraes, ficando agregado à 5ª Seção, que era no comando da FEB, em que oficiais, quatro ou cinco coronéis, estavam especialmente incumbidos de dar apoio logístico à imprensa, aos correspondentes brasileiros e aos estrangeiros.

Dali, tivemos um convívio muito bom; assim como todo o atendimento necessário. Passamos, então, a percorrer a linha de frente. Íamos aos locais de combate e vimos que com os processos modernos que já havia na Segunda Guerra Mundial os

combates eram feitos, praticamente, à longa distância. Mas havia o entrechoque de pessoal, Monte Castelo mostrou isso: houve combates de fogo em cima de fogo e de homem a homem.

Em Montese houve, também, combates, embora o General Cordeiro de Faria tivesse reduzido as linhas alemães a caco. Os alemães fugiram de Montese, localizaram-se em Montelo, mais acima, e passaram a bombardear Montese. Entretanto, foram dominados e se espalharam pelo Vale do Pó, enquanto a FEB seguiu em frente, embora tenha enfrentado inúmeras missões muito difíceis.

Ao longo desse tempo, eu tenho rebatido argumentos publicados sobre a participação da FEB na Segunda Guerra, tenho participado de entrevistas realizadas em televisão, estação de rádio, expressando o meu ponto de vista. Faz-se necessário ressaltar que não sou militar, fui para lá como civil. Independente disso, não posso criar argumento infundado, fazer caraminholas em oposição sistemática pelo simples prazer de fazer, isso eu nunca fiz.

Participei de muitos debates e num deles, recordo-me, manifestei-me de forma revoltada; principalmente por conta de um cineasta de nome alemão e, também, judeu, Sylvio Back, que desprestigiou, injustamente, a FEB. Esse cineasta fez um filme em que o mesmo focaliza aspectos tremendamente negativos sobre a presença do soldado brasileiro na FEB.

Eu explico o porquê: a Agência Nacional mandou, primeiramente para a Itália, três homens: um repórter, Silvio Fonseca; um fotógrafo, Abelardo Cunha, e um cinegrafista, Fernando Stamato. Depois de um certo tempo, tanto o Silvio Fonseca quanto o Abelardo Cunha foram intimados pelo General Mascarenhas de Moraes a abandonar o Teatro de Operações italiano. E tiveram muito pouco tempo para cumprir a ordem. Saíram de lá por questão de comportamento pessoal.

O Fernando Stamato estava lá, mas não mandava filmes. Fazendo um aparte, curiosamente, na época ele estava noivo. Então, fui para lá com uma missão, inclusive, de despachar o Fernando Stamato. Pode parecer impolidez eu mencionar os nomes, mas tal fato não se deverá levar como uma ardileza no caráter, mas sim como uma preocupação com a veracidade das informações apresentadas.

Dos profissionais que fiz referência, alguns já estão mortos. Não tenho a certeza de que o Fernando Stamato seja um deles. Retomando o assunto, esclareço que não cheguei, diretamente, intencionado em demitir o Stamato. Perguntei-lhe o que estava acontecendo, mencionando que ele não enviara algum material de trabalho e que, por essa razão, recebi ordens para fazê-lo retornar ao Brasil.

Após eu ter-lhe falado, ele se justificou afirmando não possuir filmes necessários ao trabalho. Naquele tempo, todos os correspondentes possuíam, como equi-

pamento essencial, principalmente, os cinegrafistas, uma máquina de 35mm, supereficiente, bem volumosa, e ele a possuía. Eu lhe disse que se o problema era o filme, tudo iria ser resolvido.

Então, eu me dirigi aos correspondentes americanos, Allan Fisher e Frank Norall, que serviam à Coordenação de Assuntos Interamericanos – naquele tempo chefiada por Nelson Rockefeller que, inclusive, editou durante muito tempo, no Brasil, uma revista chamada *Em Guarda*, uma revista primorosamente bem-feita, com lançamentos, de um modo geral, pertinentes a assuntos brasileiros –, contando-lhes o que acontecera.

Conversando com eles – Fisher, o fotógrafo, e Norall, o repórter – vi que o Stamato não os procurara para que o ajudassem quanto aos filmes. Imediatamente, Fisher se prontificou em ajudá-lo. Pegou um telefone e começou a estabelecer um contato, utilizando-se de códigos. E se percebia que aquela ligação era passada para outros telefones, até que chegou onde ele queria. Foi quando disse: "Aqui fala Allan Fisher *war correspondent of Interamerican Coordinator*..."

Três dias depois, chegou um caixote com filmes de 35mm. Portanto, eu procurei o Fernando Stamato e lhe disse: "Está aqui, você pode trabalhar agora, não há de ser por falta de filme que você vai ficar parado." O fato é que ele não produziu nada.

Aquele cineasta, Sylvio Back, nada mais fez do que o ajuntamento de cacos, que era o que ele tinha, sobre a participação da FEB. E o pior, tudo não se passava de uma atividade amadorística, em que se apresentavam, por exemplo, batucadas e outras situações insignificantes. Em suma, não havia filme, não havia o que eu fiz no meu livro.

Houve uma sondagem na Agência Nacional antes de chegarem ao meu nome. Foram convidados alguns outros profissionais; dois recusaram-se, até que chegaram a mim e, sem pestanejar, aceitei o convite. A partir de então, orientaram-me para conversar com o General Eurico Gaspar Dutra, aqui, neste prédio, ou seja, Palácio Duque de Caxias (Rio de Janeiro).

Durante a conversa, o General Dutra confirmara o apoio que me daria e pediu ao General Alcio Souto que providenciasse o necessário à tarefa. Assim, o General Alcio Souto, que servia no gabinete do General Dutra, abriu os caminhos para eu me preparar documentalmente, preparar o uniforme, movimentar-me para dispor do que era preciso e então embarquei.

Como eu disse, a Agência Nacional mandou para lá um repórter, Silvio Fonseca, e um fotógrafo, Abelardo Cunha. Os dois foram ejetados, mas eu, repórter, não fotógrafo, gostava muito de fotografia; inclusive, tive um professor que era muito

meu amigo, convivíamos na Agência Nacional. Ele era, realmente, muitíssimo meu amigo. Um cidadão chamado Jean Manson, jornalista e fotógrafo francês que, com a invasão da Alemanha e a ocupação de Paris, transferiu-se para o Brasil e aqui se aninhou; mais precisamente, na Agência Nacional.

Antes de prosseguir à minha tarefa, procurei o meu amigo Manson e contei-lhe que precisava da sua ajuda. Ele se mostrou acessível, convidando-me para ir até sua casa, naquele mesmo dia. E eu passei a freqüentar a sua casa, ocasião em que ele me ensinara os segredos da máquina que eu devia utilizar.

Assim eu fui. Perguntei-lhe* sobre o fotógrafo que me acompanharia e ele me disse que este iria depois. Isso não aconteceu. Portanto, na verdade, para aquela função, fui travestido de repórter e de fotógrafo, fazendo essas fotos que os senhores, oportunamente, poderão observar e, também, escrevi sobre as mesmas. Penso ter me saído muito bem, graças a Deus.

Discorrendo sobre a minha impressão em relação aos soldados brasileiros, atuando no inverno rigoroso da Itália, na época, e, principalmente, em relação ao modo como se ativeram naquele espaço conflituoso – o que, aliás, era uma curiosidade para militares americanos que lá estavam –, afirmo que, diferentemente da idéia de atraso que muitos têm em relação ao povo brasileiro, trata-se de um povo que tem uma noção de grandeza e que não tem medo das adversidades.

Os soldados se adaptaram aos imprevistos. Enfrentaram sem medo o tedesco que era, assustadoramente, esperado por todos. Eles entraram em combate como quaisquer outros soldados vindos da Austrália, da Nova Zelândia e dos Estados Unidos. É bem verdade que o adestramento profissional militar não era igual ao dado aos integrantes daqueles países, devido às notórias carências, inclusive de material, e a precária infra-estrutura que possuíamos. Em pouco tempo, os nossos soldados se tornaram veteranos, adaptaram-se ao contexto e não fugiram da raia. Alheio aos contratempos daquela natureza, eu sempre que posso elogio, e elogiarei sempre, o comportamento do homem brasileiro na Segunda Guerra Mundial.

Houve muita controvérsia em torno da conquista do Monte Castelo. No tocante a esse episódio, é preciso considerá-lo sob os pontos de vista tático, estratégico, geral e geográfico. O Monte Castelo, apesar de ser um montículo, foi ocupado pelos alemães, que lá se entrincheiraram e se firmaram. Eles fizeram dali um lugar considerado vital para segurar qualquer onda que subisse e atravessasse os Apeninos para o lado de lá, pois previam que se tal acontecesse iria ser extremamente complicado, pois estavam abertos para o ataque e foi o que se deu realmente.

---

* Amilcar Dutra de Menezes (Diretor do Departamento de Imprensa e Propaganda – DIP).

O brasileiro, precavidamente, foi até o Monte Castelo, mas voltou. Depois, retornou para tomá-lo, verdadeiramente; ocupando, em seguida, Montese. No ensejo, Cordeiro de Faria não teve pena: despejou um canhoneio em Montese, o que foi praticamente uma ocupação militar, um episódio da guerra. Os alemães saíram de Montese foram para Montello, um pouco mais acima, mobilizaram equipamentos e se entrincheiraram. Mesmo assim, o avanço foi definitivo. Os brasileiros acabaram praticamente no Vale do Pó, chegando a aprisionar uma Divisão inteira, a 148ª , veteranos da guerra no norte-africano, os quais estavam correndo para a Alemanha, já nos seus estertores, e foram barrados pela FEB.

Assisti a essa rendição e registrei com fotografias o encontro, ocorrido numa salinha específica, em que tive a oportunidade de presenciar a conversa do General Mascarenhas de Moraes com os oficiais alemães. Houve uma hora em que estes pediram a presença de um oficial americano, pois queriam se render a eles.

Um oficial americano de ligação, de patente mais baixa, que estava presente, foi absolutamente contra o pedido dos alemães, argumentando que eles deveriam entender-se com o General brasileiro, comandante da Força Expedicionária, porque se tratava da maior autoridade das forças aliadas daquele recinto. Acrescentando que a rendição teria de ser feita naquele exato momento e que ela dependia, única e exclusivamente, da decisão do General Mascarenhas de Moraes. Naquele momento, o alemão "baixou a crista" e houve o entendimento. Eles pediram algumas horas para começar, porque estava tudo muito espalhado por lá, e acabaram se rendendo sem delonga.

Tratou-se, então, de uma rendição incondicional, porque no início foram quatro mil cavalos, e, em média, 12 a 14 mil homens. O armamento todo jogado ao chão e todos os homens encurralados no campo de concentração, não no sentido do que foram os campos de concentração alemães.

Ainda resta lembrar que, como eu tive uma atuação quase onisciente nos episódios narrados, acompanhei de perto os atos magnânimos dos soldados brasileiros. É de conhecimento de todos a generosidade do povo brasileiro; logo, não foi diferente, do que se esperava, o comportamento do nosso soldado.

À medida que os brasileiros se deslocavam no *front*, havia um corpo de flagelados que andava atrás deles; assim, às vezes não podiam ignorá-los. Eles, sempre que podiam, distribuíam, por exemplo, leite em pó. Era leite em pó, era cigarro e outros produtos que, admiravelmente, não se prestavam a um procedimento venal. Daí, surgiu na FEB o termo *scatoletta*, significando muamba, no bom sentido; dito de outro modo, é um negócio que se daria, uma espécie de "toma isto aqui". E tal fato foi, muitas vezes, repudiado. Ocorreram episódios de repressão a essa generosidade. A *scatoletta* passou a ser proibida.

A população italiana adorava os brasileiros, não fazia diferença de cor, não havia discriminação de ordem alguma. Muito pelo contrário, o Brasil deixou na Itália a melhor das impressões.

Nesta linha de raciocínio, posso fazer referência à ligação das tropas aliadas. Na verdade, o que coube ao Exército dos Estados Unidos foi assumir a liderança no Teatro de Operações da Itália, o qual reunia dois grandes exércitos: o V Exército americano e o Exército da Inglaterra, VIII Exército inglês. Eram duas forças.

Mas, por determinação do General Eisenhower, Comandante-Geral, os dois Exércitos, o brasileiro e o inglês – este reunia forças australianas, neozelandesas, o sistema colonial inglês e até os gurcas, da Índia, que eram muito maus, eles degolavam mesmo –, estariam subordinados ao Exército americano. Assim, o V Exército, que controlava uns remanescentes corpos constituídos pela França – àquela altura ocupada – e a Força Expedicionária Brasileira, passou a ser o cabeça das Operações no Teatro de Luta da Itália.

Nesse contexto, os brasileiros foram tratados com o máximo respeito, tendo o comando dos Estados Unidos mandado, para junto daqueles, oficiais da mais alta envergadura, como, por exemplo, o Vernon Walters. Esse oficial, além de ser grande amigo do Brasil, falava um bom português. Era um grande profissional e, certamente, um apoio à coragem, à organização e à disciplina presentes no comportamento do homem brasileiro na Segunda Guerra Mundial, mais precisamente, na Itália.

Fazendo uma apreciação subjetiva do todo da Campanha, posso afirmar que muitos foram os episódios que me impressionaram; mas um, em particular, chamou-me a atenção: na linha de frente, havia o recolhimento pelos caça-minas de minas anticarro. Uma guarnição de brasileiros da FEB estava recolhendo essas minas, já detectadas e acumuladas, e juntaram-nas em um caminhão. Contavam-se cerca de quarenta a cinqüenta minas, e, a certa altura, dois pracinhas levantaram a parte traseira da carroceria, a fim de fechá-la. Aconteceu, neste momento, alguma coisa que levou à explosão daquela carga, fazendo-os desaparecer. Havia, no local, cerca de trinta homens.

Foram retratos chocantes que tive a oportunidade de ver. Lá eu vi, por exemplo, olho pendurado na parede, o que é pavoroso do ponto de vista humano. Havia, apenas um buraco no chão com o diferencial do caminhão. Em termos de operação de guerra também participei de situações terrificantes.

Certa vez, eu e o Joel Silveira – que andávamos sempre muito juntos, assim como o Squeff e o Raul Brandão – decidimos acompanhar uma patrulha de choque comandada pelo sargento Max Wolf. Em determinada altura da situação, o sargento nos dissera que poderíamos sofrer algo naquele contexto; ainda mais, pelo fato

de estarmos desarmados, pois éramos os jornalistas. Não era só o fato de corrermos riscos que a nossa presença era indesejada, mas também o fato de podermos atrapalhá-los na operação.

De certo modo, aquele sargento tinha razão, então decidimos alojar-nos numa colina. Na mesma havia um *fox hole*, isto é, uns buracos em que entramos e de lá víamos a progressão dos homens. Eles avançaram, gradativamente, em direção a um lugar chamado Riva di Biscia, já nos arredores de Montese.

De repente, começaram a explodir no céu aqueles *very light* que fazem a iluminação e surgiram disparos contínuos provenientes daquela elevação. Observamos quando o Wolf, que vinha na frente, dobrou-se em cima dos joelhos e caiu. Os soldados da companhia foram até ele, mas o tiroteio de metralhadora começou. Assim, o fogo caiu em Riva di Biscia.

Com isto, os brasileiros se retiraram e, a seguir, divulgaram que o Wolf estava morto e que eles não puderam trazer o corpo. Dali, foram acolhidos em sua Unidade. Pela madrugada, mandaram buscar o corpo naquele local; entretanto, não foi encontrado. Os alemães recolheram o corpo e enterraram-no. Até hoje, não se sabe onde ele foi enterrado. Por isso que o corpo do sargento Max Wolf, de Santa Catarina, não está no monumento aos mortos da Segunda Guerra Mundial. É um desalento, pois se pode considerá-lo um dos nossos heróis mais consagrados.

Considerando-se, ainda, uma apreciação subjetiva, vale destacar do ponto de vista de ação pessoal, o sargento Max Wolf foi uma pessoa que partiu da terra de ninguém e foi cortado ao meio por uma metralhadora. Também penso ser relevante destacar o papel da Força Aérea Brasileira, tanto do ponto de vista de uso dos aviões de combate, quanto ao uso dos aviões de ligação e observação, era a nossa ELO. De um modo geral, eles tiveram um desempenho muito bom. Cumpriram todas as missões, apesar das perdas que tivemos.

A Esquadrilha de Ligação e Observação voava a alturas mínimas, porque eram aviões leves e transmitiam o que eles observavam. Informavam, por exemplo, que tal ponte tinha sido derrubada, indicavam uma correção, ora um pouco mais à direita, ora outra direção, e, assim, faziam a orientação dos tiros de Artilharia. É jocosa a comparação que faço, mas se trata de um trabalho quase suicida, que tem a minha admiração, pois eles ficavam ali como pombos voando, em exposição.

A propaganda divulgada nesta campanha ou, propriamente, a guerra psicológica, a meu ver, não teve grande influência; o que existia era uma estação de rádio chamada "Auriverde". Não quero contrariar as informações de outras pessoas que as darão de modo mais conhecedor, mas sempre desconsiderei essa "Auriverde", pois o pracinha não tinha rádio. O pracinha tinha fuzil, metralhadora e marmita. E só.

Trazendo alguns pontos argumentativos ainda sobre a campanha, virtualmente, afirmo que depois que o General Mascarenhas de Moraes escreveu o seu livro, historiando minuciosamente tanto a formação, como o desempenho da FEB, no Teatro de Operações, trouxe-nos informações de ordem técnica, de ordem militar e de combate. Ele se referiu a nós, os jornalistas, que participamos e tínhamos livre acesso para qualquer posição. Guardadas as limitações impostas pelos regulamentos de segurança militar, íamos somente aonde podíamos. Tivemos um bom apoio logístico, o que pode ser constatado e melhor exemplificado no meu livro *A Luta dos Pracinhas*.

É conveniente acrescentar aos relatos apresentados o relacionamento profissional entre os militares e os demais jornalistas e, também, objetivar o testemunho sobre a minha função de correspondente de guerra junto à FEB.

Primeiramente, vale lembrar que – não sei se por decorrência de um vezo imposto pelas condições políticas vigentes no Brasil durante o Estado Novo, a censura, o rigor – nós, jornalistas, éramos vistos como figuras "perigosas". Houve certa vez uma observação, que sempre reputei como injusta, do General Mascarenhas de Moraes, quando, dentro desse assunto, ele se excedeu, fato que exporei mais adiante.

Nós, pessoas educadas e profissionais, entendíamos tudo o que se passava no Brasil, conhecíamos a censura sofrida pela imprensa brasileira; do mesmo modo, o rigor com que o governo olhava a imprensa e os seus profissionais. Sabíamos da censura do DIP, da censura prévia que se fazia: "escreveu; então, mostra para o censor". O censor lia o que era escrito e, depois, carimbava autorizando ou não a publicação. Caso se publicassem, sem autorização, os escritos, a edição era apreendida pela polícia.

Então, a princípio, havia um receio quanto à presença de um repórter. Embora nos vissem como delatores, isso nunca houve; pois, sobretudo, não fazíamos política. Tudo o que escrevêssemos dentro da área militar, sobre o desenvolvimento das ações militares, o desenvolvimento da guerra, passava pela mão dos censores do V Exército.

Existiam censores brasileiros, oficiais, e censores americanos. Eles vetavam alguns escritos e depois se explicavam. Em alguns casos, por exemplo, não se podia dizer que o pelotão, ou uma guarnição qualquer, estava em tal lugar, porque significava "dar o serviço ao bandido". Em pouco tempo aprendemos o que podia e o que não podia ser informado. Assim, adequamo-nos às normas, pura e simplesmente, militares e não de ordem política ou profissional, para compatibilizar o desejo da segurança da informação.

E dentro desse quadro, certa vez, houve uma convocação de reunião por parte do General Mascarenhas de Moraes com todos os jornalistas, inclusive os estrangeiros, da Associated Press, da United Press, da Coordinator. Na ocasião, ele teve

uma espécie de explosão completamente descabida. Nós ficamos quietos, não houve um debate sequer; mas, pessoalmente, acredito que ele tenha se arrependido da hora em que resolveu convocar a imprensa para fazer o que fez.

Quanto ao trabalho de correspondente, seguia-se a rotina de verificação à imprensa, conforme mencionei anteriormente. Qualquer matéria escrita deveria, antes de ser passada adiante, ser outorgada pelo comando do V Exército, por uma seção correspondente. A matéria era lida pelos oficiais censores, alguns brasileiros, que autorizavam ou não a transmissão.

O processo de transmissão, do noticiário para o Brasil, era feito através de duas organizações internacionais. Uma delas que mais funcionou foi a *All América Cable*, organização que recebia a nossa correspondência aprovada e a transmitia ao Brasil. A mesma não transmitia nada que não tivesse o visto da censura americana. Agregadas ao comando do V Exército, fazia-se a transmissão.

Os correspondentes que não tinham a franquia de transmissão usavam o chamado via aérea. Rubem Braga, por exemplo, não tinha franquia. Então, escrevia suas crônicas que chegavam ao Brasil um mês depois de tê-las enviado por avião, diferentemente do nosso trabalho, que era ligeiramente despachado e chegava na hora.

O nosso material era transmitido, naquele tempo, usando-se o Código Morse para as transmissões à longa distância. Hodiernamente, isso tudo é feito via satélite. A própria radiofoto era, naquele tempo, coisa insipiente e passou a ser, hoje, uma brincadeira. Até as máquinas fotográficas já projetam o filme pronto para ser transmitido. Organiza a máquina, aciona uma tecla e passa a transmissão para qualquer lugar do planeta.

Não mencionara antes, mas é interessante dizer que nós, jornalistas, éramos adidos ao comando da FEB. Dormíamos a dez metros de onde dormia o General Mascarenhas de Moraes. Tínhamos acesso a ele, evidentemente, dentro de critérios de disciplina, de comportamento e de educação.

Depois de tantos feitos, deu-se a nossa volta, como também o regresso da FEB. Quanto a isso, aconteceu o seguinte: acabada a guerra, a FEB concentrou-se em Francolise. A previsão de retorno da FEB ao Brasil era uma incógnita, porque havia o fim da guerra na Europa, e existia a guerra no Extremo Oriente, no Japão. Então as prioridades de transferências de oficiais, de soldados e de equipamento bélico para o Oriente era uma possibilidade.

O correspondente, desde então, não tinha mais nada para fazer. Dizia-se para ficarmos por lá, porque a FEB voltaria ao Brasil e não iria para o Japão. Do mesmo modo, não iria para Okinawa, nem para Guadacanal. Portanto, a FEB ficou, ainda, bastante tempo naquele lugar, Francolise, acima de Nápoles.

Vimos que não poderíamos ficar em Francolise; pois, como profissionais, precisávamos escrever a história que estava marcada em nossa cabeça. Sei que conseguimos, aos poucos, a nossa transferência para o Brasil. Eu vim com o meu companheiro Joel Silveira, fomos, primeiramente, despejados na Argélia. Permanecemos em Argel por cinco ou seis dias, quando conseguimos um vôo para Casablanca no Marrocos, neste local, ficamos uma semana. Depois conseguimos uma prioridade, que nos trouxe para Natal / Brasil, passando por Dacar.

Em Natal, Rio Grande do Norte, ficamos em Parnamirim na base americana-brasileira que lá estava instalada. Permanecemos nesse estado durante uma semana, até que surgiu, em boa hora, um avião da FAB que nos trouxe para o Rio de Janeiro. Aqui, trabalhamos muito: escrevemos, falamos em rádio e, ainda, demos um repasse em algumas lembranças e anotações.

Eu tive a satisfação de presenciar a chegada e a recepção do 1º escalão da FEB. Trata-se de um dos maiores acontecimentos que tenho na minha existência e na memória, foi um marco que presenciei. Estava na Avenida Rio Branco quando passaram os pracinhas, que desfilaram pela avenida, com acenos de milhares e milhares de pessoas. A impressão que eu tenho é a de que o Rio de Janeiro todo estava ali. Foi um evento emocionante que confirmou a unidade do povo brasileiro, convencendo-me de que o Brasil é um só.

Para mim, o fato de participar desta campanha foi uma experiência não só de enriquecimento profissional, mas também pessoal. Somou, de fato, o desempenho de uma função dessa natureza, porque quem a desempenha não é um jornalista de cancha, aquele que faz cobertura de conferências internacionais e que usufrui de mordomia em hotéis de luxo com jantares especiais. Nada disso tem a ver com a vida no Teatro de Operações.

A experiência que se tem no Teatro de Operações tempera as pessoas de tal modo, que elas se modificam instintivamente. Modificam questões de caráter e de sensibilidade, simplesmente elas mudam. A influência da FEB, da guerra, produziu grandes modificações, de conceitos e tudo o mais. O curioso é que essa experiência, no meu caso, impediu que eu me deixasse voltar ou envolver-me com extremismos, permitindo aceitar que o homem precisa ter uma visão universalista e aprender a assimilar o que é, assim como o que não pode ser alvo de constatação.

Eu faço questão de, neste momento final do meu depoimento, deixar bem transparente a minha mensagem de vigor e de satisfação. E lembrar aos leitores e ouvintes que já se passaram cinqüenta e tantos anos de um tempo em que o Brasil se empenhou numa missão histórica. Um tempo que se constitui num dos marcos mais importantes da história humana, que foi a Segunda Guerra Mundial. Ocasião

em que se verificou uma engenhosidade humana fantástica como, por exemplo, as bombas atômicas e tudo mais.

O Brasil participou desses feitos, ativamente, embora eu considere importante toda e qualquer participação do Brasil na Segunda Guerra Mundial, porque ele se inseriu na história do século, como uma nação que contribuiu para a derrocada, principalmente, do nazismo agressor e desumano.

Os leitores e ouvintes têm, aqui, o meu depoimento feito com a máxima simplicidade e com a melhor das intenções. Eu quero crer que contribuí, de alguma forma, para a formação do acervo da História do Brasil, através da participação do seu corpo expedicionário na Segunda Guerra Mundial. Evidentemente, que muitas outras pessoas têm outras informações a acrescentar, entretanto, o que fiz, aqui, foi feito com muita satisfação.

Por fim, agradeço aos responsáveis por esta iniciativa do Projeto História Oral do Exército na Segunda Guerra Mundial a convocação que me foi feita. E acrescento que os senhores poderão fazer o uso que bem entenderem do material aqui deixado pelo meu depoimento. E, de antemão, deixo as minhas escusas por qualquer deficiência ou falha quanto ao pronunciado..

Coronel Salli Szajnferber*

Natural da Cidade do Rio de Janeiro, RJ, pertence à turma de 8 de janeiro de 1944 da Escola Militar do Realengo. Escolheu como sua primeira Unidade o III Grupo de Obuses, de São Paulo, uma das Unidades expedicionárias. Na guerra, exerceu a função de Comandante da Seção de Manutenção da 1ª Bateria e, também, as funções de Observador Avançado e Comandante da Linha de Fogo. Após a guerra, em 1946, freqüentou o curso da Escola de Educação Física do Exército, concluído em primeiro lugar. Em 1951, integrou a equipe de Pentatlo Militar que representou o Brasil na Argentina e Suécia. No ano seguinte, concluiu o curso da Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais. Promovido a Major, em 1953, foi designado Comandante do 6º Grupo de Artilharia de Dorso, em Castro, PR. Foi membro da Missão Militar Brasileira de Instrução no Paraguai, nos anos de 1955-56. Aluno e Instrutor da Escola de Comando e Estado-Maior do Exército, de 1957 a 1962. Entre 1963 e 1966, foi representante do Estado-Maior do Exército no EMFA. Passou para a reserva em 1966. Recebeu as seguintes medalhas e condecorações, por sua participação na Segunda Guerra Mundial: Cruz de Combate de 1ª Classe, por ato de bravura individual; Medalha de Campanha e Medalha de Guerra. Na vida civil, desempenhou várias funções no Ministério da Agricultura e entidades vinculadas ao mesmo. De 1974 a 1984, foi membro do Conselho Nacional de Desportos.

---

* Comandante da Seção de Manutenção, tendo exercido, também, as funções de Observador Avançado e Comandante de Linha de Fogo da 1ª Bateria do III Grupo de Obuses, entrevistado em 19 de junho de 2000.

A trajetória da Força Expedicionária Brasileira já foi comentada e discutida por pessoas cujos cargos possibilitavam-lhes ter uma visão muito ampla sobre a mesma. Ainda hoje, é fonte para inúmeros livros, não só nacionais como estrangeiros. No meu caso, tendo exercido, na FEB, funções atinentes ao posto de aspirante-a-oficial e à Arma de Artilharia, relatarei as minhas impressões de guerra sob o estrito ângulo de visão proporcionado por essa situação.

E, como são passados 55 anos, para ajudar a memória, eu trouxe alguns apontamentos e dois diários escritos naquela ocasião.

Inicialmente, devo dizer que o meu pai foi combatente da Primeira Guerra Mundial. Após a mesma, em 1922, imigrou para o Brasil. Quando eu era pequeno, ele contava as histórias que viveu na guerra e ficava maravilhado em ouvi-las. Para mim, ele era um herói.

Anos mais tarde, quando morávamos em Guaratinguetá, Estado de São Paulo, por ocasião da Revolução de 1932, tive a minha primeira experiência como "combatente". Naquela ocasião, um avião do governo federal, conhecido por "vermelhinho", sobrevoava a cidade e, algumas vezes, atirou bombas. Meu pai, a fim de proteger a família, criou um abrigo antiaéreo dentro de casa: uma mesa com colchões em cima. Embaixo, nós estávamos protegidos. Para mim, foi uma sensação excepcional.

Aos 11 anos, ingressei no Colégio Militar. Meu pai, "vibrador" que era, ficou muito satisfeito. Fui seguindo no curso e em 1936-37, lá na Alemanha, Hitler se projetava, e esse país voltava a aparecer no cenário mundial. Nosso Presidente, na ocasião, era germanófilo, e eu, querendo entrar para a Escola Militar, mas sendo filho de um judeu polonês, tive dificuldades. Se não fosse o meu padrinho, Tenente-Coronel de Infantaria Valfredo Reis, eu não teria realizado o meu sonho. Graças a ele, consegui inscrever-me no exame de admissão, aliás, obtive o terceiro lugar e matriculei-me na Escola.

Ao término do curso, no fim de 1943, a estrutura organizacional da FEB evoluíra e estava praticamente montada; soubemos que haveria 24 vagas para aspirantes. Eu, lembrando-me de meu pai, esperava obter uma classificação final de curso que me permitisse poder pleitear uma das vagas.

Consegui sair em segundo lugar, e o momento da escolha era uma solenidade com toda a Artilharia presente; dirigi-me ao quadro lá na frente e coloquei meu nome na Unidade expedicionária. E assim fui classificado no Grupo de Artilharia de São Paulo; era o I/2º RO AuR.

Chegando à Unidade, apresentei-me e fui designado para o cargo de Chefe da Seção de Manutenção da 1ª Bateria. Confesso que fiquei um pouco desapontado: eu não teria ocasião de comandar uma linha de fogo! Não teria oportunidade

de fazer uma observação avançada! Mas aceitei a missão. Assim, me integrei à Força Expedicionária Brasileira.

A propósito dessa escolha, aconteceu um fato que talvez seja interessante mencionar. Estávamos aguardando as notas que determinariam a nossa colocação final, baseada na qual seria montada a ordem de chamada para a escolha das Unidades, dentro das vagas existentes. Numa reunião daquelas entre cadetes, antes da Declaração de Aspirantes, só se falava das 24 vagas e da guerra. Era um grupo muito grande, e um dos cadetes fez um verdadeiro discurso: "... se são 24 vagas na Força Expedicionária, para nós, estudantes de guerra, não há dúvida alguma de que é um dever moral, é um dever de cada um, estando entre esses 24 primeiros lugares, escolher uma Unidade expedicionária. Será realmente uma prova de patriotismo..." Todos nós ficamos um pouco aturdidos com aquilo, mas aplaudimos. Foi realmente um discurso muito bom naquele momento. Passados os dias, saída a classificação, começamos a escolha formalmente, como acabei de dizer. Então, esse nosso orador, que foi aplaudido pela grande maioria dos companheiros presentes na ocasião em que se manifestara, classificou-se antes do vigésimo, ou seja, dentro das 24 vagas. Foi chamado o 1º, o 2º, o 3º, quando chegou a sua vez, ele se levantou e, descaradamente, chegou lá no quadro e escolheu uma Unidade não expedicionária.

Foi, para mim, a primeira decepção sobre a conduta humana. Mas, não foi só ele, porque muitos dos que o aplaudiram também chegaram lá e colocaram os seus nomes em unidades outras que não as expedicionárias, apesar de estarem bem classificados. De tal sorte que, só para encerrar esse tópico, a 24ª vaga, ou seja, a última vaga expedicionária, foi ocupada pelo aspirante de classificação 95.

Apresentei-me lá em São Paulo, já na Unidade expedicionária.

Começamos um treinamento muito forte com ênfase no preparo físico. A base desse treinamento era a corrida. Era bastante puxado e o nosso Comandante, que era o Tenente-Coronel José de Souza Carvalho, corria sempre na frente da Unidade, dando o exemplo. Aliás, deu o exemplo durante toda a campanha. Além disso, tínhamos exercícios com o material, se bem que um pouco deficiente, porque os manuais ainda estavam mal traduzidos. Mas, de qualquer maneira, se fazia o contato com o mesmo. Especificamente na minha parte, que era a da manutenção – o designativo da minha função era Oficial de Motores –, o treinamento consistia, depois de receber as viaturas, em dar instrução àqueles que as iriam dirigir na guerra e que ainda não eram motoristas. Aliás, era o meu caso. Naquele tempo, pouca gente dirigia; quase ninguém tinha carro.

No início do mês de abril de 1944, deslocamo-nos para o Rio de Janeiro. A FEB, já estruturada, reuniu nesse estado todas as Unidades expedicionárias. Conti-

nuamos o treinamento, sempre com muita educação física; havia até na Vila Militar um exercício de embarque e desembarque de navio feito numa armação de madeira. Outros assuntos mais específicos foram motivo de cursos, tanto que eu, por exemplo, e os demais oficiais de Motores fomos designados para fazer um Curso de Manutenção no Centro de Instrução do Exército.

Em julho de 1944, desloquei-me com o grupo, da Vila Militar para o quartel de Campinho, bairro da zona norte da cidade do Rio de Janeiro, onde acantonamos. A destacar, o coroamento de nosso preparo, que foi a realização de um grande exercício, no campo de instrução de Gericinó, inclusive com tiro de AD, muito bem-feito. Posso dizer que o treinamento foi bastante útil para a campanha que se avizinhava.

Antes de abordar a travessia do Atlântico, que para mim foi uma aventura, gostaria de falar sobre o embarque. Muito vai-e-vem, muita ordem e contra-ordem. Houve até um momento interessante. Por várias vezes me despedia lá em casa. Pensava: "Bom, agora eu vou embarcar". Mas não, não era a hora e eu voltava. Umas quatro ou cinco, nem sei quantas vezes, até escrevi no meu diário, no dia 16: "Não sei se vou embarcar! Será que fuma?"

Porque, naqueles momentos, indagava-se: "A cobra vai fumar?" ou "será que fuma?" Ou seja, será que dessa vez, realmente, vamos embarcar? Essas mudanças, segundo nos explicaram, eram para iludir o inimigo. Eu não sei se as mesmas iludiram o inimigo, mas, a mim, enganaram várias vezes. Até que um dia, em 18 de setembro de 1944, pegamos o trem, cortinas cerradas, chegamos ao cais do porto e embarcamos. Fiquei quatro dias no navio, depois do embarque. No dia 22, antes de zarparmos, o Presidente da República foi se despedir da tropa. Fiquei até frustrado por não poder vê-lo, porque já estava de serviço de Auxiliar do Oficial Encarregado de Compartimento.

Durante a travessia, os oficiais e as praças, todos, tinham um serviço duro, um serviço pesado. O meu era dentro do compartimento, isto é, do alojamento que ocupávamos. Minha incumbência, auxiliado pelo pessoal de serviço, era manter a ordem e, bem assim, a conservação e limpeza dentro desse alojamento. As camas eram beliches e, para virar de lado, a gente quase encostava no de cima; entre um beliche e outro havia uma "distanciazinha" obrigando-nos a dormir quase estatelados.

Houve, também, muito exercício de "abandono de navio". Tocavam aquelas sirenes, saíamos correndo com colete salva-vidas, aquele "coletão" desajeitado, e então ia-se para um lugar determinado junto do bote, para um eventual desembarque. De uma feita, não foi só exercício, foi realidade! Porque, naquele momento, os navios de escolta lançaram várias bombas de profundidade para afugentar ou, se possível, atingir o submarino alemão. Não acertamos, mas afugentou-se o submarino que nos queria importunar.

A bordo, a vida era dura. A par dos enjôos dos mais sensíveis, havia o horário rígido das refeições. É fácil entender que com cinco mil homens para comer, dentro de um navio, num ambiente relativamente pequeno, tem que haver horário. Tinha gente que almoçava às seis horas da manhã, outros almoçavam ao meio-dia, outros, às quatro horas da tarde. Então o rancho funcionava praticamente vinte e quatro horas.

Havia também um pouco de recreação. No meu camarote, éramos 12 – eu e mais 11 – igualmente em beliches. A gente conversava, ouvia rádio... era um ambiente até alegre. Mas, um dia, o ambiente mudou, porque ouvimos uma notícia de que, na Itália... Sim, porque, naquele momento é que soubemos que iríamos para a Itália. Quando se embarcou, pelo menos eu, aspirante, não sabia para onde iríamos. Comentava-se que era para a França, ou para a Alemanha ou para a África. Bem, a notícia do rádio era de que muitos observadores avançados tinham sido feridos e mortos naquele momento da campanha. Nesse dia, o camarote, que era todo de 2º Tenentes, ficou que era só tristeza. Mas passado isso, nós continuamos...

Quando cruzamos a linha do Equador, com a participação do Comandante e tripulação do navio, houve uma festa interessante, inclusive com entrega de diplomas. Outra atividade comum na travessia foi a realização de missas a bordo.

Decorridos 14 dias, desembarcamos em Nápoles, onde tive a primeira impressão do que é uma guerra. Com vinte anos de idade, naquele tempo não havia filmes de guerra, o que eu sabia era baseado nos relatos do meu pai. No porto, víamos aquelas construções, tudo em frangalhos, destelhadas, muros caídos, arrebentados, navios afundados, os trilhos da estrada de ferro voltados para cima e, o mais triste, mulheres e crianças pedindo, mendigando comida, mendigando uma “guimba” de cigarro.

Saltamos em Nápoles e pegamos a tal da *Landing Craft Infantry*, que é uma barcaça de desembarque. Muito bem! Entramos nas barcaças para cerca de duzentas pessoas e soubemos que íamos para o Norte, para o porto de Livorno. Mas essa viagem pelo Mar Tirreno foi, realmente, um suplício. Por azar nosso, pegamos uma tempestade fortíssima. Enquanto que no *General Mann*, que era o navio transporte, poucos enjoaram, no LCI, todos enjoaram, inclusive a tripulação. Até a tripulação enjoou! O pessoal deitado pelo chão, vomitando, aquela sujeira pelo navio... Foram, realmente, três dias de suplício.

Nessa ocasião, passei por uma situação de surpresa e constrangimento que passo a relatar. Na primeira vez em que fui ao banheiro, entrei, procurei o vaso e não encontrei. Olhei, tinha uma calha de uns trinta centímetros de largura e vinte de profundidade. Era assim, estreitinha, e com uma água correndo. Na borda da calha, uma madeirinha de uns dez centímetros... concluí que era ali mesmo. Aí procurei me sentar. Sentar não, “semi-sentar”, porque não dava para fazê-lo em dez centímetros.

Ajeitei-me num canto... e estou lá. Em seguida entra um pracinha, soldado, olhou... e sentou-se no outro canto. Ele sentou lá e eu sentei aqui. Restava um espaço pequeno no meio, entre os dois. Pensei: "Espero que não venha mais ninguém". Mas, para decepção nossa, entrou foi um marujo da guarnição, um americano gordão, grandão e, descansadamente, arriou as suas calças e sentou ali, no meio, entre nós. Nesse momento eu pensei comigo: "Meu Deus do céu! Que brincadeira é essa? Vim pra guerra para roçar coxa com coxa com um marujo americano..." Então, assim é que era a luta nesse LCI.

Felizmente, chegamos a Livorno. Saltamos mais mortos do que vivos, mas tranqüilos, contentes por pisar em terra firme – no LCI não dava nem para ficar em pé. Daí, fomos de caminhão para uma área de estacionamento chamada Tenuta de San Rossore, nos arredores de Pisa. Nesse local fiquei, aproximadamente, um mês, sendo que os primeiros 15 a vinte dias foi um marasmo completo.

Depois, começou a chegar o material militar. No meu caso especial, de manutenção, a maioria das viaturas chegou 48 horas antes de nosso deslocamento para o *front*. Lembro-me muito bem de que sete viaturas só chegaram na véspera. Portanto, o treinamento, a adaptação dos motoristas a esses carros foi questão de uma tarde, porque no dia seguinte nós saímos.

Realmente foi ruim esse treinamento. A única vantagem que eu achei desse período foi a adaptação à alimentação. Pelo menos nos acostumamos àquele paladar americano, isto é, deu para conviver com aquela comida totalmente diferente.

Costumo dizer que meu batismo de fogo foi um batismo por etapas. Explico o porquê. Ao entardecer, quando chegamos à Tenuta de San Rossore, fomos distribuídos por barracas de dez praças. De repente, eu ouço uns sons semelhantes a trovões... "Vai chover?" perguntei. Alguém respondeu que eram os tiros de artilharia pesada lá na frente. Nesse momento eu senti claramente que estava entrando no meio da guerra.

Acostumei-me com aquelas "trovoadas" longe de onde nós estávamos. Passou algum tempo e, no fim do mês de outubro de 1944, no dia 31 precisamente, fui designado para estagiar na frente de combate. Aliás, esse estágio foi a única coisa que fiz de interessante lá na Tenuta, em termos de treinamento. Fomos, eu e os demais oficiais também, para o II Grupo de Obuses, Grupo Da Camino, que se deslocara para a Itália com o primeiro escalão da FEB. Meu estágio foi na 1ª Bateria.

Estava no PC da Linha de Fogo, localizado próximo dos obuses, quando veio a ordem para atirar. O primeiro disparo, por causa da vibração do ar e porque o PC era numa casa, fez os vidros das janelas e até as paredes estremecerem intensamente. Fiquei não sei se emocionado ou com medo, mas, é certo, com uma impres-

são diferente daquela por ocasião das Escolas de Fogo, no campo de instrução de Gericinó, pelo fato de estar se atirando contra o inimigo. Não eram tiros de demonstração ou de exercício, mas reais. Esse primeiro tiro me assustou, os demais, tudo bem, acostumei-me.

Dois dias depois, cumprindo a programação do estágio, fomos para o PO do observador avançado. Os morteiros inimigos, em determinado instante, começaram a atirar sobre o PO. No primeiro tiro inimigo, escutei um chiado e aquele estouro. Corremos todos para os *fox holes* e, no interior desses abrigos, constatei que a explosão da granada deixava de ser o problema, porque havia segurança, era uma tranqüilidade, enquanto que o silvo produzido pelo seu deslocamento, mais alto quanto mais a granada se aproximava, era pior; eu, inexperiente, pensava que a trajetória iria acabar ali onde eu estava, dentro do abrigo. Até pensei comigo: “Puxa! Estou estagiando. Será que vou morrer aqui como espectador, não vou ter a oportunidade de ser ator nessa epopéia?” Mas, felizmente, orei a Deus, e fiquei feliz porque não fui ferido naquele momento. Aliás não sofri nada durante a guerra, a não ser um pequeno estilhaço que recebi.

Além de todos os problemas próprios de uma guerra, enfrentamos na Itália o mais rigoroso inverno dos últimos 17 anos – para nós foi o mais rigoroso da vida inteira. Apesar dos agasalhos e todo o apoio recebidos, há situações enfrentadas pelo combatente, por exemplo: no *fox hole*, na encosta de um morro, sem teto e à noite, em que o frio torna-se um carrasco da gente e sofre-se bastante. A maior sensação de desconforto era nos dedos e nos pés.

Em viagens, e eu as fazia muito com os caminhões, de vez em quando, tinha que parar, saltar e caminhar para reativar a circulação, porque o pé ia enrijecendo e os dedos doendo, uma dor quase que insuportável. Os infantes, em seus abrigos individuais, não podendo se locomover, acabavam tendo um congelamento dos pés; chamava-se pé-de-trincheira. Esse clima também nos deu muito trabalho. Na manutenção, por exemplo, as viaturas sofreram muito desgaste, porque andando em terrenos montanhosos, com muita neve, chuva e lama era raro o dia em que a manutenção não tinha que sair com os guinchos para recuperar uma viatura que tinha se acidentado.

Retornando a um assunto já abordado, o do treinamento para a guerra, gostaria de acrescentar que no caso da Artilharia, graças ao que tivemos no Brasil, foi-nos possível desempenhar eficazmente nossas funções, desde o começo. Talvez por havermos aprendido através de um método mais complicado, sofisticado, e tenhamos passado a usar um mais simples. E essa afirmação não é no dizer do aspirante ou do Tenente de Artilharia, mas no dizer de elementos que realmente avaliavam a nossa eficiência, os infantes, a quem dávamos a proteção, a cobertura de fogo.

Vou ler, para ser mais fiel, a impressão de um Comandante de Companhia de Infantaria, falando sobre o apoio de Artilharia – foi no combate de Montese, quando eu já era observador avançado, que como sabemos atua junto à Infantaria. Disse ele o seguinte: "O observador avançado da Artilharia fez questão de se colocar junto ao Pelotão cuja situação era a mais crítica e, por várias vezes, os ajustados tiros de Artilharia por ele pedidos vieram prestar eficientíssimo auxílio para resolver as situações dos Pelotões terrivelmente hostilizados pelo inimigo. A sua calma, a sua competência e a sua grande bravura pessoal, tantas vezes postas à prova, nas duras jornadas de 14 e 15 de abril de 1945, fizeram-no credor da admiração de toda a Companhia."

Aí está o depoimento de um Comandante de Companhia dando o seu conceito sobre a Artilharia. E esse foi o meu maior prêmio: a admiração da Companhia.

O General Mascarenhas de Moraes também classificou a AD como uma tropa de escol. Durante a Ofensiva da Primavera, o General Crittenberger, Comandante do IV Corpo de Exército, que enquadrava a nossa FEB, assim se expressou, dirigindo-se ao General Mascarenhas: "O fogo da Artilharia de Vossa Excelência, sempre contínuo, agressivo, contra as colunas inimigas que tentavam reorganizar-se no Vale do Rio Pó, atirou-as para trás em confusão e com pesadas baixas."

Finalmente, para falar da eficiência da Artilharia, convém registrar o seguinte: todo prisioneiro, no momento da captura, é submetido a um interrogatório inicial e, depois, vai para outra etapa mais à retaguarda. Nesse primeiro interrogatório, vários deles disseram: "A Artilharia de vocês é uma Artilharia de meter medo..." Quer dizer, o próprio inimigo, agora prisioneiro, falava que a nossa Artilharia era eficiente.

Esses testemunhos de observadores e beneficiários, e também do inimigo, demonstram que a Artilharia da FEB cumpriu bem a sua missão.

Tive a demonstração do valor de nosso soldado em um acidente com uma viatura de minha Bateria. Em operações, o valor técnico e físico é fundamental, mas o valor moral é indispensável.

Foi na primeira marcha, na primeira ocupação de posição, num terreno acidentado. O deslocamento foi realizado à noite e em escurecimento total. Nos nossos treinamentos realizamos poucas marchas noturnas, o que, aliás, pode ser até apontado como um dos defeitos de nossa preparação: poucas marchas noturnas. Mas, como relatava, deslocávamo-nos por uma estrada em péssimas condições, com trechos de atoleiros e precipícios enormes. Numa curva, um caminhão de munição saiu da estrada e rolou numa ribanceira. Ele estava cheio de munição de Artilharia, inclusive o reboque M-10, de uma tonelada. Eram quatro tripulantes: o motorista e mais três soldados, sendo que dois viajavam na carroceria e o outro, na boléia, junto com

o motorista. Só ouvíamos os gritos, enquanto o caminhão rolava ribanceira abaixo. A tropa parou e pensei comigo: "Agora vai haver uma debandada." Era justamente uma das minhas viaturas – lembrem-se de que eu era o oficial de Motores – e rapidamente cheguei ao local pois estava no caminhão seguinte. Os outros retomaram a marcha, porém os caminhões que vinham atrás ficaram detidos. Então, permanecemos ali tratando do socorro.

Naquele momento, fiquei convicto do valor de nosso soldado, pois tal episódio poderia ter ocasionado um retrocesso geral. Mas isso não ocorreu, dando-me uma demonstração de que nossa gente estava preparada psicologicamente para o que desse e viesse.

Nesse acidente, apesar de termos imaginado que havíamos perdido aqueles quatro soldados, isso não ocorreu. Dois, com ferimentos graves – estavam na carroceria – foram para o hospital e de lá retornaram ao Brasil. Os outros dois – o motorista e seu auxiliar – prosseguiram na Campanha.

Valoroso em combate, o nosso soldado também se relacionou muito bem com a população local.

Meus primeiros contatos com o povo italiano ocorreram em Nápoles e também na cidade de Pisa. Inspiraram-me dó. Famintos, as mulheres muito sofridas, carregando os seus trastes em carrinhos de bebê, em bicicletas sem o pneu, pedindo coisas... Senti muita pena.

Mas, em outras oportunidades, como por exemplo na Fase da Perseguição à tropa inimiga, quando eu mesmo tive ocasião de ser recebido pela população italiana com vivas, com gritos de "*liberatori, liberatori*", e com as mulheres oferecendo flores, a situação já era melhor.

A índole do brasileiro – somos cordiais e também latinos – ajudou no relacionamento bastante bom que existiu com os italianos. Criou-se um contraste muito grande com os alemães. Eles diziam que os alemães eram prepotentes, os tratavam mal.

Na Fase da Defensiva, durante o inverno, quando o contato com algumas famílias foi mais demorado, receberam-nos muito bem. O fato interessante que passo a contar deu-se nessa Fase.

Nosso Comandante de Companhia, o Capitão João Alvarenga Souto Mayor, instalou seu Posto de Comando numa casa, onde moravam duas senhoras com seus filhos e mais um casal de idosos. Por ser o PC, era freqüentado particularmente por capitães; nós, os tenentes, vivíamos na Bateria. Eu, particularmente, dormia na barraca da Seção de Manutenção; depois consegui um palheiro, no meio do campo, e a temperatura tornou-se mais amena à noite. Mas, houve uma chance de eu dormir lá no PC, na casa. Era uma casa bonita, arrumada, e as mulheres lá, trabalhando.

Então o Capitão disse, indicando o quarto: "Olha, o Tenente vai dormir aí!" A mulher saiu, voltou pouco depois e falou: "O quarto está pronto." Como já era tarde eu disse ao Capitão: "Vou me recolher, Capitão. Com licença."

Quando entrei no quarto ela entrou junto. Fiquei meio desconfiado. Afinal, ela entrou junto comigo no quarto. Olhei e havia um grande volume em cima da cama. Fiquei meio surpreso e aí ela explicou que havia aquecido a cama para mim: "Vou lhe mostrar. É um balde de brasas dentro de uma armação de madeira que coloquei entre o lençol e o cobertor para aquecer."

Havia meses que eu não dormia direito e passei, realmente, uma noite muito boa. Quero ressaltar que foi iniciativa dela preparar a cama; nada lhe foi pedido. Foi uma forma de demonstrar o seu reconhecimento pela atenção e pelo tratamento que o Capitão e os brasileiros que apareciam na casa dispensavam a eles.

Quanto ao dia-a-dia das minhas atividades funcionais, abordarei, inicialmente, as características ligadas ao trabalho do oficial de Motores. Antes, vamos relembrar que as operações levadas a efeito pela FEB podem ser divididas em duas grandes fases: a Defensiva e a Ofensiva, que são duas situações muito diferentes. Na Defensiva, quando ficamos quatro meses parados, naquele inverno rigoroso, a Manutenção era a única que não parava.

E isso é fácil de compreender, pois a Manutenção tinha o encargo de suprir a tropa de munição, combustíveis, víveres etc. Para isso, designávamos o pessoal e as viaturas que diariamente tinham que ir até a retaguarda buscar o suprimento. Era todo dia.

Além do suprimento, nós tínhamos também a missão da manutenção propriamente dita, porque cada carro que saía, quando voltava, já havia trabalho para fazer, tamanho o desgaste das viaturas nos deslocamentos. Havia cuidados especiais, como colocar o anticongelante nos motores, o que era uma novidade para mim. Sem falar na manutenção do armamento – individual e dos obuses. Portanto, não eram apenas as viaturas.

Na atividade de Transporte, muitas vezes tivemos que ceder os caminhões para transportar, seja tropa de Infantaria, seja prisioneiros para a retaguarda.

Na Fase Ofensiva, com as mudanças de posição, o trabalho era um horror. Tornava-se mais movimentado, mais dinâmico. Na Ofensiva da Primavera, em cinco dias mudamos de posição três vezes. O bom é que trabalhávamos juntos, com espírito de equipe, integrados. Essa coesão foi um dos pontos altos do pessoal da FEB.

A outra atividade que exerci foi de observador avançado, atendendo o revezamento dirigido pela Central de Tiro. Sobre a mesma, vou citar minha passagem pela posição de Torre di Nerone, tornada famosa na FEB por ser um ponto privilegiado. Era um penhasco que se projetava para o interior da "terra de ninguém". Era um

PO excepcional, com ampla visão – 270º de observação – do território inimigo. Seu acesso era uma verdadeira escalada e só à noite era possível usá-lo, porque era batido pelo fogo inimigo.

Nas alturas de Nerone havia uma torre que estava destroçada, restando uns pedaços de parede. O nosso PO era cavado, uma trincheira mesmo. Não se podia vê-lo.

Concluída a escalada, cheguei lá em cima ofegante, acompanhado pelo cabo Orlandino, das transmissões. Estava subindo com os meus pertences e ele, com os dele e mais o equipamento de rádio que não era esse "radiozinho" de agora; era uma caixa de certo peso. Fomos substituir o Tenente Carlos Eugênio R. L. Monção Soares, que disse, falando baixo: "Olha, a posição é ótima para observar. Daqui do abrigo dá para observar bem longe; os buracos abertos aqui na seteira é por onde a gente pode apreciar todo o campo de batalha, tanto em frente como nos lados." Era de noite, eu não via nada e ele estava muito perto de mim. Notei que falava quase sussurrando e perguntei, também muito baixo: "Monção, você está falando desse jeito por causa do inimigo?" Aí o Monção deu uma gargalhada e respondeu: "Não é isso não. É que eu estou rouco. Aqui é tão frio e é tanto vento que eu estou rouco. O inimigo está perto, mas dá para a gente conversar."

Também dei uma gargalhada aliviado, porque afinal dava para conversar.

Esse PO era muito solicitado pela Central de Tiro, pela sua posição privilegiada em relação à observação do território inimigo. Por isso, os tiros mais longos eram todos regulados de Torre di Nerone.

É conveniente esclarecer que, embora fosse um PO típico de Artilharia, nós a chamávamos de observação avançada devido a sua posição, junto à da Infantaria. A missão de observação ali era a de um Observador de Artilharia em um PO, mas como de ambos os lados da Torre di Nerone já estava a linha de frente, ele ficou conhecido como avançado, porque a Infantaria estava ali, junto, do nosso lado.

A situação avançada de Nerone ressaltava a importância das elevações laterais Affrico, de um lado, e Soprassasso, de outro, ambos de posse do inimigo. Inclusive, houve momentos em que os infantes reclamaram que a nossa Artilharia ou os nossos morteiros estavam atirando sobre eles. Diziam: "Olha, está caindo tiro, estão atirando em cima da gente." Mas não era o brasileiro que atirava; era o alemão. Os tiros pareciam nossos porque caíam sobre os infantes posicionados atrás de meu PO, portanto protegidos pela elevação de Torre di Nerone. Mas eram tiros de flanco, vindos daquelas elevações laterais, e atiravam praticamente por trás de minha posição.

Nerone era muito visado pelo alemão. Para se ter uma idéia, chegou a entrar tiro de fuzil nas seteiras, além dos intensos bombardeios de morteiros. Do topo da elevação, eu os via cair ao redor, em cima de nossos infantes em seus *fox holes*.

O morteiro alemão – falava-se muito na "Lurdinha", que era a metralhadora alemã – também era terrível, muito eficaz. Certo dia, quando recebíamos uma chuva de morteiros, abrigamo-nos todos, mas, de repente, vejo um infante levantar-se. Começou a descer o morro cambaleando e dizendo palavras desconexas, deu mais três passos e o morteiro seguinte arrasou com ele. Era o que eu dizia sobre o preparo psicológico. O indivíduo, ali, perdeu a noção de tudo: levantou, foi andando e morreu dois metros adiante.

Durante o dia, ficava-se completamente vulnerável, exposto ao alemão. Por essa razão, o suprimento e o revezamento dos observadores só se podia fazer à noite, mas mesmo assim, se o alemão escutasse algum movimento, atirava também. Sabia que estava subindo alguém e, como já tinha os elementos de tiro ajustados, atirava.

Não tive oportunidade de fazer observação de tiro à noite. O que acontecia, às vezes, era o seguinte: durante o dia, fazíamos diferentes ajustagens, resultando elementos de tiro corretos para esse ou aquele objetivo. À noite, isso me aconteceu uma vez, se sentíssemos alguma viatura deslocando-se ou qualquer outro movimento, informava-se o ponto provável e a Central de Tiro, que possuía os dados ajustados durante o dia, desencadeava o bombardeio daquele local. O combate noturno praticamente inexistia àquela época; hoje temos dispositivos capazes de enxergar à noite. Nós não usamos sequer o tiro iluminativo.

Mas, existe ainda um outro fato relacionado ao exercício da função de observador avançado, encargo que executei em várias emergências da campanha. Foi no PO de Monte Delloro, durante as operações ofensivas que expulsaram o inimigo das alturas de Monte Belvedere, Castelo, Della Torraccia, em fevereiro de 1945. Esse PO era o mais bem localizado em relação ao Monte Castelo, tanto que, durante a minha estada nele, o próprio General Mascarenhas esteve lá.

O Monte Delloro era uma elevação com 860m de altitude, à esquerda e distante cerca de 2km do Morro do Castelo. Esse, mais alto, tinha 970m de altitude e aparecia para mim, bem nítido, como uma meia laranja com uma frente de uns 1.700m e uma altura, em relação aos terrenos circunjacentes, de uns 200m.

Nesse observatório passei quase 18 dias. Mas, um deles foi justamente o do ataque a Castelo, dia 21 de fevereiro. E eu o presenciei.

Como artilheiro, fiquei muito orgulhoso, sou orgulhoso disso até hoje.

O fato, justamente, que quero destacar refere-se ao apoio de Artilharia. Olha, foi impressionante! A concentração de tiros foi tão grande que, ao lado do barulho semelhante a uma trovoada, Monte Castelo sumiu no meio da fumaça. O começo do bombardeio foi feito pela aviação. Só a minha Bateria, fora as outras, deu 3.700 tiros. Atirou toda a AD/1ª DIE, reforçada com obuses dos escalões superiores, por-

que, naquele momento, não era uma ação localizada à semelhança dos ataques anteriores a Monte Castelo; nesse de fevereiro estava empenhada outra Divisão, a 10ª de Montanha, atacando pelo flanco, enquanto nós o fazíamos ali, de frente. Quando a fumaça se dissipou pude ver o terreno, antes coberto de bosques, com a maioria das árvores caídas ou cortadas. Uma casa que havia na encosta sumira. O apoio de Artilharia nesse ataque foi excepcional.

Fazendo uma apreciação objetiva do apoio de saúde prestado aos combatentes, posso afirmar que foi bom. Toda vez que foi necessário recorrer a esse apoio, como no acidente acima descrito, tivemo-lo com rapidez. Nas ações a que presenciei, como o ataque a Montese, o trabalho dos padioleiros em terreno minado e batido pelo fogo inimigo foi exemplar. Vi-os “fazendo das tripas, coração” e muito valentemente chegando aos feridos e trazendo-os à retaguarda. Nos hospitais – graças a Deus lá eu não estive – havia as enfermeiras brasileiras. Cada grupo, cada Unidade tinha o seu médico. Então, até onde pude ver, o apoio de saúde foi bom.

Também o serviço religioso foi bem eficiente. Desde os primeiros momentos na travessia, e mesmo em campanha, tivemos missas em várias ocasiões, porque o grupo tinha um capelão. Lembro-me muito bem de uma missa no dia 1º de janeiro de 1945, atrás de uma peça da 3ª Bateria. O capelão lá e a peça atirando... perdeu-se um pouco da missa pois, às vezes, não se ouvia direito. Isso não chegou a prejudicar a ação da peça, porque ela seguiu no cumprimento de sua missão.

Como estou falando de serviço de apoio, gostaria de fazer menção ao Serviço Especial. Aqui no Brasil, em todo o meu período de aluno do Colégio Militar e cadete da Escola Militar, não tivera conhecimento dessa atividade. Era um serviço encarregado de sustentar o moral da tropa. É algo digno de registro o apoio prestado pelo Serviço Especial.

O Serviço Especial era o seguinte: ninguém agüenta quatro meses de tiro o dia inteiro. Vejam os senhores que aquele soldado de infantaria não agüentou 15 minutos de bombardeio de morteiro. Então, o Serviço Especial proporcionava a retirada do combatente da frente e o levava para a retaguarda, para as cidades já com a vida mais ou menos organizada, onde ficavam em hotéis ou casas. Eu mesmo estive algumas vezes em cidades da retaguarda, justamente para espairecer. E não era só isso. Em plena linha de frente, o Serviço Especial promovia espetáculos, levava um cantor, alguma coisa que distraísse o combatente. Na sede do Serviço, que era um pouco mais à retaguarda, proporcionava sessões de cinema, promovia festas... e as italianas, como dançavam bem!

Inspirados no Serviço Especial, nós, nas Unidades, promovíamos também nosso próprio divertimento. O nosso grupo tinha um “chorinho”... e assim por diante.

A parte moral é fundamental; sem isso você é derrotado. Outro serviço que prestou relevante apoio sobre esse aspecto foi o Serviço Postal.

A chegada das cartas era uma festa. O Serviço encarregava-se, não só da entrega da correspondência, mas também da remessa das cartas aos familiares e amigos no Brasil. Aliás o trabalho do tenente, muitas vezes, incluía fazer a censura dessa correspondência. Os soldados escreviam as cartas e nós as censurávamos; as nossas, o escalão superior censurava também. Esse trabalho era necessário, para evitar que os soldados colocassem ali, inadvertidamente, frases como: "Olha eu estou na posição tal" ou "Aqui está acontecendo isso ou aquilo". As cartas eram fundamentais para o moral. E havia, de vez em quando, nas vindas à retaguarda, a oportunidade de se falar pelo rádio, proporcionada por esse mesmo Serviço Postal. Por duas vezes consegui contato com meus familiares e embora não fosse assim tão nítido, dava para a gente sentir a família no Brasil. Isso renovava o nosso ânimo, revigorava-nos, para vencer a guerra e poder voltar para a terra natal. Tanto o Serviço Especial como o Serviço Postal foram fundamentais.

Nesse meu depoimento citei que não tinha sido ferido, quando abordei o apoio de saúde na FEB. A bem da verdade, fui levemente ferido em Montese e passo a relatar como o fato se deu. Fui designado observador avançado junto à 9ª Companhia do 11º RI, dentro daquele revezamento a que já aludi, por ocasião das emergências de campanha. A Companhia pertencia ao III Batalhão, responsável pelo ataque principal sobre Montese, o mais sangrento combate da FEB. Fala-se muito em Monte Castelo, realmente excepcional, mas o combate mais penoso foi Montese. Olha... 574 baixas! E para o nosso grupo, o III Grupo, foi o mais importante. Nós demos, nesse combate, nove mil tiros! Só o III Grupo!

No dia 14 de abril de 1945, pela manhã, das nove da manhã até o meio-dia, fiquei ao lado do Capitão, recebendo os pedidos dos dois Pelotões que saíram em primeiro escalão. O Capitão ficou e eu fiquei com ele. Os Pelotões faziam os pedidos: "ninho de metralhadora em tal lugar..." ou "metralhadoras atrás daquela moita..." ou "morteiro atirando em..."; a maioria, o pedido normal, era em relação a ninhos de metralhadora, arma que mais detém a tropa no combate. Aí, identificávamos na carta e passávamos para a retaguarda e, então, vinham os tiros, por sinal alguns bons, conforme o elogio do Capitão, que relatei acima.

Às doze horas iniciei meu deslocamento, porque os Pelotões de primeiro escalão estavam mais avançados e o Pelotão reserva cruzou a linha de partida naquele momento. Nessa hora eu fui com o Pelotão de segundo escalão.

Na progressão, eu andava para cá e para lá, mas sempre sabiam onde é que eu estava. O observador avançado é muito procurado pelos Pelotões. Perguntavam,

freqüentemente: “Onde está o Artilheiro?” O Capitão – chamava-se Olegário Abreu Memória – ficou tratando mais do conjunto de sua Companhia, e a ligação do observador avançado passou a se fazer mais diretamente com os comandantes de Pelotão.

O terreno realmente era muito batido pelos morteiros e fuzis-metralhadoras – a “Lurdinha”, a tal da Lurdinha alemã. Progredi naquele terreno como verdadeiro infante. E o cabo Orlandino também, com o rádio dele, acompanhava-me aonde eu ia. Nós progredíamos, atacando principalmente os ninhos de metralhadora. Apesar de deitado, aferrado ao terreno, recebi, no braço esquerdo, um estilhaço de granada de morteiro, que senti como se fosse uma pedrada. Olhei... Eu estava com o capote pois estava frio. O estilhaço rompeu o capote. Olhei para o braço... Lá estava aquela mancha vermelha. Felizmente não chegou a sangrar, de maneira que, mais uma vez, pedi a Deus e Ele me ajudou.

O ataque prosseguiu na direção do primeiro objetivo, que era Paravento, e nessa ocasião encontrei, perdido, um GC. Há momentos no combate em que você fica desnorteado, se confunde e se perde. O Tenente comandante do Pelotão, que pertencia a esse GC, tinha sido ferido e foi evacuado para a retaguarda. O grupo se desgarrou. Estava lá o sargento, perdido, e eu lhe disse: “Olha, vocês me acompanhem”, e levei-os de volta a seu Pelotão. Nessas ocasiões, você pode se perder. Muitas vezes não se sabe que direção tomar.

Na noite de 15 para 16 de abril, a 9ª Companhia foi substituída, passando à Reserva. Na retaguarda, para onde nos dirigimos, me dei conta de que havia passado 48 horas, desde o dia anterior, naquela situação, sofrendo um desgaste muito grande, comendo muito mal, mas agüentei.

Dizem que o observador avançado de Artilharia é o “anjo da guarda” de uma Companhia de Infantaria. Quando estagiei com o II Grupo, o observador estava instalado no PC do Capitão. Não havia lá tenente algum de Infantaria; só o tenente de Artilharia.

Lembro-me de uma ocasião, naquele observatório de Monte Delloro, quando cheguei lá na Companhia para me instalar e, de repente, fomos alvos de tiros de morteiro. Um desses veio zunindo, diferente, parecia uma gargalhada, e estourou relativamente perto, mas sem ferir ninguém. Causou estranheza e apreensão em todos. O infante perguntou: “Que negócio é esse? Que explosão foi essa aí?” Então, eu disse: “Não se incomodem. Essa é a poderosa Artilharia que está atirando contra nós.” Era um tiro da Artilharia alemã. O pessoal estranhara porque estavam acostumados com o tiro de morteiro.

Por falar em tiro de Bateria inimiga, vou contar um fato pitoresco: um dia, estava na linha de fogo descarregando munição quando, de repente, fomos alvo da

Artilharia alemã. Foi em Savignano, nossa primeira posição e, até então, a linha de fogo estava incólume, atirando e cumprindo suas missões sem ser molestada pelo inimigo. Com a chegada desses tiros, o pessoal, apavorado, correu para os abrigos, inclusive os da cozinha. Nessa ocasião, eu já tinha a experiência de Torre di Nerone e Monte Delloro, portanto estava sabendo o que era tiro de Artilharia.

Havia um cozinheiro de nome Matias, "um negão", sempre com o seu "chinelão", tranqüilamente, desempenhando suas funções na cozinha. Ele estava andando de chinelo porque o borzeguim que recebera era número 40 e estava esperando pelo 44, que era o número que calçava. No local, exceto a estradinha que havia, tudo atolava. Era um imenso lamaçal. Era tanta lama, que numa oportunidade tivemos que arranjar carro de boi para levar a munição da estradinha até as peças; carro de boi, vejam só! Porque o caminhão não chegaria.

Nesse dia, o Matias pegou seu borzeguim, vestiu, correu pelo lamaçal e se alojou lá no abrigo. Passado aquilo, verificou-se – ele mesmo ficou surpreso – que ele conseguira calçar o borzeguim 40 e correr "direitinho" para o abrigo.

Felizmente, nesse dia, ninguém se feriu. Uma das granadas da Artilharia alemã explodiu na frente das 2ª e 3ª peças, cerca de 40m. Passado tudo, fomos lá ver... Olha, a granada perfurou uma camada boa de terra e abriu um buraco enorme, subterrâneo, do tamanho de um cômodo! Chegamos à conclusão de que era munição 170mm, muito usada pelo alemão.

Nessa época, fevereiro, o alemão desencadeava tiros de contra bateria quase todos os dias. Encontrei uma cratera de seis metros, na Bateria de Serviço. Na 3ª Bateria, uma rajada dessas feriu dois soldados.

Desses tiros ficou mais um ensinamento de guerra. Uma coisa é estar no comando da linha de fogo e, postado atrás dos canhões, ordenar: "Fogo!" Outra muito diferente é estar na zona de impacto, no fim da trajetória. É acachapante mesmo! E o som da granada de Artilharia deslocando-se no ar é bem diferente. No início, pensávamos: "Aquela granada é a nossa!" Mas depois de certo tempo, ficávamos imaginando: "Será que vai passar para cá, ou para lá, ou por cima?" Agora... aquela entre as 2ª e 3ª peças chegou mesmo.

Essa sensação de receber os tiros, de sentir o efeito da Artilharia é uma sensação que eu guardei para a minha vida toda. No Brasil, toda vez que havia instruções de tiro lembrava esse aspecto, realçando o poder da Artilharia.

Ainda sobre as operações de guerra, minha Bateria, a 1ª do III Grupo de Obuses, realizou uma marcha difícil, perigosa, na direção da frente de combate, dentro da manobra montada pela 1ª DIE, em 28 de abril de 1945, de apertar o cerco ao inimigo.

Naquele momento, éramos comandados pelo Tenente Sérgio Faria Lemos de Fonseca, porque o Capitão tinha baixado. Parecia-nos que estava tudo bem, tanto que eu e ele, por um acaso, saímos juntos para uma festa promovida pelo Serviço Especial, deixando alguém responsável pela Bateria, no caso de chegar alguma ordem. Estávamos lá na festinha, quando chegou um soldado da Bateria com um recado: “Tenente Farias Lemos, o S3 quer falar com o senhor”. Ele se dirigiu a mim e disse: “Salli, vamos sair, o S3 está chamando.” Contrariado, falei: “Mas logo agora que a festa vai começar! Olha a cara das italianas... Essa festa vai ser muito boa!” Ele respondeu: “Guerra é guerra.”

Deixamos a festa e, chegando lá, o S3 disse: “Vocês vão reforçar a 2ª Bateria que está em posição” e completou: “Mas vocês vão ser guiados pelo oficial de Reconhecimento da 3ª Bateria, que é o Tenente Rubens Resstel, que conhece o caminho.” Muito bem. Fomos preparar a Bateria. Passada uma hora e meia dessa ordem, nós já estávamos saindo. O Resstel, que era o nosso guia, nos avisou que a situação estava muito fluida: “O inimigo está lá... agora, existem frações deslocando-se aqui... de vez em quando passam uns blindados...”

Mas, a ordem é para ir e, não restando outra alternativa, fomos assim mesmo. De noite e sem carta, a coluna seguiu, guiada pelo Resstel, que tinha reconhecido o trajeto durante o dia. No percurso, de vez em quando, eram ouvidas explosões e, ao longe, viam-se silhuetas de blindados em movimento. Felizmente, conseguimos chegar ao destino e ocupamos posição antes do amanhecer. Foi uma marcha completamente às escuras, às cegas, na “terra de ninguém”. Acho até que o alemão, naquele momento, como viu que era uma coluna grande, acreditou que não tinha efetivo para atacá-la.

Quando fizemos contato pelo rádio, recebemos a informação de que, naquela madrugada, o inimigo tinha se rendido. A missão da Bateria havia sido cancelada, o nosso reforço à 2ª Bateria se tornara desnecessário.

Aguardava-nos, porém, outra incumbência: receber a tropa inimiga que havia se rendido. Foi um espetáculo interessante. Era a 148ª Divisão alemã, com todo o seu material, canhões e tropa a cavalo. Eles chegaram às nossas posições como se fosse um desfile, todos em forma, capitães, tenentes, tudo organizado. Os soldados bem fardados e altivos. A impressão deixada era a de que eles realmente estavam se entregando, mas com a consciência de que haviam cumprido o dever galhardamente. Era uma Divisão de escol. Além da tropa alemã que se rendia, ainda havia o restante de uma outra Divisão, italiana.

Nessa noite a 1ª Bateria teve que fazer a guarda de cerca de 900 prisioneiros, ocasião em que apreendemos uma bandeira alemã, enorme. Hoje, a mesma encontra-se no museu do 20º Grupo de Artilharia de Campanha, em Quitaúna, SP.

Completando minhas observações sobre os alemães, passo a referir-me ao seu valor como combatente. Aclimatado, experiente, um combatente que o próprio General Truscott, Comandante do V Exército americano, em substituição ao General Mark Clark, disse que jamais tinha encontrado, na vida dele de general, um inimigo que se aproveitasse tão bem do terreno e fosse tão eficiente como soldado. Na parte que me toca, como observador avançado, e eu passei dias naquela posição avançada de Torre di Nerone, como falei, só lembro ter visto umas duas vezes o alemão correndo de um lado para outro. Olha! Estava cheio de alemão ali, mas a disciplina deles era notável! Víamos ambulâncias passarem, que de acordo com as Leis de Guerra não eram atacadas. Até, depois, descobrimos que havia transporte de combatentes dentro delas. Mas, não dava para atirar nas ambulâncias.

Na Ofensiva, era um combatente eficientíssimo. Nos contra-ataques em Monte Castelo, Barga e Montese mesmo, ou seja, quando recuava, já se esperava o contra-ataque eficiente do soldado alemão.

Além disso, os alemães usaram muito a guerra psicológica. Guardei alguns panfletos, um pouco mal desenhados, nos quais eles tentavam passar a idéia do Brasil dominado pelos americanos. Em um desses havia um soldado americano hasteando a bandeira de seu país, tendo ao fundo os conhecidos morros do Pão de Açúcar e o Corcovado, situados no Rio de Janeiro. No verso perguntavam: "Quem ameaça as fronteiras brasileiras?" E respondiam: "O inimigo que já se encontra lá"; "Quem é o verdadeiro inimigo do Brasil? É o americano imperialista que quer fazer do Brasil uma colônia".

Uma propaganda dessas, para quem estivesse moralmente abatido, poderia influenciar.

Sobre os ingleses, a minha impressão, formei-a nos poucos contatos que tive com eles. Foi uma ligeira oportunidade, na posição de Savignano, onde havia uma Bateria inglesa atrás de nós. Chamou-me a atenção o fato de ser uma Bateria muito técnica, que até algumas vezes nos forneceu cartas. Pessoalmente, não houve maior aproximação.

Com os americanos, tivemos algum contato com a tropa constituída de homens negros, que era considerada por eles como de segunda categoria, e, em Monte Delloro, com ações da 10ª Divisão de Montanha. Essa Divisão, como o seu próprio nome diz, era uma tropa especializada em montanha, que veio especificamente para combater nesse tipo de terreno. Uma tropa de escol, de elite, realmente soldados de primeira categoria.

Na retaguarda, quando fui para os programas do Serviço Especial, nas cidades de Florença e Roma, naquela ocasião ambas com suas vidas normalizadas,

chamaram-me a atenção a atuação dos PE americanos no controle do trânsito. Eram duros e enérgicos, realizando o seu trabalho muito bem. Nesse ponto, faça-se justiça aos americanos.

Com relação ao apoio logístico, tal como eu o vi na FEB, aponto apenas um senão. A entrega do material, quando estávamos na Tenuta de San Rossore, antes de entrar em combate, foi muito tardia. Como eu disse antes, sete viaturas, eu as recebi na véspera de ser empenhado na campanha. Os obuses só conseguiram fazer o tiro de regimagem[1] no dia 11 de novembro, e no dia 13 já partíamos para ocupar a primeira posição. A meu ver, esse foi o único senão do apoio logístico; dali para frente tivemos tudo, a tempo e a hora, na quantidade necessária. E quando chegou o inverno, a capa branca, os equipamentos para combate ao frio, capotes, cachecol, tudo isso foi-nos entregue. Para a Bateria, a ação do apoio logístico foi muito boa, a não ser naquele primeiro momento.

No início desta entrevista eu disse que ficara desapontado por ter sido designado Comandante da Seção de Manutenção, quando me apresentei ao grupo, lá em São Paulo. Hoje, devo dizer que a decepção foi só naquele momento, porque, no decorrer da campanha, pude avaliar melhor a importância dessa Seção para a eficiência da Bateria e, além disso, possibilitou-me exercer outras funções, em várias oportunidades, enquanto a mesma permanecia sob a responsabilidade do 2º sargento, meu substituto eventual. Estive em Torre di Nerone, que era o ponto mais crítico na Fase Defensiva e, na Ofensiva, em Montese, que foi, realmente, das ações da FEB, a mais desgastante. Enfim, tive a oportunidade de desempenhar-me como observador avançado de Artilharia em variadas ações e, diversas vezes, comandei a linha de fogo. Então, foi infundada a sensação de que não ia “viver a guerra”, sentida naquele primeiro momento em que fui designado para a função de Comandante da Seção de Manutenção.

Impressionou-me muito nessa campanha ver o horror de uma pátria invadida. A Itália estava com seu patrimônio material em frangalhos, como pude observar em Nápoles e no decorrer da campanha. Destruições por toda a parte: de linhas de telégrafo; de canalizações de gás e de eletricidade; rebanhos e a agricultura destroçados.

Quanto ao povo, via-se o sofrimento daquelas famílias; o desgaste por terem perdido todos os seus pertences; os maus-tratos e humilhações que sofriam nas mãos dos alemães. Quando chegamos à Itália, não se encontravam jovens na população; só mulheres, velhos e crianças. Os homens válidos estavam todos com os ale-

[1] Tiro para apurar o desgaste absoluto e relativo dos tubos de um grupo de peças visando a reuni-las, uniformemente, pelo grupo.

mães, combatendo contra nós. Havia alguns italianos que estavam contra os alemães, chamados de *partisans*.

Uma senhora nos contou que, pelo fato de os alemães terem sofrido algum agravo em seu povoado, resolveram castigar os homens da localidade, quase oitenta, e os metralharam a todos. Ela não viu, mas escutou o marido ser assassinado.

As mulheres, principalmente as mais jovens, humilhavam-se em troca de uma "barrinha" de chocolate ou por um maço de cigarros. Na verdade, entregavam-se também para os alemães. Os *partisans*, quando descobriam que uma daquelas moças tinha se "engraçado" com um alemão, agarravam-na e cortavam todo o seu cabelo. No fim da guerra viam-se muitas italianas carecas. Era muita humilhação para aquele povo.

O que mais me impressionou foi justamente esse horror da pátria invadida, seja pela destruição material, seja pela humilhação a que fica sujeito o seu povo. De maneira que a conclusão que eu posso externar é a de que todo país deve fazer tudo o que estiver a seu alcance para impedir que, em qualquer momento, tenha dentro dele um invasor.

Nessas ocasiões extremas é importante reconhecermos aqueles cujas ações e procedimentos os destacaram dentre os demais. Em primeiro lugar, cito o Coronel José de Souza Carvalho, meu Comandante do III Grupo de Obuses, que se mostrou um amigo, um pai, um protetor de todos que se acercavam da Unidade. Na guerra, acompanhou seus subordinados nas posições mais perigosas, incentivando-os e mantendo-os com elevado moral. Sua liderança e atuação moldaram o grupo, transformando-o numa Unidade coesa e com verdadeiro espírito de corpo.

Sua bondade e amizade paternais levavam, muitas vezes, a resolver percalços que apareciam entre oficiais de outras Unidades de Artilharia e seus Comandantes. O Coronel Souza Carvalho recebia-os e ajudava a integrá-los nas suas Unidades.

Gostaria, também, de fazer referência a um pracinha: o cabo Orlandino, das transmissões, que me acompanhava nas escalações de observador avançado. Ele, além de transportar e operar o rádio, tinha que fazer o dobramento de meios, estendendo o fio do telefone. Em Torre di Nerone, devido à observação inimiga, esse trabalho só podia ser feito à noite e, com aqueles tiros incessantes de morteiros, volta e meia a linha era interrompida. Ele ia e voltava, quantas vezes fossem necessárias. Na fase da Ofensiva, também atuou de forma incansável, dando os lanços com o rádio nas costas, apesar do inimigo. Era um indivíduo muito ativo, de moral elevada e ainda cuidava de mim. Perguntava: "Tenente, o senhor está bem?" De maneira que era excepcional o Orlandino – cabo Orlandino Franco. Não sei se ainda vive... nunca mais o vi. Nas reuniões promovidas com os veteranos do grupo, lá em São Paulo, nunca apareceu.

Finda a guerra, regressamos ao Brasil a bordo do navio transporte de guerra americano *Mariposa*, deixando o porto de Nápoles às 15h de 11 de agosto de 1945. A 22 do mesmo mês, chegamos ao porto do Rio de Janeiro, tendo entrado na barra às 9h, sendo saudados por uma salva de tiros por todas as fortalezas. Às 10h atracamos e o desembarque começou às 12h. O cais do porto fervilhava de pessoas transbordando de alegria, umas desejosas de abraçar seu ente querido que retornava, outras para manifestar seu apreço e reconhecimento por aqueles que lutaram para que a Pátria sobrevivesse com dignidade e honra. Foi uma enorme demonstração de alegria. Nesse mesmo dia, desfilamos pela Avenida Rio Branco e outras ruas da cidade.

A multidão, postada nas calçadas e janelas dos edifícios, gritava e soltava fogos, extravasando seu imenso contentamento. O entusiasmo do povo era tão forte que, a partir de determinado momento, deixaram as calçadas e misturaram-se na nossa formação, no meio da rua, afunilando-a e transformando o desfile numa caminhada pelo meio do povo. De vez em quando, tínhamos que parar porque nos agarravam para beijar e abraçar. Foi apoteótico.

Naquele dia, conseguimos à tarde chegar à Vila Militar, onde acantonamos. Nos dias subseqüentes, tivemos, na imprensa, muitas homenagens.

No tocante ao Exército, poucos dias depois da chegada, em 26 de agosto, houve a apresentação do escalão ao Ministro. No dia 28, se não me engano, compareci a uma solenidade no Forte Duque de Caxias, para receber a medalha Cruz de Combate de 1ª Classe; a Medalha de Campanha nos foi entregue lá no quartel mesmo, cada um pegou a sua. E, praticamente, não houve mais nada.

Parece incrível o que vou dizer, mas com sinceridade, em toda a minha carreira, apesar das diversas e significativas comissões que exerci, nunca fui chamado para falar qualquer coisa sobre a FEB, sendo hoje, aqui, a primeira vez, depois de 55 anos, que eu tenho esta oportunidade de, digamos oficialmente, relatar a minha experiência na FEB.

Resta-me apontar as conseqüências para o Exército e para a minha vida pessoal de tudo por que passamos, nessa gloriosa participação na Segunda Guerra Mundial. Deixando de lado a modernização na Doutrina Militar, o aumento da projeção do País no cenário internacional, as transformações econômicas e políticas e, também, aquele "gostinho" pelo país que o Exército conseguiu colocar no ego de cada brasileiro e brasileira, portanto, sem falar nessas coisas, direi o seguinte: a maior conseqüência para o Exército foi a convicção nele próprio. Qualquer que seja a situação no futuro, qualquer que seja o terreno em que tenhamos que combater, qualquer que seja o inimigo que tenhamos que enfrentar, o Exérci-

to estará consciente de que pode confiar nos seus soldados, graduados e oficiais, tendo em vista o seu excelente desempenho em combate, nas mais diferentes condições de tempo e terreno.

Para minha vida pessoal, os dois anos que passei na FEB – ingressei com vinte anos de idade – valeram, em experiência e maturidade, por dez anos, pelo menos. Aprendi a valorizar a vida, a cidadania, o convívio humano, entender os homens naquilo que possuem de bom e de mau e, dessa forma, acho que evoluí bastante.

Aprendi, também, por ter passado 48 horas numa situação de grande perigo, sem dormir e mal alimentado, que o homem tem muito mais forças do que aquelas que pensa ter. Quando estiver imbuído da missão a cumprir, ele haverá de encontrar, no âmago da sua personalidade e do seu corpo, aquelas forças que ele nem supunha que conseguisse reunir. Se essa mente e esse corpo são mais hígidos, ou seja, têm um preparo melhor, então essas forças serão muito superiores.

Nos anos subseqüentes ao término da guerra, vendo que os ex-combatentes não eram reconhecidos, pensei em fazer o curso da Escola Técnica do Exército, hoje Instituto Militar de Engenharia, porque assim eu teria, no futuro, uma profissão que pudesse melhorar a minha situação de cidadão.

Mas, "Caxias" como era, naquele momento eu desisti e resolvi fazer a Escola de Estado-Maior, como realmente fiz, certo de que neste rumo poderia prestar ao Exército maiores contribuições, pois que apenas uma minoria de oficiais tivera a oportunidade de estar presente na campanha da Itália.

Como mensagem final, gostaria de dizer que, quando houve o primeiro naufrágio de um dos nossos navios mercantes, atacado por submarinos inimigos, o povo recebeu com dor aquela notícia. Com os afundamentos subseqüentes que levaram ao desaparecimento de cerca de mil brasileiros, o povo exigiu que a honra e soberania nacionais, que haviam sido atingidas, fossem resgatadas. Assim o povo praticamente forçou a declaração de guerra que o Brasil veio a exercer.

E esse povo tão imbuído desse moral, esse povo que confiava no Exército, foi capaz de organizar a Força Expedicionária Brasileira, que foi à Itália, combateu o inimigo e lavou, enfim, a honra nacional. E projetou no cenário internacional o Exército e o País.

Assim, hoje, vendo como os políticos, como a imprensa, como o próprio povo trata as questões relativas às Forças Armadas, fico pensando que no futuro talvez não se consiga, se necessário for, organizar uma nova Força Expedicionária, uma Força que lave a honra nacional. Assim sendo, a minha mensagem é a seguinte: políticos, imprensa, povo lembrai-vos dos brasileiros mortos naqueles tristes naufrágios e no Teatro de Operações na Itália.

Coronel Iporan Nunes de Oliveira*

Natural da Cidade de Cuiabá, Mato Grosso, pertence à turma de 8 de janeiro de 1944, da Escola Militar do Realengo. Na guerra, exerceu a função de Comandante do 3º Pelotão de Fuzileiros da 2ª Companhia do I Batalhão do 11º Regimento de Infantaria. Comandou 11 patrulhas de combate e participou de três ataques: Monte Castelo, Castelnuovo e Montese. Neste último, o Pelotão do Ten Iporan foi o primeiro a chegar à localidade. Serviu, sucessivamente, nos 11º RI, São João Del Rei – MG, 16º Batalhão de Caçadores, Cuiabá – MT, 3º Regimento de Infantaria, São Gonçalo – RJ, 5º Regimento de Infantaria, Lorena – SP, e no Estado-Maior do Exército – Comissão de Promoções de Oficiais – nos quatro últimos anos de sua vida militar. Durante sua permanência em operações, teve doze elogios por ação em combate. Recebeu as seguintes medalhas e condecorações, por sua participação na Segunda Guerra Mundial: Cruz de Combate 1ª Classe, por ato de bravura individual; Cruz de Combate 2ª Classe; Medalha de Campanha; Medalha de Guerra e *Silver Star* (Estados Unidos). É membro da mais elevada ordem honorífica do Império Britânico.

---

* Comandante do 3º Pelotão de Fuzileiros da 2ª Companhia do 11º Regimento de Infantaria, entrevistado em 21 de maio de 2000.

Fui declarado Aspirante-a-Oficial em 8 de janeiro de 1944. Na hora de escolher a Organização Militar em que deveria servir, optei pelo 11º Regimento de Infantaria (RI), por saber tratar-se de uma unidade expedicionária. Por isso posso afirmar, com toda a convicção, que fui para a guerra como voluntário. Apresentado, passei a comandar o 3º Pelotão da 2ª Companhia, função que desempenhei durante o desenrolar do conflito.

Participei de mais de um exercício, antes de embarcar. No último deles, com tiro real, talvez por erro de cálculo, explodiram duas granadas de artilharia, à retaguarda de minha fração. Não houve vítimas, mas posso asseverar que esse foi o meu batismo de fogo.

O treinamento que realizamos foi útil, até certo ponto, mas a quantidade e a qualidade tornaram-se insuficientes. A preparação que realizamos, imediatamente antes de ir para a frente de combate, também foi precária e deixou muito a desejar. Podem ser destacados, entretanto, os cursos realizados por oficiais e graduados. Eu, por exemplo, tirei o curso de minas, que se mostrou extremamente proveitoso durante toda a campanha. Posteriormente, de tanto levantar campos de minas e neutralizá-las, acabei aperfeiçoando essa técnica. Aliás, tal comentário faz-me lembrar um episódio que poderia ter tomado proporções graves: O Sargento Celso Racioppi comandava um grupo de combate e, durante a progressão, deu um alarme sobre campo de minas. Resolvi aproximar-me para examinar a situação e verifiquei que se tratava de armadilhas formadas por cinco fios de arame que atravessavam a estrada, tendo, em cada extremidade, uma mina. Nada mais fiz do que neutralizar o dispositivo, saindo daquela área de grande risco.

Devo dizer que eu não conhecia o pessoal que encontrei no 11º RI. De um modo geral, eram mineiros, gente muito boa, que tive a honra de comandar durante a guerra. Acho que é uma razão para sentir-me meio-mineiro.

O conhecimento e a confiança mútuos foram aumentando no dia-a-dia, algo que sempre reputei de muita importância, porque eram os mesmos homens, do primeiro momento até o término da guerra; inclusive mantive sempre contato cerrado com eles, até durante o deslocamento marítimo para a Itália. Não foi o caso daquele companheiro, já na Itália, a quem deram um pelotão, sem adaptação prévia, para comandar. Como não conhecia ninguém, sem condições psicológicas, não teve condições de liderar seus homens.

Já que me referi a meu batismo de fogo, ainda no Brasil, por ocasião daquele exercício, devo falar, também, de meu batismo de fogo, na Itália. Posso dizer que foi dramático e extremamente desgastante. No dia 30 de novembro de 1944, recebemos ordem para entrar em posição. Meu pelotão deveria substituir o do Ten Romeu Diniz de

Carvalho, seguindo, rigorosamente, as normas regulamentares. O movimento se iniciou às primeiras horas da noite e só terminou às 5 horas do dia seguinte. Em torno das 22 horas, duas Companhias foram atacadas – 1ª Companhia de Fuzileiro (Cia Fzo), sob o comando do Cap Carlos Frederico Cotrim Rodrigues Pereira e a 2ª Cia, a minha, sob o comando do Cap Sílvio Schleder Sobrinho; na verdade se tratava de forte e agressiva ação de patrulhas alemãs. Nesse ataque, as duas Companhias portaram-se bem, apesar do forte nervosismo do Cap Cotrim. Cerca das 3h30min, novo ataque dos alemães, especialmente na frente da 1ª Cia. O Comandante da Companhia, bastante nervoso, conseguiu manter a posição. É bom lembrar que durante essas operações nossos obuses e morteiros desencadeavam poderosíssimas barragens, reforçadas por tiros de carros de combate americanos, colocados à retaguarda. No ataque desencadeado às 3h30min, pelos alemães, o nervoso Cap Cotrim, após consultar seus Comandantes de Pelotão, abandona a sua posição e vai parar no PC do Comandante do Batalhão, Major Jacy Guimarães. O Major, surpreendido pelo ataque, não emprega a 3ª Cia Fzo, que se encontrava em reserva, e dá ordem à 2ª Cia para retrair.

Cerca das 4 horas, quando a quietude voltou a reinar na frente de combate, recebi ordem do Cap Schleder para retrair com o Pelotão. Ponderei, informando que o moral do pessoal era muito elevado, que não sofrera baixas e que me julgava em condições de manter a posição. Por isso, solicitei a confirmação da ordem. O Capitão, poucos minutos depois, voltou a falar e determinou que eu retraísse, porque a Artilharia iria encurtar o tiro. Em face disso, retraímos mais ou menos em ordem, tendo permanecido à retaguarda uma pequena fração, cobrindo o retraimento.

Em torno das sete horas da manhã, com dia claro e ótima visibilidade, o Maj Jacy resolveu dirigir a palavra a seus comandados e levantar o moral do Batalhão. Os alemães aproveitaram a visão daquele magnífico alvo oferecido pela reunião e iniciaram um bombardeio com morteiros 81mm. A tropa dispersou e eu me abriguei numa casa próxima. Quando saí da casa, encontrei meu capitão e disse: “Não vou atacar porque isso é uma insensatez, é uma loucura”. O Capitão me olhou com os olhos bastante avermelhados, com uma expressão de grande cansaço, por não ter dormido as duas últimas noites, mas nada me disse. Repeti a frase e o Capitão não se manifestou, seja por gestos ou palavras. Ficou me olhando, somente.

Apesar dos parcos conhecimentos militares de um 2º Ten de Infantaria, era viável concluir sobre a insensatez e loucura da tentativa para recuperar uma posição, empregando o mesmo soldado, sobretudo um soldado ainda bisonho, inexperiente e extenuado.

Algum tempo depois, soube que os capitães Cotrim, da 1ª Cia, Schleder, da 2ª Cia, e Emílio Augusto Guimarães Tinoco, Cmt da Cia Cmdo, não haviam acatado a

ordem para retornar às suas posições, dada pelo Maj Jacy. Por essa razão foram presos, perderam seus comandos e responderam a Conselho de Guerra. O Cap Cotrim foi condenado a um ano e oito meses de reclusão. Tudo isso, repito, tornou o meu batismo de fogo dramático e cansativo.

Em seguida, resolvi deslocar-me para a localidade de Silla, onde pensei comer alguma coisa, pois me encontrava desde as 12 horas do dia anterior sem qualquer alimento, já que o jantar da véspera e o café da manhã não haviam chegado a seu destino, em face da interferência do inimigo. Encontrei o Ten Sydney Teixeira Alvares, Subcomandante da Companhia, e nessa ocasião fiquei sabendo que o bravo Ten Ary Rauen, Comandante do 2º Pel, não havia abandonado a sua posição. Corria no local a notícia de que o mesmo estaria cercado e teria dito a seus comandados que poderia retrair aquele que não estivesse preparado para o sacrifício. Eu, que momentos antes havia declarado ao capitão ser uma insensatez, uma loucura, atacar, resolvi, por livre e espontânea vontade, e de comum acordo com o Ten Sydney, organizar uma patrulha para uma ação de comando, a fim de salvar o bravo Rauen. Em pouco tempo, arrumamos 21 homens, todos voluntários, uma boa quantidade de munição, granadas de mão e de fuzil, para partirmos, perto das 7 horas, em socorro do Ten Ary. Algumas horas depois, chegamos ao local onde se encontraria aquele oficial e lá soubemos que ele, após receber a ordem de retrair, recuara cerca de 400m e se mantivera naquela posição. Ao amanhecer, o Ten Ary, comandando uma patrulha, retornou às suas antigas posições e verificou que as mesmas não se encontravam ocupadas pelos alemães. Dessa maneira, aproveitou os homens para recolher grande quantidade de material que se encontrava espalhado pelo terreno.

Embora não acostumados com o clima europeu, posso dizer que o rigoroso inverno pouco influiu sobre o estado de saúde dos homens de minha fração, em virtude da grande capacidade de adaptação do soldado brasileiro. Entre os seus truques, para minimizar o efeito da temperatura e do frio, substituía a meia por palha de trigo e a bota, pela galocha. Devo lembrar que o comando da FEB aproveitou o inverno para treinamento da tropa. Assim, tive a oportunidade de comandar cinco patrulhas. Tal fato pode bem definir duas tropas distintas, em termos de experiência e treinamento: antes e depois do inverno. O homem amadureceu e se tornou veterano. Nossos oficiais e graduados eram bons, de um modo geral, quando treinados e donos de alguma experiência.

A preparação psicológica tornou-se de fundamental importância. Como exemplo, lembro-me de que, quatro dias antes do ataque a Montese, o 1º Ten Nelson Lopes, Cmt do 1º Pel Fzo, foi ferido por um estilhaço de granada de artilharia. Para substituí-lo, enviaram um 2º Ten, oriundo do CPOR, que se encontrava no Depósito de Pessoal.

O jovem oficial, a quem foi entregue o Pelotão, declarou-se sem condições psicológicas para comandar a fração. O Pelotão acabou sendo comandado pelo sargento auxiliar que atuou de forma deficiente, por falta de treinamento profissional específico. Do inimigo que enfrentamos, pode-se dizer que se tratava de magníficos soldados.

Quanto aos italianos, foi boa a nossa convivência com a população das regiões onde estivemos empenhados, pois sempre cooperaram conosco, mesmo com as dificuldades de vida que enfrentavam. À margem desse comentário, recordo que, em 1995, tive a honra e a satisfação de representar a Força Expedicionária Brasileira, no cinqüentenário da conquista de Montese. Naquela ocasião, fomos recebidos magistralmente pelo povo e autoridades locais. Inaugurei dois belíssimos monumentos, um em Monte Castelo e outro em Montese. Deram-nos tratamento de “libertadores”.

Não posso falar muito sobre os apoios de saúde e religioso, porque praticamente não os utilizamos. Entretanto, no meu Pelotão, no qual existia grande número de mineiros tradicionalmente católicos, ao cair da noite, reuníamos os que não se encontravam de serviço e rezávamos irmanados, hábito salutar que sempre procurei incentivar.

No dia 14 de abril de 1945, teve início a tão decantada Ofensiva da Primavera, desencadeada pelo IV Corpo de Exército (IV C Ex) aliado, ao qual estávamos subordinados. Nessa oportunidade deveríamos ocupar os Apeninos, onde os alemães se encontravam fortemente instalados. Posteriormente, numa 2ª fase, o Vale do Pó. Para cumprir essa missão, o IV C Ex dispunha de cinco Divisões, das quais três de Infantaria e duas de blindados, totalizando, aproximadamente, sessenta mil combatentes. Iniciado o ataque, os alemães reagiram violenta e ferozmente, apoiados em sua adestrada infantaria e em sua poderosa artilharia. Naquele fantástico quadro operacional, coube à Divisão brasileira a honra de ser a primeira a conquistar o seu objetivo: Montese.

Por obra do destino, tive a honra e o privilégio de comandar um Pelotão que foi o primeiro a romper o dispositivo defensivo e penetrar na cidade de Montese, numa hora em que todo o ataque brasileiro sofria pesadíssimas perdas, diante da bem organizada resistência inimiga. O sucesso da Divisão brasileira levou o Cmt do IV C Ex, Gen Willis D. Crittenberger, a declarar o seguinte: “Na jornada de ontem, só os brasileiros mereceram as minhas irrestritas congratulações; com o brilho do seu feito e espírito ofensivo, a Divisão brasileira está em condições de mostrar às outras como se conquista uma cidade.”

No decorrer da Ofensiva da Primavera, a FEB participou de árduas e sangrentas ações de combate. Nesse período tivemos 426 baixas, isto é, em cinco dias, 34 mortos, 382 feridos e 10 desaparecidos. Fizemos 453 prisioneiros, cinco dos quais oficiais alemães.

Há coisas curiosas acontecidas no ataque a Montese: após inesperado bombardeio de nossa Artilharia, fomos todos envolvidos por densa fumaça. Cobertos por ela, enquanto não se dissipava, atingimos as posições inimigas. Os alemães permaneciam no fundo de seus abrigos, habilmente camuflados. Com a nossa chegada, tentaram reagir, logo depois de terem sido ultrapassados. O primeiro que se levantou foi abatido por nossos homens. Um outro, ferido, já de certa idade, ajoelhou-se e pediu para não ser morto, porque tinha vários "bambinos". Mas a minha preocupação era com seu uniforme, bastante vistoso, porquanto poderia ser visto e atrair o fogo de nossa Artilharia. Disse, então, que ele retirasse tudo. Pensando que íamos fuzilá-lo, ajoelhado ainda, pedia clemência. Em seguida, outros alemães se renderam e, nessa oportunidade, fizemos sete prisioneiros.

Outro fato: durante o ataque, perdi toda a ligação com a retaguarda. Meu telefone não funcionava, já que os cabos tinham sido rompidos pelo fogo da Artilharia inimiga. O rádio nem recebia nem transmitia mensagens, prejudicado pela distância e ondulações do terreno. Além disso não havia conseguido estabelecer qualquer ligação com as tropas amigas nos flancos. Extremamente preocupado, mandei um mensageiro à retaguarda, para informar nossas situação e posição. Essa mensagem foi de importância capital, pois salvou o Pelotão de ser bombardeado por nossa própria Artilharia. O mensageiro chegou no momento em que se desencadeariam as concentrações de dois Grupos de nossa AD. Imagine o corre-corre para sustar o fogo, repentinamente.

No meu flanco direito, combatia o Ten Ary Rauen, Cmt do 2º Pelotão. O Ten Ary já se destacara em Monte Castelo. Foi um dos que se recusaram a abandonar as suas posições. No entanto, desconheço qualquer homenagem especial que pudesse ter sido prestada ao Ten Ary. Mas o nome dele sempre esteve em destaque, em conferências, jornais etc. Como era natural de Santa Catarina, pode ter recebido alguma justa deferência da parte de seus conterrâneos. O Ten Ary era R /2. Tratava-se de oficial de grande mérito, de moral elevada, disciplinado e rigoroso. Competente comandante de Pelotão. Só soube de sua morte, após o término do combate de Montese. Foi atingido na cabeça, quando a sua fração estava detida num campo minado. Normalmente impaciente, indócil, na ânsia de livrar-se e a seus homens dos fogos de Artilharia e morteiros inimigos, acabou ferido gravemente, vindo a falecer.

Aliás, posso citar outro acontecimento, até certo ponto relacionado ao anterior e que considero bastante peculiar: até dois dias antes do combate de Montese, não havia sido definido qual o flanco em que cada Pelotão iria atuar. O estudo de situação foi feito no Posto de Comando do Comandante da Companhia. Disputamos no "cara-ou-coroa" e o Ary ganhou o sorteio e escolheu o lado direito, que julgávamos ser mais favorável ao ataque. Possivelmente teria sido, não fosse o campo mina-

do. Esse obstáculo, além de ceifar a vida do Ten Ary Rauen, impediu o avanço do Pelotão, já então comandado pelo Sargento Auxiliar.

A minha valorosa Companhia teve quatro comandantes. O primeiro foi o Cap Sílvio Schleder Sobrinho, que acabou preso e afastado. O segundo, o Cap Carlos de Meira Mattos, por sinal um grande Capitão; o terceiro, o Cap Nelson Maurício Leão de Queirós. Dois ou três dias antes do combate de Montese, ficou doente. Precisava ser operado de úlcera e foi substituído pelo 1º Ten Sydney Teixeira Alvares que, indiscutivelmente, mostrou-se um grande oficial durante a guerra.

O Cap Meira Mattos pertencia ao Estado-Maior do então Gen Mascarenhas de Moraes. Exerceu a função de Comandante de Companhia em situação emergencial, tendo retornado depois para o Posto-de-Comando do Comandante da Divisão. Participou do combate de Monte Castelo, no dia 12 de dezembro de 1944, de forma brilhante. Nas minhas alterações constam dois elogios por ele concedidos, em face de uma ação destacada de minha patrulha, na frente de combate.

Há alguns episódios que ressaltam o valor de combatentes muito especiais: durante o combate de Montese, o Sargento Celso Racioppi, estudante de 3º ano de engenharia, filho, se não estou enganado, de um grande empresário de Minas Gerais, foi ferido; ocultou o ferimento, prosseguiu no combate, acabando por matar um militar inimigo. Verificou, então, tratar-se de um subtenente, em cujo uniforme havia uma medalha. Retirou-a, como troféu de guerra. Terminado o conflito, começou a pensar numa provável família do militar alemão e na validade de sua morte. Nessa angústia, enlouqueceu e morreu como doente mental. Talvez a própria medalha que guardara tenha pesado muito.

Lembro-me também do Sargento-Auxiliar Nestor da Silva, que ainda está vivo. Depois da guerra, continuou no Exército e chegou ao posto de Coronel, foi pára-quedista e, presentemente, mora em Brasília. Tem um filho no posto de coronel. Os demais sargentos faleceram.

Ultrapassada Montese, minha Companhia prosseguiu até Alessandria, rumo noroeste. Não tomou parte no combate Collecchio-Fornovo, onde lutou o 6º RI. Em Montelo estivemos, praticamente, de passagem.

Na Itália, tive pouco contato com as tropas aliadas, a não ser no curso que freqüentei. Somente uma vez substituí uma tropa americana, o que ocorreu dentro da maior cordialidade.

Em termos de Apoio Aliado, destaco o logístico americano, indiscutivelmente magnífico. Aliás, dois aspectos me impressionaram fortemente: um, a que acabo de referir-me, o logístico; outro, a grande capacidade do soldado brasileiro em adaptar-se às agruras da guerra. Quando bem preparado, transforma-se em ótimo combatente.

O meu primeiro Comandante de Batalhão foi, como já citei, o Maj Jacy Guimarães. Uma vítima das circunstâncias, justamente no batismo de fogo. A 1ª Cia recuou e precipitou-se sobre o PC do Comandante do Batalhão. O Maj Jacy, surpreendido, não empregou a 3ª Cia, que se encontrava em reserva. Mais tarde tentou reunir os homens do Batalhão, levantar-lhes o moral, instando para que retornassem às suas posições. Seus capitães se recusaram. Quem substituiu o Maj Jacy foi o Cap Manoel Rodrigues de Carvalho Lisboa, que se destacou bastante na conquista de Montese.

Como comentei anteriormente, no dia 12, de abril na antevéspera do combate, recebi ordem para preparar uma pequena patrulha, comandada por um sargento, destinada a reconhecer o Monte Montaurígola. Se não encontrasse resistência, deveria prosseguir em seu reconhecimento. Em face de minha solicitação para acompanhá-la, o Major Lisboa decidiu que fosse só uma patrulha de combate, sob meu comando. Foi muito importante o envio dessa patrulha. Para a conquista de Montese, o escalão de ataque se depararia com um campo minado, naquele Monte Montaurígola. Com a patrulha, conseguimos uma brecha de 1 m de largura por 40m de extensão, de onde retiramos 83 minas antipessoal. Além do mais, passei a conhecer bem o terreno e um ponto forte do inimigo. Antes, estivéramos em posição vários dias e desconhecíamos, praticamente, os detalhes da frente. Quando atacamos, no dia 14, os alemães não sabiam que o campo de minas estava neutralizado e batiam, ainda, o campo com fogos. Eu, que passara a conhecer o terreno, após a incursão da patrulha, fui à frente dos demais pelotões e comecei a controlar a sua progressão, utilizando a brecha que abrira. Quando a Artilharia inimiga atirava, mandava um grupo correr, evitando, dessa forma, que ocorresse uma baixa naquele local. Na verdade teríamos tido uma calamidade, se aquele campo minado não fosse localizado.

Sob o ponto-de-vista psicológico, não me recordo de ter enfrentado a necessidade de confortar qualquer de meus comandados, mesmo em ocasiões difíceis como as que enfrentamos.

A propaganda alemã não influiu no moral dos homens de meu Pelotão. Mas os êxitos que obtivemos foram pouco explorados. Em Monte Castelo, por exemplo, em razão dos repetidos insucessos, com mais forte razão, os fatos positivos não foram adequadamente aproveitados. Inclusive, quando a 10ª Divisão de Montanha americana, que cobria o nosso flanco, não conseguiu progredir além de Mazzancana, nós, prosseguimos sozinhos e chegamos à vitória, em Monte Castelo, no quinto ataque, em 21 de fevereiro.

A vitória dos aliados em terras italianas, naquele início de maio, chegou a meu conhecimento quando fazia um deslocamento a pé. Foi uma explosão de alegria, vivas etc. Alguns soldados choraram de satisfação, profundamente emociona-

dos. Mesmo com o término da guerra, permanecemos na frente e só retornamos em setembro. Nesses quatro meses, aproveitei o tempo para conhecer a Itália. Fazíamos "tochas" em cima de "tochas".[1] Desfrutávamos de muitas facilidades: viaturas, gasolina, hotéis com preços baixíssimos... Levávamos chocolate, cigarros para ajudar os amigos e, sobretudo, as "amigas" italianas. Eramos tratados calorosamente pelo povo italiano. Nossa única preocupação era não ficar muito tempo à retaguarda para não perder a viagem de retorno ao Brasil.

Fomos recebidos entusiasticamente pelo povo brasileiro, de forma especial no Rio de Janeiro. Eu, em particular, fui muito homenageado. Citado em dezenas de artigos de jornais e revistas. Muitos livros, que guardo em minha biblioteca, possuem referências à minha atuação na FEB. Também no seio do Exército e na Unidade em que servi, fui bastante destacado. Fiz depoimentos, palestras, escrevi alguma coisa, sobretudo com referência à conquista de Montese. Agora, estou escrevendo sobre o soldado mensageiro, Melo, que não retornou.

A participação do Exército na Segunda Guerra Mundial trouxe, inicialmente, poucas conseqüências. À medida que chegávamos ao Brasil, oficiais e sargentos eram dispersados pelas Unidades. Grande parte dos convocados foi imediatamente licenciada. Havia uma espécie de "tabu"; não se falava sobre a FEB. Somente há pouco tempo começou a crescer o interesse pela mesma, como bem atesta este Projeto de História Oral de que estou participando, sob os auspícios do Exército, decorridos 55 anos. Outra demonstração diz respeito ao contato com a AMAN, que solicitou dados concernentes a Montese, para um curso específico sobre a atuação da FEB.

Para minha vida pessoal os resultados foram bastante positivos. Tornei-me conhecido e respeitado no seio do Exército.

A nossa Força Expedicionária Brasileira, não digo desprezada, mas tão esquecida de duas gerações de brasileiros, escreveu nos campos da Itália uma das mais brilhantes e comovedoras páginas de nossa história militar.

Coronel Helio Amorim Gonçalves*

Nascido na Cidade de Cachoeiro do Itapemirim, no Estado do Espírito Santo, pertence à turma de 4 de novembro de 1944, a última da Escola Militar do Realengo. Vinte dias após a cerimônia de Declaração de Aspirante embarcou, voluntariamente, com destino à Itália, para integrar-se à Força Expedicionária Brasileira. Na guerra, exerceu a função de Comandante do 2º Pelotão de Fuzileiros da 4ª Companhia do II Batalhão do 1º Regimento de Infantaria (Regimento Sampaio). Seu Pelotão destacou-se nos combates de La Serra (23 a 25 de fevereiro de 1945) e Montese (14 de abril de 1945), quando foi ferido por estilhaços de granada disparada pelas forças alemãs e hospitalizado. Em conseqüência desses ferimentos recebidos durante o combate, foi reformado em 26 de julho de 1951. Em 1986 recebeu a patente do posto de Coronel. Além do curso da Escola Militar, possui os da Escola Preparatória de Cadetes de Porto Alegre e de Motomecanização e, na vida civil, após a Reforma, concluiu o de Engenharia Civil da Escola Nacional (ENE). Recebeu as seguintes medalhas e condecorações, por sua participação na Segunda Guerra Mundial: Cruz de Combate 1ª Classe, por ato de bravura individual; Medalha de Sangue do Brasil; Medalha de Campanha; e Medalha de Guerra.

* Comandante do 2º Pelotão de Fuzileiros da 4ª Companhia do II Batalhão do 1º Regimento de Infantaria, entrevistado em 25 de julho de 2000.

Gostaria de iniciar minha explanação destacando que todos os cadetes de Infantaria da minha turma, de 4 de novembro de 1944, a última da Escola Militar do Realengo, foram voluntários para ingressar na FEB. Por isso, foi antecipado o término do curso, para qu e tivéssemos um pequeno espaço de tempo necessário à preparação para o embarque no escalão do Depósito de Pessoal, que sairia dentro de vinte dias. Como não era possível o embarque de todos – havia vinte vagas para os Aspirantes de Infantaria, nesse escalão – foi determinado que embarcariam os que estivessem desembaraçados, pois muitos ainda tinham problemas de família pendentes para resolver. No entanto, a falta de fardamento para os militares destinados ao Depósito de Pessoal, reduziu de vinte para dez o número de Aspirantes que seguiram nesta primeira leva. Os outros ficaram para a segunda leva do Depósito de Pessoal, que sairia, posteriormente, em fevereiro de 1945.

A viagem para o Teatro de Operações foi realizada no navio *Gen Meighs*, transporte de tropa que singrou os mares comboiado por um cruzador americano e um contratorpedeiro, o *Marcílio Dias*, da Marinha brasileira. Uma viagem desconfortável. Cinco mil e poucas pessoas dentro do navio, calor muito grande, éramos obrigados a usar um colete salva-vidas alcunhado *Mae West* que, em virtude de seu tamanho avantajado, aumentava o calor. Além disso, o banho era tomado com água salgada. Exceto o pessoal de serviço que “vencia” três refeições por dia, os demais só tinham direito a duas. Não nos adaptamos bem à comida americana. Tentaram, sem muito sucesso, amenizar as dificuldades com *shows* ou coisa parecida. Faltou feijão com arroz. Era uma comida doce, por isso não nos adaptávamos. O serviço era duro, às vezes escala de plantão em um compartimento fechado, com centenas de pessoas, e o navio jogando... Muitos passavam mal, enjoavam. Mas ninguém alegou este fato para evitar o serviço. Inclusive, um colega nosso, o Aspirante João Olímpio Filho, que enjoava, foi chamado para dar serviço e, para não fugir à escala, afirmou que não sofria enjôo. Assim, tirava o serviço com um balde na frente dele, enjoando e “despejando” no balde.

Na Itália assumi o comando do 2º Pelotão da 4ª Companhia do Batalhão Syzeno Sarmento, do 1º RI, na manhã de 24 de fevereiro de1945 e, à tarde, o Pelotão recebeu ordens para reforçar a 6ª Companhia, com PC em Casellina. Após o pernoite na região pouco abaixo da cota 958, na manhã seguinte, sem delongas, o Pelotão atacou e conquistou as posições alemães, na cota 882, entre o ponto 958 e La Serra. Para atuar sobre a cota 882, na verdade o meu batismo de fogo, partimos de uma posição pouco abaixo da cota 958, mais ou menos à mesma altura do ponto a ser tomado, sem possibilidades de localizar os alemães. Avançamos com todo o cuidado naquele terreno montanhoso, muito enrugado. Por sorte nossa, o

vigia alemão tinha sido atingido por uma granada de morteiro 60mm, da 6ª Companhia, de maneira que eles não estavam alertados para a nossa progressão. Quando ocupamos a crista, notamos a qualidade da fortificação. Constatamos que se tratava de uma posição fortemente defendida, com organização do terreno bem-feita, casamata sólida e diversas sapas ligando as posições. A propósito, neste ataque e conquista da posição, devo destacar a atuação do cabo Edson Salles de Oliveira, um garoto cearense muito destemido que, com sua iniciativa e arrojo, conseguiu ver uma janela do ponto forte inimigo. Foi a única coisa que vimos, pois como afirmei antes, não sabíamos, exatamente, onde estavam os alemães. Sentíamos que a posição inimiga poderia ser muito fortificada. Quando estava rastejando, um dos soldados disse: "Tenente! O Senhor está em cima da casamata deles". Aí, houve um fato interessante. Nós só víamos a entrada da casamata e começamos a jogar granadas de mão; eles não se manifestavam. Continuamos rastejando, com a intenção de chegar em cima da porta e jogar uma granada lá para dentro. Foi quando tomei o maior susto da minha vida: no momento em que vou jogar a granada, surge na minha frente um galho de árvore com uma bandeira branca que quase me acertou o rosto. Foi um susto danado! Renderam-se dez alemães comandados por um suboficial. E bastante munição.

A cota 882 tinha grande domínio sobre La Serra. De lá, observamos o Tenente Gervásio Deschamps Pinto, da 6ª Companhia, fazer diversos prisioneiros. Ele entrava nos abrigos, à frente de alguns soldados, e saía com dois ou três alemães, com as mãos na cabeça.

O graduado que mais se destacou nessa investida foi o Cabo Edson. O Edson era impetuoso, audacioso, tomava a iniciativa, possuía uma coragem incrível e não se poupava. E por tanto merecimento tive que pedir sua promoção a sargento. Mas, como ele era semi-alfabetizado, houve resistências porque seria um sargento "de poucas letras". Nós argumentamos que "na guerra, os valores são outros". A argumentação foi aceita e ele foi promovido a sargento, por seu valor indiscutível.

Por essa operação fui condecorado com a Cruz de Combate de Primeira Classe.

Àquela altura, já tinha verificado, justamente no combate, o valor do Pelotão a que fora apresentado de manhã cedo. Lembro-me do desempenho destacado dos sargentos Agenor Pacheco, Manoel Nunes da Silva e Ricardo de Araújo Bacellar, excelentes profissionais, muito respeitados e queridos; homens de absoluta confiança que facilitavam muito a minha ação de comando. Era fácil liderar aquele pelotão, seus sargentos e soldados, todos de primeira qualidade. Por isso, é justo ressaltar o Tenente Achilles Antonio Gallotti Kehring, oficial que formou o Pelotão. Também foi ferido em combate.

Após a conquista da cota 882, o inimigo tentou contra-atacar, à noitinha; o alemão gostava muito de atacar à noite. Recebemos fortíssimo bombardeio, mas a nossa posição era difícil de acertar, porque nos encontrávamos quase na crista. Visivelmente, eles estavam fazendo a preparação do contra-ataque. Foi um inferno de tiro. Pelos estampidos, identificamos três calibres diferentes, mostrando que éramos alvejados, pelo menos, por três Baterias. A ponto de, na manhã seguinte, não se poder andar dois, três metros, sem cair num buraco de granada. Eles, após essa preparação, avançaram com a Infantaria e foram rechaçados. Tentaram a noite toda. Diziam, não posso comprovar, que se tratava do ponto mais avançado da FEB. Isso justificava o apoio que recebemos, porque pedimos contrabateria e fomos prontamente atendidos pela nossa Artilharia. Durante a noite toda, uma metralhadora .50 nos protegeu, atirando de flanco.

De outras elevações, eles tinham domínio sobre a nossa posição. Logo identificaram a hora do almoço. Chegava um italiano com um "burrinho", trazendo a bóia, então, nessa hora, eles começavam a bombardear. De noite, também intensificavam seus fogos.

À meia-noite do dia 28 de fevereiro, durante a substituição por elementos da 10ª Divisão de Montanha, tropa de elite americana, a quem caberia prosseguir na missão, ocorreu a única baixa do Pelotão, o soldado José Godoy. Ele foi ferido na perna durante a substituição por elementos da 10ª Divisão de Montanha, porque a concentração de fogos de Artilharia no nosso lado foi muito grande. Os alemães perceberam que havia muita gente; que estava ocorrendo uma substituição, manobra crítica de grande vulnerabilidade. Por isso, intensificaram o bombardeio, que matou alguns americanos, feriu gravemente outros e, no meu Pelotão, somente um ferido, sem gravidade, o Godoy.

Após a substituição, na noite de 28 de fevereiro para 1º de março, à frente da Cota 958 – La Serra, ainda naquela madrugada, o II Batalhão foi destacado para a região de Belvedere. Ali, o Pelotão participou de uma patrulha que deveria atingir Serreto e, se possível, Mondani. Nesse itinerário andara o Pelotão do Aspirante Mega, dias antes. A situação era a seguinte: nossa tropa, no alto de Belvedere, tinha observação até determinado ponto em que o terreno se inclinava muito e ficava fora de nossas vistas. Aqui vale um parêntese – dias antes, o Aspirante Francisco Mega, da minha turma, comandara o seu pelotão até uma casa grande, uma vivenda de porte, isolada no meio do campo – isso é comum na Itália. Era uma casa de dois andares em terreno bastante inclinado, de maneira que o acesso a qualquer pavimento era feito sem escada. O Mega com o seu pelotão entrou na parte inferior da casa e não encontrou alemão algum. Já estava descontraído e, assim, chegou ao segundo andar, de-

parando-se com sete alemães jogando cartas em um canto de uma grande sala. No outro canto da sala, as armas ensarilhadas. Quando o Mega entrou, eles se levantaram para pegar as armas e resistir, mas o Mega, com presença de espírito muito grande, pegou uma granada de mão – ele poderia atirar com a sua metralhadora – e lançou-a no meio das armas, não nos alemães. Como a granada de mão tem retardo, os inimigos pararam, não avançaram na granada, e aí deu tempo do pessoal chegar e render os alemães. Isso mostra o raciocínio rápido do Mega. Ele reparou que havia um efetivo grande ali por perto, preparou-se, ficou em posição, inclusive, pegou a "Lurdinha", uma metralhadora alemã, para aumentar seu poder de fogo. Avisou ao Comandante da Companhia que, caso houvesse tiro de "Lurdinha", seria ele que estaria usando a arma alemã. Não foi preciso. Então, fez prisioneiros, pois essa era a sua missão, e regressou.

Retornando ao que vínhamos narrando, às duas horas da madrugada, conforme previsto, nós começamos a descer aquele terreno inclinado em direção àquela casa, abordada dias antes pelo Pelotão do Mega; descemos muito. Era uma diferença de cota bem grande: os alemães lá em cima e nós muito lá embaixo.

Vasculhamos a casa que se encontrava vazia.

O passo seguinte era Serreto, também, uma casa destruída, sem telhado, com dois andares e, não sei por que, cheia de galinhas. Amanhecia, o que era uma desvantagem muito grande para nós, pois passaríamos a ser vistos pelos alemães. Nós chegamos e tomamos Serreto. Logo após, estávamos em posição para enfrentar qualquer problema.

Encontrávamo-nos numa situação muito inferior, porque as posições alemãs dominavam totalmente o terreno. À nossa esquerda e já um pouco para trás, existia um cemitério que sabíamos ocupado por eles, no qual havia um monte de feno que mudava constantemente de lugar. À nossa frente e em cota muito mais elevada, achava-se uma capela, também em poder dos germânicos, que dominava todo o vale. Finalmente, à nossa frente, estava Mondani, a uns trezentos metros de distância e cerca de trinta metros abaixo. Era um caminho completamente descoberto. Havia umas árvores sem folhas, desgalhadas, de maneira que não davam proteção alguma. Esse era o caminho a percorrer, de Serreto a Mondani, uma descida. E nós não tínhamos dúvidas de que estávamos sendo observados pelos alemães. Fomos chamados pelo rádio. Lembro que nós não citávamos posto hierárquico, para não dar ao inimigo informações. Falar em Major significava a presença de um Batalhão. Se dissesse Coronel, ficava claro ser um Regimento. Aí o Syzeno, Comandante do Batalhão, perguntou onde eu estava. Respondi: "Eu estou em Serreto". "Qual é a situação? Então, descrevi-lhe; ao final o Major disse: "Considero a missão cumprida. Você

pode retornar". Respondi: "A missão não é essa, Major; a missão é até Mondani, se possível. Gostaríamos de tentar". O Major reafirmou: "Mas você pode considerar a missão cumprida"; diante da falta de proteção que havia para o deslocamento até Mondani, ele completou: "Eu deixo a seu cargo, você faz o que quiser; se você quiser retornar eu considero cumprida a missão, você não precisa ir". Eu disse: "Nós vamos tentar, vou ver se é possível". Concluindo o diálogo, disse o Major Syseno: "Então, você decide". Encarei como um desafio...Ir até Mondani, se fosse possível chegar a Mondani. O pelotão queria ir até Mondani, a trezentos metros de distância.

Tendo em vista o grande risco do cumprimento da missão, solicitei voluntários. Iria comigo quem quisesse. A maioria de meus subordinados quis acompanhar-me. Quanto orgulho! Poucos deixaram de se apresentar, tinham as suas razões. Não era desdouro algum porque a missão não era fácil. Mondani era um aglomerado de umas dez casas, mais ou menos, grandes, formando um pequeno povoado. Orientei o pessoal para seguir andando; a velocidade seria a minha: "nós vamos andando, prestando atenção, ninguém corre". Caso fôssemos atacados, cada um se protegeria como pudesse; seria cada um por si, pois não haveria mais condições de manter o comando. Tentaríamos retornar à base; deixei alguns homens em Serreto, como ponto de apoio.

Assim, percorremos os mais longos trezentos metros jamais existentes! É difícil de imaginar e descrever. Mas, procuremos ver o seguinte: nós cercados de alemães; não havia dúvida de que eles nos viam, estávamos cientes disso. Um dia claro de Sol, tendo que andar em terreno descoberto, cerca de trezentos metros. Avança-se. Passo a passo. Cada passo é mais um passo... Ou significará menos um? É somente tensão e atenção. A observação se amplia; todos atentos a qualquer barulho, atentos para qualquer movimento que acontecesse. É difícil...os metros ficam longuíssimos. O tempo não existe, por falta de referência. Aproximamo-nos de Mondani. A hora da decisão se aproximava. Quando chegamos lá, fomos surpreendidos pela aparição de um grupo de italianos nos esperando, uma comissão de recepção. Saudaram-nos com gestos nazistas: "*Heil Hitler*!" Pela semelhança dos uniformes, pensaram que fossemos alemães. Verde claro, meio puxado para o marrom.

Acontecia o seguinte, os alemães realizavam constantes patrulhas por ali. Essa movimentação de tropas inimigas era possibilitada pela topografia que os subtraía da visão de nossas linhas. Por isso, pensaram que fôssemos alemães. Quando eles viram o distintivo "Brasil" no nosso braço, ficaram sem jeito, abaixaram a mão. Aí, receberam-nos como amigos. Triste a condição de um povo vencido... Tem que homenagear a quem estiver com a força no momento.

Fizemos a revista em algumas casas, sem problemas, obtivemos informações sobre a posição da Artilharia alemã e retornamos. Até houve um fato insólito, uma

vaca tinha sido atingida por uma granada. Comentaram sobre a carne fresquinha e deram um pedaço para o pessoal.

Regressamos com esses mesmos cuidados – em linha, com a velocidade ditada por mim. Novamente nos encontrávamos desprotegidos, e desta vez, em subida. Não tínhamos condições físicas para aumentar o passo, porque havíamos saído às duas horas da madrugada de nossa posição, em Belvedere, e a tarde já começava a cair. A subida não era fácil, muito íngreme. Chegamos de volta a Serreto, descansamos um pouco. Também houve um fato engraçado nesse descanso. Alguns soldados conseguiram pegar um galo e o levaram com eles. Nós saímos de Serreto no fim da tarde, cansados, famintos, mas satisfeitos por mais uma missão integralmente cumprida, e... sem banho. Incomodava muito a falta de banho. Mais uma vez, provamos que tínhamos condições de cumprir as missões recebidas. Continuamos o regresso para nossas linhas. A nossa frente estava minada, então chegamos a um ponto onde fomos recebidos por um sargento que conhecia o caminho, um sargento de uma outra Unidade. Serviria de guia. Eu fiquei com parte do pelotão, para ver se estava sendo seguido, cobrindo a retaguarda, e ele seguiu com o grupo restante. Aí, ouço dois estampidos. Nós já os reconhecíamos pelo barulho. A Artilharia era fácil de distinguir: ouvia-se o "Bum", na saída da granada, enquanto o morteiro você só ouvia quando chegava: "*Tiissbum*", e ele vinha; não dava tempo de se abrigar. A Artilharia dava tempo para a gente deitar. Veja a diferença: o tiro de Artilharia, em razão de poder ser acompanhado desde o início da trajetória, concedia algum tempo para o combatente jogar-se ao chão; o morteiro não, porque não se escutava a não ser no final da cauda da trajetória. Ainda tinha o canhão 88mm realizando tiro direto, do qual só tomei conhecimento no dia em que fui ferido... Eu conhecia o barulho do tanque também, porque havia um, americano, junto às nossas tropas. Era o que chamávamos de "compra briga". Ele ficava mais para trás e, para atirar, subia um pouco, até a crista, dava os tiros e retornava. Os alemães, então, respondiam, ou seja, os tanques "compravam briga": atiravam, regressavam e nós recebíamos os tiros de volta, em resposta.

Mas, como relatava, ouvi aqueles dois estampidos e não reconheci o barulho. Eram duas minas. Um soldado "sabido", sempre aparece um soldado sabido, resolveu cortar terreno e saiu da trilha. Mas o nosso pelotão era abençoado, esse soldado apesar de ter pisado em duas minas, pisado não, feito detonar duas minas, um estilhaço ricocheteou numa árvore e pegou-o no queixo, mas já sem força nem saiu, nem atravessou o queixo. Ele foi para o hospital, não tinha dentes, botaram dentadura nele. De fato, essas coisas acontecem.

Em Belvedere viveu-se melhor do que em La Serra. Em La Serra, estivemos sujeitos a bombardeios o tempo todo. Em determinadas horas o bombardeio era

intensificado. Comparo com a cena de desembarque na praia, daquele filme: *O Resgate do Soldado Ryan;* claro que não naquela amplitude nem com a mesma duração, mas, no ponto em que nós nos encontrávamos, tinha a mesma intensidade. Certamente, lá na França, foi muito pior e numa extensão bem maior.

Em La Serra, sofríamos semelhante intensidade de bombardeio, mas localizado, enquanto que, no desembarque, a área era grande. Além disso, no local em que nos encontrávamos não tínhamos condição de comer, dormíamos mal ou mal dormíamos, porque a toda hora vinham patrulhas alemães que tentavam se infiltrar. Havia atiradores próximos, um deles acertou o capacete do sargento Nunes.

Bem... Voltando ao meu deslocamento até Belvedere... Ia esquecendo de dizer... Quando chegamos ao Posto de Comando da Companhia, cansadíssimos, encontrei o Aspirante Mega que já havia retornado há mais tempo, um amigo que me esperava com uma caneca de café com leite quente e um sanduíche de queijo e já havia preparado um local para eu dormir, no feno. Aí, deitei, adormeci imediatamente; não sei por quanto tempo dormi. De madrugada, fomos acordados, entramos num caminhão e nos levaram para Belvedere. Logo depois de desembarcarmos, começou a clarear, o que demonstrou ter sido muito pouco o tempo de descanso, mas suficiente para refazer-nos do cansaço, porque mergulháramos em sono profundo. E o galo do 2º Pelotão, nessa manhã, cantou; foi uma farra. Essa parte divertida também ocorreu. Apesar de todas as agruras, havia as alegrias, uma amostra do espírito do brasileiro. O galo do 2º pelotão era o único...

Subimos o Belvedere. Eu digo que Belvedere é uma maravilha, comparando-se com o sufoco de La Serra, porque não havia bombardeio, podíamos comer à vontade em nosso Pelotão. Mas o da direita, do Deschamps, recebia tiros, e à esquerda estavam o Mega e o Urias – 2º Tenente Joaquim Urias de Carvalho Alencar – que também eram alvos de tiros. O meu Pelotão não era alvejado. Por isso disse ter sido melhor estar em Belvedere, apesar, entenda-se bem, de permanecer na frente de combate, isto é, manter-se no *fox hole*, sofrer a falta de banho, participar das patrulhas, mas, pelo menos, não levar bala. A falta de banho a gente suportava; podíamos comer sossegados, pois não havia possibilidade de tiro em face de o alemão estar do outro lado do vale. Em La Serra recebíamos tiros de Artilharia e de armas leves, fuzil.

É momento de fazer referência aos tenentes Achilles Gallotti Kehring, Joaquim Urias de Carvalho Alencar, Tenente Urias, e ao Aspirante Francisco Mega.

O Tenente Achilles preparou o meu Pelotão. Era mais antigo do que eu. Foi o primeiro comandante, ainda no Brasil, quando soube imprimir-lhe suas qualidades. Recebi um Pelotão unido, decidido, disciplinado, corajoso, com noção de responsabilidade, composto, na verdade, de amigos, o que me facilitou muito. Qualquer um

comandaria bem aquele pelotão. Devo isso ao Achilles. Ele deixou o comando do Pelotão após ter sido ferido.

Quando o Achilles saiu, entrou o Tito que, num reconhecimento, escorregou na neve e fraturou a bacia. Depois teve o Vicente Ivan de Paula que, também por questão de doença, deixou o Pelotão. Finalmente, eu assumi.

Na 4ª Companhia, o Pelotão do Aspirante Mega foi comandado, primeiro, por um tenente, cujo nome não lembro. Era um Tenente R/1 que depois passou o comando para o Theodoro Guerra de Oliveira. O Guerra também foi ferido, teve o peito atravessado, na tomada de Monte Castelo. Por último, o Mega, que veio a falecer. Antes do Mega, ainda, houve o comando do Tenente Antônio Rosa de Almeida que acabou tendo um problema num incêndio. Assim que o Mega morreu, ele voltou a comandar o Pelotão.

O Urias é um homem sensacional, é um exemplo. Ainda está vivo e que Deus o proteja, um paradigma para todos, pleno de virtudes: corajoso, competente, honrado, digno, enfim, era um exemplo para mim e para o Mega. Comandava o 1º Pelotão. Que Deus o conserve como exemplo para as gerações. Ele é paraibano, está morando em João Pessoa. Evito telefonar porque ele chora quando conversa comigo. Tem noventa e poucos anos, mas inteiramente lúcido. Um exemplo para todos nós, como cidadão e como militar.

O Mega foi meu colega na Escola Militar. Convivemos como amigos durante três anos de vida escolar. Era "pequenininho", mas rígido, resistente e ágil fisicamente. Um dos primeiros da turma, era dedicado aos estudos como, aliás, a tudo o que fazia. Buscava sempre a perfeição.

Na Itália, inicialmente, ficamos na retaguarda. Na véspera da tomada de Monte Castelo foi chamado um grupo, com o Jurandyr Loureiro Accioly, Guerra, Mega e eu, todos voluntários e desejosos de ir para a frente no comando de Pelotão de Fuzileiros. Achávamos que o infante se realiza no comando de Pelotão de Fuzileiros, o máximo que um Aspirante de Infantaria pode desejar. Então, combinamos que ninguém "piruaria" nada, deixaríamos a decisão com o nosso Comandante. Fomos recebidos pelo Tenente-Coronel Samuel Pires, Subcomandante do Regimento, que perguntou quem queria ir para a frente, porque havia duas vagas. Pedimos a ele que escolhesse. Então, ele designou o Guerra e o Accioly, por serem maiores do que nós. O Mega e eu éramos pequenos.

Ficamos nós dois na retaguarda, não tomamos parte na conquista de Monte Castelo. Quando houve uma primeira vaga na Companhia, fui chamado. Houve também uma na Companhia de Obuses, para onde foi designado o Mega que ficou chateado, pois sempre desejou um Pelotão de Fuzileiros. Mas, para minha surpresa, ele

chegou logo depois de mim, quando houve o problema com o Aspirante Guerra, que foi ferido. O Mega assumiu o comando e continuamos juntos. Nós entramos em ação no mesmo dia. Eu me encontrava à esquerda e ele à direita de La Serra. O Pelotão sentiu o valor do Mega e aceitou o seu comando prazerosamente; ele era um oficial que se impunha facilmente.

Já citei a sua atuação na patrulha, lá em Belvedere. Vou comentar sobre Montese. Nós estávamos posicionados frente a Montese, na região de Campo Del Sole. Ao findar o inverno na Europa – março de 1945 – o comando aliado resolveu iniciar a Ofensiva da Primavera com o objetivo de expulsar as tropas nazistas da Itália. No dia 14 de abril, cerca das 10h, foram lançadas as primeiras tropas, entre as quais estava o meu pelotão. O do Mega desceu logo atrás. Quando fui atingido, o Mega escutou pelo rádio que eu estava ferido e me negava a ser evacuado. O Mega me disse: "Oh Amorim! Deixa de ser burro, vai embora, vai para a retaguarda". E eu, de brincadeira com ele, ainda falei: "Não chateia, menino, respeita os mais velhos" – o Mega era um dos mais moços da turma. Então, dirigindo-se para o Capitão Comandante da 4ª Companhia, Marcos de Souza Vargas, que estava no rádio, disse: "Vargas, não deixe o Amorim lá, dê ordem para ele voltar". E continuou, falando comigo: "Deixa de ser burro, Amorim". Foram as últimas palavras que me dirigiu. Apesar das expressões, palavras carinhosas de amigo.

A missão do meu Pelotão era atingir Creda, à direita de Montese, e fixar o inimigo, a fim de que fosse atacado pela esquerda pelo Pelotão do Mega. Eu sabia que não poderia sair de lá, pois tinha que manter pressão sobre a posição inimiga. Havia uma resistência muito forte à nossa frente. Quando ele dá o lance, uma granada de morteiro o atinge e a um sargento, cujo nome não recordo. Arrancou o tampo da cabeça do sargento, tendo sido o Mega ferido no corpo. Quando voltou a si, chamou o 2º sargento-auxiliar Frederico Rodrigo Torres e disse: "Torres, a minha carta topográfica está toda cheia de sangue, pega a sua". O Torres abriu a carta. Prosseguiu o Mega: "Agora, vamos reconhecer o terreno. Ali está o tal ponto...". Reconheceu o terreno com seu subordinado, porque sabia da gravidade do ferimento. Tinha o corpo todo atravessado por estilhaços. Continuou o Mega: "A missão, vamos ver a missão". A missão é essa, assim e assim; toma cuidado com isso e aquilo outro, e deu todas as ordens. Aí, notou que um soldado estava olhando para ele, então disse: "O que é que você está olhando? A guerra é lá na frente. Vocês estão chateados porque eles me acertaram? Acerta o comandante deles, também. Vão à forra! Não tem nada, quem está no fogo é para se queimar. Não se incomodem comigo... É lá na frente". Dessa forma procurava animar o soldado. Mas, quando sentiu a morte chegando, naquele momento, pediu ao Torres que guardasse um anel de ouro que pos-

suía – abrindo, havia um retrato da mãe que morrera quando ele era cadete – a carteira e o relógio, e mandasse para a sua irmã. Pediu, ainda, ao soldado Pardelha, mensageiro do pelotão, que metesse a mão no bolso de seu uniforme, tirasse um terço e morreu rezando, falando na vovó Maria Antônia Garófalo e na irmã Ivete, menina de valor também, que tive o prazer de conhecer.

E assim o Mega deixou mais um exemplo, ratificando o que nós sabíamos: ser possuidor de todas as qualidades que se possa imaginar: inteligente, amigo, bom, humano, correto, corajoso, cumpridor do dever. A virtude estava ali muito bem representada. Tive o prazer e a honra de ser seu amigo. Uma das satisfações que o Exército me proporcionou.

Considero oportuno falar alguma coisa sobre o Sargento Edson, o nosso conhecido Cabo Edson que foi promovido a sargento: o Edson era muito simples. Apesar de promovido a sargento, continuou como se fosse cabo. Mantinha uma amizade muito grande com o Soldado Lucindo Nepomuceno Cebálio e com os outros companheiros de sua esquadra. O Cebálio era o atirador e o Zé, 647, era o municiador. Talvez o contrário, não me lembro exatamente. O Edson estava sempre junto com eles; eram muito amigos. Manteve o relacionamento, mesmo como sargento. Em Montese, estávamos nós três juntos: o Edson, o Cebálio e eu, quando o cabo Ulisses Verani Cascais foi ferido no peito e na mão. Parei para atendê-lo e ele disse: “Tenente, eu posso ir, não tem nada não”. Respondi: “Não, você vai para a retaguarda”. Ele insistiu: “Não, tenente! É coisa à toa, deixa eu continuar com o Pelotão”. Esse era o espírito do meu Pelotão – deixa continuar... Prometi-lhe: “Se for coisa à toa, você volta”. O Cabo Verani foi evacuado; aproveitei um padioleiro que conduzia feridos de outro Batalhão e o mandei embora. Quando cheguei lá em cima – Creda ficava cerca de duzentos metros das posições inimigas – eles já estavam mortos. Seriam os três, caso o cabo não fosse para a retaguarda. O Edson entrou em uma casa e sentiu a dificuldade do Cebálio deslocar-se. Virou-se para o sargento Bacellar, que estava com ele, e disse: “Vou ajudar o Cebálio”. O sargento alertou: “Não vai que você morre.”

A frase que o pouco letrado Cabo Edson pronunciou: “Eu tenho que ajudar o Cebálio” foi a mais completa, sintética e eloqüente manifestação sobre o cumprimento do dever. Sintetizou todo o cumprimento do dever com isso: “Eu tenho que ajudar o Cebálio, não há que pensar em conseqüências”. Uma granada de artilharia matou os dois bravos. Ninguém pôde contê-lo. Era do feitio dele; não fugia... Morreu junto com o Cebálio.

No ataque a Montese, diz Rubem Braga em seu excelente livro *Crônicas da Guerra na Itália* – BIBLIEX, 1996, páginas 244 e 245 – “Eu estava no PC do II Batalhão quando noticiaram que o Tenente Hélio Amorim Gonçalves estava ferido.

Às 10h20min, comandando uma patrulha, atingiu o ponto 751, sendo hostilizado pelo inimigo entrincheirado em Creda. Às 12h15min ele se apossava de Creda. Lá, foi ferido mas teimou em continuar comandando o seu Pelotão, mesmo prostrado. Foi então que o Major Syzeno deu ordem terminante para que ele fosse removido". E continua Rubem Braga, à página 311: "Amorim estava no ponto 751... Amorim é hostilizado em Creda... Amorim se apossa de Creda... Amorim é ferido...".

Bom, vejamos como se deu esse episódio. Do ponto de partida. O meu Pelotão foi designado para ser o primeiro a iniciar o deslocamento. Desde que deixamos nossas posições, em Campo Del Sole, passamos a receber os primeiros tiros de morteiro e, em seguida, de artilharia. Avançamos sob esse violento fogo inimigo e, quando atingimos a cota 751, pudemos perceber que a maioria daqueles tiros vinha, não de Creda, como diz o Rubem Braga, mas de Possessione que ficava à minha direita.

Mas, logo cessariam esses tiros porque o Pelotão comandado pelo Tenente Rosa, da 6ª Companhia, avançou e ocupou a região. Os alemães, preocupados conosco, não pressentiram sua chegada, pela retaguarda, sendo expulsos com certa facilidade. Ficamos livres da Infantaria, mas tremendamente bombardeados pela Artilharia. Era um inferno, tiro para tudo quanto era lado. Sentimos como os alemães davam valor àquela posição. Nós já tínhamos tido uma pequena amostra, porque dias antes eu havia feito uma patrulha em Creda e vira que a SS guarnecia aquele local. Nosso avanço prosseguia com cautela e vagarosamente.

Creda era constituída por duas casas de pedra que nos ofereciam boa proteção contra os tiros inimigos. O Pelotão ficou dividido em duas partes, cada uma abrigada atrás de cada casa. Como não havia abertura, não podíamos entrar nos prédios. Eu fiquei junto de uma quina, detrás da casa da esquerda. O alemão, além das armas que já utilizava, passou a fazer tiro direto de "canhão 88mm". O segundo disparo explodiu, mais ou menos, a uns cinco metros de onde me encontrava. A quina da casa protegeu meu tronco, da virilha para cima, mas fiquei ferido nas pernas. Com o deslocamento do ar provocado pela explosão, fui lançado fora do abrigo, caindo em local exposto aos tiros. Os alemães, então, começaram a me caçar de metralhadora. Era início da primavera, eu via os tiros decepando as primeira folhas das árvores lá em cima. Quando passaram a cortar as folhas mais abaixo, percebi que em poucos segundos seria atingido. Eu estava caído, sem poder me levantar, porque já não havia condições para isso.

De repente, o Cabo Raimundo Nonato que comandava uma Seção de Metralhadoras da Companhia de Petrechos, não pertencia ao meu pelotão, rapaz alto, apareceu ao meu lado, arrastando-me pela gola do uniforme para local mais protegido. Alguém, ao ver-me, disse: "Ih! Olha aí!". Fui olhar e vi uma poça de sangue no chão e a minha

perna esquerda toda ensangüentada. A virilha direita também sangrava bastante. Julguei haver perdido a perna e, pior do que isso, que havia sido castrado. Aceitava perder a perna esquerda, mas castrado... Não! Desesperado, o meu primeiro pensamento foi trocar tiro com os alemães e me arrastei para tomar posição. Voltei à razão quando ouvi o meu sargento Agenor virar-se para o cabo padioleiro Mello, que estava ao abrigo da outra casa e gritar: "O Tenente está ferido!" O Mello não conversou, com um lance semelhante ao de um felino, conseguiu chegar onde me encontrava. O alemão, surpreendido, só conseguiu atirar depois que o padioleiro estava protegido. O Mello era de uma competência extraordinária e a ele devo a minha vida. Rasgou a calça e começou a fazer o curativo, e eu, a essa altura, resolvi esperar o término de seu trabalho; o que iria dizer-me. Ele começou a descrever pelo pé esquerdo: "O Senhor tem um estilhaço no pé esquerdo...", eu não pensava em pé esquerdo e, sim, em outra coisa, "Estanquei a hemorragia na perna esquerda e... o Senhor quase foi castrado". Quando ele disse "o Senhor quase foi castrado", numa reação incontida, espontânea, gritei alguns palavrões e disse: "Vou c... muita alemã, ainda". Diante do inesperado da frase, todo o pelotão explodiu numa gargalhada geral, desanuviando o ambiente. Concluí que deveria ficar ali mesmo. O apoio espontâneo dos meus comandados que acompanhavam o meu drama me ajudou a tomar a decisão de permanecer com eles. Fui ferido entre meio-dia e uma hora. Fiquei com o meu pelotão até duas horas da madrugada, perdendo sangue.

Mas, nesse instante, o Sargento Agenor pegou o rádio e comunicou ao Comandante da Companhia: "O Tenente Amorim está ferido" – foi quando o Mega soube e me chamou de burro. O Capitão Vargas mandou que eu fosse evacuado; ponderei que estava bem, que era um arranhão. "Você pode mesmo comandar o pelotão?" "Posso, não há problema algum". E eu fiquei, resolvi ficar ali mesmo, apesar de saber o perigo que corria. Achava que aquele era o meu lugar e seria útil, mesmo naquelas condições. Tomei conta do rádio para ninguém dizer o estado em que me encontrava e fiquei durante algum tempo. A essa altura, tais os ferimentos, o padioleiro Mello quis me dar uma injeção de morfina para aliviar as dores. Recusei porque tinha medo de um eventual contra-ataque. Em face da pressão dos alemães, considerava possível um outro ataque, e queria estar em condições de reagir. Coloquei duas granadas de mão dentro da roupa, para combater, caso se concretizasse meu receio.

O bombardeio continuava, sempre, muito forte, mas continuávamos abrigados. Tivemos mais uma baixa, um rapaz ferido no ombro. Ao anoitecer, dois me pegaram, o Gonzaga e o Nonato, que eram bastante altos, e me levaram para a outra casa que tinha um quartinho com duas camas. Ocupei uma delas e, na outra, do outro lado, ficaram os cadáveres do Sargento Edson e do Soldado Cebálio. Com o passar do tempo,

senti que estava enfraquecendo. Às duas horas da madrugada, o Major Syzeno ligou para Creda: "Amorim, eu quero falar com o Sargento-Auxiliar Agenor". "O Senhor", insisti, "pode dizer que eu dou o recado a ele". A resposta foi curta e incisiva: "Não, eu quero falar pessoalmente com ele". Passei o telefone ao Agenor, que nada mais falou do que isso: "Sim senhor; pode deixar; eu faço; pode deixar; está certo". E desligou. Virou-se para mim e disse: "Tenente, o Major determinou que eu o mandasse para a retaguarda nem que seja amarrado. Eu vou ter que amarrar o Senhor?" Eu disse que não precisava. Já sentia que não havia mais necessidade de minha permanência.

Uma das razões que justificavam minha presença lá era o meu pessoal. Cito, como exemplo, o fato de o Cabo Nonato, já no final do dia, entrar radiante no quarto, para me comunicar que acertara alguns alemães que haviam realizado uma troca de posição, lá na frente. "Tenente! Acertei os alemães", uma vibração que soou como quem dissesse: "fui à forra, acertei os alemães". Completou: "Eles deram um lance e eu vi. Caíram uns três ou quatro". Ele tivera a satisfação de vir me comunicar. Então, lá pelas duas horas, desci carregado por quatro padioleiros, entre eles o Mello. Rendo aqui minha homenagem a todos os padioleiros. Uma dedicação muito grande porque, embora tivesse diminuído muito o bombardeio, de vez em quando a gente "ganhava" uns tiros. Eles não se abaixaram nenhuma vez, e me levaram até o Comando da Companhia. No PC, por ter entendido mal, fiquei chateado, porque o meu Comandante não me recebeu, quando lá cheguei. Ele mandou o Sargento Diehl falar comigo que estava em reunião e não podia me atender. Achei aquilo esquisito, o Comandante, Capitão Marcos de Souza Vargas, que era muito amigo de todos nós, não me atender. Depois, soube que ele não queria comunicar-me a morte do Mega. Em seguida, fui colocado num jipe e, todo mundo sabe como é ser transportado nesse tipo de viatura, especialmente nas minhas condições. De um lado o motorista e, atrás dele, um soldado; a maca fica do outro lado, com o ferido amarrado, apoiada lá na frente no capô do jipe e no banco traseiro. Rodamos numa estrada toda esburacada. Devo ter dado algum gemido, durante um solavanco daqueles. Ressalto, então, o espírito de solidariedade do motorista que disse: "Tenente, pode deixar que eu vou mais devagar". Isso debaixo do bombardeio, dirigindo a uns cinco, dez quilômetros por hora, arriscando-se para que eu não sentisse dor; um soldado que jamais me vira.

Chego ao Batalhão, no posto de saúde da Unidade, onde sou atendido pelo médico que comentou: "Não fosse o curativo bem-feito, ele teria ido embora. Curativo feito pelo padioleiro Mello foi fundamental, particularmente quanto ao local, na virilha.

Deram-me morfina que trouxe um grande alívio. Daí por diante só me lembro, claramente, quando acordei no hospital de Pistóia. Nessa ocasião, soube do faleci-

mento do Mega, pois sempre que pedia notícias dele recebia como resposta um "Não sei". Ninguém estava ciente do que havia acontecido. Deduzi que ele tinha morrido e depois tudo foi confirmado. Assim foi Montese.

O bombardeio em Montese parecia um inferno. Dizem que foi o terceiro bombardeio em intensidade, na Itália, depois da cabeça-de-ponte de Anzio, no desembarque americano, e o célebre Monte Cassino, no caminho de Roma. Houve um número enorme de baixas. Falam em oitocentas, entre feridos e mortos, em três dias, não estou certo. Sei apenas que era um inferno violento, se assim posso dizer..

Os alemães que estavam na minha frente eram da SS, tropa de elite. Por acaso, o nosso rádio tinha a mesma freqüência da que usavam e um de nossos soldados falava alemão. Assim, pôde captar uma conversa entre eles, exaltando a grande Alemanha. Diziam, ainda, que tinham enterrado os mortos, antes de abandonar a região, debaixo de bombardeio, porque o inimigo não lhes deu folga. O que eles fizeram conosco também fizemos com eles, pois a Artilharia brasileira tinha uma grande precisão. Apesar da proximidade com os combatentes do exército alemão, o nosso tiro de artilharia caía sobre o inimigo; nunca houve um impacto perto de nós.

Montese foi conquistada no dia 14 de abril de 1945, aniversário da sua liberação.

Em 1995, cinqüenta anos depois, voltamos à Itália.

Lembro-me como enfrentamos o inverno durante a defensiva prolongada. Sentimos os rigores do frio a partir da viagem, quando saímos daqui no calor de novembro e chegamos lá em pleno inverno. Mas a tropa superou as dificuldades, porque o brasileiro tem a capacidade de se adaptar facilmente. Eis porque não vi grandes problemas. Estávamos bem-agasalhados com o material fornecido mediante aquisição ao governo americano. Comprado pelo Brasil, é importante que se diga. Muita gente ainda não sabe que o armamento, a comida, tudo o Brasil pagava. A participação na guerra foi toda às nossas custas, com os azares, vantagens e glórias.

Para falar sobre o desempenho dos nossos oficiais e graduados, levando em consideração o tempo escasso do treinamento, devo ressalvar que o Comandante de Pelotão tem uma visão muito limitada. Eu, por exemplo, não conhecia ninguém do outro Batalhão. Na minha Unidade mantinha contato rápido com os Comandantes das 5ª e 6ª Companhias. Quase todo o nosso contato acontecia dentro da Subunidade.

Fato curioso, tivemos um oficial, o Ten Murilo que era médico e atuou como infante, comandante de Pelotão de Petrechos. Sem dúvida, portou-se de maneira bastante capaz. E os outros todos com quem privei, excelentes profissionais. O Capitão Vargas, muito bom; o Major Syzeno, Comandante do II Batalhão, conhecido aqui no Brasil, por ter participado da Revolução de 1932 e promovido por ato de bravura.

Também os sargentos, excelentemente qualificados. O Bacellar morreu, o Agenor, também, o Nunes reside em Curitiba; de vez em quando telefono para ele. Sem esquecer o Edson, que perdemos. Valente e amigo dos seus amigos. A impressão que tenho é que ninguém "negou fogo", todos os chamados responderam bem aos desafios e sofrimentos. O pracinha, o homem, combatente brasileiro que foi à guerra, se agigantou.

Impressiona a capacidade do brasileiro para superar as dificuldades físicas, orgânicas, de instrução e de alterações climáticas. Não houve problema. O pessoal sempre se conduzia e se adaptava com criatividade. O pé frio, por exemplo. Por mais que se aquecesse, o pé estava sempre frio. Daí, sem cuidados apropriados, sobrevinha o pé de trincheira. Mas o brasileiro, mais uma vez, inventou, tirou a "botina" e colocou, dentro da galocha, jornal e feno, de maneira que tudo isso funcionava como isolante. E ainda podia mexer os pés, facilitando a circulação. Coisas muito engraçadas a gente via, próprias do espírito do brasileiro. O Nunes, meu sargento, não falava inglês e balbuciava mal o italiano. O americano utilizava um fuzil mais moderno do que o da nossa tropa, na Itália. Então, todo mundo queria trocar o fuzil. A munição era a mesma, mas o nosso era de repetição e o deles, automático. Não tinha ferrolho. Mas, havia dessas armas sobrando. O sargento Nunes, sem falar inglês, o americano sem falar português e italiano, os dois negociaram a troca de uma arma, por uma faca. Isso mostra a criatividade. Regateando, acabaram fazendo a troca de uma faca pelo fuzil. Resolviam qualquer coisa da maneira mais simples possível.

Após a guerra, recebi na minha casa dois casais italianos. O primeiro foi o Geovane, rapaz moço com quarenta anos, no máximo, que não viveu a guerra mas é apaixonado pelo Brasil. Eu morava num outro apartamento aqui perto. Estou em casa, batem na porta, quando abro, entra aquele camarada "desse tamanho" com a mulher também do mesmo porte. E diz assim: "Papi", gozação, eu chamado de pai como se tivesse deixado na Itália um filho. Então, deu-me um abraço, disse ter casado e vindo passar a lua-de-mel no Brasil. Ele tem um museu em Montese. Ganhei uma cruz de presente, feita com estilhaços caídos na cidade.

De outra feita, fui chamado pela Associação Nacional dos Veteranos da FEB (ANVFEB) para receber um casal de italianos, Fábio e Ana. Em Montese, houvera uma entrevista na televisão local. Pediram-me que dissesse alguma coisa, eu me referi a um costume do Brasil: "em minha terra diz-se que uma pessoa ao escapar de morrer por ferimento, doença ou qualquer outro mal, nasce outra vez. Como escapei de morrer em Montese, nasci outra vez em Montese, logo, eu, desde então, era montesino nato". Nessa oportunidade, tive um rápido encontro com o Fábio. Depois, quando os

recepcionei, na ANVFEB, apresentando-me: "Amorim", ele disse: "Montesino nato!". Ele não esqueceu. Edita uma revista na região que sempre tem algo sobre o Brasil. Isso é comum no italiano, fazer amizade. Dizem que publicaram um artigo no qual considerava os americanos como libertadores de Montese. Houve protestos na rua contra essa afirmação. Os brasileiros, não os americanos, são os libertadores de Montese. O carinho deles conosco é muito grande.

– O Governo italiano convidou dois oficiais que estiveram em Montese, para irem à Itália. Fui designado para representar o Brasil, juntamente com o bravo Tenente Iporan Nunes de Oliveira, o primeiro a entrar na localidade. Ten Iporan do 11º RI. Um homem simples e de grande valor. Foi organizada uma comitiva chefiada pelo Ministro do Exército. A comitiva era formada por cadetes da Academia, primeiros colocados em cada Arma, chefiados por um Tenente, pelo General Bini e o Major Terra. Quando chegamos, fiquei muito emocionado. Primeiro, porque fisicamente eu já estava meio "bombardeado", perdi a minha mala, não consegui dormir a noite toda. No dia seguinte, comecei aquela rotina de solenidades. Era almoço às duas horas, duas horas em média de discurso, muitas vezes ouvido de pé. Cumprindo uma agenda difícil.

À noite, recepção na Embaixada do Brasil.

É importante lembrar um fato, para não cometer uma injustiça. Quando estive ferido e não havia comido nada, porque a comida era toda enlatada e eu entendia que não me fazia bem por estar naquele estado, um soldado virou-se para a senhora moradora daquela casa e contou que um doente se achava lá, sem comer. Ela apanhou dois ou três ovos e levou para mim. Muito carinho, especialmente por causa das dificuldades de encontrar alimento na Itália, naquela época. Bem próprio da grandeza de sentimentos do povo italiano. Pois bem, quando dessa viagem, cinqüenta anos depois do término da Segunda Guerra Mundial, a convite do Governo italiano, vivi uma grande emoção ao visitar Creda e constatar que aquelas duas casas de paredes de pedra permaneciam ali, tal qual as encontrei em 14 de abril de 1945. Fui recebido pelo Sr. Mário, um "bambino" de sete anos, na época. Meu acompanhante, um italiano dono do hotel que me hospedara, apresentou-me, explicando quem eu era. O Mário, então, gritou: "Mama". Aí, é o máximo da emoção. Aparece a senhora que me deu os ovos. Quando ele gritou, eu gritei, também: "Mama", e fui lá e dei um abraço nela. Seu nome é Inês Pedrucci. Sinto por ela uma gratidão eterna e que Deus proteja a sua família.

Há em Monte Castelo um monumento muito bonito, uma coluna com um globo e uma inscrição em que se lê Ordem e Progresso. Em Montese, está a casa onde fui ferido. Os habitantes da cidade têm muito respeito pelos brasileiros, seus libertado-

res. A torre de Montese é o símbolo da cidade, onde entrou o Tenente Iporan, ao chegar, em pleno ataque. Subiu e fez prisioneiros nessa torre. Há também um monumento na cidade, extremamente bonito e sofisticado, difícil de descrever, uma outra homenagem à FEB.

Eles continuam a fazer homenagens; já inauguraram outro monumento para a FEB. A gratidão que o povo italiano tem por nós é comovente.

Sempre levei comigo, na carteira, durante a guerra, uma Bandeira que me acompanhou em toda a campanha na Itália. Ornamenta minha sala, junto da cruz trazida pelo Geovane.

Gostaria de acrescentar que o entrosamento do brasileiro com o italiano foi muito facilitado pela semelhança do idioma, pela identidade dos costumes e pela simplicidade dos dois povos. Muito diferente do alemão.

Certa vez, quando estava na retaguarda, fui com um colega a uma pequena vila que havia nas cercanias, para cortar o cabelo. Entramos na barbearia; havia uma fila com uns dois ou três italianos que esperavam para serem atendidos. Observamos que eles ficaram assim inquietos... Não estavam à vontade. Nisso, o italiano que estava cortando o cabelo termina, vagando a cadeira do barbeiro. Os italianos da fila ficaram esperando. Então, perguntaram, meio sem jeito, e nós respondemos: “É o primeiro da fila que vai, como é normal no Brasil”. Entramos na nossa vez e pagamos normalmente. Ficaram espantados e começaram a conversar conosco. Em idêntica situação, o alemão teria mandado sair o cara que estivesse na cadeira, para ele entrar. Se fosse oficial, todos teriam que permanecer em pé, enquanto ele estivesse lá. Eles sentiram a diferença. Quando souberam que éramos oficiais, apreciaram mais a nossa maneira de agir. Os americanos não procediam como os alemães. Eram mais respeitadores. Entretanto, comportavam-se como vencedores. Nós nos igualávamos aos nacionais, comportávamo-nos como amigos. Embora tenham dito *brasiliani liberatori*, realmente éramos os amigos. Não nos sentíamos libertadores.

Por isso o carinho que, até hoje, têm conosco. Pessoas como o Fábio e o Geovane não tomaram parte na guerra. O Fábio era garoto e o Geovane não era nascido. Há poucos meses inauguraram um outro monumento em Belvedere, projetado por uma brasileira, mas feito na Itália sob as expensas deles. É uma prova do respeito, gratidão e reconhecimento dos italianos, pelo que fizeram os nossos compatriotas na campanha da Itália.

Não posso deixar de falar algo mais sobre o apoio de saúde à tropa combatente. Os combatentes, certamente, tinham que confiar nos padioleiros. Quando fui ferido, recebi os cuidados do Dr. Ribeiro, militar, um oftalmologista no Brasil. Fui muito bem tratado. Nos hospitais, o atendimento era muito bom, muito huma-

no. Não estou certo de ter sido operado por americanos – havia médicos brasileiros e americanos, nos hospitais – estava "grogue", não sei. Mas, fui para a tenda recuperar-me e lá estava um alemão, garoto, com ferimento nas costas. Um americano foi atendê-lo. O jovem o empurrava , dizia desaforos em alemão; o americano não reagia, mantinha a calma, com dedicação e delicadeza. Outro alemão levantou-se e foi acalmar o garoto que deveria ser SS, um fanático. O americano, com toda a atenção, não respondia às provocações e aos empurrões do alemão. Nossos médicos agiam também da mesma maneira. Por isso afirmo que éramos muito bem tratados, na Itália.

O comportamento do soldado alemão era heterogêneo, absolutamente heterogêneo. Em Montese, eu estava na frente dos alemães da SS, entretanto, à minha esquerda, cinqüenta ou mais se entregaram. De um lado os SS fanáticos, do outro lado havia um camarada doido gritando para que a guerra acabasse: alemães, franceses, polacos...

Sobre as tropas aliadas posso dizer o seguinte: Em La Serra, fomos substituídos pela 10ª de Montanha, uma tropa criada para decidir. Ficou mais de dois anos em treinamento, recrutou o pessoal entre atletas, combatentes de físico excepcional. Eles levaram um "canhão 37mm" para a crista da montanha, no braço. Eram fora de série. Colegas meus disseram que assistiram à tomada de Monte Della Torracia, localizada após Monte Castelo. Mais ao fundo e um pouco mais alto do que o Monte Castelo. Ocupado em diversas linhas pelos alemães. Eles disseram que foi um morticínio. Quando o americano saía para dar um lance e tomar a trincheira, deixava a metade do pessoal já ferido. A partir do momento em que ele tomava a trincheira, o alemão recuava; no recuo era a vez do americano acertar os alemães e, aí, destruía toda a trincheira. Disseram que o morro ficou juncado de cadáveres; o americano era muito bom soldado. O americano branco, porque o soldado negro não tinha motivação para lutar. No meu desembarque, em Nápoles, tive uma amostra disso. Nós permanecemos mais um dia no porto, além do restante do escalão, porque houve um acidente com duas lanchas *Landing Craft Infantry*, que nos levariam para Livorno. Aliás, aí houve um fato que corrobora a identificação do brasileiro com o italiano. Estávamos separados do povo e o pessoal jogava *scatolletas*, latinhas de mantimento, *ciocolata e sigaretta*, para eles. Aquilo foi nos constrangendo. Aí, um soldado jogou um maço de cigarros para um garoto. Bateu na grade e caiu nos pés de um velho que agarrou o maço. O garoto segurou a garganta do velho para tomar os cigarros. Tais fatos nos emocionavam muito. Daqui a pouco, um soldado pega o violão e começa a cantar *Vivere*, canção italiana que fala da beleza da vida – a vida é bela. Foi uma choradeira geral. O Comandante do contingente que permaneceu no porto, Tenente

Aldyr Araújo Quadrado mandou parar aquela manifestação, devido à choradeira geral. Uma antecipação da ligação amistosa com o povo, quando mal chegávamos.

Mas, quanto ao negro americano, não tinha motivação. Um sargento brasileiro, Marques, baiano escuro, robusto, que comandava uma fração desse contingente que estava no porto, aguardando o embarque que seria no dia seguinte, de voz grossa, estava bradando comandos diversos. Ele era observado pelos negros americanos. Assim que parou um pouco, os americanos começaram a conversar com o sargento. Ele me chamou e eu, embora não falasse inglês, pude entender alguma coisa. Os negros queriam saber qual a função do Marques: “Mas ele manda nos brancos?”. Respondi: “Vocês não viram?”. Então, o negro americano não dá ordem ao branco; ele só chegava a capitão, comandando tropas negras, sem comandar tropas de brancos. Por isso não tinham motivação. E eles viam o nosso negro dando ordens aos brancos e os brancos obedecendo, sem qualquer problema. A tropa americana observava essa diferença.

Uma das coisas que mais me impressionaram na FEB foi a superação de todas as dificuldades, pelos brasileiros, por nossa gente, pelo “pracinha”. Impressionante ver um camarada analfabeto lutar de igual para igual contra os alemães e, lado a lado, com os americanos já calejados, mais instruídos, melhor alimentados.

Não me lembro de ter sido necessário assistir e confortar algum subordinado em horas difíceis. O moral era elevado, de uma maneira geral. Mas alguns possuíam deficiências. Às vezes, ocorria uma situação difícil que, depois de ultrapassada, provocava uma reação nervosa, vômitos etc. Quando surgia uma nova situação complicada, lá aparecia ele como voluntário e superava as deficiências todas.

A FEB foi bem recebida pelo povo brasileiro. Da recepção pelo Exército não tenho boas recordações. Posso explicar o seguinte: desembarquei do avião, em Natal. Hoje muitos têm preconceito contra o homossexual; mas naquela época, era total o repúdio. Família que tivesse algum membro homossexual poderia considerar-se desmoralizada. Pois bem, fomos recebidos por um cidadão visivelmente homossexual. Foi o primeiro brasileiro que vimos no Brasil. Isso provocou um mal-estar entre os soldados. Desci do avião fui para uma enfermaria, quando quis me levantar, não havia no hospital de Natal muleta para eu usar. O Capitão Hélio Portocarrero, Comandante de Companhia do 6º RI, também ferido em combate, mandou cortar um cabo de vassoura para servir de bengala para ele. Assim fomos recebidos em Natal. Chegamos ao Rio, por acaso, no dia do aniversário de minha mãe, 5 de julho. Fomos para o HCE e lá permanecemos, impedidos de sair. “Não, o senhor não pode sair. “Não pode sair por quê?” “Porque vocês não podem sair uniformizados, com essa farda, na rua.” “Quem é que vai andar uniformizado na rua com a farda de campa-

nha? Quem é que vai andar nas ruas, à noite? Vamos ver as nossas famílias." "Não, não pode." Aí, chega o Portocarrero, cuja família morava perto do HCE. O Portocarrero chegou e disse: "Ah! não vou sair?" Pegou aquele pedacinho de pau, começou a rodar e disse: "Eu vou embora, vou sair amanhã, quando eu voltar digo que é psicose de guerra, que é neurose de guerra, ferido de guerra e, passem bem. Boa noite!" e saiu. Aí eles não tiveram jeito e nos liberaram.

Quando voltei, no dia seguinte e nos outros dias, o médico me disse que estava tudo bem, e me mandou embora. Perguntei: "Não vão me dar um tratamento?" Ele me respondeu: "Nós não temos ortopedista. Sou clínico geral, estou estudando o seu caso". "Então, o Senhor me dê alta", e ele assim fez; ia prosseguir por minha conta. Então me indicaram ginástica, movimento das pernas e pés. Eu era praticamente cadete, inexperiente, porque saí da Escola Militar direto para a guerra. Desconhecia os trâmites legais e fui à Policlínica do Exército. Fui recebido pelo Doutor Pacífico de Rodrigues Castello Branco. Ele olhou, viu minha inocência, sem prescrição sem nada, eu iria fazer um tratamento de ginástica, virou-se e disse: "Bom, eu faço esse tratamento em você, porque é do Exército, embora sem encaminhamento oficial. Mas como você está precisando, eu faço para você". Então me tratou graciosamente. Foi quem me movimentou as pernas, porque eu não tinha movimentos nos pés e nos joelhos, sentia dores. Devo a ele esses favores.

Continuei em "tratamento de saúde". Dispensavam-me para o tratamento, mas tratamento não me davam não. Até que eu pedi para ser julgado apto para o serviço burocrático. Eu não poderia ser infante, mas não queria me reformar. Era muito moço, podia, ainda, prestar muito serviço ao Exército. Continuei insistindo e consegui ficar no serviço burocrático. Mandaram-me para um ortopedista no Hospital Central do Exército – antes não havia ortopedista no HCE. Fui julgado apto sem ser examinado. O médico estava conversando com outro médico. Dei o ofício a ele. Fui ao consultório, e contei: "Fui da FEB e fui ferido nas pernas". Ele falou, ostensivamente: "Você tem algum ferimento aberto?". Eu respondi: "Não", ele falou: "Então, está apto". Eu mancava e tinha o pé torto. E, assim, fui julgado apto e transferido para o 9º Regimento de Infantaria, em Pelotas, no Rio Grande do Sul. O médico do Regimento viu o meu caso e me mandou para o Hospital Central de Porto Alegre. Fui recebido pelo Doutor Braga Pinheiro, conhecido cirurgião, famoso pela competência e uma figura humana excepcional. Um tratamento completamente diferente. Era um outro Exército.

Eu só desejo que o sacrifício não tenha sido em vão.

Tenente-Coronel Alírio Granja*

Natural da Cidade de São Luiz de Cáceres, Mato Grosso, pertence à turma de 4 de novembro de 1944 da Escola Militar do Realengo. Apresentou-se voluntário para a guerra, onde exerceu a função de Comandante de Pelotão de Fuzileiros da 8ª Companhia do Regimento Sampaio – 1º RI. Após a Segunda Guerra Mundial, freqüentou o curso de pára-quedista, no *Fort Benning*, Geórgia, nos Estados Unidos. Regressando ao Brasil, participou ativamente da organização do então Núcleo da Divisão Aeroterrestre, no Rio de Janeiro. Em dezembro de 1954, concluiu o Curso de Aperfeiçoamento de Oficiais e foi classificado no 23º Regimento de Infantaria, em Blumenau, SC, tendo desempenhado, com destaque, as funções de Cmt de Cia de Canhões Anticarro e, nos últimos meses, de Subcomandante. Nessa Unidade, em novembro de 1956, foi promovido ao posto de Major, por merecimento. A seguir, serviu como Adjunto da Missão Militar Brasileira de Instrução no Paraguai – Assessor de Educação Física, quando elaborou grande soma de documentação, visando ao aperfeiçoamento dos métodos de ensino, e, em junho de 1959, no 13º Regimento de Infantaria, em Ponta Grossa, PR. Em 1962, ingressou na Escola de Comando e Estado-Maior do Exército. Recebeu as seguintes medalhas e condecorações por sua participação na Segunda Guerra Mundial: Cruz de Combate 1º Classe, por ato de bravura individual; Medalha de Campanha; e Medalha de Guerra.

---

* Comandante de Pelotão de Fuzileiros da 8ª Companhia do III Batalhão do 1º Regimento de Infantaria, entrevistado em 3 de agosto de 2000.

Sinto-me honrado com essa possibilidade de dar alguma contribuição para a História Militar do Brasil. Acho que é uma oportunidade ímpar passar para os pósteros aquilo que com esforço titânico foi feito pelo Brasil na Segunda Guerra Mundial, e dizer do meu orgulho por ter dela participado, não só como um membro, como também testemunha do valor do homem brasileiro.

O ambiente no Brasil em relação à Segunda Guerra Mundial em 1939, e no início da década de 1940, pelo que tenho de lembrança, apesar de jovem na época, e, muito possivelmente desligado dos problemas maiores do País, mas com algum senso de observação, demonstrava uma tendência pró-Alemanha e Itália, tendo em vista os sucessos iniciais do nazismo e do fascismo. Isso é bem corroborado pela própria legislação trabalhista brasileira de então, que era toda calcada na legislação italiana do fascismo. E, me vêm à lembrança também, os desfiles monumentais que existiam, e se processavam no Brasil pelos integralistas, que empolgavam todo mundo, inclusive a mim, porque a tônica era o nacionalismo. Então, a gente não via, digamos, outros aspectos negativos e, sim, esse lado positivo, que procurava enaltecer ao máximo o sentimento de nacionalidade. Eu achava e acho, ainda hoje, extremamente positivo.

Como conseqüência, a nossa elite tinha uma tendência pró-germânica, e nos conduzia nessa direção por vários meios de propaganda, como filmes etc. A grandiosidade demonstrada pela Alemanha, não só na parte militar, como na parte industrial, era empolgante.

As fortes ligações do Brasil com os Estados Unidos, como por exemplo a exportação de minérios estratégicos, fez com que os alemães começassem a encetar ações a fim de bloqueá-las. Uma das formas encontradas foi o torpedeamento dos nossos navios mercantes destinados a esse comércio.

Nesse instante, houve uma mudança radical. Lembro-me muito bem do ocorrido com o *Baependi*, quando se comentava sobre a extrema brutalidade praticada, pois o pessoal, já nos botes salva-vidas, era metralhado pelas guarnições dos submarinos que vinham à tona. A revolta que tal procedimento provocou foi intensa. A população brasileira demonstrou, de modo maciço e em todo o território nacional, seu desejo em favor de uma declaração de guerra ao Eixo (Alemanha, Itália e Japão). Isso compeliu a nossa elite, particularmente o governo, a tomar uma decisão.

Decorreu, a partir daí, a necessidade de uma mobilização do País, em particular das Forças Armadas. As tropas de terra, importantes no contexto de uma guerra, receberam um aumento no seu efetivo, especialmente na Região Nordeste que era, pela proximidade com Dacar, na África, um ponto vulnerável, e além disso atendia à necessidade americana de fazer uma ponte sobre o Atlântico, para poder apoiar as tropas aliadas no conflito iniciado na Europa.

Ressalte-se, quanto à execução dessa mobilização, as dificuldades na comunicação interna, por não dispormos de estradas. A própria navegação do Rio São Francisco era básica para ligar o Centro-Sul do País com o Nordeste e se dependia muito da navegação mercante, intensamente vulnerável.

Partimos, então, para organizar a FEB. A tendência inicial era constituir um efetivo de Corpo de Exército e sem perda de tempo. Em Pernambuco foi criado um centro de treinamento, em Engenho da Aldeia e outro no Rio de Janeiro, na Vila Militar. Também em Minas Gerais e em São Paulo, na Cidade de Caçapava, as unidades, que eram melhor estruturadas, foram ampliadas, recompletadas e deram início ao treinamento mais condizente com a realidade de uma guerra.

Foi montada uma Divisão com um elemento de recompletamento que seria o Depósito e, possivelmente, o núcleo para a formação de outra Divisão, dentro daquela idéia inicial do Corpo de Exército.

Passo agora a discorrer sobre a minha trajetória na FEB, desde quando, em decorrência dos torpedeamentos dos nossos navios, fui envolvido pelo sentimento de o Brasil tirar uma desforra, porque aquilo doía na gente. Eu, ainda na Escola Militar, fazia, junto com outros companheiros que tinham o mesmo ponto de vista, o movimento de voluntariado para a FEB. Quando ocorreu a declaração de aspirante, todas as Unidades já tinham embarcado. Então, apresentei-me, sendo escolhido para integrar o Depósito de Pessoal da Força Expedicionária. Formei-me dia 4 de novembro, e, a 7 do mesmo mês, já estava no Depósito vibrando, participando dos treinamentos de simulação de embarque, quando foram feitas diversas fintas para impedir que o alemão tomasse conhecimento da data exata de saída do comboio. Nós fizemos vários treinamentos de embarque, até que um deles foi efetivo.

O treinamento foi positivo, em termos de sigilo, e de grande valor. Nós tínhamos e temos, ainda hoje, uma população oriunda desses países, como país colonizado. Temos aqui, e vamos sempre ter e aceitar, homens de todas as origens. E aqueles que eram de origem alemã e italiana, com uma tendência de lutar por seu País, procuravam espionar e informar, então fazíamos a contrapartida, evitávamos ser apanhados em flagrante.

O transporte para o Teatro de Operações na Itália, no meu conceito, foi o melhor possível. Era um efetivo grande, não posso precisar a quantidade, mas era muita gente no gigantesco navio. Estruturado de uma maneira maravilhosa para transporte de tropa, era dividido em compartimentos pequenos, absolutamente estanques, para um efetivo aproximado de cem homens. Só havia comunicação entre os compartimentos nos momentos de tranqüilidade. Quando havia um sinal da presença de submarino inimigo, era dado o alarme e cada responsável por comparti-

mento fechava as comportas, de maneira que, em caso de um torpedeamento, o impacto ficaria restrito ao compartimento atingido.

Esse era realmente um aspecto bastante tétrico, porque, a cada sinal de alarme, ficávamos na expectativa de ser o compartimento da vez, além do incômodo pela falta de circulação do ar. Os soldados, naquele desespero, postavam-se junto às aberturas dos dutos condutores, e a gente tinha que lutar terrivelmente para dispersá-los, para que todos se beneficiassem da aeração.

Quanto à alimentação, o único problema que havia era em função de o efetivo ser muito grande, fazendo com que fosse servida praticamente durante as vinte e quatro horas do dia. Não havia um horário bem definido. Os militares entravam em filas muito ordenadas, controladas pela Polícia do Exército e pelos Fuzileiros Navais americanos, para receber a sua refeição. Mas era farta, de muito boa qualidade, talvez pecando um pouquinho pela questão de sabor.

Nós chegamos à Itália, ao Porto de Nápoles. No dia imediato, tomamos as barcaças do tipo LCI, aquelas barcaças de tipo invasão. Pegamos um temporal violento no Mar Tirreno, provocando enjôos em todos, até na tripulação. Por ser um barco de fundo chato não era adequado para pegar ondas. Foi uma coisa, digamos inenarrável. Depois dessa terrível viagem, descemos em Livorno e seguimos por terra para um acampamento intermediário, em San Rossore, e posteriormente para Staffoli, onde foi instalado o Depósito da FEB.

Naquele afã de combater, aproveitei uma viatura que transportava munição e suprimento, pedi uma carona e fui dar uma olhada no *front*. Eu já estava designado instrutor de armamento no Depósito. Fui para a frente, como curioso. Lá encontrei um Capitão que tinha sido instrutor na Escola Militar, Capitão Amadeu Martyre, Comandante de Companhia, em cujo efetivo faltava um oficial. Parece que o indivíduo tinha pisado em uma mina ou fora atingido por uma. Falei do meu interesse em ficar, recebendo como resposta: “Pois, não. Aqui nós temos uma vaga”. Sendo providenciada a minha permanência lá.

Daí em diante, foi uma caminhada para o batismo de fogo ocorrido no ataque vitorioso a Monte Castelo. Mas, gostaria de antes de entrar nessa parte, fazer alguns registros sobre o período de inverno extremamente rigoroso passado nos Apeninos; o ataque se processou justamente no início da primavera, quando terminou a neve.

Nós chegamos a enfrentar uma temperatura de 18º abaixo de zero. As operações de guerra foram praticamente suspensas, caracterizando-se o período pelas patrulhas e vigilância. A neve, de grande profundidade, praticamente imobilizava as ações de combate. O alemão tentava fazer incursões nas nossas linhas; hostilizava de toda a maneira, para que a tropa não tivesse um descanso efetivo.

Aproveitei a oportunidade da estabilização da frente, nesse período, para criar um elo, um vínculo com os homens, porque eu era muito jovem e eles já estavam no *front* há mais tempo. Embora fosse uma pequena diferença, um período curto, quando cheguei, encontrei-os como se fossem veteranos. Tinha que me impor aos homens, quer dizer, mais ou menos me impor e ter a aceitação deles. Então, eu me senti na obrigação de não permitir que alguém tivesse dúvida quanto a minha capacidade de comandar e de liderar. Procurei captar não só amizade como, também, o respeito dos homens. E, graças a Deus, consegui nesse período.

Quando fomos designados para o ataque a Castelo, retiraram-nos de linha e fomos levados à retaguarda, onde tivemos um pequeno descanso. Encerrou-se para nós a defensiva estática em Bombiana. O inverno chegou ao fim. Novos desafios apresentavam-se ao nosso 1º RI, escolhido para conquistar Monte Castelo. A luta certamente seria dura. Embarcamos nas viaturas da Artilharia e nos deslocamos para a frente. No início da madrugada os pelotões das Companhias avançaram sigilosamente para ocupar suas posições na Linha de Partida. O Monte Castelo vinha com fama de inexpugnável, porque já havia insucessos anteriores de outras tropas que eram, digamos, aguerridas, de elite, muito bem preparadas. Fomos com o compromisso moral de tentar pelo menos chegar lá em cima. Dar tudo de si para cumprir a missão.

Eu peguei fogos muito intensos na frente, e pensando que era de apoio da nossa Artilharia, incentivava o meu pelotão a avançar: "Vai lá aproveitar os buracos deixados pelas granadas!" Eu não sabia. Posteriormente, comentei com o Capitão Comandante da Companhia que a barragem de fogos tinha sido um sucesso extraordinário. Ele falou: "Mas, não houve isso". Quer dizer, a barragem foi da Artilharia alemães, mas para nos deter. Vi de uma outra forma e aproveitei.

Há muita gente que tem a impressão de que Castelo é como se fosse um morro, uma elevação. Mas, não. É um maciço com contrafortes onde existiam posições de combate alemãs, como o esporão C. Vitelline-Cota 887. Foram combates sucessivos até chegar ao topo onde havia um posto de observação. A organização defensiva do terreno feita pelo alemão possuía abrigos de concreto, casamatas de madeira e, na contra-encosta, posições de repouso; estavam muito bem instalados. Nós chegamos até a usar essas posições de repouso, como posto de comando, porque era muito confortável.

Voltando à execução do ataque, tive logo um primeiro confronto com a Infantaria alemã; de imediato, perdi o Sargento Benevides Montes, atingido por uma rajada de metralhadora, ao meu lado. O fato aconteceu quando progredíamos através de um bosque de castanheiros, reduzido a caco, troncos caídos, cortados pela Arti-

lharia, não só nossa, como, também, pela alemã. A gente avançava de tronco em tronco... Quando percebi na frente um terreno bastante limpo e que tinha uma colina suave, raciocinei como manda o nosso princípio de combate individual: se eu estivesse com aquele ponto do terreno na mão, faria tal coisa. Então, pensei: “Ali o alemão deve ter uma seção de metralhadora, no mínimo, varrendo aquela região plana, que teríamos que passar”. Chamei o sargento, mandei que ele desbordasse o bosque com o Grupo de Combate e colocasse o fuzil-metralhadora em posição para apoiar, porque eu ia tentar um lance com o esclarecedor.

Ele disse: “Pois, não”. Ao sair de perto de mim, levantou-se ligeiramente, o suficiente para a rajada da metralhadora alemã que já estava prontinha, rajada curta, atingir todo o peito do sargento, que caiu quase em cima de mim. Então, rolei para o lado e comuniquei à retaguarda. Tentei, ainda, usar dois esclarecedores, que foram feridos; nesse momento tive a participação de um soldado do qual até hoje tenho uma lembrança muito boa, tipo baixo, troncudo, oriundo de uma colônia de pesca. Era o soldado Osório, sempre muito alegre, muito disposto. Retirou do terreno limpo um homem. Aquilo foi empolgante, porque soltou todo o equipamento, partiu, pegou o companheiro pelo braço, levantou com ele, bala batendo no calcanhar; não sofreu um arranhão. Chegou à nossa posição e trouxe o ferido. Era uma distância de uns trinta metros.

O nosso homem, quando bem liderado, é capaz. Não fica nada a dever a ninguém. Ele é extremamente camarada, estabelece uma ligação muito estreita um com o outro, é um vínculo e disso vinha um compromisso de que um homem do pelotão não vai ficar abandonado em hipótese alguma.

Inclusive, era comum a dificuldade que se tinha, às vezes, de escalar uma patrulha para sair, com efetivo inferior ao do Pelotão, pois todos queriam participar. Eu digo: “Não, eu tenho que escalar, tem que ser assim!”

No lugar do sargento, aquele que faleceu, o cabo assumiu e cumpriu a missão. Nessa oportunidade, informei pelo rádio, pois tínhamos o *hand talkie* de pequeno alcance, ao Capitão Comandante da Companhia, o Lydio Mazza Kotarsky que os tiros do inimigo estavam ajustados em cima do pelotão, e nos detinham. Em virtude do terreno limpo na frente e da distância longa não tínhamos qualquer recurso para atingi-lo nem com bazuca, nem com granada de fuzil, e por essa razão pedia a Artilharia.

O Capitão entrou em contato com o Tenente Jair Lontra Sampaio, que era Observador Avançado, mas que não pôde chegar a uma posição para nos ver, porque era também muito hostilizado por tiros de armas tensas e curvas do inimigo, morteiro e artilharia. Então, servi de “ponte”, quer dizer, fui fazendo a ajustagem orienta-

do pelo Jair, que usava o *hand talkie* do Comandante da Companhia, e depois ele transmitia as correções para a central de tiro, com o RAD 300, se não me engano, que era um equipamento rádio de maior alcance. A cada tiro eu dizia: "Olha, Jair, caiu para a esquerda, ou direita, da posição alemã". Quando deu em cima mesmo, aí houve aquela barragem, fogo à vontade, inclusive com o fósforo branco; o alemão tinha terror daquilo. A fumaça intensa dá a possibilidade de progressão sem ser visto. E, assim, foi com diversos outros incidentes, até que conquistamos o próprio Monte Castelo, onde cheguei à direita do PO alemão.

Chegamos em um estado de extrema exaustão, porque o combate, não só pela duração, como pelo terreno tremendamente íngreme com obstáculos muito violentos a serem vencidos, exigiu muito da nossa resistência física; eu era jovem e atleta, mas mesmo assim estava muito cansado. Mas, a alegria pela conquista é indescritível. Ao mesmo tempo, aumentou a responsabilidade, fazendo com que afirmássemos: "Já que chegamos aqui, não vamos perder isso de jeito algum".

A palavra de ordem é preparar a defesa contra as tentativas dos alemães de retomar o Castelo. Como as posições inimigas eram voltadas contra nós, tínhamos que agora fazer posições contra eles. Recomeçamos a fazer tudo. Construímos logo as nossas "tocas de raposa", que eram chamadas pelos americanos de *fox holes*, apesar de toda a exaustão. A responsabilidade não podia deixar de haver, porque depois do sacrifício daqueles, corrermos o risco do fracasso... E, também aquela preocupação de colocar as armas bem direcionadas, orientar os soldados e tudo, mas era uma euforia geral.

Nessa minha caminhada, recebi elogios de meus comandantes. Indagam-me sobre o concedido pelo Capitão Paulo de Carvalho, então Comandante da 8ª Companhia, no qual ressaltou minha prontidão no cumprimento das missões, recebendo-as com satisfação e altivez; meu comportamento de amigo dos meus subordinados e, por fim, meu sangue frio, bravura e coragem em Belvedere. Respondo, apontando não só a minha formação familiar como a recebida na Escola Militar do Realengo, e desta, vem sempre à minha lembrança uma "historinha" que um 1º Tenente instrutor, de nome Bragança incutia na gente, a chamada "missão a Garcia". Um bom militar não precisa ter explicações; ele recebe uma missão e deve procurar desincumbir-se da mesma da melhor maneira possível, criando o mínimo de problemas, porque quem dá a missão não quer problema, quer solução. Daí, sempre pautei a minha vida por esse aspecto.

Substituído em Monte Castelo no fim da jornada de 26 de fevereiro de 1945, o III Batalhão acantona em Porreta Terme. Na noite do dia 27, volta a entrar em linha, tomando parte na defesa do sub-setor Belvedere. As missões normais eram de

patrulhas para manter o inimigo também em estado de alerta e de cansaço, isto é, espicaçá-los, para que não tivessem sossego, não tivessem descanso.

Tivemos alguns episódios, inclusive com patrulhas que foram quase que dizimadas, como o da minha Companhia. Foi uma patrulha comandada pelo Sargento Crepaldi, e que teve vários homens feridos e o Cabo Otávio Carlos da Silva desaparecido. Nunca mais foi encontrado. Depois de um episódio desses, a gente ter que sair para uma patrulha no mesmo local, é um negócio temerário, precisa ter muita disposição.

Felizmente no meu pelotão não tive nenhum caso de homens que titubeassem no cumprimento da missão. Quando eu os chamava, os designava, era com satisfação que eles iam; eram normalmente alegres, bem dispostos e isso me levou a ter uma admiração muito grande pelo nosso homem simples. Ele pouco exige, não necessita, como o soldado americano, de muito conforto; ele é um homem extremamente rústico, simples e cumpridor. Quando tem uma liderança, é extraordinário, vai longe.

Foi uma coisa que me marcou muito na guerra. Voltei com uma admiração muito grande; quando o Euclides da Cunha falou que o nosso sertanejo, "antes de tudo, é um forte", ele não fez nada que não fosse representar a verdade a respeito do nosso homem. E, é uma pena que grande parte da nossa população fique tão desassistida. Eu fiz o curso de Educação Física no Brasil e, durante esse curso, dediquei-me muito ao estudo de Biotipologia, assim, tenho uma certeza de que esta população, que apresenta um homem de tamanho de médio para baixo, se tiver três ou quatro gerações com uma boa alimentação e por esta miscigenação que tem, o brasileiro não só vai crescer fisicamente, como vai ser um cidadão de primeiríssima qualidade.

No quadro geral da guerra, iríamos passar à ofensiva, que conduziria ao rompimento da linha gótica e ao desembocar no Vale do Rio Pó. Eu e o meu Pelotão fomos uma pequena parcela desse conjunto, porque foi uma participação maciça da FEB, e eu estava dentro desse contexto.

Procurei dar o máximo de mim, pois tinha uma resistência física bastante acentuada. Na parte onde nos encontrávamos era bastante difícil o terreno, a topografia, e tive que procurar uma área mais suave para poder fazer a descida dos Apeninos, em setor de outro Batalhão.

Então, processava-se o ataque a Montese pela Divisão brasileira e o da 10ª Divisão de Montanha americana, à direita do nosso setor. Nessa oportunidade, tive até a satisfação de ter dado cobertura ao flanco esquerdo dessa Divisão, quando um Tenente americano me obsequiou, como agradecimento pela nossa atuação, com a sua carabina, na qual havia no fuste seu nome gravado a canivete.

Nossa missão levou-nos a cruzar a vau o largo Rio Panaro, que é um afluente do Rio Pó; é um rio de degelo, ficando, nessa época extremamente caudaloso e violento,

mas, durante as ações, já estava raso. Passei com água praticamente pela cintura junto com um sargento, um cabo, que era chamado cabo Deus e a gente brincava, e ele falava: “Ah Tenente! O senhor está com Deus, está com tudo!” Era a euforia do êxito que estávamos tendo. Fomos em frente até que recebemos ordens de proteger a construção de uma ponte pelos americanos, para passar blindados sobre o Rio Pó.

Chegamos em San Stefano Digiano, um vilarejo onde quase me envolvi em um atrito com os *partigiani* que eram italianos guerrilheiros. Os alemães já tinham se retirado e eles normalmente faziam uma razia contra a própria população italiana que tinha sido vinculada ao fascismo; havia então muita violência. Em um porão de um grupo escolar havia moças presas, com as cabeças raspadas, marcadas assim para morrer; seriam fuziladas. O problema todo era a miséria, a fome, vinculando-as, para receber uma ração, a qualquer tropa. Não posso nem imaginar que tivesse vínculo ideológico, era de sobrevivência mesmo.

É a conseqüência da miséria de um país derrotado e invadido. Isso eu temo, mas nem de longe quero pensar, que possa ocorrer no Brasil. Vi cenas tristes, quase que inenarráveis, como em um dos poucos descansos que fiz na retaguarda, e um indivíduo chegar ofertando a esposa em troca de um chocolate. Muitas vezes era mentira, era uma exploração, mas essa exploração tinha um cunho de verdade, tinha possibilidade de verdade, porque a fome é desesperadora.

Então, impedi o fuzilamento; entrei, falei com um cabo *partigiani* da Divisão Garibaldi: “Não na minha área”. Ele argumentou: “O V Exército tem uma ordem que não pode haver interferência dos Aliados nos assuntos internos do país”. Eu retruquei: “Não se trata de assunto interno, trata-se de um assunto humanitário e na minha presença ninguém vai ser fuzilado”. Ele se retirou com o grupo. Eu tinha essa responsabilidade e não abri mão.

Nessa fase final da guerra o objetivo era evitar a retirada dos alemães, porque havia um informe de que o alto comando alemão pretendia refluir as tropas de todos os *fronts* para a região da Baviera onde eles fariam o tal reduto final. A gente tinha que impedir de toda maneira. Nós fomos tomando as vias de acesso e eles ficaram sem saída. As tropas que permaneceram na região foram então cercadas e presas. A nossa aviação atuou muito bem nessa fase. A gente vibrava quando via um avião do “Senta Pua” descer e largar as suas bombas. Também, a Esquadrilha de Ligação e Observação (ELO) foi para nós de uma valia extraordinária. Por causa da presença do avião, que ficava sobrevoando na altura das nossas linhas e dificilmente passava a nossa frente, o alemão não atirava, pois era irremediavelmente localizado e recebia uma contrabateria. Ficavam escondidos. Elevava o moral da tropa e era a hora que nós tínhamos até para tocar um sambinha em uma marmita.

Outro aspecto interessante. Quando se fazia uma patrulha à noite em regiões em que se desconhecia absolutamente, a bússola deixava de ser útil, e a gente se sentia como que perdido naquela "terra de ninguém", e os projetores antiaéreos acesos indicavam a nossa posição. Não se ligava para outro tipo de orientação. O retorno da patrulha era na direção da luz. Pelo menos, íamos chegar em nossas linhas. Posso não chegar a minha posição, mas chego em nossas linhas. Eram os "macetes" que a gente ia pegando.

Para enfrentar-se aquele inverno rigoroso o fardamento era de baixíssima qualidade, mal feito, pesado e volumoso, de uma lã precariíssima e agravado ainda pela semelhança com o uniforme do alemão. Era um verde azulado e tipo túnica com bolso, igual ao do alemão. Era obrigatório ter-se uma jaqueta, uma coisa qualquer, que depois foi distribuída para diferenciar e até mesmo para proteger. Também, recebemos luvas; famílias brasileiras daqui mandavam aqueles gorros com tapa orelha tipo "ninja", que deixam os olhos à mostra. Isso foi distribuído para o pessoal e foi o que nos salvou no inverno. A queda das primeiras nevascas produziu intensa euforia pela novidade, mas a seguir o rigor do frio fez sentir o seu efeito e veio o desespero. Os nossos coturnos foram-se desmanchando com a umidade do inverno e conseqüente sofrimento. Temos que analisar com realismo: o nosso homem estava completamente desambientado àquele tipo de clima, a não ser o gaúcho, o catarinense; o do Sul de um modo geral. O meu Pelotão, particularmente era de nordestinos, e o pessoal se adaptou e fez coisa que a gente nem acredita. O soldado brasileiro parece um lagarto que muda de cor; adapta-se às circunstâncias.

Nós recebemos o galochão, que era muito folgado, porque o americano o fez para usar em cima do coturno dele que era o *combat boot*, mas o nosso se danificou e a maioria estava só com o galochão do inverno. Usava-se um artifício para calçá-los, pois eram muito grandes devido ao tamanho do pé do americano e o nosso porte é pequeno. Completava-se com palha de trigo, jornal, ou tiras de manta, enrolando o pé. Com isso, o nosso pé ficava com certa folga, havendo uma melhor circulação, fazendo com que tivéssemos um percentual de pé-de-trincheira menor do que as outras tropas ambientadas no inverno.

No meu pelotão, quase todos utilizaram-se das tiras cortadas de alguns cobertores, colocando duas na cintura e uma tira enrolada em cada pé. Quando a mesma molhava do suor, era trocada pela da cintura e assim passamos o inverno. A criatividade é incrível. A modificação nos *fox holes* que fazíamos deu-lhes uma forma igual a letra "L". Cavava-se um pouco mais para que o combatente em repouso pudesse deitar no fundo e o outro ficava em vigilância.

À medida que a gente estava em posição, ia sempre cavando um pouquinho mais para se ter um melhor conforto. No meu pelotão, eu sempre punha de dois em dois homens, porque um apóia o outro moralmente e no serviço eu não estabelecia horário, era a dupla que se entendia. Eles se revezavam, um cutucava o outro e dizia: “Está na hora de você ficar aí, companheiro”. Às vezes, tínhamos que ficar limpando a neve que caía.

Há que se fazer alguma consideração a respeito do desempenho em campanha dos nossos profissionais, oficiais e graduados. Primeiro, acho que foi uma falha da FEB convocar uma quantidade de oficiais da reserva muito grande, não que eles não fossem bons, foram ótimos até, mas não tinham um preparo adequado, especialmente no que se refere à liderança. São de uma formação, como a gente diz, muito “paisana”. Não quero com isso denegrir quem quer que seja, pois tive, entre esses oficiais da reserva, grandes e valorosos amigos. O civil é formado com muita liberalidade, mas isso em campanha, no conjunto de uma força organizada, essa liberalidade não pode ir além de um certo limite. Vai-se perdendo a disciplina, isto é, o respeito do subordinado para o superior. Infelizmente houve um percentual que pecava pelo trato com o homem. Quando havia uma possibilidade, era a tal “tocha”[1], largava o seu Pelotão; não tinha senso de responsabilidade. Esse aspecto desmereceu um pouco, mas não chegou a comprometer. Se tivéssemos um percentual maior de oficiais com formação da ativa, teria havido um melhor desempenho.

Quando do armistício, houve aquela euforia tremenda de o homem sair disparando para o ar e tudo mais. No meu pelotão deixei a munição só com aqueles homens de absoluta confiança, que senti que eram tranqüilos. Os outros desarmei. Não pode ocorrer acidente de se matar um ao outro, estupidamente, por causa da alegria incontida e ainda por conta da ingestão de bebida alcoólica. Falei: “**N**ão no meu pelotão!” Inclusive, o vínculo da nossa tropa com a população civil, que era muito bom, nesse momento correu risco.

Julgamos que o relacionamento com a mesma foi o melhor possível. Desde a chegada, já vinha aquela população italiana numa miséria tremenda para a beirada do cais. Nossos soldados, penalizados, pegavam suas latas de ração e atiravam para as pessoas, que as disputavam terrivelmente ente si. Eles então gritavam: *Ei, brasiliani amici!* Em todos os lugares por que tive a oportunidade de passar, só vi a população italiana demonstrar uma profunda alegria e um vínculo muito grande com os brasileiros. Talvez, pela grande massa de descendentes de italianos que temos, somado ao fato de os alemães os tratarem mal e os outros aliados serem mais rústicos no trato.

---

[1] Significava aventura, passeio, fuga.

O brasileiro é diferente, muito afetuoso, brincalhão. Quando chegava, procurava logo proteger as crianças, punha os garotos para cantar e depois lhes dávamos uma lata de ração. Eles ficaram extremamente felizes junto a nós.

Volto a falar da atuação do soldado brasileiro, porque foi o que mais me impressionou na campanha da FEB. Ele se superou e igualou-se aos melhores, porquanto fisicamente menor em confronto com as outras tropas, além de a maioria vir de uma classe muito pobre do Brasil. O problema que havia era o da resistência física, porém vencido pelo destemor, pois a grande maioria do povo brasileiro é meio fatalista, não tem exigências de conforto; se está na lama, está satisfeito, se está no seco, está satisfeito, se não tem onde dormir confortavelmente, dorme em qualquer lugar, enfim ele se adapta ao ambiente; é um camaleão se adaptando ao galho onde está.

Há um porém. O nosso soldado tinha pavor de ser prisioneiro. Acho que isso é normal em todo indivíduo, visto que no sentido moral é ruim, somado ao temor de ser maltratado. E, o alemão agravava isso, com a propaganda, que de vez em quando eles atiravam, contida nas granadas. Vinham com folhetos desmoralizando o indivíduo. Houve um caso de fotografias da base aérea de Parnamirim no Nordeste, de americanos dançando com as mulheres, com o texto em português: "Enquanto vocês estão lutando aqui, as suas noivas e esposas estão nas bases americanas". Isso abalava um pouco.

Por outro lado, aprisionei um soldado austríaco que tinha um temor de ser comido vivo, porque se dizia que nós éramos antropófagos. Eu queria lhe dar um barra de chocolate, ele não queria comer. Um sargento de meu Pelotão que era negro, baixo, forte, troncudo, de nome Patrocínio – José do Patrocínio Ferreira –, muito brincalhão, pegava no braço dele – o soldado inimigo era bem magro – e falava para mim, no seu italiano misturado com o português: *Tenente, esto homine no esta bono per manjare.*

Ele, assustado, apresentou a caderneta militar – já tinha estado em diversos *fronts*, na África, na Rússia e estava ali, veterano. Mostrou uma foto com a mulher e dois filhos loirinhos, e falava assim: *Non manjiarme*, ressaltando sua condição de pai de família.

Até com prisioneiros, passados os primeiros instantes, o brasileiro era tranqüilo, logo se tornava fraterno, dava cigarro e chocolate. No início, tem que ser mantida uma atitude austera para se obter os informes de que a gente necessita.

Quanto ao apoio de saúde, não tenho restrição alguma. Tinha nos acompanhando um padioleiro, para a prestação dos primeiros socorros, de uma dedicação incansável e valente. Quando ocorria de um soldado ferir-se, ele vinha logo fazer o curativo. Afirmo que um homem que tivesse um ferimento grave, que não fosse mortal, chegando ao Posto de Saúde do Batalhão, tinha 90% de possibilidade de sobreviver. A dedicação do pessoal de saúde era muito boa, muito boa mesmo.

Ainda resta lembrar que quanto ao apoio religioso, não tenho uma observação direta e sim de ouvir falar. Na época, eu era o "pastor" do pessoal – cheguei a freqüentar seminário menor, mas depois larguei, hoje sou religioso novamente; durante a campanha, não ligava para a religião. O meu mensageiro que andava com um breve em um saquinho, de vez em quando, queria tirá-lo para rezar e eu dizia: "Pára com esse troço, pega a pá e vamos cavar". Mas, como disse, tivemos notícias de atuação de religiosos católicos e protestantes junto aos hospitalizados e mesmo no *front*.

Quero acrescentar algumas observações sobre o soldado inimigo. Tenho uma opinião muito boa a seu respeito, fundada no comportamento altivo, forte, de moral alta, que apresentaram até o fim da guerra. Outro fato que muita gente desconhece ou fala inverdade, o alemão, na parte de armamento individual e de munição de Infantaria, tinha pletora de meios. Estava com deficiência de combustível para a aviação, para carro de combate e para as viaturas tratoras de Artilharia. Muitos canhões eram tracionados por cavalos, mesmo assim eficientes.

Era um combatente super experiente, por causa do tempo vivido em campanha, com uma preparação que vinha desde a infância, porque a Alemanha vinha preparando o garoto como um escoteiro para a guerra, em que ele aprendia infiltração, topografia etc... Então, esse soldado, mesmo jovem, que no fim da guerra tivemos que combater, era temível, particularmente os da SS.

Para este depoimento, selecionei as principais observações, dentre os inúmeros fatos marcantes das operações de guerra. Porém, é bom que se diga, a grande quantidade e o tempo nivelam-nos e os tornam comuns. Só quem participou é que pode imaginar. Passávamos diversas vezes por bombardeios semelhantes e achávamos uma rotina. Ao término de um bombardeio a gente até ria, brincava, comentava que gastaram munição e não pegou um sequer. Essas brincadeiras eram comuns nos soldados brasileiros.

À proporção que a guerra vai-se desenvolvendo, o homem torna-se conhecedor dos tiros de Artilharia e de morteiro. Podíamos até designar o destino da granada pelo sibilar da mesma: essa é para o PC do Batalhão ou para o PC do Regimento etc.

Certa vez, por exemplo, tive uma passagem junto com o Sargento Tabajara. Nós estávamos fazendo um reconhecimento – íamos dar cobertura ao ataque da 10ª Divisão de Montanha, naquela progressão para o Vale do Pó, em abril de 1945 – quando houve um ligeiro atrito com o comandante de um Pelotão que eu não sabia que estava na área. Por ser meio estouvado, não ligava muito, ia de peito aberto cumprir as missões. Claro que eu me protegia de certa forma, mas, como dizia, dava "sopa na crista". E o Tenente Comandante desse Pelotão era muito cauteloso. Então, durante o reconhecimento, não tinha percebido que havia tropa ali, porquanto to-

dos estavam dentro dos *fox holes*. Tratava-se de uma área perigosa, pois havia atirador de escol alemão, mas eu não estava sabendo.

O Tenente gritou comigo: "Ei, sai daqui! E outras coisas mais". Eu só ouvia, pois ele gritava de dentro do seu abrigo. Nisso, percebe-se um zumbido entre a minha cabeça e a do sargento, que olhando para mim, demonstrando certa preocupação, falou: "Tenente, ainda não tem besouro porque é fim de inverno". O que nós ouvimos foi a "onda de boca", um ruído característico do fuzil 9mm de longo alcance do alemão, com luneta, muito usado pelos atiradores de escol. Incrível, mas a bala passou entre as nossas cabeças; o que nós corremos para sair dessa posição... O atrito foi com o Tenente Bordeaux – Antônio Cândido Tavares Bordeaux Rego, cujo nome vim a saber posteriormente. Hoje é um grande amigo meu.

Mantivemos alguns contatos com tropas aliadas em ação, como por exemplo, com a 10ª de Montanha, quando a substituímos em Monte Grande D'Aiano; quando carros de combate americanos vinham à nossa posição para atirar sobre Capela il Monti; com artilheiros ingleses que ocuparam posição perto do meu Pelotão. Foram contatos na base do gesto muito amistosos, apesar dessa dificuldade da língua. Nós, normalmente, fazíamos logo um bom relacionamento. Era comum pedir cigarro.

Acabei fumando na guerra. Aconteceu na conquista de Monte Castelo. Foi distribuída ração "K", para dois dias, composta de três caixas: uma para o desjejum, uma para o almoço e a outra para o jantar. Com essa ração vinha também carteiras de cigarros. Em outras ocasiões eu abria a carteira e distribuía os cigarros para os fumantes do meu Pelotão. Dessa vez não tinha tido a oportunidade de fazer isso, porque saímos logo para o ataque, ficando as carteiras intactas no meu bornal. Durante o ataque, cavando um abrigo a faca-de-trincheira, porque tinha dado a minha ferramenta de sapa para o sargento que havia perdido a dele no ataque. Procurava, no chão ainda endurecido, retirar os blocos e ir formando um abrigo; estava deitado, perto de uma tora que estava caída. Nessa hora, uma granada de grosso calibre explodiu nas proximidades, e um pedaço da cinta de forçamento bateu na tora que estava ao meu lado. Era de bronze, tinha a marca do raiamento do canhão e ainda estava quente. Se pegasse na cabeça, arrancava-a.

Eu nunca fumei e, então pensei, já que vou morrer mesmo, vou fumar e, tirei a carteira, abri e comecei a fumar um cigarro atrás do outro. Isso produziu um mal-estar, fazendo-me vomitar, mas que virou um remédio na situação. Graças a Deus, não voltei a fumar.

Referindo-me agora a alimentação recebida, nós no *front*, normalmente alimentávamo-nos com ração "K" e ração "C" que não exigiam cozinha. Mas, cada Companhia tinha fogões de campanha que funcionavam à gasolina, e quando havia

uma oportunidade, recebíamos comida quente, muito boa e, às vezes, até uma feijoada. A ração "K" era para emergência, composta de três bonitas caixinhas, e a "C" eram quatro ou cinco latas grandes e havia umas esplêndidas. Uma de espaguete, que quando era possível aquecer a lata, era uma delícia. Devia ser feito por italianos nos Estados Unidos, com muito molho de tomate.

Havia uma, de que nunca me esqueço, era de feijão branco com carne de porco; intragável, mas eu comia. Guerra é guerra, e porque o desgaste energético era grande e eu tinha consciência de que devia estar bem alimentado. Mas havia soldado que não conseguia comer.

Em relação aos escalões superiores, praticamente tive muito pouco contato com o nível acima de capitão, que era o de comandante de companhia; com esse, havia uma ligação cotidiana. Tive contato esporádico, até com o General Zenóbio, que uma vez esteve deitado ao meu lado, na posição de combate, coisa de minuto. Mas a referência que eu gostaria de deixar registrada, diz respeito ao Capitão Lydio Mazza Kotarsky, que foi o nosso Comandante de Companhia no ataque a Monte Castelo. Inclusive, praticamente, devo a vida a ele, quando nos propiciou o apoio de Artilharia na situação difícil que estávamos, já relatado nesse meu depoimento. Foi calmo e me orientou, transmitindo-me a sua calma, porque senti segurança. Lembro-me, quando ele virou para mim, chamando-me de aspirante, e afirmando: "Não saia da sua posição". Respondi: "Capitão, eu daqui não recuo um milímetro, pode confiar em mim. Morro aqui, mas não saio". Tinha confiança nele.

Faço referência especial, ainda, ao Tenente Adhemar de Mesquita Rocha, Subcomandante da Companhia, homem também tranqüilo, calmo, que não deixava faltar nada, em termos de apoio de alimentação, munição etc, do qual era responsável; estava sempre junto, pronto para tudo.

O meu Sargento-Auxiliar Tabajara era um homem maduro, não era jovem. Tinha se formado naquela antiga escola de sargentos do Exército, onde havia muito rigor. Foi excelente, um esteio, porque cheguei imaturo para certas coisas, e ele que me aconselhava, segurava-me para não deixar fazer certas bravatas que é muito próprio da juventude. Ressalto a sua ponderação, coragem e resistência; era o tipo de nordestino sólido, que me foi de grande valia, circundava-me constantemente. Os comandantes dos grupos de combate do Pelotão, de uma maneira geral, foram muito bons; os meus cabos, eu não quero ressaltar um apenas, porque eram todos parelhos. Posso até fazer uma referência ao cabo Deus, que na vida civil era barbeiro; ainda cortava o cabelo do pessoal no *front*. Era um homem tranqüilo, suave, brincalhão e de uma valentia a toda prova.

Havia um cabo que morreu como mendigo aqui, depois da guerra, acho que por problema emocional, de nome Natividade, chamado por nós de "Nati". Eu o

encontrei em estado lastimável, cheio de feridas em seu rosto e lábios, na estação da Estrada de Ferro Central do Brasil aqui no centro do Rio de Janeiro. Ele veio ao meu encontro; não o reconheci. Era um excelente combatente. Em uma oportunidade, ele conseguiu manter sob vigilância uns prisioneiros que nós fizemos. Eu falei: "Nati, você pode com esses homens sozinho?" Ao que me respondeu: "Claro, amarrados do jeito que eles estão, eu levo até ao inferno". Nós tínhamos amarrado os prisioneiros com fio de telefone, porque não havia outro jeito de mandá-los para a retaguarda. Então, ele foi sozinho.

O sargento Benevides Monte, que foi o primeiro homem a morrer no meu pelotão, jovem, universitário, parece que tinha uns vinte anos ou vinte e um, muito disposto também, já tinha dado boa comprovação nas ações de patrulha. Enfim, eram tantos que é muito difícil destacar um dos outros; eram homens valentes, dispostos e muito unidos, e eu me sentia extremamente feliz, porque era querido por esses homens e os queria muito, também.

Eu até me emociono... São fatos marcantes...

Quando eram recebidas as cartas dos familiares, entregues normalmente com o café da manhã, a nostalgia dominava e alguns, mais vulneráveis emocionalmente, necessitavam de conforto, particularmente diante de notícias negativas.

Há um fato um tanto grotesco, ocorrido quando estávamos em Belvedere, em uma posição calma, com um soldado que, ao receber a carta, certo dia, teve uma reação interessante. Ele estava sentado na beira do abrigo, dava soco no chão e chorava, amarrotando a carta. O Sargento Tabajara tinha visto e me alertara; o soldado estava emocionado e revoltado. Fomos lá para conversar e saber o que se passava. Ficamos surpresos diante dos impropérios em referência à própria mãe. Eu chamei-lhe a atenção: "O que é isso, rapaz? Você recebe uma carta da sua mãe e fala assim!" Ao que me respondeu: "Leia, Santo Deus, olhe o que essa desgraçada está mandando". Peguei a carta e li, o que me marcou muito, deixou-me bastante comovido e mostrou o grau de pobreza da massa, da maioria. A mãe mandava uma carta, possivelmente escrita por outro. A letra era um garrancho; vou transcrever o trecho que me lembro, com os erros de português: "Meu filho... nós passava fome antes dessa bendita guerra, agora como nós recebe um salário, nós tá de barriga cheia. Tomara que essa guerra nunca se acabe".

Tive que consolá-lo dizendo: "Meu filho, a sua mãe não quer o seu mal, é que ela não tem noção do que seja a guerra pela própria ignorância. Ela está se sentindo bem, porque agora tem um dinheirinho e já sofreu muito". Terminou se conformando.

O Sargento Tabajara que presenciara o drama do soldado e me acompanhou era realmente um auxiliar de primeira linha. Até hoje eu tenho muita saudade dele;

creio que já tenha falecido, porque era um homem maduro naquele tempo; devia ter os seus quarenta anos ou beirando essa idade. E foi como voluntário.

A propaganda utilizada nesta Campanha, tanto da parte do alemão como da nossa, era sempre explorada no sentido de quebrar o moral do inimigo. A aviação Aliada jogava panfletos nas linhas alemãs oferecendo ao combatente inimigo uma remoção imediata do *front*, para tirá-lo do risco de vida, um tratamento adequado, um pagamento de um vencimento correspondente ao posto dele, isso tudo no sentido de quebrar o seu moral e quebrar a resistência de combatente.

A mesma coisa o alemão fazia em relação a nós, e também sempre com ameaças do emprego de armas secretas, ainda desconhecidas. Essa era a tônica geral nesse aspecto. Um tentando sempre demover o outro de ser um bom combatente.

Vale destacar os momentos vividos e sentidos com a vitória dos aliados. Foi de intensa euforia, mas a minha primeira providência foi segurar os meus homens para evitar excessos de qualquer natureza, de ocorrer um acidente, de bebedeiras excessivas etc, porque se é naturalmente levado para esse tipo de procedimento. Vê-se até no esporte o que uma torcida faz. Houve casos na FEB de indivíduos que tiveram problemas por causa do excesso.

Após as comemorações, desencadeamos os preparativos para o retorno ao Brasil. A primeira coisa foi uma concentração da Unidade na Região de Piacenza, de onde nos deslocamos em transporte rodoviário até Bolonha. As rodovias já tinham sido recuperadas pelos aliados, pois os alemães tinham feito um estrago em todas as vias de transporte.

Tinham inclusive, um tipo de locomotiva, que à medida em que progredia, havia um gancho que ia quebrando os dormentes pelo meio e, como conseqüência, os trilhos iam-se torcendo todos. Deixaram quilômetros destruídos, mas o potencial americano era enorme. Os aeroportos eram feitos de chapa de aço, nas estradas havia pilhas e pilhas de dormentes metálicos e trilhos. Era impressionante, uma coisa avassaladora.

De Bolonha, em transporte ferroviário, fomos até um acampamento nas fraldas do Vesúvio; com muita poeira. Era o acampamento de Francolise, que tinha conforto, barracas, dependências sanitárias e tudo o mais, mas uma poeirada constante. Ali ficamos uma temporada esperando o embarque. Nesse local, foram recolhidos os salvados de guerra, lembranças que o pessoal pegava, uma pistola, um fuzil, um capacete, enfim tudo sendo preparado para o embarque. Embarcamos no navio norte-americano *Mariposa*, que tinha as mesmas características do *General Meighs*, embarcação que nos transportara para a Itália. A viagem foi tranqüila e chegamos ao Brasil.

Inicialmente, a alegria se fez presente dentro do navio, quando começamos a ver o litoral do Brasil; foi uma coisa inenarrável. O navio teve problema, o pessoal

todo queria ficar de um lado, mas era muita gente, fazendo o navio adernar. Providenciamos para que o pessoal se espalhasse.

Ao descermos, estava tudo isolado no Cais do Porto para organizar a tropa. Nós demos início ao desfile, no qual eu tive a honra de ser o porta-bandeira do Regimento Sampaio e o Tenente Eduardo de Ulhôa Cavalcanti que era da Companhia de Obuses, foi o porta-estandarte.

Foi apoteótica. Chegamos em frangalhos à Vila Militar, porque as pessoas queriam uma lembrança e arrancavam a ombreira, o distintivo do braço, um botão, o que podiam para ficar com alguma recordação, um dia inesquecível.

Eu vou descrever um fato, porque ainda na Itália havia comentários, aos quais, eu, 2º Tenente jovem, não estava muito interessado, mas... "ouvido é para ouvir". Certos oficiais, principalmente superiores, comentavam sobre o governo que nós tínhamos, e a necessidade de fazer retorná-lo ao regime democrático.

Assim, quando passamos na Avenida Rio Branco, eu não percebi o palanque do Presidente Getúlio Vargas que estava ali perto da Biblioteca Nacional e do Teatro Municipal, do lado direito da Avenida para quem vinha do obelisco e não desfraldei a Bandeira, porque não o vi. Eu queria era livrar a Bandeira de ser rasgada.

Quando cheguei ao Regimento, fui chamado, pois estavam pensando que eu tivesse feito aquilo como um desacato ao presidente. O Tenente Ulhôa também não abateu o estandarte, porque tinha que obedecer a um comando meu.

Em relação ao Exército Brasileiro, não tive oportunidade de perceber, no primeiro instante, qualquer tipo de reação negativa ou de enaltecimento, porque, com o sucesso das tropas aeroterrestres na Europa, foi solicitado um voluntariado para o pára-quedismo. E, eu, que sempre tive esse sonho, pois havia tentado fazer o curso de pára-quedismo na Escola Militar do Realengo, apresentei-me como voluntário. Fizemos um treinamento rápido na Escola de Educação Física e embarcamos para os Estados Unidos.

Posteriormente, ao retornar ao Brasil, envolvi-me na organização inicial da tropa pára-quedista. Nós éramos até mão-de-obra para construção de pista de treinamento, tudo o mais, para poder implantar a Brigada Aeroterrestre. Uma outra vibração.

Ainda sobre a Campanha, resta-me falar sobre as conseqüências para o Exército, classificando-as como marcantes e fundamentais. Lembro que, em 1940, fui cabo condutor de boléia. Vale dizer, o nosso Exército deslocava-se em carroças puxadas por muares ou cavalos.

A manobra do vale do Paraíba de 1940 – creio ter sido a maior manobra feita pelo Exército brasileiro – foi toda em lombo de burro. Era eficiente, mas tinha o equipamento antiquado, ultrapassado, ainda da Primeira Guerra Mundial. Na Infanta-

ria, tínhamos o fuzil *Mauser* 1908 e a metralhadora *Hotkiss* pesadíssima, levada em lombo de burro.

A disciplina era férrea, tirânica. Não havia complacência do superior com o subordinado. O uniforme baseado na Primeira Guerra, com perneira, culote e capacete de fibra, do tipo explorador, ficava todo rasgado após fazer alguns exercícios de rastejamento. O uniforme do cabo tinha uma divisa que vinha até o cotovelo, era um "V" comprido. Tudo era completamente diferente do que é hoje.

Sofremos muita influência em contato com outras tropas, principalmente a americana, propiciando modificação no uniforme. Nós éramos do tempo do talabarte, com sete botões na túnica e colarinho fechado. Quanto ao armamento, houve uma evolução fabulosa, em especial nas técnicas de tiros para morteiro e Artilharia.

Quanto ao armamento, nós ainda usávamos a técnica francesa para o tiro do morteiro, com o sistema de garfo, necessitando cálculos um tanto complexos e que evoluiu, sendo simplificado em função da guerra. A concepção americana era bem mais simples.

Outro crescimento ocorreu na motomecanização de forma fabulosa, embora estejamos ainda engatinhando por causa do custo da atividade, mas o importante é que a mente se abriu para a modernidade.

Na vida pessoal, não tive grandes alterações, mas voltei mais maduro e com uma visão mais larga sobre o sentido da nacionalidade. De olhar o nosso povo, de querer uma melhoria generalizada, porque não estamos isentos da possibilidade de uma guerra, mesmo no panorama sul-americano.

Eu não tenho restrição a algum país vizinho, mas quem garante que não haja restrição quanto a nós, brasileiros? Sou um homem de fronteira e sei o que é isso. É preciso que se dê importância à mobilização. O Brasil evoluiu muito, em especial se considerarmos que os jovens possuem uma estatura maior do que os próprios pais, devido a uma melhoria na alimentação. Mesmo nas favelas se vê que o jovem não é tão fraco, tão frágil como era na época da guerra. O homem está com o padrão físico melhor, mas ainda longe do ideal. A minha preocupação é a seguinte: a grandeza de um país não se mede somente por sua extensão territorial, mas pela capacidade do seu povo em todos os níveis, inclusive, ter muito bem planejada a sua mobilização para a guerra.

Finalizando, gostaria de registrar que fui gratamente surpreendido pelo convite para esse depoimento, prontificando-me de imediato em aderir, por sua importância para transmitir aos pósteros a nossa participação na guerra. Os depoimentos não podem ficar restritos a determinado setor das Forças Armadas; têm que ser levados até as escolas militares. Também, às escolas primárias. Enfim, devem ser úteis ao povo brasileiro.

Glossário

AD – Artilharia Divisionária
AMAN – Academia Militar das Agulhas Negras
CCAC – Companhia de Canhões Anticarro
CIE – Centro de Instrução do Exército
CPOR – Centro de Preparação de Oficiais da Reserva
CPP – Companhia de Petrechos Pesados
DIE – Divisão de Infantaria Expedicionária
ECEME – Escola de Comando e Estado-Maior do Exército
EUA – Estados Unidos da América
FAB – Força Aérea Brasileira
FEB – Força Expedicionária Brasileira
LCI – Landing Craft Infantry (Lancha de Desembarque)
MP – Military Police (Polícia Militar)
OM – Organização Militar
PC – Posto de Comando
PO – Posto de Observação
QG – Quartel-General
S1 – Oficial Chefe da 1ª Seção do Estado-Maior da Unidade (Atividade pessoal)
S2 – Oficial Chefe da 2ª Seção do Estado-Maior da Unidade (Atividade de informação)
S3 – Oficial Chefe da 3ª Seção do Estado-Maior da Unidade (Atividade de operações)
S4 – Oficial Chefe da 4ª Seção do Estado-Maior da Unidade (Atividade de apoio material para execução da instrução e emprego operacional da unidade)
VO – Verde-oliva

Composição e diagramação *Murillo Machado e Rodrigo Tonus*
Quantidade de páginas *344*
Formato *16 x 23cm*
Mancha *29 x 43 paicas*
Tipologia *ITC Officina Serif Book*
Papel de miolo *Offset 75g*
Papel de capa *Cartão Supremo 240g (plastificada)*
Impressão e acabamento *Sermograf Artes Gráficas e Editora Ltda.*
Fotolito de miolo *Murillo Machado e Rodrigo Tonus*
Fotolito de capa *Sermograf Artes Gráficas e Editora Ltda.*
Tiragem *3.000 exemplares*
Término da obra *Agosto de 2001*